

HARRY POTTER

— eo —
CÁLICE *de*
FOGO



4

J.K. ROWLING

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

HARRY POTTER

— eo —
CÁLICE *de*
FOGO



4

J.K. ROWLING

HARRY POTTER

o
CÁLICE *de*
FOGO

J.K. ROWLING

Pottermore[™]
from J.K. Rowling

Pottermore™

from J.K. Rowling

*A Peter Rowling,
em memória de Mr. Ridley
e a Susan Sladden,
que ajudaram Harry a sair do armário*

ÍNDICE

- I A casa dos Riddle
- II A cicatriz
- III O convite
- IV De volta à Toca
- V As Magias mirabolantes dos Weasley
- VI O Botão de Transporte
- VII Bagman e Crouch
- VIII A Taça Mundial de Quidditch
- IX A Marca Negra
- X Balbúrdia no Ministério
- XI A bordo do Expresso de Hogwarts
- XII O Torneio dos Três Feiticeiros
- XIII Moody Olho-Louco
- XIV As Maldições Imperdoáveis
- XV Beauxbatons e Durmstrang
- XVI O Cálice de Fogo
- XVII Os quatro campeões
- XVIII A avaliação das varinhas
- XIX O Cauda-de-Chifre da Hungria
- XX A primeira tarefa
- XXI A Frente de Libertação dos Elfos Domésticos
- XXII A tarefa inesperada
- XXIII O baile de Natal

XXIV O artigo de Rita Skeeter
XXV O ovo e o olho
XXVI A segunda tarefa
XXVII O regresso de *Padfoot*
XXVIII A loucura de Mr. Crouch
XXIX O sonho
XXX O Pensatório
XXXI A terceira tarefa
XXXII Carne, sangue e osso
XXXIII Os Devoradores da Morte
XXXIV Priori Incantatem
XXXV Veritaserum
XXXVI O separar das águas
XXXVII O princípio

I

A CASA DOS RIDDLE

Os habitantes de Little Hangleton continuavam a chamar-lhe a casa dos Riddle, apesar de já terem passado muitos anos desde que a família Riddle ali vivera. Estava situada num monte, sobranceiro à povoação, tinha algumas das janelas fechadas com tábuas, um telhado a que faltavam telhas e a hera a espalhar-se desordenadamente sobre a sua fachada. A casa, que fora em tempos uma bela mansão senhorial e sem dúvida o maior e mais imponente edifício daquelas paragens, estava agora enegrecida pela humidade e abandonada.

Todos os habitantes de Little Hangleton a consideravam arrepiante. Havia meio século que acontecera ali algo estranho e horrível, algo que os habitantes mais antigos gostavam de contar quando lhes faltava motivo de conversa. A história fora tão repetida e embelezada que já ninguém sabia ao certo qual era a verdade das coisas. Contudo, todas as versões começavam no mesmo ponto: cinquenta anos antes, ao nascer do Sol, numa bonita manhã de Verão, quando a casa dos Riddle se apresentava ainda solene e bem cuidada, uma criada entrou na sala de visitas, dando de caras com os três Riddle mortos.

A criada desceu a colina a correr, até chegar à aldeia onde acordou o maior número possível de pessoas.

— 'Tão ali deitados, de olhos muito abertos! Frios como gelo. Ainda com as roupas do jantar da véspera.

Mandou-se chamar a polícia e Little Hangleton em peso ferveu com uma curiosidade chocante e uma excitação mal disfarçada. Ninguém se deu ao trabalho de fingir que tinha pena dos Riddle, pois eles eram profundamente impopulares. Mr. e Mrs. Riddle eram ricos, snobes e mal-educados e o seu filho mais velho, Tom, conseguira ultrapassar os pais em

antipatia. A única coisa que interessava aos habitantes da vila era a identidade do assassino. Por certo aquelas pessoas, aparentemente saudáveis, não teriam morrido assim, de morte natural, os três na mesma noite.

Nessa noite, O Enforcado, o bar da aldeia, encheu-se de gente que falava sobre o crime no meio de uma enorme algazarra. Todos eles deram o seu tempo por bem empregue quando a cozinheira dos Riddle fez uma entrada dramática, anunciando ao bar, subitamente silencioso, que um homem chamado Frank Bryce acabava de ser preso.

— Frank!? — gritaram várias pessoas. — Impossível!

Frank Bryce era o jardineiro. Vivia sozinho numa pequena cabana decrépita na propriedade dos Riddle. Frank voltara da guerra com uma perna que não dobrava e uma enorme aversão ao barulho e às multidões e ficara desde então a trabalhar para os Riddle.

Houve uma enorme agitação para oferecer bebidas à cozinheira e ouvir mais pormenores da história.

— Sempre o achei estranho — disse ela, depois do quarto xerez, aos habitantes da aldeia, seus ansiosos ouvintes —, pouco comunicativo. Tenho a certeza de que, se lhe oferecessem um copo, teriam de insistir cem vezes. Não era nada sociável.

— Ora — interveio uma mulher que também estava no bar. — Ele passou muito na guerra, gosta de levar uma vida calma. Isso não quer dizer que...

— E quem mais tinha a chave das traseiras? — perguntou a cozinheira. — Existe uma chave sobressalente pendurada na cabana do jardineiro desde que estou naquela casa. Ninguém arrombou a porta ontem à noite. Não houve nenhuma janela partida. A única coisa que ele teve de fazer foi esgueirar-se até à casa grande quando todos estavam a dormir...

Os aldeões trocaram entre si olhares sorumbáticos.

— Eu sempre achei que ele tinha má cara, se querem que vos diga — resmungou um homem lá ao fundo do bar.

— A guerra tornou-o esquisito — declarou o dono do estabelecimento.

— Eu sempre disse que não o queria como inimigo, não foi, Dot? — perguntou uma mulher.

— Tem cá um mau feitio — adiantou Dot, acenando vivamente. — Lembro-me de quando ele era pequeno...

Na manhã seguinte, não havia praticamente ninguém em Little Hangleton que duvidasse de que Frank Bryce assassinara os Riddle.

Mas na cidade mais próxima, em Great Hangleton, na esquadra escura e suja da polícia, Frank não parava de repetir que estava inocente e que a

única pessoa que vira perto da casa grande no dia da morte dos Riddle fora um adolescente, um rapazinho desconhecido, de tez pálida e cabelos escuros. Mas ninguém na aldeia tinha visto o rapaz e a polícia estava absolutamente convencida de que era invenção de Frank.

Foi então, quando as coisas já estavam a ficar sérias para o jardineiro, que chegou o relatório sobre os cadáveres, o qual veio mudar tudo.

A polícia nunca tivera nas mãos um relatório tão insólito. Uma equipa de médicos examinara os corpos e concluía que nenhum dos Riddle tinha sido envenenado, apunhalado, baleado, estrangulado, espancado ou, tanto quando podiam afirmar, magoado. Na verdade, segundo afirmava o relatório num tom de inconfundível perplexidade, todos os Riddle pareciam estar de perfeita saúde, para além do facto de estarem mortos. Os médicos referiram, como que determinados a encontrar algum problema nos corpos, que os Riddle tinham um olhar de terror no rosto, mas, como a frustradíssima polícia afirmou, quem é que ouviu alguma vez falar de três pessoas que tivessem morrido de medo ao mesmo tempo?

Não existindo provas de que os Riddle tivessem sido assassinados, a polícia viu-se obrigada a libertar Frank. A família Riddle foi enterrada no cemitério de Little Hangleton e as suas lápides foram, durante algum tempo, objecto de curiosidade. Para grande espanto de todos, e por entre uma nuvem de suspeitas, Frank Bryce regressou à sua cabana na propriedade dos Riddle.

— Cá para mim foi ele quem os matou e pouco me importa o que diz a polícia — declarou Dot n' O Enforcado. — E se ele tivesse alguma vergonha na cara, ia para longe porque todos aqui sabem o que ele fez.

Mas Frank não se foi embora. Ficou a tratar do jardim da família que veio depois morar para a casa dos Riddle e também das que se seguiram, porque ninguém ficava ali muito tempo. Segundo os novos proprietários, Frank devia ser o culpado do mau ambiente da casa que, na ausência de habitantes, se foi transformando numa ruína.

O homem abastado que possuía actualmente a casa dos Riddle não vivia lá nem a utilizava para o que quer que fosse. Dizia-se na aldeia que a mantinha por causa dos impostos, embora ninguém percebesse lá muito bem o que isso significava. Contudo, o abastado dono da casa continuava a pagar a Frank para tratar do jardim. O jardineiro estava quase a fazer setenta e sete anos, meio surdo, com a perna doente cada vez mais presa, mas ainda assim podiam vê-lo, nos dias bonitos, a mexericar nos canteiros de flores, se bem que as ervas daninhas comesçassem a levar-lhe a melhor.

Mas as ervas daninhas não eram a única coisa com que Frank se debatia.

Os rapazes da aldeia adoravam ir atirar pedras às janelas da casa dos Riddle. Passavam com as bicicletas por cima dos relvados que Frank, a tanto custo, mantinha impecavelmente lisos e macios. Por uma ou duas vezes, entraram na velha casa para o desafiar. Sabiam que o velho Frank era dedicado à mansão e aos jardins e gostavam de o ver coxear pelo jardim, ameaçando-os com o bordão e gritando-lhes na sua voz rouca. Por seu turno, Frank achava que os garotos o atormentavam porque, tal como os pais e os avós, o consideravam um assassino. Por isso, quando certa noite de Agosto despertou e viu algo muito estranho na velha casa, partiu do princípio de que os rapazes tinham ido um pouco mais longe nas suas represálias.

Foi a perna doente que o acordou. Doía-lhe cada vez mais à medida que a idade avançava. Levantou-se e desceu as escadas a coxear até à cozinha para encher novamente a botija de água quente que lhe aliviava a rigidez da perna. Estava junto do lava-loiças, a encher a cafeteira, quando viu luzes nas janelas do andar de cima da casa dos Riddle. Frank pensou imediatamente que os rapazes tinham entrado lá outra vez e, a julgar pela intensidade da luz, deviam ter pegado fogo à casa.

O jardineiro não tinha telefone e, mesmo que tivesse, deixara de confiar na polícia desde que fora detido para interrogatório sobre a morte dos Riddle. Pousou subitamente a cafeteira, subiu as escadas o mais depressa que a perna doente lhe permitiu e, pouco depois, estava de novo na cozinha, todo vestido, retirando uma velha chave cheia de pó do suporte ao lado da porta. Pegou no bordão que estava encostado à parede e desapareceu na noite.

A porta principal da casa dos Riddle não apresentava sinais de ter sido forçada, nem as janelas. Frank coxeou até às traseiras, chegando a uma porta quase inteiramente oculta pela hera, meteu a velha chave na fechadura e abriu-a ruidosamente.

Entrou na cozinha cavernosa, onde não punha os pés havia muitos anos. Ainda assim, apesar de estar tudo às escuras, lembrava-se perfeitamente do lugar onde ficava a porta que dava para o átrio. Avançou às apalpadelas, com o nariz cheio daquele cheiro de decadência, os ouvidos atentos a qualquer som de passos ou vozes que pudessem vir do andar de cima. Chegou ao vestíbulo, que era um pouco mais iluminado, graças às janelas com pinázios que ladeavam a porta principal e começou a subir as escadas, abençoando o pó que se acumulava na pedra e que abafava o som dos seus passos e do seu bordão.

No patamar, voltou à direita e viu, de imediato, onde se encontravam os intrusos: mesmo ao fundo do corredor estava uma porta entreaberta e uma

luz tremeluzente brilhava pela fresta, projectando uma longa faixa dourada no chão escuro. Frank aproximou-se lentamente, agarrando com firmeza o bordão. A poucos metros da porta conseguiu vislumbrar um pedaço estreito da sala.

O fogo, que então viu, ardia na lareira, facto que o surpreendeu. Parou e ouviu atentamente a voz de um homem que falava dentro da sala. Parecia tímido e receoso.

— Ainda há um pouco mais na garrafa, meu senhor, se ainda tiverdes fome.

— Mais tarde — disse uma segunda voz que pertencia também a um homem, mas que era estranhamente aguda e fria, como uma súbita rajada de vento gélido. Alguma coisa naquela voz fez os cabelos ralos do pescoço de Frank ficarem em pé. — Põe-me mais perto do lume, Wormtail.

Frank aproximou o ouvido direito da porta para tentar ouvir melhor. Detectou o ruído de uma garrafa a ser pousada numa superfície dura e, em seguida, o pesado arrastar de uma cadeira. Frank viu de relance um homem baixinho, voltado de costas para a porta, a empurrar a cadeira. Usava um manto preto até aos pés e tinha uma pelada na nuca. Por fim, saiu do seu ângulo de visão.

— Onde está a *Nagini*? — perguntou a voz fria.

— Eu... não sei, meu senhor — respondeu nervosamente a primeira voz. — Foi explorar a casa, penso eu...

— Tens de a mungir antes de nos irmos deitar, Wormtail — disse a segunda voz. — Vou precisar de me alimentar durante a noite. O dia foi extremamente cansativo.

Com a testa franzida, Frank aproximou um pouco mais da porta o seu melhor ouvido, escutando atentamente. Houve uma pausa e, em seguida, o homem chamado Wormtail falou de novo.

— Meu senhor, permitis que vos pergunte quanto tempo vamos ficar aqui?

— Uma semana — respondeu a voz fria. — Talvez mais. O lugar é relativamente confortável e o plano não pode ainda ser posto em prática. Seria disparate fazer alguma coisa antes do final da Taça Mundial de Quidditch.

Frank enfiou um dedo deformado dentro do ouvido e andou com ele à volta. Certamente fora uma enorme camada de cera que o fizera ouvir a palavra Quidditch, que não era palavra nenhuma.

— A... Taça Mundial de Quidditch, meu senhor? — indagou Wormtail. Frank mergulhou o dedo no ouvido, desta vez com mais vigor.

— Perdão, mas não estou a compreender, para quê esperar até ao fim da

Taça de Quidditch?

— Porque neste preciso momento os feitiçeiros estão a chegar ao país, vindos de todos os cantos do mundo, meu parvo! E todos os metediços do Ministério da Magia vão estar de serviço, à procura de sinais de actividades duvidosas, examinando e voltando a examinar a identidade de toda a gente. Vão andar obcecados com a segurança, não vão os Muggles desconfiar de alguma coisa. Por isso, nós esperamos.

Frank desistiu de tentar limpar o ouvido. Escutara nitidamente as palavras Ministério da Magia, feitiçeiros e Muggles. Era óbvio que aquelas expressões eram absolutamente secretas e Frank só conhecia dois tipos de gente que falavam em código: os espões e os criminosos. Agarrou-se com mais força ao bordão e ouviu ainda mais de perto.

— Vossa Senhoria está, então, determinada? — perguntou calmamente Wormtail.

— Está claro que estou determinado, Wormtail. — Havia agora um leve tom de ameaça na sua voz gélida.

Seguiu-se uma breve pausa. Em seguida, Wormtail quebrou o silêncio. As palavras tropeçaram apressadamente umas nas outras como se ele se obrigasse a falar antes de perder a coragem.

— Podia passar-se sem o Harry Potter, meu senhor.

Nova pausa, mais prolongada e a seguir:

— Sem o Harry Potter? — soprou baixinho a segunda voz. — Estou a ver...

— Meu senhor, não digo isto por me preocupar com o rapaz — explicou Wormtail na sua voz aguda. — Não tenho nada a ver com ele, absolutamente nada. É só porque se usássemos outro feitiçeiro ou feitiçeira, um qualquer, as coisas poderiam ser feitas muito mais depressa. Se me fosse permitido abandonar-vos durante algum tempo, sabeis que consigo disfarçar-me na perfeição, poderia voltar aqui dentro de dois dias com uma pessoa adequada.

— Eu podia usar outro feitiçeiro — admitiu baixinho a segunda voz. — É bem verdade...

— Meu senhor, é o melhor — insistiu Wormtail num tom francamente aliviado. — Pôr as mãos no Harry Potter vai ser tão difícil, ele está tão protegido...

— E ofereces-te, portanto, para ir em busca de um substituto? Isso faz-me pensar... o encargo de tratar de mim não se terá tornado fastidioso, Wormtail? Não será essa sugestão de desistir do plano apenas uma forma de me abandonares?

— Meu senhor! Eu não desejo deixar-vos, de forma alguma.

— Não mintas! — sibilou a segunda voz. — Eu percebo sempre, Wormtail. Tu lamentas profundamente ter voltado para o meu lado. Eu repugno-te. Vejo muito bem como tremes quando olhas para mim, sinto o teu suor quando me tocas...

— Não! A minha devoção a Vossa Senhoria...

— A tua devoção não passa de cobardia. Não estarias aqui se tivesses para onde ir. Como vou sobreviver sem ti, precisando de ser alimentado várias vezes ao dia? Quem mungiria a *Nagini*?

— Mas pareceis muito mais forte, meu senhor...

— Mentiroso! — soprou a segunda voz. — Não estou nada mais forte e bastariam alguns dias para me despojar da pouca saúde que recuperei com os teus grosseiros cuidados. Silêncio!

Wormtail, que tinha estado a gaguejar incoerentemente, calou-se de imediato. Durante alguns segundos, Frank ouviu apenas o crepitar do lume. Pouco depois, o segundo homem voltou a falar num sussurro que era quase um silvo.

— Tenho as minhas razões para querer usar o rapaz, como já te expliquei, e não vou usar mais ninguém. Esperei treze anos. Mais alguns meses não farão grande diferença. Quanto à segurança que o rodeia, acredito que o meu plano será eficaz. Só é preciso que tenhas um bocadinho de coragem, Wormtail. E será bom que consigas tê-la se não quiseses sentir toda a ira de Lord Voldemort.

— Meu senhor, tenho de falar! — exclamou Wormtail, agora com pânico na voz. — Durante a nossa viagem não parei de pensar no plano. Meu senhor, o desaparecimento de Bertha Jorkins não vai passar despercebido durante muito tempo. E se continuarmos, se eu amaldiçoar...

— Se? — murmurou a segunda voz. — Se? Se agires de acordo com o plano, Wormtail, o Ministério nunca saberá que desapareceu outra pessoa. Terás de actuar com calma e sem criar confusão. Bem gostava de poder ser eu a fazê-lo, mas nas condições actuais... Vá lá, Wormtail, mais um obstáculo vencido e temos o caminho para o Harry Potter aberto. Não te peço que faças o que quer que seja sozinho. Nessa altura o meu servo fiel já terá regressado.

— Eu sou um servo fiel — assegurou Wormtail, sem o menor vestígio de mau humor.

— Wormtail, eu preciso de alguém com miolos, alguém cuja lealdade nunca tenha vacilado. E tu, infelizmente, não possuis nenhum desses requisitos.

— Eu encontrei-vos, senhor — disse Wormtail e havia agora na sua voz uma pontinha de aborrecimento. — Fui eu quem vos encontrou e fui eu

quem vos trouxe Bertha Jorkins.

— Isso é verdade — reconheceu o segundo homem com um tom bem-disposto. — Um lampejo de génio que eu não julgava possível em ti, Wormtail. Contudo, verdade seja dita, nem te apercebeste da grande utilidade que ela poderia ter quando a trouxeste.

— Eu... pensei que ela poderia ser útil, meu senhor.

— Mentiroso — disse mais uma vez a segunda voz, na qual era agora mais perceptível a nota de divertimento cruel. — Contudo, não posso negar que a informação que ela nos deu foi valiosíssima. Sem ela, não poderia ter engendrado o nosso plano e, por isso, terás a tua recompensa, Wormtail. Permitirei que executes uma tarefa essencial para mim. Uma tarefa por cuja execução muitos dos meus seguidores estariam prontos a dar a sua mão direita.

— A... sério, meu senhor? O quê? — Wormtail parecia de novo aterrorizado.

— Ah, Wormtail, não queres que estrague a surpresa, pois não? A tua parte fica mesmo para o fim... mas asseguro-te de que vais ter a honra de poder ser tão útil quanto Bertha Jorkins.

— Vós... vós... — A voz de Wormtail pareceu subitamente rouca, como se a boca tivesse ficado muito seca. — Vós ides matar-me também?

— Wormtail, Wormtail — repetiu a voz fria de forma insinuante. — Por que quereria eu matar-te? Matei Bertha porque fui obrigado. Ela não servia para nada. Depois de a ter interrogado, era totalmente inútil. Além disso, iam ser-lhe feitas muitas perguntas embaraçosas se ela voltasse ao Ministério a contar que te encontrara durante as suas férias. Os feiticeiros, que supostamente estão mortos, fariam melhor em não dar de caras com as feiticeiras do Ministério da Magia numa estalagem.

Wormtail murmurou qualquer coisa tão baixinho que Frank não conseguiu ouvir, mas que fez com que o segundo homem se risse. Um riso totalmente isento de alegria, tão frio como o seu discurso.

— *Podíamos ter-lhe modificado a memória?* Mas os encantamentos de memória podem ser quebrados por um feiticeiro poderoso, como ficou provado quando eu a interroguei. Teria sido um insulto à memória dela não usar a informação que lhe extraí, Wormtail.

No corredor, Frank tomou subitamente consciência de que a mão que agarrava o bordão estava escorregadia do suor. O homem da voz fria matara uma mulher e falava disso sem a mais leve ponta de remorso. Com divertimento. Era um homem perigoso, um louco. E tencionava matar mais pessoas. O tal rapaz, Harry Potter, quem quer que ele fosse, estava em perigo.

Frank sabia o que tinha de fazer. Se alguma vez sentira a necessidade absoluta de se dirigir à polícia, era agora. Ia sair sorrateiramente daquela casa e dirigir-se à cabina telefónica da aldeia... mas a voz fria tornara a falar e Frank ficou onde estava, apavorado, ouvindo com toda a atenção.

— Mais um feitiço... o meu fiel servo em Hogwarts... o Harry Potter é meu, Wormtail. Está decidido. Não há mais conversas a este respeito. Mas espera, parece que oiço a *Nagini*...

E a voz do segundo homem modificou-se. Começou a emitir uns ruídos que Frank nunca ouvira antes. Assobiava e bufava sem respirar. Frank pensou que ele estava a ter um ataque ou uma apoplexia.

Foi então que Frank ouviu os movimentos atrás de si, no corredor escuro, e ficou paralisado pelo medo.

Alguna coisa se movia ao longo do chão do corredor e só quando se aproximou da réstia iluminada é que Frank percebeu, com um arrepio de verdadeiro horror, que se tratava de uma gigantesca serpente, que tinha pelo menos quatro metros de comprimento. Transfigurado, Frank ficou a olhar para ela, enquanto o seu corpo sinuoso abria um carreiro enorme e curvo no pó do chão, aproximando-se mais e mais. Que fazer? A única maneira de escapar era entrando na sala onde estavam sentados dois homens a engendrar um crime, mas, se não o fizesse, a serpente matá-lo-ia pela certa.

Contudo, antes de ter tido tempo de tomar qualquer decisão, a serpente chegara junto dele e, milagrosamente, seguira em frente. Respondia ao assobio e aos silvos da voz fria do outro lado da porta e, em poucos segundos, a ponta da sua cauda, com desenhos em forma de diamante, desaparecia pela frincha entreaberta.

A testa de Frank estava coberta de suor e a mão que segurava o bordão tremia. Dentro da sala, a voz fria continuava o seu assobio e Frank foi assaltado por uma ideia impossível e bizarra... *Aquele homem conseguia falar com serpentes.*

O homem não compreendia nada do que estava a passar-se. O que mais desejava naquele momento era poder voltar à sua cama e à sua botija de água quente. O problema é que as pernas pareciam não querer mexer-se. Enquanto ali ficou, a tremer, tentando recuperar o domínio do seu corpo, a voz fria voltou novamente a falar.

— A *Nagini* tem notícias interessantes, Wormtail — declarou.

— A sério, meu senhor? — respondeu Wormtail.

— Sim, sim — tornou a voz. — Segundo ela, um velho Muggle está parado mesmo atrás da porta a ouvir tudo o que estamos a dizer.

Frank não teve tempo de se esconder. Ouviu passos e, em seguida, a

porta da sala foi aberta de par em par.

Um homenzinho quase calvo, de cabelos ralos e cinzentos, nariz pontiagudo e uns olhos pequeninos e aquosos, estava na sua frente, com um misto de medo e alarme no rosto.

— Convida-o a entrar, Wormtail. Onde estão os teus modos?

A voz fria vinha do antigo cadeirão que se encontrava diante da lareira, mas Frank não via o orador. A serpente, essa, estava enroscada no tapete esburacado, numa sinistra imitação de um cachorro de estimação.

Wormtail fez um sinal a Frank para que entrasse na sala. Apesar de profundamente abalado, o jardineiro agarrou-se com força ao bordão e transpôs o limiar da porta, coxeando.

O fogo da lareira era a única fonte de luz na divisão. Lançava sombras que pareciam aranhas gigantescas sobre as paredes. Frank olhou para as costas do cadeirão. O homem que lá estava devia ser ainda mais pequeno do que o seu servo, pois Frank não conseguia ver-lhe a nuca.

— Ouviste tudo, Muggle? — disse a voz fria.

— O que foi que me chamou? — perguntou Frank em tom de desafio, visto que agora, que estava lá dentro, agora que chegara o momento de agir, sentia-se com mais coragem. Fora sempre assim durante a guerra.

— Chamei-te Muggle — disse calmamente a voz. — Significa que não és um feiticeiro.

— Não sei o que quer dizer com feiticeiro — respondeu Frank com a voz cada vez mais segura. — Só sei que ouvi o suficiente esta noite para interessar a polícia. O senhor matou uma pessoa e está a planear matar outra. E deixe que lhe diga — acrescentou com uma súbita inspiração —, a minha mulher sabe que eu estou aqui em cima e se eu não voltar...

— Tu não tens mulher — retorquiu a voz muito calmamente. — Ninguém sabe que estás aqui. Não disseste a ninguém que aqui vinhas. Não mintas a Lord Voldemort, Muggle, porque ele sabe, ele sabe sempre...

— Ah é? — disse Frank asperamente. — Lord, é isso? Pois olhe, não me parece que tenha lá muito boas maneiras, *my Lord*. Dê uma volta e enfrente-me como um homem. Por que está de costas para mim?

— Mas eu não sou um homem, Muggle — respondeu a voz fria, apenas audível sobre o crepitar da madeira. — Contudo, sou muito mais do que um homem... por que não? Eu enfrento-te, sim... Wormtail, vem voltar a minha cadeira.

O servo soltou um gemido.

— Ouviste, Wormtail?

Lentamente, com o rosto contraído, como se a última coisa que quisesse fazer na vida fosse aproximar-se do seu amo e do tapete onde se encontrava

a serpente, o homenzinho deu alguns passos e começou a virar o cadeirão. A serpente ergueu a cabeça feia e triangular e sibilou levemente quando os pés do cadeirão embateram no tapete.

Em seguida, o cadeirão ficou de frente para Frank e ele pôde finalmente ver o que lá estava sentado. O bordão caiu no solo com grande estrondo. Frank abriu a boca e soltou um grito. Gritou tão alto que nem ouviu as palavras que a coisa disse enquanto erguia a varinha. Houve um clarão de luz verde, um ruído brusco e Frank Bryce não resistiu. Quando o seu corpo tocou no chão, já estava morto.

A cerca de trezentos quilômetros de distância, o rapaz de nome Harry Potter acordou sobressaltado.

II

A CICATRIZ

Harry estava deitado de costas, respirando fundo, como se tivesse andado a correr. Acordara de um sonho com as mãos a pressionarem-lhe o rosto. A cicatriz em forma de raio que tinha na testa ardia como se alguém lhe tivesse encostado à pele um arame quente.

Sentou-se, ainda com uma mão na cicatriz, a outra procurando no escuro os óculos que estavam na mesinha-de-cabeceira. Pô-los no rosto e o quarto ficou mais nítido e mais claro, iluminado pela luz fraca que vinha do candeeiro da rua e que, filtrada pelas cortinas, conferia ao ambiente um tom alaranjado.

Voltou a passar os dedos pela cicatriz. Ainda lhe doía. Acendeu a luz da mesinha-de-cabeceira, saiu da cama, atravessou o quarto, abriu o guarda-fatos e olhou para o espelho no interior da porta. Um rapazinho magricela de catorze anos, de olhos verdes, brilhantes e confusos, olhava para ele, com o cabelo preto totalmente despenteado. Observou mais de perto o reflexo da cicatriz. Parecia normal, mas continuava a sentir uma dor aguda.

Harry tentou lembrar-se do sonho que estava a ter, mesmo antes de acordar. Parecia tão real... havia duas pessoas que ele conhecia e um desconhecido... Fez um esforço de concentração, um esforço enorme, tentando recordar-se...

A imagem esbatida de uma sala escura veio-lhe à memória... havia uma serpente num tapete... um homenzinho chamado Peter, de alcunha Wormtail... e uma voz aguda e fria... a voz de Lord Voldemort. Harry sentiu-se como se um cubo de gelo lhe tivesse escorregado até ao estômago, só de pensar nisso.

Fechou os olhos com toda a força e tentou recordar-se do aspecto de Voldemort, mas era impossível. Tudo o que conseguia saber era que no

momento em que o cadeirão de Voldemort se voltara e ele, Harry, vira o que lá estava sentado, sentira um espasmo de horror que o fizera acordar. Ou teria sido a dor aguda na cicatriz?

E quem seria o velhote? Tinha a certeza de que havia um velhote, pois vira-o cair ao chão. Estava tudo a ficar confuso na sua mente. Pôs a cabeça entre as mãos, deixando de ver o quarto, tentando agarrar a imagem daquela salinha fracamente iluminada, mas era como se tentasse conservar água dentro das duas mãos juntas em forma de concha. Os pormenores escorriam-lhe por entre os dedos tão depressa quanto a sua vontade de os agarrar... Voldemort e Wormtail tinham estado a falar sobre alguém que tinham morto, embora Harry não conseguisse lembrar-se do nome da vítima... e planeavam matar mais alguém... ele.

Harry retirou a cabeça de entre as mãos, abriu os olhos e olhou em volta, como se esperasse ver algo invulgar no seu quarto. Na verdade, havia um número incrível de coisas inesperadas. Um grande malão de madeira estava aberto aos pés da cama, deixando ver um caldeirão, uma vassoura, capas negras e diversos livros de feitiçaria. Rolos de pergaminho enchiam o pedaço de secretária que não estava ocupado pela enorme gaiola vazia onde a sua coruja-das-neves, *Hedwig*, costumava empoleirar-se. No chão, junto da cama, encontrava-se um livro aberto. Tinha estado a lê-lo na noite anterior antes de adormecer. As ilustrações do livro estavam todas em movimento. Homens de mantos cor de laranja entravam e saíam de cena montados nas suas vassouras, lançando uma bola vermelha de uns para os outros.

Harry aproximou-se do livro, pegou nele e viu um dos feitiçeiros marcar um golo espectacular, enfiando a bola na argola de um poste de marcação de quinze metros de altura. Em seguida, fechou o livro. Nem mesmo o Quidditch, na opinião de Harry, o melhor desporto do mundo, conseguia distraí-lo naquele momento. Colocou o livro *Voando com os Cannons* na mesinha-de-cabeceira, foi até à janela e abriu as cortinas para observar a rua.

Privet Drive tinha o aspecto que devia ter uma respeitável rua suburbana numa madrugada de sábado. Todos os cortinados se encontravam corridos. Tanto quanto Harry podia vislumbrar no escuro, não se via um único ser vivo, nem mesmo um gato.

E contudo... contudo... Harry sentou-se, inquieto, na cama, passando novamente um dedo pela cicatriz. Não era a dor que o preocupava. Harry conhecia bem a dor e os ferimentos. Já uma vez perdera todos os ossos do braço direito e tinham-lhos feito crescer dolorosamente numa única noite. Pouco depois, o mesmo braço fora picado pelo dente de uma enorme

serpente venenosa. Durante o último ano, Harry caíra de uma vassoura que voava a quinze metros de altura. Estava habituado aos mais bizarros acidentes e aos mais estranhos ferimentos. Eram inevitáveis quando se frequentava a Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts e se tinha propensão para atrair problemas.

Não. O que preocupava Harry era que da última vez que a cicatriz lhe doera fora por Voldemort se encontrar perto... mas Voldemort não podia estar ali agora... a simples ideia de Voldemort escondido em Privet Drive era absurda, impossível...

Harry escutou o silêncio à sua volta. Estaria ele à espera de ouvir o ranger de um degrau ou o ruje-ruje de um manto? E, então, deu um salto ao ouvir o seu primo Dudley roncar no quarto ao lado.

Harry tentou ordenar as ideias. Estava a ser estúpido. Não havia mais ninguém em casa a não ser o tio Vernon, a tia Petúnia e Dudley, que continuavam profundamente imersos no seu sono tranquilo e indolor.

Era quando Harry gostava mais dos Dursley, quando estavam a dormir. Acordados, nunca o tinham ajudado em nada, apesar de serem os seus únicos parentes vivos. Os Dursley eram Muggles (indivíduos não-mágicos) que detestavam e desprezavam qualquer forma de magia, o que significava que Harry era tão bem-vindo à casa deles como uma praga. Tinham justificado as longas ausências do sobrinho em Hogwarts durante três anos, dizendo a toda a gente que ele frequentava o Centro para Jovens Delinquentes Irrecuperáveis de São Brutus. Sabiam perfeitamente que, como feiticeiro menor de idade, Harry não tinha autorização de usar a magia fora de Hogwarts, mas continuavam prontos a culpá-lo por tudo o que corresse mal lá em casa. Harry nunca poderia confiar neles, nem contar-lhes o que quer que fosse acerca do mundo da feitiçaria. A simples ideia de lhes contar, quando acordassem, que lhe doía a testa no sítio da cicatriz e falar-lhes da sua preocupação acerca de Lord Voldemort dava vontade de rir.

Contudo, fora por causa de Voldemort que Harry viera viver com os Dursley. Se não fosse Voldemort, ele não teria aquela cicatriz em forma de raio. Se não tivesse sido Voldemort, ele ainda teria os seus pais...

Harry fizera um ano de idade na noite em que Voldemort, o mais poderoso mago das trevas do século, um feiticeiro que tinha vindo perseverantemente a recuperar o poder nos últimos onze anos, chegara a sua casa e lhe matara o pai e a mãe. Depois disso, Voldemort voltou a sua varinha contra Harry, proferiu o feitiço com o qual tinha liquidado muitas feiticeiras e feiticeiros adultos durante a longa escalada para o poder, mas, para seu grande espanto, o feitiço não funcionou. Em vez de matar o

rapazinho, virou-se contra o próprio Voldemort, reduzindo-o a uma coisa vagamente viva. Despojado dos seus poderes e quase sem vida, Voldemort fugiu. O sistema de terror, debaixo do qual a comunidade secreta de feiticeiras e feiticeiros vivera durante tantos anos, ruiu, os seguidores de Voldemort dispersaram-se e Harry Potter tornou-se famoso.

Quando, no dia do seu décimo primeiro aniversário, Harry descobriu que era um feiticeiro, foi um choque tremendo. E mais desconcertante ainda foi o aperceber-se de que toda a gente no mundo oculto da feitiçaria conhecia o seu nome. Quando chegara a Hogwarts, vira que todas as cabeças se voltavam para ele e os murmúrios o seguiam para onde quer que fosse, mas agora já estava habituado. No final desse Verão, iria iniciar o quarto ano em Hogwarts e já contava os dias que faltavam para voltar ao castelo.

Contudo, tinha ainda duas semanas à sua frente antes do seu regresso à escola. Olhou em volta, impotente, e os seus olhos pousaram nos cartões de aniversário que os seus dois grandes amigos lhe tinham enviado no final de Julho. O que diriam eles se lhes escrevesse a contar que lhe doía a testa no sítio da cicatriz?

Ouviu, de imediato, a voz de Hermione Granger dentro da sua cabeça, estridente e em pânico.

— *Dói-te a cicatriz? Harry, isso é muito grave... escreve ao Professor Dumbledore! Eu vou consultar o manual de Padecimentos Vulgares e Calamidades Mágicas. Talvez encontre alguma coisa sobre cicatrizes de maldição.*

Sim, esse seria muito provavelmente o conselho de Hermione: ir rapidamente ter com o director de Hogwarts e, entretanto, consultar um livro. Harry espreitou pela janela para o céu azul-escuro. Tinha dúvidas sobre se algum livro poderia ajudá-lo agora. Tanto quanto sabia, era a única pessoa a ter sobrevivido a uma maldição como a de Voldemort. Era, portanto, muito pouco provável que os seus sintomas fizessem parte dos *Padecimentos Vulgares e Calamidades Mágicas*. Quanto a informar o director, Harry não fazia a menor ideia do local onde Dumbledore se encontrava a passar as férias de Verão. Divertiu-se durante um momento, a imaginá-lo com a sua longa barba prateada, o seu manto de feiticeiro até aos pés e o chapéu pontiagudo, estendido numa praia algures, a espalhar protector solar no seu nariz longo e curvo. Mas uma coisa Harry sabia: onde quer que Dumbledore estivesse, *Hedwig* conseguiria encontrá-lo. A coruja de Harry nunca deixara de entregar uma mensagem, mesmo que não levasse direcção. Mas, o que iria ele escrever?

Caro Professor Dumbledore, desculpe incomodá-lo, mas a minha cicatriz doeu-me hoje de manhã. Os melhores cumprimentos do Harry

Potter.

Mesmo dentro da sua cabeça, as palavras pareceram estúpidas.

Tentou, então, imaginar a reacção do seu outro grande amigo, Ron Weasley e, por um momento, o rosto sardento e narigudo de Ron pareceu tremeluzir à frente de Harry, exibindo uma expressão estupefacta.

— *Dói-te a cicatriz? Mas... o Quem-Nós-Sabemos não pode estar perto de ti, pois não? Quero dizer, tu darias por isso, não era? Não sei, Harry, talvez as cicatrizes de maldição doam sempre um bocado... Vou perguntar ao meu pai.*

Mr. Weasley era um feiticeiro altamente qualificado que trabalhava no Departamento de Mau Uso dos Objectos dos Muggles do Ministério da Magia, mas que, tanto quanto Harry sabia, não possuía qualquer formação em maldições. Além disso, não agradava a Harry a ideia de toda a família Weasley tomar conhecimento de que ele estava a sentir-se inseguro por causa de uma dorzinha insignificante. Mrs. Weasley ia enervar-se ainda mais do que Hermione e Fred e George, os irmãos gémeos de dezasseis anos, eram bem capazes de pensar que ele estava a perder a fibra.

Os Weasley eram a família de quem ele mais gostava no mundo. Harry estava ansioso por que o convidassem a passar alguns dias lá em casa (Ron falara em qualquer coisa sobre a Taça Mundial de Quidditch) e não lhe apetecia nada que a visita fosse pontuada por perguntas ansiosas acerca da cicatriz.

Massajou a testa com os nós dos dedos. O que realmente queria, e sentiu-se quase envergonhado ao admiti-lo, era uma espécie de pai: um feiticeiro adulto, a quem ele pudesse pedir um conselho sem ter de se sentir estúpido, alguém que se preocupasse com ele, que tivesse experiência de magia negra...

E, então, a solução veio ao seu encontro. Era tão simples e tão óbvia que nem conseguia perceber como demorara tanto tempo a chegar lá: Sirius.

Saltou da cama apressadamente e sentou-se à secretária. Pegou num pedaço de pergaminho, encheu de tinta a sua caneta de pena de águia, escreveu *Caro Sirius* e parou, pensando na melhor maneira de expor o problema, ainda espantado com o facto de não se ter lembrado logo dele. Mas, pensando bem, talvez não fosse assim tão surpreendente. Ao fim e ao cabo, só descobrira dois meses antes que Sirius era seu padrinho.

Havia um motivo muito simples para explicar a total ausência de Sirius na vida de Harry até àquele momento. Sirius estivera em Azkaban, a tenebrosa prisão de feiticeiros, guardada por umas criaturas chamadas Dementors, sugadores de almas, cegos e cruéis, que o tinham ido buscar a Hogwarts quando ele fugiu. Mas Sirius estava inocente. Os crimes de que

era acusado tinham sido cometidos por Wormtail, o apoiante de Voldemort, que quase toda a gente julgava morto. Contudo, Harry, Ron e Hermione sabiam que não era assim. Tinham-se encontrado frente a frente com Wormtail no ano anterior, embora apenas o professor Dumbledore tivesse acreditado que eles o tinham visto.

Durante uma hora gloriosa, Harry acreditara que ia deixar os Dursley, pois Sirius oferecera-lhe um lar, mal o seu nome estivesse limpo. A sorte, porém, não o bafejara. Wormtail escapara, antes de poderem levá-lo ao Ministério da Magia, e Sirius tivera de fugir para não ser preso. Harry ajudara-o na fuga, montado num hipogrifo chamado *Buckbeak* e, desde então, andava desaparecido. A ideia do lar que Harry poderia ter tido, se Wormtail não se tivesse escapado, não lhe saíra da cabeça durante todo o Verão. Fora duas vezes mais difícil voltar à casa dos Dursley, sabendo que estivera mesmo à beirinha de se livrar deles.

Todavia, Sirius ajudara-o bastante, apesar de não poder estar com ele. Graças ao padrinho, tinha agora todas as suas coisas da escola no quarto, junto de si. Os Dursley nunca haviam permitido tal. O seu desejo de manter Harry o mais infeliz possível, somado ao medo dos seus poderes de feitiçaria, levava-os a fecharem-lhe o malão da escola, durante todos os verões, no armário que ficava no vão das escadas. Essa atitude, porém, mudou quando descobriram que ele tinha como padrinho um perigosíssimo assassino. Como é óbvio, Harry evitou dizer-lhes que Sirius estava inocente.

Harry tinha recebido duas cartas de Sirius desde que regressara a Privet Drive. Ambas haviam sido entregues, não por corujas, como era habitual entre os feitiçeiros, mas sim por enormes pássaros tropicais de penas coloridas. *Hedwig* não gostava nada daqueles intrusos espalhafatosos e tivera a maior relutância em deixá-los beber da sua água, antes de eles iniciarem o voo de regresso. Harry, pelo contrário, gostara muito deles, pois lembravam-lhe palmeiras e areia branca e desejava ardentemente que, onde quer que Sirius se encontrasse — ele nunca revelou o seu paradeiro, não fossem as cartas ser interceptadas — estivesse a divertir-se bastante. Era difícil imaginar os Dementors a sobreviverem durante muito tempo à luz de um sol radioso. Talvez esse fosse o motivo que levava Sirius a ir para o Sul. Ambas as cartas, que estavam agora escondidas no buraco bastante conveniente que havia sob uma tábua debaixo da sua cama, denotavam boa disposição e nelas Sirius insistia para que Harry o chamasse em caso de necessidade.

A luz do candeeiro pareceu extinguir-se à medida que a luminosidade fria e cinzenta que precede o nascer do Sol entrava lentamente no quarto.

Por fim, quando já era dia e as paredes haviam adquirido uma tonalidade doirada, quando o som dos movimentos no quarto do tio Vernon e da tia Petúnia se tornou audível, Harry arranhou espaço na secretária, por entre as folhas de pergaminho, e releu a carta que acabara de escrever.

Caro Sirius,

obrigado pela tua última carta, aquele pássaro era enorme, quase não conseguia entrar na minha janela.

As coisas continuam na mesma por aqui. A dieta do Dudley não vai lá grande coisa. Ontem a minha tia foi encontrá-lo a comer donuts às escondidas no quarto. Disseram-lhe que têm de lhe cortar a mesada se continuar assim; então ele ficou furioso e atirou a PlayStation pela janela fora. É uma espécie de computador para jogos. Foi uma grande estupidez, agora nem sequer tem o Mega Mutilation III para o distrair da comida.

Eu estou bem, principalmente porque os Dursley têm imenso medo de que tu apareças por cá e os transformes em morcegos, se eu te pedir.

Mas hoje de manhã aconteceu uma coisa estranha. A cicatriz que tenho na testa voltou a doer-me. Da última vez que isso me aconteceu foi quando o Voldemort estava em Hogwarts, mas não me parece que ele possa estar perto de mim agora. O que achas? Sabes se as cicatrizes de maldição costumam doer passados muitos anos?

Vou mandar-te isto pela Hedwig quando ela voltar. Neste momento anda por aí a caçar. Lembranças ao Buckbeak.

Harry

Pronto, pensou Harry. Parecia-lhe bem assim. Não valia a pena contar o sonho, iria parecer demasiado preocupado. Enrolou o pergaminho e colocou-o ao lado da secretária, pronto para quando *Hedwig* regressasse. Em seguida pôs-se de pé, espreguiçou-se e abriu mais uma vez o guarda-fatos. Sem olhar para o espelho, começou a vestir-se, antes de descer para o pequeno-almoço.

III

O CONVITE

Quando Harry chegou à cozinha, já os três Dursley estavam sentados. Nenhum deles prestou atenção quando o viram entrar e sentar-se à mesa. O rosto grande e vermelhusco do tio Vernon estava tapado pelo matutino *Daily Mail* e a tia Petúnia cortava uma toranja aos quartos com os lábios franzidos sobre os dentes da frente, a fazer lembrar os de um cavalo.

Dudley tinha um ar furioso e amuado e parecia ocupar ainda mais espaço na cadeira do que era habitual. Quando a tia Petúnia pôs um quarto de toranja sem açúcar no prato de Dudley com um tímido: — Ora aqui está, meu Duddy lindo — o filho olhou para ela com um ar ameaçador. A sua vida dera uma grande reviravolta desde que chegara a casa de férias com o relatório da escola.

Como sempre, o tio Vernon e a tia Petúnia tinham conseguido arranjar desculpas para aquelas más notas. A tia Petúnia dissera sempre que Dudley era um rapaz muito dotado, que tivera o azar de encontrar professores que não o entendiam, enquanto o tio Vernon insistia em que «também não lhe interessava que o filho fosse um marrãozito sabe-tudo». Passaram igualmente por cima das acusações de «provocador» indicadas no relatório. — Ele é um rapazinho turbulento, mas não faria mal a uma mosca — dizia, entre lágrimas, a tia Petúnia.

Contudo, mesmo no fim do relatório, vinham alguns comentários muito bem elaborados pela enfermeira da escola, a que nem o tio Vernon nem a tia Petúnia conseguiam dar outra explicação. Por mais que a tia Petúnia lamuriasse que Dudley tinha os ossos largos, que o seu peso era próprio da idade, e que ele era, com efeito, um rapazinho em fase de crescimento, que precisava de se alimentar bem, a verdade é que a escola não possuía calças à golfê para o tamanho dele. A enfermeira vira aquilo que os olhos da tia

Petúnia, sempre tão aguçados quando se tratava de detectar impressões digitais nas suas imaculadas paredes, ou observar as entradas e saídas dos vizinhos, se recusavam a ver: que, longe de precisar de uma alimentação reforçada, Dudley adquirira bruscamente o tamanho e o peso de uma jovem baleia.

Portanto, depois de muitas birras e discussões que agitaram o soalho do quarto de Harry e de muitas lágrimas por parte da tia Petúnia, foi instalado o novo regime alimentar. A folha que fora enviada pela enfermeira da Escola Smeltings tinha sido colada na porta do frigorífico, de onde foram retirados todos os alimentos de que Dudley mais gostava — refrescos com gás e bolos, tabletes de chocolate e hambúrgueres — sendo recheado de fruta, vegetais e todo o tipo de coisas a que o tio Vernon chamava «comida de coelho». Para fazer Dudley sentir-se melhor com tudo aquilo, a tia Petúnia insistia para que toda a família seguisse a mesma dieta. Passava precisamente agora um quarto de toranja a Harry que ele reparou ser bastante mais pequeno que o de Dudley. Parecia que a tia Petúnia sentia que a melhor maneira de manter o moral do filho era garantir que ele recebia mais comida que Harry.

Mas a tia Petúnia não sabia o que estava escondido lá em cima, debaixo da tábua do chão. Não fazia a menor ideia de que Harry não estava a seguir dieta alguma. Mal ouviu dizer que ia sobreviver durante o Verão a comer cenouras, Harry enviara *Hedwig* aos seus amigos com pedidos de socorro e eles mostraram-se inteiramente à altura da situação. *Hedwig* voltou da casa de Hermione com uma caixa enorme cheia de *snacks* sem açúcar (os pais de Hermione eram dentistas). Hagrid, o guarda dos campos de Hogwarts, enviara-lhe uma sacola cheia dos seus bolos duros feitos em casa. Nestes, Harry ainda não tocara: conhecia por experiência própria os cozinhados de Hagrid. Mrs. Weasley, por seu turno, mandara-lhe *Errol*, a coruja da família, com um enorme bolo inglês e um sortido de pastéis. A pobre *Errol*, que era velha e fraca, demorara cinco dias inteiros para se refazer da viagem.

E depois, no dia do seu aniversário, que os Dursley ignoraram por completo, Harry recebeu quatro magníficos bolos de anos de Ron, Hermione, Hagrid e Sirius. Ainda tinha dois deles guardados; portanto, disposto a tomar um belo pequeno-almoço depois daquele, começou a comer pacatamente a toranja.

O tio Vernon pôs de parte o jornal com um suspiro de desaprovação e olhou para o quarto de toranja que tinha no prato.

— Só isto? — perguntou maldisposto à tia Petúnia.

A mulher olhou-o com um ar severo e acenou para Dudley, que

terminara o seu quarto de toranja e observava Harry com uma expressão de irritação nos pequenos olhos de bácoro.

O tio Vernon soltou um enorme suspiro, que agitou o grande bigode farfalhudo, e pegou na colher.

A campainha da porta tocou. O tio levantou-se da cadeira e encaminhou-se para o vestíbulo. Com a rapidez de um relâmpago, enquanto a mãe estava ocupada com os tachos, Dudley roubou o resto da toranja do pai.

Harry ouviu vozes à porta, alguém a rir e o tio Vernon a responder laconicamente. Em seguida, a porta fechou-se e do vestíbulo chegou o som de papel a ser rasgado.

A tia Petúnia pousou a chaleira sobre a mesa e olhou em volta, curiosa para ver onde tinha ido o marido. Não demorou muito até descobrir. Cerca de um minuto depois, ele voltou. Estava lívido.

— Tu — gritou a Harry. — Já para a sala!

Confuso, sem perceber o que teria feito de mal desta vez, Harry levantou-se e seguiu o tio Vernon até à sala. O tio fechou bruscamente a porta.

— Bom — disse, dirigindo-se à lareira e voltando para trás, fixando Harry como se fosse dar-lhe ordem de prisão. — Bom...

Harry teria adorado poder dizer: — Bom o quê? — mas não lhe pareceu que pôr à prova a cólera do tio Vernon àquela hora da manhã fosse boa ideia, principalmente estando ele sob uma forte tensão por falta de comida. Optou, pois, por se mostrar educadamente confuso.

— Isto acaba de chegar — disse o tio Vernon, agitando na mão um pedaço de papel escrito a roxo. — Uma carta. A teu respeito.

A confusão de Harry aumentou. Quem poderia ter escrito ao tio Vernon para falar dele? Quem é que ele conhecia que enviasse cartas pelo correio?

O tio Vernon olhou fixamente para Harry e, em seguida, baixou os olhos e começou a ler alto:

*Caros Mr. e Mrs. Dursley,
nunca fomos formalmente apresentados, mas, sem dúvida, o Harry já
vos terá falado do meu filho Ron.*

*Como certamente vos disse, a Final da Taça Mundial de Quidditch terá
lugar na próxima segunda-feira à noite e o meu marido Arthur conseguiu
bilhetes através dos seus conhecimentos no Departamento de Jogos e
Desportos Mágicos.*

*Espero que nos autorize a levar o Harry ao campeonato, pois trata-se
efectivamente de uma oportunidade única. A Inglaterra não conquista a
Taça há trinta anos e os bilhetes são dificílimos de conseguir. Teríamos*

igualmente o maior prazer em receber o Harry em nossa casa até ao fim das férias de Verão e em o acompanhar ao comboio para Hogwarts.

Seria preferível que o Harry nos respondesse o mais depressa possível da maneira normal, pois o correio dos Muggles nunca veio a nossa casa e não tenho a certeza de que saibam a morada.

Esperando ver Harry muito em breve,

os melhores cumprimentos,

Molly Weasley

PS: Espero ter colocado selos suficientes na carta.

O tio Vernon acabou de ler, meteu a mão no bolso da camisa e retirou lá de dentro qualquer coisa.

— Olha para isto — grunhiu.

Pegou no sobrescrito dentro do qual viera a carta de Mrs. Weasley e Harry teve de fazer imensa força para não se rir. Estava totalmente coberto de selos, menos um quadradinho à frente, onde Mrs. Weasley escrevera a morada dos Dursley em letra miudinha.

— Então ela sempre pôs selos suficientes — observou Harry, tentando que o erro de Mrs. Weasley parecesse a coisa mais normal deste mundo. Os olhos do tio Vernon faiscaram.

— O carteiro reparou nisto — disse entre dentes. — Estava interessado em saber de onde vinha esta carta. Foi por isso que bateu à porta. Achou *estranho*.

Harry não disse nada. Qualquer outra pessoa poderia não compreender o motivo por que o tio Vernon estava a fazer um tal espalhafato, só porque a carta trazia muitos selos, mas Harry vivia há muito tempo com os Dursley e sabia como eles eram susceptíveis à mínima coisa que saísse da normalidade. O maior receio de ambos era que alguém pudesse descobrir que tinham uma relação, por mais vaga que fosse, com alguém como Mrs. Weasley.

O tio Vernon continuava a olhar fixamente para Harry, que tentava aparentar uma expressão neutra. Se não fizesse nem dissesse nada de estúpido, talvez pudesse assistir àquele espectáculo único. Esperou que o tio Vernon falasse, mas ele continuou a olhá-lo até que Harry resolveu quebrar o silêncio.

— Então, posso ir? — perguntou.

Um pequeno espasmo atravessou o rosto enorme e vermelhusco do tio Vernon. O bigode agitou-se. Harry pensou que sabia o que se passava por detrás do bigode: uma batalha renhida enquanto os dois instintos fundamentais do tio entravam em conflito. Autorizá-lo a ir deixaria Harry

feliz, algo contra o qual o tio Vernon lutava havia treze anos. Por outro lado, permitir que ele desaparecesse para casa dos Weasley durante o resto do Verão, libertá-lo-ia da presença do sobrinho duas semanas antes do programado e o tio Vernon detestava tê-lo lá em casa. Para ganhar tempo e poder decidir calmamente, fingiu olhar de novo para a carta de Mrs. Weasley.

— Quem é esta mulher? — perguntou, olhando com repugnância para a assinatura.

— O tio conhece-a — respondeu Harry. — É a mãe do meu amigo Ron. Estava à espera dele na estação de comboio de Hog... da escola, no ano passado.

Por pouco dizia Hogwarts e, então, o tio teria ficado furioso. Não se podia fazer menção ao nome da sua escola em casa dos Dursley.

O tio Vernon franziu o seu rosto enorme, tentando lembrar-se de alguma coisa profundamente desagradável.

— Uma mulher gorda e atarracada? — resmungou ele. — Cheia de filhos de cabelo ruivo?

Harry franziu a testa. Achou que era de bastante mau gosto o tio Vernon chamar gordo a alguém, quando o seu próprio filho Dudley conseguira finalmente o que vinha a tentar desde os três anos de idade: ter mais largura do que altura.

O tio Vernon continuava a observar a carta.

— Quidditch — murmurou, contendo a respiração. — Quidditch, que disparate é este?

Harry sentiu uma nova onda de irritação.

— É um desporto — explicou secamente — que se pratica numa vassoura.

— Está bem, está bem! — concordou em voz alta. Harry percebeu com alguma satisfação que o tio ficara um pouco em pânico. Ao que parecia, não suportava o som da palavra vassoura na sua sala de estar. Refugiou-se de novo na leitura da carta. Harry viu que os seus lábios proferiam as palavras *envie-nos a sua resposta da maneira normal*. Franziu as sobrancelhas.

— O que quer ela dizer com *maneira normal*?

— Normal para nós — disse Harry e, antes que o tio pudesse impedi-lo, acrescentou: — Pelo correio das corujas. Isso é o normal entre feiticeiros.

O tio Vernon olhou-o com um ar ultrajado, como se Harry tivesse pronunciado um palavrão nojento. A tremer de raiva, espreitou nervosamente pela janela, esperando ver alguns dos vizinhos de ouvido colado aos vidros.

— Quantas vezes será preciso dizer-te que não repitas essas anormalidades debaixo do meu tecto? — gritou, com o rosto agora cor de ameixa. — Ficas para aí como um ingrato, com as roupas que eu e a tua tia Petúnia te arranjamos...

— Só depois de o Dudley ter acabado com elas — constatou Harry com frieza, até porque, em boa verdade, estava a usar uma *sweatshirt* tão grande que tinha de dar cinco voltas às mangas para poder servir-se das mãos e que, em comprimento, lhe chegava abaixo dos joelhos, tapando metade das larguíssimas calças.

— Não admito que me fales dessa maneira! — disse o tio Vernon a tremer de raiva.

Mas Harry não ia suportar aquilo. Já ia longe o tempo em que era obrigado a aceitar todas as estúpidas regras dos Dursley. Não ia seguir a dieta do Dudley e não ia deixar que o tio Vernon o impedisse de assistir à Taça Mundial de Quidditch. Podendo evitar, não.

Harry respirou fundo e depois disse: — Está bem, eu não vou assistir à Taça Mundial. Posso ir agora para o quarto? Tenho de acabar uma carta para o meu padrinho Sirius.

Conseguira! Dissera as palavras mágicas. Podia ver o rosto do tio Vernon encher-se de novo de manchas arroxeadas, fazendo-o parecer um gelado de groselha mal mexido.

— Tu vais... vais escrever-lhe? — perguntou o tio num tom de voz de aparente calma, mas Harry reparou que as pupilas dos seus olhos pequeninos se contraíam num medo repentino.

— Bem... sim — respondeu Harry com o ar mais natural deste mundo. — Há muito tempo que ele não sabe nada de mim e, com o feitio dele, se não tiver notícias, é capaz de pensar que há algum problema.

Calou-se para gozar o efeito das suas palavras. Quase podia ver a engrenagem a trabalhar debaixo do cabelo escuro, espesso e bem penteado do tio Vernon. Se tentasse impedir Harry de escrever a Sirius, ele pensaria que o afilhado estava a ser maltratado. Se não o deixasse ir à Taça Mundial de Quidditch, Harry escreveria a contar tudo ao padrinho, que ficaria a *saber* que estavam a tratá-lo mal. Só havia uma coisa a fazer. Harry podia ver a conclusão a formar-se na mente do tio Vernon, como se o grande rosto de bigode fosse transparente. Tentou não sorrir, tentou manter uma expressão neutral. E então...

— Pronto, está bem. Podes ir a essa coisa estúpida da Taça Mundial. Escreve a esses Weasley a dizer que podem vir buscar-te. Sim, porque eu não tenho tempo para te ir levar a lado nenhum. E podes passar o resto do Verão com eles. Diz também ao teu padrinho que vais a essa coisa.

— Está bem! — exclamou Harry, felicíssimo. Deu meia volta e dirigiu-se à porta da salinha, controlando-se para não dar dois saltos no ar, tal era a sua satisfação. Ele ia... ia para casa dos Weasley, ia assistir à Taça Mundial de Quidditch!

Ao chegar ao vestíbulo, quase esbarrou em Dudley que tinha estado a ouvir atrás da porta, na esperança de que o pai não o deixasse ir. Pareceu chocado ao ver um grande sorriso no rosto de Harry.

— O pequeno-almoço foi excelente, não achas? — disse Harry. — Sinto-me satisfeito. Tu não?

Rindo do olhar pasmado de Dudley, Harry subiu os degraus três a três e enfiou-se no quarto.

A primeira coisa que viu foi que *Hedwig* tinha voltado. Estava empoleirada na gaiola, olhando para ele com os seus enormes olhos de âmbar e dando estalidos com o bico como era seu costume sempre que estava arrelhiada com alguma coisa. A «coisa» que estava a arrelhiá-la tornou-se visível logo a seguir.

— Ai! — fez Harry.

Uma espécie de pequena bola de ténis cinzenta e emplumada acabava de chocar contra Harry. Enquanto massajava com força a cabeça, procurando o que lhe tinha batido, Harry avistou uma coruja minúscula, tão pequena que cabia na palma da sua mão e que esvoaçava numa excitação enorme pelo quarto como um foguete tresloucado. Só então Harry percebeu que a coruja deixara cair uma carta aos seus pés. Dobrou-se, reconheceu a caligrafia de Ron e abriu o envelope. Lá dentro vinha um bilhete rabiscado à pressa.

Harry — O MEU PAI CONSEGUIU OS BILHETES — A Irlanda contra a Bulgária na segunda-feira à noite. A mãe está a escrever aos Muggles a pedir para cá ficares. Talvez já tenham recebido a carta, não sei se o correio dos Muggles é rápido. Achei melhor mandar-te esta carta pela Pig.

Harry olhou para a palavra *Pig* e, em seguida, olhou para a corujinha que andava agora em volta do candeeiro do tecto. Nunca na sua vida vira nada que se parecesse menos com um porco. Talvez não tivesse entendido a letra de Ron. Voltou à carta.

Vamos buscar-te quer os Muggles queiram quer não. Não podes perder a Taça Mundial. Só a mãe e o pai é que acham que é melhor tentarmos pedir-lhes autorização. Se eles disserem que sim, manda a Pig de volta com a tua resposta e vamos buscar-te no domingo às cinco da tarde. Se

disserem que não, manda a Pig de volta e vamos buscar-te na mesma no domingo às cinco da tarde.

A Hermione chega hoje à tarde. O Percy começou a trabalhar no Departamento Internacional de Cooperação Mágica. Não fales em nada que se relacione com o estrangeiro, a não ser que queiras que te chateiem mortalmente.

Até breve,

Ron

— Acalma-te — disse Harry à corujinha que esvoaçava sobre a sua cabeça, piando numa atitude que Harry entendia como orgulho por ter entregue a carta à pessoa certa. — Anda cá, preciso de que leves a resposta.

A coruja bateu as asas e poisou em cima da gaiola de *Hedwig* que olhou friamente para ela, como que desafiando-a a aproximar-se mais.

Harry pegou mais uma vez na sua pena de águia, num pedaço de pergaminho e escreveu:

Ron. Tudo bem. Os Muggles disseram que eu podia ir. Encontramo-nos amanhã às cinco. Estou ansioso por ir.

Harry

Dobrou o bilhete num quadrado pequenino e, com imensa dificuldade, amarrou-o à patinha da coruja que dava saltos de excitação. Quando a mensagem ficou bem presa, a coruja partiu de novo a toda a velocidade.

Harry voltou-se para *Hedwig*.

— Pronta para uma grande viagem?

Hedwig piou com um ar digno.

— És capaz de levar isto ao Sirius? — perguntou, pegando na carta. — Espera um pouco... tenho de acabá-la.

Desenrolou o pergaminho e acrescentou à pressa um *PS*.

Se quiseres contactar-me, vou estar em casa do meu amigo Ron Weasley até ao fim do Verão. O pai dele arranjou bilhetes para irmos assistir à Taça Mundial de Quidditch!

Acabada a carta, amarrou-a à pata de *Hedwig*. Esta manteve-se invulgarmente quieta, disposta a mostrar-lhe como se comportava uma verdadeira coruja.

— Estou em casa do Ron quando voltares — disse-lhe Harry.

Hedwig mordiscou-lhe o dedo afectuosamente. Em seguida, com um suave ruído de penas, abriu as asas enormes, ergueu-se no ar e saiu pela

janela aberta.

Harry viu-a desaparecer e só então rastejou para debaixo da cama, tirou a tábua que tapava o esconderijo e retirou de lá de dentro uma grande fatia de bolo de aniversário. Sentou-se no chão a comê-la, saboreando a felicidade que o inundava. Ele comera bolo e Dudley só comera toranja. Estava um lindo dia de sol e ia deixar Privet Drive no dia seguinte, a cicatriz estava agora absolutamente normal e ia assistir à Final da Taça Mundial de Quidditch. Era difícil, agora, sentir-se preocupado com o que quer que fosse, incluindo Lord Voldemort.

IV

DE VOLTA À «TOCA»

No dia seguinte ao meio-dia, o malão de Harry estava pronto com todas as coisas da escola e todos os seus preciosos haveres: o Manto da Invisibilidade que herdara do pai, a vassoura que Sirius lhe tinha oferecido e o mapa encantado que fora presente de Fred e George Weasley no último ano. Retirara do esconderijo toda a comida, revistara cada canto e cada vão do quarto em busca de algum livro de feitiçaria ou de alguma pena de escrever e arrancara da parede o mapa onde estavam assinalados os dias e onde ele gostava de ir traçando riscos para ver melhor quanto tempo faltava para o primeiro de Setembro, data do seu regresso a Hogwarts.

O ambiente no número quatro de Privet Drive era de grande tensão. A expectativa de ver entrar pela casa dentro um monte de feitiçeiros deixara os Dursley nervosos e irritadiços. O tio Vernon ficara absolutamente alarmado, quando Harry o informou de que os Weasley chegariam no dia seguinte às cinco da tarde.

— Espero que lhes tenhas dito para se vestirem convenientemente — ripostou de imediato. — Conheço o tipo de coisas que vocês usam. Podiam, pelo menos, ter o decore de se vestir decentemente. Só isso.

Harry sentiu um mau presságio no ar. Nunca vira Mr. ou Mrs. Weasley usarem o que quer que fosse que os Dursley pudessem considerar «normal». Os filhos podiam pôr roupa de Muggles durante as férias, mas Mr. e Mrs. Weasley costumavam vestir longos mantos mais ou menos usados. Harry não se sentia nada preocupado com o que os vizinhos pudessem pensar, mas estava cheio de medo de que os Dursley fossem grosseiros com os Weasley, se eles aparecessem vestidos de feitiçeiros.

O tio Vernon pusera o seu melhor fato. Para algumas pessoas, essa atitude poderia parecer um gesto de boas-vindas, mas Harry sabia que o tio

queria apenas impressioná-los e intimidá-los. Por outro lado, Dudley parecia um pouco encolhido. Não porque a dieta estivesse a fazer qualquer efeito, mas sim devido ao medo, que não era pouco. O resultado do último encontro que Dudley tivera com um feiticeiro adulto fora uma cauda de porquinho a sair-lhe pelos fundilhos das calças e a tia Petúnia e o tio Vernon tinham sido obrigados a pagarem para lha retirarem num hospital particular em Londres. Não era, portanto, de estranhar que ele não parasse de passar a mão pelas nádegas e de andar de lado de uma divisão para outra, a fim de não expor o mesmo alvo ao inimigo.

O almoço decorreu quase em silêncio. Dudley nem sequer se queixou da comida — requeijão e aipo ralado. A tia Petúnia não comeu nada. Tinha os braços cruzados, lábios contraídos e parecia mastigar a língua como se mascasse a tremenda descompostura que lhe apetecia dar a Harry.

— Vêm de carro, espero? — grunhiu o tio Vernon.

— Bem... — hesitou Harry.

Não tinha pensado nisso. Como é que os Weasley viriam buscá-lo? Já não tinham carro. O seu velho *Ford Anglia* estava agora na Floresta Proibida de Hogwarts. Mas Mr. Weasley pedira, no ano passado, um carro emprestado ao Ministério da Magia; talvez tivesse feito o mesmo hoje.

— Acho que sim — respondeu.

O tio Vernon soprou contra o bigode. Noutras circunstâncias teria com certeza perguntado qual era o carro de Mr. Weasley. Costumava avaliar os outros homens pelo valor do carro que tinham, mas Harry duvidava de que o tio Vernon pudesse ter boa impressão de Mr. Weasley, mesmo que ele conduzisse um *Ferrari*.

Passou quase toda a tarde no quarto. Não aguentava ver a tia Petúnia a espreitar pelas cortinas de segundo a segundo, como se tivesse havido um alerta geral sobre uma fuga de rinocerontes. Por fim, quando faltava um quarto para as cinco, Harry desceu e foi sentar-se na sala.

A tia Petúnia endireitava compulsivamente as almofadas. O tio Vernon fingia ler o jornal, mas os seus olhinhos pequeninos não se mexiam e Harry tinha a certeza de que ele esperava com toda a atenção o ruído de um carro a aproximar-se. Dudley estava enfiado num cadeirão, com as suas mãos obesas debaixo das nádegas, agarrando-as com uma grande firmeza. Harry não conseguiu aguentar a tensão. Saiu da sala e foi sentar-se nos degraus da escada com os olhos fixos no relógio e o coração a bater muito depressa de nervosismo e excitação.

Mas chegaram as cinco horas, e nada. O tio Vernon, transpirando ligeiramente dentro do seu fato, abriu a porta da frente, espreitou para ambos os lados da rua e levantou bruscamente a cabeça.

— Estão atrasados — resmungou, voltando-se para Harry.

— Eu sei. Talvez o trânsito esteja difícil...

Cinco e dez, cinco e um quarto... Harry começava agora a sentir-se bastante ansioso. Às cinco e meia ouviu o tio Vernon e a tia Petúnia a murmurarem na sala.

— Que falta de consideração!

— Nós podíamos ter um compromisso marcado.

— Talvez pensem que, se chegarem atrasados, os vamos convidar para jantar.

— Bem, isso não vai acontecer, podem ter a certeza — garantiu o tio Vernon e Harry ouviu-o pôr-se de pé na sala e começar a andar de um lado para o outro. — Eles levam o rapaz e pronto, não vão ficar aqui a tomar o nosso tempo. A raça deles não deve preocupar-se muito com a pontualidade. Ou então têm um carro que costuma avariar-se... AAAAAAI!

Harry deu um salto. Da porta da sala chegaram-lhe os gritos dos três Dursley tropeçando, atropalhados e em pânico na ânsia de fugirem dali. Pouco depois, Dudley saiu em voo para o vestíbulo com um ar apavorado.

— Que foi? — perguntou Harry. — Que se passa?

Mas Dudley parecia incapaz de pronunciar palavra. As mãos ainda agarradas às nádegas, avançava com o andar de um pato apressado em direcção à cozinha. Harry foi direito à sala.

Um grande ruído de explosões e rangidos vinha de detrás do fogão da sala dos Dursley, que fora entaipado e tinha na frente uma lareira de carvão fingida.

— O que se passa? — perguntou num arquejo a tia Petúnia que se encostara a uma parede e olhava aterrorizada para a lareira. — O que é isto?

Mas a dúvida durou pouco mais de um segundo. Ouviam-se vozes por detrás da lareira bloqueada.

— Cuidado, Fred, não... volta para trás, deve ter havido um engano qualquer... diz ao George que não... Ai! George, não, não há espaço, volta para trás e avisa o Ron...

— Talvez o Harry nos oiça, pai. Talvez ele consiga fazer-nos entrar.

Ouviram-se pancadas contra as tábuas, atrás do fogão eléctrico.

— Harry, Harry estás a ouvir-nos?

Os Dursley voltaram-se para Harry, como dois animais furiosos.

— O que é isto? — grunhiu o tio Vernon. — O que é que está a acontecer?

— Tentaram chegar aqui com o pó de Floo — constatou Harry, contendo a grande custo o riso. — Eles viajam através do fogo, só que vocês

entaiparam a lareira... esperem lá...

Aproximou-se do fogão de sala e gritou através das tábuas.

— Mr. Weasley, consegue ouvir-me?

O barulho parou. Alguém dentro da chaminé disse: «Chhh...»

— Mr. Weasley, é o Harry... a lareira está bloqueada. Não vai poder entrar por aqui.

— Bolas! — disse a voz de Mr. Weasley. — Por que diabo foram fechar a lareira?

— Eles têm um fogão eléctrico — explicou Harry.

— A sério? — disse a voz entusiasmada de Mr. Weasley. — Um fogão eléctrico? Com uma ficha? Incrível, tenho de ver isso... vamos pensar... olha o Ron.

A voz de Ron juntou-se às dos outros.

— O que estamos a fazer aqui? O que é que correu mal?

— Não, nada — disse Fred sarcasticamente. — Estamos exactamente onde queríamos.

— Estou a ver, é divertidíssimo — comentou George num tom roufenho, como se tivesse sido esborrachado contra a parede.

— Meninos, meninos... — disse Mr. Weasley. — Estou a pensar numa solução... sim... é a única maneira... Harry, chega-te para trás.

Harry recuou até ao sofá, mas o tio Vernon deu um passo em frente.

— Espere aí — gritou ele para a lareira. — Que diabo pensa que vai fa...?

BUM.

O fogão eléctrico foi pelos ares, ao mesmo tempo que a lareira tapada explodia, fazendo sair Mr. Weasley, Fred, George e Ron, envoltos numa nuvem de cascalho e aparas soltas. A tia Petúnia estremeceu dos pés à cabeça e caiu de costas em cima da mesinha de café. O tio Vernon conseguiu agarrá-la antes de ela bater no chão e ficou de boca aberta a olhar para os Weasley que tinham todos cabelo ruivo e brilhante, incluindo Fred e George, que eram iguais como duas gotas de água.

— Assim é melhor! — exclamou Mr. Weasley, sacudindo com fortes palmadas o pó que lhe cobria o longo manto verde e endireitando os óculos. — Ah, os senhores devem ser os tios do Harry.

Alto, magro e calvo, avançou direito ao tio Vernon, que deu vários passos à retaguarda, arrastando consigo a tia Petúnia. O tio ficou sem fala. O seu melhor fato estava coberto de pó, pó esse que também se instalara sobre o seu cabelo e bigode e que o fazia parecer trinta anos mais velho.

— Hum... desculpe lá — disse Mr. Weasley, baixando a mão e olhando por cima do ombro para a lareira destruída. — A culpa é minha. Não me

lembrei de outra maneira de sair dali. Fiz a ligação da sua lareira à rede das lareiras dos feiticeiros, compreende? Só por esta tarde para irmos buscar o Harry. As lareiras dos Muggles não costumam estar em ligação, para falar verdade, mas eu tenho bons contactos na Comissão da Rede de Floo e eles conseguiram-me isso. Conserto a sua chaminé num segundo, não se preocupe. Acendo-a para que os rapazes possam regressar, antes de me Desmaterializar.

Harry estava certo de que os Dursley não tinham percebido uma palavra do que Mr. Weasley dissera. Continuavam de boca aberta, quase em estado de choque.

A tia Petúnia cambaleou de novo e escondeu-se atrás do tio Vernon.

— Olá, Harry! — disse Mr. Weasley num tom bem-disposto. — Tens a mala pronta?

— Está lá em cima — respondeu Harry com um sorriso.

— Vamos buscá-la — decidiu Fred, sem perder tempo. Com uma piscadela de olho a Harry, os dois gémeos saíram da sala. Sabiam muito bem onde era o quarto, já o tinham tirado de lá uma vez na calada da noite. Harry desconfiou de que Fred e George queriam ver melhor Dudley. Tinham ouvido falar imenso dele.

— Bem — disse Mr. Weasley, balançando levemente os braços, enquanto tentava encontrar palavras para quebrar aquele silêncio incómodo. — É muito... bonita a vossa casa.

Atendendo a que a sala, habitualmente de uma limpeza imaculada, se encontrava no momento coberta de pó e cheia de cascalho, aquele elogio não caiu nada bem aos Dursley. O rosto do tio Vernon tornou-se mais uma vez arroxado e a tia Petúnia recomeçou a dar estalidos com a língua. Estavam, porém, demasiado assustados para dizer o que quer que fosse.

Mr. Weasley olhava em volta. Sempre adorara as coisas que os Muggles possuíam e Harry reparou que estava em pulgas para ir observar o televisor e o vídeo.

— Funcionam a electricidade, não é? — declarou com um ar conhecedor. — Ah, sim, estou a ver as fichas. Colecciono fichas — acrescentou, dirigindo-se ao tio Vernon. — E pilhas. Tenho uma colecção enorme de pilhas. A minha mulher diz que eu sou louco, mas é assim.

O tio Vernon, como era óbvio, achava também que ele era louco. Mexeu-se ligeiramente para a direita, ocultando a tia Petúnia, como se pensasse que Mr. Weasley poderia, de um momento para o outro, dar um salto e atacá-los.

Dudley apareceu subitamente na sala e Harry, que ouvia o ruído do seu malão a bater contra os degraus da escada, percebeu de imediato que ele

saíra da cozinha assustado com o barulho. Dudley deslocou-se encostado à parede, olhando apavorado para Mr. Weasley e tentando esconder-se atrás da mãe e do pai. Infelizmente a corpulência do tio Vernon, que dava perfeitamente para proteger a magricela da tia Petúnia, não conseguia, nem de perto nem de longe, ocultar Dudley.

— Ah, este é o teu primo, não é, Harry? — disse Mr. Weasley, tentando mais uma vez entabular conversa.

— Sim! — respondeu Harry. — Este é o Dudley.

Harry e Ron trocaram breves olhares, controlando-se para não desatarem a rir. Dudley continuava agarrado às nádegas, como se tivesse medo de que elas lhe caíssem ao chão, mas Mr. Weasley parecia verdadeiramente preocupado com o invulgar comportamento de Dudley. Em boa verdade, a avaliar pelo tom da sua voz quando voltou a falar, Harry teve praticamente a certeza de que Mr. Weasley achava Dudley tão louco como os Dursley o achavam a ele. A única diferença estava em que Mr. Weasley teve mais pena dele do que medo.

— As férias têm sido boas, Dudley? — perguntou com toda a amabilidade.

Dudley choramingou e Harry viu-o agarrar ainda com mais força o rotundo traseiro.

Fred e George voltaram à sala transportando o malão de Harry. Olharam em volta e viram Dudley. Os rostos de ambos contraíram-se em dois sorrisos idênticos e maldosos.

— Ah, pronto. Então é melhor irmos indo — adiantou Mr. Weasley.

Arregaçou as mangas do manto e pegou na varinha. Harry viu os Dursley, na mesma fracção de segundo, encostarem-se à parede.

— *Incendio!* — exclamou Mr. Weasley, apontando com a varinha para o buraco na parede atrás de si.

As labaredas ergueram-se imediatamente na lareira, crepitando alegremente como se estivessem a arder havia horas. Mr. Weasley retirou do bolso um saquinho atado com um cordel, abriu-o e, com os dedos, recolheu uma pitada de pó que lançou nas chamas. As labaredas tornaram-se verde-esmeralda, rugiram e aumentaram de tamanho como nunca.

— É a tua vez de ires, Fred — declarou Mr. Weasley.

— Já vou — disse ele. — Espere aí...

Do bolso de Fred caíra um cartucho de doces que se tinham espalhado em todas as direcções: grandes rebuçados, enrolados em papéis coloridos e brilhantes.

Fred andou aflito de um lado para o outro, tentando apanhá-los todos. Por fim, despediu-se alegremente dos Dursley, deu um passo em frente e

avançou na direcção do fogo, gritando «A Toca». A tia Petúnia teve um sobressalto, ouviu-se um leve som de ar a ser sugado e Fred desapareceu.

— Agora tu, George — disse Mr. Weasley. — Tu e o malão.

Harry ajudou George a transportar o malão até junto das chamas e pô-lo na vertical para que ele pudesse segurá-lo melhor. A seguir, após um som igual ao primeiro, George gritou «A Toca» e desapareceu também.

— Ron, és o próximo — avisou Mr. Weasley.

— Até à vista — despediu-se Ron alegremente. Abrindo um grande sorriso para Harry, saltou para o fogo, gritou «A Toca» e desapareceu.

Agora já só restavam Harry e Mr. Weasley.

— Bem, então adeus — disse Harry aos Dursley.

Eles não lhe deram resposta. Harry aproximou-se do lume, mas, quando chegou mesmo junto ao fogão da sala, Mr. Weasley pôs-lhe uma mão no ombro e fê-lo parar. Olhava para os Dursley com ar de espanto.

— O Harry disse-vos adeus! — exclamou. — Não ouviram?

— Não tem importância — murmurou ele a Mr. Weasley. — A sério, eu não me importo.

Mas Mr. Weasley não retirou a mão do ombro de Harry.

— Os senhores não vão voltar a ver o vosso sobrinho antes do próximo Verão — lembrou ao tio Vernon com um ar profundamente indignado. — Certamente quererão despedir-se dele.

O rosto do tio Vernon estava contraído. A ideia de ser criticado por um homem que acabara de destruir metade da parede da sua sala parecia causar-lhe um enorme sofrimento.

Todavia, Mr. Weasley continuava de varinha na mão e os olhos pequeninos do tio Vernon, como uma flecha, levaram tal facto em consideração quando disse com rancor: — Então, adeus.

— Até à vista — respondeu Harry, dando um passo para as chamas verdes que lhe pareceram agradavelmente quentes. Porém, no último momento, um som horrível irrompeu atrás dele e a tia Petúnia começou a gritar.

Harry deu meia volta. Dudley já não estava atrás dos pais. Ajoelhado atrás da mesinha de café, cheio de vômitos, cuspiu uma coisa com trinta centímetros de comprimento, viscosa e arroxeadada que lhe saía da boca. Passado um segundo, Harry apercebeu-se de que a «coisa» era a língua do primo e que no chão, na sua frente, estava um papel de rebuçado de cores vivas.

A tia Petúnia lançou-se sobre o filho, agarrou-lhe a ponta da língua inchada e tentou arrancar-lha da boca. Como é óbvio, Dudley gritou e cuspiu mais ainda, tentando libertar-se da mãe. O tio Vernon bramia e

agitava os braços e Mr. Weasley teve de gritar para se fazer ouvir.

— Não se preocupe. Eu resolvo isso — berrava, avançando para Dudley de varinha em riste, mas a tia Petúnia, que guinchava como nunca, lançou-se sobre Dudley para o proteger de Mr. Weasley.

— Não é nada, a sério — dizia Mr. Weasley desesperado. — É uma coisa simples, foi o reбуçado. O meu filho Fred tem a mania das partidas, mas é só um Encantamento de Ampliar. Pelo menos, é o que me parece. Se me permitem, eu trato disso.

Em vez de se acalmarem, os Dursley entraram verdadeiramente em pânico. A tia Petúnia soluçava histericamente agarrada à língua do filho, como se estivesse determinada a arrancá-la. Dudley parecia estar a sufocar, debatendo-se entre a força da mãe e a da língua, enquanto o tio Vernon, que perdera por completo o controlo, agarrou uma figurinha de porcelana que estava sobre o aparador e arremessou-a com toda a força contra Mr. Weasley que se baixou, fazendo com que o *bibelot* se estilhaçasse contra a lareira entaipada.

— Francamente! — exclamou Mr. Weasley, agitando a varinha. — Eu estava a tentar ajudar.

Bramindo como um hipopótamo ferido, o tio Vernon agarrou outro *bibelot*.

— Harry, vai! Vai — gritou Mr. Weasley com a varinha apontada ao tio Vernon. — Eu resolvo isto.

Harry não queria perder o divertimento, mas o segundo *bibelot* do tio Vernon por pouco não o atingiu na orelha esquerda e, pesando os prós e os contras, decidiu que era melhor deixar que Mr. Weasley tratasse do assunto. Avançou para o fogo, olhando por cima do ombro, enquanto dizia: — «A Toca!» — O último vislumbre que teve da sala foi Mr. Weasley, com a varinha, a fazer saltar o terceiro *bibelot* das mãos do tio Vernon, a tia Petúnia a gritar em cima de Dudley e a língua deste a planar como uma enorme serpente pegajosa. No momento seguinte, Harry começou a rodopiar a grande velocidade e a sala dos Dursley desapareceu repentinamente num turbilhão de labaredas de um verde-esmeralda.

V

AS MAGIAS MIRABOLANTES DOS WEASLEY

Harry rodopiava cada vez mais depressa, os cotovelos comprimidos contra o corpo, passando por lareiras enegrecidas, até que começou a sentir-se tonto e fechou os olhos. Quando finalmente sentiu que estava a abrandar, endireitou-se com a ajuda das mãos, evitando desse modo cair de cabeça para baixo no fogão da cozinha dos Weasley.

— Ele comeu-o? — perguntou Fred ansioso, estendendo-lhe a mão para o ajudar a pôr-se de pé.

— Sim — disse Harry, endireitando-se. — O que era aquilo?

— Rebuçado Língua de Léguas — respondeu Fred, divertido. — Uma invenção minha e do George. Andámos todo o Verão à procura de alguém para o testar...

As gargalhadas inundaram a pequena cozinha. Harry olhou em volta e viu que Ron e George estavam sentados à velha mesa de madeira com dois rapazes de cabelo ruivo que nunca vira, embora tivesse adivinhado logo que eram Bill e Charlie, os dois irmãos mais velhos dos Weasley.

— Como estás, Harry? — disse a sorrir o que se achava mais perto, estendendo-lhe uma mão grande que Harry apertou, sentindo as bolhas e os calos dos seus dedos. Aquele só podia ser Charlie, o que trabalhava com dragões na Roménia. Charlie possuía uma constituição física semelhante à dos gémeos. Mais baixo e mais entroncado que Percy e Ron, que eram ambos altos e esguios, Charlie tinha o rosto largo e bonacheirão, batido pelas intempéries e tão sardento que parecia bronzeado. Os braços eram musculosos e num deles havia uma queimadura brilhante.

O outro irmão Weasley, Bill, pôs-se de pé, sorriu e apertou também a mão de Harry. Bill foi para Harry uma surpresa. Sabia que ele trabalhava

em Gringotts, o Banco dos Feiticeiros, que fora Delegado dos Alunos em Hogwarts e sempre o imaginara como uma versão mais velha de Percy: exigente com a quebra de regras, querendo mandar em toda a gente à sua volta. Mas Bill era, não havia outra palavra para o definir, *fixe*. Era alto e tinha cabelos compridos amarrados atrás num rabo-de-cavalo. Usava um brinco com uma espécie de dente de serpente a baloiçar. A sua roupa não estaria desapropriada num concerto de *rock*, com exceção das botas, que Harry se apercebeu não serem de couro, mas sim de pele de dragão.

Antes que algum deles tivesse tempo para dizer alguma coisa, ouviu-se um estalido e Mr. Weasley surgiu subitamente junto do ombro de George. Harry nunca o tinha visto tão zangado.

— Não teve graça nenhuma, Fred! — gritou. — Que raio deste tu ao miúdo Muggle?

— Não lhe dei nada — respondeu Fred, com outro sorriso maldoso. — Só os deixei cair... não tenho culpa de que ele tenha ido logo comer um.

— Tu atiraste-os ao chão de propósito — resmungou Mr. Weasley. — Sabias que ele ia comê-lo, sabias que ele estava a fazer dieta...

— De que tamanho ficou a língua do Dudley? — perguntou George cheio de ansiedade.

— Tinha um metro e trinta quando os pais me deixaram encolhê-la de novo.

Harry e os Weasley desataram novamente às gargalhadas.

— Não teve graça nenhuma — gritou Mr. Weasley. — São coisas como esta que destroem seriamente o relacionamento entre Muggles e feiticeiros. Eu passei metade da minha vida a fazer campanhas contra as agressões aos Muggles, e os meus próprios filhos...

— Nós não lhe demos o rebuçado por ele ser um Muggle — disse Fred, indignado.

— É claro que não. Demos-lho porque ele é um convencido e um mandão — acrescentou George. — Não é, Harry?

— É sim, Mr. Weasley — confirmou Harry muito sério.

— A questão não é essa — bramiu Mr. Weasley. — Esperem só até eu contar à vossa mãe.

— Contar-me o quê? — indagou uma voz atrás deles.

Mrs. Weasley acabava de entrar na cozinha. Era uma mulher baixa e gordinha, com um rosto amável, apesar de ter agora os olhos contraídos de desconfiança.

— Ah! Olá Harry — disse a sorrir ao avistá-lo. Em seguida, os seus olhos voltaram-se outra vez para o marido. — Contar-me o quê, Arthur?

Mr. Weasley hesitou. Harry percebeu que, por muito irritado que

estivesse com Fred e George, não tivera realmente intenção de contar a Mrs. Weasley o sucedido. Fez-se silêncio enquanto Mr. Weasley olhava nervoso para a mulher; depois duas raparigas apareceram à porta da cozinha por detrás de Mrs. Weasley. Uma delas tinha cabelo castanho encaracolado e os dois dentes da frente muito grandes. Era Hermione Granger, a amiga de Ron e Harry. A outra, baixinha e de cabelo ruivo, era Ginny, a irmã de Ron. As duas sorriram a Harry, que lhes retribuiu o sorriso, o que fez Ginny corar até à raiz dos cabelos. Ela tinha ficado «apanhada» por Harry desde a primeira visita dele à «Toca».

— Contar-me o quê, Arthur? — insistiu Mrs. Weasley num tom de voz ameaçador.

— Não é nada, Molly — disse Mr. Weasley entredentes. — O Fred e o George só... mas eu já tive uma conversinha com eles.

— O que foi que fizeram desta vez? — perguntou Mrs. Weasley. — Se tem alguma coisa a ver com as *Magias Mirabolantes dos Weasley*...

— Por que não vais mostrar ao Harry o lugar onde ele vai dormir, Ron? — sugeriu Hermione da soleira da porta.

— Ele sabe onde vai dormir — respondeu Ron. — No meu quarto, onde ficou da última...

— Podemos ir todos — propôs Hermione sem rodeios.

— Ah — disse Ron, percebendo finalmente. — Certo.

— Sim, nós também vamos — apressou-se George.

— Vocês ficam onde estão — atalhou rispidamente Mrs. Weasley.

Harry e Ron saíram a passo lento da cozinha e, juntamente com Hermione e Ginny, atravessaram o corredor estreito e subiram a escada insegura que ziguezagueava até aos andares de cima.

— O que é isso das *Magias Mirabolantes dos Weasley*? — perguntou Harry enquanto subiam.

Ron e Ginny desataram a rir, mas Hermione e Harry não.

— A mãe descobriu um monte de listas de encomenda quando andava a limpar o quarto do Fred e do George — disse calmamente Ron. — Listas e listas de compras para coisas que eles inventaram. Partidas, não sei se estás a ver, varinhas falsas, rebuçados com feitiços de brincadeira, montes de invenções, foi o máximo. Eu não sabia que eles andavam a fazer aquilo...

— Há séculos que ouvíamos explosões no quarto deles, mas nunca nos passou pela cabeça que estivessem a criar coisas — disse Ginny. — Pensámos que faziam todo aquele barulho porque achavam divertido.

— Só que uma parte do material... bem, para falar a verdade, todo ele, era um bocado perigoso — prosseguiu Ron. — E tencionavam vendê-lo em Hogwarts para ganhar dinheiro. A mãe perdeu a cabeça com eles, proibiu-

os de continuar com aquilo e queimou todas as listas de encomenda... Ela está mesmo furiosa com os dois, até porque as notas dos NPFs não foram tão boas quanto ela esperava.

Os NPFs (Níveis Puxados de Feitiçaria) eram os exames que os estudantes de Hogwarts tinham de fazer aos quinze anos.

— E, além disso, há outra questão — acrescentou Ginny. — A mãe quer que eles vão para o Ministério da Magia como o pai e eles já disseram que pretendem abrir uma loja de brincadeiras mágicas.

Nesse momento, a porta do segundo andar abriu-se e um rosto maldispuesto com óculos de aros de chifre espreitou cá para fora.

— Olá, Percy — cumprimentou Harry.

— Ah! Olá, Harry — respondeu ele. — Vim ver quem é que estava a fazer todo este barulho. Estou a tentar trabalhar. Não sei se sabem, mas tenho um relatório para terminar para o Ministério e é um bocado difícil concentrar-me com gente a berrar nas escadas para cima e para baixo.

— Nós não estamos a berrar — protestou Ron, irritado. — Desculpa se interrompemos os trabalhos ultra-secretos do Ministério da Magia.

— Em que estás a trabalhar? — perguntou Harry.

— Num relatório para o Departamento de Cooperação Internacional de Magia — revelou Percy com um ar enfatuado. — Estamos a tentar uniformizar a espessura dos caldeirões. Alguns dos que foram importados do estrangeiro não são suficientemente espessos. O escoamento tem vindo a aumentar a uma média de quase três por cento ao ano.

— Esse relatório vai mudar o mundo — afiançou-lhe Ron. — Primeira página d' *O Profeta Diário*. Já estou a ver, escoamento de caldeirões.

Percy corou ligeiramente.

— Podes gozar, Ron — declarou acaloradamente. — Mas se não for imposta uma lei internacional, podemos vir a ter o mercado inundado de produtos pouco sólidos, de qualidade inferior, que porão seriamente em perigo...

— Sim, está bem — disse Ron, enquanto continuava a subir a escada. Percy atirou com a porta. Enquanto Harry, Hermione e Ginny seguiam Ron subindo mais três lanços de escadas, chegavam-lhes gritos vindos da cozinha. Pelos vistos, Mr. Weasley tinha contado a Mrs. Weasley dos rebugados.

O quarto lá mesmo em cima, onde Ron dormia, estava tal e qual como quando Harry lá estivera a passar uns dias. Os mesmos *posters* da mesma equipa de Quidditch, onde os Chudley Cannons acenavam e rodopiavam nas paredes e no tecto inclinado. O aquário no peitoril da janela, que da outra vez tinha dentro ovos de rã, continha agora um sapo enorme. O velho

rato de Ron, *Scabbers*, já ali não estava. Em vez dele, via-se a pequenina coruja cinzenta que entregara a Harry a carta de Ron em Privet Drive e que saltava para cima e para baixo na sua minúscula gaiola, piando como louca.

— Está calada, *Pig* — ordenou Ron, passando entre duas das quatro camas que tinham sido enfiadas dentro do quarto. — O Fred e o George ficam aqui connosco, porque o Bill e o Charlie estão instalados no quarto deles — explicou a Harry. — O Percy teve direito a um quarto só para ele porque tem *trabalho*.

— Hum... por que chamas *Pig* a essa coruja? — perguntou Harry.

— Porque é estúpido — respondeu Ginny. — O nome dela é *Pigwidgeon*.

— Ah sim, e esse nome não é nada estúpido, pois não? — comentou Ron sarcasticamente. — Foi Ginny quem a baptizou — explicou ele a Harry. — Acha bonito. Eu bem tentei remediar as coisas, mas já não fui a tempo. Contudo, ela não responde a nenhum outro nome. Agora é *Pig*. Tenho de a manter aqui, porque irrita a *Errol* e a *Hermes*. A verdade é que ela também me irrita bastante.

Pigwidgeon saltitava feliz dentro da gaiola, soltando pios estridentes. Harry conhecia Ron bem de mais para o tomar a sério. Ele passara a vida a queixar-se do velho rato, *Scabbers*, mas ficara preocupadíssimo quando se receou que *Crookshanks*, o gato de Hermione, o tivesse comido.

— Onde está o *Crookshanks*? — perguntou Harry a Hermione.

— No jardim, espero — respondeu. — Ele adora perseguir gnomos, nunca tinha visto nenhum até agora.

— Então o Percy está a gostar do trabalho? — indagou Harry, sentando-se numa das camas a observar os Chudley Cannons que entravam e saíam dos *posters* do tecto.

— A gostar? — disse Ron com ar lúgubre. — Acho que ele nem teria vindo a casa se o pai não o tivesse obrigado. Está obcecado, sobretudo quando começa a falar do chefe. «*Segundo Mr. Crouch... Como eu disse a Mr. Crouch... Mr. Crouch acha que... Mr. Crouch disse-me no outro dia*». Devem estar a marcar o casamento muito em breve.

— O teu Verão foi bom, Harry? — quis saber Hermione. — Recebeste as nossas encomendas de comida?

— Recebi, obrigado — respondeu Harry. — Aqueles bolos foram a minha salvação.

— E tens tido notícias de... — começou Ron, mas o olhar de Hermione fê-lo calar-se. Harry percebeu que Ron ia perguntar por Sirius. Ron e Hermione tinham estado tão envolvidos na fuga de Sirius do Ministério da Magia que se preocupavam quase tanto com ele como o próprio Harry.

Contudo, falar de Sirius na frente de Ginny não parecia uma boa ideia. Só eles e o professor Dumbledore sabiam como Sirius fugira. Só eles acreditavam na sua inocência.

— Parece-me que deixaram de discutir — lembrou Hermione para quebrar aquele silêncio difícil, porque Ginny olhava com curiosidade ora para Ron ora para Harry. — Vamos descer e ajudar a vossa mãe a preparar o jantar?

— Vamos — anuiu Ron. Saíram os quatro do quarto de Ron e desceram as escadas, indo encontrar Mrs. Weasley na cozinha muito maldisposta a tratar do jantar.

— Vamos comer no jardim — anunciou quando eles entraram. Aqui não há espaço para onze pessoas. Querem levar os pratos lá para fora, meninas? O Bill e o Charlie estão a preparar as mesas. Facas e garfos, vocês os dois — disse a Ron e a Harry, apontando com a varinha mais vigorosamente do que desejaria para um monte de batatas dentro do lava-loiça, que saltaram da pele com grande rapidez, fazendo ricochete contra as paredes e o tecto.

— Oh, não! — queixou-se, apontando a varinha desta vez para uma pá que começou a deslizar pelo chão, reunindo as batatas. — Aqueles dois! — gritou selvaticamente, enquanto tirava tachos e panelas de dentro de um armário, e Harry percebeu que ela se referia a Fred e George. — Não sei o que vai ser deles. Não sei mesmo. Não têm ambições, a única coisa que querem é arranjar problemas a toda a gente...

Pousou uma grande caçarola de cobre sobre a mesa da cozinha e começou a rodar a varinha lá dentro. Um molho cremoso saía da ponta da varinha à medida que ela ia mexendo.

— Não é que não tenham inteligência — continuou irritada, levando a caçarola até ao fogão e acendendo-o com outro toque —, mas estão a desperdiçá-la e se não se controlarem depressa, ainda arranjam graves sarilhos. Já recebi mais corujas de Hogwarts por causa deles do que por todos os outros juntos. Se continuarem a comportar-se assim, ainda acabam perante o Departamento de Uso Impróprio da Magia.

Mrs. Weasley apontou a varinha para a gaveta dos talheres que se abriu de repente. Harry e Ron deram um salto para trás, quando várias facas saltaram esvoaçando pela cozinha e começaram a cortar as batatas que a pá colocara de novo dentro do lava-loiça.

— Não sei em que foi que nós errámos na educação que lhes demos — lastimou-se Mrs. Weasley, pousando a varinha e tirando mais caçarolas do armário. — Isto dura há anos, umas coisas atrás das outras e não ouvem nada do que se lhes d... OH NÃO, OUTRA VEZ!

Pegou na varinha que tinha deixado sobre a mesa e que emitira um

guincho, transformando-se num enorme rato de borracha.

— Outra vez uma dessas varinhas falsas! — gritou. — Quantas vezes tenho dito a esses dois que não as deixem espalhadas por aí?

Pegou na varinha verdadeira e voltou-se, verificando que a caçarola que estava sobre o fogão já fumegava.

— Anda lá — disse Ron apressadamente a Harry, tirando da gaveta aberta uma mão-cheia de facas e garfos. — Vamos ajudar o Bill e o Charlie.

Deixaram Mrs. Weasley e saíram pela porta das traseiras em direcção ao pátio.

Mal tinham dado meia dúzia de passos quando viram *Crookshanks*, o enorme gato alaranjado de pernas arqueadas, que vinha a correr disparado do jardim, com a cauda, que parecia uma escova de limpar garrafas, toda espetada no ar. Perseguia uma espécie de batata enlameada, com pernas que Harry identificou de imediato como sendo um gnomo. Com pouco mais de trinta centímetros e uns pezinhos arrebitados, o gnomo tagarelava rapidamente enquanto corria pelo pátio, mergulhando de cabeça numa das grandes galochas que se encontravam espalhadas em volta da porta. Harry ouviu as risadinhas do gnomo, quando *Crookshanks* meteu uma pata dentro da galocha, tentando agarrá-lo. Entretanto, do outro lado da casa vinha um ruído de coisas a chocarem entre si. O motivo de toda aquela agitação foi-lhes revelado quando entraram no jardim e viram que Bill e Charlie empunhavam as varinhas e faziam voar duas mesas velhas e gastas por cima do relvado, lançando-as num estranho combate, cada uma delas tentando pôr a outra fora de campo. Fred e George estavam divertidíssimos. Ginny ria e Hermione, hesitante, rondava a sebe, indecisa entre a animação e a ansiedade.

A mesa de Bill bateu na de Charlie com força e arrancou-lhe uma perna. Ouviu-se um barulho que os fez olhar a todos para cima e deram com Percy a espreitar pela janela do segundo piso.

— Não se importam de estar quietos? — gritou.

— Desculpa, Perce — disse Bill a sorrir. — Como vão os fundos dos caldeirões?

— Muito mal — respondeu Percy de péssimo humor, fechando-lhes a janela na cara. Sempre a rir, Bill e Charlie pousaram as mesas na relva, ao lado uma da outra e, com um toque de varinha, Bill consertou a perna estragada e fez aparecer no ar duas toalhas.

Às sete horas da tarde, as duas mesas gemiam carregadas de pratos e mais pratos da deliciosa comida de Mrs. Weasley e os nove Weasley, juntamente com Harry e Hermione, estavam a instalar-se para comer sob

um céu azul-escuro. Para alguém que se alimentara durante todo o Verão de bolos que de dia para dia se iam tornando rançosos e duros, aquilo era um verdadeiro paraíso e, a princípio, Harry limitou-se a ouvir em silêncio enquanto se servia de bola de frango e presunto, batatas guisadas e salada.

No outro extremo da mesa, Percy contava ao pai tudo sobre o seu relatório acerca dos fundos dos caldeirões.

— Disse a Mr. Crouch que o terei pronto na terça-feira — afirmava pomposamente Percy. — É um pouco mais rápido do que ele esperava, mas eu gosto de ter as coisas adiantadas. Acho que Mr. Crouch me vai agradecer por ter feito o trabalho tão depressa. Afinal ele está atarefadíssimo lá no departamento com todos os preparativos para a Taça Mundial. Não estamos a ter o apoio necessário por parte do Departamento de Jogos e Desportos Mágicos. O Ludo Bagman...

— Eu gosto do Ludo — disse com brandura Mr. Weasley. — Foi ele quem nos arranjou os magníficos bilhetes para assistirmos à Taça. Eu fiz-lhe uma espécie de favor. O irmão dele, o Otto, meteu-se numa embrulhada qualquer de um cortador de relva com poderes especiais. Eu suavizei um pouco as coisas.

— Oh, o Bagman não é mau tipo — admitiu Percy, afastando o assunto. — Só não sei como conseguiu ficar a chefiar o departamento! Quando o comparo com Mr. Crouch! Mr. Crouch nunca perderia um membro do seu departamento sem tentar descobrir o que lhe tinha acontecido. Já reparou que a Bertha Jorkins desapareceu há mais de um mês? Foi passar férias à Albânia e ainda não voltou.

— Sim, eu fiz essa pergunta ao Ludo — confessou Mr. Weasley, franzindo a testa. — Ele diz que a Bertha já se perdeu um milhão de vezes, embora, deva confessar, se fosse alguém do meu departamento, eu estaria preocupado...

— Oh! A Bertha não tem emenda — disse Percy. — Ouvi dizer que foi empurrada de um departamento para outro durante vários anos. Atrapalhou mais do que trabalhou. Mas, mesmo assim, o Bagman devia tentar encontrá-la. Mr. Crouch tem demonstrado um interesse pessoal. Ela chegou a trabalhar no nosso departamento e acho que Mr. Crouch gostava muito dela, mas o Bagman continua a levar tudo na brincadeira e a dizer que ela se calhar leu mal o mapa e foi parar à Austrália em vez de ir ter à Albânia. Mesmo assim — Percy suspirou e tomou um gole de vinho de flor de sabugueiro — temos bastante com que nos preocupar no Departamento Internacional de Cooperação Mágica para andarmos à procura de membros de outros departamentos. Como sabem, há outro evento para organizar a seguir à Taça Mundial.

Pigarreou afectadamente e olhou para o outro extremo da mesa, onde Harry, Ron e Hermione estavam sentados. — Sabe de que é que eu estou a falar, pai? — elevou um pouco a voz. — Do mais secreto de todos.

Ron revirou os olhos e murmurou a Harry e Hermione: — Anda a ver se lhe perguntamos que evento é esse desde que começou a trabalhar. Provavelmente uma exposição de caldeirões de fundo espesso.

A meio da mesa, Mrs. Weasley discutia com Bill por causa do brinco na orelha, que parecia ser uma aquisição recente.

— ... Com um dente de serpente pendurado? Francamente, Bill. Que dizem lá no banco?

— Mãe, lá no banco estão-se nas tintas para o que eu uso, desde que faça bem o meu trabalho — respondeu Bill, cheio de paciência.

— E o teu cabelo está um disparate, filho — disse Mrs. Weasley, afagando carinhosamente a sua varinha. Quem me dera que me deixasses acertá-lo...

— Eu gosto — disse Ginny que estava sentada ao lado de Bill. — És tão antiquada, mãe! O cabelo dele não tem metade do comprimento do cabelo do professor Dumbledore...

Ao lado de Mrs. Weasley, Fred, George e Charlie conversavam animadamente sobre a Taça Mundial.

— Tem de ser a Irlanda — afirmava Charlie com a boca cheia de batatas. — Eles deram cabo dos peruanos nas Semifinais.

— Mas a Bulgária tem o Viktor Krum — lembrou Fred.

— O Krum é um bom jogador, mas a Irlanda tem sete — afirmou Charlie secamente. — Bem que eu gostava que a Inglaterra tivesse entrado. Foi embaraçoso, lá isso foi.

— Que aconteceu? — perguntou Harry ansioso, lamentando mais do que nunca o isolamento do mundo da feitiçaria a que era sujeito em Privet Drive. Harry era um apaixonado de Quidditch. Jogava como *seeker* na equipa dos Gryffindor desde o primeiro ano em que frequentava Hogwarts e tinham-lhe oferecido uma *Flecha de Fogo*, uma das melhores vassouras de corrida do mundo.

— Foi a Transilvânia, trezentos e noventa a dez — disse Charlie melancolicamente. — Um espectáculo aterrador. O País de Gales perdeu contra o Uganda e a Escócia foi chacinada pelo Luxemburgo.

Mr. Weasley fez aparecer candelabros para iluminar o jardim sombrio, antes de começarem a comer a sobremesa, um gelado de morangos feito em casa. Quando acabaram, as traças esvoaçavam por sobre a mesa e o ar quente espalhava o perfume da relva e da madressilva. Harry sentia-se extremamente satisfeito com o jantar e em paz com o mundo, enquanto

observava os vários gnomos que, correndo pelos canteiros das rosas, riam como loucos ao serem perseguidos por *Crookshanks*.

Ron olhou cautelosamente para a mesa, assegurando-se de que o resto da família estava distraída a conversar. Só então disse baixinho a Harry: — Então, tens tido notícias do Sirius?

Hermione olhou, aproximando-se para ouvir.

— Sim — respondeu Harry baixinho. — Por duas vezes. Parece estar bem. Escrevi-lhe anteontem. Talvez ele responda enquanto eu estiver aqui.

Lembrou-se subitamente do motivo que o levara a escrever a Sirius e, por momentos, esteve quase a contar a Ron e a Hermione que a testa lhe doera no sítio da cicatriz e os pormenores do sonho que o acordara... mas não quis preocupá-los naquele momento em que ele próprio se sentia feliz e tranquilo.

— Olhem para as horas! — disse de repente Mrs. Weasley, consultando o relógio de pulso. — Vocês já deviam estar deitados, todos vocês. Têm de se levantar de madrugada para irem aos jogos da taça. Harry, se deixares a tua lista da escola cá fora, eu posso comprar-te as coisas amanhã na Diagon-Al. Vou comprar as coisas dos outros todos. Podes não ter tempo depois da Taça Mundial. Da última vez o campeonato durou cinco dias.

— Uau! Espero que dure também este ano — disse Harry entusiasmado.

— Bem, espero que não — retorquiu Percy hipocritamente. Tremo só de pensar no estado da minha secretária se eu estivesse afastado do trabalho durante cinco dias.

— Pois, alguém podia pôr lá outra vez esterco de dragão, não era, Perce? — comentou Fred.

— Era uma amostra de fertilizante da Noruega — defendeu-se Percy, corando muito. — Não foi nada contra mim.

— Foi, sim — murmurou Fred ao ouvido de Harry quando se levantaram da mesa. — Fomos nós que o mandámos.

VI

O BOTÃO DE TRANSPORTE

Quando Mrs. Weasley sacudiu Harry de manhã cedo para o despertar, ele pensou que tinha acabado de adormecer na cama de Ron.

— São horas, Harry querido — murmurou ela, indo a seguir acordar Ron.

Harry tacteu à procura dos óculos, pô-los e sentou-se. Lá fora, ainda estava tudo escuro. Ron balbuciava palavras indistintas, enquanto a mãe tentava arrancá-lo do sono. Aos pés da cama, Harry viu duas sombras grandes e indistintas, emergindo de um emaranhado de cobertores.

— Já está na hora? — perguntou Fred, vacilante.

Vestiram-se em silêncio, demasiado ensonados para falar. Depois, bocejando e espreguiçando-se, os quatro desceram as escadas e foram até à cozinha.

Mrs. Weasley estava junto ao fogão a mexer o conteúdo de uma grande caçarola, enquanto o marido, sentado à mesa, verificava um maço de enormes bilhetes de pergaminho. Olhou para os rapazes quando entraram e abriu os braços para que eles pudessem ver melhor a sua roupa. Vestia uma espécie de pulôver de golfe e uns *jeans* muito velhos, grandes de mais para ele, presos com um cinto largo de cabedal.

— Então? — perguntou ansioso. — Temos de ir incógnitos, achas que pareço um Muggle, Harry?

— Sim — disse ele a sorrir. — Está muito bem.

— Onde estão o Bill, o Charlie e o Percy? — perguntou George, não conseguindo evitar um bocejo.

— Bem, eles vão Materializar-se, não vão? — indagou Mrs. Weasley, colocando a grande panela sobre a mesa e começando a deitar *porridge*¹ nas tigelas. — Assim sendo, podem ficar um pouco mais na cama.

Harry sabia que a Materialização era muito difícil. Implicava desaparecer e reaparecer quase instantaneamente noutro lugar.

— Quer dizer que ainda estão deitados? — resmungou Fred, puxando para si a taça de *porridge*. — Por que não podemos Materializar-nos nós também?

— Porque vocês não têm idade para isso e ainda não fizeram o exame — lançou Mrs. Weasley. — E onde se meteram as raparigas?

Mrs. Weasley saiu da cozinha e ouviram-na subir as escadas.

— É preciso fazer um exame para nos podermos Materializar? — perguntou Harry.

— Claro — confirmou Mr. Weasley, guardando cautelosamente os bilhetes no bolso de trás dos *jeans*. — O Departamento de Transportes Mágicos teve de multar um casal há dias por se Materializar sem licença. A Materialização não é fácil e, quando não é bem feita, pode criar graves complicações. Estes dois de quem estou a falar separaram-se.

Toda a gente anuiu, excepto Harry.

— Hã... *separaram-se*?

— Deixaram metade do corpo para trás — explicou Mr. Weasley, deitando grandes quantidades de melaço na papa. Portanto, ficaram presos. Não podiam ir para a frente nem para trás. Tiveram de esperar que a Brigada de Anulação de Acidentes Mágicos fosse tirá-los de onde estavam. Ainda implicou um razoável trabalho burocrático por causa dos Muggles que avistaram as partes do corpo que eles deixaram para trás.

Harry teve um rápido vislumbre de duas pernas e de um globo ocular abandonados na calçada de Privet Drive.

— Ficaram bem? — perguntou, alarmado.

— Sim, claro — disse Mr. Weasley com o ar mais natural deste mundo. — Mas apanharam um valente susto e não creio que lhes apeteça arriscar de novo nos tempos mais próximos. Materializar-se não é brincadeira nenhuma. Muitos feiticeiros adultos nem tentam. Preferem as vassouras que são mais lentas, mas bem mais seguras.

— Mas o Bill, o Charlie e o Percy conseguem Materializar-se sem perigo?

— O Charlie teve de fazer o exame duas vezes — revelou Fred com um sorriso de orelha a orelha. — Da primeira vez chumbou. Materializou-se oito quilómetros a sul do local indicado, mesmo em cima de uma pobre mulher que andava às compras, lembram-se?

— Sim, mas passou da segunda vez — condescendeu Mr. Weasley, voltando à cozinha por entre risinhos abafados.

— O Percy só fez o exame há duas semanas — disse George. — Tem-se

Materializado todas as manhãs cá em baixo para o pequeno-almoço, só para mostrar que é capaz.

Ouviram-se passos no corredor e Hermione e Ginny entraram na cozinha, ambas pálidas e ensonadas.

— Para que é que temos de nos levantar tão cedo? — perguntou Ginny, esfregando os olhos enquanto se sentava à mesa.

— Ainda temos de andar um bocado — explicou Mr. Weasley.

— Andar? — disse Harry. — Vamos a pé até à Taça Mundial?

— Não, não. Isso fica a quilómetros de distância — tranquilizou-o Mr. Weasley com um sorriso. — Só precisamos de andar um bocado. É que se torna muito difícil a um grupo grande de feiticeiros reunir-se, sem atrair a atenção dos Muggles. Temos de ter muito cuidado no modo como viajamos em determinadas épocas, e numa ocasião tão importante como a Taça Mundial de Quidditch...

— George! — exclamou Mrs. Weasley com rispidez e todos estremeceram.

— Que foi? — perguntou George com um ar inocente que não enganava ninguém.

— O que é isso que tens no bolso?

— Nada.

— Não me mintas!

Mrs. Weasley apontou a varinha ao bolso de George e exclamou: — *Accio!*

Vários objectos minúsculos de todas as cores saltaram do bolso do filho que tentou em vão agarrá-los, enquanto se dirigiam a grande velocidade para a mão estendida de Mrs. Weasley.

— Nós dissemos-vos para os destruírem! — ralhou Mrs. Weasley, pegando no que eram indubitavelmente Rebuçados Língua de Légua. — Não vos mandámos deitá-los todos fora? Esvaziem os bolsos, vocês os dois.

A cena tornara-se bastante desagradável. Era óbvio que os gémeos tinham tentado fazer sair à socapa lá de casa o maior número possível de rebuçados e Mrs. Weasley só conseguira detectar o seu paradeiro utilizando Encantamentos de Convocação.

— *Accio, Accio, Accio!* — gritava ela, enquanto os rebuçados saltavam dos mais inesperados lugares, como o forro do casaco de George e as dobras dos *jeans* de Fred.

— Levámos seis meses a criá-los! — gritou Fred à mãe, enquanto ela se livrava dos rebuçados.

— Ah, uma linda maneira de passar seis meses — guinchou. — Não

admira que tivessem as notas que tiveram.

Em resumo, o ambiente não era dos melhores no momento em que saíram de casa. Mrs. Weasley continuava carrancuda quando deu um beijo de despedida a Mr. Weasley, mas mais maldispostos ainda estavam os gémeos que tinham posto as mochilas às costas e saído sem dirigir palavra à mãe.

— Bem, divirtam-se — desejou Mrs. Weasley. — E portem-se bem — gritou aos gémeos que se afastavam de costas para ela, mas eles não olharam para trás nem lhe responderam. — Eu mando o Bill, o Charlie e o Percy ter convosco por volta do meio-dia — disse Mrs. Weasley a Mr. Weasley enquanto ele, juntamente com Harry, Ron, Hermione e Ginny, atravessava o pátio escuro atrás de Fred e George.

Estava uma madrugada fria e ainda se via a Lua no céu. Apenas um leve matiz de verde abaixo da linha do horizonte revelava o aproximar do amanhecer. Harry, que vinha a pensar nos milhares de feiticeiros que se dirigiam naquele momento para a Taça Mundial de Quidditch, aumentou o ritmo da marcha para acompanhar Mr. Weasley.

— Então como é que toda a gente lá chega sem despertar a atenção dos Muggles? — perguntou.

— A organização tem sido um problema — suspirou Mr. Weasley. — O drama é que vêm cerca de cem mil feiticeiros e nós não temos condições de os alojar a todos. Há lugares onde os Muggles não podem entrar, mas já viste bem o que é tentar enfiar cem mil feiticeiros na Diagon-Al ou na Plataforma Nove e Três Quartos? Tivemos, portanto, que desencantar um bom terreno deserto e tomar todas as possíveis precauções anti-Muggles. O Ministério em peso tem estado a trabalhar nisto desde há meses. Em primeiro lugar, claro, temos de escalonar as chegadas. As pessoas com bilhetes mais baratos devem chegar duas semanas antes. Apenas um número limitado de feiticeiros utiliza os meios de transporte dos Muggles, mas não podemos ter muitos a obstruir-lhes os comboios e as camionetas, repara que vêm feiticeiros de todos os cantos do mundo. Materializam-se, claro, mas temos de estabelecer pontos seguros bem longe dos Muggles, para eles se Materializarem. Penso que há um bosque jeitoso que está a ser usado como zona de Materialização. Para aqueles que não puderem ou não quiserem Materializar-se, temos os Botões de Transporte. São objectos utilizados para transportar os feiticeiros de um lado para o outro num momento predeterminado. Podem organizar-se grupos relativamente grandes em caso de necessidade. Foram postos a funcionar duzentos Botões de Transporte colocados em lugares estratégicos em toda a Grã-Bretanha e o que fica mais perto de nós está no cimo de Stoatshead Hill, para onde nos

estamos a dirigir.

Mr. Weasley apontou em direcção a um lugar em frente onde uma enorme massa escura se erguia, para além da aldeia de Ottery St. Catchpole.

— Que tipo de objectos são os Botões de Transporte? — perguntou Harry, cheio de curiosidade.

— Bem, podem ser qualquer coisa — disse Mr. Weasley. — Coisas discretas, como é óbvio, para que os Muggles não se lembrem de as apanhar e brincar com elas... coisas que eles achem que são lixo...

Desceram com dificuldade a vereda escura que levava à aldeia. Apenas os passos cortavam o silêncio. O céu iluminava-se muito lentamente à medida que se aproximavam, dissolvendo a sua cor de tinta negra num azul profundo. Harry tinha os pés e as mãos gelados. Mr. Weasley não parava de olhar para o relógio.

Não conseguiam falar enquanto subiam Stoatshead Hill, tropeçando aqui e ali numa toca oculta de coelho, ou escorregando nos espessos tufos de ervas. Cada inspiração profunda de Harry fazia-lhe doer o peito e as pernas começavam a ficar entorpecidas quando, por fim, os pés encontraram terreno plano.

— Uf! — arquejou Mr. Weasley, tirando os óculos e limpando-os ao pulôver. — Fizemos um bom tempo. Temos dez minutos.

Hermione foi a última a chegar ao cimo do monte, dobrada ao meio por causa de uma pontada.

— Agora só precisamos do Botão de Transporte — disse Mr. Weasley, trocando de óculos e procurando no chão. — Não deve ser grande... vamos lá...

Espalharam-se para se porem à procura. Tinham passado apenas alguns minutos quando um grito cortou o ar tranquilo.

— Aqui, Arthur! Aqui, chegámos, filho! — Duas sombras esguias recortavam-se contra o céu brilhante do outro lado do monte.

— Amos! — exclamou Mr. Weasley a sorrir, enquanto se aproximava a passos largos do homem que gritara. Os outros seguiram-no.

Mr. Weasley apertava a mão a um feiticeiro de cara rosada com uma barba castanha e rala que segurava na outra mão uma bota cheia de bolor.

— Meninos, este é o Amos Diggory — anunciou Mr. Weasley. — O Amos trabalha para o Departamento de Regulação e Controlo das Criaturas Mágicas. E julgo que conhecem o filho dele, o Cedric!

Cedric Diggory era um rapaz muito bonito de cerca de dezassete anos de idade. Era capitão e *seeker* da equipa de Quidditch dos Hufflepuff em Hogwarts.

— Olá — disse Cedric, olhando à sua volta.

Todos responderam — Olá! — excepto Fred e George que se limitaram a fazer um aceno. Nunca tinham perdoado a Cedric o facto de ser responsável pela derrota da equipa deles no primeiro campeonato de Quidditch do ano anterior.

— A caminhada foi longa, Arthur? — perguntou o pai de Cedric.

— Nem por isso — disse Mr. Weasley. — Nós moramos já ali do outro lado da aldeia. E vocês?

— Tivemos de nos levantar às duas, não foi, Ced? Se querem que vos diga, só vou ficar tranquilo quando ele passar no exame de Materialização. Mas não me queixo... Não perdia a Taça Mundial nem por um saco cheio de galeões, que é praticamente o preço dos ingressos. Bem, parece que me saí desta! — Amos Diggory olhou para os três irmãos Weasley e para Harry, Hermione e Ginny. — São todos teus, Arthur?

— Não, não, só os ruivos — disse Mr. Weasley, apontando para os filhos. — Esta é a Hermione, amiga do Ron, e o Harry, outro amigo.

— Pelas barbas de Merlim! — exclamou Amos Diggory com os olhos muito abertos. — Harry? O Harry Potter?

— Hã... sim — hesitou Harry.

Harry estava habituado a que as pessoas olhassem para ele com curiosidade quando o conheciam, e à maneira como os olhares se dirigiam de imediato à cicatriz em forma de raio que tinha na testa, mas continuava a sentir-se pouco à vontade sempre que isso acontecia.

— O Ced falou de ti, claro — disse Amos Diggory. — Contou-nos tudo sobre o jogo do ano passado... Eu disse-lhe, ora aí tens, Ced, uma história para contar aos teus netos... que venceste o Harry Potter.

Harry não sabia que resposta dar àquilo, por isso ficou calado. Fred e George estavam de novo com ar carrancudo. Cedric parecia levemente incomodado.

— O Harry caiu da vassoura, pai — murmurou. — Eu expliquei-lhe... foi um acidente...

— Sim, mas tu não caíste, pois não? — contrapôs Amos, dando uma palmada nas costas do filho, com o ar de quem não tem qualquer dúvida. — Sempre modesto, o nosso Ced, sempre um cavalheiro... mas venceu o melhor. Tenho a certeza de que o Harry concordará comigo, não é assim, Harry? Um cai da vassoura, outro aguenta-se, não é preciso ser um génio para perceber qual é o que voa melhor!

— Deve estar na hora — disse rapidamente Mr. Weasley, olhando outra vez para o relógio. — Sabes se estamos à espera de mais alguém, Amos?

— Não, os Lovegood já chegam há uma semana e os Fawcett não

conseguiram arranjar bilhetes — respondeu Diggory. — Não há mais nenhum feiticeiro nesta zona. Ou há?

— Que eu saiba, não — disse Mr. Weasley. — Bem, falta um minuto. É melhor prepararmo-nos.

Olhou em volta para Harry e Hermione. — Vocês só têm de tocar no Botão de Transporte. Basta tocar com um dedo.

Com alguma dificuldade, devido às pesadas mochilas, os nove rodearam a bota velha que Amos Diggory segurava na mão.

Ficaram ali, num círculo apertado, enquanto uma brisa fresca soprava do cimo do monte. Ninguém falou. Subitamente passou pela mente de Harry quão estranho seria para um Muggle que aparecesse ali, naquele momento, ver nove pessoas, entre elas dois adultos, a agarrarem naquela bota nauseabunda na semiobscuridade, à espera...

— Três... — murmurou Mr. Weasley com os olhos postos no relógio. — Dois... Um...

Aconteceu bruscamente: Harry sentiu como se um gancho o tivesse agarrado a meio do corpo, puxando-o, de forma irresistível para a frente. Os pés abandonaram o chão, sentia Ron e Hermione, um de cada lado, os ombros de ambos a baterem nos seus. Avançavam os três a grande velocidade num remoinho de vento colorido. O dedo indicador de cada um estava colado à bota como se esta os puxasse magneticamente para a frente e então...

Os pés tocaram de novo em terra firme. Ron veio a cambalear contra ele e caíram ambos. O Botão de Transporte bateu no chão perto da sua cabeça com um ruído pesado e surdo.

Harry olhou para cima. Mr. Weasley, Mr. Diggory e Cedric estavam ainda a pairar imóveis, embora totalmente desgrenhados. Todos os outros estavam no chão.

— Chegaram os de Stoatshead Hill às cinco e sete — anunciou uma voz.

VII

BAGMAN E CROUCH

Harry desembarçou-se de Ron e pôs-se de pé. Tinham chegado a um lugar que parecia ser uma extensão deserta e brumosa de um pântano. Na sua frente estavam dois feiticeiros cansados e mal-humorados, um dos quais segurava um enorme relógio de ouro, enquanto o outro tinha nas mãos um descomunal rolo de pergaminho e uma pena de escrever. Estavam ambos vestidos como os Muggles, se bem que de forma desajeitada. O homem do relógio usava um fato de *tweed* e galochas até ao joelho. O seu companheiro vestia um *kilt* e um poncho.

— Bom dia, Basil — cumprimentou Mr. Weasley, pegando na bota e entregando-a ao feiticeiro do *kilt*, que a lançou para dentro de uma grande caixa de Botões de Transporte já usados que estava atrás de si. Harry conseguiu vislumbrar um jornal antigo, uma lata de refrigerante vazia e uma bola de futebol cheia de furos.

— Olá, Arthur — disse Basil com um ar fatigado. — Não estás a trabalhar, hem? A vida é muito boa para alguns... nós passámos aqui a noite... é melhor ires andando, estamos à espera de um grupo muito grande vindo da Floresta Negra que deve chegar às cinco e um quarto. Espera aí, eu digo-te qual é o teu acampamento... Weasley... Weasley... — consultou a lista no pergaminho. — A cerca de quinhentos metros a pé, o primeiro campo que encontrares. O encarregado é Mr. Roberts. Tu, Diggory... segundo campo... pergunta por Mr. Payne.

— Obrigado, Basil — agradeceu Mr. Weasley, fazendo sinal aos outros para que o seguissem.

Começaram a andar pela charneca deserta, incapazes de ver grande coisa por entre a neblina. Vinte minutos mais tarde avistaram uma casinha de pedra com um portão. Para além dela, Harry apenas conseguia adivinhar

centenas de tendas montadas sobre a suave ladeira de um grande campo que se estendia em direção a um bosque no horizonte. Despediram-se dos Diggory e aproximaram-se da porta da pequena casa de pedra. No limiar encontrava-se um homem que olhava atentamente para as tendas. Harry percebeu, mal o viu, que se tratava do único verdadeiro Muggle em todos aqueles hectares. Ao ouvir passos, o homem voltou a cabeça e olhou para eles.

— Bom dia — disse amavelmente Mr. Weasley.

— Bom dia — disse o Muggle.

— O senhor é Mr. Roberts?

— Exactamente. E o senhor?

— Weasley. Duas tendas. Foram reservadas há alguns dias.

— Cá está — anuiu Mr. Roberts, consultando a lista que estava presa na porta. — O seu espaço é junto do bosque. Só para uma noite?

— Isso mesmo — confirmou Mr. Weasley.

— Vai pagar agora? — perguntou Mr. Roberts.

— Sim, claro — disse Mr. Weasley, que recuou um pouco, aproximando-se de Harry. — Ajuda-me, Harry — murmurou, tirando da algibeira uma mão-cheia de dinheiro dos Muggles e começando a separar as notas umas das outras. — Esta é de... dez? Ah, sim, cá está o numerozinho... e esta é de cinco?

— Vinte — corrigiu Harry em voz baixa, pouco à vontade com o ar excessivamente atento de Mr. Roberts.

— Ah sim, é isso... eu não sei, estes bocadinhos de papel...

— É estrangeiro? — perguntou Mr. Roberts quando Mr. Weasley se aproximou com as notas certas.

— Estrangeiro? — repetiu Mr. Weasley, espantado.

— Não é o primeiro a ter dificuldades com o dinheiro — comentou Mr. Roberts, observando Mr. Weasley de perto. — Há um bocado, uns dez minutos, estiveram aqui dois que queriam pagar-me com umas moedas douradas do tamanho do tampão de uma roda.

— A sério? — exclamou, nervoso, Mr. Weasley.

Mr. Roberts remexeu numa caixa, à procura de troco.

— Nunca vi aqui tanta gente — disse de repente, olhando novamente para o campo enevoadado. — Centenas de reservas. As pessoas costumam aparecer sem marcar.

— É mesmo? — disse Mr. Weasley com a mão estendida à espera do troco que Mr. Roberts tardava em entregar-lhe.

— Pode crer — disse com ar pensativo. — Gente de todo o lado, imensos estrangeiros. E não só estrangeiros, excêntricos, sabe como é?

Anda para aí um a passear com um *kilt* e um poncho.

— Qual é o mal? — perguntou Mr. Weasley, curioso.

— Não sei, isto deve ser uma espécie de comício — disse Mr. Roberts.

— Parece que se conhecem todos uns aos outros. Como um grande grupo.

Nesse momento, um feiticeiro com umas calças de golfe surgiu no ar junto da porta da frente do encarregado do acampamento.

— *Obliviate!* — exclamou secamente apontando a varinha a Mr. Roberts.

No mesmo instante, os olhos do encarregado ficaram desfocados, as sobrancelhas descontrairam-se e um ar de despreocupação sonhadora invadiu-lhe o rosto. Harry reconheceu os sinais de alguém cuja memória acabava de ser modificada.

— Um mapa do acampamento para o senhor — disse tranquilamente Mr. Roberts a Mr. Weasley. — E o seu troco.

— Muito obrigado — respondeu Mr. Weasley.

O feiticeiro das calças de golfe acompanhou-os até ao portão do acampamento. Parecia exausto. O seu queixo estava azulado por causa da barba por fazer e tinha umas olheiras fundas e arroxeadas. Quando se afastaram e Mr. Roberts deixara de os poder ouvir, ele murmurou a Mr. Weasley: — Tem-me dado imenso trabalho, aquele Muggle. Precisa de um feitiço antimemória dez vezes ao dia para andar contente. E o Ludo Bagman não ajuda. Anda por aí a falar de *bludgers* e *quaffles* em alto e bom som, sem se preocupar minimamente com a segurança anti-Muggle. Vou respirar fundo quando isto acabar. Até logo, Arthur.

Desmaterializou-se.

— Eu pensava que Mr. Bagman era o chefe dos Jogos e Desportos Mágicos — afirmou Ginny. — Ele devia saber que não se pode andar por aí a falar de *bludgers* com Muggles por perto, não é?

— Devia — disse Mr. Weasley a sorrir, conduzindo-os até às cancelas do acampamento. — Mas o Ludo foi sempre um pouco... bem... negligente com a segurança. Em contrapartida, é o mais entusiástico chefe do Departamento de Desportos que poderias encontrar. Chegou, ele próprio, a jogar Quidditch pela Inglaterra, não sei se sabem. E foi o melhor *beater* que os Wimbourne Wasps já tiveram.

Atravessaram com dificuldade o campo brumoso pelo meio das tendas. Muitas delas eram vulgares. Os donos tinham obviamente tentado fazê-las parecer o mais possível com as dos Muggles, mas haviam falhado ao colocarem-lhes chaminés, campainhas e cata-ventos. Ainda assim, aqui e ali, podia ver-se uma tenda tão claramente mágica que Harry não estranhava absolutamente nada toda aquela desconfiança de Mr. Roberts.

Mais ou menos a meio do campo, estava uma forma extravagante de seda às riscas que parecia um palácio em miniatura com vários pavões à entrada, presos com correntes. Um pouco mais adiante passaram por uma tenda de três andares com vários torreões e, logo a seguir, havia outra com um jardim na frente onde podia ver-se uma fonte, um relógio de sol e vários bebedouros redondos para os pássaros.

— Sempre o mesmo — disse Mr. Weasley a sorrir. — Não conseguimos resistir a exibirmo-nos sempre que nos juntamos. Ah, cá está o nosso lugar.

Tinham chegado ao cimo do acampamento, a um espaço vazio com um grande letreiro enfiado no chão onde podia ler-se «Weezy».

— O lugar não podia ser melhor — observou Mr. Weasley satisfeito. — O estádio fica mesmo do outro lado. Estamos o mais perto possível. — Tirou a mochila das costas. — Pronto — prosseguiu excitadíssimo. — Aqui não é, de modo algum, autorizada a magia. Não pode ser, estamos na terra dos Muggles. Vamos montar estas tendas à mão. Não deve ser muito difícil... os Muggles fazem-no montes de vezes, não é, Harry? Por onde será melhor começarmos?

Harry nunca acampara em toda a sua vida. Os Dursley nunca o tinham levado com eles para férias. Preferiam deixá-lo entregue a Mrs. Figg, uma vizinha velhota. Mesmo assim, ele e Hermione descobriram o lugar onde os ferros e as estacas deviam ser colocados e, apesar de Mr. Weasley atrapalhar mais do que ajudava, porque ficou entusiasmadíssimo quando chegou a altura de usar o maço, conseguiram por fim erguer um par de tendas muito coçadas, cada uma delas com espaço para duas pessoas. Chegaram-se todos para trás para admirar o seu trabalho manual. Ninguém ao olhar para aquelas tendas diria que pertenciam a feiticeiros, pensou Harry. O único problema era que quando Bill, Charles e Percy chegassem, seriam um grupo de dez. Hermione pareceu ter vislumbrado também o problema. Olhou para Harry de modo trocista, enquanto Mr. Weasley se agachava e entrava na primeira tenda.

— Um pouco apertada — queixou-se —, mas acho que cabemos cá todos. Vem dar uma espreitadela.

Harry baixou-se, passou sob a aba da tenda e ficou pasmado. Acabava de entrar numa espécie de apartamento antiquado, de três divisões, com casa de banho e cozinha. O mais estranho de tudo é que estava mobilado num estilo muito semelhante ao da casa de Mrs. Figg. Havia toalhinhas de croché a tapar as costas e os braços das cadeiras e sentia-se um forte cheiro a gatos.

— Bem, não será por muito tempo — disse Mr. Weasley, limpando a calva com um lenço e olhando para as quatro camas de beliche que

ocupavam o quarto. — Pedi tudo isto emprestado ao Perkins, meu colega no departamento. Ele já não acampa muitas vezes, coitado, sofre de lumbago.

Pegou na chaleira poeirenta e espreitou lá para dentro. — Vamos precisar de água...

— Há uma bica destacada neste mapa que o Muggle nos deu — lembrou Ron que entrara na tenda atrás de Harry e parecia impassível com as suas proporções interiores. — Fica do outro lado do acampamento.

— Então por que não vais lá com o Harry e a Hermione buscar água? — Mr. Weasley entregou-lhes a chaleira e algumas caçarolas. — E nós aqui vamos procurar lenha para fazer uma fogueira.

— Mas temos um forno, por que não...

— Ron, a segurança anti-Muggle! — advertiu Mr. Weasley, com o rosto exprimindo precaução. — Os verdadeiros Muggles quando acampam costumam cozinhar ao ar livre. Já os vi muitas vezes a fazer isso.

Depois de uma breve verificação à tenda das raparigas, que era ligeiramente mais pequena que a dos rapazes, embora não cheirasse a gatos, Harry, Ron e Hermione atravessaram o acampamento com a chaleira e as caçarolas.

Agora, com o Sol quase a nascer e a neblina a dissipar-se, podiam ver a cidade de tendas que se estendia em todas as direcções. Abriram lentamente caminho pelas alas entre as tendas, olhando ansiosamente em volta. O que intrigava Harry era a imensa quantidade de feiticeiras e feiticeiros. Quantos existiriam ao todo no mundo? Nunca se preocupara muito com os dos outros países.

Os companheiros de campismo começavam a acordar. As primeiras a agitar-se eram as famílias com filhos pequenos. Harry nunca tinha visto feiticeiras e feiticeiros tão novinhos. Um garotinho que não devia ter mais de dois anos gatinhava à entrada de uma enorme tenda em forma de pirâmide, segurando uma varinha e empurrando, satisfeito, uma lesma que estava na relva. Quando se aproximaram dele, a mãe saiu disparada da tenda.

— Quantas vezes já te disse, Kevin? Não-se-mexe-na-varinha-do-papá. Ui!

Com o pé pisou a enorme lesma que rebentou.

A indignação cortou a quietude da manhã, fazendo-se ouvir nos gritos do garotinho. — *Bentaste* a lesma! *Bentaste* a lesma!

Mais adiante, duas feiticeirinhas, pouco mais velhas que Kevin, cavalgavam em duas vassouras de brinquedo que se elevavam apenas o suficiente para que os pés das meninas roçassem ao de leve a relva húmida

de orvalho. Um feiticeiro do Ministério já as vira. Quando passou, apressado, por Harry, Ron e Hermione, murmurou vagamente: — Diante de toda a gente, à luz do dia! E os paizinhos a gozarem o calorzinho da cama, com certeza...

De um lado e de outro surgiam feiticeiras e feiticeiros adultos que saíam das suas tendas para começar a preparar o pequeno-almoço. Alguns deles, lançando à sua volta olhares furtivos, faziam aparecer lume com as suas varinhas, outros riscavam fósforos com expressões de dúvida no rosto, como se não acreditassem que aquilo funcionasse. Três feiticeiros africanos, de longos mantos brancos, estavam sentados a conversar com ar grave, assando uma espécie de coelho num lume alilazado, enquanto um grupo de feiticeiras americanas de meia-idade conversava animadamente debaixo de um estandarte enfeitado de lantejoulas que haviam esticado entre as suas tendas e onde podia ler-se: *Instituto das Bruxas de Salem*. Harry apanhou pedaços de conversas em idiomas desconhecidos que vinham de dentro das tendas por onde iam passando e, embora não compreendesse uma única palavra, apercebia-se da excitação que havia em todas as vozes.

— Hã... será impressão minha ou ficou tudo verde? — disse Ron.

Não era dos olhos dele. Tinham acabado de entrar num espaço de tendas todas cobertas por uma variedade de trevo que as fazia parecer mais pequenas. Era como se montículos de formas excêntricas tivessem brotado da terra. Dentro das tendas que tinham as abas levantadas podia ver-se rostos sorridentes. Foi então que ouviram atrás de si alguém gritar.

— Harry! Ron! Hermione!

Era Seamus Finnigan, um colega deles do quarto ano dos Gryffindor, sentado em frente da sua tenda coberta de trevos ao lado de uma mulher de cabelo ruivo, que devia ser a mãe, e do seu melhor amigo, Dean Thomas, também dos Gryffindor.

— Gostam dos enfeites? — perguntou Seamus quando Harry, Ron e Hermione se aproximaram para os cumprimentar. — O Ministério não gostou lá muito.

— Por que não haveríamos de mostrar as nossas cores? — protestou Mrs. Finnigan. — Vocês deviam ver o que os búlgaros têm pendurado nas tendas deles. Vocês torcem pela Irlanda, claro? — acrescentou com os olhos a brilhar.

Continuaram a andar, depois de terem assegurado a Mrs. Finnigan que iam torcer pela Irlanda. Apesar de Ron ter dito entredentes: — Como se nós pudéssemos dizer outra coisa com todo aquele grupo à nossa volta.

— O que será que os búlgaros têm pendurado nas tendas? — perguntou,

curiosa, Hermione.

— Vamos dar uma espreitadela — desafiou Harry, apontando para uma zona lá em cima onde a bandeira da Bulgária, vermelha, verde e branca, esvoaçava ao vento.

As tendas ali não tinham sido adornadas com plantas. Cada uma delas tinha o mesmo *poster* colado, um *poster* com um rosto muito carrancudo, de sobranceiras pretas e farfalhudas. A imagem movia-se, claro, mas limitava-se a pestanejar e a franzir a testa.

— O Krum — disse baixinho Ron.

— O quê? — perguntou Hermione.

— O Krum — repetiu Ron. — O Viktor Krum, o *seeker* dos búlgaros.

— Parece mesmo maldisposto — constatou ela, olhando em volta para os muitos Krums que pestanejavam os olhos e franziam a testa.

— *Maldisposto?* — Ron ergueu os olhos para o céu. — Quem é que se rala se ele está maldisposto ou bem-disposto? Ele é excepcional. E é muito novo. Não tem mais de dezoito anos. É um génio. Esperem até logo à noite e vão ver.

Havia uma pequena fila para a bica no extremo do acampamento. Harry, Ron e Hermione juntaram-se-lhe, ficando logo atrás de dois homens que estavam a ter uma acalorada discussão. Um deles era um feiticeiro muito velho que usava uma longa camisa de noite às flores. O outro era claramente um feiticeiro do Ministério. Tinha umas calças de riscas e quase gritava de desespero.

— Veste-as, Archie, vá lá. Não podes andar por aí assim. O Muggle da entrada já começa a andar desconfiado...

— Comprei esta roupa numa loja de Muggles — dizia teimosamente o velho feiticeiro. — Os Muggles usam-na.

— As mulheres Muggles, Archie, não são os homens. Os homens usam isto — e mostrava-lhe as calças de riscas.

— Não vou vestir essa coisa — disse o velho Archie indignado. — Gosto de sentir uma brisa saudável nas partes íntimas, obrigado.

Hermione foi atacada por um riso incontrolável e teve de se afastar da bica, só voltando depois de Archie ter recolhido a sua água e ter-se afastado.

Andando agora mais lentamente, devido ao peso da água, fizeram o caminho de regresso através do acampamento. Aqui e ali iam avistando mais gente conhecida: outros estudantes de Hogwarts, com as respectivas famílias. Oliver Wood, o antigo capitão da equipa de Harry de Quidditch, que terminara os seus estudos em Hogwarts, arrastou Harry para conhecer os pais e comunicou-lhe por entre uma grande excitação que acabara de ser

destacado para uma equipa de suplentes do Puddlemere United. A seguir, foram cumprimentados por Ernie Macmillan, um Hufflepuff do quarto ano e, um pouco mais adiante, viram Cho Chang, uma garota muito bonita que jogara como *seeker* na equipa dos Ravenclaw. Ela acenou e sorriu a Harry, que entornou uma grande quantidade de água, enquanto lhe dizia adeus. Mais para evitar os sorrisos dengosos de Ron do que outra coisa, Harry apressou-se a apontar para um grande grupo de adolescentes que não conhecia de lado nenhum.

— Quem serão eles? — perguntou. — Não vão para Hogwarts, pois não?

— Devem ir para uma escola qualquer no estrangeiro — opinou Ron. — Sei que há outras escolas, mas nunca conheci ninguém que lá andasse. O Bill teve uma correspondente de uma escola do Brasil... mas foi há muitos anos... Ele queria fazer intercâmbio de férias com ela, mas o pai e a mãe não tinham dinheiro para isso. Ela mostrou-se muito ofendida quando o Bill lhe explicou que não podia ir e então ela mandou-lhe um chapéu enfeitado, que fez com que ele ficasse com as orelhas todas encarquilhadas.

Harry riu-se, mas não deixou transparecer o grande espanto que sentira ao ouvir falar de outras escolas de feitiçaria. E agora, que se apercebia da existência de feiticeiros de tantas nacionalidades, sentiu-se um pouco estúpido por ter imaginado que Hogwarts era a única escola. Olhou para Hermione, cuja expressão não denotava a menor surpresa. Certamente soubera por algum livro da existência das múltiplas escolas de feitiçaria.

— Vocês demoraram séculos — protestou George quando finalmente regressaram à tenda dos Weasley.

— Encontrámos algumas pessoas pelo caminho — justificou-se Ron, pousando a vasilha com água. — Ainda não acenderam o lume?

— O pai tem estado a brincar com os fósforos — disse Fred.

Mr. Weasley não estava a conseguir acender o lume, mas não era por falta de tentativas: centenas de paus de fósforos cobriam o chão à sua volta e tinha o ar de quem estava a divertir-se como nunca.

— Ai! — exclamou ao conseguir acender um fósforo, deixando-o cair surpreendido.

— Então, Mr. Weasley — disse Hermione amavelmente, tirando-lhe a caixa das mãos e mostrando-lhe como se fazia.

Por fim, lá acenderam o lume, embora tivessem tido de esperar mais uma hora até que estivesse pronto para cozinhar alguma coisa. Havia, porém, muito que observar enquanto esperavam. A tenda deles parecia estar montada no meio de uma via pública que ia dar ao estádio e os membros do

Ministério não paravam de andar de cima para baixo, cumprimentando cordialmente Mr. Weasley. Este fazia alguns comentários, que se dirigiam principalmente a Harry e Hermione, já que os seus filhos sabiam quase tudo sobre o Ministério e não manifestavam qualquer interesse.

— Aquele era o Cuthbert Mockridge, chefe do Departamento de União dos Duendes... aí vem o Gilbert Wimple da Comissão de Feitiços Experimentais, já tem aquelas antenas há algum tempo... Olá, Arnie... Arnold Peasegood, é um Obliviator, membro do Pelotão de Inversão dos Acidentes Mágicos e aqueles ali são o Bode e o Croaker... são Inomináveis.

— São o quê?

— Pertencem ao Departamento dos Mistérios, ninguém sabe o que fazem...

Finalmente, o lume ficou pronto e tinham começado a cozinhar ovos com salsichas quando Bill, Charlie e Percy vieram a correr do bosque.

— Materializámo-nos agora mesmo, pai — disse bem alto Percy. — Ah, que almoço magnífico.

Estavam a meio das suas doses de ovos com salsichas quando Mr. Weasley se pôs de pé a acenar e a sorrir a um homem que se aproximava. — Ah! — exclamou. — O homem do momento, Ludo!

Ludo Bagman era, de longe, a pessoa mais famosa que Harry tinha conhecido desde que ali estava, incluindo o velho Archie, com a sua camisa de dormir às florzinhas. Ludo vestia um longo manto de Quidditch com largas riscas horizontais, negras e amarelo-vivo. Estampada no peito podia ver-se a imagem de uma enorme vespa. Tinha o aspecto de um homem corpulento e bem constituído. O manto estava preso por um cinto largo que envolvia uma barriga que já não era certamente a mesma dos tempos em que jogara Quidditch pela Inglaterra. O nariz era espalmado, talvez partido por uma *bludger* extraviada, pensou Harry, mas os olhos redondos e azuis, o cabelo curto e loiro e a pele rosada davam-lhe o ar de um rapazinho que crescera de mais.

— Olá! — saudou Bagman bem-disposto. Caminhava como se tivesse molas nas plantas dos pés e estava num estado de grande excitação.

— Arthur, meu velho — disse, quase sem fôlego, ao chegar ao acampamento. — Que dia, hem? Que dia! Não podíamos ter pedido um dia mais adequado, pois não? Uma noite sem nuvens que se aproxima... e nenhum contratempo nos preparativos... tudo a correr bem!

Atrás dele, um grupo de feiticeiros do Ministério com um ar esgazeado passava apressado, apontando para indícios de um qualquer fogo mágico que enviava para o ar faíscas violetas.

Percy avançou de mão estendida. Pelos vistos, as críticas que tecera ao modo como Ludo Bagman geria o Departamento não o impediram de fazer tudo para dar uma boa impressão de si próprio.

— Ah... sim — disse Mr. Weasley com um grande sorriso. — Este é o meu filho, Percy. Começou agora a trabalhar no Ministério. E este é o Fred, não, o George, desculpa, este é que é o Fred. O Bill, o Charlie, o Ron, a minha filha Ginny e os amigos do Ron, a Hermione Granger e o Harry Potter.

Bagman fez um leve sinal de surpresa quando ouviu o nome de Harry e o seu olhar poisou como habitualmente na cicatriz que ele tinha na testa.

— Meninos, este é o Ludo Bagman, vocês conhecem-no. Foi graças a ele que conseguimos estes magníficos bilhetes.

Bagman abriu um largo sorriso e fez um aceno com a mão, como que dizendo que isso não tinha importância.

— Vai uma apostinha, Arthur? — propôs ele ansiosamente, fazendo tinir o que deviam ser moedas de ouro que trazia dentro dos bolsos do manto amarelo e preto. — Já apostei com o Roddy Pontner em como os jogadores da Bulgária vão ser os primeiros a marcar. Concedi-lhe uma grande vantagem, considerando que a terceira frente da Irlanda é a mais forte que vi de há muitos anos para cá. E a pequena Agatha Timms apostou metade da sua parte no viveiro de enguias em como o jogo vai ter a duração de uma semana.

— Oh, vá lá — disse Mr. Weasley. — Digamos... um galeão em como vence a Irlanda.

— Um galeão? — Ludo Bagman olhou desiludido, mas recompôs-se rapidamente. — Está bem, está bem... mais alguém quer apostar?

— Eles são muito novos para apostas — opôs-se Mr. Weasley. — A Molly não gostaria nada que...

— Bem, aposto trinta e sete galeões, quinze leões de prata e três janotas — arriscou Fred, enquanto ele e George juntavam todas as suas posses —, na Irlanda a vencer. Mas o Viktor Krum apanha a *snitch*. Ah, e ainda lhe damos de bónus uma varinha falsa.

— Vocês não vão querer mostrar a Mr. Bagman essa coisa imprestável — interrompeu Percy, mas Bagman não pareceu achar que a varinha fosse uma porcaria. Pelo contrário, o seu rosto agitado brilhou de entusiasmo quando Fred lhe entregou e quando a varinha deu um guincho, transformando-se num frango de borracha. Bagman desatou a rir.

— Excelente. Há anos que não via nenhuma tão convincente. Dou-te cinco galeões por ela!

Percy franziu a testa numa atitude de desaprovação.

— Meninos — avisou Mr. Weasley em voz baixa. — Não vos quero a apostar... essas são todas as vossas economias... a vossa mãe...

— Não sejas desmancha-prazeres, Arthur — bradou Ludo Bagman, chocalhando os bolsos ansiosamente. — Eles já têm idade de saber o que querem. Vocês acham que a Irlanda vence, mas o Krum agarra a *snitch*. Não há hipótese, rapazes, não há hipótese. Vou dar-vos um bónus... acrescento cinco galeões ao preço da varinha falsa, agora, vamos...

Mr. Weasley olhou com ar impotente para Ludo Bagman, que sacou de um bloco e uma pena de escrever e começou a apontar os nomes dos gémeos.

— Viva! — exclamou George pegando no pedaço de pergaminho que Bagman lhe estendia e guardando-o cuidadosamente.

Bagman voltou-se para Mr. Weasley muito satisfeito. — Podes dar-me uma ajuda? Ando à procura do Barty Crouch. O meu homónimo búlgaro anda a criar-me dificuldades e não consigo perceber uma palavra do que ele diz. O Barty será capaz de resolver o assunto, visto que fala cerca de cento e cinquenta idiomas.

— Mr. Crouch? — disse Percy, abandonando de imediato a sua expressão desaprovadora e contorcendo-se de excitação. — Ele fala cerca de duzentos idiomas! Mermish, Gobbledegook e Troll...

— Toda a gente consegue falar troll — disse Fred desdenhosamente. — Basta apontar e grunhir.

Percy lançou a Fred um olhar cruel e atijou vigorosamente o lume para fazer com que a água da chaleira fervesse.

— Já há notícias da Bertha Jorkins, Ludo? — perguntou Mr. Weasley, enquanto Bagman se instalava na relva ao lado deles.

— Nem sombra — disse Bagman confortavelmente instalado —, mas ela vai acabar por aparecer. Coitada da Bertha... tem uma memória que parece um caldeirão furado e é totalmente desorientada. Perdeu-se, podem acreditar no que eu vos digo. Acabará por aparecer no departamento lá para Outubro, convencida de que ainda estamos em Julho.

— Não achas que é altura de mandar alguém à procura dela? — sugeriu Mr. Weasley, cheio de boa vontade, enquanto Percy entregava o chá a Bagman.

— O Barty Crouch passa a vida a dizer isso — prosseguiu Bagman, enquanto os olhares à sua volta se abriam inocentemente. — Mas não podemos dispensar ninguém neste momento. Ah, falai no mau. Barty!

Um feiticeiro acabava de se Materializar junto do lume e não poderia estabelecer maior contraste com Ludo Bagman, que se encontrava estendido na relva com o seu antigo equipamento dos Wasp. Barty Crouch

era um homenzinho já de certa idade, muito direito, que parecia um poste de baliza. Vestia um fato bem engomado e usava gravata. O risco no seu cabelo grisalho pouco abundante era quase perfeitamente rectilíneo e o seu bigode estreito e farfalhudo dava a sensação de ter sido aparado com a ajuda de uma régua de cálculo. Calçava sapatos muito bem engraxados. Harry percebeu imediatamente por que motivo Percy tinha uma tal admiração por ele. Percy acreditava piamente na rigidez das normas e Mr. Crouch levava tão a sério a imposição de parecer um Muggle que poderia ter sido confundido com um gerente bancário. Harry duvidava de que o próprio tio Vernon, se o visse, não o tomasse por um distinto Muggle.

— Senta-te aqui na relva, Barty — convidou Ludo com um grande sorriso, dando uma palmada no chão, ao seu lado.

— Não, obrigado, Ludo — disse Crouch deixando transparecer alguma impaciência na voz. — Tenho andado à tua procura por tudo quanto é sítio. Os búlgaros insistem para que acrescentemos doze lugares ao camarote de honra.

— Ah, é isso que eles querem? — disse Bagman. — Pensei que o tipo queria que lhe emprestasse uma pinça. Ele tem uma pronúncia esquisita.

— Mr. Crouch — disse Percy, quase sem voz, dobrado numa semivénia que o fazia parecer quase um corcunda. — Não quer uma chávena de chá?

— Oh! — exclamou Mr. Crouch, olhando surpreendido para Percy. — Obrigado, Weatherby.

Fred e George engasgaram-se a rir, enquanto Percy, corado até à raiz dos cabelos, pegava na chaleira.

— Ah, tenho andado para te dar também uma palavrinha, Arthur — disse Mr. Crouch com os seus olhinhos aguçados fixos em Mr. Weasley. — O Ali Bashir está pronto para o ataque. Quer conversar contigo sobre o embargo aos tapetes voadores.

Mr. Weasley suspirou profundamente. — Ainda na semana passada lhe enviei uma coruja a esse respeito. Já lhe disse mais de mil vezes: os tapetes estão catalogados no Registo de Objectos de Encantamento Proibidos. São considerados um artefacto dos Muggles. Mas achas que ele ouve alguma coisa do que se lhe diz?

— Duvido — respondeu Mr. Crouch, aceitando uma chávena de Percy. — Ele está louco por poder exportá-los.

— Bem, em Inglaterra, nunca substituirão as vassouras — opinou Bagman.

— O Bashir acha que há espaço no mercado para um veículo familiar — explicou Mr. Crouch. — Lembro-me de que o meu avô tinha uma *Axminster* onde cabiam doze pessoas. Claro está que isso foi antes de os

tapetes terem sido proibidos.

Falou como se fizesse absoluta questão de deixar bem claro perante os seus interlocutores que nenhum dos seus antepassados transgredira a lei.

— Então, tens tido muito que fazer? — perguntou alegremente Bagman.

— Bastante — confirmou secamente Mr. Crouch. — Organizar Botões de Transporte em cinco continentes não é pêra doce, Ludo.

— Imagino que vocês devem suspirar de alívio quando tudo isto chegar ao fim — disse Mr. Weasley.

Ludo Bagman pareceu chocado. — Alívio? Não me lembro de alguma vez me ter divertido tanto. É claro que não podemos estar de perna estendida, não é, Barty? Ainda há montes de coisas para organizar.

Mr. Crouch arqueou as sobrancelhas. — Tínhamos combinado não falar de nada antes de todos os pormenores...

— Oh, pormenores! — exclamou Bagman, fazendo um aceno como se quisesse lançar a palavra pelos ares. — Eles assinaram, não assinaram? Chegaram a um acordo, não foi? Aposto que estes garotos vão acabar por descobrir de uma maneira ou de outra. Afinal está a acontecer em Hogwarts...

— Ludo, temos de falar com os búlgaros — lembrou Mr. Crouch com rispidez, cortando a palavra a Bagman. — Obrigado pelo chá, Weatherby.

Empurrou a chávena ainda com chá para junto de Percy e esperou que Ludo se levantasse. Bagman pôs-se de pé, acabando por entornar o que restava do chá, enquanto as moedas de oiro tilintavam alegremente nas suas algibeiras.

— Até logo a todos! — disse. — Vocês vão estar lá em cima comigo no camarote de honra. Sou eu quem vai fazer o relato. — Despediu-se com um aceno, Barty Crouch cumprimentou discretamente e os dois Desmaterializaram-se.

— O que está a acontecer em Hogwarts, pai? — quis saber Fred. — De que estavam eles a falar?

— Vais descobrir muito em breve — disse Mr. Weasley a sorrir.

— É uma informação confidencial até ao momento em que o Ministério decidir revelá-la — explicou Percy com um ar importante. — Mr. Crouch fez muito bem em não a divulgar.

— Oh, está calado, Weatherby — protestou Fred.

À medida que a tarde ia avançando, uma leve excitação erguia-se no ar, como uma nuvem palpável que se espalhava por todo o acampamento. Ao anoitecer, o ar quente estival parecia palpar de prenúncios e um véu escuro caía como uma cortina sobre os milhares de feiticeiros ansiosos. Os últimos vestígios de simulação desapareciam: o Ministério parecia ter

cedido perante o inevitável e deixara de reprimir os sinais exteriores de magia que eram agora visíveis por todo o lado.

A cada passo Materializavam-se vendedores, transportando consigo bandejas e empurrando carrinhos cheios de extraordinárias mercadorias. Havia condecorações redondas, luminosas, verdes para a Irlanda, vermelhas para a Bulgária que gritavam bem alto o nome dos jogadores; chapéus verdes pontiagudos adornados com trevos dançantes; lenços da Bulgária enfeitados com leões que rugiam a sério; bandeiras de ambos os países que tocavam os respectivos hinos nacionais quando eram agitadas no ar; havia ainda *Flechas de Fogo* em tamanho pequeno que também voavam e figurinhas de colecção de jogadores famosos que se pavoneavam, correndo na palma da mão de quem as adquiria.

— Andei durante tanto tempo a economizar dinheiro para isto — disse Ron a Harry, enquanto, juntamente com Hermione, se precipitavam para os vendedores para comprar lembranças. Além de Ron ter comprado para si um chapéu com um trevo dançante e uma enorme condecoração verde, comprou também uma figurinha de Viktor Krum, o *seeker* da Bulgária. O minúsculo Krum andava para trás e para a frente na mão de Ron, lançando-lhe um olhar carrancudo.

— Uau! Olha só para estes! — exclamou Harry, correndo para um carrinho que estava cheio de umas coisas que pareciam binóculos de bronze com a singularidade de estarem cobertos de uma imensidão de mostradores e botões.

— Omnioculares — explicou o feiticeiro vendedor, entusiasmado. — Pode repetir-se a acção... tornar tudo mais lento e eles passam imagem a imagem, se nós quisermos. Uma pechincha, dez galeões cada um.

— Se soubesse, não tinha comprado isto — lamentou-se Ron apontando para o chapéu do trevo dançante e olhando melancolicamente para os Omnioculares.

— Três pares — pediu Harry ao feiticeiro sem a menor hesitação.

— Não, não faças isso — proferiu Ron, corando. Sentia-se sempre pouco à vontade com o facto de Harry, que tinha herdado uma pequena fortuna, ter muito mais dinheiro do que ele.

— É o meu presente de Natal — disse Harry, colocando Omnioculares nas mãos de Ron e Hermione.

— Assim está bem — sorriu Ron.

— Uau! Obrigada, Harry — disse Hermione. — Eu vou arranjar uns programas, olhem ali...

Com os porta-moedas bastante mais leves, regressaram às tendas. Bill, Charlie e Ginny já exibiam condecorações verdes e Mr. Weasley

transportava uma bandeira da Irlanda. Fred e George não tinham comprado lembranças, pois todas as suas moedas de ouro haviam ficado com Bagman.

Foi então que um gongo se fez ouvir algures atrás dos montes e, no mesmo instante, lanternas vermelhas e verdes ganharam vida entre as árvores, iluminando o caminho que conduzia ao estádio.

— Está na hora! — anunciou Mr. Weasley, que parecia tão excitado como eles.

— Vamos, vamos embora.

VIII

A TAÇA MUNDIAL DE QUIDDITCH

Transportando as suas compras, avançaram apressadamente pelos campos, com Mr. Weasley na frente, seguindo o rasto luminoso das lanternas. Ouviam o ruído de milhares de pessoas que se agitavam à sua volta, gritos de alegria, fragmentos de canções. A atmosfera de grande entusiasmo era altamente contagiante. Harry não conseguia parar de sorrir. Caminharam pelo mato durante vinte minutos a falar alto e a contar piadas até que chegaram finalmente ao outro lado e viram-se na sombra de um estádio gigantesco. Apesar de Harry apenas conseguir vislumbrar um segmento das paredes douradas que rodeavam o estádio, podia facilmente perceber que naquele espaço poderiam ser erguidas dez enormes catedrais.

— Cem mil lugares sentados — afirmou Mr. Weasley, apercebendo-se do olhar perplexo de Harry. — Uma equipa de quinhentos homens do Ministério trabalhou nisto todo este ano. Está totalmente cheio de feitiços anti-Muggle. Sempre que ao longo deste ano os Muggles se aproximaram deste local, foram assaltados pela lembrança súbita de um encontro urgente e tiveram de sair rapidamente daqui... para bem deles — acrescentou, orgulhoso, mostrando o caminho para a entrada mais próxima, que já se encontrava rodeada de um coro de feiticeiros e feiticeiras aos gritos.

— Lugares de primeira — comentou a feiticeira do Ministério quando viu os bilhetes à entrada. — Camarote de honra! Sempre em frente, Arthur, e a subir.

As escadas do estádio estavam ricamente atapetadas por um tecido carmesim. Subiram juntamente com o resto da multidão, que se infiltrou lentamente pelas portas, enchendo os lugares à esquerda e à direita. O grupo de Mr. Weasley continuou a subir até que chegaram, por fim, ao cimo da escadaria, a um pequeno camarote, no ponto mais alto do estádio,

situado precisamente a meio dos dois postes de marcação. Em duas filas agrupavam-se cerca de vinte cadeiras douradas forradas a púrpura e Harry, que acabara de se sentar com os Weasley nos lugares da frente, olhou para baixo e assistiu a um espectáculo como nunca pudera imaginar.

Cem mil feiticeiras e feiticeiros ocupavam os seus lugares nas cadeiras que estavam dispostas de forma espiralada em volta do enorme campo oval. Tudo estava submerso numa ténue luz dourada, misteriosa e difusa, que parecia vir do próprio estádio. Do lugar onde Harry se encontrava, o relvado parecia macio como veludo. De cada um dos lados podia ver-se os postes de marcação a quinze metros de altura. Mesmo em frente, à altura dos olhos de Harry, havia um painel gigantesco. Palavras surgiam e desapareciam no painel como se a mão invisível de um gigante não parasse de escrever, apagando tudo para em seguida recomençar. Olhando atentamente, Harry apercebeu-se de que eram breves anúncios.

Bluebottle: uma vassoura para toda a família, segura e de confiança e com alarme anti-roubo incorporado... Curador de trapalhadas mágicas de Mrs. Skower: sem dores, sem mazelas!... Gladrags Wizardwear — Londres, Paris, Hogsmeade...

Harry afastou os olhos do anúncio luminoso e espreitou por cima do ombro para ver com quem mais partilhavam o camarote. Até ao momento, encontrava-se praticamente vazio. Apenas uma criatura baixinha estava sentada na antepenúltima cadeira da fila atrás da deles. A criatura, cujas pernas eram tão pequeninas que ficavam espetadas na sua frente, usava um pano da loiça como se fosse uma toga e tinha o rosto escondido entre as mãos. As suas orelhas enormes como as de um morcego pareceram, porém, a Harry estranhamente familiares.

— Dobby! — exclamou, sem querer acreditar.

A pequena criatura olhou para cima e afastou os dedos, revelando uns enormes olhos castanhos e um nariz que tinha o tamanho e a forma exacta de um grande tomate. Não era Dobby, mas tratava-se indubitavelmente de um elfo doméstico como fora Dobby, o amigo que Harry libertara dos seus antigos donos: a família Malfoy.

— O senhor chamar-me Dobby? — guinchou o elfo cheio de curiosidade por entre os dedos que continuavam a tapar-lhe o rosto. A sua vozinha era ainda mais aguda que a de Dobby e Harry desconfiou, embora fosse muito difícil saber, tratando-se de um elfo doméstico, de que este era capaz de ser do sexo feminino. Ron e Hermione voltaram-se para trás nos seus lugares para observar melhor. Apesar de Harry lhes ter falado muito de Dobby,

nunca tinham conseguido vê-lo. Até Mr. Weasley olhou interessadíssimo.

— Desculpa — disse Harry ao elfo. — Pensei que eras alguém que eu conheço.

— Mas eu também conhecer Dobby, senhor! — guinchou o elfo. Ela protegia o rosto estonteado pela luz, apesar de o camarote de honra não estar especialmente iluminado. — O meu nome ser Winky, senhor. E o senhor... — Os seus olhos castanho-escuros esbugalharam-se, até ficarem do tamanho de tampões de uma roda de automóvel, quando passaram pela cicatriz de Harry. — O senhor dever ser Harry Potter.

— Sou, sim — disse Harry.

— Dobby falar de si a toda a hora, senhor — disse ela, baixando lentamente as mãos e ficando com um ar aterrado.

— Como está ele? — perguntou Harry. — Como se está a dar com a liberdade?

— Ah, senhor — disse Winky, abanando a cabeça. — Ah, senhor, sem querer ofender, mas eu não ter a certeza o senhor ter feito um favor ao Dobby quando o senhor o tornar livre...

— Porquê? — quis saber Harry, apanhado de surpresa. — Que se passa?

— A liberdade ter subido à cabeça de Dobby, senhor — respondeu tristemente Winky. — Ideias acima da sua posição. Não arranjar outro emprego.

— Porquê? — perguntou Harry.

Winky baixou um pouco a voz e murmurou: — Ele estar a querer que os outros pagar pelo trabalho dele.

— Pagar? — disse Harry com naturalidade. — Claro, mas por que não haviam de lhe pagar?

Winky pareceu horrorizada com a ideia e fechou os dedos de tal modo que o rosto ficou de novo oculto.

— Elfos domésticos não serem pagos, senhor — disse num guincho abafado. — Não, não, não. Eu dizer a Dobby. Eu dizer para ele ir procurar uma família simpática e ficar. Dobby estar a procurar dar nas vistas, senhor, o que não ficar nada bem a um elfo doméstico. Tu continuar assim sem fazer nada, Dobby, dizer eu, e ainda acabar perante o Departamento de Regulação e Controlo de Criaturas Mágicas, como um duende qualquer.

— Bem, já era altura de ele se divertir um bocado.

— Os elfos domésticos não dever divertir-se, Harry Potter — disse Winky com firmeza, por detrás das duas mãos. — Elfos domésticos fazer o que lhes mandam. Eu não gostar nada das alturas, Harry Potter. — Ela espreitou receosa pelo parapeito do camarote e engoliu em seco. — Mas o meu amo mandar-me para o camarote de honra e eu vir, senhor.

— Para que te mandou ele para aqui, se sabe que não gostas de alturas? — perguntou Harry, franzindo a testa.

— O meu amo quer que eu guardar lugar para ele, Harry Potter, ele estar muito ocupado — disse Winky, voltando a cabeça para o espaço vazio ao seu lado. — Winky desejar voltar para a tenda do seu amo, Harry Potter, mas Winky fazer o que lhe mandam, Winky ser uma boa elfo doméstico.

Lançou pelo parapeito do camarote outro olhar aterrorizado e voltou a tapar completamente os olhos. Harry voltou-se para os outros.

— Então isso é um elfo doméstico? — murmurou Ron. — Coisas esquisitas, não são?

— Dobby era mais estranho — disse Harry vigorosamente.

Ron pegou nos Omnioculares e começou a experimentá-los, observando a multidão do outro lado do estádio.

— Genial! — exclamou, carregando no botão de *replay*, que estava ao lado.

— Posso fazer aquele velhote ali tirar macacos do nariz outra vez... outra vez... e outra... e outra...

Entretanto, Hermione folheava ansiosamente o seu programa com capa de veludo.

— O jogo será precedido de um desfile das mascotes das equipas — leu em voz alta.

— Ah, isso é sempre engraçado — comentou Mr. Weasley. — As equipas nacionais trazem criaturas das suas terras para dar um toque ao espectáculo.

O camarote foi-se enchendo aos poucos durante a meia hora seguinte. Mr. Weasley não parava de apertar a mão a pessoas que eram obviamente feiticeiros muito importantes. Percy pôs-se tantas vezes de pé que parecia estar a querer sentar-se em cima de um ouriço-cacheiro. Quando Cornelius Fudge, o Ministro da Magia, chegou, Percy fez uma vénia tão rasgada que os óculos lhe caíram ao chão, partindo-se. Extremamente embaraçado, consertou-os com a varinha e, depois disso, ficou quieto no seu lugar, lançando olhares carregados de ciúme a Harry, que Cornelius Fudge cumprimentou como se fosse um velho amigo. Já se conheciam e Cornelius Fudge pegou na mão de Harry de modo paternal, perguntando-lhe como estava e apresentando-o aos feiticeiros que o acompanhavam.

— Este é o Harry Potter — disse bem alto ao Ministro búlgaro que vestia uma magnífica capa de veludo negro, avivada a ouro e que parecia não perceber uma palavra de inglês. — O Harry Potter... então, não me diga que não sabe... o rapaz que sobreviveu ao Quem-Nós-Sabemos. Certamente já ouviu falar...

O feiticeiro búlgaro apercebeu-se subitamente da cicatriz de Harry e começou a apontar para ela e a dizer coisas muito confusas em voz altíssima.

— Sabia que havíamos de lá chegar — disse Fudge alegremente a Harry. — Não sou lá muito bom em línguas. Preciso do Barty Crouch para este tipo de coisas. Estou a ver ali o seu elfo doméstico a guardar-lhe o lugar... uma boa ideia, porque estes búlgaros imprestáveis têm tentado agarrar os melhores lugares. Ah... aí vem o Lucius!

Harry, Ron e Hermione voltaram-se rapidamente. Na segunda fila, avançando para três lugares ainda vazios, atrás de Mr. Weasley, estavam, nem mais nem menos, que os antigos amos de Dobby: Lucius Malfoy, o seu filho Draco e uma mulher que Harry supôs ser a mãe de Draco.

Harry e Draco Malfoy eram inimigos desde o primeiro dia em Hogwarts. Pálido, com um rosto comprido e cabelo loiro claro, Draco parecia-se muito com o pai. A mãe era igualmente loira. Alta e magra, podia ser considerada bonita, se não ostentasse um olhar de quem tem de suportar um cheiro nauseabundo.

— Ah, Fudge! — exclamou Mr. Malfoy, apertando a mão ao Ministro da Magia. — Como estás? Julgo que não conheces a minha mulher, Narcisa? Nem o nosso filho Draco?

— Muito prazer, muito prazer! — retorquiu Fudge a sorrir, fazendo uma vénia a Mrs. Malfoy. — E permitam-me que vos apresente Mr. Oblansk, Obalonsk, Mr... bem, o Ministro da Magia da Bulgária, ele não percebe uma única palavra do que eu estou a dizer, por isso não se preocupem. E, vejamos quem mais conheces, o Arthur Weasley, suponho?

Seguiu-se um momento de tensão. Mr. Weasley e Mr. Malfoy olharam um para o outro e Harry recordou pormenorizadamente a última vez em que os dois se tinham encontrado. Fora na livraria Borrões e Floreados, onde se tinham envolvido à pancada. Os olhos cinzentos e frios de Mr. Malfoy passaram com desprezo sobre Mr. Weasley e, em seguida, percorreram a fila.

— Não posso crer, Arthur — disse em voz baixa. — O que tiveste tu de vender para comprar lugares no camarote de honra? Certamente a tua casa não terá sido suficiente?

Fudge, que não estava a ouvir, disse: — O Lucius acaba de dar uma contribuição muito generosa para o Hospital de São Mungo de Doenças e Lesões Mágicas, Arthur. Está aqui como meu convidado.

— Que... agradável — murmurou Mr. Weasley, com um sorriso retorcido.

Os olhos de Mr. Malfoy pousaram em Hermione, que ficou levemente

corada, mas aguentou o olhar com firmeza. Harry sabia perfeitamente o que significava aquele esgar ao canto da boca de Mr. Malfoy. Os Malfoy orgulhavam-se de pertencer a uma raça pura. Por outras palavras, consideravam qualquer pessoa que descendesse de Muggles, como Hermione, um ser de segunda categoria. Contudo, sob o olhar do Ministro da Magia, Mr. Malfoy não se arriscou abrir a boca. Fez um aceno sarcástico a Mr. Weasley e prosseguiu o caminho com a família até aos seus lugares. Draco lançou a Harry, Ron e Hermione um olhar de desprezo e em seguida instalou-se entre a mãe e o pai.

— Que tipos nojentos! — murmurou Ron, enquanto Harry e Hermione voltavam a cara para ver melhor. No momento seguinte, Ludo Bagman entrava no camarote de honra.

— Então, tudo a postos? — indagou, verdadeiramente entusiasmado, com o rosto redondo a brilhar como um queijo holandês. — Ministro, está pronto?

— Quando tu estiveres, Ludo — disse Fudge.

Ludo agitou a varinha, voltou-a para a sua própria garganta e proferiu: *Sonorus!* e, em seguida falou por cima do enor me ruído que enchia o recinto. A sua voz ecoou de tal modo que podia ouvir-se em cada recanto do estádio: — Minhas senhoras e meus senhores... sejam bem-vindos. Bem-vindos à final da quadricentésima vigésima segunda Taça Mundial de Quidditch!

Os espectadores gritavam e batiam palmas. Milhares de bandeiras ondulavam ao vento, acrescentando à confusão os diferentes hinos nacionais. A última mensagem no enorme quadro preto em frente da tribuna (*Feijões de Todos os Sabores da Bertie Botts, uma tentação em cada colherada!*) foi apagada. No quadro podia agora ler-se: BULGÁRIA: ZERO, IRLANDA: ZERO.

— E agora, sem mais delongas, permiti que vos apresente... as mascotes da equipa búlgara!

O lado direito das bancadas, uma compacta mancha escarlate, rugiu em sinal de aprovação.

— Que raio terão eles trazido? — perguntou Mr. Weasley, inclinando-se um pouco para a frente no lugar. — Aaah! — Tirou subitamente os óculos e limpou-os apressadamente ao manto. — *Veela?*

— O que são *Veel*...?

Mas centenas de *Veela* enchiam agora o estádio e a pergunta de Harry teve imediatamente resposta. *Veela* eram mulheres, as mulheres mais belas que Harry vira até então... só que... não eram, não podiam ser humanas. Por momentos, Harry ficou confuso, enquanto tentava descobrir o que

seriam elas ao certo. Que poderia fazer com que a sua pele brilhasse como a lua e os cabelos, de um loiro platinado, esvoaçassem atrás delas, se não havia vento...

Porém, nesse momento, a música começou a tocar e Harry deixou de se preocupar com o facto de as *Veela* não serem humanas. Em boa verdade, deixou de se preocupar com o que quer que fosse.

Elas tinham começado a dançar e o seu espírito ficou completamente nas nuvens. A única coisa que desejava era continuar a vê-las porque sentia que, se parassem de dançar, algo de tenebroso aconteceria.

À medida que as *Veela* dançavam cada vez mais depressa, pensamentos, perigosos e incompletos, perseguiam Harry: apetecia-lhe fazer algo de estapafúrdio, saltar da tribuna para o estádio parecia-lhe uma boa ideia... mas seria suficientemente boa?

— Que estás a fazer, Harry? — disse a voz de Hermione que parecia vir de muito longe.

A música parou. Harry pestanejou. Estava de pé com uma das pernas dobrada e encostada à parede da tribuna. Ao seu lado, Ron estava paralisado, numa postura tal que parecia que ia saltar de um trampolim.

Gritos enraivecidos enchiam o estádio. A multidão não queria que as *Veela* se fossem embora e Harry estava com eles. É claro que apoiaria a Bulgária e perguntava vagamente a si próprio por que motivo tinha um trevo verde no seu chapéu. Entretanto, Ron estava longe dali, em espírito, esfrangalhando os trevos do chapéu. Mr. Weasley, sempre a sorrir, inclinou-se para Ron e tirou-lhe o chapéu das mãos.

— Vais querê-los de novo — avisou. — Logo que chegue a vez da Irlanda.

— Hem? — disse Ron, de boca aberta, olhando embasbacado para as *Veela* que estavam agora alinhadas num dos extremos do estádio.

Hermione fez um ruído de desaprovação com a língua e obrigou Harry a sentar-se. — Francamente!

— E agora — declarou a voz de Ludo Bagman —, por favor, queiram erguer as vossas varinhas pelas mascotes da Irlanda!

No momento seguinte, o que parecia ser um enorme cometa verde e dourado entrou aos ziguezagues pelo estádio dentro. Deu uma volta e, em seguida, dividiu-se em dois cometas mais pequenos, cada um dos quais se dirigiu para um dos postes de marcação. Um arco-íris formou-se ao longo do campo, unindo as duas bolas de luz. A multidão lançou «Ooos» e «Aaaaas», como se estivesse a assistir a uma sessão de fogo-de-artifício. Agora o arco-íris atenuava-se e as bolas reuniam-se, fundindo-se numa única bola de luz. Tinham acabado de formar um enorme trevo brilhante

que se ergueu bem alto no céu e começou a planar sobre a multidão, dando lugar a uma espécie de chuva dourada.

— Magnífico! — gritou Ron, enquanto o trevo planava e pesadas moedas de ouro choviam, fazendo ricochete sobre as suas cabeças e as cadeiras onde estavam sentados. Olhando para o trevo com mais atenção, Harry apercebeu-se de que, na realidade, era composto por centenas de homenzinhos de barbicha com capas vermelhas, cada um deles transportando consigo uma minúscula luzinha ora vermelha, ora verde.

— Duendes? — gritou Mr. Weasley, sobre o aplauso tumultuoso da multidão, da qual grande parte se encontrava ainda atarantada, a recolher o ouro debaixo dos lugares.

— É isso mesmo! — confirmou Ron feliz, entregando a Harry uma mão-cheia de moedas de ouro. — Pelos Omnioculares. Agora tens de me comprar um presente de Natal. Ah! Ah!

O gigantesco trevo desfez-se, os duendes aterraram no campo, do lado oposto às *Veela*, e instalaram-se de pernas cruzadas, prontos para assistir ao jogo.

— E agora, minhas senhoras e meus senhores, queiram saudar a Equipa Nacional de Quidditch da Bulgária: Dimitrov!

Em cima de uma vassoura, uma criatura com uma capa escarlate, movendo-se a uma velocidade alucinante, entrou de rompante no estádio, vinda de uma entrada pouco visível, sob os aplausos entusiásticos da claqué búlgara.

— Ivanova!

Outro jogador, nas suas vestes escarlates, surgiu no campo.

— Zograf! Levski! Vulchanov! Volkov! Eeeeeee... Krum!

— É ele. É ele! — gritava Ron, seguindo Krum com os Omnioculares. Harry, sem perder tempo, focou também os seus.

Viktor Krum era magro, moreno de pele, e tinha um nariz aquilino e sobranceiras escuras e espessas. Parecia uma enorme ave de rapina. Era difícil acreditar que tinha apenas dezoito anos.

— E agora, por favor, as vossas saudações para a Equipa Nacional de Quidditch da Irlanda! — gritou Bagman. — Apresentando: Connolly! Ryan! Troy! Mullet! Moran! Quigley! Eeeee... Lynch!

Sete manchas verdes varreram o campo. Harry carregou num botãozinho dos Omnioculares e tornou a entrada dos jogadores mais lenta, até conseguir ler as palavras *Flecha de Fogo* em todas as vassouras e ver os respectivos nomes gravados em letras prateadas nas costas de cada um.

— E agora, vindo de propósito do Egipto, o nosso árbitro, o feiticeiro presidente da Associação Internacional de Quidditch, Hassan Mostafa!

Um feiticeiro pequenino, totalmente calvo, cujo bigode podia perfeitamente rivalizar com o do tio Vernon, transpôs o campo a passos largos. Usava vestes de ouro puro, que condiziam com o próprio estádio. Sob o bigode farfalhudo, podia ver-se um apito de prata. Debaixo de um dos braços transportava uma grande caixa de madeira, debaixo do outro uma vassoura. Harry carregou no botão dos Omnioculares, fazendo-os voltar ao normal e viu de perto como Mostafa montava a sua vassoura e abria a caixa — quatro bolas soltaram-se no ar: a *quaffle* escarlate, as duas *bludgers* pretas e, Harry viu por um breve momento antes de ela desaparecer, a minúscula *snitch* de asas douradas. Com uma forte apitadela, Mostafa ergueu-se no ar atrás das bolas.

— Arraaaaancaram! — gritou Bagman. — E é Mullet! Troy! Moran! Dimitrov! Novamente Mullet! Troy! Levski! Moran!

Era Quidditch como Harry nunca tinha visto. Encostava os olhos com tanta força aos Omnioculares que os óculos lhe cortavam a cana do nariz. A velocidade dos jogadores era inacreditável. Os *chasers* lançavam a *quaffle* de uns para os outros a uma velocidade tal que Bagman mal conseguia dizer os seus nomes. Harry rodou o botão de abrandar, à direita, carregou no botão imagem a imagem no cimo dos Omnioculares e começou a ver o jogo em câmara lenta, enquanto legendas de um carmesim intenso passavam cintilando pelas lentes e o ruído da multidão lhe ressoava nos tímpanos.

Formação de Ataque Cabeça de Falcão, leu, enquanto via os três *chasers* irlandeses a voar muito juntos. Troy, no meio, ligeiramente à frente de Mullet e Moran, aproximava-se um pouco mais dos búlgaros. A *Finta Porskoff* apareceu a seguir, enquanto Troy fingia subir com a *quaffle*, afastando-se da *chaser* búlgara Ivanova e passando a *quaffle* a Moran. Um dos *beaters* da Bulgária, Volkov, ganhou balanço à passagem de uma *bludger* e, com o seu pequeno bastão, lançou-a para Moran. Este baixou-se para evitar a *bludger* deixando cair a *quaffle* que Levski, que pairava debaixo dele, agarrou sem perda de tempo.

— TROY MARCA! — bradou Bagman e o estádio estremeceu num tremendo aplauso e em gritos entusiásticos de Viva. — Dez a zero para a Irlanda.

— O quê? — gritou Harry, olhando descontrolado em volta pelos Omnioculares. — Mas o Levski tem a *quaffle*!

— Harry, se não vires o jogo à velocidade normal, acabas por perder muitas coisas! — gritou Hermione que se saracoteava e agitava os braços no ar, enquanto Troy dava uma volta completa ao estádio. Harry olhou rapidamente por cima dos Omnioculares e viu que os duendes que

observavam o jogo da linha lateral se tinham erguido novamente no ar, formando um grande trevo brilhante. Do outro lado do estádio, as *Veela* olhavam-nos, iradas.

Furioso consigo próprio, Harry carregou no botão, colocando-o de novo na velocidade normal.

Sabia o suficiente sobre Quidditch para se aperceber da genialidade dos *chasers* irlandeses. Comportavam-se como uma equipa a sério, parecendo que liam os pensamentos uns dos outros, pelo modo como se posicionavam. A condecoração em forma de roseta que Harry trazia ao peito não parava de bradar os nomes: Troy, Mullet, Moran! Em menos de dez minutos a Irlanda marcara mais duas vezes, atingindo uma pontuação de trinta a zero e provocando uma maré de aplausos na claque dos verdes.

O jogo ganhou ainda mais velocidade e tornou-se mais agressivo. Volkov e Vulchanov, os *beaters* búlgaros, lançavam contra os *chasers* irlandeses e começavam a tentar impedi-los de se movimentarem à vontade. Por duas vezes foram obrigados a dispersar e, por fim, Ivanova conseguiu furar as suas fileiras, iludir o *keeper* Ryan e marcar o primeiro golo da Bulgária.

— Dedos nos ouvidos — gritou Mr. Weasley mal as *Veela* iniciaram uma dança de aclamação. Harry fechou também os olhos. Queria manter-se concentrado no jogo. Alguns segundos depois, arriscou lançar uma espreitadela ao campo. As *Veela* tinham terminado e a Bulgária estava novamente na posse da *quaffle*.

— Dimitrov! Levski! Dimitrov! Ivanova... Oh! — bradou Bagman.

Num sobressalto, cem mil feiticeiras e feiticeiros ficaram sem voz, ao ver os dois *seekers*, Krum e Lynch, virem direitos ao chão, passando pelo meio dos *chasers* a uma velocidade tal que parecia que tinham saltado de um avião sem pôr os pára-quedas. Harry acompanhava as descidas pelos Omnioculares, esforçando-se por vislumbrar a *snitch*...

— Vão estatelar-se — gritou Hermione, junto de Harry.

Não estava muito longe da verdade. No último segundo, Viktor Krum desistiu da descida e subiu em espiral, enquanto Lynch batia no chão com um ruído surdo que foi ouvido no estádio inteiro. Um enorme gemido ecoou dos lugares dos irlandeses.

— Parvo! — gritou Mr. Weasley. — Krum estava a fintá-lo.

— Desconto de tempo! — gritou a voz de Bagman. Os *feiticlínicos* acorreram de imediato ao campo a fim de examinar Aidan Lynch!

— Vai ficar bem, foi só uma arranhadela — disse Charlie, tranquilizando Ginny que estava toda debruçada na beira do camarote com um olhar aterrorizado. — Era o que Krum pretendia, claro...

Harry carregou precipitadamente nos botões do *replay*, imagem a imagem e rodou a velocidade dos Omnioculares. Em seguida, encostou-os de novo aos olhos.

Viu Krum e Lynch descenderem outra vez em câmara lenta. *Finta Wronski* — *perigoso desvio do seeker*, leu nas brilhantes legendas carmesim. Viu o rosto de Krum contorcer-se num esforço de concentração antes de passar do mergulho à subida, no momento em que Lynch era tratado e só então compreendeu que Krum não tinha a *snitch*, estava só a fazer com que Lynch o imitasse. Harry nunca vira ninguém voar daquela maneira. Krum não parecia montar uma vassoura. Movia-se tão à vontade no ar que dava a impressão de não ter forma nem peso. Harry fez os Omnioculares voltarem ao normal e focou Krum. Andava em círculos acima de Lynch que estava agora a ser reanimado pelos *feiticlínicos* com taças de poções. Concentrando-se ainda mais no rosto de Krum, viu que os seus olhos castanhos varriam o chão trinta metros abaixo de si. Aproveitava o momento em que Lynch estava fora de combate para procurar a *snitch*, sem qualquer interferência.

Por fim, Lynch pôs-se de pé, por entre os aplausos dos seus apoiantes, subiu para a *Flecha de Fogo* e ergueu-se no ar. A sua recuperação pareceu dar nova alma à Irlanda. Quando Mostafa tocou de novo o apito, os *chasers* entraram em acção com uma perícia que ultrapassava tudo o que Harry vira até então.

Após quinze minutos, rápidos e frenéticos, a Irlanda destacara-se com dez golos de vantagem. Lideravam agora com cento e trinta pontos contra dez e o jogo começou a tornar-se mais sujo.

Quando Mullet disparou em direcção ao poste de marcação com a *quaffle* bem segura debaixo do braço, o *keeper* búlgaro Zograf veio a voar ao seu encontro. O que aconteceu a seguir foi tão rápido que Harry não conseguiu entender, mas a raiva dos apoiantes irlandeses e a longa apitadela de Mostafa, indicavam certamente que se tratara de uma falta.

— E Mostafa admoesta o *keeper* da Bulgária por imitar Cobb3, usando excessivamente os cotovelos — informa Bagman aos agitados espectadores. — É, sim, é grande penalidade para a Irlanda!

Os duendes, que se haviam erguido furiosos no ar como um enxame de vespas resplandecentes quando Mullet fora fintada, tinham agora disparado em conjunto, formando no ar um alegre: Ah! Ah! Ah! As *Veela*, do outro lado do campo, puseram-se de pé, sacudiram petulantemente os cabelos, recomeçando a sua dança.

Harry e os rapazes Weasley puseram imediatamente os dedos nos ouvidos, mas, pouco depois, Hermione, que não tinha ligado importância

nenhuma às *Veela*, estava a bater ao de leve no braço de Harry. Ele voltou-se e ela puxou-lhe os dedos para fora dos ouvidos.

— Olha só o árbitro — disse, rindo baixinho.

Harry observou o campo. Hassan Mostafa aterrara em frente das *Veela* dançantes e agia de um modo muito, muito estranho. Não parava de fazer flexões e cofiar o bigode excitadíssimo.

— Não, isto não pode ser! — disse Ludo Bagman que, no entanto, parecia estar a divertir-se bastante. — Alguém tem de dar uma bofetada ao árbitro.

Um *feiticlínico* entrou apressadamente em campo, também ele de dedos enfiados nos ouvidos e deu um forte pontapé no queixo de Mostafa, que pareceu voltar a si. Harry, que espreitava de novo pelos Omnioculares, pôde ver o seu ar extremamente envergonhado e o modo como gritou com as *Veela*, que haviam parado de dançar e pareciam ter-se amotinado.

— Ou eu muito me engano ou Mostafa está a tentar mandar embora as mascotes da equipa da Bulgária — disse a voz de Bagman. — Ora aqui está uma coisa que ainda não tínhamos visto... Oh, isto está a ficar feio.

E estava. Os *beaters* búlgaros, Volkov e Vulchanov tinham aterrado um de cada lado de Mostafa e discutiam acaloradamente com ele, gesticulando contra os duendes que tinham formado desta vez um espirituoso HE! HE! HE! Mostafa não se deixara impressionar pelos argumentos dos búlgaros, levantando o dedo no ar, dizia-lhes claramente que voltassem a voar e, ao ver que se recusavam, soprou por duas vezes o apito.

— Duas grandes penalidades para a Irlanda — gritou Bagman e a multidão búlgara rugiu de descontentamento. — Volkov e Vulchanov... se não subirem imediatamente para as vassouras... aí vão eles... e Troy pega na *quaffle*...

O jogo atingira um nível de ferocidade que ultrapassava tudo o que até então fora visto. Os *beaters* de ambas as equipas estavam a agir de forma impiedosa: Volkov e Vulchanov, então, pareciam não se preocupar se os seus bastões batiam numa *bludger* ou num jogador, quando os agitavam violentamente no ar. Dimitrov atirou contra Moran, que tinha a *quaffle*, por pouco não a fazendo cair da vassoura.

— Falta! — gritaram em uníssono os apoiantes da Irlanda, erguendo-se numa onda de verde.

— Falta! — declarou a voz, magicamente ampliada, de Ludo Bagman. — Dimitrov iludiu Moran, voando deliberadamente para chocar com ela. E só pode ser outra grande penalidade. Sim, lá está o apito.

Os duendes tinham-se erguido de novo no ar para formar desta vez não uma palavra mas sim uma mão gigantesca, num gesto francamente mal-

educado que apontava para as *Veela*. Nesse momento as *Veela* perderam o controlo. Lançaram-se pelo campo fora, arremessando mãos-cheias de fogo contra os duendes. Harry, que observava pelos Omnioculares, viu que a beleza delas tinha desaparecido. As cabeças afilavam-se em rostos que tinham a crueldade das aves de rapina. Nos ombros nasciam-lhes asas longas e escamosas...

— Isto, rapazes — gritou Mr. Weasley, abafando o ruído da multidão — é para vos mostrar que é preciso não confiar nas aparências.

Os feiticeiros do Ministério começavam a encher o campo para separar as *Veela* dos duendes, mas sem grandes resultados. Entretanto, a batalha que se travava lá em cima fazia com que a de baixo parecesse ridícula. Harry voltava-se para um lado e para o outro, espreitando pelos Omnioculares, vendo a *quaff le* mudar de mãos, veloz como uma bala.

— Levski. Dimitrov. Moran. Troy. Mullet. Ivanova. Novamente Moran e... MORAN A MARCAR!

Mas os gritos de aplauso da claque da Irlanda mal se ouviam, tais eram os guinchos das *Veela*, as faíscas que agora saltavam das varinhas dos membros do Ministério e os rugidos furiosos dos búlgaros. O jogo recomeçou logo a seguir. — A *quaffle* está agora com Levski, agora com Dimitrov...

O *beater* irlandês Quigley ganhou balanço para lançar fortemente uma *bludger* que passava e arremessou-a com todo o vigor contra Krum que não teve tempo de se baixar e foi apanhado no rosto.

O ruído da multidão era ensurdecedor. O nariz de Krum parecia partido. O sangue escorria a rodos, mas Hassan Mostafa não voltou a apitar. A sua atenção fora desviada e Harry não podia criticá-lo. Uma das *Veela* acabava de arremessar uma mão-cheia de fogo contra a sua vassoura, que começara a arder.

Harry queria que alguém se apercebesse de que Krum estava ferido. Apesar de torcer pela Irlanda, Krum era o jogador mais notável do campo e naturalmente Ron sentia o mesmo.

— Final do tempo! Ah, ele não pode jogar assim, olhem só...

— Olhem para o Lynch — gritou Harry.

O *seeker* da Irlanda descera rapidamente a pique e Harry tinha a certeza de que não se tratava de nenhuma *Finta Wronski*. Aquilo era mesmo a sério.

— Ele viu a *snitch* — gritou Harry. — Ele viu-a. Olhem para ele!

Metade da multidão parecia ter-se dado conta do que estava a acontecer. Os apoiantes da Irlanda puseram-se de pé numa imensa onda verde, gritando pelo seu *seeker*... mas Krum seguia-o de perto. Harry não

conseguiu perceber como ele via o caminho. Pingos de sangue esvoaçavam atrás dele, mas, mesmo assim, Krum mantinha-se ao nível de Lynch enquanto desciam e se aproximavam do chão.

— Vão cair — guinchou Hermione.

— Não vão nada — resmungou Ron.

— O Lynch vai — gritou Harry.

E tinha razão. Pela segunda vez, Lynch foi contra o solo com uma força tremenda, sendo imediatamente rodeado por uma horda de mulheres *Veela* em fúria.

— A *snitch*, onde está a *snitch*? — bradou Charlie.

— Ele agarrou-a! Krum agarrou-a! Acabou! — gritou Harry.

Krum, com as suas vestes vermelhas, brilhantes do sangue que lhe escorria do nariz, erguia-se suavemente no ar, o punho levantado, um clarão de ouro na mão.

No quadro de marcação a mensagem tremeluzia BULGÁRIA: CENTO E SESSENTA, IRLANDA CENTO E SETENTA. A multidão parecia não se ter ainda apercebido do que acontecera. Então, muito lentamente como se um grande botão estivesse a rodar, o ruído da claqué da Irlanda aumentou cada vez mais e eclodiu em gritos de verdadeiro êxtase.

— VENCE A IRLANDA! — gritou Bagman que, tal como os irlandeses, parecia ter sido surpreendido pelo brusco final do jogo. KRUM AGARRA A *SNITCH* MAS A IRLANDA É VENCEDORA! Incrível! Acho que ninguém estava à espera disto!

— Que vantagem pensava o idiota ter ao agarrar a *snitch*? — resmungou Ron que não parava de dar saltos e de bater as palmas com as mãos acima da cabeça. — A Irlanda já tinha cento e setenta pontos...

— Ele sabia que não conseguiam apanhá-la — gritou Harry sobre o barulho da multidão sem parar de aplaudir.

— Os *chasers* irlandeses eram excepcionalmente bons... Krum queria acabar em igualdade de circunstâncias, só isso.

— Foi muito corajoso, não foi? — comentou Hermione, inclinando-se para a frente para ver Krum aterrar com o enxame de *feiticlínicos* a abrirem caminho por entre os duendes e *Veelas* que se digladiavam, furiosos. — Ele está com um péssimo aspecto...

Harry voltou a levar os Omnioculares aos olhos. Queria ver melhor o que acontecia lá em baixo, porque os duendes corriam satisfeitíssimos ao longo do campo e ele mal conseguia vislumbrar Krum no meio dos *feiticlínicos*. Parecia mais mal-humorado do que nunca e recusava-se a deixar que eles o tratassem. Os seus companheiros, em volta, abanavam a cabeça e tinham um ar consternado. Um pouco mais longe, os jogadores irlandeses

dançavam, felizes, sob uma chuva dourada desencadeada pelos duendes. As bandeiras oscilavam ao vento pelo estádio inteiro e o hino nacional irlandês fazia-se ouvir em todos os pontos do enorme recinto. As *Veela* tinham voltado a ter a sua beleza inicial, embora se mostrassem desiludidas e desanimadas.

— Vem, nós vutámos vurajosamente — disse uma voz melancólica atrás de Harry. Era o ministro búlgaro da Magia.

— O senhor fala inglês! — exclamou Fudge, revoltado. — E tem-me feito usar a mímica durante todo o dia!

— Vem, voi muito vivertido — disse o ministro búlgaro, encolhendo os ombros.

— E, enquanto a equipa irlandesa dá uma volta ao estádio para receber os aplausos do público, acompanhada das suas mascotes, a Taça Mundial de Quidditch é trazida ao camarote de honra — bradou Bagman.

O olhar de Harry ficou subitamente toldado por uma luz branca que iluminou magicamente o camarote, com uma intensidade tal que toda a gente no estádio podia ver lá para dentro. No limiar da porta estavam dois feiticeiros ofegantes que transportavam para a tribuna uma imensa taça de ouro que depositaram nas mãos de Cornelius Fudge, ainda bastante perturbado por ter comunicado desnecessariamente através de mímica durante o dia inteiro.

— Uma salva de palmas, por favor, para a destemida equipa que não venceu, a Bulgária — gritou Bagman.

E Harry observou os sete jogadores derrotados que subiam as escadas, dirigindo-se ao camarote. Lá em baixo, a multidão aplaudia, cheia de admiração. Milhares de Omniculares piscavam, cintilantes, voltados desta vez para eles.

Um por um, os búlgaros passaram por entre as filas da tribuna e Bagman chamou cada um pelo nome, enquanto apertavam a mão ao seu ministro e, em seguida, a Fudge. Krum vinha no fim com um aspecto horrível. Dois olhos negros destacavam-se no rosto ensanguentado.

Trazia ainda na mão a *snitch*. Harry reparou que ele parecia muito menos à vontade no chão. Tinha pernas ligeiramente curtas e os ombros curvados, mas quando o seu nome foi anunciado — Krum! — todo o estádio se fez ouvir num longo e estrondoso aplauso.

A seguir foi a vez da Irlanda. Aidan Lynch vinha apoiado em Moran e Connolly. A segunda queda parecia tê-lo deixado atordoado e os olhos estavam invulgarmente desfocados, mas fez um sorriso de orelha a orelha quando Troy e Quigley ergueram a taça no ar e a multidão, lá em baixo, fez ribombar a sua enorme satisfação. As mãos de Harry estavam dormentes de

tanto aplaudir.

Por fim, a equipa irlandesa deixou o camarote para dar outra volta ao campo em cima das suas vassouras (Aidan Lynch atrás de Connolly, agarrando-se com toda a força à sua cintura e sempre a sorrir). Bagman apontou a varinha à garganta e murmurou: — *Quietus!*

«Vai falar-se do dia de hoje durante muitos anos! — disse com voz rouca. — Uma reviravolta bastante inesperada... pena que não tenha durado um pouco mais... e... sim... eu devo-te... quanto? — pois Fred e George tinham acabado de saltar dos lugares e estavam em frente de Ludo Bagman com enormes sorrisos no rosto e as mãos estendidas, à espera...

IX

A MARCA NEGRA

Não digam à vossa mãe que andaram a fazer apostas — implorou Mr. Weasley a Fred e George, enquanto desciam lentamente as escadas atapetadas a veludo carmesim.

— Não se preocupe, pai — sossegou-o Fred alegremente. — Temos grandes planos para este dinheiro. Não queremos que nos seja confiscado.

Mr. Weasley parou um pouco, pensando que grandes planos seriam aqueles, mas decidiu não fazer perguntas.

Não tardou que fossem envolvidos pela multidão que se retirava agora do estádio a fim de regressar às suas tendas. Um canto roufenho enchia o ar da noite enquanto seguiam o caminho iluminado pelas lanternas, com os duendes fazendo voos sobre as suas cabeças, cacarejando e agitando as lanternas. Quando chegaram finalmente às tendas, ninguém estava com vontade de dormir e, tendo em conta o ruído que os rodeava, Mr. Weasley achou uma boa ideia tomarem todos uma chávena de cacau antes de se irem deitar. Pouco depois conversavam animadamente sobre o jogo. Mr. Weasley não concordava com Charlie em que o *keeper* da Bulgária tivesse imitado Cobb e foi só quando Ginny adormeceu em frente da mesinha, entornando chocolate quente pelo chão, que Mr. Weasley pôs fim aos comentários sobre o jogo, insistindo para que se fossem todos deitar. Hermione e Ginny entraram na sua tenda e Harry e os Weasley vestiram os pijamas e foram para os respectivos beliches. Do outro lado do acampamento ainda lhes chegavam vozes a cantar e um ou outro estoiro.

— Felizmente não estou de serviço — murmurou Mr. Weasley meio ensonado. — Não me agradava nada ter de ir dizer aos irlandeses que é altura de porem fim às celebrações.

Harry, que ocupava um beliche por cima de Ron, olhava para o tecto de

lona da tenda, observando o brilho de uma ou outra lanterna de duende que passava a voar e recapitulava alguns dos movimentos mais espectaculares de Krum. Estava ansioso por voltar a subir para a sua *Flecha de Fogo* e experimentar a *Finta Wronski*...

Estranhamente, Oliver Wood nunca conseguira transmitir, com todos os seus diagramas, o que era exactamente o passo... Harry viu-se com o seu manto de Quidditch, o nome nas costas, e imaginou a sensação de ouvir o rugido de uma multidão de cem mil pessoas, enquanto a voz de Bagman ecoava no estádio. — E agora... Potter!

Nunca soube bem se tinha de facto adormecido. As suas fantasias de voar como Krum podiam ter-se transformado num sonho. A única coisa que sabia era que, subitamente, Mr. Weasley gritava.

— Levantem-se, Ron, Harry... depressa, é uma emergência.

Harry sentou-se rapidamente e bateu com a cabeça na lona.

— O que foi? — perguntou.

Sentiu o vago pressentimento de que algo estava mal. Os ruídos no acampamento tinham mudado. Havia cessado os cânticos, ouviam-se gritos e gente a correr.

Deslizou para fora do beliche e procurou a roupa, mas Mr. Weasley, que vestira os *jeans* por cima do pijama, foi bem claro.

— Não há tempo, Harry. Pega num casaco e vem depressa.

Harry assim fez e saiu o mais depressa possível da tenda, seguido de Ron.

À luz das poucas fogueiras que ainda ardiam na noite, pôde ver gente que corria em direcção à mata, fugindo de algo que os perseguia e que lançava faíscas e emitia ruídos que pareciam tiros de canhão. Ditos jocosos, risos e gritos embriagados vieram ao encontro deles. A seguir, uma explosão de luz verde iluminou os campos.

Marchando muito unidos, com as varinhas erguidas na vertical, um grande grupo de feiticeiros atravessava lentamente o campo. Harry olhou melhor... pareciam não ter rosto... Só então percebeu que estavam encapuzados e usavam máscaras. Acima deles, flutuando no ar, quatro figuras debatiam-se e contorciam-se, adquirindo formas grotescas. Era como se os feiticeiros encapuzados lá em baixo fossem bonecreiros e as figuras do ar não passassem de marionetas comandadas por fios invisíveis que se erguiam das varinhas voltadas para o céu. Duas das figuras eram muito pequenas.

Outros feiticeiros vieram juntar-se ao grupo em marcha, rindo e apontando para os corpos flutuantes. Espezinhas, as tendas caíam à medida que a multidão engrossava. Por uma ou duas vezes, Harry viu um

dos caminhanes fazer saltar com a varinha uma tenda que estava no seu caminho. Muitas delas incendiaram-se. Os gritos tornaram-se mais assustadores. Os seres flutuantes foram subitamente iluminados quando passavam sobre uma tenda em chamas e Harry reconheceu um deles: Mr. Roberts, o encarregado do acampamento. Os outros três deviam ser a mulher e os filhos. Um dos caminhanes virou Mrs. Roberts de pernas para o ar com uma faísca da sua varinha. A camisa de dormir de Mrs. Roberts descaiu, revelando as enormes ceroulas. A mulher lutava por se cobrir, enquanto a multidão lá em baixo soltava gritos agudos e assobiava de satisfação.

— Que nojo — murmurou Ron, observando a criança Muggle mais pequena, que tinha começado a rodopiar como um pião, vinte metros acima do solo, a cabeça oscilando pesada e inerte de um lado para o outro. — É mesmo um nojo...

Hermione e Ginny vieram a correr ter com eles, enfiando os casacos sobre as camisas de dormir, com Mr. Weasley ao lado. Nesse mesmo momento, Bill, Charlie e Percy surgiram da tenda dos rapazes totalmente vestidos, de mangas arregaçadas e varinhas na mão.

— Vamos ajudar os feiticeiros do Ministério — gritou Mr. Weasley por cima de todo aquele barulho, arregaçando também as mangas. — Vocês mantenham-se unidos, enquanto atravessam o bosque. Eu virei buscar-vos, quando tivermos resolvido isto.

Bill, Charlie e Percy tinham já arrancado a toda a velocidade ao encontro dos caminhanes mais próximos. Mr. Weasley foi atrás deles. De todos os lados chegavam feiticeiros do Ministério que convergiam para a fonte do problema. A multidão que caminhava debaixo da família Roberts aproximava-se cada vez mais.

— Vamos — disse Fred, agarrando Ginny pela mão e começando a puxá-la para o bosque. Harry, Ron, Hermione e George seguiram-nos. Quando chegaram às árvores, olharam para trás. A multidão era cada vez maior. Podiam ver os feiticeiros do Ministério que tentavam chegar aos feiticeiros encapuzados no centro, enfrentando, porém, grandes dificuldades. Pareciam recluir fazer um feitiço que atirasse bruscamente a família Roberts ao chão.

As lanternas coloridas, que antes iluminavam o caminho até ao estádio, tinham sido apagadas. Por entre as árvores tropeçavam sombras escuras, as crianças choravam, gritos ansiosos e vozes em pânico ressoavam no ar frio da noite. Harry sentiu que era empurrado de um lado para o outro por pessoas cujos rostos não conseguia ver. Foi então que ouviu Ron soltar um grito de dor.

— Que aconteceu? — perguntou Hermione ansiosa, parando tão bruscamente que Harry esbarrou com ela. — Ron, onde estás? Oh, que estupidez! *Lumos!*

Hermione iluminou a varinha e orientou o foco luminoso para o caminho onde Ron estava caído.

— Tropecei na raiz de uma árvore — explicou aborrecido enquanto se punha de pé.

— Bem, com uns pés do tamanho dos teus, não será de estranhar... — comentou uma voz arrastada atrás deles.

Harry, Ron e Hermione voltaram-se rapidamente. Draco Malfoy estava junto deles, encostado a um tronco, com um ar perfeitamente tranquilo. De braços cruzados, parecia ter estado a observar o que se passava no acampamento por entre duas árvores.

Ron disse a Malfoy para fazer uma coisa que Harry sabia que ele não ousaria repetir diante de Mrs. Weasley.

— Cuidado com a língua, Weasley — repreendeu Malfoy com os seus olhinhos brilhantes. — É melhor apressares-te. Não queres que a descubram, pois não?

Fez um sinal em direcção a Hermione e, nesse preciso momento, ouviu-se no acampamento uma explosão que parecia de uma bomba e um clarão verde iluminou durante alguns momentos as árvores que os rodeavam.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Hermione com ar de desafio.

— Granger, eles andam atrás de *Muggles* — disse Malfoy. — Queres acabar no ar a mostrar as calcinhas? Porque, se quiseres, deixa-te estar onde estás, eles vêm nesta direcção e ainda és capaz de nos proporcionar algumas gargalhadas.

— A Hermione é uma feiticeira — retorquiu Harry com rispidez.

— Como quiseres, Potter — respondeu Malfoy com um sorriso malicioso. — Se achas que eles não distinguem um Sangue de Lama, deixa-te estar.

— Vê como falas! — gritou Ron. Todos os presentes sabiam que Sangue de Lama era um termo ofensivo para referir uma feiticeira ou um feiticeiro descendente de Muggles.

— Não faz mal, Ron — disse Hermione, agarrando Ron pelo braço para o impedir de avançar para Malfoy.

Ouviu-se novo ribombar do outro lado das árvores, desta vez mais alto do que qualquer som que tinham ouvido até então. Algumas pessoas ali perto gritaram.

Malfoy riu-se baixinho. — Assustam-se com pouco, não é verdade? —

disse na sua voz arrastada. — O vosso pai deve ter-vos dito que se escondessem. O que anda ele a tentar fazer, a tentar salvar os Muggles?

— Onde estão os teus pais? — perguntou Harry, com o sangue a ferver.
— Por aí de cara tapada, não?

Malfoy voltou-se para Harry, ainda a sorrir. — Bem, se estiverem, certamente não irei dizer-te. Não achas, Potter?

— Oh, vamos embora — interrompeu Hermione, lançando um olhar de desprezo a Malfoy. — Vamos ter com os outros.

— Vê se baixas essa cabeça de arbusto, Granger — lançou Malfoy.

— Vamos — insistiu ela, puxando Harry e Ron em direcção à vereda.

— Aposto o que quiserem em como o pai dele é um dos encapuzados — disse Ron, irritado.

— Então, se tivermos sorte, talvez o Ministério o apanhe! — respondeu Hermione ansiosa. — Não posso acreditar! Aonde é que se meteram os outros?

Fred, George e Ginny não se avistavam em lado algum, apesar de o caminho estar cheio de outras pessoas que olhavam nervosamente por cima do ombro para a confusão no acampamento.

Um grupo de adolescentes de pijama discutia bem alto um pouco mais à frente. Quando viram Harry, Ron e Hermione, uma rapariga de cabelo espesso e encaracolado, voltou-se e perguntou rapidamente: — *Où est Madame Maxime? Nous l'avons perdue...*

— Hã... o quê? — perguntou Ron.

— Oh — a rapariga que falara voltou-lhe as costas e, enquanto, se afastavam, ouviram-na dizer claramente: — Ogwarts.

— Beauxbatons — murmurou Hermione.

— O quê?

— Elas devem ser de Beauxbatons. Sabem, a Academia de Magia de Beauxbatons. Li a respeito dela no *Tratado de Educação Mágica na Europa...*

— Ah... sim... claro — disse Harry.

— O Fred e o George não podem ter-se afastado tanto — queixou-se Ron, pegando na varinha, iluminando-a como Hermione fizera e tentando ver melhor o caminho. Harry mergulhou a mão no bolso do casaco em busca da varinha, mas ela não estava lá. A única coisa que encontrou foram os Omnioculares.

— Ah não, não posso acreditar... perdi a minha varinha.

— Estás a gozar?

Ron e Hermione ergueram as varinhas bem alto para espalhar raios de luz o mais longe possível ao longo do terreno. Harry olhou em volta, mas

não havia sinal da sua varinha.

— Talvez tenha ficado na tenda — sugeriu Ron.

— Talvez te tenha caído do bolso quando vínhamos a correr — lembrou Hermione ansiosa.

— Sim — disse Harry. — Talvez...

Costumava guardá-la sempre consigo quando estava no mundo da feitiçaria e encontrar-se sem a varinha naquele momento fê-lo sentir-se vulnerável.

A um ruído de folhagem deram os três um salto. Winky, a elfo doméstica, tentava desenhencilhar-se de um maciço de arbustos ali perto. Mexia-se de um modo estranho, com aparente dificuldade, como se algo invisível estivesse a impedi-la de se libertar.

— Haver feitiçeiros maus por aqui — informou, inclinando-se para a frente e tentando começar a correr. — Haver pessoas lá em cima no ar. Winky sair daqui.

E desapareceu no meio das árvores, arfando e guinchando ao mesmo tempo que lutava contra a força que queria impedi-la.

— O que se passa com ela? — quis saber Ron, olhando cheio de curiosidade para Winky. — Por que não corre como deve ser?

— Aposto que não pediu licença para se esconder — respondeu Harry, lembrando-se de Dobby. Sempre que ele tentava fazer alguma coisa contra a vontade dos Malfoy era obrigado a bater em si próprio.

— Sabes que os elfos domésticos têm um tratamento muito injusto — disse Hermione. — Uma verdadeira escravatura, é o que é — protestou, indignada. — Aquele Mr. Crouch fê-la ir lá para cima de tudo. A pobrezinha estava aterrorizada e agora ele enfeitiçou-a para ela não poder correr quando começassem a pisar as tendas. Por que é que ninguém faz nada por eles?

— Bem, os elfos são felizes, não são? — disse Ron. — Ouviste o que disse a Winky durante o jogo... «Os elfos domésticos não dever divertir-se». É do que ela gosta. Que mandem nela!

— São as pessoas como tu, Ron — interrompeu Hermione indignada —, que sustentam os sistemas podres e injustos só porque não estão para...

Outro violento estrondo fez-se ouvir, vindo do fundo do bosque.

— Vamos continuar a andar, se não se importam — declarou Ron, e Harry viu-o olhar com inquietação para Hermione. Talvez houvesse alguma verdade no que Malfoy dissera, talvez Hermione corresse maior perigo do que eles. Continuaram a andar, Harry procurando nos bolsos, apesar de ter a certeza de que a varinha não estava lá.

Seguiram o carreiro escuro até ao meio do bosque sempre à procura de

Fred, George e Ginny. Passaram por um grupo de duendes que cacarejavam por causa de um saco de ouro, sem dúvida ganho em apostas durante o jogo e que pareciam totalmente indiferentes à confusão que agitava o acampamento. Mais adiante, deram com uma clareira de luz prateada e, olhando através das árvores, viram três *Veela*, altas e lindas, rodeadas de um bando de jovens feiticeiros que falavam muito alto.

— Eu arrecado cerca de cem sacos de galeões por ano — gritava um deles. — Sou matador de dragões para a Comissão de Destruição de Criaturas Perigosas.

— Não és coisa nenhuma — bradava o outro. — És auxiliar de cozinha no Caldeirão Escoante. Eu sou caçador de vampiros. Até hoje já matei cerca de noventa...

O terceiro jovem feiticeiro, em cujo rosto o acne era ainda visível mesmo à luz fraca e prateada das *Veela*, afirmou: — Eu vou ser muito em breve o mais jovem Ministro da Magia. Podem crer.

Harry desmanchou-se a rir. Reconheceu o feiticeiro borbulhento. Chamava-se Stan Shunpike e era o condutor do Autocarro Cavaleiro.

Voltou-se para contar a Ron, mas o rosto deste tornara-se estranhamente apático e, logo a seguir, pôs-se aos gritos: — Já vos disse que inventei uma vassoura que chega a Júpiter?

— Francamente! — exclamou Hermione que, com a ajuda de Harry, o agarrou com força pelos braços, arrastando-o para longe dali. Quando as vozes das *Veela* e dos seus admiradores deixaram de se ouvir, tinham chegado ao centro do bosque. Deviam estar sós agora. Tudo parecia muito tranquilo.

Harry olhou em volta. — Acho que podemos esperar aqui. Conseguimos ouvir alguém aproximar-se a um quilómetro de distância.

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras, Ludo Bagman emergiu de detrás de uma árvore à frente deles.

Mesmo à luz débil de duas varinhas, Harry pôde ver que Bagman sofrera uma grande mudança. Perdera o seu aspecto vivo e rosado e não havia energia no seu andar. Estava pálido e tenso.

— Quem está aí? — perguntou, piscando os olhos e tentando reconhecê-los. — O que fazem aqui sozinhos?

Eles olharam uns para os outros, surpreendidos.

— Bem, há uma espécie de tumulto — disse Ron.

Bagman olhou para ele com grande espanto. — O quê?

— No acampamento... algumas pessoas agarraram uma família de Muggles.

— Malditos sejam! — praguejou Bagman e, subitamente,

Desmaterializou-se com um estalido.

— Mr. Bagman parece que não está lá muito por dentro das coisas — comentou Hermione, franzindo as sobrancelhas.

— Ele foi um grande *beater* — informou Ron, conduzindo-os até uma pequena clareira e sentando-se sobre um espaço coberto de ervas secas aos pés de uma árvore. — Os Wimbourne Wasps venceram o campeonato por três vezes, em anos consecutivos, quando ele fazia parte da equipa.

Tirou do bolso o bonequinho de Krum, pô-lo no chão e ficou a vê-lo andar de um lado para o outro durante algum tempo. À semelhança do verdadeiro Krum, a pequena réplica tinha as pernas ligeiramente curtas e ombros curvados. Era muito menos admirável no chão do que em cima da vassoura. Harry estava atento a qualquer ruído vindo do acampamento, mas tudo continuava calmo. Talvez a confusão tivesse acabado.

— Espero que os outros estejam bem — suspirou Hermione.

— É claro que estão — tranquilizou-a Ron.

— Imagina só se o teu pai prendesse o Lucius Malfoy — lembrou Harry que estava sentado ao lado de Ron, observando o bonequinho de Krum que caminhava indolente sobre as folhas secas. — Ele sempre disse que gostava de o apanhar em falso.

— Isso acabava com o risinho sarcástico do velho Draco! — exclamou Ron.

— Coitados daqueles Muggles — disse Hermione, nervosa. — E se não conseguirem fazê-los descer?

— Conseguem — retorquiu Ron. — Vão descobrir uma maneira de os trazer para baixo.

— Mas é uma loucura fazerem uma coisa daquelas com todo o Ministério da Magia na rua! — exclamou Hermione. — Como esperam sair-se desta? Teriam bebido de mais ou só...

Mas calou-se bruscamente e olhou por cima do ombro. Harry e Ron fizeram o mesmo. Parecia que havia alguém a espreitá-los. Os três aguardaram, escutando passos irregulares por detrás das árvores escuras. Depois, de repente, os passos pararam.

— Quem está aí? — perguntou Harry.

E então, sem aviso, o silêncio foi quebrado por uma voz diferente de tudo o que até então haviam ouvido nos bosques e que lançou nos ares, não um grito de pânico, mas sim algo em tudo semelhante a um feitiço.

— MORSMORDRE!

E algo enorme, verde e brilhante, surgiu da escuridão que o olhar de Harry havia tentado em vão penetrar. Levantando voo sobre as copas das árvores, subiu cada vez mais alto.

— Mas o que...? — balbuciou Ron, pondo-se novamente de pé e olhando para cima, para a coisa que tinha aparecido.

Por uma fracção de segundo, Harry pensou que era outro batalhão de duendes, mas depois apercebeu-se de um crânio colossal, aparentemente composto de estrelas verde-esmeralda com uma serpente a sair-lhe da boca, qual língua gigantesca. À medida que olhavam, o crânio continuou a elevar-se numa onda de fumo verde contra o negro da noite como uma nova constelação.

De repente, todo o bosque em volta se encheu de gritos. Harry não entendia porquê, mas a única causa possível era o aparecimento daquele crânio, agora tão alto no céu que conseguia iluminar o bosque inteiro como um medonho anúncio de néon. Perscrutou a escuridão em busca da pessoa que fizera aparecer o crânio, mas não viu ninguém.

— Quem está aí? — voltou a perguntar.

— Harry, vamos embora. — Hermione puxara-lhe pelo casaco.

— Que se passa? — inquiriu Harry, surpreendido ao ver o seu ar lívido e petrificado.

— É a Marca Negra, Harry — balbuciou Hermione. — O sinal do Quem-Nós-Sabemos.

— Do Voldemort?

— Harry, vamos embora!

Harry voltou-se. Ron pegou rapidamente no seu Krum em miniatura e os três começaram a atravessar a clareira, mas, antes de terem dado três passos, uma série de estalidos anunciaram a chegada de vinte feiticeiros que surgiram do nada, fazendo um círculo em volta deles.

Harry rodopiou e, numa fracção de segundo, registou um facto: todos estes feiticeiros tinham uma varinha na mão e todas as varinhas estavam apontadas para ele, Ron e Hermione. Sem parar para pensar, gritou: — BAIXEM-SE! — Agarrou nos outros dois e puxou-os para o chão.

— ATORDOAR! — gritaram vinte vozes. Houve uma série de clarões e Harry sentiu o ar roçar-lhe a cabeça, como se um vento poderoso tivesse varrido a clareira. Erguendo um pouco a cabeça, viu jactos de luz vermelha que saíam das varinhas dos feiticeiros e se cruzavam sobre as suas cabeças, fazendo ricochete nos troncos das árvores e desaparecendo na escuridão.

— PAREM! — gritou uma voz que ele reconheceu. — PAREM! É o meu filho!

O cabelo de Harry deixou de esvoaçar de um lado para o outro. Levantou um pouco mais a cabeça. O feiticeiro que estava na sua frente baixara a varinha. Rebolou e viu Mr. Weasley que avançava para eles, horrorizado.

— Ron, Harry, Hermione — tinha a voz trémula. — Vocês estão bem?

— Sai da frente, Arthur — disse uma voz seca e maldisposta.

Era Mr. Crouch que, juntamente com outros feiticeiros do Ministério, se aproximava deles. Harry pôs-se de pé para os cumprimentar. O rosto de Mr. Crouch estava hirto de raiva.

— Qual de vocês fez isto? — inquiriu com os olhos a dardejar de um para o outro. — Quem é que invocou a Marca Negra?

— Nós não fomos! — respondeu Harry, indicando o crânio com um gesto.

— Nós não fizemos nada — reforçou Ron que massajava um dos cotovelos e olhava indignado para o pai. — Por que é que nos atacaram?

— Não mintas, se fazes favor — gritou Mr. Crouch com a varinha directamente apontada a Ron. Os seus olhos pareciam querer saltar-lhe das órbitas. Tinha um ar um pouco enlouquecido. — Foram descobertos no local do crime!

— Barty — murmurou uma feiticeira com um roupão de lã até aos pés. — São garotos, Barty, nunca teriam conseguido c...

— De onde veio a Marca? — perguntou Mr. Weasley sem perder tempo.

— Dali — explicou Hermione a tremer, apontando para o lugar de onde tinha vindo a voz. — Havia alguém atrás das árvores... proferiram algumas palavras... uma espécie de feitiço...

— Ah! Estavam ali, foi? — disse Mr. Crouch, voltando o seu olhar desorbitado para Hermione, agora com a descrença bem estampada no rosto. — Com que então proferiram um feitiço? A menina parece muito bem informada sobre o modo como invocar a Marca...

Mas nenhum dos outros feiticeiros do Ministério parecia desconfiar de que Harry, Ron ou Hermione tivessem feito aparecer o crânio. Muito pelo contrário, mal ouviram as palavras de Hermione tinham erguido de novo as varinhas, apontando-as desta vez na direcção que ela havia indicado, tentando ver através das árvores escuras.

— Chegámos tarde de mais — disse a feiticeira com o roupão de lã até aos pés. — Eles Desmaterializaram-se.

— Não me parece — afirmou um feiticeiro de barba castanha e rala. Era Amos Diggory, o pai de Cedric. — Os nossos Atordoadores passaram pelo meio dessas árvores. Temos hipótese de os apanhar...

— Amos, tem cuidado — preveniram alguns dos feiticeiros, enquanto Mr. Diggory endireitava os ombros, erguia a varinha, avançava em direcção à clareira e desaparecia. Hermione ficou a vê-lo desaparecer, com as mãos a tapar-lhe a boca.

— Sim, apanhámo-los. Está aqui alguém. Inconsciente, mas... O que é isto?

— Encontraste alguém? — gritou Mr. Crouch, num tom de voz algo incrédulo. — Quem é, quem é?

Ouviram ramos a quebrar-se, um restolhar de folhas e, por fim, os passos desajeitados de Mr. Diggory que reaparecia, transportando nos braços um corpo pequenino e inerte. Harry reconheceu de imediato o pano da loiça. Era Winky.

Mr. Crouch não se mexeu nem disse uma palavra, enquanto Mr. Diggory depositava no chão, aos seus pés, a elfo que lhe pertencia. Todos os outros feiticeiros do Ministério olhavam para Mr. Crouch que, durante alguns segundos, ficou paralisado, os olhos esbugalhados no rosto lívido, olhando para Winky. Em seguida, pareceu recuperar.

— Isto não pode ser — disse convulsivamente. — Não...

Passou por Mr. Diggory e dirigiu-se para o lugar onde havia encontrado Winky.

— Não vale a pena, Mr. Crouch — chamou Mr. Diggory. — Não está lá mais ninguém.

Mas Mr. Crouch parecia não querer acreditar. Ouviam-no andar de um lado para o outro, pisando folhas secas, afastando para o lado os arbustos, à procura.

— É um pouco embaraçoso — comentou Mr. Diggory com um sorriso, olhando para o corpinho inconsciente de Winky. — A elfo de Barty Crouch... quer dizer...

— Deixa-te de coisas, Amos — interrompeu tranquilamente Mr. Weasley. — Não me vais dizer que pensas que foi a elfo? A Marca Negra é um sinal de feiticeiros. Implica a posse de uma varinha.

— Sim — assentiu Mr. Diggory. — E ela tinha uma varinha.

— Como?

— Olha, aqui — Mr. Diggory pegou numa varinha e mostrou-a a Mr. Weasley. — Ela tinha-a na mão. Portanto, isso é quebra da cláusula número três do Código de Utilização de Varinhas. *Nenhuma criatura não-humana tem permissão para transportar ou usar varinhas.*

Nesse preciso momento ouviu-se um outro estoiro e Ludo Bagman Materializou-se ao lado de Mr. Weasley. Quase sem fôlego e desorientado, rodopiou sem sair do mesmo lugar, os olhos voltados para cima, para o crânio verde-esmeralda.

— A Marca Negra! — disse, ofegante, quase pisando Winky, enquanto se voltava para os colegas em busca de uma resposta. — Quem foi? Apanharam-no? Barty! Que se passa aqui?

Mr. Crouch voltara de mãos a abanar, o rosto ainda lívido como o de um fantasma, as mãos e o bigode hirsuto a tremer.

— Onde estiveste, Barty? — perguntou Bagman. — Por que não foste ver o jogo? A tua elfo esteve lá a guardar-te o lugar. — Gárgulas galopantes! — Bagman acabara de reparar em Winky que estava caída no chão. — O que foi que lhe aconteceu?

— Tenho estado muito ocupado, Ludo — disse Mr. Crouch, ainda falando convulsivamente e quase sem conseguir mexer os lábios. — A minha elfo foi Atordoadá.

— Atordoadá por vocês? Mas porquê?

A pouco e pouco, a compreensão atingiu-o. Olhou para cima, para o crânio, para baixo, para Winky e, finalmente, para Mr. Crouch.

— Não! — exclamou. — A Winky, invocar a Marca Negra? Ela não saberia fazer isso. Para já, precisava de uma varinha.

— E tinha uma — respondeu Mr. Diggory. — Quando a encontrei, estava com uma varinha na mão, Ludo. Se Mr. Crouch estiver de acordo, acho que deveríamos ouvir o que ela tem para dizer.

Crouch pareceu não ter escutado Mr. Diggory, mas este certamente tomou o seu silêncio como concordância. Ergueu a varinha, apontou-a a Winky e disse: *Rennervate!*

Winky agitou-se debilmente. Abriu os seus enormes olhos castanhos e pestanejou com um ar estupefacto. Rodeada dos feiticeiros que a olhavam em silêncio, Winky sentou-se a tremer. Reconheceu os pés de Mr. Diggory e ergueu lenta e receosamente os olhos, fixando-o no rosto. Em seguida, ainda mais lentamente, levantou os olhos para o céu.

Harry viu o crânio flutuante reflectido duas vezes nos seus enormes olhos vítreos. A pequena elfo suspirou, olhou aflita à sua volta e irrompeu em soluços de pavor.

— Elfo — disse Mr. Diggory com ar grave. — Sabes quem eu sou? Sou um membro do Departamento de Regulação e Controlo de Criaturas Mágicas.

Winky começou a balouçar-se para a frente e para trás, soltando sons agudos de cada vez que inspirava. Fazia lembrar Dobby nos seus momentos apavorados de desobediência, pensou Harry.

— Como vês, elfo, a Marca Negra foi invocada há muito pouco tempo — afirmou Mr. Diggory. — E tu foste descoberta pouco depois, mesmo aqui em baixo. Estamos à espera de uma explicação se fazes o favor.

— Hã... eu... eu não fazer isso, senhor — balbuciou Winky. — Eu não saber como, senhor.

— Foste encontrada com esta varinha na mão — gritou Mr. Diggory, agitando-a diante de Winky. E como a varinha estava iluminada pela luz verde que vinha do crânio e que inundava a clareira, Harry reconheceu-a de

imediatamente.

— Eh, essa varinha é a minha.

Toda a gente olhou para ele.

— Como? — balbuciou Mr. Diggory, incrédulo.

— É a minha varinha — insistiu Harry. — Deixei-a cair.

— Deixaste-a cair? — repetiu Mr. Diggory, sem querer acreditar no que ouvia. — Isso é alguma confissão? Deitaste-a fora depois de teres invocado a Marca?

— Amos, vê com quem estás a falar! — protestou Mr. Weasley muito zangado. — Achas que o Harry Potter ia fazer aparecer a Marca Negra?

— Hã... é claro que não — balbuciou Mr Diggory. — Desculpa... deixei-me levar.

— Além disso, não foi aqui que a varinha caiu do meu bolso — explicou Harry, apontando com o dedo para as árvores ao fundo. — Dei pela falta dela mal entrámos no bosque.

— Quer dizer — prosseguiu Mr. Diggory, fixando Winky com o olhar ainda mais endurecido — que encontrei a varinha, não foi, elfo? Apanhaste-a e resolveste divertir-te um bocado?

— Eu não fazer magia com a varinha, senhor — guinchou Winky com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas asas do nariz bolboso. — Eu só... eu só... eu só ter apanhado a varinha, senhor. Eu não fazer aparecer a Marca Negra, senhor. Eu não saber fazer isso!

— Não foi ela — disse Hermione que estava muito nervosa por falar diante de todos aqueles feiticeiros do Ministério, mas absolutamente determinada a esclarecer as coisas. — A Winky tem uma voz fininha e a voz que nós ouvimos proferir o feitiço era muito mais forte. — Olhou em volta, buscando o apoio de Harry e Ron. — Não se parecia em nada com a voz da Winky, pois não?

— Não — disse Harry, abanando a cabeça. — Era tudo menos a voz de um elfo.

— Sim, era uma voz humana — reforçou Ron.

— Bem, bem, isso veremos — atalhou Mr. Diggory sem se mostrar impressionado. — Há um modo simplicíssimo de descobrir o último feitiço que uma varinha fez, sabias, elfo?

Winky tremeu e abanou nervosamente a cabeça, as orelhas a adejar enquanto Mr. Diggory erguia no ar a sua varinha, unindo a ponta desta com a ponta da varinha de Harry.

— *Prior Incantato!* — exclamou.

Harry ouviu a respiração horrorizada de Hermione quando o crânio de uma enorme serpente eclodiu do ponto onde as duas varinhas se haviam

tocado. Contudo, era uma mera sombra do crânio verde que pairava acima deles. Parecia feito de um espesso fumo verde: o fantasma de um feitiço.

— *Deletrius!* — gritou Mr. Diggory e o crânio de fumo desapareceu numa baforada.

— Portanto... — disse com uma espécie de sentimento de triunfo, olhando para Winky que continuava a tremer convulsivamente.

— Eu não fazer isso — guinchou com os olhos revirados pelo terror. — Eu não saber como. Eu ser uma boa elfo... eu não usar varinhas... eu não saber como.

— Foste apanhada, sua traidora — gritou Mr. Diggory. — Apanhada com a varinha do crime nas mãos.

— Amos — interrompeu Mr. Weasley. — Pensa bem. Muito poucos feiticeiros são capazes de executar esse feitiço. Onde é que ela ia aprender?

— Talvez o Amos esteja a sugerir — bradou Mr. Crouch com uma raiva fria em cada sílaba — que eu ensino os meus servos a fazerem aparecer a Marca Negra!

Seguiu-se um silêncio bastante incómodo.

Amos Diggory parecia horrorizado. — Mr. Crouch... não... de modo algum...

— Você esteve à beira de acusar as duas pessoas que nesta clareira eram os suspeitos menos prováveis — gritou Mr. Crouch. — O Harry Potter e eu. Julgo que está a par da história do rapaz, Amos?

— Claro, toda a gente sabe — murmurou Mr. Diggory com um ar totalmente desconcertado.

— E espero que se lembre das várias provas que eu tenho dado ao longo da minha carreira em como nutro o mais profundo desprezo pelas artes da magia negra e pelos que a praticam — gritou Mr. Crouch com os olhos novamente desorbitados.

— Mr. Crouch, eu... eu não pretendi sugerir que tivesse alguma coisa a ver com isto — balbuciou Amos Diggory, corando sob a sua barba castanha e rala.

— Se acusa a minha elfo está a acusar-me a mim, Diggory — gritou Mr. Crouch. — Onde poderia ela ter aprendido a invocar a Marca a não ser comigo?

— Bem... podia ter sido em qualquer lado.

— Precisamente, Amos — disse Mr. Weasley. — Ela podia tê-la apanhado em qualquer lado... Winky? — disse, voltando-se amavelmente para a elfo que estremeceu como se, também ele, estivesse aos gritos. — Aonde foi ao certo que encontraste a varinha do Harry?

Winky torcia a bainha do pano da loiça com tanta força que o tecido se

desfiava entre os seus dedos.

— Eu... eu encontrar ela... encontrar ela, senhor — murmurou. — Ali, entre as árvores, senhor.

— Estás a ver, Amos? — disse Mr. Weasley. — Quem quer que tenha invocado a Marca pode ter-se Desmaterializado logo a seguir, deixando no chão a varinha do Harry. Uma atitude inteligente, não usar a sua própria varinha para não ser descoberto. E a Winky teve o azar de a encontrar e de ter pegado nela.

— Mas nesse caso, ela teria estado a poucos metros do culpado — concluiu Mr. Diggory com impaciência. — Elfo, viste alguém?

Winky tremia agora mais do que nunca. Os seus olhos enormes saltavam de Mr. Diggory para Ludo Bagman e deste para Mr. Crouch.

Por fim engoliu em seco e declarou: — Eu não ver ninguém, senhor... ninguém.

— Amos — disse secamente Mr. Crouch. — Sei perfeitamente que, numa situação normal, você quereria levar a Winky para o seu departamento para ser interrogada, mas peço-lhe que me deixe ser eu a tratar disto.

Mr. Diggory não pareceu achar lá grande ideia, mas foi bastante claro para Harry que não se atreveu a recusar pelo facto de Mr. Crouch ocupar um cargo tão importante no Ministério.

— Pode ficar tranquilo. Ela será punida — acrescentou Mr. Crouch com frieza.

— M-m-eu amo... — gaguejou Winky, olhando para cima, para Mr. Crouch com os olhos marejados de lágrimas. — M-m-eu amo, p-p-por favor...

Mr. Crouch olhou para ela. A sua expressão endurecera e uma a uma as linhas do seu rosto haviam-se tornado mais fundas. Não havia nele o menor traço de compaixão. — A Winky teve esta noite um comportamento que eu não esperava dela — disse muito devagar. — Ordenei-lhe que ficasse na tenda enquanto eu saía para resolver aquela confusão e acabo de descobrir que ela me desobedeceu. Isto significa ROUPA!

— Não — guinchou Winky, prostrando-se aos pés de Mr. Crouch. — Não, meu amo, roupa, não. Roupa, não.

Harry sabia que a única maneira de dar a liberdade a um elfo doméstico era oferecendo-lhe roupa. Metia dó ver o modo como Winky se agarrava ao pano da loiça, soluçando sobre os pés de Mr. Crouch.

— Mas ela estava apavorada — explodiu Hermione, enfrentando furiosa Mr. Crouch. — A sua elfo tem medo das alturas e aqueles feiticeiros encapuzados estavam a fazer levitar pessoas. Não pode culpá-la por ter

querido sair dali.

Mr. Crouch deu um passo à retaguarda, evitando o contacto com a elfo para quem olhava agora como se fosse uma coisa nojenta, capaz de contaminar os seus sapatos impecavelmente engraxados.

— Não tenho lugar em casa para uma elfo doméstica que desobedece — declarou, olhando friamente para Hermione. — Não me interessa uma serva que se esquece do que deve ao seu amo e à sua reputação.

Winky chorava tanto que os seus soluços ecoavam na clareira.

Fez-se um silêncio muito desagradável, quebrado ao fim de algum tempo por Mr. Weasley, que disse tranquilamente: — Bem, se ninguém tem objecções, vou levar o meu grupo até à tenda. Amos, essa varinha já deu toda a informação possível, se a puderes entregar de novo ao Harry, por favor...

Mr. Diggory estendeu a varinha a Harry, que a guardou rapidamente.

— Vamos embora, meninos — disse Mr. Weasley com toda a calma, mas Hermione parecia não querer sair dali. Tinha os olhos presos nos soluços da elfo.

— Hermione — chamou Mr. Weasley com urgência. Ela voltou-se e seguiu Harry e Ron pelo meio das árvores.

— O que vai acontecer à Winky? — perguntou, enquanto abandonava a clareira.

— Não sei — disse Mr. Weasley.

— A maneira como estavam a tratá-la — revoltou-se Hermione. — Com Mr. Diggory sempre a chamar-lhe «elfo»... e Mr. Crouch... Ele sabe perfeitamente que não foi ela e mesmo assim vai pô-la fora de casa. Não ligou nada ao medo e à aflição que a pobrezinha sentiu. Tratou-a como se ela não fosse um ser humano.

— E não é — disse Ron.

Hermione caiu-lhe em cima. — Isso não quer dizer que não tenha sentimentos, Ron. É nojenta a maneira como tu...

— Hermione, eu concordo contigo — interrompeu Mr. Weasley rapidamente, fazendo-lhe sinal com a mão. — Mas agora não é a melhor altura para discutir os direitos dos elfos. Quero voltar à tenda o mais depressa possível. Onde estão os outros?

— Perdemos-os no escuro — respondeu Ron. — Pai, por que é que estavam todos tão aflitos com aquela coisa do crânio?

— Eu explico-vos tudo quando chegarmos à tenda — disse nervoso Mr. Weasley.

Mas quando alcançaram o cimo do monte, viram que a caminhada lhes ia ser travada.

Uma grande multidão de feiticeiras e feiticeiros, de ar assustado, encontrava-se ali reunida. Quando viram que Mr. Weasley se aproximava, muitos deles apressaram-se a vir ter com ele. — O que se passa ali? Quem a invocou? Arthur, não é *ele*, pois não?

— Está claro que não é ele — disse Mr. Weasley com ar impaciente. — Não sabemos quem foi, parece que os culpados se Desmaterializaram. Agora, por favor, deixem-me passar que quero ir deitar-me.

Conduziu Harry, Ron e Hermione pelo meio da multidão até chegarem ao acampamento. Estava tudo calmo agora. Nem sinal dos feiticeiros encapuzados, se bem que algumas tendas derrubadas ainda deitassem fumo.

A cabeça de Charlie espreitava pela abertura da tenda dos rapazes.

— O que se passa, pai? — perguntou no escuro. — O Fred, o George e o Ginny voltaram, mas... e os outros?

— Estão aqui comigo — respondeu Mr. Weasley, baixando-se e entrando na tenda. Harry, Ron e Hermione seguiram-no.

Bill estava sentado à pequena mesa da cozinha com um lençol enrolado no braço, que sangrava profusamente. Charlie tinha um enorme rasgão na camisa e Percy exibia um nariz ensanguentado. Fred, George e Ginny pareciam ilesos, se bem que bastante abalados.

— Apanharam-no, pai? — perguntou Bill cheio de curiosidade. — À pessoa que invocou a Marca?

— Não — disse Mr. Weasley. — Encontrámos a elfo do Barty Crouch que tinha na mão a varinha do Harry, mas não temos ideia nenhuma de quem possa ter feito aparecer a Marca.

— O quê? — exclamaram em uníssono Charlie e Percy.

— A varinha do Harry? — repetiu Fred.

— A elfo de Mr. Crouch? — disse Percy com um ar abismado.

Com a ajuda de Harry, Ron e Hermione, Mr. Weasley explicou-lhes o que sucedera no bosque. Quando chegou ao fim, Percy inchou de indignação.

— Pois, na minha opinião, Mr. Crouch fez muito bem em se livrar de uma elfo dessas. Sair quando lhe tinham dito expressamente para ficar na tenda... envergonhá-lo diante de todo o Ministério... que pensaria de tudo isso o Departamento para a Regulação e Controlo...

— Ela não fez nada. Estava só no lugar errado, à hora errada — explicou Hermione a Percy, que parecia muito surpreso. Hermione dera-se sempre relativamente bem com Percy, melhor até do que qualquer dos outros.

— Hermione, um feiticeiro com a posição de Mr. Crouch não pode dar-se ao luxo de ter em casa uma elfo que anda por aí de varinha na mão —

declarou Percy, retomando o seu ar pomposo.

— A Winky não andava a passear-se com a varinha, só a apanhou do chão.

— Alguém é capaz de me explicar o que era aquela coisa do crânio? — perguntou Ron, impaciente. — Aquilo não fez mal a ninguém, para quê tanto barulho?

— Já te disse que é o sinal do Quem-Nós-Sabemos, Ron — explicou Hermione antes que mais alguém tivesse tempo de responder. — Li sobre isso na *Ascensão e Queda da Magia Negra*.

— E não era visto há treze anos — completou tranquilamente Mr. Weasley. — É claro que as pessoas entraram em pânico... foi quase como ver de novo o Quem-Nós-Sabemos.

— Não percebo — insistiu Ron, franzindo a testa. — Afinal, é só uma forma no céu...

— Escuta, Ron, o Quem-Nós-Sabemos e os seus seguidores costumavam mandar a Marca para o ar sempre que matavam alguém — explicou Mr. Weasley. — O terror que ela inspira... não fazes ideia, és muito novinho. Tenta imaginar que estás a chegar a casa e vês a Marca Negra a pairar sobre ela e sabes o que vais encontrar lá dentro... — Mr. Weasley estremeceu. — Era o medo de toda a gente... o pior de todos os medos...

Fez-se um momento de silêncio. Em seguida, Bill, tirando o lençol para ver a ferida, disse: — Bem, a pessoa que a fez aparecer esta noite não nos ajudou nada. A Marca Negra afastou os Devoradores da Morte que se Desmaterializaram todos quando a avistaram, não permitindo que os desmascarássemos. Mas conseguimos apanhar a família Roberts antes de tocarem o chão. Estão agora a modificar-lhes a memória.

— Devoradores da Morte? — perguntou Harry. — Quem são os Devoradores da Morte?

— Era o nome que os seguidores do Quem-Nós-Sabemos davam a si próprios — afirmou Bill. — Julgo que vimos o que resta deles hoje à noite. Pelo menos, os que conseguiram não ir parar a Azkaban.

— Não podemos provar que eram eles, Bill — rectificou Mr. Weasley. — Embora muito provavelmente fossem — acrescentou com ar desiludido.

— Sim, aposto que eram — disse Ron subitamente. — Pai, nós vimos o Draco Malfoy no bosque e ele praticamente disse-nos que o pai estava entre os encapuzados. Ora toda a gente sabe que os Malfoy eram muito amigos do Quem-Nós-Sabemos.

— Mas o que estavam os seguidores de Voldemort...? — começou Harry. Toda a gente estremeceu. Como a maior parte das pessoas no mundo da feitiçaria, os Weasley evitavam sempre o nome de Voldemort.

— Desculpem — disse Harry rapidamente. — O que pretendiam os seguidores do Quem-Nós-Sabemos fazendo levitar Muggles? Qual era a ideia deles?

— A ideia? — cortou Mr. Weasley com uma gargalhada surda. — Harry, aquela é a noção que eles têm de divertimento. Metade dos Muggles que foram mortos quando o Quem-Nós-Sabemos estava no poder, foram-no por puro divertimento. Esta noite devem ter bebido um pouco de mais e não resistiram a lembrar-nos que muitos deles estão ainda por aí à solta. Foi uma reuniãozinha agradável para eles — terminou com ar repugnado.

— Mas se eram Devoradores da Morte, por que motivo se Desmaterializaram quando viram a Marca Negra? — perguntou Ron. — Deviam ter ficado satisfeitos, ou não?

— Usa a massa cinzenta, Ron — disse Bill. — Se eles foram realmente Devoradores da Morte, a verdade é que fizeram um esforço enorme para não ir parar a Azkaban quando o Quem-Nós-Sabemos perdeu a sua força. Todos eles contaram as maiores mentiras, afirmando que tinham sido obrigados a matar e torturar pessoas. Aposto que têm ainda mais medo do que nós de o ver regressar. Negaram qualquer envolvimento com ele, quando o Quem-Nós-Sabemos perdeu todos os seus poderes e regressaram às suas vidinhas. Não me parece que ele tenha ficado satisfeito com isso, não achas?

— Então, a pessoa que invocou a Marca Negra... — disse lentamente Hermione — fê-lo para se associar aos Devoradores da Morte ou para os assustar?

— Era o que todos nós gostaríamos de saber, Hermione — disse Mr. Weasley. — Mas deixa que te diga uma coisa: só os Devoradores da Morte sabiam invocá-la. Surpreender-me-ia muito se a pessoa que o fez não tivesse sido em tempos um Devorador da Morte, mesmo que não o seja actualmente. Ouçam, já é muito tarde e quando a vossa mãe souber do sucedido, vai ficar aflitíssima. Vamos dormir mais algumas horas e de manhãzinha cedo apanhamos um Botão de Transporte para sair daqui.

Harry subiu para o beliche com a cabeça a andar à volta. Sabia que era natural estar exausto. Eram quase três da manhã, mas não tinha sono nenhum. Não tinha sono e estava preocupado.

Três dias antes — parecia agora que passara muito tempo — tinha acordado com a testa a arder no sítio da cicatriz. E esta noite, pela primeira vez em treze anos, a marca de Lord Voldemort aparecera no céu. O que significaria tudo aquilo?

Pensou na carta que tinha escrito a Sirius antes de deixar Privet Drive. Tê-la-ia ele recebido? Quando chegaria a resposta? Harry ficou a olhar para

a lona, mas nenhuma fantasia veio desta vez ajudá-lo a adormecer e só muito tempo depois do rressonar de Charlie encher a tenda é que Harry cedeu finalmente ao sono.

X

BALBÚRDIA NO MINISTÉRIO

Mr. Weasley acordou-os após algumas horas de sono. Usou a magia para desmontar as tendas e deixaram o acampamento o mais depressa possível, passando por Mr. Roberts que estava à porta de casa e lhes acenou com um olhar algo confuso, desejando-lhes um Feliz Natal.

— Ele vai ficar bem — disse tranquilamente Mr. Weasley enquanto caminhavam em direcção à charneca. — Às vezes, quando a memória de uma pessoa é modificada, ela fica desorientada durante os primeiros tempos. E não foi pouco o que eles tiveram de o fazer esquecer.

Ouviram vozes exaltadas e, quando se aproximaram do local onde jaziam os Botões de Transporte, viram um grande número de feiticeiras e feiticeiros reunidos à volta de Basil, o encarregado dos Botões de Transporte, que exigiam sair dali quanto antes. Mr. Weasley teve uma breve troca de palavras com Basil; juntaram-se à fila e conseguiram apanhar um velho pneu, chegando a Stoatshead Hill ainda antes do nascer do Sol. Fizeram a caminhada de Ottery St. Catchpole até à «Toca», à luz da alvorada, falando muito pouco de tão exaustos que estavam e ansiosos por tomar o pequeno-almoço. Quando deram a volta e avistaram a casa, ouviu-se um grito na vereda húmida.

— Oh, até que enfim, até que enfim!

Mrs. Weasley, que tinha estado à espera no pátio da frente, veio a correr ao encontro deles, ainda de chinelos, o rosto lívido e tenso, um exemplar d'*O Profeta Diário* na mão.

— Arthur, tenho estado tão preocupada... tão preocupada...

Lançou os braços ao pescoço de Mr. Weasley e *O Profeta Diário* caiu-lhe das mãos. Olhando para o chão, Harry leu o cabeçalho: CENAS DE TERROR NA TAÇA MUNDIAL DE QUIDDITCH e, ao lado, uma fotografia da

Marca Negra tremeluzia a preto e branco, cobrindo três colunas do jornal.

— Vocês estão bem — balbuciou Mrs. Weasley, afastando-se do marido e olhando para todos eles com os olhos vermelhos. — Vocês estão vivos... oh, meus filhos...

E, para grande surpresa de todos, agarrou Fred e George num abraço tão apertado que as cabeças dos dois chocaram uma contra a outra.

— Ai, mãe, estás a estrangular-nos...

— Ainda vos chamei quando estavam a ir-se embora — confessou Mrs. Weasley, recomeçando a soluçar. — Não tenho pensado noutra coisa. E se o Quem-Nós-Sabemos vos apanhasse, logo agora quando a última coisa que eu vos tinha dito era que não tinham tido boas notas? Oh, Fred... George.

— Então, então, Molly, estamos todos de boa saúde — assegurou Mr. Weasley, separando-a dos gémeos e conduzindo-a para dentro de casa. — Bill — acrescentou em voz baixa —, traz o jornal. Quero ver o que diz.

Quando estavam todos instalados na pequena cozinha e depois de Hermione dar a Mrs. Weasley um chá forte, no qual Mr. Weasley insistiu em deitar um pouco de *Ogdens*, um uísque de fogo com vários anos, Bill passou ao pai o jornal. Mr. Weasley examinou a primeira página, enquanto Percy espreitava por cima do seu ombro.

— Eu sabia — disse Mr. Weasley pesadamente. — ... *Falha do Ministério... Os culpados não foram presos... falta de segurança... vergonha nacional...* Quem escreveu isto? Ah, claro... a Rita Skeeter.

— Essa mulher anda a querer atingir o Ministério da Magia! — bradou Percy, furioso. — Na semana passada disse que perdíamos o nosso tempo a filosofar sobre a espessura dos caldeirões quando devíamos ocupar-nos a esmagar vampiros! Como se não estivesse especificamente estabelecido no parágrafo doze de *Como Lidar com Não-feiticeiros, parcialmente Humanos...*

— Faz-nos um favor, Perce — disse Bill num bocejo. — Cala-te.

— Falam aqui de mim! — exclamou Mr. Weasley com os olhos muito abertos por detrás dos óculos, chegando mesmo ao fim do artigo d'*O Profeta Diário*.

— Onde? — perguntou, embasbacada Mrs. Weasley, engolindo à pressa o seu chá com uísque. — Se eu tivesse visto, saberia que estavam vivos.

— Não dizem o meu nome — explicou Mr. Weasley. — Ouçam isto: «*Se as feiticeiras e feiticeiros apavorados que aguardavam em pânico por notícias no alto do monte esperavam ser tranquilizados pelo Ministério da Magia, ficaram seriamente desapontados. Um funcionário do Ministério chegou algum tempo depois do aparecimento da Marca Negra, declarando*

que não havia feridos e recusando-se a prestar mais declarações. Se este depoimento será o suficiente para abafar os boatos de que vários corpos foram retirados do bosque uma hora depois, ainda está para se ver...»

Francamente — disse Mr. Weasley exasperado, passando o jornal a Percy. — Se ninguém foi ferido, que esperavam que eu dissesse? *Boatos de que vários corpos foram retirados do bosque...* Bem, agora vai certamente haver boatos, depois de ela ter publicado isto!

Suspirou. — Molly, vou ter de ir até ao escritório, ver se suavizo as coisas.

— Eu vou consigo, pai — disse Percy com o seu ar importante. — Mr. Crouch vai precisar de toda a ajuda possível. E assim posso entregar-lhe o meu relatório sobre os caldeirões.

Saiu apressadamente da cozinha.

Mrs. Weasley parecia muito preocupada. — Arthur, tu estás de férias, isto não tem nada a ver com o teu trabalho. Eles podem certamente resolver o assunto sem a tua presença.

— Tenho de ir, Molly — insistiu Mr. Weasley. — Piorei as coisas. É só pôr outra roupa e vou até lá...

— Mrs. Weasley — disse Harry subitamente, incapaz de se controlar —, a *Hedwig* não apareceu com uma carta para mim?

— A *Hedwig*, filho? — repetiu Mrs. Weasley, distraidamente. — Não... não tem havido correio.

Ron e Hermione olharam para ele cheios de curiosidade.

Com um olhar de cumplicidade, Harry perguntou: — Posso ir deixar as minhas coisas no teu quarto, Ron?

— Sim, claro. Acho que vou fazer o mesmo — disse Ron sem perder tempo. — Hermione, vens?

— Sim — respondeu ela rapidamente e os três saíram da cozinha e subiram a escada.

— O que se passa, Harry? — quis saber Ron mal fecharam a porta do sótão.

— Há uma coisa que ainda não vos contei — disse Harry. — No sábado de manhã acordei outra vez com uma dor na cicatriz.

As reacções de Ron e Hermione foram exactamente as que ele imaginara no seu quarto de Privet Drive. Hermione sobressaltou-se e começou logo a dar sugestões, mencionando uma série de livros e pessoas, desde Albus Dumbledore a Madame Pomfrey, a enfermeira-chefe de Hogwarts.

Ron ficou com um ar aparvalhado. — Mas... ele não estava lá, pois não? O Quem-Nós-Sabemos? Quero dizer, da última vez que sentiste dor na cicatriz ele estava em Hogwarts...

— Tenho a certeza de que não se encontrava em Privet Drive — afirmou Harry. — Mas eu estava a sonhar com ele. Com ele e com o Peter, o Wormtail, não me lembro do sonho todo, mas estavam a tramar a morte de alguém.

Esteve à beira de acrescentar: «A minha», mas não quis ver Hermione mais horrorizada do que já estava.

Ron tentou aligeirar o ambiente: — Foi só um sonho. Um pesadelo.

— Sim, mas terá sido só isso? — insistiu Harry, voltando-se para a janela e olhando para o céu brilhante. — É estranho, não é? Doer-me a cicatriz e três dias depois os Devoradores da Morte fazerem uma marcha e o sinal do Voldemort surgir novamente no céu.

— Não digas... o nome... dele — murmurou Ron entredentes.

— E lembras-te do que disse a professora Trelawney? — Harry continuou a ignorar Ron. — No final do ano passado?

A professora Trelawney era a docente de Artes Divinatórias em Hogwarts.

O olhar apavorado de Hermione desapareceu, dando lugar a uma interjeição de desprezo. — Oh, Harry, não me digas que vais dar atenção ao que disse aquela aldrabona?

— Tu não estavas lá — respondeu Harry. — Não a ouviste. Daquela vez foi diferente, já te contei, ela entrou em transe, mesmo em transe. *Maior e mais terrível do que nunca...* e ia consegui-lo porque o seu servo fiel voltava para ele. E nessa mesma noite o Wormtail fugiu.

Fez-se um silêncio durante o qual Ron brincou distraidamente com um buraco da sua colcha dos Chudley Cannons.

— Por que estavas a perguntar se a *Hedwig* tinha vindo, Harry? — quis saber Hermione. — Estás à espera de alguma carta?

— Escrevi ao Sirius a contar-lhe da minha cicatriz — disse Harry encolhendo os ombros. — Estou à espera de resposta.

— Bem pensado! — exclamou Ron com uma expressão mais leve. — Aposto que ele sabe o que fazer.

— Eu estava à espera de que ele viesse ter comigo.

— Mas nós não sabemos onde ele pára. Pode estar em África ou em qualquer outro lugar — disse Hermione com toda a sensatez. — A *Hedwig* não vai conseguir fazer uma viagem dessas em tão poucos dias.

— Sim, eu sei — concordou Harry, mas tinha uma sensação de nó no estômago quando olhou uma vez mais pela janela para o céu onde *Hedwig* não se avistava.

— Vamos jogar Quidditch no pomar — propôs Ron —, vá lá, três contra três. O Bill, o Charlie, o Fred e o George também jogam... podes

experimentar a *Finta Wronski*.

— Ron! — disse Hermione num tom de voz que tinha implícito um não-estás-a-ser-nada-sensível. — O Harry agora não quer jogar Quidditch. Está preocupado e cansado. Precisamos todos é de ir para a cama.

— Quero, sim, quero jogar Quidditch — disse Harry subitamente. — Espera aí, vou buscar a minha *Flecha de Fogo*.

Hermione saiu do quarto, murmurando qualquer coisa do tipo: — Rapazes, não há quem os entenda.

Nem Mr. Weasley nem Percy pararam muito em casa durante a semana seguinte. Saíam ambos de manhã cedo, antes de o resto da família se levantar, e voltavam todas as noites muito depois da hora do jantar.

— Tem sido uma balbúrdia incrível — afirmou Percy com o seu ar importante no domingo à tarde, véspera de regressarem a Hogwarts. — Passei a semana a apagar fogos. As pessoas continuam a enviar Gritadores e, é claro, se não abres imediatamente um Gritador, ele explode. Há manchas de queimaduras espalhadas por toda a minha secretária e a minha melhor pena de escrever ficou reduzida a cinzas.

— Por que é que enviam esses Gritadores? — perguntou Ginny que, deitada em frente do fogão da sala, se entretinha a consertar o seu exemplar de *Um Milhar de Ervas e Fungos Mágicos* com fita mágica.

— Reclamações por causa da falta de segurança na Taça Mundial — dizia Percy. — Querem receber indemnizações por danos nos seus bens. O Mundungus Fletcher quer que lhe paguem uma tenda de doze quartos com *jacuzzi*, mas desse encargo-me eu. Sei perfeitamente que dormiu debaixo de um capote suportado por varetas.

Mrs. Weasley olhou para o relógio de pé alto que enfeitava um dos cantos da sala. Harry gostava muito dele. Era absolutamente inútil para quem pretendesse ver as horas, mas com excepção disso, conseguia ser bastante elucidativo. Tinha nove ponteiros dourados com os nomes dos nove membros da família Weasley. Não havia números mas sim descrições dos lugares onde cada membro da família se encontrava, como «casa», «escola» e «trabalho». Havia também «perdido», «hospital», «prisão» e, na posição em que num relógio comum deveria encontrar-se o número doze, estava indicado «perigo mortal».

Oito dos ponteiros apontavam naquele momento para «casa», mas o de Mr. Weasley, que era o mais longo, indicava ainda «trabalho». Mrs. Weasley suspirou.

— O vosso pai não ia trabalhar aos fins-de-semana desde o tempo do Quem-Nós-Sabemos — disse. — Estão a dar-lhe demasiado trabalho. Se

demorar muito, o jantar vai ficar sem graça nenhuma.

— Bem, o pai sente que tem de os compensar pelo erro que cometeu no campeonato — retorquiu Percy. — Verdade se diga, ele foi um pouco imprudente ao fazer declarações sem ter falado primeiro com o chefe do departamento...

— Não te atrevas a culpar o teu pai pelo que aquela criaturinha Skeeter escreveu! — bradou Mrs. Weasley subitamente irritada.

— Se o pai não tivesse dito nada, a Rita escreveria apenas que era lamentável que ninguém do Ministério tivesse feito comentários — disse Bill que jogava xadrez com Ron. — A Rita Skeeter nunca fala bem de ninguém. Lembram-se de quando ela entrevistou os Anuladores de Maldições de Gringotts e disse que eu era um palerma de cabelos compridos?

— Bem, estão um pouco compridos, filho — disse Mrs. Weasley docemente — Se me deixasses, ao menos...

— Não, mãe.

A chuva fustigava as janelas da sala. Hermione estava imersa no seu exemplar do *Livro Clássico de Feitiços, Grau 4* que Mrs. Weasley trouxera da Diagon-Al para ela, Harry e Ron. Charlie cerzia um gorro de lã anti-inflamável. Harry limpava a *Flecha de Fogo* e tinha o kit de Manutenção de Vassouras, que Hermione lhe oferecera no seu décimo terceiro aniversário, aberto no chão. Fred e George, sentados a um canto com as respectivas penas de escrever na mão, segredavam com as cabeças muito unidas sobre uma folha de pergaminho.

— O que estão vocês a tramar? — perguntou Mrs. Weasley de olhos postos nos gémeos.

— Estamos a fazer os trabalhos de casa — respondeu Fred de modo vago.

— Não sejas ridículo, vocês estão em férias — disse Mrs. Weasley.

— Sim. Deixámo-los para a última hora — explicou George.

— Espero bem que não estejam a escrever nenhuma nota de encomenda. Não estão a pensar em recomeçar com as *Magias Mirabolantes dos Weasley*?

— Oh, mãe — atalhou Fred, olhando para ela com um olhar consternado. — Já viste bem, se o Expresso de Hogwarts tivesse amanhã um acidente e eu e George morrêssemos, como ias ficar a sentir-te, sabendo que a última coisa que tínhamos ouvido da tua boca era uma acusação sem fundamento?

Desataram todos a rir, incluindo Mrs. Weasley.

— Vem aí o vosso pai — disse bruscamente, olhando para o relógio.

O ponteiro de Mr. Weasley mudara bruscamente de «trabalho» para «viagem». Um segundo depois estremeceu e passou para «casa» juntando-se aos restantes, enquanto o ouviam chamar da cozinha.

— Já vou, Arthur — respondeu Mrs. Weasley.

Alguns momentos mais tarde, Mr. Weasley entrava na salinha acolhedora, trazendo o seu jantar numa bandeja. Parecia exausto.

— Bem, agora é que vai estoirar a batata quente — comentou para Mrs. Weasley enquanto se sentava no cadeirão junto da lareira, mexendo desinteressadamente na sua couve-flor um pouco ressequida. — A Rita Skeeter tem andado por aí a meter o nariz em tudo em busca de alguma coisa para poder atacar o Ministério. E agora descobriu o desaparecimento da Bertha. Esse vai ser, portanto, o cabeçalho da primeira página d'*O Profeta Diário* de amanhã. Eu disse ao Bagman que ele já devia ter mandado procurá-la há muito tempo.

— Mr. Crouch anda há semanas a falar nisso — acrescentou Percy rapidamente.

— O Crouch teve muita sorte por a Rita não ter descoberto nada sobre a Winky — disse Mr. Weasley, irritado. — Teria direito a uma semana inteira de cabeçalhos no jornal por a sua elfo doméstica ter sido encontrada com a varinha que invocou a Marca Negra.

— Pensei que havíamos chegado todos à conclusão de que aquela elfo, se bem que irresponsável, não tinha feito aparecer a Marca — afirmou Percy arduamente.

— Se queres saber, o que eu acho é que Mr. Crouch tem sorte em ninguém n'*O Profeta* saber como ele é mau com os elfos — concluiu Hermione, furiosa.

— Calma, Hermione — disse Percy. — Um funcionário do Ministério com a categoria de Mr. Crouch merece obediência incondicional por parte dos seus criados...

— Seus escravos — corrigiu Hermione com a voz a aflautar. — Ou ele pagava alguma coisa à Winky?

— Acho que é melhor vocês subirem e irem ver se têm tudo arrumado nas malas — interrompeu Mrs. Weasley, pondo fim à discussão.

Harry guardou o *kit* de Manutenção de Vassouras, pôs a *Flecha de Fogo* ao ombro e subiu com Ron. A chuva parecia ainda mais forte na parte superior da casa, acompanhada pelos fortes assobios do vento para não falar dos esporádicos uivos do vampiro que habitava no sótão.

Quando entraram, *Pigwidgeon* começou a chilrear e a esvoaçar de novo em volta da gaiola. O cheiro a malas arrumadas transmitira-lhe, sem dúvida, uma tremenda excitação.

— Atira-lhe biscoitos de coruja — disse Ron, passando a Harry um pacote. — Talvez ela se cale.

Harry lançou alguns biscoitos pelas grades da gaiola de *Pigwidgeon* e a seguir voltou-se para a mala. A gaiola de *Hedwig* estava ali mesmo ao lado, ainda vazia.

— Já passou mais de uma semana — queixou-se Harry, olhando para o poleiro.

— Ron, achas que o Sirius foi capturado?

— Ná! Se fosse, teria saído logo n' *O Profeta Diário*. O Ministério ia querer mostrar que tinha apanhado alguém, não te parece?

— Sim, acho que sim.

— Olha, estão aqui as coisas que a minha mãe te comprou na Diagon-Al. E levantou algum dinheiro do teu cofre para ti... e lavou as tuas meias.

Colocou uma série de embrulhos na cama de Harry e despejou ao lado o dinheiro do porta-moedas e um monte de peúgas. Harry começou a abrir os embrulhos. Além do *Livro Clássico de Feitiços, Grau 4*, por Miranda Goshawk, tinha uma mão-cheia de novas penas de escrever, uma dúzia de rolos de pergaminho e recargas para o seu *kit* de poções (estava a ficar quase sem espinha de peixe-leão e essência de beladona). Quando empilhava a roupa interior dentro do caldeirão, ouviu atrás de si um grito de profunda repulsa.

— Que raio de porcaria é esta?

Ron segurava entre os dedos uma coisa que pareceu a Harry a ponta de um vestido comprido de veludo castanho-avermelhado. Tinha um horroroso folho de renda na gola e punhos, também de renda, a condizer.

Ouviu-se uma batida na porta e Mrs. Weasley entrou, trazendo consigo uma braçada de mantos de Hogwarts passadinhos a ferro.

— Aqui estão — disse, dividindo-os em dois montes —, agora vejam se os guardam como deve ser para não se amarrotarem.

— Mãe, enganaste-te. Puseste aqui o vestido novo da Ginny — protestou Ron.

— Claro está que não me enganei — explicou Mrs. Weasley. — Isso é para ti. É um manto de cerimónia.

— O quê? — gritou Ron, horrorizado.

— Um manto de cerimónia — repetiu Mrs. Weasley — Está na tua lista da escola que tens de ter manto de cerimónia este ano. É um manto para ocasiões especiais.

— Deves estar a gozar! — exclamou Ron incrédulo. — Eu não visto isto nem morto.

— Toda a gente os usa, Ron — disse Mrs. Weasley secamente. — São

assim mesmo. O teu pai tem alguns para festas de gala.

— Prefiro mil vezes morrer a vestir esta coisa — insistiu Ron.

— Não sejas pateta — prosseguiu Mrs. Weasley. — Tens de ter um manto de cerimónia. Está na tua lista. Eu arranjei também um para o Harry. Mostra-lhe, Harry...

Com algum nervosismo Harry abriu o último embrulho. Apesar de tudo, não era tão mau como receara. O seu manto de cerimónia não tinha rendas. Na verdade, não era muito diferente dos mantos da escola. A única diferença é que era verde-garrafa em vez de preto.

— Achei que fazia sobressair a cor dos teus olhos — disse afectuosamente Mrs. Weasley.

— Esse até está bem — resmungou Ron furioso, olhando para o manto de Harry. — Por que é que eu não tive direito a um igual?

— Porque... bem, tive de arranjá-lo em segunda mão e a escolha não era muito grande — confessou Mrs. Weasley, corando.

Harry olhou para o lado. Não se importaria nada de gastar todo o dinheiro que tinha no cofre de Gringotts com os Weasley, mas sabia que eles nunca aceitariam isso.

— Não o vou usar — repetia teimosamente Ron. — Nunca o vestirei.

— Ótimo — retorquiu Mrs. Weasley. — Vai nu. E tu, Harry, vê se lhe tiras uma fotografia. Deus sabe o quanto preciso de me rir um bocado!

Saiu do quarto, batendo com a porta. Ouviu-se um ruído estranho atrás deles. *Pigwidgeon* estava a sufocar com um enorme biscoito de coruja.

— Por que é que tudo o que eu tenho é uma porcaria? — lamentou-se Ron furioso, atravessando o quarto para lhe abrir o bico.

XI

A BORDO DO EXPRESSO DE HOGWARTS

Havia no ar um sentimento de fim de férias quando Harry acordou na manhã seguinte. Uma chuva pesada fustigava as janelas, enquanto ele vestia os *jeans* e a *sweat-shirt*. (Costumavam fazer a troca para os mantos da escola no Expresso de Hogwarts.)

Ele, Ron, Fred e George tinham acabado de chegar ao patamar do primeiro andar a caminho do pequeno-almoço, quando Mrs. Weasley surgiu ao fundo das escadas com um ar preocupado.

— Arthur! — gritou. — Arthur, mensagem urgente do Ministério.

Harry encolheu-se contra a parede, enquanto Mr. Weasley passava ruidosamente por ele com o manto vestido ao contrário e desaparecia. Quando Harry e os outros entraram na cozinha, viram Mrs. Weasley a procurar nervosamente nas gavetas qualquer coisa que não conseguia encontrar — Sei que tenho aqui uma pena — e Mr. Weasley inclinado sobre a lareira a falar com...

Harry fechou os olhos com força e voltou a abri-los para ter a certeza de que estava a ver bem.

A cabeça de Amos Diggory pairava no meio das chamas como um grande ovo com barbas. Falava muito depressa, totalmente indiferente às faúlhas que esvoaçavam à sua volta e às chamas que lhe lambiam os ouvidos.

— Vizinhos Muggles ouviram tiros e gritos e foram chamar os, como é que eles lhes chamam?... Por Lícias. Tens de lá ir, Arthur...

— Toma — disse Mrs. Weasley quase sem fôlego, entregando a Mr. Weasley uma folha de pergaminho, um tinteiro e uma pena encarquilhada.

— Foi um golpe de sorte eu ter ouvido falar disto — prosseguiu a cabeça de Mr. Diggory. — Tive de chegar ao escritório de manhãzinha cedo para

enviar algumas corujas e encontrei os tipos do Uso Impróprio da Magia que estavam de saída. Se a Rita Skeeter sabe disto, Arthur...

— O que é que o Moody Olho-Louco disse? — perguntou Mr. Weasley, desenroscando a tampa do tinteiro, molhando a pena e preparando-se para escrever.

A cabeça de Mr. Diggory revirou os olhos. — Diz que ouviu um intruso no pátio. Diz que estavam a rastejar em direcção à casa, mas foram apanhados de surpresa pelos caixotes do lixo.

— O que fizeram os caixotes do lixo? — perguntou Mr. Weasley, escrevendo furiosamente.

— Fizeram um barulho dos diabos e espalharam o lixo todo — respondeu Mr. Diggory — Parece que um dos caixotes ainda andava pelos ares quando o Por Lícia apareceu...

Mr. Weasley suspirou — Então e o intruso?

— Arthur, tu sabes como é o Olho-Louco — disse a cabeça de Mr. Diggory, revirando mais uma vez os olhos. — Alguém a rastejar no pátio dele, pela calada da noite? Muito provavelmente anda por aí um gato em estado de choque coberto de cascas de batata. Mas se a equipa do Uso Impróprio da Magia põe as mãos no Olho-Louco, ele está feito, pensa só no cadastro dele; temos de o safar com uma pena menor, qualquer coisa do teu departamento. Qual será a pena para caixotes do lixo explosivos?

— Talvez uma repreensão — disse Mr. Weasley que continuava a escrever a grande velocidade, de sobranceiras franzidas. — O Olho-Louco não usou a varinha? Não atacou ninguém?

— Aposto que saltou da cama e começou a enfeitiçar tudo o que conseguia ver pela janela — disse Mr. Diggory. — Mas eles vão ter um trabalhão para o provar. Não há mortos nem feridos.

— Está bem, eu vou — concordou Mr. Weasley, guardando o pergaminho com as notas no bolso e saindo da cozinha.

A cabeça de Mr. Diggory olhou para Mrs. Weasley.

— Desculpa, Molly — disse, agora com mais calma —, vir incomodar-te tão cedo com tudo isto, mas o Arthur é a única pessoa que pode safar o Olho-Louco e este deveria começar hoje o seu novo emprego. Por que teve de escolher logo a noite de ontem?

— Não faz mal, Amos — respondeu Mrs. Weasley. — Não queres mesmo comer uma torradinha ou beber qualquer coisa antes de ir embora?

— Está bem, aceito — disse Mr. Diggory.

Mrs. Weasley tirou de cima da mesa da cozinha uma torrada com manteiga, prendeu-a na tenaz e meteu-a na boca de Mr. Diggory.

— Obrigado — disse ele numa voz abafada e, com um pequeno estalido,

desapareceu.

Harry ouviu Mr. Weasley a despedir-se em voz alta e apressadamente de Bill, Charlie, Percy e das meninas. Cinco minutos mais tarde estava outra vez na cozinha, com o manto agora bem vestido, passando uma escova pelo cabelo.

— É melhor eu ir andando. Um bom ano para vocês, rapazes — desejou Mr. Weasley a Harry, a Ron e aos gémeos, pondo uma capa sobre as costas e preparando-se para se Desmaterializar. — Molly, consegues levar os garotos a King's Cross?

— É claro que sim. Trata lá do Olho-Louco. Nós ficamos bem.

Quando Mr. Weasley desapareceu, Bill e Charlie entraram na cozinha.

— Alguém falou no Olho-Louco? — perguntou Bill. — O que fez ele desta vez?

— Diz que tentaram entrar-lhe em casa ontem à noite — respondeu Mrs. Weasley.

— O Moody Olho-Louco? — perguntou George espantado, espalhando doce de laranja na torrada — Não é aquele chalado...

— O teu pai tem muita consideração pelo Moody Olho-Louco — disse Mrs. Weasley com ar grave.

— Sim, certo, o pai colecciona fichas eléctricas, não é? — constatou Fred tranquilamente, enquanto Mrs. Weasley saía da sala. — Cada qual com o seu igual...

— O Moody foi um grande feiticeiro no seu tempo — afirmou Bill.

— É um velho amigo do Dumbledore, não é verdade? — perguntou Charlie.

— Mas o Dumbledore não é exactamente o que se pode considerar normal, ou acham que é? — insistiu Fred. — Quer dizer, sei que ele é um génio e tudo isso...

— Quem é o Olho-Louco? — perguntou Harry.

— Um feiticeiro reformado. Trabalhava no Ministério — disse Charlie.

— Vi-o uma vez em que o pai me levou com ele para o trabalho. Era um Auror, um dos melhores... caçador de magos negros — acrescentou, vendo o ar confuso de Harry. — Graças a ele, metade das celas de Azkaban estão agora cheias. Mas fez imensos inimigos, principalmente entre as famílias dos que foram presos e ouvi dizer que, com a idade, tem vindo a ficar paranóico. Desconfia de toda a gente, vê feiticeiros das trevas em todo o lado.

Bill e Charlie resolveram acompanhar os outros à estação de King's Cross, mas Percy pediu imensas desculpas e explicou que tinha muito que fazer.

— Não posso justificar outra falta — disse. — Mr. Crouch está a começar a contar comigo.

— Sim, sabes uma coisa, Percy? — disse George muito sério. — Acho que um dia destes ele vai acertar com o teu nome.

Na repartição dos correios Mrs. Weasley usara corajosamente o telefone a fim de chamar três táxis de Muggles para os levarem até Londres.

— Arthur tentou pedir alguns carros emprestados ao Ministério — murmurou Mrs. Weasley a Harry enquanto esperavam no pátio lavado pela chuva, vendo os motoristas carregar com os seis pesados malões para o porta-bagagens —, mas não tinham carros disponíveis... oh céus, acho que eles não estão a gostar nada disto.

Harry não tinha vontade de explicar a Mrs. Weasley que os motoristas de táxi Muggles não estavam habituados a transportar corujas excitadíssimas e a *Pigwidgeon* fazia um barulho ensurdecedor. Também não foi lá grande ajuda o facto de uma série de foguetes do Fabuloso Fogo-de-Artifício do Dr. Filibuster terem rebentado inesperadamente no momento em que a mala de Fred se abriu, fazendo o homem que a transportava dar um grito de medo e de dor, enquanto *Crookshanks* lhe trepava por uma das pernas acima.

A viagem foi incómoda, com todos apertados na parte de trás dos táxis juntamente com os malões. *Crookshanks* levou algum tempo a recompor-se dos foguetes e, quando chegaram a Londres, Harry, Ron e Hermione estavam todos arranhados. Foi um alívio sair em King's Cross, apesar da chuva que caía cada vez com mais força e de terem ficado ensopados enquanto transportavam os malões até à estação.

Harry já estava habituado a entrar na plataforma nove e três quartos. Era uma questão de caminhar a direito contra uma barreira aparentemente sólida que dividia as plataformas nove e dez. A dificuldade estava em fazê-lo sem atrair a atenção dos Muggles. Costumavam entrar em grupo. Desta vez Harry, Ron e Hermione, acompanhados de *Pigwidgeon* e *Crookshanks*, foram em primeiro lugar. Encostaram-se distraidamente à barreira, como quem conversa disto e daquilo, e deslizaram levemente... nesse momento, a plataforma nove e três quartos materializou-se à frente deles.

O Expresso de Hogwarts, um comboio a vapor vermelho-vivo, já se encontrava à espera, lançando nuvens de vapor através das quais se vislumbravam a plataforma, os inúmeros alunos de Hogwarts e respectivos pais que faziam lembrar fantasmas lúgubres. *Pigwidgeon* ficou ainda mais barulhenta, reagindo aos pios das várias corujas que comunicavam por entre a neblina. Harry, Ron e Hermione foram procurar os seus lugares e em breve tinham arrumado a bagagem num compartimento a meio do

comboio. Em seguida, voltaram à plataforma para se despedirem de Mrs. Weasley, Bill e Charlie.

— Talvez nos vejamos mais cedo do que vocês imaginam — disse Charlie com um sorriso de orelha a orelha, enquanto dava um grande abraço a Ginny.

— Porquê? — perguntou vivamente Fred.

— Depois verás, mas não digas ao Percy que te falei nisto. É um assunto confidencial até o Ministério decidir torná-lo público.

— Sim, só te digo, quem me dera estar em Hogwarts este ano — avançou Bill de mãos nos bolsos, olhando melancolicamente para o comboio.

— Porquê? — quis saber George, impaciente.

— Vai ser um ano interessante — disse Bill com os olhos a brilhar. — Talvez eu tire uns dias de férias para ir assistir...

— Assistir a quê? — insistiu Ron.

Nesse momento, porém, ouviu-se o apito de partida e Mrs. Weasley apressou-os em direcção ao comboio.

— Obrigada por nos ter recebido estes dias — agradeceu Hermione enquanto subiam, fechando a porta e debruçando-se à janela para se despedirem.

— Sim, obrigado por tudo, Mrs. Weasley — reiterou Harry.

— Foi um prazer, meninos. Eu convidava-vos para o Natal, mas... acho que vocês vão querer ficar em Hogwarts com... tudo o que vai haver.

— Mãe! — gritou Ron, irritado. — O que é que vocês sabem que nós não sabemos?

— Vão descobrir esta noite, espero bem — disse Mrs. Weasley a sorrir.

— Será muito excitante. Estou muito contente por eles terem alterado as regras...

— Que regras? — perguntaram Harry, Ron, Fred e George todos ao mesmo tempo.

— O professor Dumbledore dir-vos-á. Agora portem-se bem, certo?

Os êmbolos produziram um silvo mais agudo e o comboio pôs-se em movimento.

— Digam lá o que está a acontecer em Hogwarts! — gritou Fred pela janela enquanto Mrs. Weasley, Bill e Charlie ficavam rapidamente para trás. — Que regras é que mudaram?

Mas Mrs. Weasley limitou-se a sorrir e acenar. Antes de o comboio ter feito a curva, já ela, Bill e Charlie se tinham Desmaterializado.

Harry, Ron e Hermione voltaram para a sua carruagem. A chuva grossa salpicava os vidros das janelas, tornando muito difícil a visão. Ron abriu a

mala, tirou o seu manto de cerimónia castanho-avermelhado e lançou-o sobre a gaiola de *Pigwidgeon* para abafar o ruído.

— Bagman queria contar-nos o que está a acontecer em Hogwarts — disse aborrecido, sentando-se ao lado de Harry. — Na Taça Mundial, lembras-te? Mas a minha própria mãe não me diz nada. O que será que...

— Chiu! — murmurou subitamente Hermione, encostando um dedo aos lábios e apontando para o compartimento do lado. Harry e Ron ouviram uma voz lenta e arrastada que o vento trazia até eles pela porta aberta e que lhes era bastante familiar.

— ... o pai pensou realmente em mandar-me para Durmstrang em vez de Hogwarts. Ele é muito amigo do director. Além disso, a opinião dele sobre o Dumbledore... o homem é tão chegado aos Sangues de Lama... Durmstrang não admite essa escória, mas a mãe não gostou da ideia de eu ir para tão longe. O pai diz que Durmstrang segue uma linha muito mais correcta em relação à Magia Negra. Os estudantes de Durmstrang aprendem-na de facto, não ficam pela simples defesa como em H...

Hermione levantou-se, foi em bicos de pés até à porta e fechou-a, deixando de ouvir a voz de Malfoy.

— Com que então, ele preferia estar em Durmstrang? — disse furiosa. — Quem me dera que tivesse ido para lá, já não tínhamos de o aturar.

— Durmstrang é outra escola de feitiçaria? — perguntou Harry.

— Sim — explicou Hermione a fungar. — E tem uma péssima reputação. Segundo o *Tratado de Educação Mágica na Europa*, dá um grande destaque à Magia Negra.

— Acho que já ouvi falar — disse Ron. — Em que país fica?

— Bem, ninguém sabe, pois não? — respondeu Hermione, arqueando as sobancelhas.

— Hã... por que não?

— Tem existido desde sempre uma grande rivalidade entre as diversas escolas de feitiçaria. Durmstrang e Beauxbatons preferem esconder a sua localização para que ninguém possa roubar os seus segredos — explicou Hermione com o ar mais natural deste mundo.

— Vai-te matar!! — Ron desatou a rir. — Durmstrang deve ser do mesmo tamanho de Hogwarts. Como seria possível esconder um castelo enorme?

— Mas Hogwarts está escondido! — exclamou Hermione. — Toda a gente sabe que... bem, toda a gente que leu *Hogwarts: Uma História*.

— Só tu, portanto — ripostou Ron. — Como se esconde um lugar como Hogwarts?

— Com um encantamento — explicou ela. — Qualquer Muggle que

olhe para Hogwarts, verá apenas uma ruína decadente com um aviso à entrada. PERIGO. NÃO ENTRAR. LOCAL POUCO SEGURO.

— Quer dizer que Durmstrang parece também uma ruína aos olhos de um estranho qualquer?

— Talvez — disse Hermione, encolhendo os ombros. — Ou pode ter um feitiço anti-Muggles como o estádio da Taça Mundial e, para impedir os feiticeiros estrangeiros de a encontrarem, devem tê-la tornado *ilocalizável*.

— Como é isso?

— É um encantamento que faz com que um edifício não possa ser localizado num mapa.

— Bem... se tu o dizes — balbuciou Harry.

— Mas acho que Durmstrang deve ficar algures no Norte da Europa — disse Hermione, pensativa. — Num lugar muito frio, porque as capas dos uniformes são de pele.

— Pensa só como seria fácil empurrar o Malfoy de um glaciar e fazer com que parecesse um acidente — disse Ron com ar sonhador. — Pena que a mãe goste tanto dele...

A chuva foi-se tornando cada vez mais cerrada à medida que o comboio avançava para norte. O céu estava agora tão escuro e as janelas tão cheias de vapor que tiveram de acender as luzes ao meio-dia. O carrinho da comida veio a chocalhar pelo corredor fora e Harry comprou uma grande quantidade de bolos do Caldeirão para dividir com os amigos.

Durante a tarde foram aparecendo muitos colegas, incluindo Seamus Finnigan, Dean Thomas e Neville Longbottom, um rapazinho de cara arredondada, com uma péssima memória, que fora criado pela avó, uma feiticeira assustadora. Seamus tinha ao peito a roseta da Irlanda cujos poderes começavam agora a diminuir. Ainda guinchava: «Troy! Mullet! Moran!», mas numa voz fraca e exausta. Cerca de meia hora mais tarde, Hermione, cansada da interminável conversa sobre Quidditch, enfiou novamente a cabeça no *Livro Clássico de Feitiços, Grau 4* e começou a estudar um *Encantamento de Convocação*.

Neville ouviu cheio de inveja a descrição que os outros fizeram do jogo da taça.

— A minha avó não quis ir — confessou tristíssimo. — Não quis comprar bilhetes. Deve ter sido incrível.

— Foi mesmo — confirmou Ron. — Olha para isto, Neville...

Abriu a mala de viagem e tirou lá de dentro o bonequinho de Viktor Krum.

— Ena! — exclamou Neville deslumbrado, enquanto Ron lhe punha Krum na mãozinha rechonchuda.

— Vimo-lo tão perto como isto — disse Ron. — Ficámos no camarote de honra.

— Pela primeira e última vez na tua vida, Weasley!

Draco Malfoy surgira no limiar da porta. Atrás dele, estavam Crabbe e Goyle, os seus possantes guarda-costas que pareciam ter crescido pelo menos trinta centímetros durante o Verão. Naturalmente tinham ouvido a conversa através da porta do compartimento, que Dean e Seamus haviam deixado entreaberta.

— Não me lembro de te ter convidado a entrar — declarou Harry friamente.

— Weasley... que é aquilo? — perguntou Malfoy, apontando para a gaiola da *Pigwidgeon*. Uma das mangas do manto de cerimónia de Ron estava descaída e oscilava com os movimentos do comboio, dando bastante destaque ao punho de renda.

Ron tentou guardar o manto, mas Malfoy foi mais rápido, agarrou a manga e puxou.

— Vejam só! — exclamou Malfoy extasiado, pegando no manto de Ron e mostrando-o a Crabbe e a Goyle. — Weasley, não estavas a pensar usar isto, ou estavas? Acho que... estiveram muito em moda em 1890...

— Vai-te encher de moscas, Malfoy — protestou Ron com a cara da mesma cor do manto, puxando-o das mãos de Malfoy que não parava de rir. Crabbe e Goyle riam-se estupidamente.

— Então, vais entrar Weasley? Vais tentar conseguir alguma glória para o nome da família? Há dinheiro em jogo, sabes... ias poder comprar um manto decente, se ganhasses.

— Não sei do que estás a falar.

— Se vais entrar — repetiu Malfoy. — Calculo que tu entres, Potter. Nunca perdes uma oportunidade de te exhibir, pois não?

— Ou te explicas ou saís, Malfoy — disse Hermione de mau humor, espreitando por cima do *Livro Clássico de Feitiços, Grau 4*.

Um sorriso de satisfação espelhou-se no rosto pálido de Malfoy.

— Não me digam que vocês não sabem! — exclamou deliciado. — Tu tens o pai e um irmão no Ministério e não sabes de nada?! Incrível! O meu pai contou-me há séculos. Ouviu do Cornelius Fudge. Mas, a verdade é que o meu pai dá-se com as pessoas mais importantes do Ministério... talvez o teu pai seja demasiado insignificante para saber das coisas, Weasley... sim... não devem falar em frente dele...

Sempre a rir, Malfoy fez sinal a Crabbe e Goyle e os três saíram.

Ron pôs-se de pé e bateu com tanta força com a porta do compartimento que o vidro se partiu aos bocados.

— Ron! — exclamou Hermione, pegando na varinha e murmurando: — *Reparo!*

Os pedaços de vidro reuniram-se de imediato, regressando à porta, que ficou como nova.

— Aquele fulano... dando a ideia que está por dentro de tudo e nós não — resmungou Ron. — *O meu pai dá-se com as pessoas mais importantes do Ministério...* o meu pai já podia ter sido promovido se quisesse, mas ele gosta do trabalho que faz...

— É claro que sim — disse tranquilamente Hermione. — Não deixes que o Malfoy te faça perder a cabeça.

— Ele, fazer-me perder a cabeça? Como se fosse capaz! — respondeu Ron, pegando num dos últimos bolos do Caldeirão e esmigalhando-o todo.

Ron continuou maldisposto até ao final da viagem. Falou pouco, mesmo quando vestiram os mantos da escola, e deitava ainda fumo por todos os poros quando o Expresso de Hogwarts abrandou, parando por fim na estação de Hogsmeade.

Mal as portas se abriram, ouviu-se no céu o ribombar de um trovão. Hermione agasalhou *Crookshanks* no seu manto e Ron manteve o manto de cerimónia sobre *Pigwidgeon*. Saíram do comboio defendendo-se do mau tempo, de cabeças baixas e olhos contraídos. A chuva era agora tão grossa que parecia que estavam a despejar-lhes em cima baldes de água gelada.

— Hagrid — gritou Harry, ao ver uma silhueta enorme num dos extremos da plataforma.

— Tudo bem, Harry? — respondeu ele aos gritos, entre grandes acenos. — Vemo-nos no banquete, se não morrermos afogados.

Os alunos dos primeiros anos costumavam chegar ao castelo através do lago, conduzidos de barco por Hagrid.

— Oh, não me apetecia nada ter de atravessar o lago com este tempo — disse Hermione a tremer enquanto avançavam lentamente pela plataforma mal iluminada misturados com a multidão. Uma centena de carruagens sem cavalos esperava por eles à porta da estação. Harry, Ron, Hermione e Neville subiram, satisfeitos, para uma delas. A porta fechou-se ruidosamente e, pouco depois, com um enorme solavanco, a longa fila de carruagens subiu o caminho até ao castelo de Hogwarts, respingando tudo em seu redor.

XII

O TORNEIO DOS TRÊS FEITICEIROS

As carruagens entraram pelos magníficos portões cercados de estátuas de javalis alados e subiram, oscilando perigosamente, empurradas por fortes rajadas de vento. Encostado à janela, Harry via, por detrás da espessa cortina de chuva, o castelo de Hogwarts que estava cada vez mais perto, com as suas inúmeras janelas de vidros embaciados. Os relâmpagos enchiam o céu quando a carruagem parou em frente das enormes portas de carvalho que se erguiam acima de um lanço de escadas de pedra. Os alunos das carruagens da frente estavam já a subir os degraus. Harry, Ron, Hermione e Neville saíram a correr e galgaram a distância, só erguendo a cabeça quando se encontravam na segurança do enorme *Hall* de Entrada, iluminado por tochas, com a sua magnífica escadaria de mármore.

— Até que enfim! — suspirou Ron, sacudindo a cabeça e espalhando água à sua volta. — Se isto continua, o lago acaba por transbordar. Estou ensopado. Urgh!

Um enorme balão vermelho cheio de água soltara-se do tecto, rebentando em cima da sua cabeça. Ensopado e a deitar perdigotos, Ron cambaleou, indo contra Harry no preciso momento em que rebentava um segundo balão de água, que por pouco não acertava em Hermione e que foi cair junto aos pés de Harry, ensopando-lhe os sapatos de água fria e molhando-lhe as meias. As pessoas em volta tremiam e começavam a empurrar-se umas às outras para saírem da linha de perigo. Harry olhou para cima e viu que, flutuando seis metros acima deles, se encontrava Peeves, o *poltergeist*, um homenzinho de chapéu em forma de sino e lacinho cor de laranja ao pescoço, que exibia uma expressão maliciosa e retorcida, enquanto se concentrava para repetir a proeza.

— PEEVES! — gritou uma voz de poucos amigos. — Peeves, desce

IMEDIATAMENTE!

A professora McGonagall, subdirectora e chefe da equipa dos Gryffindor, saía precipitadamente do Salão. Derrapou no chão molhado e agarrou-se ao pescoço de Hermione na tentativa de se equilibrar. — Ai, desculpe, Miss Granger...

— Tudo bem, professora — balbuciou Hermione, esfregando o pescoço.

— Peeves, sai daí, JÁ! — gritou a professora McGonagall, endireitando o chapéu pontiagudo e olhando para cima através dos seus óculos quadrados.

— Não estou a fazer mal nenhum — cacarejou Peeves, aproximando um balão de água de várias raparigas do quinto ano que gritavam e entravam a correr no Salão. — Já estão molhadas, não estão, suas convencidas? Uuuuuuu! — e apontava outro balão a um grupo de alunos do segundo ano que acabava de entrar.

— Vou chamar o director — ameaçou a professora McGonagall. — Estou a avisar-te, Peeves...

Peeves deitou a língua de fora, lançou pelos ares o último balão de água e voou sobre a escadaria, cacarejando como um demente.

— Bem, vamos andando — indicou, num tom enérgico, a professora McGonagall à multidão enlameada. — Aqui para o Salão, vamos.

Harry, Ron e Hermione atravessaram o *Hall* a patinar e passaram pelas grandes portas à direita, com Ron a resmungar, furioso, enquanto tentava afastar do rosto o cabelo encharcado.

O Salão Nobre estava, como sempre, magnificamente enfeitado para o banquete do começo do ano. Pratos e taças de ouro brilhavam à luz de centenas de velas que flutuavam no ar por cima das mesas. As quatro mesas das equipas encontravam-se cheias de estudantes bem-dispostos. Ao fundo do Salão podia ver-se, voltada para os estudantes, uma quinta mesa, a dos professores. O ambiente era quente e acolhedor. Harry, Ron e Hermione passaram pelos Slytherin, pelos Ravenclaw e pelos Hufflepuff e sentaram-se com os restantes Gryffindor do outro lado do Salão, junto de Nick Quase-Sem-Cabeça, o fantasma dos Gryffindor. Pálido e translúcido, Nick tinha vestido nessa noite o seu habitual gibão com a enorme gola de tufos que tinha dois objectivos: dar-lhe um ar festivo e disfarçar a cabeça que não encaixava lá muito bem no pescoço semidecegado.

— Boa noite — cumprimentou, fazendo-lhes uma vénia.

— Péssima noite, queres tu dizer — respondeu Harry, tirando as sapatilhas e despejando a água lá de dentro. — Espero que a selecção não demore muito. Estou cheio de fome.

A distribuição dos novos alunos por equipas era feita no começo de cada ano escolar, mas por um infeliz acaso Harry não voltara a assistir a

nenhuma depois do seu primeiro ano e estava ansioso.

Nesse momento, uma voz excitadíssima e quase sem fôlego chamou aos gritos: — Harry, Harry.

Era Colin Creevey, um aluno do terceiro ano para quem Harry era um verdadeiro herói.

— Olá, Colin — disse Harry, satisfeito.

— Harry, adivinha quem vai começar este ano? O meu irmão Dennis!

— Hã... ainda bem.

— Ele está muito entusiasmado! — gritou Colin quase aos saltos na cadeira. — Só espero que fique nos Gryffindor. Faz figas, Harry.

— Hã... está bem — disse Harry. Voltou-se bruscamente para Hermione, Ron e Nick Quase-Sem-Cabeça: — Os irmãos costumam ficar sempre na mesma equipa, não é? — perguntou. Estava a pensar nos Wesley, todos os sete irmãos tinham ficado na equipa dos Gryffindor.

— Nem sempre — explicou Hermione. — A irmã gémea da Parvati Patil está nos Ravenclaw e elas são idênticas, era de supor que ficassem juntas, não te parece?

Harry olhou para a mesa dos professores. Parecia haver mais lugares vazios do que habitualmente. Hagrid atravessava ainda o lago com os alunos do primeiro ano, a professora McGonagall devia estar a supervisionar a limpeza do chão do *Hall*, mas havia ainda outro lugar vazio e ele não conseguia lembrar-se de quem mais faltava.

— Onde está o novo professor de Defesa Contra a Magia Negra? — perguntou Hermione que também observava atentamente os professores.

A verdade é que nunca tinham tido um professor de Defesa Contra a Magia Negra que ficasse na escola mais do que três períodos. O preferido de Harry fora, de longe, o professor Lupin, que se demitira no último ano. Olhava para ambos os extremos da mesa, mas não havia efectivamente nenhum rosto novo.

— Talvez não tenham conseguido contratar ninguém — sugeriu Hermione, ansiosa.

Harry examinou a mesa agora com mais atenção. Flitwick, o professor baixinho de Encantamentos, estava sentado em cima de uma pilha de almofadas ao lado da professora Sprout, de Herbologia, que usava um chapéu de esguelha sobre o abundante cabelo grisalho. Conversava com a professora Sinistra do Departamento de Astronomia. Do outro lado da professora Sinistra podia ver-se o pálido Snape, professor de Poções, com o seu nariz adunco e o cabelo oleoso. Para Snape, Harry era a criatura mais indesejável em Hogwarts. O ódio que Harry sentia por Snape só tinha comparação com o ódio que Snape nutria por ele, um ódio que, se possível,

se intensificara mais ainda no último ano, quando Harry ajudara Sirius a fugir debaixo do desmesurado nariz de Snape (Snape e Sirius eram inimigos desde o tempo de estudantes).

Ao lado de Snape havia um lugar vazio que Harry sabia pertencer à professora McGonagall. A seguir, e bem ao centro da mesa, estava sentado o professor Dumbledore, o director, com a sua barba e cabelos prateados brilhando à luz das velas, as suas magníficas vestes verde-escuras salpicadas de luas e de estrelas. As pontas dos longos dedos de Dumbledore estavam unidas e ele repousava o queixo sobre elas, olhando para o tecto através dos óculos de meia-lua, como se estivesse perdido em profundos pensamentos. Harry olhou também para o tecto, que tinha sido encantado para se apresentar igual ao verdadeiro céu. Harry nunca o vira tão tenebroso. Nuvens negras e de cor de púrpura giravam em torvelinho e, ao mesmo tempo que ribombava outro trovão, um imenso raio riscava o céu.

— Oh, despachem-se — resmungou Ron. — Já comia um hipogrifo.

Mal tinha acabado de falar, as duas portas abriram-se e fez-se silêncio. A professora McGonagall conduzia uma longa fila de alunos do primeiro ano até ao fundo do Salão. Se Harry, Ron e Hermione estavam molhados, o que dizer destes alunos do primeiro ano que parecia terem atravessado o lago a nado e não de barco? Todos eles tremiam de frio e medo, enquanto passavam pela mesa dos professores, parando em frente dos restantes alunos, todos excepto o mais baixinho do grupo, um rapaz de cabelo pardo que estava embrulhado numa coisa que Harry reconheceu como sendo o sobretudo de pêlo de toupeira de Hagrid. O casaco ficava-lhe tão grande que parecia estar dentro de uma tenda de pêlo escuro. O rosto pequenino saía da gola com um esgar de dor. Quando alinhou com os colegas, quase tão assustados como ele, trocou um olhar com Colin Creevey, deu dois vivas e balbuciou: — Caí ao lago! — Parecia absolutamente deliciado com o sucedido.

A professora McGonagall colocara agora um banco de três pernas à frente deles e, em cima do banco, um velho chapéu de feiticeiro todo puído, sujo e remendado. Os alunos do primeiro ano ficaram espantados a olhar. Fez-se um breve momento de silêncio. A seguir, um rasgão junto da aba abriu-se como uma boca enorme e o chapéu começou a cantar:

*Mil anos atrás, ou mais
Era eu um chapéu recém-cosido
Viveram quatro grandes feiticeiros
Que nunca mais foram esquecidos:
Valente Gryffindor da beira-rio,*

*O belo Ravenclaw do vale
Suave Hufflepuff veio dos baixios
Sagaz Slytherin do pantanal.
Uma vontade, uma esperança, um sonho
Em todos eles crescia:
Fundar a escola de Hogwarts
Ensinar magia e feitiçaria.
Formaram-se então as quatro equipas
Para os quatro grandes fundadores
Cada uma delas recrutava
De acordo com os seus valores.
Gryffindor escolhia os feiticeiros
Corajosos e valentes,
E Ravenclaw sempre os primeiros,
Os mais inteligentes.
Para Hufflepuff iam os zelosos
Trabalhando por prazer.
Para Slytherin os ambiciosos
Com sede de poder.
Enquanto vivos dividiram
Escolhendo os seus melhores
Mas quando morressem quem iria
Ser o seleccionador?
Foi Gryffindor quem descobriu
Um meio seguro e divertido
Os fundadores puseram então
Miosos no meu tecido
Agora ponham-me na cabeça
Lá para dentro eu vou olhar
Farei o que me pareça
Direi qual é o vosso lugar.*

O Salão estremeceu de aplausos quando o Chapéu Seleccionador chegou ao fim. — Não é a mesma canção que ele cantou quando fomos seleccionados — comentou Harry, batendo entusiasticamente as palmas.

— Canta uma diferente todos os anos — explicou Ron. — Deve ter uma vida muito aborrecida como chapéu. Aposto que passa todo o ano a preparar a próxima canção.

A professora McGonagall estava agora a desenrolar uma enorme folha de pergaminho.

— Quando eu chamar o vosso nome, vocês sentam-se no banco e põem o Chapéu — explicou ela aos alunos do primeiro ano. — Depois de o Chapéu anunciar a vossa equipa, vão sentar-se na respectiva mesa.

— Ackerley, Stewart!

Um rapazinho a tremer da cabeça aos pés pegou no Chapéu Seleccionador, pô-lo na cabeça e sentou-se no banco.

— Ravenclaw! — gritou o Chapéu.

Stewart Ackerley tirou o Chapéu e apressou-se a escolher um lugar na mesa dos Ravenclaw onde todos o aplaudiam.

Harry vislumbrou Cho, a *seeker* dos Ravenclaw, aclamando Stewart Ackerley enquanto ele se sentava. Por uma fracção de segundo, Harry teve vontade de ir também sentar-se na mesa dos Ravenclaw.

— Baddock, Malcolm!

— Slytherin!

A mesa do outro lado do Salão agitou-se ao som de aplausos. Harry viu Malfoy a bater palmas no momento em que Baddock se lhes juntava.

Pensou de si para consigo se Baddock sabia que a equipa dos Slytherin formara mais feiticeiras e feiticeiros das Trevas do que qualquer uma das outras. Fred e George apuparam Malcolm Baddock quando ele se sentou.

— Branstone, Eleanor.

— Hufflepuff!

— Cauldwell, Owen.

— Hufflepuff!

— Creevey, Dennis.

O pequenino Dennis Creevey deu um passo em frente, tropeçando no sobretudo de pêlo de toupeira de Hagrid no preciso momento em que este entrava no Salão por uma porta atrás da mesa dos professores. Duas vezes mais alto do que um homem normal e três vezes mais corpulento, Hagrid, com os seus longos cabelos pretos, tinha um ar um tanto ou quanto assustador, um aspecto que em nada correspondia à realidade, pois Harry, Ron e Hermione sabiam que ele era extremamente bondoso. Hagrid fez-lhe sinal e sentou-se num dos extremos da mesa dos professores vendo Dennis Creevey pôr o Chapéu Seleccionador. O rasgão junto da aba abriu-se de par em par.

— Gryffindor! — gritou o Chapéu.

Hagrid aplaudiu juntamente com os Gryffindor quando Dennis Creevey, muito corado, tirou o Chapéu, voltando a colocá-lo sobre o banco e correu a juntar-se ao irmão.

— Colin, caí — disse com uma voz estridente, lançando-se sobre um lugar vazio. — Foi incrível, e uma coisa na água pegou em mim e pôs-me

outra vez no barco!

— Fixe — disse Colin, tão entusiasmado como ele. — Deve ter sido a lula gigante.

— Uau! — exclamou Dennis como se não pudesse ter-lhe acontecido nada melhor que cair num lago no meio de uma tempestade e ser agarrado por um gigantesco monstro aquático.

— Dennis, Dennis, vêς aquele rapaz ali? O de cabelo castanho e óculos? Vês? Sabes quem é, Dennis?

Harry desviou o olhar, observando ainda com mais atenção o Chapéu que agora seleccionava Emma Dobbs.

A selecção continuou. Rapazes e raparigas, uns mais assustados do que outros, foram-se sentando no banco de três pernas. A fila diminuiu visivelmente quando a professora McGonagall passou os «L»s.

— Despachem-se — resmungava Ron, massajando o estômago.

— Então, Ron, a selecção é muito mais importante do que a comida — admoestou-o Nick Quase-Sem-Cabeça no momento em que Laura Madley se tornava uma Hufflepuff.

— Para ti que estás morto, claro.

— Espero que os Gryffindor deste ano valham para alguma coisa — lançou Nick Quase-Sem-Cabeça, aplaudindo enquanto Natalie McDonald se juntava à mesa dos Gryffindor. Não queremos deixar fugir a nossa maré de sorte, pois não?

Os Gryffindor tinham vencido o Campeonato Inter-Equipas durante os últimos três anos.

— Pritchard, Graham.

— Slytherin!

— Quirke, Orla.

— Ravenclaw!

E, por fim, com Kevin Whitby (Hufflepuff), a selecção terminou. A professora McGonagall pegou no banco e no Chapéu Seleccionador e levou-os para dentro.

— Já não era sem tempo — disse Ron, agarrando no garfo e na faca e olhando, expectante, para o prato dourado.

O professor Dumbledore pusera-se de pé e sorria para os estudantes com os braços abertos num gesto de boas-vindas.

— Tenho apenas três palavras para vos dizer — comunicou, enchendo o Salão com a sua voz profunda. — Toca a enfiar.

— Apoiado! Muito bem! — gritaram Harry e Ron, enquanto as travessas se enchiam magicamente de iguarias.

O Nick Quase-Sem-Cabeça olhava com tristeza enquanto Harry, Ron e

Hermione se serviam abundantemente.

— Assi' 'tá me'or — disse Ron com a boca cheia de puré de batata.

— Estás cheio de sorte por haver festa hoje, não sei se sabes. —
confidenciou o Nick Quase-Sem-Cabeça. — Houve problemas há bocado na cozinha.

— Porquê? O que foi qu' aconteceu? — perguntou Harry a mastigar um bom bocado de bife.

— Peeves, claro — elucidou Nick Quase-Sem-Cabeça, abanando a cabeça que balouçou perigosamente. Puxou a gola de tufos um pouco para cima. — A discussão do costume. Ele queria assistir à festa, o que está absolutamente fora de questão. Sabes como ele é, um bárbaro autêntico, não pode ver um prato de comida à frente sem o deitar logo ao chão. Reunimos uma assembleia de fantasmas. O Monge Gordo estava disposto a dar-lhe uma oportunidade, mas o Barão Sangrento opôs-se e bateu o pé. Com grande sensatez, se querem saber a minha opinião.

O Barão Sangrento era o fantasma dos Slytherin, um espectro lúgubre e silencioso coberto de manchas de sangue prateado. Era o único ser em Hogwarts que conseguia realmente controlar Peeves.

— Sim, nós achámos que o Peeves parecia irritado com qualquer coisa — murmurou Ron apreensivo. — Mas que fez ele afinal nas cozinhas?

— Ora, o costume — disse o Nick Quase-Sem-Cabeça, encolhendo os ombros. — Instalou a confusão e o caos. Tachos e panelas entornados, tudo alagado de sopa, apavorou os elfos domésticos que se descontrolaram...

Zás! Hermione acabava de entornar a taça dourada. O sumo de abóbora espalhou-se rapidamente pela toalha, tingindo de cor de laranja mais de um metro de linho branco, mas ela não se preocupou com isso.

— Também há elfos domésticos aqui? — perguntou, olhando horrorizada para o Nick Quase-Sem-Cabeça. — Aqui, em Hogwarts?

— Com certeza — declarou o fantasma, surpreendido com aquela reacção. — O maior número que existe em qualquer sítio da Grã-Bretanha, julgo eu, cerca de uma centena.

— Eu nunca vi nenhum — confessou Hermione.

— Bem, durante o dia eles quase nunca deixam a cozinha — explicou o Nick Quase-Sem-Cabeça. — Saem à noite para fazer alguns trabalhos de limpeza... Tratar das lareiras e coisas assim. Afinal, não é de esperar que sejam vistos, pois não? Um bom elfo doméstico deve passar despercebido.

Hermione olhou para ele, espantada.

— Mas recebem vencimento, têm direito a férias pagas, não é verdade? A baixas por doença, a pensões?

O Nick Quase-Sem-Cabeça riu tão alto que a gola de tufos escorregou e

a cabeça tombou, ficando a balouçar no centímetro de pele e músculo que a prendia ao pescoço.

— Baixas por doença e pensões? — repetiu, voltando a endireitar a cabeça e segurando-a com a gola. — Os elfos domésticos não querem baixas por doença nem pensões!

Hermione olhou para o prato de comida em que mal tinha tocado, pousou o garfo e a faca e empurrou-os para longe.

— Vá lá... Her-bi-on — disse Ron, cuspiendo sem querer pedaços de pudim Yorkshire para cima de Harry. — Ai desculpa, Harry. — Não vais conseguir-lhes baixas por doença deixando de comer.

— Trabalho de escravo — afirmou Hermione, respirando com dificuldade. — Este jantar foi feito com trabalho de escravos.

E recusou-se a comer o quer que fosse.

A chuva tamborilava ainda fortemente contra as janelas altas e escuras. Um novo ribombar de trovão fê-las estremecer e o céu ameaçador faiscou, iluminando a louça dourada, no momento em que os restos do prato principal desapareciam e eram substituídos pela sobremesa.

— Tarte de melão, Hermione — disse Ron, enviando-lhe com a mão o aroma dos doces. — Olha, pudim de passas, bolo de chocolate.

Mas Hermione lançou-lhe um olhar que lembrava o da professora McGonagall e que o desencorajou rapidamente.

Quando as sobremesas acabaram e as últimas migalhas desapareceram dos pratos, deixando-os a brilhar de limpos, Albus Dumbledore pôs-se novamente de pé. O ruído de fundo que enchia o Salão cessou bruscamente e apenas podia ouvir-se o uivar do vento e a chuva que continuava a cair.

— Muito bem — declarou Dumbledore, sorrindo para todos. — Agora que estamos bem alimentados, que já comemos e bebemos — («Hump!», fez Hermione) —, vou pedir uma vez mais a vossa atenção para algumas informações que devo transmitir-vos. Mr. Filch, o encarregado, pediu-me que vos comunicasse que a lista de objectos proibidos dentro do castelo foi aumentada, incluindo este ano ioiôs gritantes, *Frisbees* com dentes e bumeranges agressivos. A lista completa contém quatrocentos e trinta e sete itens e poderá ser consultada no gabinete de Mr. Filch.

Os cantos da boca de Dumbledore contorceam-se.

Prosseguiu: — Como sempre, gostaria de recordar-vos que a Floresta está interdita a todos os alunos e a vila de Hogsmeade aos dos primeiros e segundos anos. Lamento também informar-vos de que não se realizará este ano a Taça Inter-Equipas de Quidditch.

— O quê? — balbuciou Harry, voltando-se para Fred e George, seus parceiros na equipa de Quidditch, que olhavam mudos para Dumbledore,

incapazes de abrir a boca, tal era o espanto.

Dumbledore continuou: — Isto porque um evento, que terá início em Outubro e se estenderá por todo o ano lectivo, irá tomar muito tempo e energia aos vossos professores; tenho, porém, a certeza de que vocês irão adorar. É com grande satisfação que vos anuncio que este ano em Hogwarts...

Mas nesse momento ouviu-se o barulho ensurdecedor de um trovão e as portas do Salão Nobre abriram-se de par em par.

No limiar encontrava-se um homem envolto num manto negro de viagem que se apoiava num enorme bordão. Todas as cabeças no Salão Nobre se voltaram para o estranho, subitamente iluminado pelo clarão de um relâmpago que irrompeu do tecto. O homem baixou o capuz, sacudiu a longa juba grisalha e em seguida avançou para a mesa dos professores.

A cada dois passos que dava, um som surdo ecoava no Salão. Chegou ao extremo da mesa, voltou-se e dirigiu-se a Dumbledore. Outro clarão de luz rasgou o tecto. Hermione ficou sem ar.

O relâmpago permitiu ver o rosto do homem, um rosto diferente de todos os que Harry vira até então. Parecia ter sido esculpido em madeira por alguém que não fazia a menor ideia do aspecto que deveria ter um rosto humano e que não possuía qualquer habilidade no uso do cinzel. Cada centímetro de pele parecia coberto de cicatrizes. A boca era uma espécie de golpe em diagonal e faltava-lhe um grande pedaço de nariz, mas eram os olhos que o tornavam deveras assustador.

Um deles era escuro e pequeno como uma gota; o outro, redondo e grande como uma moeda e de um azul-vivo e eléctrico. O olho azul não parava de se mover sem pestanejar, rolando para cima e para baixo, para a direita e para a esquerda com uma total independência do olho normal. A dada altura, deu mais uma volta e apontou para a nuca do homem, deixando apenas à vista a superfície branca.

O estranho chegou junto de Dumbledore, estendeu-lhe a mão, tão cheia de cicatrizes como a cara, mão essa que Dumbledore apertou, murmurando algumas palavras que Harry não conseguiu ouvir. Parecia estar a fazer-lhe um interrogatório. O homem estranho abanou a cabeça, muito sério, e respondeu em voz baixa. Dumbledore acenou afirmativamente e, com um gesto, indicou-lhe a cadeira vazia à sua direita.

O estranho sentou-se, sacudiu a juba grisalha, afastando-a da cara, puxou para si um prato de salsichas, ergueu-o até ao que restava do seu nariz e cheirou. Em seguida tirou do bolso uma pequena navalha e espetou-a na ponta de uma das salsichas. Entretanto, o olho azul dava voltas inquietas na órbita, observando o Salão e os alunos de Hogwarts.

— Permitam-me que vos apresente o vosso novo professor de Defesa Contra a Magia Negra — disse Dumbledore, cortando o silêncio. — O professor Moody.

Era costume os novos mestres serem saudados com um forte aplauso, mas, desta vez, nenhum professor ou aluno bateu as palmas a não ser Dumbledore e Hagrid. Os dois aplaudiram o professor Moody, mas o eco das suas palmas ressoou no silêncio, o que os fez parar rapidamente. As pessoas estavam tão atordoadas com o aspecto bizarro de Moody que não conseguiam deixar de olhar espantadas para ele.

— Moody? — murmurou Harry ao ouvido de Ron. — Moody Olho-Louco? Aquele que o teu pai foi ajudar hoje de manhã?

— Deve ser — respondeu Ron em voz baixa.

— O que lhe terá acontecido? — sussurrou Hermione. — Que terá sido aquilo no rosto dele?

— Não sei — disse Ron, olhando fascinado para Moody.

O homem parecia totalmente indiferente àquela recepção pouco calorosa. Ignorando o jarro de sumo de abóbora que tinha na frente, procurou mais uma vez no seu manto de viagem, tirou de lá de dentro um cantil e tomou um grande gole. Quando levantou o braço para beber, o manto subiu um pouco e Harry pôde ver, debaixo da mesa, vários centímetros de perna de pau que terminavam numa garra.

Dumbledore pigarreou de novo.

— Como ia dizendo — comunicou a sorrir ao mar de estudantes que tinha diante de si e que olhavam confusos para Moody Olho-Louco —, durante os próximos meses vamos ter a honra de promover um evento muito estimulante. Um evento que não é levado a cabo há mais de um século. É com o maior prazer que vos informo de que o Torneio dos Três Feiticeiros se realizará durante o próximo ano em Hogwarts.

— Isto é uma piada — disse Fred Weasley em voz alta.

A tensão que enchera o Salão com a entrada de Moody Olho-Louco foi subitamente quebrada.

Quase todos se riam e Dumbledore dava gargalhadas de satisfação.

— Não é piada, não, Mr. Weasley — disse. — Se bem que, por falar nisso, contaram-me uma piada magnífica durante o Verão sobre um gigante, uma bruxa e um duende que foram a um bar...

A professora McGonagall pigarreou para ele ouvir.

— Bem... talvez não seja a melhor altura — anuiu Dumbledore. — Onde ia eu? Ah, sim, o Torneio dos Três Feiticeiros... Bem, alguns de vocês não saberão talvez o que este torneio envolve. Espero, portanto, que aqueles que sabem me perdoem esta breve explicação:

«O Torneio dos Três Feiticeiros foi criado há cerca de setecentos anos como uma competição amigável entre as três maiores escolas de feitiçaria da Europa: Hogwarts, Beauxbatons e Durmstrang. Era escolhido um campeão para representar cada uma das escolas e esses três campeões competiam na resolução de três tarefas mágicas. De cinco em cinco anos, alternadamente, cada escola organizava o torneio, que era considerado um excelente meio de estabelecer vínculos entre jovens feiticeiras e feiticeiros dos diferentes países. Isto, claro, até que o número de mortes se tornou tão elevado que o torneio teve de ser abolido.

— O número de mortes? — murmurou Hermione, alarmada. Mas a sua ansiedade não foi partilhada pela maior parte dos alunos que se encontravam no Salão. Muitos deles sussurravam entusiasmados ao ouvido do parceiro do lado e até Harry estava mais interessado em ouvir falar do torneio do que preocupado com as mortes que tinham ocorrido havia centenas de anos.

— Houve ao longo dos séculos várias tentativas de reactivar este torneio — prosseguiu Dumbledore —, mas nenhuma delas teve grande sucesso. Contudo, o nosso Departamento de Co-operação Internacional de Jogos e Desportos Mágicos considerou que estava na altura de fazermos outra tentativa. Trabalhámos muito durante o Verão para garantir que, desta vez, nenhum campeão ou campeã correrá risco de morte.

«Os directores de Beauxbatons e Durmstrang chegarão em Outubro com os seus concorrentes finalistas e a selecção dos três campeões terá lugar no Dia das Bruxas. Um juiz imparcial decidirá quais os alunos aptos a competir pela Taça do Torneio, um dos quais poderá obter a glória para a sua escola e ganhar um prémio de mil galeões.

— Eu vou concorrer — interrompeu Fred com o rosto a brilhar de entusiasmo, perante a possibilidade de tal glória e riqueza.

Mas não era ele o único que se imaginava já como campeão de Hogwarts. Em todas as mesas podia ver-se alunos que olhavam extasiados para Dumbledore e outros que sussurravam nervosamente com os colegas do lado. Dumbledore falou então de novo, e o Salão voltou a ficar em silêncio.

— Embora saiba que todos vocês estão ansiosos por poder trazer a Taça do Torneio para Hogwarts — disse —, os directores das escolas participantes decidiram, juntamente com o Ministério da Magia, que haverá este ano uma idade mínima para concorrer. Só os alunos com mais de dezassete anos poderão candidatar-se. Esta medida — Dumbledore subiu ligeiramente a voz, pois vários alunos tinham expressado a sua indignação e os gémeos Weasley estavam agora furiosos — é muito necessária visto

que as tarefas do torneio continuarão a ser difíceis e perigosas, independentemente das precauções que nós tomemos, e é muito pouco provável que os estudantes antes do sexto e sétimo anos consigam estar à altura delas. Certificar-me-ei pessoalmente de que nenhum aluno de idade inferior tentará ludibriar o nosso juiz imparcial para se tornar campeão de Hogwarts. — Os seus olhos azul-claros brilharam ao passar sobre as caras revoltadas de Fred e George. — Peço-vos, portanto, para não perderem o vosso tempo a inscrever-se se não completaram ainda os dezassete anos. As delegações de Beauxbatons e Durmstrang chegarão em Outubro e ficarão connosco durante a maior parte do ano. Sei que todos vocês acolherão o melhor possível os nossos convidados dos outros países, enquanto aqui estiverem, e que darão todo o apoio ao campeão de Hogwarts logo que ele (ou ela) seja seleccionado. E agora, meus amigos, já é tarde. É importante que amanhã estejam activos e repousados para começarem as vossas aulas. Ala para a cama!

Dumbledore sentou-se outra vez e voltou-se para falar com Moody Olho-Louco. Ouviu-se a algazarra dos estudantes a levantarem-se e a passarem pelas portas para o *Hall* de Entrada.

— Eles não podem fazer isto! — queixava-se George Weasley, que não se juntara à multidão em debandada e ficara de pé, a olhar fixamente para Dumbledore. — Nós fazemos dezassete anos em Abril, por que não nos dá uma oportunidade?

— Eles não vão impedir-me de participar — disse teimosamente Fred, lançando também um olhar mal-humorado à mesa do topo. — Os campeões vão poder fazer milhões de coisas que ninguém pode fazer em situações normais. E o prémio, mil galeões!

— Pois — suspirou Ron com o olhar no vazio. — Mil galeões...

— Vamos embora — sugeriu Hermione —, senão somos os últimos a ficar aqui no Salão.

Os cinco amigos dirigiram-se ao *Hall*, Fred e George falando sobre os meios que Dumbledore eventualmente utilizaria para travar os alunos com menos de dezassete anos que pretendessem entrar no torneio.

— Quem será o juiz imparcial que vai decidir sobre os campeões? — perguntou Harry.

— Sei lá — disse Fred. — Mas temos de o enganar. Acho que alguns rebuçados de poção de crescimento eram capazes de servir, George...

— O Dumbledore sabe que não temos dezassete anos — lembrou Ron.

— Sim, mas não é ele quem escolhe o campeão, ou é? — insistiu vivamente Fred. — O que eu acho é que, quando esse juiz souber quem são os que querem participar, escolherá o melhor de cada escola sem se

preocupar com a idade. O Dumbledore está a tentar evitar que dêmos os nossos nomes.

— Mas houve pessoas que morreram — recordou Hermione com preocupação na voz, enquanto saíam pela porta oculta por uma tapeçaria e subiam uns atrás dos outros por uma escada muito estreita.

— Sim — admitiu Fred de modo desenvolto. — Mas isso foi há séculos, não foi? Além do mais, qual é o gozo de participar se não houver algum risco? Eh, Ron, e se descobrirmos uma maneira de persuadir o Dumbledore? Era um bom começo...

— Que achas? — perguntou Ron a Harry. — Era fixe entrarmos, não era? Mas eles devem querer alguém mais velho, não sei se os nossos conhecimentos serão suficientes...

— Os meus não são — disse a voz melancólica de Neville, que ia atrás de Fred e George. — Se calhar a minha avó gostava que eu tentasse, passa a vida a dizer que eu tenho a obrigação de manter a honra da família. Só terei de... bolas!

O pé de Neville enfiara-se por um degrau a meio da escada. Havia muitos destes degraus falsos em Hogwarts. Os alunos mais antigos já evitavam aquele degrau sem problemas, mas a memória não era o ponto forte de Neville. Harry e Ron agarraram-no pelas axilas e puxaram-no, enquanto uma armadura, no cimo das escadas, chiou e rangeu, rindo ofegantemente.

— Está calada — disse Ron quando passaram por ela, baixando-lhe a viseira.

Dirigiram-se à Torre dos Gryffindor que se ocultava por detrás do grande retrato de uma dama gorda de vestido de seda cor-de-rosa.

— A senha? — perguntou ela ao vê-los aproximarem-se.

— Balderdash! — disse George. — Deu-ma um dos perfeitos lá em baixo.

O retrato balouçou para a frente, revelando um buraco na parede através do qual subiram. Uma lareira aquecia a sala comum, grande e circular, cheia de cadeirões e de mesas. Hermione lançou um olhar carrancudo às chamas bruxuleantes e Harry ouviu-a murmurar, «trabalho de escravos», antes de se despedir, desaparecendo em direcção ao dormitório das raparigas.

Harry, Ron e Neville subiram a última escada de caracol e chegaram ao seu dormitório, que se situava mesmo no cimo da Torre. Encostadas à parede, podiam ver-se cinco camas de dossel com reposteiros carmesim e, aos pés de cada uma delas, a mala do respectivo ocupante. Dean e Seamus estavam já deitados. Seamus pregara a sua roseta da Irlanda na cabeceira da

cama e Dean colocara o *poster* de Viktor Krum por cima da mesinha-de-cabeceira. Ao lado estava o antigo *poster* da equipa de futebol West Ham.

— Débeis mentais — suspirou Ron, abanando a cabeça aos jogadores de futebol completamente imóveis.

Harry, Ron e Neville vestiram os pijamas e meteram-se nas camas. Alguém, sem dúvida um elfo doméstico, colocara botijas de água quente entre os lençóis. Era extremamente confortável ficar ali deitado a ouvir a tempestade lá fora.

— Eu talvez vá nessa — disse Ron no meio do escuro. — Se o Fred e o George descobrirem como... o torneio... nunca se sabe, pois não?

— Acho que não... — Harry deu meia-volta na cama. Na sua mente formava-se uma série de novas imagens. Conseguira convencer o juiz imparcial de que tinha dezassete anos... tornara-se campeão por Hogwarts... estava no meio do relvado, triunfante, com os braços no ar, em frente da escola inteira que o aplaudia entusiasticamente. Acabava de vencer o Torneio dos Três Feiticeiros. O rosto de Cho destacava-se claramente na mancha da assistência, a brilhar de admiração.

Harry sorriu para a almofada, satisfeito por Ron não conseguir ver o que ele via.

XIII

MOODY OLHO-LOUCO

Na manhã seguinte a trovoadra desaparecera, embora o tecto do Salão Nobre se encontrasse ainda carregado. Nuvens pesadas de um tom plúmbeo pairavam sobre as suas cabeças durante o pequeno-almoço, enquanto Harry, Ron e Hermione examinavam os novos horários escolares. Poucos lugares à frente, Fred, George e Lee Jordan discutiam métodos mágicos para ficarem mais velhos e conseguirem entrar no Torneio dos Três Feiticeiros.

— O dia de hoje não é mau. Toda a manhã lá fora — constatou Ron, percorrendo o horário com o dedo. — Herbologia com os Hufflepuff e Cuidados com as Criaturas Mágicas... bolas, continuamos com os Slytherin...

— Duas horas de Artes Divinatórias hoje à tarde — resmungou Harry, olhando para baixo. Artes Divinatórias era a matéria de que menos gostava, sem contar com Poções. A professora Trelawney estava sempre a prever a sua morte, o que era extremamente desagradável.

— Vocês deviam ter desistido, como eu fiz — afirmou Hermione, barrando uma torrada com manteiga. — Assim sempre podiam aprender alguma coisa útil como Aritmancia.

— Vejo que voltaste a comer — observou Ron, enquanto Hermione acrescentava à torrada uma generosa quantidade de compota.

— Decidi que há maneiras melhores de defender os direitos dos elfos — respondeu com alguma arrogância.

— Sim, sim... e tu estás cheia de fome — constatou ele a sorrir.

Ouviu-se um ruído de asas por cima das mesas e uma centena de corujas entrou a planar pelas janelas abertas, transportando o correio da manhã. Harry olhou instintivamente para cima, mas não havia nenhuma coruja

branca no meio da massa de penas castanhas e cinzentas. As aves voaram em círculo, procurando as pessoas a quem as cartas e embrulhos eram dirigidos. Uma grande coruja amarelada planou sobre Neville Longbottom e depositou-lhe no colo uma encomenda. Neville esquecia-se quase sempre de alguma coisa quando fazia as malas. Do outro lado do Salão, o mocho-real de Draco Malfoy aterrara-lhe no ombro, trazendo o que parecia ser o seu habitual fornecimento de bolos e docinhos feitos em casa. Tentando ultrapassar o desconsolo que se fazia sentir no seu estômago, Harry continuou a comer o seu *porridge*. Seria possível que tivesse acontecido alguma coisa a *Hedwig* e que Sirius não tivesse recebido a carta?

Manteve-se preocupado durante todo o caminho pela vereda encharcada da horta até chegarem à estufa número três, onde foi afastado dos seus pensamentos pela professora Sprout, que mostrou à classe as plantas mais feias que Harry vira em toda a sua vida. Na verdade, nem pareciam plantas e sim gigantescas lesmas pretas, brotando verticalmente do chão. Contorciam-se e tinham umas protuberâncias grandes e brilhantes que pareciam estar cheias de líquido.

— Vomibérculos — disse entusiasmada a professora Sprout. — É preciso espreme-los, vocês vão recolher o pus...

— Recolher o quê? — perguntou, revoltado, Seamus Finnigan.

— Pus, Finnigan, pus — repetiu a professora Sprout. — É precioso, por isso não o desperdices. Vão guardar o pus nestes frascos. Usem as vossas luvas de pele de dragão. O pus dos vomibérculos pode ter estranhos efeitos sobre a pele quando está concentrado.

Espremer vomibérculos era nojento, mas, ao mesmo tempo, estranhamente divertido. Cada espremidela lançava uma enorme quantidade de um líquido verde-amarelado e espesso que cheirava intensamente a gasolina. Recolheram-no nos frascos que a professora Sprout lhes indicara e no final da lição tinham obtido uma quantidade apreciável.

— A Madame Pomfrey vai ficar radiante! — exclamou a professora Sprout, tapando o último frasco com uma rolha de cortiça. — O pus dos vomibérculos é um remédio excelente nos mais renitentes tipos de acne. Certamente vai evitar que os alunos recorram a medidas desesperadas para se verem livres das borbulhas.

— Como a Eloise Midgen, coitada — murmurou Hannah Abbot, uma Hufflepuff. — Tentou amaldiçoar as dela.

— Foi mesmo tola — disse a professora Sprout, abanando a cabeça. — Mas a Madame Pomfrey acabou por lhe consertar o nariz.

No castelo fez-se ouvir uma campainha insistente que atravessou os

campos húmidos, indicando o final da aula, e as turmas separaram-se. Os Hufflepuff subiram a escada de pedra para a aula de Transfiguração e os Gryffindor tomaram outro rumo, dirigindo-se à pequena cabana de madeira de Hagrid que ficava na orla da Floresta Proibida.

Hagrid estava cá fora com uma mão na trela de *Fang*, o cão caçador de javalis. Aos seus pés estavam vários caixotes de madeira abertos e *Fang* gania e puxava a trela, aparentemente ansioso por descobrir o conteúdo dos caixotes. Quando se aproximaram, aperceberam-se de um ruído áspero interrompido por uma espécie de pequenas explosões.

— B'dia — disse Hagrid, sorrindo a Harry, Ron e Hermione. — Tenh'tado aqui à espera dos Slytherin. Eles não vão querer perder isto: Explojentos!

— Repete lá isso — disse Ron.

Hagrid apontou para os caixotes.

— Que nojo! — guinchou Lavender Brown, dando um salto para trás.

Nojo era a palavra que melhor definia os Explojentos, pensou Harry. Pareciam lagostas deformadas e sem carapaça. Terrivelmente pálidos e com um aspecto viscoso, as pernas saíam dos sítios mais estranhos e não tinham cabeça. Havia perto de uma centena em cada caixote e cada um media cerca de quinze centímetros. Trepavam por cima uns dos outros, batendo às cegas contra as paredes e exalavam um cheiro nauseabundo a peixe podre. De vez em quando, saltavam faíscas da extremidade de um Explojento, que com um *pfet* era projectado a vários centímetros de distância.

— 'Cabaram de nascer — disse Hagrid cheio de orgulho. — Vocês vão poder criá-los. Acho qu'irá ser uma boa experiência.

— E para que quereríamos nós criá-los? — perguntou uma voz fria.

Os Slytherin tinham chegado. A voz era de Draco Malfoy. Crabbe e Goyle riam entredentes, apoiando as suas palavras.

Hagrid pareceu atrapalhado com a pergunta.

— Afinal o que é que eles fazem? Para que servem?

Hagrid abriu a boca como quem pensa na questão. Houve uma pausa de alguns segundos. A seguir disse bruscamente: — Iss' é a próxima lição, Malfoy. Hoje vamos só dar-lhes de comer. Vocês vão experimentar vários alimentos. Tenh'aqui ovos de formiga, fígados de rã e um pedaço de cobra anelada. Experimentem dar-lhes um pouco de cada coisa.

— Primeiro pus e agora isto — resmungou Seamus.

Só o grande afecto que os ligava a Hagrid poderia ter feito com que Harry, Ron e Hermione enchessem as mãos com fígados de rã, metendo-os nos caixotes numa tentativa de aliciar os Explojentos. Harry não conseguia

deixar de pensar que tudo aquilo era inútil, porque as criaturas pareciam não ter boca.

— Ai! — gritou Dean Thomas cerca de dez minutos depois. — Ele atacou-me.

Hagrid aproximou-se ansioso.

— A cauda explodiu — disse Dean zangado, mostrando a Hagrid a queimadura na mão.

— Ah, sim, iss’pode acontecer — disse Hagrid, acenando com a cabeça.

— Baah!, Hagrid — fez Lavender Brown. — Que coisa pontiaguda é aquela?

— Ah, alguns têm ferrões — explicou Hagrid, entusiasmado (Lavender retirou bruscamente a mão de dentro do caixote). — Acho que são os machos... as fêmeas têm um’ espécie de sugadores na barriga. Deve ser pra chupar o sangue.

— Claro, já entendi por que estamos a criá-los — disse Malfoy num tom sarcástico. — Quem não adoraria ter um animalzinho de estimação que queima, ferra e morde ao mesmo tempo?

— Lá porque não são bonitos não quer dizer que não possam ser úteis — retorquiu Hermione. — O sangue de dragão tem propriedades fantásticas e com certeza não quererias ter um dragãozinho em casa.

Harry e Ron olharam para Hagrid, que lhes lançou um sorriso furtivo por detrás da barba farfalhada. Nada poderia agradar mais a Hagrid do que ter na sua cabana um dragãozinho de estimação e Harry, Ron e Hermione sabiam isso perfeitamente. Tivera um durante algum tempo, no primeiro ano em que Harry frequentara Hogwarts, um dragão norueguês chamado *Norbert*. Hagrid adorava criaturas monstruosas, quanto mais perigosas, melhor.

— Bem, pelo menos os Explojentos são pequenos — disse Ron enquanto regressavam ao castelo, uma hora mais tarde, para o almoço.

— São pequenos agora — rectificou Hermione num tom de voz exasperado. — Mas quando o Hagrid descobrir o alimento certo, atingirão perto de um metro e oitenta.

— Bem, isso não tem grande importância, se conseguirem curar o enjoo ou lá o que é — lançou Ron com um sorriso dissimulado.

— Sabes muito bem que eu só disse aquilo para calar o Malfoy — respondeu Hermione. — Mas por acaso até acho que ele tem razão. Devíamos acabar com eles antes que comecem a atacar-nos.

Sentaram-se à mesa dos Gryffindor e serviram-se de costeletas de borrego com batatas. Hermione começou a comer tão depressa que Harry e Ron pararam para olhar.

— Hã... essa é a nova maneira de defender os direitos dos elfos? — indagou Ron. — Desta vez vais tentar vomitar?

— Não — respondeu Hermione, procurando manter a dignidade possível com a boca atafalhada de comida. — Só quero ir à biblioteca.

— O quê? — perguntou Ron sem querer acreditar no que ouvia. — Hermione, é o primeiro dia de aulas, ainda nem temos trabalhos de casa.

Hermione encolheu os ombros e continuou a comer como se não visse comida há vários dias. Quando acabou, levantou-se e disse: — Vemo-nos à hora do jantar. — E desapareceu a grande velocidade.

Mal a campainha tocou, dando sinal para o começo das aulas da tarde, Harry e Ron dirigiram-se à Torre Norte onde, no alto de uma apertada escada de caracol, havia uma escada de mão prateada com um alçapão em cima por onde se entrava para a sala onde vivia a professora Trelawney.

Do lume vinha aquele perfume adocicado que eles tão bem conheciam e que lhes entrou pelas narinas mal chegaram ao cimo da escadinha. Como sempre, as cortinas estavam corridas e a sala circular encontrava-se imersa numa luz avermelhada e difusa que vinha dos vários candeeiros cobertos com lenços e xailes. Harry e Ron atravessaram a grande quantidade de puffes e cadeiras às florzinhas que enchiam a sala e foram sentar-se na pequena mesa redonda.

— Bom dia — cumprimentou-os, mesmo atrás de Harry, a voz indistinta da professora Trelawney, que o fez dar um salto.

A professora Trelawney, uma mulher muito magra com uns grandes óculos que faziam com que os olhos parecessem enormes no seu rosto delicado, olhava para Harry com a expressão trágica que ostentava sempre que o via. A habitual quantidade de colares de contas, correntes e pulseiras brilhava no seu corpo, à luz das chamas.

— Estás preocupado, filho — disse tristemente a Harry. — A minha visão interna espreita através do teu rosto corajoso e vê a alma inquieta que se encontra lá dentro. E tenho muita pena de te dizer que os teus receios não são infundados. Vejo tempos difíceis que se avizinham... receio bem que aquilo que te apavora venha mesmo a acontecer. E talvez mais depressa do que tu pensas...

A sua voz tornou-se quase um murmúrio. Ron dirigiu o olhar a Harry, que estava com um ar aparvalhado. A professora Trelawney passou por eles e foi sentar-se num grande cadeirão de orelhas em frente da lareira. Lavender Brown e Parvati Patil, que nutriam por ela uma imensa admiração, estavam mesmo ao lado, sentadas em dois puffes.

— Meus queridos, é altura de nos dedicarmos às estrelas — declarou. — Os movimentos dos planetas e os seus misteriosos presságios revelam-se

apenas àqueles que compreendem os passos da dança celeste. O destino dos humanos pode ser decifrado pelas energias planetárias que se conjugam...

O pensamento de Harry, porém, estava muito longe dali. O lume aromático deixava-o sempre ensonado e com o raciocínio lento, e o discurso desconexo de adivinhar o futuro da professora Trelawney nunca conseguira maravilhá-lo, ainda que não conseguisse esquecer o que ela acabava de lhe dizer — *receio bem que aquilo que te apavora venha mesmo a acontecer...*

Hermione tinha razão, pensou Harry irritado, a professora Trelawney era mesmo uma aldrabona. Ele não estava apavorado com coisa alguma... bem, a não ser que contasse com o receio de que Sirius tivesse sido preso... mas, o que poderia ela saber? Há muito que Harry chegara à conclusão de que os métodos de adivinhar o futuro da professora Trelawney não passavam de uma mistura de sorte com uma maneira muito perturbadora de se exprimir. Excepto, claro, quando no fim do último ano previra que Voldemort se ergueria de novo e, dessa feita, o próprio Dumbledore, após a descrição que Harry lhe fez, admitiu ter-se tratado de um transe genuíno.

— Harry — murmurou Ron.

— O que é?

Harry olhou em volta. A turma em peso olhava para ele. Sentou-se muito direito. Estivera à beira de adormecer, perdido no calor dos seus pensamentos.

— Estava a dizer, meu filho, que tu nasceste sob a influência nefasta de Saturno — afirmou a professora Trelawney com um toque de ressentimento na voz por ele não ter estado atento às suas palavras.

— Nascido sob o quê, desculpe? — perguntou Harry.

— Saturno, querido, o planeta Saturno — repetiu a professora Trelawney visivelmente irritada com a pouca importância que ele dava ao assunto. — Estava a dizer que Saturno ocupava certamente um lugar de destaque no céu na hora do teu nascimento... o teu cabelo escuro, a tua estatura baixa... grandes perdas na juventude... julgo que posso afirmar, meu querido, que nasceste a meio do Inverno?

— Não — disse Harry. — Nasci em Julho.

O riso de Ron transformou-se subitamente num ataque de tosse.

Meia hora mais tarde cada um deles tinha à sua frente um complicado mapa circular e tentava compreender a posição dos planetas no momento em que tinha nascido. Era um trabalho chato, que exigia consultas de tabelas e cálculos de ângulos.

— Eu tenho aqui dois Neptunos! — exclamou Harry, a dada altura, franzindo a testa diante da sua folha de pergaminho. — Não pode estar

certo, pois não?

— Aaaaa! — exclamou Ron, imitando o murmúrio místico da professora Trelawney. — Quando dois Neptunos surgem no céu, Harry, é sinal de que um anão de óculos está a nascer.

Seamus e Dean, que estavam a trabalhar ali ao lado, riram alto, mas não tão alto que conseguisse abafar os guinchos excitados de Lavender Brown.

— Oh, professora, veja, acho que tenho aqui um planeta inesperado. Hum, que planeta é este, professora?

— É Urano, minha querida — disse a professora Trelawney, observando o mapa.

— Posso ver o teu Urano, Lavender? — murmurou Ron.

Infelizmente a professora Trelawney ouviu-o e foi certamente por isso que, no fim da aula, lhe passou tantos trabalhos de casa.

— Uma análise detalhada do modo segundo o qual, nos próximos meses, os movimentos planetários te afectarão, de acordo com o teu mapa astrológico — disse ela num tom de voz que se parecia mais com o da professora McGonagall do que com a sua habitual maneira de falar delicada e graciosa. — Quero esse trabalho na segunda-feira e nada de desculpas!

— Miserável imitação de morcego! — resmungou Ron desapontado, quando se juntou aos outros, descendo as escadas para o jantar. — Vou demorar a semana inteira...

— Muitos trabalhos de casa? — perguntou Hermione que veio ao encontro deles cheia de vivacidade. — O professor Vector não nos passou nenhum.

— Quero lá saber do professor Vector — disse Ron, maldisposto.

Chegaram à entrada do Salão que estava cheio de gente, fazendo fila para o jantar. Tinham acabado de tomar lugar no fim da fila quando uma voz se fez ouvir atrás deles.

— Weasley, eh Weasley!

Harry, Ron e Hermione voltaram-se. Malfoy, Crabbe e Goyle estavam ali parados com um ar extremamente divertido.

— O que foi? — perguntou Ron secamente.

— O teu pai vem no jornal, Weasley — disse Malfoy, agitando um exemplar d'*O Profeta Diário* e falando muito alto para que todos pudessem ouvir. — Prestem atenção:

MAIS FALHAS NO MINISTÉRIO DA MAGIA

Parece que os problemas no Ministério da Magia ainda não chegaram ao

fim, escreve Rita Skeeter, nossa correspondente especial. Recentemente em xeque pelo seu fraco controlo na Taça Mundial de Quidditch e ainda incapaz de responder pelo desaparecimento de uma das suas feiticeiras, o Ministério viu-se ontem envolvido numa situação bastante embaraçosa pelas atitudes grotescas de Arnold Weasley do Departamento de Mau Uso dos Objectos dos Muggles.

Malfoy olhou para cima.

— Nem sequer sabem o nome dele, Weasley, devem considerar o teu pai uma nulidade, não te parece?

Toda a gente à entrada do Salão ouvia agora com o maior interesse. Malfoy endireitou o jornal com um gesto floreado e continuou a ler:

Arnold Weasley, acusado há dois anos de possuir um carro voador, viu-se envolvido numa disputa com vários agentes da ordem (polícias) por causa de uns quantos caixotes de lixo agressivos. Segundo parece, Mr. Weasley foi em auxílio de Moody Olho-Louco, o velho Auror que se reformou do Ministério quando deixou de perceber a diferença entre um aperto de mão e uma tentativa de assassinio. Sem grande surpresa, Mr. Weasley descobriu à chegada à casa bem guardada de Mr. Moody que este, mais uma vez, lançara um falso alarme. Mr. Weasley foi forçado a modificar várias memórias antes de poder livrar-se dos polícias, mas recusou-se a prestar declarações a O Profeta Diário sobre os motivos por que envolvera o Ministério numa cena tão pouco dignificante.

— E vem aqui a fotografia, Weasley — adiantou Malfoy, dando um piparote ao jornal e segurando-o. — Uma fotografia dos teus pais à porta de casa, se é que podemos chamar casa a isto. A tua mãe não perdia nada em fazer uma dieta, Weasley!

Ron tremia de raiva. Estava toda a gente a olhar para ele.

— Vai encher-te de moscas, Malfoy! — disse Harry. — Vamos, Ron.

— Ah, é verdade, tu passaste férias com eles este Verão, não foi, Potter? — insistiu Malfoy — Diz-me lá, a mãe dele é mesmo uma baleia ou é da fotografia?

— E a tua mãe, Malfoy? — ripostou Harry. Tanto ele como Hermione tinham agarrado Ron pelo manto para o impedir de se lançar sobre Malfoy. — Aquele ar enojado da tua mãe, como se tivesse excrementos debaixo do nariz? Ela é sempre assim ou só quando está ao pé de ti?

O rosto pálido de Malfoy ganhou um tom rosado. — Não te atrevas a insultar a minha mãe, Potter!

— Então cala essa boca suja — avisou-o Harry, afastando-se.

ZÁS!

Várias pessoas gritaram. Harry sentiu algo quente e branco roçar-lhe o rosto. Meteu a mão no bolso do manto em busca da varinha, mas antes de a ter encontrado, ouviu um segundo ZÁS e um alarido que encheu o *Hall* de Entrada.

— NÃO VAIS, NÃO, MENINO!

Harry voltou-se. O professor Moody descia a coxear pelas escadas de mármore, com a varinha apontada a um furão branco que tremia no chão coberto de lajes, precisamente no lugar onde Malfoy estivera parado.

No *Hall* fez-se um silêncio de gelo. Ninguém mexeu um músculo a não ser Moody, que se voltou para Harry; o seu olho normal fitava Harry, o outro estava voltado para a sua própria cabeça.

— Magoou-te? — perguntou num tom de voz baixo e grave.

— Não — disse Harry. — Foi por pouco.

— QUIETO! — gritou Moody

— Quietos com quê? — disse Harry confuso.

— Não é contigo, é com ele — resmungou Moody, apontando para Crabbe que ficara imóvel quando ia agarrar o furão branco. Parecia que o olho que andava à volta era mágico e conseguia ver para trás da cabeça.

Moody começou a coxear até Crabbe, Goyle e o furão, que deu um guincho de horror e fugiu em direcção aos calabouços.

— Não vais, não! — resmungou Moody, apontando novamente a varinha ao furão que voou a três metros do chão e caiu com um som agudo para, logo de seguida, voltar a saltar.

— Não gosto de pessoas que atacam os seus opositores pelas costas — gritou Moody enquanto o furão se elevava cada vez mais alto, guinchando de dor. — É uma coisa nojenta, cobarde e vergonhosa...

O furão atravessou o ar com as pernas e a cauda a agitarem-se desamparadamente.

— Nunca – mais – faças – isso — disse Moody, frisando bem cada palavra, enquanto o furão caía no chão de pedra e se erguia de novo.

— Professor Moody! — chamou uma voz alarmada.

A professora McGonagall descia a escadaria de mármore com uma braçada de livros.

— Como está, professora McGonagall? — disse Moody com toda a calma, erguendo o furão ainda mais alto.

— O que... está a fazer? — perguntou a professora McGonagall, seguindo com os olhos a trajectória do furão pelo ar.

— A ensinar — respondeu Moody.

— Ensi... Moody, isso é um aluno? — guinchou a professora McGonagall, deixando cair os livros ao chão.

— Claro! — anuiu Moody.

— Oh, não — gritou a professora McGonagall, descendo as escadas a correr e pegando na varinha. No momento seguinte, Draco Malfoy reaparecia, com grande ruído, deitado no chão com o seu lustroso cabelo loiro todo despenteado, caindo-lhe para o rosto, agora de um intenso tom rosado. Pôs-se de pé, em pânico.

— Moody, nós nunca usamos a Transfiguração como castigo — disse a professora McGonagall quase sem voz. — O professor Dumbledore certamente ter-lhe-á dito?

— Talvez tenha feito uma referência, sim — respondeu Moody, coçando o queixo com ar despreocupado — Mas achei que um bom tratamento de choque...

— Nós damos castigos, Moody, ou falamos com o chefe de equipa a que o aluno pertence.

— Sim, sim, é o que farei — disse Moody, olhando fixamente para Malfoy com grande antipatia.

Malfoy, cujos olhos claros estavam ainda lacrimejantes de dor e humilhação, olhou maldosamente para Moody e murmurou uma frase da qual apenas foi possível distinguir «O meu pai».

— Ah, sim? — disse Moody com toda a calma, avançando a coxear alguns passos, o ruído surdo da perna de pau a ecoar no *Hall*. — Pois fica a saber que conheço o teu pai há muitos anos, rapaz! Diz-lhe que o Moody está de olho no filho dele. Dá-lhe esse recado da minha parte... Bom, o chefe da tua equipa é o Snape, não é?

— Sim — confirmou Malfoy cheio de rancor.

— Outro velho amigo — resmungou Moody. — Há muito tempo que ando para ter uma conversa com o Snape... anda daí. — E arrastou Malfoy por um braço até aos calabouços.

A professora McGonagall olhou ansiosa para eles durante alguns momentos. Por fim, fez um gesto com a varinha, e os livros que lhe tinham caído ergueram-se no ar e vieram ao seu encontro.

— Não me digam nada — murmurou Ron a Harry e Hermione, enquanto se sentavam à mesa dos Gryffindor alguns minutos mais tarde, rodeados de colegas que queriam saber o que se tinha passado.

— Porquê? — perguntou Hermione surpreendida.

— Porque quero gravar este momento para sempre na minha memória — disse Ron de olhos fechados e uma expressão de êxtase no rosto. — Draco Malfoy, o fantástico furão voador.

Harry e Hermione riram com gosto e Hermione começou a servir-lhes carne estufada.

— Mas ele podia ter magoado bastante o Malfoy — observou ela. — Foi bom a professora McGonagall ter aparecido.

— Hermione — cortou o Ron indignado, com os olhos de novo muito abertos. — Estás a estragar o melhor momento da minha vida!

Hermione fez um ruído de impaciência e começou a comer a grande velocidade.

— Não me digas que esta tarde vais outra vez para a biblioteca? — disse Harry.

— Tem de ser — respondeu Hermione com a voz empastada. — O trabalho é muito.

— Mas disseste-nos que o professor Vector...

— Não é trabalho da escola — explicou. Cinco minutos mais tarde tinha o prato limpo e saía.

Mal ela se levantou, o seu lugar foi ocupado por Fred Weasley. — Como é o Moody, é fixe? — quis saber.

— Mais do que fixe — disse George que se sentara em frente.

— Superfixe — completou o amigo dos gémeos, Lee Jordan, sentando-se ao lado de George. — Tivemos aula com ele hoje à tarde.

— Como foi? — perguntou Harry cheio de interesse.

Fred, George e Lee trocaram entre si olhares significativos.

— Nunca tínhamos tido uma aula assim — declarou Fred.

— Ele sabe mesmo! — exclamou Lee.

— Sabe o quê? — perguntou Ron, chegando-se à frente.

— Sabe o que é andar por aí e fazer as coisas — completou George enigmaticamente.

— Que coisas? — insistiu Harry.

— Combater as forças das Trevas — disse Fred.

— Ele já viu de tudo — acrescentou George.

— Espantoso! — exclamou Lee.

Ron procurou no seu horário: — Só temos aula com ele na quinta-feira — murmurou desapontado.

XIV

AS MALDIÇÕES IMPERDOÁVEIS

Os dois dias que se seguiram decorreram sem grandes incidentes, se não se contar com o sexto caldeirão que Neville derreteu na aula de Poções. O professor Snape, que parecia ter aprimorado nas férias os seus requintes de vingança, deu a Neville um castigo do qual ele saiu à beira de um ataque de nervos, depois de ter tido que estripar um barril cheio de sapos com chifres.

— Sabes por que é que o Snape está tão maldisposto, não sabes? — perguntou Ron a Harry enquanto observavam Hermione que ensinava a Neville um feitiço para retirar tripas de sapo de debaixo das unhas.

— Sei — disse Harry. — É por causa do Moody.

Era do conhecimento geral que Snape queria a disciplina de Defesa Contra a Magia Negra e que ficara pelo quarto ano consecutivo sem ela. Antipatizara com todos os outros professores e não fizera questão de disfarçar, mas parecia estranhamente receoso de mostrar abertamente a sua animosidade em relação a Moody Olho-Louco. Na verdade, sempre que Harry vira os dois juntos, à hora das refeições ou quando se cruzavam nos corredores, tivera a nítida impressão de que Snape evitava o olho de Moody, quer fosse o mágico ou o normal.

— Acho que o Snape tem um pouco de medo dele — disse Harry, pensativo.

— Imagina só se o Moody o transformasse num sapo com chifres — lembrou Ron com o olhar nublado. — E o atirasse contra as paredes da masmorra.

Os alunos do quarto ano dos Gryffindor estavam tão ansiosos pela primeira aula de Moody que chegaram mais cedo na quinta-feira depois do almoço e fizeram fila fora da sala de aula ainda antes de a campainha ter tocado.

A única pessoa que faltava era Hermione, que chegou mesmo em cima da hora.

— Estive na...

— ... biblioteca — Harry terminou a frase. — Vá lá, depressa, ou não conseguiremos os melhores lugares.

Sentaram-se apressadamente em três cadeiras mesmo em frente da secretária do professor, tiraram os exemplares de *Forças das Trevas. Um Guia de Autoproteção* e esperaram, invulgarmente sossegados. Pouco depois, ouviram os passos inconfundíveis de Moody a atravessar o corredor e a entrar na sala com um ar mais estranho e assustador que nunca. A sua garra de madeira era visível por debaixo do manto.

— Podem guardar isso — disse secamente, aproximando-se da secretária e sentando-se. — Não vão precisar desses livros.

Os alunos voltaram a guardar os livros dentro dos sacos. Ron estava entusiasmadíssimo.

Moody pegou no livro de ponto, sacudiu a sua longa juba grisalha para longe do rosto contorcido e marcado e começou a fazer a chamada, acompanhando a lista com o olho normal e perscrutando em volta com o olho mágico que se fixava nos alunos à medida que eles iam respondendo.

— Muito bem — disse, quando a última pessoa se tinha declarado presente. — Recebi uma carta do professor Lupin em que me fala muito desta turma. Julgo que fizeram um bom trabalho sobre os Sem Forma, os Barretinhos Vermelhos, os Hinkypunks, os Grindylows, os Kappas e os Lobisomens, não é assim?

Ouviu-se um murmúrio geral.

— Mas estão longe, muito longe de saber lidar com as maldições — prosseguiu Moody. — E eu estou aqui para vos pôr a par daquilo que os feiticeiros podem fazer uns aos outros. Tenho um ano pela frente para vos ensinar a lidar com as Trevas...

— O quê? Não vai ficar cá? — saltou Ron.

O olho mágico de Moody deu uma volta e fixou Ron, que estava extremamente apreensivo, mas passado um momento Moody sorriu. Era a primeira vez que o fazia e o resultado foi a sua cara, já profundamente desfigurada, ficar ainda mais contorcida e marcada, mas não deixou de ser um alívio saber que, pelo menos, era capaz de sorrir. Ron sentiu-se muito aliviado.

— Tu deves ser o filho do Arthur Weasley — disse. — O teu pai livrou-me de uma grande embrulhada aqui há uns dias... sim, vou ficar só um ano, por especial favor ao Dumbledore... um ano e depois volto para a minha reforma.

Deu uma gargalhada e bateu as palmas.

— Ora, então, vamos lá. Maldições. Surgem das mais diferentes formas e com diversos níveis de intensidade. Segundo o Ministério da Magia, a minha função é ensinar-vos as contramaldições e mais nada. Não devo mostrar as maldições ilegais das Trevas senão aos alunos do sexto ano. Até lá não se considera que vocês tenham idade e condições para lidar com elas. Mas o professor Dumbledore tem muito boa opinião a vosso respeito, acha que vocês aguentam, e eu acho que quanto mais cedo souberem o que vos espera, melhor. Como poderão defender-se de algo que nunca viram? Se um feiticeiro vos quiser lançar uma maldição ilegal, não vai certamente dizer-vos o que tem em mente. Não o fará de uma forma correcta e educada. Vocês têm de estar atentos e alerta. Queira fazer o favor de guardar isso, Miss Brown, quando eu estiver a falar.

Lavender Brown deu um salto e corou até à raiz dos cabelos. Tinha estado a mostrar a Parvati o seu horóscopo completo por baixo da secretária. Pelos vistos, o olho mágico de Moody conseguia ver tão bem através da madeira sólida como para trás da cabeça.

— Portanto, alguém aqui sabe dizer-me quais são as maldições mais penalizadas pela lei da feitiçaria?

Vários alunos puseram hesitantemente a mão no ar, incluindo Ron e Hermione. Moody fez sinal a Ron, se bem que o seu olho mágico continuasse fixo em Lavender.

— Hã... — disse Ron, hesitante. — O meu pai falou-me de uma que se chama a maldição Imperius ou qualquer coisa assim.

— Ah, sim — disse Moody satisfeito. — O teu pai tinha de conhecer essa. Deu um trabalhão ao Ministério há algum tempo, a maldição Imperius.

Moody ergueu-se com dificuldade por causa do pé defeituoso, abriu a gaveta da secretária e retirou um pote de vidro. Lá dentro, passeavam três enormes aranhas. Harry sentiu o amigo chegar-se levemente para ele. Ron tinha pavor de aranhas.

Moody meteu a mão no pote, tirou uma das aranhas para fora e colocou-a na palma da sua mão para que todos pudessem vê-la bem.

Em seguida, apontou-lhe a varinha e proferiu: — *Imperio!*

A aranha saltou da mão de Moody, presa a um fino fio de seda, e começou a balouçar para a frente e para trás como se estivesse num trapézio. Estendeu as pernas rígidas e em seguida deu um salto para trás, partindo o fio e aterrando na secretária, onde começou a dar cambalhotas. Moody fez um movimento de varinha e a aranha ergueu-se em duas pernas, executando o que parecia ser sem qualquer dúvida um número de

sapateado.

Toda a gente na sala ria com gosto, excepto Moody.

— Acham engraçado, não é? — resmungou. — E se eu vos fizesse isto a vocês?

O riso morreu quase de imediato.

— Controlo total — disse Moody lentamente, enquanto a aranha se enroscava numa bola e começava a rebolar. — Eu podia fazê-la saltar pela janela, afogar-se, lançar-se à garganta de um de vocês...

Ron estremeceu involuntariamente.

— Há alguns anos houve muitas feiticeiras e feiticeiros controlados pela maldição Imperius — revelou Moody, e Harry percebeu que ele se referia ao tempo em que Voldemort reinara. — O Ministério teve muita dificuldade em distinguir entre os que agiam por vontade própria e os que eram forçados a isso. A maldição Imperius pode ser combatida e eu vou ensinar-vos como, mas exige uma personalidade forte que nem toda a gente possui. Por isso, sempre que possível, o melhor será evitar ser vítima desta maldição. VIGILÂNCIA CONSTANTE! — bradou e todos deram um salto na cadeira.

Moody pegou na aranha às cambalhotas e voltou a pô-la no pote de vidro. — Mais alguém conhece outra maldição ilegal?

A mão de Hermione ergueu-se no ar e, para grande surpresa de Harry, a mão de Neville também.

A única aula em que Neville se oferecia para dar informações era Herbologia, a sua matéria predilecta. O próprio Neville parecia espantado com a sua ousadia.

— Sim? — disse Moody com o olho mágico fixo nele.

— Há uma. A maldição Cruciatus — disse Neville numa voz baixa mas audível.

Moody olhava atentamente para ele, desta vez com ambos os olhos.

— O teu nome é Longbottom? — perguntou com o olho mágico voltado para baixo, enquanto consultava o livro de ponto.

Neville acenou nervosamente, mas Moody não fez mais perguntas. Voltando-se para toda a turma procurou no pote outra aranha e colocou-a em cima da secretária onde ela ficou imóvel, aparentemente apavorada.

— A maldição Cruciatus — repetiu Moody. — É preciso tornar a aranha um pouco maior para vocês compreenderem bem — disse, apontando-lhe a varinha: — *Engorgio!*

A aranha inchou. Estava agora maior do que uma tarântula. Abandonando toda a compostura, Ron chegou a cadeira para trás, afastando-a o mais possível da secretária de Moody.

Moody voltou a erguer a varinha no ar, apontou-a à aranha e murmurou: — *Crucio!*

Num segundo, as pernas da aranha dobraram-se sobre o seu corpo, o animal deu uma volta e começou a contorcer-se, balouçando para um lado e para o outro. Não emitia qualquer som, mas Harry tinha a certeza de que, se pudesse, teria gritado. Moody não afastou a varinha e a aranha tremia e abanava cada vez com mais força.

— Pare! — disse Hermione num grito estridente.

Harry olhou para ela. Tinha os olhos fixos, não na aranha mas em Neville, e Harry, seguindo-lhe o olhar, viu que ele tinha as mãos cravadas na secretária, os nós dos dedos brancos e os olhos esbugalhados de horror.

Moody ergueu a varinha. As pernas da aranha descontraíram-se um pouco, embora continuasse a contorcer-se.

— *Reducio!* — murmurou Moody e a aranha encolheu, voltando ao seu tamanho normal. O professor voltou a pô-la no pote.

— Sofrimento — disse Moody baixinho. — Não são precisos alicates nem facas para torturar alguém, quando se sabe pôr em prática a maldição *Cruciatus*... que também foi muito popular em tempos. Muito bem! Ninguém conhece mais nenhuma?

Harry olhou em volta. Pela expressão dos colegas que o rodeavam, percebeu a curiosidade geral pelo que iria acontecer à terceira aranha. A mão de Hermione agitou-se levemente no ar.

— Sim? — disse Moody, olhando para ela.

— *Avada Kedavra!* — murmurou Hermione.

Várias pessoas olharam incomodadas para ela, incluindo Ron.

— Ah! — exclamou Moody com outro leve sorriso a aflorar-lhe à boca torta. — Sim, a última e a pior de todas. *Avada Kedavra*, a maldição mortal.

Meteu a mão no pote de vidro e a terceira aranha, como que adivinhando a sua sorte, correu aflitivamente pelo fundo do pote, tentando esquivar-se aos dedos de Moody, mas ele conseguiu agarrá-la e colocou-a sobre o tampo de madeira da secretária, por onde ela correu, apavorada.

Moody ergueu a varinha e Harry sentiu um estranho arrepio.

— *Avada Kedavra!* — rugiu.

Houve um clarão atordoante de luz verde e um ruído de asas como se algo enorme e invisível se elevasse no ar. A aranha caiu instantaneamente de costas, sem mácula, mas indubitavelmente morta. Algumas das raparigas abafaram os gritos. Ron, que se chegara para trás, quase caiu da cadeira ao ver a aranha resvalar na sua direcção.

Com a mão, Moody limpou a secretária, sacudindo a aranha morta.

— Não é bonito — observou com toda a calma. — Nem agradável. E não há nenhuma contramaldição, nem nenhum modo de a impedir. Existe apenas uma pessoa que lhe sobreviveu e essa pessoa está sentada aqui na minha frente.

Harry corou como um pimentão quando os olhos de Moody (os dois) fixaram os seus. Sentiu que as atenções de toda a gente estavam postas nele e olhou para o quadro preto com ar pensativo, embora não houvesse nada lá escrito.

Então, fora assim que os seus pais tinham morrido... exactamente como a aranha! Teriam também ficado perfeitos e sem mácula, vendo apenas o clarão de luz verde e ouvindo o sussurro veloz das asas da morte, antes de a vida ser varrida dos seus corpos?

Havia três anos que Harry tentava imaginar a morte dos pais, desde que descobrira que eles tinham sido assassinados, desde que descobrira o que acontecera naquela noite: como Wormtail os traíra, indicando o seu esconderijo a Voldemort, que os encontrara em casa. Ficara também a saber que Voldemort matara primeiro o seu pai, que James Potter tentara ganhar tempo, gritando à mulher que pegasse em Harry e o levasse dali... e que Voldemort avançara para Lily Potter, dizendo-lhe que se afastasse e o deixasse matar Harry... Sabia agora o quanto ela lhe suplicara que a matasse antes a ela e como se recusara a deixar de proteger o filho... e que então Voldemort a matara sem piedade, antes de apontar a Harry a sua varinha...

Conhecia todos os pormenores, porque ouvira as vozes dos pais no ano anterior, quando tivera de enfrentar os Dementors, pois esse era o seu tenebroso poder: obrigar as suas vítimas a reviver os piores momentos das suas vidas, fazendo-as mergulhar, indefesas, no desespero...

Moody voltara a falar. A uma grande distância, pareceu a Harry. Com um esforço hercúleo, regressou ao presente e ouviu o que o professor dizia.

— Avada Kedavra é uma maldição que necessita de ter por detrás uma poderosa carga de magia. Mesmo que todos vocês me apontassem neste momento a varinha e dissessem as palavras certas, duvido de que o efeito produzido fosse superior a um ligeiro sangrar de nariz. Mas isso pouco importa, não estou aqui para vos ensinar a maldição.

«Ora se não existe contramaldição, para que estou a falar-vos disto? *Porque é importante que fiquem a saber.* Têm de estar a par do mal para não se encontrarem um dia diante dele. VIGILÂNCIA CONSTANTE! — vociferou, e todos os alunos voltaram a dar um salto.

«Ora essas três maldições Avada Kedavra, Imperius e Cruciatu, são conhecidas como as Maldições Imperdoáveis. O uso de qualquer uma delas

sobre um ser humano é suficiente para merecer uma pena em Azkaban. E é destas maldições que vos vou ensinar a defenderem-se. Vocês precisam de estar preparados e armados e principalmente de praticar uma *constante e infatigável vigilância*. Peguem nas vossas penas e escrevam...

Passaram o resto da aula a tomar notas sobre cada uma das Maldições Imperdoáveis. Ninguém abriu a boca até tocar a campainha, mas, mal Moody se despediu e eles saíram da sala de aula, houve um tremendo burburinho. A maior parte dos alunos discutia as maldições numa voz receosa: — Viste como ela se torcia? — E quando ele a matou, assim!

Falavam da aula, pensou Harry, como se tivesse sido um espectáculo, mas ele não estava absolutamente nada divertido, e, ao que parecia, Hermione também não.

— Despachem-se — disse, enervada, a Harry e a Ron.

— Não vais outra vez para a porcaria da biblioteca, espero?

— Não — disse secamente Hermione, apontando para um corredor lateral. — O Neville!

Neville estava sozinho, a meio do corredor, olhando para a parede de pedra que estava diante de si com o mesmo olhar de horror de quando Moody realizara a maldição *Cruciatius*.

— Neville! — chamou amavelmente Hermione.

Neville olhou em volta.

— Ah, olá — respondeu num tom de voz mais alto do que o habitual. — Uma lição interessante, não foi? O que será hoje o jantar? Estou cheio de fome, vocês não?

— Neville, tu estás bem? — quis saber Hermione.

— Estou óptimo — balbuciou no mesmo tom de voz pouco natural. — Um jantar muito interessante, quero dizer, uma aula muito interessante. O que será o jantar?

Ron e Harry trocaram entre si um olhar assustado.

— Neville, o que é que...?

Mas nesse momento ouviram um estranho ruído de madeira atrás deles e voltaram-se, dando de caras com o professor Moody que vinha pelo corredor fora, a coxear. Ficaram os quatro em silêncio, a olhar para ele com ar apreensivo, mas quando Moody falou, fê-lo numa voz mais baixa e mais amável que antes.

— Está tudo bem, rapaz? — perguntou a Neville. — Por que não vens até ao meu gabinete? Anda daí... vamos tomar uma chávena de chá...

Neville parecia ainda mais assustado com a ideia de tomar chá com Moody. Não abriu a boca nem se mexeu.

Moody voltou o olho mágico para Harry. — Estás bem, não estás,

Potter?

— Sim — disse Harry, num tom quase de provocação.

O olho azul de Moody estremeceu ligeiramente na pálpebra, enquanto o observava. Depois explicou: — Vocês têm de saber. Compreendo que pode parecer uma crueldade, mas *vocês têm de saber*. Não vale a pena fingir... bem vamos lá, Longbottom, tenho alguns livros que poderão interessar-te.

Neville olhou, suplicante, para Harry, Ron e Hermione, mas eles não disseram nada e não teve outro remédio senão deixar-se conduzir pela mão deformada de Moody que o professor lhe pousara no ombro.

— O que queria ele dizer? — perguntou Ron, vendo Neville e Moody afastarem-se.

— Não sei — disse Hermione, absorta.

— Uma lição e peras, hem? — comentou Ron, quando seguia com Harry para o Salão. — O Fred e o George tinham toda a razão, o Moody sabe mesmo das coisas. E quando ele disse *Avada Kedavra*? Viste como a aranha morreu? Ele apagou-a mesmo...

Mas calou-se bruscamente, quando reparou na expressão de Harry e só voltou a falar quando chegaram ao Salão, dizendo que seria bom começarem a tratar das previsões da professora Trelawney, que era certamente trabalho para várias horas.

Durante o jantar, Hermione não entrou na conversa dos amigos. Pôs-se a comer rápida e vorazmente e, logo que terminou, arrancou mais uma vez em direcção à biblioteca. Harry e Ron voltaram à Torre dos Gryffindor e Harry, que não pensara noutra coisa durante o jantar, puxou o assunto das Maldições Imperdoáveis.

— Não achas que o Moody e o Dumbledore podem arranjar problemas com o Ministério se descobrirem que vimos as maldições? — perguntou Harry, ao chegar junto da Dama Gorda.

— Sim, é provável — disse Ron. — Mas o Dumbledore sempre gostou de fazer as coisas à sua maneira e o Moody tem problemas com eles há muitos anos. Atacar primeiro e fazer perguntas depois, olha a história dos caixotes do lixo! Balderdash!

A Dama Gorda girou para a frente, deixando à vista o buraco de entrada e eles subiram até à sala comum dos Gryffindor, que estava cheia de gente e de barulho.

— Vamos buscar as coisas das Artes Divinatórias? — perguntou Harry.

— Que remédio! — resmungou Ron.

Foram até ao dormitório buscar os livros e os mapas e encontraram lá Neville que estava sozinho, sentado na cama, a ler. Parecia bastante mais calmo que no final da aula de Moody, embora não estivesse absolutamente

normal. Tinha os olhos muito vermelhos.

— Estás bem, Neville? — perguntou Harry.

— Sim. Estou ótimo, obrigado. Estou só a ler este livro que o professor Moody me emprestou.

Mostrou-lhe o livro. *Plantas Mágicas das Águas do Mediterrâneo e Suas Propriedades*.

— Segundo me parece, a professora Sprout disse ao professor Moody que eu sou mesmo bom em Herbologia — comentou Neville com uma pequena nota de orgulho na voz que Harry poucas vezes lhe ouvira. — Ele achou que eu ia gostar deste livro.

Dizer a Neville o que a professora Sprout achava dele tinha sido uma prova de grande tacto e um excelente modo de o animar, pois Neville quase nunca ouvia um elogio. Era o tipo de coisa que o professor Lupin teria feito.

Harry e Ron pegaram nos seus exemplares de *Aclarando o Futuro* e voltaram à sala comum, onde se sentaram a uma mesa a preparar as previsões para o próximo mês. Passada uma hora, tinham feito pouquíssimos progressos, embora a mesa estivesse coberta de folhas de pergaminho cheias de cálculos e símbolos. O cérebro de Harry estava tão nublado como se o tivessem enchido com o fumo da lareira da professora Trelawney.

— Não faço ideia nenhuma do que isto tudo quer dizer — confessou, olhando para uma imensa lista de cálculos.

— Sabes — disse Ron, cujo cabelo estava em pé de tanto lhe meter os dedos devido à frustração que sentia —, acho que vamos ter de inventar qualquer coisa para as velhas Artes Divinatórias.

— O quê? Inventar?

— Sim — respondeu Ron, afastando da mesa os montes de rabiscos e notas e molhando a pena no tinteiro para começar a escrever. — Na segunda-feira — continuou, enquanto escrevia — sou capaz de aparecer com tosse devido à nefasta conjugação de Marte com Júpiter. — Olhou para Harry. — Sabes como ela é, conta-se-lhe uma história triste e cai logo.

— Certo — concordou Harry, amarrotando a sua primeira tentativa e lançando-a para o lume por sobre as cabeças de um grupo de alunos barulhentos do primeiro ano. — Então, na segunda-feira correrei o risco de... me queimar.

— Sim, é isso mesmo — disse Ron com ar soturno. — Vamos voltar a ver os Explojentos. Pronto, na terça-feira... hum...

— Perco algo de que gosto muito — anunciou Harry que folheava o exemplar de *Aclarando o Futuro* em busca de ideias.

— Essa é boa! — exclamou Ron, copiando-a. — Por influência de Mercúrio, podias ser apunhalado nas costas por alguém que julgavas ser teu amigo.

— Fixe — disse Harry, concordando. — Porque... Vénus está na décima segunda casa. E na quarta-feira, acho que vou sair derrotado de uma briga.

— Ah, eu ia pôr no meu que tinha uma luta. Não faz mal, perco uma aposta.

— Sim, podias apostar que eu vencia a luta.

Continuaram a fazer previsões (que ficavam cada vez mais trágicas) durante mais uma hora, enquanto a sala comum se esvaziava lentamente, à medida que os estudantes iam saindo para se deitar. *Crookshanks* andou à volta deles, saltou com leveza para uma cadeira vazia, lançando a Harry um olhar impenetrável, um pouco como Hermione faria se soubesse que eles não estavam a fazer correctamente os trabalhos de casa.

Olhando em volta na tentativa de descobrir alguma infelicidade que ainda não tivesse utilizado, Harry reparou que Fred e George estavam sentados um ao lado do outro, com as penas na mão, inclinados sobre uma única folha de pergaminho. Era muito raro vê-los sentados calmamente a um canto a trabalhar. Geralmente gostavam de ser o centro das atenções. A maneira como trabalhavam na folha de pergaminho tinha algo de secreto e Harry lembrou-se de quando se tinham sentado a escrever na «Toca». Pensara na altura que devia ser outra lista de encomenda para as *Magias Mirabolantes dos Weasley*, mas desta vez não parecia ser a mesma coisa; se fosse, certamente teriam deixado entrar Lee Jordan na brincadeira. Teria alguma coisa a ver com a admissão no Torneio dos Três Feiticeiros? Enquanto Harry os observava, viu George fazer um sinal de cabeça a Fred, rabiscar qualquer coisa com a pena e dizer num tom de voz muito baixo, mas que, ainda assim, foi perfeitamente audível na sala quase deserta: — Não, assim parece que estamos a acusá-lo. Temos de ter cuidado...

Em seguida, George reparou que estavam a ser observados. Harry sorriu e voltou rapidamente às suas previsões. Não queria que George pensasse que ele estava a escutar a conversa. Pouco depois, os gémeos enrolaram o pergaminho, disseram boa noite e foram para a cama.

Fred e George tinham saído havia cerca de dez minutos quando o buraco do retrato se abriu e Hermione entrou na sala comum com um maço de pergaminhos numa mão e, na outra, uma caixa cujo conteúdo chocalhava à medida que ela caminhava. *Crookshanks* espreguiçou-se, ronronando.

— Olá — disse ela. — Terminei!

— Também eu! — exclamou Ron com ar triunfante, pousando a pena de escrever.

Hermione sentou-se, colocou as coisas que transportava consigo num cadeirão e puxou para si as previsões de Ron.

— Não vais ter um mês lá muito bom, pois não? — perguntou ironicamente, enquanto *Crookshanks* se aninhava no seu colo.

— Bem, pelo menos estou prevenido.

— Parece que te vais afogar duas vezes — constatou Hermione.

— A sério? — disse Ron, olhando mais atentamente para a sua previsão.

— É melhor mudar uma delas. Posso ser espezinhado por um hipogrifo furioso.

— Não achas que é um pouco óbvio que tudo isso foi inventado por ti? — perguntou Hermione.

— Como te atreves? — exclamou Ron, fingindo ter ficado ofendido. — Temos estado aqui a trabalhar como se fôssemos elfos domésticos.

Hermione arqueou as sobrancelhas.

— Foi só uma maneira de falar — justificou-se Ron, secamente.

Harry pousou também a pena no momento em que acabara de prever a sua própria morte na guilhotina.

— O que tens aí na caixa?

— Ainda bem que perguntas — disse Hermione, lançando a Ron um olhar cínico, abrindo a tampa e mostrando o conteúdo.

Lá dentro estavam cerca de cinquenta distintivos de várias cores, mas todos eles com as mesmas iniciais: B. A. B. E.

— Baba? — disse Harry, pegando num distintivo e observando-o melhor. — Que diabo é isto?

— Não é baba — explicou Hermione impaciente — É B. A. B. E.: Brigada de Apoio ao Bem-Estar dos Elfos.

— Nunca ouvi falar disso — disse Ron.

— É claro que não — interrompeu ela, enervada. — Acabei de a criar.

— A sério? — atacou Ron, surpreendido. — E quantos membros já tens?

— Bem, se vocês aderirem, três — disse Hermione.

— E achas que nós vamos querer andar por aí com uns distintivos que dizem baba?

— B. A. B. E.! — gritou Hermione. — Eu ia chamar-lhe Parem com a Exploração dos Nossos Semelhantes Mágicos e Adiram à Mudança do Seu Estatuto Legal, mas era grande de mais, embora seja esse o fundamento desta acção.

Agitou no ar a folha de pergaminho. — Tenho andado a fazer pesquisa na biblioteca. A escravatura dos elfos dura há séculos. Custa a crer que até hoje ninguém tenha feito nada por eles.

— Hermione, abre os olhos — disse Ron bem alto. — Eles gostam,

gostam de ser escravos.

— Os nossos objectivos a curto prazo — respondeu Hermione, falando ainda mais alto do que Ron e fingindo não ter ouvido uma palavra do que ele dissera — serão garantir condições de trabalho e salários justos para os elfos domésticos. Os objectivos a longo prazo pretendem mudar a lei sobre a não utilização de varinha e tentar eleger um elfo para o Departamento de Regulação das Criaturas Mágicas, porque é chocante a sua não representação.

— E como faríamos tudo isso? — quis Harry saber.

— Vamos começar por recrutar membros — explicou Hermione com um ar feliz. — Pensei que dois leões de entrada seria uma boa quantia. Paga o distintivo e o que sobra poderia financiar os panfletos da nossa campanha. Tu és o tesoureiro, Ron. Tens lá em cima uma caixa de metal para guardar o dinheiro. E tu, Harry, o secretário, por isso talvez seja melhor começares a apontar tudo o que estou a dizer: é a acta da nossa primeira reunião.

Houve uma pausa, durante a qual Hermione sorriu para os dois e Harry, muito quieto, debateu-se entre sentir-se exasperado em relação a ela e divertido com a expressão do rosto do amigo. O silêncio foi quebrado, não por Ron mas sim por um ruído suave na vidraça, *toc toc*. O olhar de Harry atravessou a sala comum, agora vazia, e viu no parapeito da janela, banhada pelo luar, uma coruja-das-neves.

— *Hedwig!* — gritou, saltando da cadeira e indo rapidamente abrir a janela.

Hedwig entrou a esvoaçar e aterrou sobre a mesa, mesmo em cima das folhas com as previsões de Harry.

— Já não era sem tempo! — exclamou ele, aproximando-se.

— Ela traz uma resposta — gritou Ron excitadíssimo, apontando para o pedaço de pergaminho sujo amarrado à pata da coruja.

Harry desamarrou-o precipitadamente e sentou-se a ler, enquanto *Hedwig* pousava nos seus joelhos, piando baixinho.

— O que é que diz? — perguntou Hermione com a respiração ofegante.

A carta era muito pequena e parecia ter sido escrevinhada à pressa. Harry leu em voz alta:

Harry,

vou imediatamente para norte. A notícia sobre a tua cicatriz vem somar-se a uma série de estranhos rumores que me chegaram até aqui. Se ela voltar a doer-te, vai logo ter com o Dumbledore. Dizem que ele tirou o Olho-Louco da reforma, o que significa que está a ler os sinais, mesmo que mais ninguém o faça.

Entrarei em contacto contigo muito em breve. Saudades ao Ron e à Hermione. Mantém os olhos bem abertos.

Sirius

Harry olhou para Ron e Hermione, que também olhavam para ele.

— Vem para norte? — murmurou Hermione. — Irá voltar?

— Que sinais são esses que o Dumbledore está a ler? — admirou-se Ron com um ar perplexo. — Harry, o que é que se passa?

Harry acabava de dar um murro na testa, fazendo *Hedwig* saltar do seu colo.

— Não devia ter-lhe dito!

— Que conversa é essa? — perguntou Ron surpreso.

— Agora ele acha que tem obrigação de vir — disse Harry, batendo com o punho na mesa com tanta força que *Hedwig* foi refugiar-se no espaldar da cadeira de Ron, piando indignada. — Volta porque acha que eu estou em perigo e eu, aqui, perfeitamente bem. E não tenho nada para ti — acrescentou voltando-se para *Hedwig*, que dava ansiosos estalidos com o bico. — Se estás com fome, tens de ir à Torre das Corujas.

Hedwig lançou-lhe um olhar profundamente ofendido e saiu pela janela aberta, dando-lhe um piparote na cabeça com a sua asa esticada.

— Harry — começou Hermione, num tom de voz ameno.

— Vou deitar-me — disse ele secamente. — Até amanhã.

Lá em cima, no dormitório, vestiu o pijama e saltou para a cama de dossel embora não se sentisse nada cansado.

Se Sirius voltasse e fosse preso, a culpa seria sua, exclusivamente sua. Por que não tinha ele ficado calado? Uma dorzinha que apenas durara alguns segundos e tinha logo tido de badalar... Se tivesse pensado melhor, teria guardado aquilo para si...

Pouco depois, ouviu Ron entrar no dormitório, mas não falou com ele. Durante algum tempo ficou a contemplar o tecto escuro da cama. O dormitório estava imerso no mais completo silêncio e, se estivesse menos preocupado, ter-se-ia apercebido de que faltavam os habituais roncões de Neville, e que, portanto, não era ele o único a permanecer acordado.

XV

BEAUXBATONS E DURMSTRANG

Na manhã do dia seguinte, Harry acordou cedo com um plano completamente formado na cabeça, como se o seu cérebro adormecido tivesse estado a trabalhar nele toda a noite. Levantou-se, vestiu-se à luz pálida da madrugada, saiu do dormitório sem acordar Ron e voltou à sala comum, que estava deserta. Aí, tirou uma folha de pergaminho da mesa onde ainda se encontravam os seus trabalhos para Artes Divinatórias, e escreveu a seguinte carta:

Caro Sirius,

acho que a dor da minha cicatriz foi só imaginação. Estava meio a dormir, quando te escrevi da última vez. Não vale a pena regressares, está tudo ótimo por aqui. Não te preocupes comigo, sinto a cabeça absolutamente normal.

Harry

Depois saiu pelo buraco do retrato e atravessou o castelo silencioso (detido apenas brevemente por Peeves, que tentou derrubar uma grande jarra para cima dele a meio do corredor do quarto andar), e chegou finalmente à Torre das Corujas, que ficava situada no topo da Torre Ocidental.

Era uma sala circular em pedra, bastante fria e cheia de correntes de ar, porque nenhuma das janelas tinha vidros. O chão estava inteiramente coberto de palha, excrementos de coruja e esqueletos de ratos regurgitados. Centenas e centenas de corujas de todas as espécies possíveis e imaginárias aninhavam-se ali, em poleiros que se erguiam até ao cimo da torre, quase todas adormecidas, embora aqui e além um olho ambarino e redondo fitasse Harry. Avistou *Hedwig*, empoleirada entre uma coruja-das-quintas e uma

fulva, e dirigiu-se rapidamente para ela, escorregando um pouco no pavimento sujo.

Demorou um certo tempo a convencê-la a acordar e depois a olhar para ele, pois ela esquivava-se no poleiro, virando-lhe a cauda. Era óbvio que ainda estava furiosa com a falta de gratidão que ele demonstrara na noite anterior. Por fim, foi o facto de Harry ter sugerido que talvez ela estivesse demasiado cansada e que seria melhor pedir a Ron que lhe emprestasse a *Pidwidgeon*, que a levou a estender a pata e a permitir que ele lhe atasse a carta.

— Vê lá se o encontras, está bem? — disse Harry, afagando-lhe as penas enquanto a levava no braço até um dos buracos da parede. — Antes dos Dementors.

Ela mordiscou-lhe o dedo, talvez com um pouco mais de força do que o habitual, mas apesar disso piou suavemente de uma forma reconfortante. Depois, abriu as asas e levantou voo rumo ao Sol nascente. Harry ficou a vê-la desaparecer com aquela sensação familiar de apreensão novamente no estômago. Tivera tanto a certeza de que a resposta de Sirius viria a aliviar as suas preocupações e afinal só viera aumentá-las.

*

— Isso é *mentira*, Harry — declarou Hermione severamente ao pequeno-almoço, quando ele lhe contou, a ela e a Ron, o que fizera. — A dor da tua cicatriz não foi *nada* imaginação, e tu sabes isso muito bem.

— E depois? — retorquiu Harry. — Não quero que ele volte para Azkaban por minha causa.

— Pára com isso — disse Ron bruscamente para Hermione, ao vê-la abrir de novo a boca para um novo argumento e, por uma vez, Hermione ouviu-o e calou-se.

Harry esforçou-se por não se preocupar com Sirius durante as duas semanas seguintes. É verdade que não conseguia deixar de olhar ansiosamente em volta todas as manhãs, quando as corujas chegavam com o correio, nem, noite alta antes de adormecer, conseguia evitar as horríveis visões de Sirius, encurralado por Dementors numa rua sombria de Londres, mas entre essas duas ocasiões tentava não pensar no padrinho. Desejava ainda ter o Quidditch para se distrair; nada acalmava tanto uma mente perturbada como uma boa e dura sessão de treino. Por outro lado, as aulas estavam a tornar-se mais difíceis e trabalhosas que nunca, particularmente a de Defesa Contra a Magia Negra.

Para surpresa de todos, o professor Moody anunciou que iria pô-los, um

de cada vez, sob a maldição Imperius, para demonstrar o seu poder e ver se eles conseguiam resistir aos seus efeitos.

— Mas... mas o professor disse que é ilegal — observou Hermione hesitante, quando Moody fez desaparecer as secretárias com um gesto da mão, deixando um grande espaço livre no meio da sala. — O senhor disse que usá-la contra outro humano era...

— O Dumbledore quer que vocês saibam como é — respondeu Moody, girando o olho mágico até Hermione e fixando-a com um olhar estranho e inexpressivo. — Se preferes aprender da pior maneira... quando alguém ta lançar para te poder controlar completamente, por mim tudo bem. Estás dispensada. Põe-te a andar.

Apontou para a porta com um dedo nodoso. Hermione ficou muito corada e murmurou qualquer coisa sobre não desejar, de facto, ir-se embora. Harry e Ron sorriram um para o outro. Sabiam que Hermione preferia comer pus de vomibérculos a faltar a uma aula tão importante.

Moody começou a chamar os alunos à vez e a colocá-los sob a maldição Imperius. Harry foi observando os colegas, um a um, a fazerem as coisas mais extraordinárias sob a sua influência. Dean Thomas percorreu a sala aos saltos três vezes, a cantar o hino nacional. Lavender Brown imitou um esquilo. Neville executou uma série de exercícios de ginástica espantosos de que sem dúvida não teria sido capaz no seu estado normal. Nem um único pareceu conseguir lutar contra a maldição e só recuperavam quando Moody a retirava.

— Potter — rosnou Moody —, agora és tu.

Harry deslocou-se para o meio da sala, para o espaço que Moody esvaziara de secretárias. O professor levantou a varinha, apontou-a a Harry e disse: — *Imperio*.

Era uma sensação maravilhosa. Harry sentia-se a flutuar, à medida que todos os pensamentos e as preocupações que o afligiam eram apagados suavemente, deixando apenas uma felicidade imprecisa e indefinível. Ficou ali, sentindo-se imensamente descontraído, apenas vagamente consciente de que todos o observavam.

E, então, ouviu a voz de Moody Olho-Louco ecoar numa zona distante do seu cérebro vazio: *Salta para a secretária... salta para a secretária...*

Harry dobrou obedientemente os joelhos, preparando-se para saltar.

Salta para a secretária...

Mas porquê?

Outra voz despertara nos recônditos do seu cérebro. Que coisa estúpida, francamente, dizia a voz.

Salta para a secretária...

Não, não creio, obrigado, dizia a outra voz, um pouco mais firmemente... não, na verdade não quero...

Salta! Já!

A seguir, sentiu uma dor intensa. Tinha, simultaneamente, saltado e tentado evitar saltar — e o resultado fora bater de cabeça na secretária, derrubando-a e, a julgar pela maneira como sentia as pernas, ter fracturado as rótulas de ambos os joelhos.

— Bom, *assim* está melhor! — resmungou a voz de Moody, e, de repente, a sensação de vazio e a ressonância na cabeça de Harry desapareceram. Lembrou-se exactamente do que estava a acontecer, e a dor nas pernas pareceu duplicar.

— Olhem para isto, vocês todos... o Potter lutou! Lutou e quase conseguiu resistir! Vamos tentar outra vez, Potter, e vocês prestem atenção... observem os olhos dele, é onde se vê... muito bem, Potter, mesmo muito bem! *Tu* não vais ser fácil de controlar!

— Da maneira como ele fala — murmurou Harry, saindo a coxear da aula de Defesa Contra a Magia Negra uma hora mais tarde (Moody insistira para que ele repetisse tudo aquilo quatro vezes seguidas, até conseguir resistir totalmente à maldição) — dir-se-ia que vamos todos ser atacados a qualquer momento.

— A quem o dizes — murmurou Ron, que coxeava ligeiramente. Tivera muito mais problemas com a maldição do que Harry, apesar de Moody lhe ter garantido que à hora do almoço os efeitos teriam passado completamente. — Que paranóia... — Olhou nervosamente por cima do ombro para verificar se, de facto, Moody já não os podia ouvir, e continuou: — Não admira que no Ministério se sentissem satisfeitos por se verem livres dele, ouviste-o contar ao Seamus o que fez àquela feiticeira que gritou «buu» por detrás dele no dia das mentiras? E quando é que ele quer que a gente consiga estudar a maneira de resistir à maldição Imperius com tudo o resto que temos para fazer?

Todos os alunos do quarto ano tinham notado um indiscutível aumento da quantidade de trabalho que lhes era exigida naquele período. A professora McGonagall explicou-lhes a razão, quando a turma manifestou o seu desagrado perante a dose de trabalhos de casa de Transfiguração que ela lhes passou.

— Vocês estão a entrar agora numa fase importantíssima da vossa educação mágica! — disse-lhes ela, os olhos a cintilar perigosamente por detrás dos óculos quadrados. — Aproximam-se os Níveis Puxados de Feitiçaria.

— Nós só temos os NPFS no quinto ano! — exclamou Dean Thomas,

indignado.

— Talvez, Thomas, mas acredita que vão precisar de toda a preparação possível! Miss Granger continua a ser a única pessoa nesta turma que conseguiu transformar satisfatoriamente um ouriço numa pregadeira. Podia lembrar-te que a *tua* pregadeira, Thomas, ainda se enrola assustada sempre que alguém se aproxima com um alfinete!

Hermione, que voltara a corar, esforçava-se por não parecer demasiado satisfeita consigo própria.

Harry e Ron ficaram divertidíssimos quando, na aula seguinte de Artes Divinatórias, a professora Trelawney lhes disse que tinham recebido a nota máxima pelos seus trabalhos. Leu em voz alta grandes partes das previsões deles, elogiando-os pela sua firme aceitação dos horrores que lhes estavam reservados, mas ficaram menos satisfeitos quando ela lhes mandou fazerem o mesmo para o mês a seguir, pois já estavam a ficar sem ideias catastróficas.

Entretanto, o professor Binns, o fantasma que ensinava História da Magia, passava-lhes composições semanais sobre as Revoltas dos Duendes no século XVIII. O professor Snape obrigava-os a pesquisar antídotos, o que eles levaram muito a sério, dado que Snape dera a entender que talvez envenenasse algum antes do Natal para ver se os seus antídotos resultavam. O professor Flitwick mandara-os ler três livros suplementares como preparação para a aula de Encantamentos de Convocação.

Até Hagrid lhes aumentava a carga de trabalho. Os Explojentos estavam a crescer com uma rapidez notória, apesar de ninguém ter ainda descoberto o que comiam. Hagrid andava entusiasmado e, como parte do «trabalho», sugeriu que fossem até à cabana dele dia sim, dia não, para os observarem e tomarem notas sobre o seu extraordinário comportamento.

— Eu não vou — declarou peremptoriamente Draco Malfoy, quando Hagrid lhes propôs aquilo com ar de Pai Natal que tira um brinquedo enorme do seu saco. — Já vejo que chegue essas criaturas asquerosas durante as aulas, obrigado.

O sorriso de Hagrid desvaneceu-se.

— Tu fazes o qu'eu mando — vociferou ele — ou eu sigo o exemplo do professor Moody... ouvi dizer que deste um bom furão, Malfoy.

Os Gryffindor partiram-se a rir. Malfoy corou de raiva, mas, ao que parecia, a recordação do castigo de Moody estava ainda demasiado viva, impedindo-o de responder. Harry, Ron e Hermione voltaram para o castelo no fim da aula muito bem-dispostos; ver Hagrid fazer Malfoy baixar a garimpa era particularmente agradável, em especial porque Malfoy fizera os possíveis para que Hagrid fosse despedido no ano anterior.

Quando chegaram ao *Hall*, foram impedidos de prosseguir pelo magote de estudantes ali aglomerados, todos comprimindo-se em volta de um cartaz que tinha sido colocado na base da escadaria de mármore. Ron, o mais alto dos três, pôs-se em bicos de pés para ver por cima das cabeças à frente deles e leu em voz alta para os outros dois.

TORNEIO DOS TRÊS FEITICEIROS

As delegações de Beauxbatons e de Durmstrang chegam na sexta-feira, 30 de Outubro, às 6 horas da tarde. As aulas acabarão meia hora mais cedo.

— Fixe! — exclamou Harry. — A última aula de sexta-feira é Poções! O Snape não vai ter tempo para nos envenenar a todos!

Os alunos levarão os sacos e os livros para os dormitórios e reunir-se-ão em frente do castelo para receber os nossos hóspedes antes do Banquete de Boas-Vindas.

— Só falta uma semana! — disse Ernie Macmillan dos Hufflepuff, afastando-se da multidão com os olhos a brilhar. — Será que o Cedric já sabe? Acho que lhe vou contar...

— O Cedric?! — repetiu Ron em tom inexpressivo, vendo Ernie afastar-se rapidamente.

— O Diggory — esclareceu Harry. — Deve ir candidatar-se ao torneio.

— Aquele idota, campeão de Hogwarts? — protestou Ron, enquanto iam abrindo caminho através da multidão ruidosa em direcção às escadas.

— Ele não é nenhum idiota, tu só não gostas dele por ter vencido os Gryffindor no Quidditch — comentou Hermione. — Consta-me que é um ótimo estudante... *e é* prefeito.

Falou como se aquilo resolvesse o assunto.

— E tu só gostas dele porque ele é *giro* — ripostou Ron, sarcástico.

— Peço desculpa, mas eu não gosto de pessoas só por elas serem giras! — protestou Hermione indignada.

Ron simulou uma sonora tossidela, que se assemelhou estranhamente a «Lockhart!»

O aparecimento do cartaz no *Hall* teve um forte efeito nos habitantes do castelo. Durante a semana seguinte, para onde quer que Harry fosse, só parecia haver um tópico de conversa: o Torneio dos Três Feiticeiros. Os boatos passavam de aluno para aluno como vírus altamente contagiosos: quem iria candidatar-se a ser o campeão de Hogwarts, quais seriam as

implicações do Torneio, até que ponto os alunos de Beauxbatons e Durmstrang seriam diferentes deles.

Harry reparou também que o castelo parecia estar a ser alvo de uma limpeza exaustiva. Diversos retratos que estavam sujos tinham sido esfregados, para grande desagrado dos seus ocupantes, que se acotovelavam nas molduras resmungando, agastados, e retraindo-se ao sentirem as faces irritadas da ensaboadela. As armaduras apareceram de repente reluzentes e sem rangerem quando se deslocavam, e Argus Filch, o encarregado, comportava-se de uma maneira de tal modo agressiva com qualquer aluno que se esquecesse de limpar os pés à entrada que deixou duas raparigas do primeiro ano histéricas de medo.

E havia professores que também pareciam estranhamente tensos.

— Longbottom, fazes favor *não* revelas que não és capaz de executar um simples Feitiço de Troca diante de ninguém de Durmstrang! — bradou a professora McGonagall no fim de uma aula particularmente difícil, durante a qual Neville tinha transplantado por acidente as suas orelhas para um cacto.

Quando desceram para o pequeno-almoço na manhã de 30 de Outubro, viram que o Salão tinha sido decorado durante a noite. Das paredes pendiam enormes bandeiras de seda, representando cada uma das equipas de Hogwarts — vermelha com um leão dourado dos Gryffindor, azul com uma águia cor de bronze dos Ravenclaw, amarela com um texugo preto para os Hufflepuff, e verde com uma serpente prateada dos Slytherin. Por detrás da mesa dos professores, uma bandeira maior que todas as outras, ostentava o brasão de Hogwarts: leão, águia, texugo e cobra unidos em volta de um grande *H*.

Harry, Ron e Hermione avistaram Fred e George ao fundo da mesa dos Gryffindor. Uma vez mais, estavam estranhamente sentados longe de todos os outros, a conversar em voz baixa. Dirigiram-se a eles, com Ron à frente.

— É claro que é uma seca — dizia George com ar macabúzio para Fred. — Mas se ele não fala connosco pessoalmente, temos mesmo de acabar por lhe mandar a carta. Ou enfiámos-lha na mão; ele não pode evitar-nos eternamente.

— Quem é que vos anda a evitar? — perguntou Ron, sentando-se ao lado deles.

— Oxalá fosses tu — respondeu Fred, parecendo irritado com a interrupção.

— O que é que é uma seca? — perguntou Ron a George.

— Ter um irmão idiota e abelhudo como tu — retorquiu George.

— Vocês já têm algumas ideias quanto ao Torneio dos Três Feiticeiros?

— quis saber Harry. — Já voltaram a pensar em tentar concorrer?

— Eu perguntei à McGonagall como é que os campeões são escolhidos, mas ela não se descose — disse George, azedo. — Mandou-me calar e continuar a transfigurar o meu guaxinim.

— Gostava de saber quais são as tarefas — observou Ron, pensativo. — Sabes, aposto que nós nos conseguíamos desenvencilhar, Harry, já fizemos coisas bem perigosas...

— Mas não diante de um painel de juízes — contestou Fred. — A McGonagall diz que os campeões recebem pontos de acordo com a maneira como executarem as tarefas.

— Quem são os juízes? — perguntou Harry.

— Bem, os directores das escolas que participam fazem sempre parte do painel — começou Hermione, e todos se viraram para ela, algo surpreendidos — porque foram os três feridos durante o Torneio de 1792, quando um basilisco que os campeões deviam apanhar se tornou violento.

Vendo que estavam todos a olhar para ela afirmou, com o seu habitual ar de impaciência, que mais ninguém tinha lido os livros que ela lera: — Isso está tudo em *Hogwarts: Uma História*. Embora, claro, o livro não seja inteiramente de fiar. «Uma História Revista de Hogwarts» seria um título mais adequado. Ou «Uma História Altamente Preconceituosa e *Selectiva* de Hogwarts, com os Aspectos mais Desagradáveis da Escola já Atenuados.»

— O que é que tu estás para aí a dizer? — perguntou Ron, embora Harry pensasse saber o que estava implícito.

— *Elfos domésticos!* — bradou Hermione em voz alta, dando razão a Harry. — Nem uma única vez, em mais de mil páginas, se refere em *Hogwarts: Uma História* que somos todos coniventes com a opressão de uma centena de escravos!

Harry abanou a cabeça e concentrou-se nos seus ovos mexidos. A falta de entusiasmo dele e de Ron não diminuía em nada a determinação de Hermione em conseguir justiça para os elfos domésticos. É verdade que tinham ambos pago dois leões por um distintivo da B. A. B. E., mas tinham-no feito apenas para a calar. Haviám, porém, sido leões desperdiçados; se algum resultado tiveram, foi fazer Hermione vociferar ainda mais. Desde então, ela não os largava, primeiro para usarem os distintivos e depois para eles convencerem outros a fazer o mesmo, e até se habituara a percorrer a sala dos Gryffindor todas as noites, encurralando as pessoas e sacudindo a lata do peditório debaixo dos seus narizes.

— Vocês dão-se conta de que os vossos lençóis são mudados, as lareiras acesas, as salas de aulas limpas e a comida cozinhada por um grupo de criaturas mágicas não remuneradas e escravizadas? — repetia ela

impetuosamente.

Alguns, como Neville, tinham pago só para deixarem de ver Hermione fulminá-los com o olhar. Outros pareceram levemente interessados no que ela dizia, mas mostravam-se relutantes em tomar parte mais activa na campanha. Muitos encaravam aquilo tudo como uma brincadeira.

Naquele momento, Ron revirou os olhos para o tecto, que os inundava com o seu sol outonal, e Fred ficou de repente muito interessado no seu *bacon* (ambos os gémeos se haviam recusado a comprar o distintivo da B. A. B. E.). George, contudo, curvou-se para Hermione.

— Olha lá, já alguma vez foste lá abaixo às cozinhas, Hermione?

— Não, está claro que não — disse ela asperamente —, não creio que... os alunos devam...

— Pois nós fomos — declarou George, indicando Fred — montes de vezes, surripiar comida. E conhecemo-los, e eles são *felizes*. Acham que têm o melhor trabalho do mundo.

— Isso é porque não foram educados e lhes fizeram uma lavagem ao cérebro! — começou Hermione com veemência, mas as suas palavras seguintes foram afogadas pelo súbito farfalhar vindo de cima que anunciava a chegada das corujas do correio. Harry ergueu logo os olhos e viu *Hedwig* voando na sua direcção. Hermione calou-se abruptamente; ela e Ron observaram ansiosos *Hedwig*, que baixou até poisar no ombro de Harry, fechou as asas e estendeu a pata, exausta.

Harry retirou a resposta de Sirius e ofereceu a *Hedwig* as suas fatias de *bacon*, que ela comeu, agradecida. Depois, verificando que Fred e George estavam imersos em mais discussões sobre o Torneio dos Três Feiticeiros, leu em voz baixa a carta de Sirius a Ron e Hermione.

Boa tentativa, Harry.

Estou de volta ao país e bem escondido. Quero que me mantinhas ao corrente de tudo o que for acontecendo em Hogwarts. Não uses a Hedwig, vai mudando de coruja, e não te preocupes comigo, vê mas é se tens cuidado contigo. Não te esqueças do que te disse sobre a tua cicatriz.

Sirius

— Por que é que tens de ir mudando de coruja? — perguntou Ron num murmúrio.

— A *Hedwig* chama demasiado a atenção — disse Hermione imediatamente. — Dá nas vistas. Uma coruja-das-neves que passa a vida a ir para onde quer que ele esteja escondido... Quer dizer, não é uma ave de cá, pois não?

Harry enrolou a carta e enfiou-a dentro do manto, perguntando a si mesmo se se sentia mais ou menos preocupado do que antes. Achava que o facto de Sirius ter conseguido voltar sem ser apanhado era óptimo. E também não podia negar que a ideia de Sirius estar muito mais perto era reconfortante; pelo menos, não teria de esperar tanto tempo por uma resposta sempre que lhe escrevesse.

— Obrigado, *Hedwig* — disse ele, afagando-a. Ela piou, sonolenta, enfiou ao de leve o bico na taça de sumo de laranja de Harry e depois partiu, nitidamente ansiosa por um longo sono na Torre das Corujas.

Nesse dia, havia no ar um agradável sentimento de expectativa. Ninguém prestou muita atenção às aulas, dado que a chegada dos convidados de Beauxbatons e Durmstrang nessa tarde lhes interessava muito mais; até a aula de Poções foi mais fácil de aguentar que de costume, porque teve menos meia hora. Quando a campainha tocou, Harry, Ron e Hermione dirigiram-se rapidamente à Torre dos Gryffindor, largaram os sacos e os livros como lhes haviam mandado, vestiram as capas e correram de novo para baixo até ao *Hall*.

Os directores das equipas estavam a agrupar os seus alunos em filas.

— Weasley, endireita o chapéu — disse a professora McGonagall a Ron em tom ríspido. — Miss Patil, tire essa coisa ridícula do cabelo.

Parvati amou e tirou uma enorme borboleta decorativa da ponta da trança.

— Sigam-me, por favor — continuou a professora McGonagall —, os alunos do primeiro ano à frente... não se empurrem...

Desceram em fila os degraus da entrada e alinharam-se em frente do castelo. Estava uma tarde límpida e fria; começava a escurecer e a Lua, pálida e quase transparente, brilhava já sobre a Floresta Proibida. Harry, entre Ron e Hermione na quarta fila a contar da frente, avistou Dennis Creevey que tremia de excitação entre os outros alunos do primeiro ano.

— São quase seis horas — disse Ron, consultando o relógio e observando o caminho que conduzia aos portões de entrada. — Como é que vocês acham que eles virão? De comboio?

— Duvido — respondeu Hermione.

— Então como? De vassoura? — sugeriu Harry, erguendo os olhos para o céu estrelado.

— Não creio... de tão longe, não...

— Um Botão de Transporte? — sugeriu Ron. — Ou podem Materializar-se... talvez seja permitido aos menores de dezassete no sítio de onde eles vêm?

— Quantas vezes é que tenho de vos dizer que a Materialização não é

possível para o interior do recinto de Hogwarts? — comentou Hermione, impaciente.

Perscrutaram ansiosamente os campos que escureciam, mas nada se mexia; estava tudo imóvel, silencioso e igual a sempre. Harry começava a sentir frio. Oxalá se despachassem... talvez os estudantes estrangeiros estivessem a preparar uma entrada teatral... lembrou-se do que Mr. Weasley dissera no acampamento antes da Taça Mundial de Quidditch: — «É sempre a mesma coisa, não conseguimos resistir a exhibir-nos quando nos juntamos...»

E então Dumbledore gritou da última fila, onde se encontrava com os outros professores: — Ah ah! Ou me engano muito, ou é a delegação de Beauxbatons que se aproxima!

— Onde? — disseram vários alunos alvoroçados, todos a olharem para direcções diferentes.

— *Ali!* — bradou uma aluna do sexto ano, apontando para a floresta.

Algo enorme, muito maior do que uma vassoura (ou, na verdade, do que cem vassouras) cruzava o céu azul carregado em direcção ao castelo, tornando-se cada vez maior.

— É um dragão! — guinchou uma aluna do primeiro ano, perdendo completamente a cabeça.

— Não sejam estúpida... é uma casa voadora! — retorquiu Dennis Creevey.

O palpite de Dennis aproximava-se mais da verdade... quando a gigantesca forma negra rasou os topos das árvores da Floresta Proibida, e as luzes que brilhavam nas janelas do castelo a iluminaram, viram uma gigantesca carruagem azul-esmalte, do tamanho de uma casa enorme, avançando rapidamente na sua direcção, puxada por uma dúzia de cavalos alados, todos de raça árabe, e com o tamanho de elefantes.

As primeiras três filas de alunos recuaram quando a carruagem começou a baixar, aproximando-se a uma velocidade tremenda; depois, com um choque violento que fez Neville dar um salto para trás e pisar um Slytherin do quinto ano, os cascos dos cavalos, maiores que pratos rasos, tocaram o solo. No segundo seguinte, a carruagem aterrou também, oscilando nas suas rodas imensas, enquanto os cavalos dourados sacudiam as enormes cabeças e faziam rolar os grandes olhos vermelhos faiscantes.

Harry só teve tempo de ver que a porta da carruagem ostentava um brasão (duas varinhas douradas cruzadas, com três estrelas a irradiar de cada uma delas), antes de esta se abrir.

Um rapaz com vestes azul-claras saltou para fora, curvou-se, procurou por um momento qualquer coisa no chão da carruagem e desdobrou um par

de degraus dourados, recuando depois respeitosamente. Harry viu então um sapato preto brilhante, de salto alto, emergir do interior da carruagem — um sapato do tamanho de um trenó de criança — seguido, quase logo, pela maior mulher que ele vira em toda a sua vida. Ficou imediatamente explicado o tamanho da carruagem e dos cavalos. Houve quem abafasse exclamações de surpresa.

Harry só conhecia uma pessoa tão grande como aquela mulher: Hagrid; duvidava de que houvesse mais de dois centímetros de diferença entre a altura de um e do outro. E, no entanto — talvez simplesmente por estar habituado a Hagrid —, a mulher (que, da base dos degraus, observava agora de olhos arregalados a multidão que a aguardava) parecia ainda mais descomunal. Quando a luz que fluía do *Hall* a iluminou, viu-se que possuía um rosto atraente, de pele cor de azeitona, grandes olhos pretos cristalinos e nariz adunco. Tinha o cabelo apanhado atrás, num nó reluzente, sobre a nuca. Vestia de cetim negro dos pés à cabeça, e no pescoço e nos dedos grossos luziam diversas opalas magníficas.

Dumbledore começou a bater palmas; os alunos, seguindo-lhe o exemplo, irromperam também em aplausos, muitos em bicos de pés para melhor verem aquela mulher.

Um gracioso sorriso suavizou-lhe o rosto, e ela dirigiu-se a Dumbledore, estendendo-lhe a mão faiscante. Embora fosse alto, Dumbledore quase não precisou de se curvar para lha beijar.

— Minha cara Madame Maxime — disse ele. — Bem-vinda a Hogwarts.

— Dumbly-dorr — cumprimentou Madame Maxime, em voz profunda.

— Espero encontrá-lo bem?

— Em óptima forma, obrigado — respondeu Dumbledore.

— Os meus alunos — indicou Madame, acenando descuidadamente com uma das enormes mãos para trás de si.

Harry, que estivera totalmente concentrado em Madame Maxime, reparou então que uma dúzia de rapazes e raparigas (todos com aspecto de dezoito, dezanove anos) tinham saído da carruagem e aguardavam atrás de Madame Maxime. Tremiam todos, o que não era de admirar, pois as suas vestes pareciam feitas de seda fina e nenhum usava capa. Alguns tinham enrolado lenços e xailes em volta da cabeça. Pelo que Harry conseguia ver das suas caras (encontravam-se na sombra imensa de Madame Maxime), observavam Hogwarts com ar apreensivo.

— O Karkaroff já chegou? — perguntou Madame Maxime.

— Deve estar quase — respondeu Dumbledore. — Quer esperar aqui para o cumprimentar ou prefere entrar e aquecer-se um pouco?

— Aquecerr-me, acho eu — disse Madame Maxime. — Mas os

cavalos...

— O nosso professor de Cuidados com as Criaturas Mágicas terá o maior prazer em se encarregar deles — afirmou Dumbledore — assim que voltar de resolver uma pequena crise que surgiu entre as suas outras... hum... responsabilidades.

— Explojentos — segredou Ron a rir para Harry.

— Os meus ginetes precisam... hum... de uma mão forrte — disse Madame Maxime, com o ar de quem duvida de que qualquer professor de Cuidados com as Criaturas Mágicas de Hogwarts pudesse estar à altura da tarefa. — São muito possantes...

— Garanto-lhe que o Hagrid dará conta da tarefa — afirmou Dumbledore sorridente.

— Muito bem — concordou Madame Maxime, curvando-se ligeiramente —, porr favorr, é capaz de informarr esse Agrrid de que os cavalos só bebem uísque de malte?

— Fique descansada — disse Dumbledore, curvando-se igualmente.

— Vamos — disse Madame Maxime imperiosamente para os seus alunos, e a multidão de Hogwarts abriu caminho para os deixar subir os degraus de pedra.

— De que tamanho acham que vão ser os cavalos de Durmstrang? — perguntou Seamus Finnigan, dobrando-se pela frente de Lavender e Parvati para se dirigir a Harry e Ron.

— Bem, se forem maiores do que estes, nem mesmo o Hagrid será capaz de os controlar — disse Harry. — Isto é, se ele não foi atacado pelos Explojentos. O que se terá passado com eles?

— Talvez tenham fugido — aventou Ron, esperançado.

— Ai, não digas isso — murmurou Hermione, arrepiada. — Imagina aquele bando à solta por aqui...

E ali ficaram, já a tremer de frio, aguardando o grupo de Durmstrang. A maioria das pessoas fitava o céu, na expectativa. Durante alguns minutos, o silêncio apenas foi quebrado pelo resfolegar e patadas dos colossais cavalos de Madame Maxime. Mas depois...

— Não ouves qualquer coisa? — perguntou Ron de repente.

Harry escutou. Um ruído sonoro e estranhamente irreal fluía em direcção a eles vindo da escuridão; um estonteante som de sucção, como se um enorme aspirador se movesse ao longo do leito de um rio...

— O lago! — gritou Lee Jordan, apontando para lá. — Olhem para o lago!

Da sua posição no topo dos relvados sobranceiros aos campos, viam perfeitamente a superfície negra e lisa da água... só que, de súbito, a

superfície já não estava lisa. Algo se passava nas profundezas do seu centro; formavam-se grandes bolhas à superfície e havia ondas a varrerem as margens lodosas... e então, mesmo no meio do lago, surgiu um remoinho, como se tivessem acabado de puxar uma válvula gigantesca do fundo do lago...

Algo que se assemelhava a um poste preto e comprido começou a erguer-se lentamente do núcleo do remoinho... e depois Harry viu o cordame...

— É um mastro! — disse ele para Ron e Hermione.

Lenta e magnificamente, o navio surgiu das águas, reluzindo ao luar. Tinha uma estranha aparência esquelética, como se fosse um navio naufragado resgatado das águas, e as luzes vagas e enevoadas que brilhavam nas vigias pareciam olhos fantasmagóricos. Por fim, com um enorme ruído de arrasto, o navio emergiu completamente, oscilando nas águas turbulentas, e começou a deslizar para a margem. Alguns instantes mais tarde, ouviram o barulho da âncora a ser lançada ao fundo e o baque de uma prancha a encostar à margem.

Pessoas começaram a desembarcar; viam-lhes as silhuetas a passar pelas luzes das vigias do navio. Harry notou que todas elas pareciam ter a constituição de Crabbe e Goyle... mas depois, quando se aproximaram, subindo o relvado à luz que emanava do *Hall* de Entrada, viu que o volume se devia ao facto de usarem capas de um tipo de pele felpuda e emaranhada. Contudo, o homem que os conduzia ao castelo usava peles de um tipo diferente; macias e prateadas, como os seus cabelos.

— Dumbledore! — exclamou o homem cordialmente, enquanto subia a encosta. — Como está, meu caro, como está...?

— Ótimo, obrigado, professor Karkaroff — replicou Dumbledore.

Karkaroff tinha uma voz prazenteira, untuosa. Quando chegou à zona iluminada pela luz que jorrava das portas do castelo, viram que era alto e magro como Dumbledore, mas o cabelo branco era curto e a pêra (que terminava num pequeno caracol) não lhe ocultava totalmente o pequeno queixo. Quando alcançou Dumbledore, apertou-lhe a mão nas suas.

— O velho e caro Hogwarts — disse ele, olhando para o castelo e sorrindo; tinha os dentes um tanto amarelados, e Harry reparou que o sorriso não se estendia aos olhos, que permaneciam frios e argutos. — Como é bom estar aqui, como é bom... Viktor, anda daí, vamos para o calor... não se importa, Dumbledore? O Viktor está com uma leve constipação...

Karkaroff fez sinal a um dos seus alunos. Quando o rapaz passou, Harry avistou de relance um avantajado nariz adunco e espessas sobrancelhas

negras. Não precisou do apertão que Ron lhe deu no braço, nem do sibilar ao ouvido, para reconhecer aquele perfil.

— Harry... *é o Krum!*

XVI

O CÁLICE DE FOGO

— Não posso crer! — exclamou Ron, atônito, enquanto os alunos de Hogwarts subiam em filas atrás do grupo de Durmstrang. — O Krum, Harry! *O Viktor Krum!*

— Por amor de Deus, Ron, é apenas um jogador de Quidditch — disse Hermione.

— *Apenas um jogador de Quidditch?* — repetiu Ron, fitando-a como se não conseguisse acreditar no que ouvia. — Hermione... ele é um dos melhores *seekers* do mundo! Não fazia ideia de que ainda andava na escola!

Ao voltar a atravessar o *Hall*, com o resto dos alunos de Hogwarts para se dirigirem ao Salão, Harry avistou Lee Jordan aos saltos para conseguir ver melhor a nuca de Krum. Várias raparigas do sexto ano rebuscavam nervosamente nos bolsos enquanto andavam: — «Oh, não posso crer, não trago um único bocado de pergaminho...» «Achas que ele me assina o chapéu com batom?»

— *Francamente* — disse Hermione com ar superior, quando passaram pelas raparigas que procuravam agora o batom.

— *Eu* vou arranjar um autógrafo dele, se puder — disse Ron. — Não tens por aí uma pena, não, Harry?

— Ná, deixei-as lá em cima, no saco — respondeu Harry.

Dirigiram-se para a mesa dos Gryffindor e sentaram-se. Ron teve o cuidado de se sentar de frente para a porta, porque Krum e os seus colegas de Durmstrang ainda aí estavam aglomerados, parecendo não saber onde é que se haviam de acomodar. Os estudantes de Beauxbatons tinham escolhido a mesa dos Ravenclaw. Observavam o Salão com expressões sombrias. Três deles tinham ainda lenços e xailes em volta da cabeça.

— Não está *assim* tanto frio — disse Hermione que os observava, irritada. — Por que é que não trouxeram capas?

— Aqui! Sentem-se aqui! — sibilou Ron. — Aqui! Hermione mexe-te, arranja espaço.

— O quê?

— Tarde de mais — disse Ron desolado.

Viktor Krum e os colegas tinham-se instalado na mesa dos Slytherin. Harry via que Malfoy, Crabbe e Goyle ficaram todos inchados. Enquanto os observava, Malfoy curvou-se para falar com Krum.

— Pois, é isso mesmo, dá-lhe graxa, Malfoy — disse Ron com ar de desprezo. — Aposto que o Krum o topa à légua... aposto que tem sempre gente a bajulá-lo... onde é que achas que eles vão dormir? Podíamos oferecer-lhe lugar no nosso dormitório, Harry... eu não me importava de lhe dar a minha cama, eu dormia num saco-cama.

Hermione fungou.

— Parecem muito mais satisfeitos do que os alunos de Beauxbatons — comentou Harry.

Os estudantes de Durmstrang estavam a despir as suas pesadas peles e olhavam para o escuro tecto estrelado com ar interessado; alguns tinham pegado nos pratos e nas taças douradas e examinavam-nos, parecendo impressionados.

Na mesa dos professores, Filch, o encarregado, punha mais cadeiras. Vestia o seu velho fraque bafiento em honra da ocasião. Harry ficou admirado ao ver que ele acrescentara quatro, duas de cada lado de Dumbledore.

— Mas só há duas pessoas a mais — disse ele. — Por que é que o Filch está a pôr quatro cadeiras? Quem é que vem mais?

— Hum? — murmurou Ron, distraído. Continuava a fixar Krum avidamente.

Depois de todos os alunos terem entrado no Salão, instalando-se nas respectivas mesas, entraram os professores que ocuparam os seus lugares na mesa de topo. A fechar a fila, vinham o professor Dumbledore, o professor Karkaroff e Madame Maxime. Quando a sua directora surgiu, os alunos de Beauxbatons puseram-se de pé de um salto. Alguns alunos de Hogwarts riram-se. O grupo de Beauxbatons não se mostrou nada embaraçado e só voltou a sentar-se depois de Madame Maxime ter ocupado o seu lugar, à esquerda de Dumbledore. Este, contudo, permaneceu de pé, e fez-se silêncio no Salão.

— Boa noite, senhoras e senhores, fantasmas e, muito especialmente, convidados — disse Dumbledore, sorrindo para os alunos estrangeiros. —

Tenho o maior prazer em vos dar as boas-vindas a Hogwarts. Espero que a vossa estada aqui seja tão confortável quanto agradável.

Uma das raparigas de Beauxbatons, que ainda aconchegava um cachecol à cabeça, soltou uma risada obviamente irónica.

— Ninguém vos obriga a ficar! — sussurrou Hermione, toda eriçada.

— No fim do banquete far-se-á a abertura oficial do Torneio — prosseguiu Dumbledore. — Agora convido-vos todos a comer e a beber. Estão em vossa casa!

Sentou-se e Harry viu Karkaroff inclinar-se imediatamente e meter conversa com ele.

Como de costume, os pratos diante deles encheram-se de comida. Os elfos domésticos tinham-se esmerado; havia ali a maior variedade de pratos que Harry já vira, incluindo diversos que eram indubitavelmente estrangeiros.

— O que é *aquilo*? — perguntou Ron, apontando para uma grande travessa com uma espécie de guisado de mariscos que se encontrava ao lado de um enorme empadão de carne e rins.

— *Bouillabaisse* — respondeu Hermione.

— Obrigadinho! — disse Ron.

— É *francês* — esclareceu Hermione. — Comi disso nas férias de Verão de há dois anos e é muito agradável.

— Se tu o dizes — comentou Ron, servindo-se de empadão.

O Salão Nobre parecia muito mais apinhado do que habitualmente, apesar de haver apenas uns vinte alunos a mais; talvez fosse porque os seus uniformes coloridos contrastavam fortemente com o preto das vestes de Hogwarts. Agora que já tinham tirado as peles, via-se que os alunos de Durmstrang trajavam de vermelho-forte, cor de sangue.

Vinte minutos após o início do banquete, Hagrid entrou discretamente no Salão por uma porta atrás da mesa dos professores. Deslizou para o seu lugar na ponta e acenou a Harry, Ron e Hermione com a mão fortemente ligada.

— Os Explojentos vão bem, Hagrid? — perguntou Harry.

— 'Tão famosos — retorquiu Hagrid, satisfeitíssimo.

— Sim, aposto que sim — comentou Ron baixinho. — Parece que descobriram finalmente uma comida de que gostam, não acham? Os dedos do Hagrid!

Nesse momento, uma voz disse: — Desculpem, mas vão querer *bouillabaisse*?

Era a rapariga de Beauxbatons que se rira durante o discurso de Dumbledore. Tirara finalmente o cachecol. Uma cascata de cabelo louro

platinado caía-lhe quase até à cintura. Tinha olhos grandes, de um azul-forte, e dentes muito brancos e certinhos.

Ron ficou vermelho como um pimentão. Fitou-a de olhos arregalados, abriu a boca para responder, mas não saiu nada além de um leve ruído de gorgolejo.

— Sim, podes levar — disse Harry, empurrando a travessa para a rapariga.

— Vocês já acabaram?

— Já — disse Ron ofegante. — Sim, estava excelente.

A rapariga pegou na travessa e levou-a cuidadosamente até à mesa dos Ravenclaw. Ron continuava de olhos esbugalhados como se nunca tivesse visto uma rapariga na vida. Harry desatou a rir. O som pareceu fazer o amigo recuperar o bom senso.

— Ela é uma *Veela*! — murmurou ele em voz rouca para Harry.

— Não é nada! — retorquiu Hermione asperamente. — E não vejo mais ninguém a olhá-la embasbacado como um idiota!

Mas não era totalmente verdade. Quando a rapariga atravessou o Salão, muitas cabeças de rapazes se viraram, e muitos pareceram ficar temporariamente mudos, tal como Ron.

— Estou a dizer-te que aquela rapariga não é normal! — insistiu Ron, inclinando-se para o lado para poder vê-la bem. — Em Hogwarts não temos daquilo!

— Em Hogwarts temos que chegue — disse Harry sem pensar. Cho Chang estava sentada apenas a algumas cadeiras da rapariga de cabelo platinado.

— Quando vocês os dois tiverem voltado a meter os olhos para dentro — disse Hermione bruscamente —, poderão ver quem acaba de chegar.

Apontava para a mesa dos professores. Os dois lugares restantes acabavam de ser ocupados. Ludo Bagman sentava-se agora do outro lado do professor Karkaroff, e Mr. Crouch, o patrão de Percy, estava ao lado de Madame Maxime.

— O que fazem eles aqui? — exclamou Harry admirado.

— Foram eles que organizaram o Torneio dos Três Feiticeiros, não foram? — disse Hermione. — É natural que cá quisessem estar para a abertura.

Quando chegou a sobremesa, repararam que havia igualmente uma série de pudins estranhos. Ron examinou com toda a atenção uma estranha iguaria esbranquiçada e depois deslocou-a cuidadosamente alguns centímetros para a sua direita, de forma a ficar claramente visível da mesa dos Ravenclaw. No entanto, a rapariga com ar de *Veela* parecia ter comido

o suficiente e não a veio buscar.

Quando os pratos dourados ficaram limpos, Dumbledore levantou-se de novo. Uma tensão agradável parecia agora encher o Salão. Harry sentiu um leve arrepio de excitação e perguntou-se o que se seguiria. A várias cadeiras de distância deles, Fred e George estavam inclinados para a frente, totalmente concentrados em Dumbledore.

— Chegou o momento — anunciou Dumbledore, sorrindo à sua volta para o mar de cabeças erguidas. — O Torneio dos Três Feiticeiros está prestes a começar. Gostaria de dizer algumas palavras de explicação antes de trazermos o cofre...

— O quê? — murmurou Harry.

Ron encolheu os ombros.

— ... apenas para esclarecer o processo que será seguido este ano. Mas, primeiro, deixem-me apresentar, aos que ainda não os conhecem, Mr. Bartemius Crouch, director do Departamento de Cooperação Mágica Internacional — seguiu-se um breve e leve aplauso —, e Mr. Ludo Bagman, director do Departamento de Jogos e Desportos Mágicos.

Os aplausos para Bagman foram muito mais sonoros do que para Crouch, talvez devido à sua fama como *beater*, ou simplesmente porque tinha um ar muito mais simpático. Agradeceu com um aceno jovial. Bartemius Crouch não sorriu nem acenou quando o seu nome foi anunciado. Harry, que se lembrava dele com o seu fato impecável na Taça Mundial de Quidditch, achou que o manto de feiticeiro lhe dava um aspecto esquisito. O bigode tipo escova e o cabelo de risco ao meio pareciam estranhos ao lado do comprido cabelo e barba branca de Dumbledore.

— Mr. Bagman e Mr. Crouch trabalharam incansavelmente durante os últimos meses nos preparativos do Torneio dos Três Feiticeiros — continuou Dumbledore — e juntar-se-ão a mim, ao professor Karkaroff e a Madame Maxime no painel que julgará os esforços dos campeões.

À menção da palavra «campeões», a atenção dos alunos pareceu aumentar.

Talvez Dumbledore tivesse notado aquela imobilidade súbita, pois sorria quando disse: — O cofre por favor, Mr. Filch.

Filch, que estivera de atalaia num canto afastado do Salão sem que ninguém reparasse nele, aproximou-se, então, de Dumbledore, transportando um grande baú de madeira, com jóias incrustadas. Parecia extremamente antigo. Um murmúrio de interesse e excitação ergueu-se da massa de alunos; Dennis Creevey pôs-se mesmo de pé na cadeira para ver melhor, mas como era tão pequeno, a cabeça mal ficava acima das de todos os outros.

— As instruções para as tarefas que os campeões terão de executar este ano já foram analisadas por Mr. Crouch e por Mr. Bagman — disse Dumbledore, enquanto Filch poisava cuidadosamente o baú diante dele, em cima da mesa —, que fizeram os preparativos necessários para cada desafio. Haverá três tarefas, distribuídas ao longo do ano escolar, que porão à prova os campeões de diversas maneiras... os seus feitos mágicos... a sua ousadia... os seus poderes de dedução e, é claro, a sua capacidade de enfrentar o perigo.

A esta última palavra, fez-se um silêncio tão completo no Salão que ninguém parecia sequer respirar.

— Como sabem, no Torneio competem três campeões — prosseguiu Dumbledore calmamente —, um de cada uma das escolas participantes. Ser-lhes-ão atribuídos pontos pela forma como desempenharem cada uma das tarefas do Torneio e o campeão com o total mais elevado após a terceira tarefa ganhará a Taça dos Três Feiticeiros. Os campeões serão escolhidos por um seleccionador imparcial... o Cálice de Fogo.

Nessa altura, Dumbledore pegou na sua varinha e bateu três vezes no cimo do cofre. A tampa abriu-se devagar, com um rangido. Dumbledore estendeu a mão e tirou lá de dentro uma taça de madeira toscamente talhada. Passaria completamente despercebida, se não estivesse cheia até à borda de chamas ondulantes de um branco-azulado.

Dumbledore fechou o cofre e, com o maior cuidado, colocou o Cálice em cima dele, de forma a ser claramente visto por todos os que se encontravam no Salão.

— Quem quiser concorrer a campeão, deve escrever o seu nome e o da sua escola num pedaço de pergaminho e deitá-lo no Cálice — explicou Dumbledore. — Os aspirantes a campeões têm vinte e quatro horas para submeter os seus nomes. Amanhã à noite, Dia das Bruxas, o cálice devolverá os nomes dos três que tiver achado mais dignos de representar as suas escolas. O Cálice será colocado no *Hall* de Entrada esta noite, onde estará acessível a todos os que desejarem competir.

«Para garantir que nenhum estudante de idade inferior à fixada ceda à tentação — continuou Dumbledore —, eu desenharei uma Linha de Idade em volta do Cálice de Fogo depois de ele ser colocado no *Hall*. Ninguém com menos de dezassete anos será capaz de atravessar essa linha.

«Finalmente, quero que todos os que desejem competir neste Torneio compreendam que não devem entrar nele de ânimo leve. Uma vez seleccionado pelo Cálice de Fogo, o campeão é obrigado a prosseguir no Torneio até ao fim. O acto de colocar o nome no Cálice constitui uma contrato mágico irrevogável. Não se pode mudar de ideias depois de ter

sido escolhido como campeão. Assim, por favor, certifiquem-se de que têm a certeza de que estão completamente preparados para jogar antes de colocarem o nome no Cálice. Agora, acho que são horas de dormir. Boa noite a todos.

— Uma Linha de Idade! — reclamava Fred Weasley de olhos brilhantes ao atravessarem o Salão rumo às portas que davam para o *Hall*. — Bem, isso deve ser iludido por uma Poção de Envelhecimento, não acham? E depois de o nome estar dentro do Cálice, estás como queres... ele não sabe se tens ou não dezassete anos!

— Mas eu acho que alguém com menos de dezassete anos não terá qualquer hipótese — observou Hermione —, nós ainda não aprendemos o suficiente...

— Fala por ti — disse George bruscamente. — Tu vais tentar, não vais, Harry?

Harry recordou por instantes a insistência de Dumbledore em que ninguém com menos de dezassete anos submetesse o seu nome, mas depois a imagem deslumbrante de si próprio a ganhar a Taça dos Três Feiticeiros veio-lhe de novo à cabeça... perguntou-se se Dumbledore ficaria realmente furioso, se alguém com menos de dezassete anos descobrisse *mesmo* uma maneira de ultrapassar a Linha de Idade...

— Onde é que ele está? — perguntou Ron, que não tinha ouvido uma só palavra daquela conversa, observando a multidão para ver o que acontecera a Krum. — O Dumbledore não disse onde é que os alunos de Durmstrang vão dormir, pois não?

Mas a sua pergunta teve resposta quase imediata; iam a passar pela mesa dos Slytherin e Karkaroff falava apressadamente com os seus alunos.

— Vamos lá voltar para o navio — dizia ele. — Viktor, como é que te sentes? Comeste o suficiente? Queres que mande vir da cozinha vinho quente com especiarias?

Harry viu Krum abanar a cabeça e voltar a enfiar as peles.

— Professor, *eu* goztava de beber um pouco de vinho — pediu um dos rapazes de Durmstrang com ar esperançoso.

— Não te ofereci a *ti*, Poliakoff — respondeu Karkaroff em voz áspera, e o ar paternal evaporou-se instantaneamente. — Vejo que voltaste a entornar comida na parte da frente do manto, grande porco.

Karkaroff virou-se e conduziu os seus alunos para a porta, onde chegou ao mesmo tempo que Harry, Ron e Hermione. Harry parou para o deixar passar primeiro.

— Obrigado — disse Karkaroff em tom distraído, fitando-o de relance. E nessa altura foi como se tivesse ficado petrificado. Voltou de novo a

cabeça para Harry e fitou-o como se não conseguisse acreditar no que via. Atrás do seu director, os estudantes de Durmstrang detiveram-se igualmente. Os olhos de Karkaroff percorreram lentamente o rosto de Harry e fixaram-se na cicatriz. Os estudantes de Durmstrang observavam também Harry com curiosidade. Pelo canto do olho, este viu algumas caras iluminarem-se de compreensão. O rapaz que tinha comida espalhada pelo manto deu uma cotovelada à rapariga que estava a seu lado e apontou abertamente para a testa de Harry.

— É o Harry Potter, é — ouviu-se uma voz seca atrás deles.

O professor Karkaroff deu meia-volta. Deparou com Moody Olho-Louco, pesadamente apoiado na sua bengala, o olho mágico fixando, chamejante, o director de Durmstrang.

Harry viu o rosto de Karkaroff ficar sem pinta de sangue. A sua expressão era uma mescla de raiva e de medo.

— Você! — exclamou ele, fitando Moody como se não tivesse a certeza de estar realmente a vê-lo.

— Sim, eu — confirmou Moody em tom sombrio. — E a não ser que tenha alguma coisa a dizer ao Potter, Karkaroff, talvez possa ir andando. Está a bloquear a entrada.

Era verdade; metade dos alunos que se encontravam no Salão aguardava agora atrás deles, espreitando por cima dos ombros uns dos outros para ver o que estava a provocar a demora.

Sem mais uma palavra, o professor Karkaroff arrastou consigo os seus alunos. Moody ficou a vê-lo desaparecer, o olho mágico fixo nas suas costas e um ar de profunda aversão espelhado na face mutilada.

*

Como o dia seguinte era sábado, a maioria dos alunos teria normalmente tomado um pequeno-almoço tardio. No entanto, Harry, Ron e Hermione não foram os únicos a levantar-se muito mais cedo do que era costume aos fins-de-semana. Quando desceram para o *Hall*, viram umas vinte pessoas a vaguear por ali, algumas a comer torradas, todas a observarem o Cálice de Fogo. Este havia sido colocado no meio do *Hall*, no banco que continha normalmente o Chapéu Seleccionador. No chão fora traçada uma fina linha dourada que formava à sua volta um círculo com seis metros de diâmetro.

— Já alguém lá pôs o nome? — perguntou Ron impulsivamente a uma rapariga do terceiro ano.

— Todos os alunos de Durmstrang — respondeu ela. — Mas ainda não vi ninguém de Hogwarts.

— Aposto que alguns o puseram lá ontem à noite, depois de termos ido deitar-nos — disse Harry. — Se fosse eu, era o que tinha feito... não queria toda a gente a ver. E se o Cálice o cuspiu imediatamente?

Alguém riu atrás de Harry. Este voltou-se e viu Fred, George e Lee Jordan que desciam rapidamente as escadas, todos com ar muitíssimo excitado.

— Está feito — sussurrou Fred triunfantemente para Harry, Ron e Hermione. — Acabámos agora mesmo de a tomar.

— O quê? — indagou Ron.

— A Poção de Envelhecimento, miolos de galinha — disse Fred.

— Uma gota cada um — confirmou George, esfregando as mãos de satisfação. — Só precisamos de envelhecer alguns meses.

— Vamos dividir os mil galeões pelos três se um de nós ganhar — disse Lee, sorrindo de orelha a orelha.

— Não estou muito certa de que vá resultar, sabem — avisou-os Hermione. — Tenho a certeza de que o Dumbledore há-de ter pensado nisso.

Fred, George e Lee ignoraram-na.

— Prontos? — perguntou Fred aos outros dois, tremendo de excitação.

— Então, embora... eu vou primeiro.

Fascinado, Harry viu Fred tirar do bolso um pedaço de pergaminho com as palavras «Fred Weasley — Hogwarts». Depois caminhou até à borda da linha e ficou ali, baloiçando-se nas pontas dos pés, como um mergulhador a preparar-se para um salto de quinze metros. Então, com os olhos de todos os que se encontravam no *Hall* postos nele, respirou fundo e passou por cima da linha.

Durante uma fracção de segundo Harry pensou que aquilo resultara (não havia dúvidas de que George pensara que sim, pois soltou um grito de triunfo e saltou a seguir a Fred), mas no instante seguinte ouviu-se uma enorme chiadeira, e os dois gémeos foram expulsos do círculo dourado como que arremessados por um lança-projecteis. Aterraram penosamente no chão de pedra fria a três metros dali e, para agravar o insulto, seguiu-se um sonoro estouro e ambos ficaram com compridas barbas brancas.

O *Hall* ecoou com as gargalhadas. Até Fred e George se riram depois de se terem levantado e olhado bem para a barba um do outro.

— Eu avisei-vos — disse uma voz profunda e divertida, e todos se voltaram para ver o professor Dumbledore a sair do Salão. Examinou Fred e George, de olhos cintilantes. — Sugiro que vão ambos visitar Madame Pomfrey. Ela já está a cuidar de Miss Fawcett, dos Ravenclaw, e de Mr. Summers, dos Hufflepuff, que também resolveram envelhecer um

bocadinho, embora tenha de admitir que as barbas deles não se podem comparar com as vossas.

Fred e George dirigiram-se à enfermaria acompanhados de Lee, curvado de riso, e Harry, Ron e Hermione foram tomar o pequeno-almoço, também a rir à socapa.

A decoração do Salão estava diferente nessa manhã. Como era o Dia das Bruxas, havia uma nuvem de morcegos a esvoaçar em volta do tecto mágico, e de todos os cantos espreitavam centenas de abóboras ocas. Harry dirigiu-se para Dean e Seamus, que falavam sobre quais os alunos de Hogwarts com mais de dezassete anos que poderiam entrar.

— Corre o boato de que o Warrington se levantou cedo e foi lá pôr o nome — contou Dean a Harry. — É aquele tipo enorme dos Slytherin que parece uma preguiça.

Harry, que tinha jogado Quidditch contra Warrington, abanou a cabeça, maldisposto. — Não podemos ter um Slytherin como campeão!

— E os Hufflepuff não falam senão do Diggory — disse Seamus, irritado. — Eu cá não pensei que ele estivesse disposto a pôr em risco os seus atractivos.

— Escutem! — disse Hermione de repente.

Ouviam-se aplausos no *Hall*. Todos se viraram nas cadeiras e viram Angelina Johnson a entrar no Salão, sorrindo meio embaraçada. Angelina, uma rapariga negra, muito alta, que jogava como *chaser* na equipa de Quidditch dos Gryffindor, veio ter com eles, sentou-se e disse: — Bem, já está! Acabei de lá pôr o meu nome!

— Estás a gozar! — exclamou Ron, parecendo impressionado.

— Mas tu já tens dezassete anos? — perguntou Harry.

— É claro que tem. Não vês barba nenhuma, pois não? — disse Ron.

— Fiz anos a semana passada — esclareceu Angelina.

— Estou muito satisfeita por entrar alguém dos Gryffindor — disse Hermione. — Espero bem que ganhes, Angelina!

— Obrigada, Hermione — agradeceu Angelina, sorrindo-lhe.

— Sim, sim, antes tu que o Diggory Lindinho — disse Seamus, fazendo com que diversos Hufflepuff que iam a passar pela mesa o fitassem com ar carrancudo.

— E então o que é que vamos fazer hoje? — perguntou Ron a Harry e a Hermione, quando acabaram o pequeno-almoço e iam a sair do Salão.

— Ainda não fomos visitar o Hagrid — lembrou Harry.

— Vamos — concordou Ron —, desde que ele não nos peça para oferecermos alguns dedos aos Explojentos.

O rosto de Hermione iluminou-se de repente com um ar de imensa

excitação.

— Lembrei-me agora de que ainda não convidei o Hagrid a fazer parte da B. A. B. E.! — disse ela vivamente. — Esperem aí por mim, enquanto dou um salto lá acima para buscar distintivos, valeu?

— Já viste isto? — bradou Ron exasperado, enquanto Hermione corria pelas escadas de mármore.

— Eh, Ron — chamou Harry de súbito. — É a tua amiga...

Os estudantes de Beauxbatons estavam a entrar vindos lá de fora e, entre eles, via-se a rapariga com ar de *Veela*. As pessoas que rodeavam o Cálice de Fogo afastaram-se para os deixar passar, observando-os, curiosos.

Madame Maxime entrou no *Hall* a seguir aos seus alunos e pô-los em fila. Um a um, os estudantes de Beauxbatons passaram a Linha de Idade e deitaram os seus pedaços de pergaminho para as chamas branco-azuladas. Quando cada nome caía no fogo, este ficava momentaneamente vermelho e soltava faíscas.

— O que é que achas que vai acontecer aos que não forem escolhidos? — murmurou Ron para Harry, quando a rapariga tipo *Veela* deitou o seu pergaminho no Cálice de Fogo. — Achas que voltam para a escola deles ou que ficam por cá para assistir ao Torneio?

— Não faço ideia — disse Harry. — Eu diria que ficam por cá... A Madame Maxime fica porque vai ser um dos juízes, não é?

Depois de todos os estudantes de Beauxbatons terem submetido os seus nomes, Madame Maxime levou-os de novo para fora.

— Então e *estes* onde é que dormem? — interrogou-se Ron, aproximando-se da porta e ficando a observá-los.

Um chocalhar sonoro atrás deles anunciou o regresso de Hermione com a caixa dos distintivos da B. A. B. E.

— Ah, ótimo, despacha-te — disse Ron, saltando pelos degraus abaixo, de olhos fixos nas costas da rapariga tipo *Veela*, que ia a meio do relvado com Madame Maxime.

Quando se aproximaram da cabana de Hagrid, na orla da Floresta Proibida, ficou solucionado o mistério dos dormitórios dos Beauxbatons. A colossal carruagem azul-acinzentada em que eles tinham chegado encontrava-se estacionada a cerca de vinte metros da porta da frente de Hagrid, e os estudantes estavam a entrar de novo para lá. Os cavalos alados de aspecto elefantino que haviam puxado a carruagem pastavam agora num cercado improvisado ali perto.

Harry bateu à porta de Hagrid, e imediatamente lhe responderam os latidos estrondosos de *Fang*.

— Já não era sem tempo! — exclamou Hagrid, quando escancarou a

porta e viu quem batera. — Já pensava qu'os três se tinham esquecido d'onde eu vivo!

— Nós temos tido muito trabalho, Hag... — começou Hermione a dizer, mas depois calou-se de repente ao olhar para ele. Parecia incapaz de encontrar palavras.

Hagrid vestia o seu melhor (e verdadeiramente horrível) fato castanho, com uma gravata aos quadrados amarelos e cor de laranja. Mas o pior não era isso. Era óbvio que ele tentara domar o cabelo, usando quantidades enormes de uma coisa que parecia massa lubrificante. Agora tinha-o liso, apanhado aos lados... talvez tivesse tentado fazer um rabo-de-cavalo como o de Bill e constatado que possuía demasiado cabelo. Não lhe ficava nada bem. Hermione fitou-o de olhos arregalados durante um bocado e depois, tendo evidentemente decidido não fazer comentários, perguntou: — Hum... onde é que estão os Explojentos?

— No canteiro das abóboras — respondeu Hagrid satisfeito. — 'Tão a ficar enormes, devem 'tar quase c'um metro. O único problema é que desataram a matar-se uns ós outros.

— Oh, não, palavra? — disse Hermione, deitando um olhar de aviso a Ron que, ainda embaçado a olhar para o estranho penteado de Hagrid, acabara de abrir a boca para fazer um comentário qualquer.

— Sim — confirmou Hagrid tristemente. — Mas agora 'tá tudo bem, meti-os em caixas separadas. Ainda tenho pra'í uns vinte.

— Isso é que é sorte — comentou Ron, mas Hagrid não percebeu o sarcasmo.

A cabana de Hagrid era constituída por uma única sala, que a um canto tinha uma cama colossal coberta por uma colcha de retalhos. Em frente da lareira, encontrava-se uma mesa e umas cadeiras de madeira igualmente enormes, sob uma quantidade de presuntos fumados e aves mortas que pendiam do tecto. Sentaram-se à mesa, enquanto Hagrid começava a preparar o chá e pouco depois estavam envolvidos em mais uma discussão sobre o Torneio dos Três Feiticeiros. Hagrid parecia tão excitado quanto eles.

— Esperem só — disse ele radiante. — Esperem só. Vão ver coisas que nunca viram. A primeira tarefa... ah, mas não posso contar.

— Anda lá, Hagrid! — insistiram os pequenos. Mas ele limitou-se a abanar a cabeça, todo sorrisos.

— Não quero estragar-vos a surpresa — disse Hagrid. — Mas vai ser um espectáculo, isso garanto. Os campeões vão ter tarefas à medida deles. Nunca pensei viver pra voltar a ver um Torneio dos Três Feiticeiros!

Acabaram por almoçar com Hagrid, embora não comessem muito... Ele

fizera uma coisa a que chamara guisado de vaca, mas depois de Hermione ter descoberto uma enorme garra no prato, tanto ela como Ron e Harry perderam o apetite. Divertiram-se a tentar convencer Hagrid a contar-lhes o que iam ser as tarefas do Torneio, a tentar adivinhar quais os concorrentes com mais probabilidades de serem seleccionados para campeões, e se Fred e George já estariam sem barbas.

Pelo meio da tarde começara a cair uma chuva miudinha; era muito agradável estar sentado à lareira, a ouvir o som leve das gotas na janela, a ver Hagrid coser as meias e discutir com Hermione acerca de elfos domésticos —, pois ele recusara-se terminantemente a aderir à B. A. B. E., quando ela lhe mostrou os distintivos.

— Era 'tar a fazer-lhes uma maldade, Hermione — disse ele muito sério, enfiando uma imensa agulha de osso com um grosso fio amarelo. — 'Tá na natureza deles cuidar dos humanos, é do qu'eles gostam, percebes? 'Tavas a fazê-los infelizes se lhes tirasses o seu trabalho e a insultá-los se tentasses pagar-lhes.

— Mas o Harry libertou o Dobby, e ele ficou encantado! — repontou Hermione. — *E* constou-nos que ele agora está a pedir ordenado!

— Está bem, há tipos esquisitos em todo o lado. Não 'tou a dizer que não haja um ou outro elfo qu'aceitasse a liberdade, mas nunca convencerás a maioria... ná, nada feito, Hermione.

Hermione parecia francamente zangada e voltou a enfiar a caixa dos distintivos no bolso da capa.

Pelas cinco e meia começou a escurecer, e Ron, Harry e Hermione acharam que era altura de voltar ao castelo para o banquete do Dia das Bruxas... e, mais importante ainda, para a nomeação dos campeões de cada escola.

— Vou com vocês — disse Hagrid, largando as meias. — Só um minuto.

Levantou-se, dirigiu-se à cómoda ao lado da cama e começou a procurar qualquer coisa lá dentro. Eles não prestaram muita atenção até lhes chegar ao nariz um cheiro verdadeiramente horrível.

A tossir, Ron perguntou: — O que é isso, Hagrid?

— Hem? — disse Hagrid, voltando-se com um frasco enorme na mão.

— Não gostam?

— É loção para a barba? — perguntou Hermione em voz levemente sufocada.

— Humm... água-de-colónia — murmurou Hagrid, corando. — Talvez 'teja um bocado a mais — admitiu ele em tom rabugento. — Vou tirá-la, aguentem aí...

Saiu da cabana no seu passo pesado, e viram-no a lavar-se

vigorosamente no barril de água do lado de fora da janela.

— Água-de-colônia? — comentou Hermione estupefacta. — O *Hagrid*?

— E então o cabelo e o fato? — observou Harry baixinho.

— Olhem! — exclamou Ron de repente, apontando para a janela.

Hagrid acabava de se endireitar e virara-se. Se antes ficara corado, não fora nada em comparação com o que estava agora. Levantando-se com todo o cuidado para Hagrid não dar por eles, os três pequenos espreitaram pela janela e viram que Madame Maxime e os estudantes de Beauxbatons estavam a sair da carruagem, obviamente preparados para irem também para o banquete. Não conseguiram ouvir o que Hagrid dizia, mas falava com Madame Maxime com o ar extasiado e o olhar sonhador que Harry só lhe vira uma vez: quando fitava *Norbert*, o dragão-bebé.

— Ele está a ir com ela para o castelo! — bradou Hermione indignada.

— Julguei que estava à nossa espera!

Sem olhar sequer para trás, Hagrid caminhava pesadamente pelo relvado com Madame Maxime, seguidos pelos alunos desta que se esforçavam por lhes acompanhar as enormes passadas.

— Ele está embebeado por ela! — exclamou Ron, incrédulo. — Bem, se acabarem por ter filhos, vão bater um recorde mundial... aposto que qualquer bebé deles pesaria perto de uma tonelada.

Saíram da cabana e fecharam a porta. Lá fora estava escuro como breu. Apertaram mais as capas contra o corpo e partiram pelo relvado acima.

— Ooh, olhem, são eles! — segredou Hermione.

O grupo de Durmstrang dirigia-se para o castelo vindo do lago. Viktor Krum caminhava ao lado de Karkaroff, e os outros estudantes de Durmstrang iam dispersos atrás deles. Ron observou Krum muito excitado, mas este não olhou em volta quando transpôs as portas, ligeiramente à frente de Hermione, Ron e Harry.

O Salão, todo iluminado a velas, estava quase cheio quando eles entraram. O Cálice de Fogo tinha sido mudado; encontrava-se agora diante da cadeira vazia de Dumbledore, junto à mesa dos professores. Fred e George (novamente de caras escanhoadas) pareciam ter aceite muito bem o seu desapontamento.

— Espero que seja a Angelina — disse Fred, quando eles se sentaram.

— Eu também! — apoiou Hermione ofegante. — Bom, daqui a pouco já se sabe.

O banquete do Dia das Bruxas pareceu alongar-se muito mais do que o costume. Talvez por ser o segundo banquete em dois dias, Harry não apreciou tanto como seria habitual a requintada refeição servida. Tal como todos os outros ocupantes do Salão, a avaliar pelo constante virar de

pescoços, as expressões de impaciência das caras, o remexer e o levantar para ver se Dumbledore já acabara de comer, Harry só queria apanhar os pratos limpos e ouvir quem é que fora seleccionado para campeão.

Finalmente, os pratos dourados voltaram ao seu imaculado estado original; houve um nítido aumentar do ruído no Salão, que desapareceu quase instantaneamente, quando Dumbledore se pôs de pé. O professor Karkaroff e Madame Maxime, que o ladeavam, pareciam tão tensos e ansiosos como todos os outros. Ludo Bagman sorria e piscava o olho a diversos alunos. Mr. Crouch, no entanto, parecia totalmente desinteressado, quase entediado.

— Bom, o Cálice está quase pronto para decidir — disse Dumbledore.

— Calculo que precise de mais um minuto. Ora bem, quando os nomes dos campeões forem anunciados, peço-vos que se dirijam para o topo do Salão, passem pela mesa dos professores e vão para a sala anexa — indicou a porta por detrás da mesa dos professores — onde vos serão dadas as primeiras instruções.

Pegou na varinha e fez um gesto largo; imediatamente todas as velas, excepto as que se encontravam dentro das abóboras, se apagaram, fazendo com que todos mergulhassem na semiescuridão. O Cálice de Fogo brilhava agora com mais intensidade do que qualquer outra coisa em todo o Salão, e o vivo fulgor das chamas de uma brancura azulada quase fazia doer os olhos. Todos observavam, aguardando... alguns consultavam sem cessar os relógios...

— Está quase — segredou Lee Jordan, duas cadeiras para lá de Harry.

As chamas no interior do Cálice tornaram-se de súbito novamente vermelhas. Começaram a saltar faíscas. No instante seguinte, uma língua de fogo rasgou o ar e soltou-se dela um bocado de pergaminho chamuscado... A sala inteira abafou uma exclamação.

Dumbledore pegou no bocado de pergaminho e segurou-o com o braço estendido de forma a poder lê-lo à luz das chamas que haviam voltado a ser esbranquiçadas.

— O campeão de Durmstrang — leu ele, em voz clara e sonora — será Viktor Krum.

— Aqui nada de surpresas! — gritou Ron, enquanto uma tempestade de aplausos e vivas percorria o Salão. Harry viu Viktor Krum levantar-se da mesa dos Slytherin e avançar com o seu passo desengonçado em direcção a Dumbledore; virou à direita, passou pela mesa dos professores e desapareceu pela porta da sala anexa.

— Bravo, Viktor! — bradou Karkaroff tão alto que foi ouvido mesmo acima dos aplausos. — Sabia que tinhas estofo para isto!

As palmas e as conversas extinguíram-se. A atenção de todos concentrava-se agora de novo no Cálice que, segundos depois, ficou outra vez vermelho. Um segundo bocado de pergaminho saltou de lá, impelido pelas chamas.

— O campeão de Beauxbatons é Fleur Delacour! — anunciou Dumbledore.

— É ela, Ron! — gritou Harry, enquanto a rapariga que se parecia tanto com uma *Veela* se erguia graciosamente, sacudia a cascata de cabelo louro platinado e deslizava entre as mesas dos Ravenclaw e dos Hufflepuff.

— Olha, estão todos desapontados — disse Hermione acima do barulho, apontando com a cabeça para o resto do grupo de Beauxbatons. — «Desapontados» era dizer pouco, pensou Harry. Duas das raparigas que não haviam sido seleccionadas tinham-se desfeito em lágrimas e soluçavam com a cabeça enterrada nos braços.

No momento em que Fleur Delacour desapareceu pela porta lateral, fez-se de novo silêncio, mas desta vez era um silêncio tão denso de excitação que quase se podia sentir-lhe o gosto. O próximo era o campeão de Hogwarts...

E o Cálice de Fogo ficou uma vez mais vermelho; saltaram faíscas; a língua de fogo rasgou o ar e da sua ponta Dumbledore tirou o terceiro bocado de pergaminho.

— O campeão de Hogwarts — proclamou ele — é Cedric Diggory!

— Não! — exclamou Ron muito alto, mas ninguém o ouviu, excepto Harry. A barafunda na mesa ao lado era demasiado grande. Todos os Hufflepuff se tinham levantado, aos gritos e a bater com os pés no chão, à medida que Cedric passava por eles, com um sorriso que nunca mais acabava, e se dirigia para a sala por detrás da mesa dos professores. De facto, os aplausos a Cedric prolongaram-se tanto que só algum tempo depois Dumbledore conseguiu fazer-se ouvir novamente.

— Excelente! — exclamou Dumbledore satisfeito, quando o tumulto abrandou por fim. — Bom, já temos os nossos três campeões. Tenho a certeza de que posso contar com todos vocês, incluindo os outros alunos de Beauxbatons e de Durmstrang, para darem aos vossos campeões todo o apoio possível. Ao encorajarem os vossos campeões, estarão a contribuir de uma forma muito real...

Mas Dumbledore calou-se de repente, e todos viram o que o tinha perturbado.

O fogo do Cálice acabara de voltar a ficar vermelho. Saltavam faíscas por todos os lados. Uma longa chama irrompeu subitamente pelo ar e poisado nela vinha outro bocado de pergaminho.

Quase automaticamente, Dumbledore estendeu a mão e apanhou-o. Segurou-o e ficou a olhar para o nome que lá estava escrito. Houve uma longa pausa, durante a qual Dumbledore fixou o pergaminho que tinha na mão, e toda a gente no interior do Salão fixava Dumbledore com o olhar. E então, aclarando a voz, o director leu:

— *Harry Potter.*

XVII

OS QUATRO CAMPEÕES

Harry ficou ali sentado, consciente de que todas as cabeças no Salão Nobre se tinham voltado para olhar para ele. Estava estupefacto. Sentia-se paralisado. Aquilo era certamente um sonho, não ouvira bem.

Não houve palmas. O Salão começou a encher-se de um zumbido de abelhas zangadas; alguns alunos levantavam-se para verem melhor Harry, que continuava imóvel no seu lugar.

Na mesa do topo, a professora McGonagall pusera-se de pé, passara por Ludo Bagman e pelo professor Karkaroff e fora murmurar algo urgente ao professor Dumbledore, que se curvou para ela, franzindo ligeiramente as sobrancelhas.

Harry voltou-se para Ron e Hermione. Por detrás deles, via a comprida mesa dos Gryffindor com todos a observá-lo, de boca aberta.

— Não pus lá o meu nome — disse Harry sem compreender. — Sabem bem que não.

Ambos lhe devolveram o olhar, igualmente sem expressão.

Na mesa do topo, o professor Dumbledore endireitara-se, fazendo um gesto de cabeça à professora McGonagall.

— Harry Potter! — voltou ele a chamar. — Harry! Vem cá, se fazes favor.

— Vai — sussurrou-lhe Hermione, dando-lhe um ligeiro encontrão.

Harry pôs-se de pé, pisou a bainha da capa e tropeçou ao de leve. Avançou pelo espaço entre as mesas dos Gryffindor e dos Hufflepuff. Pareceu-lhe uma distância enorme, a mesa do topo não dava sinais de se aproximar e sentia centenas e centenas de olhos poisados nele, como se cada um fosse um holofote. O zumbido era cada vez mais alto. Passado o que lhe pareceu uma hora, viu-se em frente de Dumbledore, sentindo os

olhares dos professores postos nele.

— Bem... entra por aquela porta, Harry — disse Dumbledore. Não sorria.

Harry seguiu ao longo da mesa dos professores. Hagrid estava sentado mesmo no fim, mas não lhe piscou o olho, nem lhe acenou, nem lhe fez qualquer outro dos seus cumprimentos habituais. Estava completamente espantado e fitava Harry como todos os outros. Passou pela porta, saiu do Salão e deu consigo numa sala mais pequena, cheia de quadros de feiticeiros e feiticeiras. Na lareira em frente ardia um belo fogo.

Quando entrou, os rostos dos quadros voltaram-se para ele. Viu uma feiticeira mirrada sair da moldura do seu quadro e entrar na do lado, que continha um feiticeiro com bigodes de morsa. A feiticeira mirrada começou a sussurrar-lhe algo ao ouvido.

Viktor Krum, Cedric Diggory e Fleur Delacour encontravam-se agrupados junto da lareira. Pareciam estranhamente impressionantes, recortados de encontro às chamas. Krum, meio curvado e pensativo, estava encostado à lareira, ligeiramente afastado dos outros dois. Cedric estava de pé, com as mãos atrás das costas, a olhar para o fogo. Quando Harry entrou, Fleur Delacour olhou em volta e atirou para trás os seus longos cabelos platinados.

— O que é? — perguntou ela. — Querrem-nos outra vez no Salon?

Pensava que ele tinha vindo entregar uma mensagem e Harry não sabia como explicar o sucedido. Deixou-se ficar ali, a olhar para os três campeões, vendo de repente como eram todos tão altos.

Atrás de si ouviu-se um ruído de passos apressados e Ludo Bagman entrou na sala. Agarrou em Harry pelo braço e avançou com ele.

— Extraordinário! — murmurou ele, apertando-lhe o braço. — Absolutamente extraordinário! Meus senhores... minha senhora — disse ele, aproximando-se da lareira e dirigindo-se aos outros três. — Permitam que vos apresente... por incrível que pareça... o *quarto* campeão do Torneio dos Três Feiticeiros!

Viktor Krum endireitou-se. O seu rosto sombrio escureceu ainda mais ao observar Harry. Cedric estava pasmado. Olhava de Bagman para Harry e novamente para Bagman, como se pensasse que devia ter ouvido mal. Contudo, Fleur Delacour, atirando o cabelo novamente para trás e sorrindo, disse:

— Oh, que piada ton engraçada, senhorr Bagman.

— Piada? — repetiu Bagman, baralhado. — Não, não é nada disso! O nome do Harry acabou de sair do Cálice de Fogo!

As grossas sobrancelhas de Krum contraíram-se ligeiramente. Cedric

continha o seu ar de espanto.

Fleur franziu as sobrancelhas.

— Mas é evidente que houve um enganô — disse ela para Bagman desdenhosamente. — Ele não pode entrar no torneio. É demasiado novo.

— Bem... é espantoso — disse Bagman, esfregando o queixo macio e sorrindo para Harry. — Mas, como sabem, a restrição sobre a idade só foi imposta este ano como uma medida suplementar de segurança. E como o nome dele saiu do Cálice... quero dizer, acho que agora não há safa possível... está nas regras, é obrigatório... O Harry terá de fazer o melhor que...

Atrás deles, a porta abriu-se novamente e entrou um grande grupo: o professor Dumbledore, seguido de perto por Mr. Crouch, pelo professor Karkaroff, por Madame Maxime, pela professora McGonagall e pelo professor Snape. Harry ouviu o zumbido das centenas de alunos do outro lado da parede, antes de a professora McGonagall fechar a porta.

— Madame Maxime! — disse Fleur imediatamente, dirigindo-se à sua directora. — Eston a dizerr que este rapazinho também vai competir!

Algues sob a incredulidade que o tolhia, Harry sentiu uma onda de raiva. *Rapazinho?*

Madame Maxime endireitara-se, revelando toda a sua considerável altura. O cimo da sua bela cabeça roçava o lustre cheio de velas e o seu gigantesco peito, coberto de cetim preto, inchou.

— O que significa isto, Dumbly-dorr? — perguntou ela arrogantemente.

— Eu também gostaria de saber, Dumbledore — secundou o professor Karkaroff. Ostentava um sorriso de aço e os seus olhos azuis eram como lascas de gelo. — *Dois* campeões por Hogwarts? Não me recordo de me terem dito que a escola anfitriã tem direito a dois campeões... ou será que não li as regras com suficiente atenção?

Soltou uma gargalhada curta e desagradável.

— *C'est impossible* — dizia Madame Maxime, cuja enorme mão, com as suas soberbas opalas, estava pousada no ombro de Fleur. — 'Ogwarts não pode terr dois campeões. É muito injustô.

— Tínhamos a impressão de que a vossa Linha de Idade afastaria concorrentes mais novos, Dumbledore — disse Karkaroff, ostentando ainda o sorriso de aço, embora o olhar parecesse mais frio do que nunca. — Senão, teríamos evidentemente trazido das nossas escolas uma maior selecção de candidatos.

— A culpa é só do Potter, Karkaroff — afirmou Snape baixinho. — Os seus olhos negros brilhavam de malícia. — Não culpem o Dumbledore pela fixação do Potter em quebrar as regras. Tem andado a passar dos limites

desde que aqui chegou...

— Obrigado, Severus — disse Dumbledore com firmeza e Snape calou-se, embora os olhos lhe continuassem a brilhar malevolamente, através da cortina dos seus gordurosos cabelos pretos.

O professor Dumbledore olhava para Harry, que lhe devolveu o olhar, tentando perceber a expressão do seu olhar por detrás dos óculos de meia-lua.

— Puseste o teu nome no Cálice de Fogo, Harry? — perguntou Dumbledore calmamente.

— Não — respondeu Harry. Estava consciente de que todos o observavam de perto. Da sombra, Snape fez um ruído impaciente de descrença.

— Pediste a um aluno mais velho que o pusesse no Cálice de Fogo por ti? — perguntou o professor Dumbledore, ignorando Snape.

— *Não!* — afirmou Harry com veemência.

— Ah, mas é evidente que ele está a mentir! — exclamou Madame Maxime. Snape abanava a cabeça, cheio de desprezo.

— Ele não conseguia atravessar a Linha de Idade — interveio a professora McGonagall bruscamente. — Certamente todos concordamos com isso...

— Dumbly-dorr deve ter feito um errô com a linha — disse Madame Maxime, encolhendo os ombros.

— É possível, sem dúvida — respondeu Dumbledore educadamente.

— Dumbledore, sabe perfeitamente que não cometeu erro nenhum! — exclamou a professora McGonagall, zangada. — Francamente, que disparate! O Harry não conseguia atravessar a linha sozinho e como o professor Dumbledore acredita que não convenceu um aluno mais velho a fazê-lo, creio que isso deve bastar para todos nós.

Lançou um olhar muito irado ao professor Snape.

— Mr. Crouch... Mr. Bagman — disse o professor Karkaroff, num tom de voz bajulador —, os senhores são os nossos... hum... juízes imparciais. Certamente concordam que tudo isto é muito irregular?

Bagman limpou o seu rosto infantil e redondo com o lenço e olhou para Mr. Crouch, que estava fora do círculo da luz da lareira, com o rosto meio oculto nas sombras. Tinha um ar algo sinistro e a penumbra fazia-o parecer muito mais velho, dando-lhe quase o aspecto de um esqueleto. No entanto, quando falou, fê-lo no seu habitual tom seco.

— Temos de seguir as regras e estas determinam claramente que as pessoas cujos nomes saem do Cálice de Fogo são obrigadas a competir no Torneio.

— Bem, o Barty conhece as regras de trás para a frente — disse Bagman, sorrindo abertamente e voltando-se para Karkaroff e Madame Maxime, como se o assunto estivesse encerrado.

— Insisto em submeter de novo o nome dos meus restantes alunos — afirmou Karkaroff. Abandonara o tom bajulador e o sorriso, e o seu rosto tinha uma expressão muito desagradável. — Vão preparar novamente o Cálice de Fogo e continuaremos a adicionar nomes até cada escola ter dois campeões. É, no mínimo, justo, Dumbledore.

— Mas, Karkaroff, a coisa não funciona assim — protestou Bagman. — O Cálice de Fogo acabou de se apagar e só se reacende no início do próximo Torneio...

— ... no qual Durmstrang certamente não participará! — explodiu Karkaroff. — Depois de todos os nossos encontros e negociações e compromissos, não esperava nada que se passasse uma coisa desta natureza! Apetece-me partir imediatamente.

— Isso é uma falsa ameaça, Karkaroff — ouviu-se uma voz junto da porta. — Agora, não podes abandonar o teu campeão. Ele tem de competir. Têm todos de competir. É um contrato mágico vinculativo, como o Dumbledore disse. Conveniente, não é?

Moody acabara de entrar na sala. Coxeou em direcção ao lume e cada passo do lado direito fazia soar um sonoro *toc*.

— Conveniente? — disse Karkaroff. — Lamento, mas não compreendo as suas palavras, Moody.

Harry percebeu que ele estava a tentar parecer desdenhoso, como se o que Moody estava a dizer não merecesse a sua atenção, mas as mãos traíram-no: tinha os punhos fechados.

— Não? — disse Moody calmamente. — É muito simples, Karkaroff. Alguém pôs o nome do Potter naquele Cálice, sabendo que ele teria de competir, se o nome saísse.

— Evidentemente, alguém que queria dar a 'Ogwarrrts uma oportunidade dupla! — adiantou Madame Maxime.

— Concordo totalmente, Madame Maxime — disse Karkaroff, fazendo-lhe uma vénia. — Vou apresentar queixa ao Ministério da Magia e à Confederação Internacional de Feiticeiros...

— Se alguém tem razão para se queixar, é o Potter — opinou Moody secamente — mas... é engraçado... não o ouço dizer nem uma palavra...

— Porr que havia ele de se queixarr? — interrompeu Fleur Delacour, batendo com o pé. — Tem oportunidade de competir, non tem? Há semanas que todos temos estado na expectativa de sermos escolhidos! Uma honrra parra a nossa escola! Mil galeões de prrrémio... é uma

oportunidade pela qual muitos dariam a vida!

— Talvez alguém espere que o Potter dê a vida por isto — disse Moody, num tom de voz mais suave.

Um silêncio extremamente tenso seguiu-se a estas palavras.

Ludo Bagman, que tinha um ar muitíssimo ansioso e oscilava nervosamente para cima e para baixo, disse:

— Moody, meu velho, o que foste tu dizer!

— Todos sabemos que o professor Moody acha que perdeu a manhã se não descobrir seis conspirações para o assassinar antes do almoço — declarou Karkaroff em voz alta. — Parece que agora anda também a ensinar aos alunos a terem medo de ser assassinados. Uma estranha qualidade num professor de Defesa Contra a Magia Negra, Dumbledore, mas certamente teve as suas razões.

— Estou a imaginar coisas, não é? — grunhiu Moody. — A ver coisas? Quem pôs o nome do rapaz no Cálice foi um feiticeiro muito hábil...

— Ah, que provas existem disso? — perguntou Madame Maxime, erguendo para o ar as suas enormes mãos.

— O facto de ter manipulado um objecto mágico muito poderoso! — respondeu Moody. — Seria necessário um Feitiço Confundus excepcionalmente forte para enganar o Cálice e fazê-lo esquecer que apenas três escolas competem no Torneio... Suspeito de que apresentaram o nome do Potter como se fosse de outra escola para se certificarem de que era o único a concorrer na sua categoria...

— Parece ter pensado muito nisto, Moody — observou Karkaroff friamente —, e tem uma bela teoria, embora eu tenha evidentemente sabido que se lhe meteu na cabeça que um dos seus presentes de aniversário continha um ovo de basilisco sabiamente disfarçado, tendo-o desfeito em pedaços antes de perceber que era, na verdade, um relógio de viagem. Portanto, compreenderá se não o levamos inteiramente a sério...

— Há quem transforme situações inocentes a seu favor — retorquiu Moody numa voz ameaçadora. — O meu trabalho é pensar da mesma forma que os feiticeiros das Trevas, Karkaroff, como se devia lembrar...

— Alastor! — exclamou Dumbledore em tom de advertência. Harry ficou a pensar a quem se referiria, mas depois compreendeu que «Olho-Louco» não podia ser o verdadeiro nome próprio de Moody. Este calou-se, continuando, no entanto, a observar Karkaroff com satisfação. O rosto deste ardia.

— Não sabemos como esta situação aconteceu — disse Dumbledore, falando para todos os que estavam reunidos na sala. — Parece-me, contudo, que não temos outra hipótese senão aceitá-la. Tanto o Cedric

como o Harry foram escolhidos para competir neste Torneio. Portanto, é isso que farão...

— Ah, mas Dumbly-dorr...

— Minha cara Madame Maxime, se tiver alternativa, ficarei encantado em ouvi-la.

Dumbledore esperou, mas Madame Maxime não falou, limitando-se a olhar de forma penetrante e irritada. E não era a única. Snape parecia furioso, Karkaroff estava lívido. Bagman, contudo, parecia bastante excitado.

— Bem, avançamos? — disse ele, esfregando as mãos e sorrindo para todos. — Temos de dar as instruções aos nossos campeões, não é? Barty, queres fazer as honras?

Mr. Crouch pareceu sair de um profundo sonho.

— Sim — disse ele — instruções. Sim... A primeira tarefa...

Aproximou-se da lareira. Ao perto, pareceu a Harry que ele estava adoentado. Tinha círculos negros debaixo dos olhos e a pele enrugada, um aspecto quebradiço e frágil que Harry não notara no Campeonato Mundial de Quidditch.

— A primeira tarefa foi concebida para testar a vossa coragem — disse ele a Harry, Cedric, Fleur e Krum —, portanto não vos vamos dizer o que é. Coragem perante o desconhecido é uma qualidade importante num feiticeiro... muito importante... A primeira tarefa terá lugar a 24 de Novembro, perante os outros alunos e o painel de juízes.

«Não é permitido aos campeões pedir ou aceitar ajuda de qualquer espécie da parte dos professores para completar as tarefas do Torneio. Os campeões enfrentarão o primeiro desafio munidos apenas das suas varinhas e receberão informações sobre a segunda tarefa quando tiverem terminado a primeira. Devido à natureza exigente e prolongada do Torneio, os campeões estão dispensados dos exames de final do ano.

Mr. Crouch voltou-se para olhar para Dumbledore.

— Acho que é tudo, não é, Albus?

— Acho que sim — respondeu Dumbledore, que olhava para Mr. Crouch com alguma preocupação. — Tens a certeza de que não gostarias de pernoitar em Hogwarts, Barty?

— Não, Dumbledore, tenho de voltar para o Ministério — afirmou Mr. Crouch. — Este período é muito agitado, muito difícil... deixei o jovem Weatherby no comando... muito entusiasmado... um tanto em demasia, para dizer a verdade...

— Vens, pelo menos, tomar uma bebida antes de te ires embora? — convidou Dumbledore.

— Vá lá, Barty, eu fico! — disse Bagman alegremente. — De momento, Hogwarts é o centro dos acontecimentos, sabes, é muito mais excitante aqui que no serviço.

— Acho que não, Ludo — respondeu Crouch, com um toque da sua velha impaciência.

— Professor Karkaroff, Madame Maxime, uma última bebida? — ofereceu Dumbledore.

Mas Madame Maxime já pusera um braço em redor de Fleur e levava-a rapidamente para fora da sala. Harry ouviu-as falar em francês muito rapidamente ao passarem para o Salão. Karkaroff fez sinal a Krum e também eles saíram, mas em silêncio.

— Harry, Cedric, sugiro-vos que vão para a cama — disse Dumbledore, sorrindo para ambos. — Estou certo de que os Gryffindor e os Hufflepuff vos esperam para comemorar e seria uma pena privá-los desta óptima desculpa para fazerem uma grande barulheira.

Harry deu uma olhadela a Cedric, que acenou afirmativamente e saíram juntos. O Salão estava deserto. As velas tinham ardido quase até ao fim, dando às bocas sorridentes talhadas nas abóboras um ar trémulo e lúgubre.

— Portanto — disse Cedric com um ligeiro sorriso — estamos novamente a competir um contra o outro!

— Assim é — confirmou Harry. Não conseguia pensar em nada para dizer. Sentia uma grande confusão na cabeça, como se lhe tivessem saqueado o cérebro.

— Então... diz-me lá... — continuou Cedric ao chegarem ao *Hall*, que estava agora iluminado apenas por tochas, devido à ausência do Cálice de Fogo. — Como é que lá *meteste* o teu nome?

— Não meti — respondeu Harry, olhando para ele. — Não o meti lá. Estava a dizer a verdade.

— Ah... pois — disse Cedric. Harry via que o outro não o acreditava. — Bem... até à vista.

Em vez de subir a escada de mármore, Cedric dirigiu-se a uma porta à sua direita. Harry ficou ali, ouvindo-o descer os degraus de pedra para lá da porta e depois começou lentamente a subir os de mármore.

Seria que alguém iria acreditar nele, para além de Ron e Hermione, ou pensariam todos que ele se inscrevera para o Torneio? No entanto, como é que alguém podia pensar isso, quando ia enfrentar adversários que tinham mais três anos de educação mágica que ele, quando ia enfrentar tarefas que não só pareciam muito perigosas, mas eram também realizadas perante centenas de pessoas? Sim, ele pensara nisso... imaginara-o... mas fora por piada, uma espécie de sonho fútil... nunca pensara inscrever-se mesmo *a*

sério

... Mas alguém o fizera... alguém que o queria no Torneio e que se certificou de que ele seria escolhido. Porquê? Para lhe agradecer? Não lhe parecia...

Para o ver fazer figura de parvo? Bem, era provável que esse alguém realizasse o seu desejo...

Mas para que o *matassem*? Estaria Moody a ser paranóico, como habitualmente? Não teria alguém posto o seu nome no Cálice apenas no intuito de lhe pregar uma partida? Haveria mesmo alguém a querer que ele morresse?

Harry podia responder a isso imediatamente. Sim, havia alguém que o queria morto, alguém que o quisesa morto desde que ele fizera um ano de idade: Lord Voldemort. Mas como poderia ele ter a certeza de que o nome de Harry seria colocado no Cálice de Fogo? Pensava-se que Voldemort estava muito longe, nalgum país distante, escondido, só... fraco e sem poderes...

E, contudo, naquele sonho que tivera mesmo antes de acordar com a cicatriz a doer, Voldemort não estava sozinho... estava a falar com Wormtail... a planear o seu assassinio...

Harry teve um choque ao dar de caras com a Dama Gorda. Não reparara sequer no caminho e foi também uma surpresa ver que ela não estava sozinha na sua moldura. A feiticeira mirrada que se tinha escapulido para o quadro do vizinho quando ele se juntara aos campeões, lá em baixo, estava agora sentada junto da Dama Gorda, com um ar muito convencido. Devia ter voado num ápice por todos os quadros que decoravam as sete escadarias para chegar ali tão depressa. Tanto ela como a Dama Gorda olhavam para ele com imenso interesse.

— Bem, bem — afirmou a Dama Gorda —, a Violet acabou de me contar tudo. Com que então, acabas de ser escolhido para campeão da escola?

— Balderdash — disse Harry sombriamente.

— O que vem a ser isso? — perguntou a pálida feiticeira indignadamente.

— É a senha, Vi — explicou a Dama Gorda calmamente e, inclinando-se para a frente, deixou Harry entrar na sala comum.

A onda de barulho que atingiu os ouvidos de Harry quando o retrato se abriu quase o fez cair para trás. Depois, sem saber bem como, foi arrastado para a sala por dúzias de pares de mãos e deparou com todos os Gryffindor, que gritavam, aplaudiam e assobiavam.

— Devias ter-nos dito que tinhas concorrido! — berrava Fred. Parecia

meio aborrecido, meio impressionado.

— Como é que conseguiste, sem ficares com uma barba? Brilhante! — rugiu George.

— Não fui eu — disse Harry. — Não sei como...

Mas Angelina precipitara-se sobre ele.

— Oh, se não pude ser eu, pelo menos é um Gryffindor...

— Vais poder vingar-te do Diggory daquele último jogo de Quidditch, Harry! — gritava Katie Bell, outra das *chasers* dos Gryffindor.

— Temos comida, Harry, anda comer qualquer coisa...

— Não tenho fome, comi muito na festa...

Mas ninguém queria ouvir dizer que ele não tinha fome e que não pusera o nome no Cálice; nem uma única pessoa parecia ter reparado que ele não estava com disposição para comemorar... Lee Jordan descobrira uma bandeira dos Gryffindor num sítio qualquer e insistia em enrolá-la em volta de Harry, como um manto. Harry não conseguia escapar. Sempre que tentava escapulir-se pelas escadas que levavam aos dormitórios, a multidão fechava-se em seu redor, obrigando-o a beber outra Cerveja de Manteiga, enfiando-lhe batatas fritas e amendoins nas mãos... todos queriam saber como o fizera, como escapara à Linha de Idade de Dumbledore e como conseguira meter o seu nome no Cálice de Fogo...

— Não fui eu — repetia ele sem cessar —, não sei como é que foi.

Mas como ninguém lhe ligava, era o mesmo que não responder.

— Estou cansado! — berrou ele finalmente, passada quase uma meia hora. — Não, a sério, George... vou para a cama...

Desejava ardentemente encontrar Ron e Hermione, para ouvir algum bom senso, mas parecia que nenhum deles estava na sala comum. Insistindo em que precisava de dormir e quase esmagando os pequenos irmãos Creevey quando eles tentaram bloqueá-lo ao fundo das escadas, Harry conseguiu desembaraçar-se de todos e subiu para o dormitório o mais depressa que podia.

Para seu grande alívio, viu que estava vazio e que Ron estava deitado na cama, ainda completamente vestido. Ergueu o olhar quando Harry fechou a porta com força atrás de si.

— Onde é que tens estado? — perguntou Harry.

— Oh, olá — disse Ron.

Sorria, mas o sorriso pareceu-lhe esquisito, forçado. Subitamente, Harry viu que trazia ainda a bandeira vermelha dos Gryffindor, que Lee atara em volta dele. Apressou-se a tirá-la, mas estava atada com nós muito apertados. Ron deixou-se ficar na cama sem se mexer, a ver Harry lutando para a retirar.

— Então... — disse ele, quando Harry conseguiu por fim tirar a bandeira e a atirou para um canto. — Parabéns.

— O que queres dizer com parabéns? — perguntou Harry, olhando fixamente para ele. Não havia dúvida de que se passava qualquer coisa de errado com o sorriso de Ron, mais parecia uma careta.

— Bem... mais ninguém conseguiu passar a Linha de Idade — hesitou Ron. — Nem sequer o Fred e o George. O que é que usaste? O Manto da Invisibilidade?

— O Manto da Invisibilidade não me teria feito passar a Linha — disse Harry lentamente.

— Oh, claro — retorquiu Ron. — Pensei que talvez me tivesses dito se fosse o Manto, pois ele cobrir-nos-ia aos dois. Mas descobriste outra maneira, não foi?

— Escuta — assegurou-lhe Harry —, não meti o meu nome naquele Cálice. Deve ter sido outra pessoa.

Ron ergueu as sobrancelhas.

— E por que é que fariam uma coisa dessas?

— Não sei — disse Harry. Achou que seria muito melodramático se dissesse «para me matarem».

As sobrancelhas de Ron ergueram-se tanto que quase desapareceram dentro do cabelo.

— Não faz mal, sabes, podes dizer-me a verdade — disse ele. — Se não queres que os outros saibam, tudo bem, mas não percebo por que te dás ao trabalho de mentir, não te meteste em sarilhos por causa disto, pois não? A amiga da Dama Gorda, aquela Violet, já nos disse a todos que o Dumbledore te deixa competir. Um prémio de mil galeões em dinheiro, hem? E também não tens de fazer os exames finais...

— Não pus o meu nome naquele Cálice! — exclamou Harry, começando a ficar zangado.

— Pois, 'tá bem — disse Ron, exactamente no mesmo tom céptico de Cedric. — Só que esta manhã disseste que podias tê-lo feito ontem à noite e ninguém te teria visto... não sou estúpido, sabes?

— Pois imitas muito bem — respondeu Harry com brusquidão.

— Ai é? — disse Ron e já não havia sombra de sorriso no seu rosto, nem sequer forçado. — Queres deitar-te, Harry, não é, deves ter de te levantar cedo amanhã para uma sessão fotográfica ou coisa assim.

Fechou bruscamente os cortinados da sua cama de dossel, deixando Harry ali especado à porta, a olhar para os cortinados vermelhos e que agora escondiam uma das poucas pessoas que ele tivera a certeza de que iriam acreditar nele.

XVIII

A AVALIAÇÃO DAS VARINHAS

Quando Harry acordou no domingo de manhã, levou algum tempo até se lembrar por que motivo se sentia tão infeliz e preocupado. Depois, foi invadido pelas recordações da noite anterior. Sentou-se e afastou bruscamente as cortinas da sua cama de dossel, com a intenção de falar com Ron, para o obrigar a perceber as coisas, mas descobriu que a cama do amigo estava vazia. Era óbvio que ele já descera para o pequeno-almoço.

Harry vestiu-se e desceu a escada de caracol para a sala comum. Assim que apareceu, os que já tinham terminado o pequeno-almoço desataram novamente a bater palmas. A perspectiva de entrar no Salão e enfrentar os restantes Gryffindor, todos a tratarem-no como uma espécie de herói, não era nada convidativa; mas era isso ou ficar ali e deixar-se encurralar pelos irmãos Creevey, que lhe acenavam freneticamente para que se lhes juntasse. Dirigiu-se resolutamente para o buraco do retrato, abriu-o, passou para o outro lado e deu de caras com Hermione.

— Olá — cumprimentou-o ela, segurando numa pilha de torradas que levava num guardanapo. — Trouxe-te isto... queres ir dar um passeio?

— Boa ideia — disse Harry, agradecido.

Desceram as escadas, atravessaram rapidamente o *Hall* sem espreitarem para o Salão e em breve atravessavam a relva a passos largos, em direcção ao lago onde estava ancorado o navio de Durmstrang, cuja forma negra se reflectia na água. A manhã estava gelada e continuaram a andar, comendo as torradas, enquanto Harry contava a Hermione exactamente tudo o que acontecera desde que deixara a mesa dos Gryffindor na noite anterior. Para seu grande alívio, a amiga não pôs em dúvida a sua história.

— Bem, é claro que eu sabia que não te tinhas inscrito — afirmou ela quando ele acabou de lhe contar a cena passada na sala contígua ao Salão.

— O teu ar quando o Dumbledore leu o teu nome! Mas a questão é: *quem* é que o pôs lá? É que o Moody tem razão, Harry... acho que nenhum aluno conseguiria... nunca seriam capazes de enganar o Cálice, nem passar pela Linha...

— Viste o Ron? — interrompeu Harry.

Hermione hesitou.

— Hã... sim... estive a tomar o pequeno-almoço — disse ela.

— Ele continua a pensar que eu pus lá o meu nome?

— Bem... não, acho que não... não *exactamente* — hesitou Hermione, atrapalhada.

— O que queres dizer com isso, não *exactamente*?

— Oh, Harry, então não é óbvio? — perguntou Hermione desesperadamente. — Ele está com ciúmes.

— Com *ciúmes*? — disse Harry, incrédulo. — Com ciúmes de quê? Será que queria fazer figura de parvo perante a escola inteira?

— Olha — disse Hermione cheia de paciência —, és sempre tu quem tem a atenção toda, sabes que é assim. Sei que a culpa não é tua — acrescentou ela rapidamente, vendo que Harry abria a boca, furioso —, que não andas atrás disso... mas bem, sabes, o Ron tem aqueles irmãos todos em casa com quem tem de competir e tu és o melhor amigo dele e és mesmo famoso... sempre que te vêem, ele é logo posto de lado, aguenta e nunca fala disso, mas acho que desta vez foi de mais...

— Fixe — disse Harry amargamente. — Fixe. Diz-lhe da minha parte que troco com ele assim que quiser. Diz-lhe da minha parte que tenha bom proveito... com as pessoas a olharem de boca aberta para a minha cicatriz aonde quer que eu vá...

— Não lhe digo coisa nenhuma — retorquiu Hermione bruscamente. — Diz-lhe tu, é a única forma de resolver isto.

— Não vou andar atrás dele, a tentar fazer com que ele cresça! — indignou-se Harry tão alto que várias corujas de uma árvore ali próximo levantaram voo, alarmadas. — Talvez ele acredite que não estou a ter gozo nenhum quando partir o pescoço ou...

— Isso não tem graça — disse Hermione baixinho. — Não tem graça nenhuma. — Parecia extremamente ansiosa. — Harry, tenho estado a pensar... sabes o que temos de fazer, não sabes? Imediatamente, assim que voltarmos para o castelo?

— Sim, dar um grande pontapé ao Ron...

— *Escrever ao Sirius*. Tens de lhe contar o que aconteceu. Ele pediu-te que o informasses de tudo o que se passa em Hogwarts... é quase como se ele esperasse que acontecesse algo deste género. Tenho aqui um

pergaminho e uma pena...

— Deixa-te disso — interrompeu-a Harry, olhando em volta para se certificar de que ninguém os conseguia ouvir; mas os campos estavam praticamente desertos. — Ele regressou ao nosso país só porque me dóia a cicatriz! Provavelmente, viria direito ao castelo se eu lhe dissesse que alguém me inscreveu no Torneio dos Três Feiticeiros...

— Ele havia de querer que lhe contasses — insistiu Hermione com ar sério. — De qualquer forma, vai descobrir...

— Como?

— Harry, isto não vai ficar em segredo — explicou Hermione, com uma expressão muito séria. — Este Torneio é famoso e tu és famoso; ficaria muito surpreendida se não saísse nada n' *O Profeta Diário* sobre a tua participação... sabes que já és mencionado em metade dos livros sobre o Quem-Nós-Sabemos... e o Sirius haveria de preferir saber por ti, tenho a certeza.

— Pronto, pronto, eu escrevo-lhe — acedeu Harry, atirando o último pedaço de torrada para o lago. Ficaram ambos ali, a verem-no flutuar antes de um grande tentáculo sair da água e o levar para baixo. Depois regressaram ao castelo.

— Que coruja é que vou usar? — perguntou Harry enquanto subiam as escadas. — Ele disse-me para não voltar a usar a *Hedwig*.

— Pergunta ao Ron se te pode emprestar...

— Não peço coisa nenhuma ao Ron — disse Harry terminantemente.

— Bem, então, usa uma das corujas da escola, toda a gente as pode usar — sugeriu Hermione.

Subiram até à Torre das Corujas. Hermione deu um pedaço de pergaminho, uma pena e um frasco de tinta a Harry e pôs-se a andar por entre as imensas fileiras de poleiros, olhando para todas as corujas, enquanto Harry se sentava encostado a uma parede e escrevia a sua carta.

Caro Sirius,

disseste-me para te manter informado sobre o que se passava em Hogwarts, portanto aqui vai: não sei se ouviste dizer, mas o Torneio dos Três Feiticeiros realiza-se este ano e no sábado à noite fui escolhido como quarto campeão. Não sei quem pôs o meu nome no Cálice de Fogo, mas não fui eu. O outro campeão de Hogwarts é o Cedric Diggory, dos Hufflepuff.

Nesta altura, parou para pensar. Tinha muita vontade de dizer qualquer coisa sobre a enorme ansiedade que lhe pesava no peito desde a noite

anterior, mas não sabia como traduzir isso em palavras, portanto limitou-se a molhar a pena no tinteiro e a escrever:

Espero que estejas bem e o Buckbeak também, Harry.

— Acabei — declarou ele a Hermione, pondo-se de pé e sacudindo palha do manto. Ao ver aquilo, *Hedwig* esvoaçou para o ombro dele e estendeu a pata.

— Não te posso usar — explicou-lhe Harry, olhando em volta para as corujas da escola. — Tenho de usar uma destas...

Hedwig piou muito alto e levantou voo tão subitamente que as suas garras lhe feriram o ombro. Manteve-se de costas viradas para ele enquanto Harry atava a carta à perna de uma grande coruja-das-quintas. Depois de esta ter partido, Harry estendeu a mão para fazer festas a *Hedwig*, mas ela, furiosa, deu um estalido com o bico e voou para as traves do tecto, ficando fora de alcance.

— Primeiro o Ron e agora tu — disse Harry, zangado. — *A culpa não é minha.*

*

Se Harry pensara que as coisas melhorariam assim que todos se habituassem à ideia de ele ser campeão da escola, o dia seguinte provou-lhe que estava muito enganado. Não podia continuar a evitar toda a gente, pois voltara para as aulas e era evidente que todos, tal como os Gryffindor, pensavam que fora ele a inscrever-se para o Torneio. Contudo, ao contrário destes, ninguém parecia nada impressionado.

Os Hufflepuff, que normalmente se davam muito bem com os Gryffindor, mostravam-se bastante frios para com todos eles e bastou uma aula de Herbologia para se ver isso. Era óbvio que os Hufflepuff pensavam que Harry roubara a glória ao seu campeão, sentimento esse provavelmente acentuado pelo facto de ser raro eles conseguirem alguma notoriedade. Além disso, Cedric fora um dos poucos que lhes dera alguma fama, ao bater os Gryffindor uma vez num jogo de Quidditch. Ernie Macmillan e Justin Finch-Fletchley, com quem Harry normalmente se dava muito bem, não lhe falaram, embora estivessem a envasar Bolbos Saltitantes na mesma mesa. No entanto, riram-se sarcasticamente quando um dos bolbos se soltou da mão de Harry e lhe deu uma forte pancada na cara. Ron também não falou a Harry. Hermione estava sentada entre os dois, fazendo conversa forçada, mas embora ambos lhe respondessem com naturalidade, evitaram olhar um para o outro. Harry pensou que até a professora Sprout parecia

distante, mas era natural, sendo directora dos Hufflepuff.

Em circunstâncias normais, estaria ansioso por ver Hagrid, mas a aula de Cuidados com as Criaturas Mágicas implicava ver também os Slytherin, a primeira vez que ia ficar frente a frente com eles desde que se tornara campeão.

Como era de esperar, Malfoy chegou à cabana de Hagrid ostentando o seu habitual sorriso trocista.

— Ah, olhem, rapazes, é o campeão — disse ele para Crabbe e Goyle, assim que viu que Harry o conseguia ouvir. — Têm aí os vossos livros de autógrafos? É melhor arranjar agora um autógrafo, pois duvido de que vá ficar por aqui muito mais tempo... metade dos campeões dos Torneios dos Três Feiticeiros morreram... quanto tempo é que achas que te vais aguentar, Potter? A minha aposta é dez minutos na primeira tarefa.

Crabbe e Goyle riram-se provocatoriamente, mas Malfoy teve de ficar por ali, porque Hagrid aparecera vindo das traseiras da cabana, carregando uma vacilante pilha de caixotes, cada um com um enorme Explojento. Para horror da turma, Hagrid passou a explicar que a razão pela qual os Explojentos se andavam a matar uns aos outros era um excesso de energia reprimida e que a solução era cada aluno pôr uma trela a um Explojento e levá-lo a dar um pequeno passeio. A única coisa boa deste plano era o facto de distrair Malfoy completamente.

— Levar esta coisa a passear? — repetiu ele enojado, olhando para um dos caixotes. — E onde é que devemos prender a trela? À volta do ferrão, da cauda que explode ou da ventosa?

— À volta da parte central — disse Hagrid, mostrando-lhe. — Bem... talvez seja melhor calçarem as vossas luvas de pele de dragão, à laia de precaução. Harry, anda cá ajudar-me com este g'andalhão...

No entanto, a verdadeira intenção de Hagrid era falar com Harry longe do resto da turma.

Esperou até todos se terem afastado com os seus Explojentos e depois voltou-se para ele e disse com ar muito sério:

— Portanto, 'tás na corrida. No Torneio. És campeão da Escola.

— Um dos campeões — corrigiu-o Harry.

Os olhos pretos de Hagrid tinham um ar muito ansioso sob as suas sobrancelhas revoltas.

— Ná fazes ideia de quem pôs lá o teu nome, Harry?

— Então, acreditas que não fui eu? — perguntou Harry, com dificuldade em esconder a onda de gratidão que o invadiu ao ouvir as palavras de Hagrid.

— 'Tá claro que sim — grunhiu Hagrid. — Tu dizes que não foste tu e

eu acredito... e o Dumbledore acredita em ti também.

— Quem me dera saber *quem* o fez — disse Harry amargamente.

Olharam ambos para os campos; a turma encontrava-se espalhada por todo o lado e a experimentar sérias dificuldades. Os Explojentos tinham agora quase um metro de comprimento e muita força. Passada a fase sem carapaça e sem cor, tinham desenvolvido uma espécie de armadura grossa, acinzentada e brilhante. Pareciam ser o resultado do cruzamento de escorpiões gigantes com caranguejos alongados, mas continuavam sem cabeças nem olhos. Tinham-se tornado muito fortes e muito difíceis de controlar.

— Parece que se 'tão a divertir, não parece? — perguntou Hagrid, todo contente. Harry partiu do princípio de que estava a falar dos Explojentos, pois era óbvio que os colegas não estavam a divertir-se nada; de vez em quando, uma das extremidades de um Explojento explodia com um *pum* alarmante, fazendo com que avançasse vários metros de um só pulo e havia vários alunos a serem arrastados de barriga pelo chão, tentando desesperadamente pôr-se de pé.

— Ah, não sei, Harry — suspirou Hagrid subitamente, olhando para ele com uma expressão preocupada. — Campeão da escola... parece que tudo t'acontece, né?

Harry não respondeu. Sim, parecia de facto que tudo lhe acontecia... fora mais ou menos isso que Hermione dissera quando estavam a passear em volta do lago e, segundo ela, fora por essa razão que Ron deixara de lhe falar.

*

Os dias que se seguiram foram dos piores para Harry em Hogwarts. A única altura em que sentira algo de semelhante fora no seu segundo ano, durante os meses em que uma grande parte da escola suspeitara de que ele andava a atacar os colegas. Mas, nessa altura, Ron estivera do seu lado. Agora, achava que conseguiria aguentar a reacção dos outros alunos, se Ron voltasse a ser seu amigo, mas não ia tentar convencê-lo a falar consigo, se ele não quisesse. No entanto, sentia-se só, com toda aquela antipatia a cair-lhe em cima.

Conseguia compreender a atitude dos Hufflepuff, apesar de não lhe agradar — tinham de apoiar o campeão deles. Dos Slytherin só esperava insultos maldosos — eles detestavam-no e sempre assim fora, pois ajudara os Gryffindor a vencerem-nos muitas vezes, tanto em Quidditch como no Campeonato Inter-Equipas. No entanto, esperara que os Ravenclaw

tivessem mostrado gosto em apoiar tanto Cedric como ele. Porém, enganara-se. Parecia que a maior parte dos Ravenclaw pensava que ele estava desesperado para se tornar ainda mais famoso, enganando o Cálice e fazendo-o aceitar o seu nome.

Depois, havia ainda o facto de Cedric ter muito mais aspecto de campeão do que ele. Era muito atraente, com o seu nariz direito, os cabelos escuros e os olhos cinzentos e, naquele momento, era difícil dizer quem recebia mais atenção, se Cedric se Viktor Krum. Harry até viu as mesmas raparigas do sexto ano que tinham estado tão interessadas em conseguir um autógrafo de Krum a pedinchar a Cedric que lhes autografasse as pastas à hora de almoço.

Entretanto, não recebera resposta de Sirius, *Hedwig* recusava-se a aproximar-se dele, a professora Trelawney previa a sua morte ainda com mais certeza do que o habitual e teve tão maus resultados em Encantamentos de Convocação, na aula do professor Flitwick, que este lhe passou trabalhos de casa suplementares... o único a quem isso aconteceu, com excepção de Neville.

— Não é assim tão difícil, Harry — tentava Hermione assegurar-lhe ao saírem da aula de Flitwick; ela passara a aula toda a convocar objectos do outro lado da sala, como se fosse um íman esquisito que atraía apagadores, cestos de papéis e lunascópios. — Só não estavas era concentrado como deve ser...

— E por que seria? — interrompeu-a Harry sombriamente, ao passarem por Cedric Diggory, rodeado por um grande grupo de raparigas presumidas e que olharam para Harry como se ele fosse um Explojento particularmente avantajado. — No entanto, não faz mal, não é? Esta tarde temos dois tempos de Poções para nos animarmos...

As aulas de Poções eram sempre uma experiência horrível, mas, de momento, tinham-se tornado uma autêntica tortura. Estar fechado numa masmorra durante uma hora e meia com Snape e os Slytherin, que estavam todos decididos a castigar Harry o mais possível por se ter atrevido a tornar-se campeão da escola, era a coisa mais insuportável que Harry podia imaginar. Já fizera um enorme esforço uma tarde de sexta-feira inteira, com Hermione a entoar baixinho ao seu lado «Não lhes liguês, não lhes liguês, não lhes liguês» e não tinha esperanças de que hoje fosse melhorar.

Quando ele e Hermione chegaram à masmorra de Snape depois do almoço, deram com os Slytherin à porta, ostentando todos um grande distintivo na frente dos mantos. Durante um momento terrível, pensou que eram distintivos da B. A. B. E., mas depois viu que tinham todos a mesma mensagem em letras vermelhas luminosas, que ardiam vivamente no mal

iluminado corredor subterrâneo:

Apoiem o CEDRIC DIGGORY
o VERDADEIRO Campeão de Hogwarts!

— Gostas, Potter? — perguntou Malfoy ruidosamente quando Harry se aproximou. — E não fazem só isto... olha!

Carregou no distintivo que trazia ao peito e a mensagem desapareceu e foi substituída por outra, que brilhava a verde:

O POTTER CHEIRA MAL!

Os Slytherin desmancharam-se em gargalhadas. Carregaram todos nos seus distintivos até Harry estar rodeado de mensagens com *POTTER CHEIRA MAL* a brilharem vivamente. Harry sentiu uma onda de calor subir-lhe ao pescoço e ao rosto.

— Oh, *que* engraçado — disse Hermione sarcasticamente para Pansy Parkinson e o seu grupo de amigas, que riam mais alto que os outros —, é mesmo *espirituoso*.

Ron estava encostado à parede com Dean e Seamus. Não se ria, mas também não se mostrava do lado de Harry.

— Queres um, Granger? — perguntou Malfoy, estendendo-lhe um distintivo. — Tenho montes. Mas não me toques na mão. Acabei de a lavar, sabes, e não quero sujá-la com Sangue de Lama.

Uma parte da raiva que Harry sentia há dias e dias pareceu rebentar-lhe no peito. Puxara da varinha antes de pensar no que estava a fazer. Toda a gente em redor se afastou, recuando pelo corredor.

— Harry! — gritou Hermione em advertência.

— Vá lá, Potter, vamos — disse Malfoy calmamente, puxando também da sua varinha. — O Moody não está aqui para te proteger... fá-lo, se tiveres coragem...

Por um instante, olharam-se nos olhos e depois, exactamente ao mesmo tempo, agiram ambos.

— *Furnunculus!* — gritou Harry.

— *Densaugeo!* — berrou Malfoy.

Jactos de luz soltaram-se de ambas as varinhas, tocaram-se no meio do ar e fizeram ricochete — o de Harry atingiu Goyle no rosto e o de Malfoy bateu em Hermione. Goyle berrou e levou as mãos ao nariz, onde nasciam enormes bolhas com mau aspecto; Hermione, gemendo de pânico, tapava a boca com a mão.

— Hermione! — Ron avançara para ver o que se passava com ela.

Harry voltou-se e viu Ron a afastar a mão de Hermione da cara dela. Não era lá muito bonito de se ver. Os dentes da frente de Hermione (que já eram maiores que o normal) cresciam a um ritmo alarmante. Ela estava cada vez mais parecida com um castor, à medida que os dentes cresciam e ultrapassavam o lábio inferior, em direção ao queixo. Tomada de pânico, Hermione apalpou-os e lançou um grito aterrorizado.

— A que se deve todo este barulho? — perguntou uma voz baixa, mas ameaçadora. Snape chegara.

Os Slytherin vociferavam, tentando dar as suas explicações. Snape apontou um longo dedo amarelado a Malfoy e disse:

— Explica.

— O Potter atacou-me...

— Atacámo-nos um ao outro ao mesmo tempo! — gritou Harry.

— ... e acertou no Goyle... olhe...

Snape examinou Goyle, cuja cara parecia agora algo saído dum livro sobre fungos venenosos.

— Enfermaria, Goyle — disse Snape calmamente.

— O Malfoy atingiu a Hermione! — exclamou Ron. — *Olhe!*

Obrigou Hermione a mostrar os dentes a Snape. Ela tentava a todo o custo escondê-los com as mãos, mas era difícil pois tinham crescido tanto que lhe ultrapassavam a gola. Pansy Parkinson e as outras raparigas dos Slytherin estavam agarradas à barreira, rindo em silêncio e apontando para Hermione por detrás das costas de Snape.

Este olhou friamente para Hermione e depois disse:

— Não vejo qualquer diferença.

Hermione lançou um gemido, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas, virou-se e fugiu a correr pelo corredor fora, desaparecendo.

Foi talvez uma sorte que tanto Harry como Ron tivessem começado a gritar com Snape ao mesmo tempo; foi uma sorte que as suas vozes fizessem tanto eco no corredor de pedra, pois no meio da barulheira foi impossível a Snape ouvir exactamente o que eles lhe chamaram. No entanto, apanhou o essencial.

— Vamos lá a ver — disse ele com a sua voz mais suave. — Cinquenta pontos a menos para os Gryffindor e um castigo para o Potter e o Weasley. Agora entrem ou levam um castigo de uma semana.

Harry tinha os ouvidos a tinir. A injustiça daquilo tudo deu-lhe vontade de amaldiçoar Snape, fazendo-o em mil bocados viscosos. Passou por ele, dirigiu-se com Ron para o fundo da masmorra e atirou com o saco para cima da mesa. Ron também tremia de raiva; por um instante, parecia que tudo tinha voltado ao normal entre eles, mas depois Ron voltou-se e sentou-

se junto de Dean e Seamus, deixando Harry sozinho na mesa. Do outro lado da masmorra, Malfoy virou as costas a Snape e carregou no seu distintivo, sorrindo maliciosamente. *O POTTER CHEIRA MAL* cintilou novamente do outro lado da sala.

Quando a aula começou, Harry ficou sentado a olhar para Snape, imaginando que lhe aconteciam coisas horríveis... se, ao menos, ele soubesse fazer a maldição *Cruciatu*s... punha Snape estatelado no chão, como aquela aranha, a torcer-se todo.

— Antídotos! — disse Snape, olhando para eles, com os seus olhos negros e frios a brilharem desagradavelmente. — Suponho que devem ter já as vossas receitas prontas. Quero que preparem os antídotos cuidadosamente e depois seleccionamos uma pessoa para testar um deles...

Snape cruzou o seu olhar com o de Harry e este ficou logo a saber o que o esperava. Snape ia envenená-lo. Harry imaginou-se a pegar no seu caldeirão, a correr para a frente da sala e a atirá-lo à cabeça oleosa de Snape...

Nesse momento, uma pancada na porta interrompeu os seus pensamentos.

Era Colin Creevey; entrou devagarinho, fez um grande sorriso a Harry e dirigiu-se à secretária de Snape, na frente da sala.

— Sim? — inquiriu Snape rudemente.

— Por favor, tenho de levar o Harry Potter lá acima.

Snape olhou para Colin do alto do seu nariz adunco e o sorriso dele desapareceu do rosto ansioso.

— O Potter tem mais uma hora de Poções — declarou Snape friamente.

— Irá lá acima quando esta aula terminar.

Colin corou.

— Senhor... Mr. Bagman quer falar com ele — explicou Colin, todo nervoso. — Todos os campeões têm de ir, acho que querem tirar fotografias...

Harry teria dado tudo para impedir Colin de ter dito aquelas últimas palavras. Arriscou dar uma olhadela a Ron, mas este olhava firmemente para o tecto.

— Muito bem, muito bem — acedeu Snape asperamente. — Potter, deixa as tuas coisas, quero-te aqui mais tarde para testar o teu antídoto.

— Por favor... ele tem de levar as coisas dele — guinchou Colin. — Todos os campeões...

— Muito *bem!* — disse Snape. — Potter, leva o teu saco e desaparece da minha vista!

Harry pôs o saco ao ombro, levantou-se e dirigiu-se à porta. Ao passar

por entre as mesas dos Slytherin, *O POTTER CHEIRA MAL* brilhou de todas as direcções.

— É espantoso, não é, Harry? — exclamou Colin, começando a falar assim que Harry fechou a porta da masmorra. — Então, não é? Tu seres campeão?

— É, é mesmo espantoso — disse Harry pesadamente, enquanto se dirigiam às escadas que levavam ao vestíbulo. — Para que é que querem as fotografias, Colin?

— Para *O Profeta Diário*, acho eu.

— Boa — disse Harry com ar sombrio. — É mesmo disso que eu preciso! Mais publicidade.

— Boa sorte! — desejou-lhe Colin, quando chegaram à sala certa. Harry bateu à porta e entrou.

Encontrou-se numa sala de aula bastante pequena. Quase todas as secretárias tinham sido empurradas para o fundo, deixando um grande espaço no centro; contudo, três delas tinham sido colocadas de costas em frente do quadro e estavam cobertas com um tecido de veludo. Atrás das mesas estavam cinco cadeiras e Ludo Bagman, sentado numa delas, falava com uma feiticeira que Harry nunca vira e que vestia um manto roxo.

Viktor Krum estava de pé a um canto, maldispuesto como sempre e sem falar com ninguém. Cedric e Fleur conversavam os dois. Fleur parecia muito mais feliz do que Harry jamais a vira. Não parava de sacudir a cabeça, fazendo com que o seu longo cabelo platinado brilhasse à luz. Um homem barrigudo, que segurava uma câmara que fumegava levemente, observava Fleur pelo canto do olho.

De repente, Bagman viu Harry, levantou-se rapidamente e avançou aos pulos.

— Ah, aqui está ele! O campeão número quatro! Entra, Harry, entra... não há problema nenhum, é só a cerimónia de Avaliação das Varinhas, o resto dos juízes deve estar a chegar...

— A Avaliação das Varinhas? — repetiu Harry nervosamente.

— Temos de verificar se as vossas varinhas estão a trabalhar como deve ser, sem problemas, uma vez que são o vosso instrumento mais importante nas tarefas que vos esperam — explicou Bagman. — O perito está lá em cima agora com o Dumbledore e depois vai haver uma pequena sessão de fotografias. Esta é a Rita Skeeter — acrescentou, indicando com um gesto a feiticeira de manto roxo — que está a escrever um pequeno artigo sobre o Torneio para *O Profeta Diário*...

— Talvez não seja assim *tão* pequeno, Ludo — disse Rita Skeeter com os olhos postos em Harry.

Tinha um elaborado penteado de caracóis muito rígidos que contrastavam desagradavelmente com o seu rosto pesado. Usava óculos adornados de brilhantes, e os grossos dedos que agarravam a mala de pele de crocodilo terminavam em unhas de cinco centímetros, pintadas de vermelho.

— Poderia dar uma palavrinha ao Harry antes de começarmos? — perguntou ela a Bagman, continuando a olhar fixamente para Harry. — É o campeão mais novo... é para dar um pouco de cor.

— Certamente! — exclamou Bagman. — Isto é, se o Harry não se importar.

— Bem... — disse Harry.

— Maravilhoso — interrompeu logo Rita Skeeter e, num segundo, os seus dedos de garras vermelhas apertavam fortemente o braço de Harry, enquanto o levava outra vez para fora da sala e abria uma porta ao lado.

— Não queremos ficar ali, com todo aquele barulho, pois não? — disse ela. — Vamos lá a ver... ah, sim, este sítio é agradável e acolhedor.

Era um armário de vassouras. Harry ficou a olhar para ela.

— Vá lá, querido... isso mesmo... maravilhoso — disse ela novamente, enquanto se empoleirava precariamente num balde virado ao contrário e empurrava Harry para cima de uma caixa de cartão. Depois, fechou a porta, e foram envolvidos pela escuridão. — Vamos lá a ver...

Abriu o fecho da mala de pele de crocodilo e tirou de lá uma mão-cheia de velas, que acendeu com um movimento da varinha, suspendendo-as no ar através de magia para poderem ver o que estavam a fazer.

— Harry, não te importas se eu usar uma Pena de Notas Rápidas? Deixa-me livre para falar contigo normalmente...

— Uma quê? — perguntou Harry.

O sorriso de Rita Skeeter alargou-se e Harry contou três dentes de ouro na boca dela. Rita meteu novamente a mão na mala de crocodilo e tirou uma pena comprida verde-ácido e um rolo de pergaminho, que esticou entre os dois sobre uma caixa de Detergente Mágico Para Todos os Fins de Mrs. Skower. Colocou a ponta da pena verde na boca, sugou-a por um momento com aparente prazer e, depois, pô-la em pé sobre o pergaminho, onde ficou equilibrada sobre a ponta, tremendo ligeiramente.

— Teste... chamo-me Rita Skeeter, repórter d'*O Profeta Diário*.

Harry olhou rapidamente para a pena. Assim que Rita Skeeter falou, a pena verde começou a escrever, deslizando sobre o pergaminho:

A atraente loura Rita Skeeter, de quarenta e três anos, cuja feroz pena atingiu muitas reputações...

— Ótimo — disse Rita Skeeter mais uma vez. Rasgou a parte superior do pergaminho, amarrotou-a e enfiou-a na mala. Depois, inclinou-se sobre Harry e disse:

— Então, Harry... o que te levou a inscreveres-te no Torneio dos Três Feiticeiros?

— Bem... — voltou Harry a dizer, mas a pena distraía-o. Embora não estivesse a falar, ela deslizava pelo pergaminho e, depois de passar, conseguiu ler uma nova frase:

Uma feia cicatriz, recordação de um trágico passado, desfigura o rosto encantador de Harry Potter, cujos olhos...

— Ignora a pena, Harry — disse Rita Skeeter com firmeza. Relutantemente, Harry passou a olhar para ela. — Bom, por que decidiste participar no Torneio?

— Não decidi — respondeu Harry. — Não sei como é que o meu nome foi parar ao Cálice de Fogo. Não fui eu quem o pôs lá.

Rita Skeeter ergueu uma sobancelha desenhada a lápis.

— Vá lá, Harry, não é preciso teres medo, todos sabemos que, na verdade, não devias ter entrado, mas não te preocupes com isso. Os nossos leitores adoram rebeldes.

— Mas não fui eu — repetiu Harry. — Não sei quem é que...

— Como é que te sentes em relação às tarefas que te esperam? — perguntou Rita Skeeter. — Excitado? Nervoso?

— Na verdade, ainda não pensei... sim, nervoso, suponho eu — disse Harry. Ao falar, sentia as entranhas a contorcerem-se desagradavelmente.

— No passado, morreram campeões, não foi? — perguntou Rita Skeeter vivamente. — Já pensaste nisso?

— Bem... dizem que este ano vai ser muito mais seguro — disse Harry. A pena deslizava pelo pergaminho, para a frente e para trás como se estivesse a patinar.

— É claro, tu já enfrentaste a morte, não é verdade? — perguntou Rita Skeeter, observando-o de perto. — Como é que isso te afectou?

— Bem... — disse Harry mais uma vez.

— Achas que foram os traumas do teu passado que te forçaram a querer provar o teu valor? A honrar o teu nome? Terás caído na tentação de te inscreveres no Torneio dos Três Feiticeiros por...

— *Eu não me inscrevi* — repetiu Harry, começando a sentir-se irritado.

— Lembras-te de alguma coisa dos teus pais? — perguntou Rita Skeeter, falando ao mesmo tempo que ele.

— Não — respondeu Harry.

— Como é que achas que eles se sentiriam se soubessem que ias competir no Torneio dos Três Feiticeiros? Orgulhosos? Preocupados? Zangados?

Harry estava agora verdadeiramente aborrecido. Como diabo é que ele havia de saber quais seriam os sentimentos dos seus pais se estivessem vivos? Sentia Rita Skeeter a observá-lo de perto. Franzindo as sobrancelhas, evitou o olhar dela e olhou para as palavras que a pena acabara de escrever:

As lágrimas encheram aqueles espantosos olhos verdes quando a nossa conversa se virou para os pais de quem mal se lembra.

— NÃO tenho lágrimas nos olhos! — quase gritou Harry.

Antes que Rita Skeeter conseguisse dizer o que quer que fosse, a porta do armário das vassouras abriu-se. Harry olhou em volta, piscando os olhos por causa do brilho da luz. Albus Dumbledore estava ali, olhando do alto para eles os dois, espremidos dentro do armário.

— *Dumbledore!* — gritou Rita Skeeter, parecendo encantada. No entanto, Harry notou que a pena e o pergaminho tinham desaparecido subitamente da caixa de detergente mágico e que os dedos afiados de Rita fechavam rapidamente a mala de pele de crocodilo. — Como está? — perguntou ela, levantando-se e estendendo uma das suas grandes mãos masculinas a Dumbledore. — Espero que durante o Verão tenha lido o meu artigo sobre a Conferência da Confederação Internacional de Feiticeiros.

— De uma maldade encantadora — comentou Dumbledore, com os olhos a brilhar. — Gostei especialmente da sua descrição da minha pessoa como um idiota obsoleto.

Rita Skeeter não pareceu nada embaraçada.

— Queria só dizer que algumas das suas ideias são um pouco antiquadas, Dumbledore, e que muitos feiticeiros vulgares...

— Terei muito gosto em ouvir as razões que ditam a sua má educação, Rita — interrompeu Dumbledore com uma vénia cortês e um sorriso —, mas receio que tenhamos de deixar esse assunto para mais tarde. A Avaliação das Varinhas está prestes a começar e não pode ter lugar, se um dos nossos campeões estiver escondido num armário de vassouras.

Contentíssimo por se escapar a Rita Skeeter, Harry apressou-se a voltar para a sala. Os outros campeões estavam agora sentados nas cadeiras junto da porta e ele sentou-se rapidamente ao lado de Cedric e olhou para a mesa forrada de veludo, onde se encontravam quatro dos cinco juízes: o

professor Karkaroff, Madame Maxime, Mr. Crouch e Ludo Bagman. Rita Skeeter instalou-se a um canto. Harry viu-a tirar discretamente o pergaminho da mala, estendê-lo sobre os joelhos, chupar a ponta da Pena de Notas Rápidas e voltar a colocá-la sobre o pergaminho.

— Posso apresentar-vos Mr. Ollivander? — perguntou Dumbledore, ocupando o seu lugar na mesa dos juízes e dirigindo-se aos campeões. — Ele vai examinar as vossas varinhas para se certificar de que estão em boas condições antes do Torneio.

Harry olhou em volta e, dando um salto de surpresa, viu um velho feiticeiro, com grandes olhos pálidos, silenciosamente de pé junto da janela. Harry já conhecia Mr. Ollivander — era o fabricante de varinhas a quem ele comprara a sua há mais de três anos na Diagon-Al.

— Mademoiselle Delacour, poderia ser a primeira a entregar a sua varinha, por favor? — pediu Mr. Ollivander, avançando para o espaço vazio no meio da sala.

Fleur Delacour deslizou até ao feiticeiro e entregou-lhe a varinha.

— Hum... — disse ele.

Girou-a por entre os seus longos dedos, como uma batuta, e ela emitiu uma série de faíscas rosa e douradas. Depois, levou-a aos olhos e examinou-a cuidadosamente.

— Sim — disse ele baixinho —, vinte e quatro centímetros... inflexível... madeira de pau-rosa... e contém... espantoso...

— Um cabelô da cabeçá de uma *Veela* — disse Fleur. — Uma das minhas avós.

Portanto, Fleur *tinha* mesmo sangue de *Veela*, pensou Harry, tentando não se esquecer para contar a Ron... e depois lembrou-se de que Ron não falava com ele.

— Sim — assentiu Mr. Ollivander —, sim, é claro que eu nunca usei cabelo de *Veela*. Acho que dá umas varinhas muito temperamentais; contudo, cada um sabe de si e se se dá bem...

Mr. Ollivander passou os dedos ao longo da varinha, parecendo estar à procura de falhas ou altos; depois, murmurou: — *Orchideous!* — e um ramo de flores saltou da ponta da varinha.

— Muito bem, muito bem, está em perfeitas condições — disse Mr. Ollivander, apanhando as flores e entregando-as a Fleur, juntamente com a varinha. — A seguir, Mr. Diggory.

Fleur voltou a deslizar para o seu lugar, sorrindo para Cedric quando este passou por ela.

— Ah, esta é uma das minhas, não é? — indagou Mr. Ollivander com muito mais entusiasmo, quando Cedric lhe entregou a varinha. — Sim,

lembro-me bem dela. Contém um só pêlo da cauda de um unicórnio macho especialmente belo... devia ter quase dezassete anos... quase me esventrou com o chifre depois de lhe ter arrancado o pêlo. Trinta centímetros... madeira de freixo... agradavelmente flexível. Está em óptimas condições... cuidas dela regularmente?

— Puxei-lhe o brilho ontem à noite — disse Cedric a sorrir.

Harry olhou para a sua varinha. Estava cheia de dedadas. Agarrou num pedaço do manto e tentou limpá-la discretamente, mas soltaram-se da ponta várias faíscas douradas. Fleur Delacour lançou-lhe um olhar de superioridade e ele desistiu.

Mr. Ollivander lançou uma torrente de anéis de fumo prateados pela sala fora, saídos da ponta da varinha de Cedric, declarou-se satisfeito e depois disse:

— Mr. Krum, por favor.

Viktor Krum levantou-se e arrastou-se em direcção a Mr. Ollivander com os ombros curvados e o andar pesado. Esticou a mão com a varinha e ficou ali com uma expressão carregada e as mãos enfiadas nos bolsos do manto.

— Hum — observou Mr. Ollivander —, é uma criação de Gregorovitch, a não ser que eu esteja muito enganado. Um belo fabricante de varinhas, embora o estilo não seja bem o que... contudo...

Ergueu a varinha e examinou-a minuciosamente, virando-a repetidamente em frente dos olhos.

— Sim... choupo branco e tendões de dragão? — atirou ele a Krum, que confirmou com um gesto de cabeça. — Mais espessa do que é habitual... bastante rígida... vinte e seis centímetros... *Avis!*

A varinha de choupo branco lançou uma explosão semelhante à de uma arma e vários passarinhos esvoaçaram da ponta a chilrear, saindo pela janela aberta em direcção à luz fraca.

— Ótimo — congratulou-se Mr. Ollivander, devolvendo a varinha a Krum. — E só nos falta Mr. Potter.

Harry pôs-se de pé, passou por Krum e dirigiu-se a Mr. Ollivander. Entregou-lhe a varinha.

— Aaaah, sim — disse Mr. Ollivander, com os olhos pálidos subitamente a brilhar. — Sim, sim, sim. Lembro-me tão bem!

Harry também se lembrava. Lembrava-se como se tivesse sido na véspera...

Há quatro verões, no dia do seu décimo primeiro aniversário, entrara na loja de Mr. Ollivander com Hagrid para comprar uma varinha. Mr. Ollivander tirara-lhe as medidas e começara a passar-lhe varinhas para ele

experimentar. Harry agitara quase todas as varinhas da loja até que, por fim, encontrara a que lhe convinha... aquela, que era feita de azevinho, com vinte e oito centímetros e que continha uma pena da cauda de uma fénix. Mr. Ollivander ficara muito surpreso por Harry ser tão compatível com aquela varinha. «Curioso», dissera ele, «... curioso» e só depois de Harry ter perguntado o que era curioso, Mr. Ollivander explicara que a pena de fénix da varinha de Harry viera do mesmo pássaro que fornecera o núcleo da varinha de Lord Voldemort.

Harry nunca partilhara tal informação com ninguém. Gostava muito da sua varinha e, no que lhe dizia respeito, a sua relação com a varinha de Voldemort ultrapassava-o — da mesma forma que o ultrapassava o facto de ser sobrinho da tia Petúnia. Contudo, esperava ardentemente que Mr. Ollivander não fosse revelar isso aos presentes. Tinha a estranha sensação de que a Pena de Notas Rápidas de Rita Skeeter explodiria de excitação, se ele o fizesse.

Mr. Ollivander passou muito mais tempo a examinar a varinha de Harry do que as dos outros. Contudo, acabou por fazer jorrar um repuxo de vinho e devolveu-a a Harry, anunciando que continuava em perfeitas condições.

— Obrigado a todos — disse Dumbledore, levantando-se da mesa dos juízes. — Podem voltar para as vossas aulas, ou talvez seja mais rápido descerem para jantar, uma vez que estão quase a terminar.

Achando que, por fim, algo corra bem naquele dia, Harry levantou-se para sair, mas o homem com a máquina fotográfica preta deu um salto e pigarreou.

— As fotos, Dumbledore, as fotos! — gritou Bagman, todo excitado. — Os juízes e os campeões. O que achas, Rita?

— Hã... pois, fazemos essas primeiro — disse Rita Skeeter, com o olhar novamente pregado em Harry. — E depois, talvez umas fotos individuais.

As fotografias levaram imenso tempo. Madame Maxime lançava sombra sobre todos onde quer que se colocasse e o fotógrafo não conseguia afastar-se o suficiente para enquadrar. Acabou por ter de se sentar, com todos os outros em pé, ao seu redor. Karkaroff não parava de enrolar a barbicha no dedo para ficar mais encaracolada; Krum, que Harry pensava estar habituado a este tipo de coisas, retraía-se, meio escondido, atrás do grupo. Parecia que o fotógrafo queria pôr Fleur à frente, mas Rita Skeeter não parava de se adiantar e de puxar Harry para um lugar mais proeminente. Depois, insistiu em fotografias individuais de todos os campeões. Por fim, ficaram livres e foram-se embora.

Harry desceu para jantar. Hermione não estava lá e Harry supôs que ainda se encontrasse no hospital, a arranjar os dentes. Comeu sozinho ao

fundo da mesa e depois voltou para a Torre dos Gryffindor, pensando em todo o trabalho suplementar sobre Encantamentos de Convocação que tinha para fazer. Lá em cima, no dormitório, cruzou-se com Ron.

— Veio uma coruja para ti — anunciou Ron bruscamente assim que o viu entrar, apontando para a almofada de Harry. A coruja da escola estava lá à espera dele.

— Oh, certo — disse Harry.

— E temos de cumprir os nossos castigos amanhã à noite, na masmorra de Snape — acrescentou Ron.

A seguir, saiu logo do quarto, sem olhar para Harry. Durante um momento, Harry pensou em ir atrás dele; não sabia bem se queria falar-lhe ou dar-lhe um murro, ambas as hipóteses lhe pareciam atraentes, mas o desejo de ver a resposta de Sirius foi mais forte. Dirigiu-se à coruja, desprendeu-lhe a carta da pata e desenrolou-a.

Harry,

não posso dizer tudo aquilo que queria numa carta, é demasiado arriscado no caso de interceptarem a coruja. Temos de falar pessoalmente. Podes dar-me a certeza de estares sozinho junto da lareira da Torre dos Gryffindor à uma da manhã de 22 de Novembro?

Sei melhor que ninguém que és capaz de tomar conta de ti e, enquanto estiveres perto do Dumbledore e do Moody, penso que ninguém te poderá fazer mal. Contudo, parece que alguém anda a tentar. Inscreverem-te nesse Torneio mesmo debaixo do nariz do Dumbledore deve ter sido muito arriscado.

Mantém-te alerta, Harry. Continuo a querer saber de tudo o que for invulgar. Diz-me qualquer coisa sobre a data de 22 de Novembro o mais depressa possível.

Sirius

XIX

O CAUDA-DE-CHIFRE DA HUNGRIA

A perspectiva de falar pessoalmente com Sirius foi a única coisa que conseguiu animar Harry nos quinze dias que se seguiram, a única luz num horizonte que nunca lhe parecera tão negro. O choque de se saber campeão da escola já se esbatera um pouco e o medo do que o esperava começava agora a invadi-lo. A primeira tarefa aproximava-se lenta mas firmemente; parecia a Harry que se agachava à sua frente como um monstro horrendo a barrar-lhe o caminho. Nunca estivera tão nervoso como agora. Era muito pior do que o que sentia antes de um jogo de Quidditch, incluindo o último, contra os Slytherin, que decidira o vencedor do campeonato. Harry tinha grande dificuldade em pensar no futuro e sentia que toda a sua vida se destinara apenas a isto e terminaria com a primeira tarefa...

Para dizer a verdade, não via como é que Sirius o ia fazer sentir-se melhor realizando um acto de magia desconhecido e perigoso em frente de centenas de pessoas, mas o facto de ver um rosto amigo seria, por si só, alguma coisa naquele momento. Harry respondeu a Sirius, dizendo-lhe que estaria junto da lareira da sala comum à hora sugerida; ele e Hermione passaram muito tempo a planear como iriam forçar os retardatários a sair nessa noite da sala comum. Na pior das hipóteses, lançavam um saco de Bombas de Estrume, mas esperavam não ter de recorrer a isso, ou Filch esfolá-los-ia vivos.

Entretanto, a vida piorou ainda mais para Harry no interior do castelo, pois Rita Skeeter publicara o seu trabalho sobre o Torneio dos Três Feiticeiros, que, em vez de ser um artigo sobre o acontecimento, se revelou uma história da vida de Harry muito fantasiada. Mais de metade da primeira página exibia uma fotografia de Harry; o artigo (que continuava nas páginas dois, seis e sete) era só sobre ele, os nomes dos campeões de

Beauxbatons e Durmstrang (mal escritos) tinham sido confinados à última linha e Cedric nem sequer fora mencionado.

O artigo saíra havia dez dias e Harry ainda tinha uma enjoativa sensação de vergonha no estômago sempre que pensava nele. Rita Skeeter transcrevera imensas coisas ditas por ele que Harry não se lembrava de alguma vez ter dito, muito menos naquele armário de vassouras.

«Suponho que vou buscar a minha força aos meus pais, sei que teriam muito orgulho em mim se me pudessem ver agora... sim, por vezes à noite ainda choro por eles, não tenho vergonha de o admitir... sei que nada no Torneio me atingirá, porque eles me protegem...»

Mas Rita Skeeter fora ainda mais longe, para além de transformar as suas hesitações em longas frases doentias: também entrevistara outras pessoas acerca dele.

Harry encontrou finalmente o amor em Hogwarts. O seu grande amigo, Colin Creevey, diz que Harry raramente é visto sem ser na companhia de uma certa Hermione Granger, uma rapariga Muggle espantosamente bela, que, como Harry, é uma das melhores alunas da escola.

Desde que o artigo aparecera, Harry tivera de aturar os outros, principalmente os Slytherin, que o citavam quando ele passava e faziam comentários sarcásticos.

— Queres um lenço, Potter, para o caso de começares a chorar em Transfiguração?

— Desde quando é que és um dos melhores alunos de Hogwarts, Potter? Ou terá sido esta escola criada por ti e pelo Longbottom?

— Eh... Harry!

— Sim, está bem — gritou Harry, dando meia-volta no corredor, pois estava farto daquilo. — Acabei agora de chorar baba e ranho pelo meu pai e pela minha mãe e vou continuar...

— Não... é que... deixaste cair a tua pena.

Era Cho. Harry sentiu o rubor espalhar-se-lhe no rosto.

— Oh, certo... desculpa — murmurou ele, aceitando a pena.

— Hã... boa sorte para terça-feira — disse ela. — Espero mesmo que te saias bem.

Isto deixou Harry a sentir-se completamente estúpido.

Hermione também ouvira uma boa dose de coisas desagradáveis, mas ainda não começara a gritar a espectadores inocentes. Na verdade, Harry admirava-a imenso pela forma como estava a lidar com a situação.

— *Espantosamente bela? Ela?* — guinchara Pansy Parkinson, a primeira vez que deparara com Hermione depois de o artigo de Rita ter sido publicado. — Bela ao pé de quê... de um esquilo listado?

— Não lighes — dizia Hermione num tom cheio de dignidade, erguendo a cabeça e passando arrogantemente pelas raparigas trocistas dos Slytherin como se não as ouvisse. — Não lighes, Harry.

Mas Harry não conseguia. Ron não trocara uma única palavra com ele desde que lhe falara dos castigos de Snape. Ainda tivera esperança de que fosse possível fazer as pazes durante as duas horas em que foram obrigados a confeccionar conservas de miolos de rato na masmorra de Snape, mas fora nesse dia que aparecera o artigo de Rita, o que pareceu confirmar a crença de Ron de que Harry estava mesmo a gostar de toda aquela atenção.

Hermione estava furiosa com eles. Ia de um para o outro, tentando forçá-los a falarem, mas Harry estava inflexível: só voltaria a falar a Ron se este admitisse que ele não pusera o nome no Cálice de Fogo e lhe pedisse desculpa por lhe ter chamado mentiroso.

— Não fui eu quem começou isto — disse Harry, com teimosia. — O problema é dele.

— Sentes a falta dele! — disse Hermione impacientemente. — E *sei* que ele sente a tua falta...

— Sentir a falta *dele*? — escarneceu Harry. — Não sinto *falta* nenhuma...

Mas era uma mentira descarada. Harry gostava muito de Hermione, mas estar com ela ou com Ron não era o mesmo, embora fosse óptimo tê-la por perto na biblioteca. Havia sempre menos gargalhadas e menos gente à sua volta. Harry continuava sem dominar os Feitiços de Convocação, até parecia que tinha adquirido uma espécie de bloqueio em relação a eles, e Hermione insistia em que aprender a teoria havia de ajudar. Portanto, passavam imenso tempo debruçados sobre livros durante os intervalos da hora do almoço.

Viktor Krum também passava bastante tempo na biblioteca e Harry bem gostaria de saber porquê. Andaria a estudar ou à procura de algo que o ajudasse a passar a primeira tarefa? Hermione queixava-se muitas vezes de Krum lá estar, não porque ele os incomodasse, mas porque havia grupos de raparigas histéricas que apareciam para o espreitar por detrás das estantes e Hermione achava que o barulho a distraía.

— Ele nem sequer é bonito! — murmurava ela, zangada, olhando ferozmente para o perfil afilado de Krum. — Só gostam dele por ser famoso! Nem olhavam duas vezes para ele se não fosse capaz de fazer aquela coisa da finta... Wonky.

— *Finta Wronski* — emendou-o Harry, por entre os dentes cerrados. Para além de gostar de corrigir os termos de Quidditch, sentiu um baque ao imaginar a expressão de Ron se tivesse ouvido Hermione a falar de fintas Wonky.

*

É estranho, mas quando receamos tanto uma coisa que daríamos tudo para fazer o tempo andar mais devagar, este tem a mania de andar mais depressa. Os dias até à primeira tarefa pareciam voar, como se alguém tivesse posto os relógios a trabalhar ao dobro da velocidade. A sensação de pânico mal controlado acompanhava Harry para todo o lado, tão presente como os comentários maliciosos sobre o artigo d'*O Profeta Diário*.

No sábado anterior à primeira tarefa, todos os alunos do terceiro ano em diante foram autorizados a visitar a aldeia de Hogsmeade. Hermione disse a Harry que lhe faria bem sair do castelo por um bocado e não foi preciso muito para o convencer.

— Então e o Ron? — perguntou Harry. — Não preferes ir com ele?

— Bem... — Hermione corou ligeiramente. — Pensei que nos podíamos encontrar todos no Três Vassouras...

— Não — disse Harry terminantemente.

— Oh, Harry, isto é tão estúpido...

— Eu vou, mas não me encontro com o Ron e levo o meu Manto da Invisibilidade.

— Pronto, está bem... — concordou Hermione — mas detesto falar contigo com aquele Manto posto, nunca sei se estou a olhar para ti ou não.

Portanto, ainda no dormitório, Harry pôs o Manto da Invisibilidade, voltou a descer as escadas e, juntamente com Hermione, partiu para Hogsmeade.

Sentia-se maravilhosamente livre sob o Manto; via os outros alunos que passavam por eles ao entrarem na aldeia, muitos deles ostentando distintivos com *Apoiem o CEDRIC DIGGORY*, mas, para variar, não ouviu comentários horríveis e ninguém falou do estúpido artigo.

— Agora, as pessoas não param de olhar para *mim* — disse Hermione, de mau humor, quando saíram do Doces dos Duques, comendo grandes chocolates recheados de creme. — Pensam que estou a falar sozinha.

— Então, não mexas tanto os lábios.

— Vá lá, tira o Manto só um bocadinho. Aqui, ninguém te vai chatear.

— Ai não? — disse Harry. — Olha para trás de ti.

Rita Skeeter e o seu amigo fotógrafo acabavam de sair do Três

Vassouras. Falando em tom baixo, passaram mesmo ao lado de Hermione, sem olharem para ela. Harry encostou-se à parede do Doces dos Duques para evitar que Rita Skeeter lhe desse com a mala de pele de crocodilo.

Depois de eles se afastarem, Harry disse:

— Ela está instalada na aldeia. Aposto que veio para ver a primeira tarefa.

Ao dizer estas palavras, o seu estômago encheu-se de uma vaga de pânico liquefeito, mas Harry não disse nada. Ele e Hermione não tinham falado muito sobre o que ia aparecer na primeira tarefa e ele tinha a sensação de que ela não queria pensar nisso.

— Ela foi-se embora — informou Hermione, olhando através de Harry para o fim da High Street. — Por que é que não vamos ao Três Vassouras beber uma Cerveja de Manteiga? Está um pouco frio, não está? Não és obrigado a falar com o Ron! — acrescentou ela irritada, interpretando correctamente o seu silêncio.

O Três Vassouras estava a abarrotar, principalmente com alunos de Hogwarts a gozar a tarde livre, mas havia também alguns outros mágicos que Harry raramente via noutros locais. Supunha que, como Hogsmeade era a única aldeia em Inglaterra habitada exclusivamente por feiticeiros, constituía uma espécie de refúgio para criaturas como as bruxas, que não eram tão boas como os feiticeiros a disfarçarem-se.

Era muito difícil mover-se no meio da multidão com o Manto da Invisibilidade, pois se acidentalmente se pisasse alguém, isso levava quase sempre a perguntas esquisitas. Harry serpenteou lentamente em direcção a uma mesa vaga a um canto, enquanto Hermione foi buscar bebidas. Ao atravessar o bar, viu Ron, que estava sentado com Fred, George e Lee Jordan. Resistindo à enorme tentação de lhe dar um bom soco na cabeça, alcançou finalmente a mesa e sentou-se.

Hermione juntou-se a ele passado um momento e passou-lhe uma Cerveja de Manteiga para debaixo do Manto.

— Pareço uma idiota, aqui sentada sozinha — murmurou. — Ainda bem que trouxe qualquer coisa para fazer.

E puxou de um bloco de notas no qual mantinha um registo dos membros da B. A. B. E. Harry viu o seu nome e o de Ron no cimo de uma lista muito curta. Parecia ter sido há muito tempo que tinham estado sentados os dois a inventar aquelas profecias, quando Hermione aparecera e os nomeara secretário e tesoureiro.

— Sabes, talvez deva tentar recrutar alguns dos aldeões para membros da B. A. B. E. — comentou Hermione pensativamente, olhando em volta do bar.

— Boa ideia — respondeu Harry. Deu um gole na sua Cerveja de Manteiga por debaixo do Manto. — Hermione, quando é que vais desistir dessa coisa da B. A. B. E.?

— Quando os elfos domésticos tiverem ordenados e condições de trabalho decentes! — disse num silvo. — Sabes, acho que já vai sendo tempo de uma acção mais directa. Gostava de saber como é que se entra nas cozinhas da escola.

— Não faço ideia, pergunta ao Fred e ao George — murmurou Harry.

Hermione caiu num silêncio pensativo, enquanto Harry bebia a sua cerveja e observava as pessoas do bar. Todos pareciam alegres e descontraídos. Ernie Macmillan e Hannah Abbott estavam a trocar cromos de Sapos de Chocolate numa mesa ali perto, ambos ostentando distintivos com *Apoiem o CEDRIC DIGGORY* nos mantos. Mesmo junto da porta, viu Cho e um grande grupo dos seus amigos dos Ravenclaw. Mas ela não trazia um distintivo com *CEDRIC...* e isso, de certo modo, animou Harry.

O que ele não daria para ser uma daquelas pessoas ali sentadas a rir e a conversar, sem mais preocupações para além dos trabalhos de casa! Pensava como seria estar ali se o seu nome *não* tivesse saído no Cálice de Fogo. Primeiro, não seria obrigado a trazer o Manto da Invisibilidade, depois Ron estaria ali sentado com ele, os três imaginando deliciados que terríveis tarefas esperavam os campeões na terça-feira. Aguardaria ansiosamente para os ver fazer fosse lá o que fosse... e aplaudiria Cedric juntamente com os outros, sentado em segurança no fundo das bancadas.

Gostava de saber como se sentiam os outros campeões. Ultimamente, sempre que via Cedric, este estava rodeado de admiradores, com um ar nervoso, mas excitado. Por vezes, Harry avistava Fleur Delacour nos corredores; tinha o mesmo ar de sempre, superior e sereno. E Krum continuava sentado na biblioteca, examinando livros.

Harry pensou em Sirius e o apertado nó de tensão no seu peito aliviou-se um pouco. Ia falar com ele daí a pouco mais de doze horas, pois chegara a noite em que se iam encontrar junto da lareira da sala comum... desde que nada corresse mal, como acontecera com tanta coisa ultimamente...

— Olha, é o Hagrid! — exclamou Hermione.

A parte de trás da enorme cabeça desgrehada de Hagrid (felizmente, desistira de enrolar o cabelo) via-se acima da multidão. Harry não percebia por que não o avistara logo, grande como ele era, porém, erguendo-se cautelosamente, percebeu que Hagrid tinha estado inclinado a falar com o professor Moody. Na frente tinha a sua grande caneca, mas Moody bebia pelo seu próprio cantil, facto que Madame Rosmerta, a linda proprietária, não parecia apreciar muito. Ela olhava de soslaio para Moody, enquanto ia

recolhendo copos das mesas em redor. Talvez pensasse que era um insulto para as suas bebidas, mas Harry sabia que não. Moody dissera-lhes durante a última aula de Defesa Contra a Magia Negra que preferia preparar sempre o que comia e bebia, pois era muito fácil a um feiticeiro das Trevas envenenar uma taça abandonada.

Enquanto os observava, viu Hagrid e Moody levantarem-se para sair. Acenou-lhes, mas depois lembrou-se de que Hagrid não o podia ver. Contudo, Moody parou, com o olho mágico virado para o canto onde Harry estava. Deu uma palmadinha nas costas de Hagrid (pois não conseguia chegar-lhe ao ombro), murmurou-lhe qualquer coisa e ambos atravessaram o bar, dirigindo-se para a mesa de Harry e Hermione.

— Tudo bem, Hermione? — perguntou Hagrid em voz alta.

— Olá — respondeu Hermione, devolvendo-lhe o sorriso. Moody deu a volta à mesa a coxear e curvou-se. Harry pensou que ele estava a ler as notas da B. A. B. E. até ele ter segredado: «Belo Manto, Potter».

Harry ficou a olhar para ele, espantadíssimo. O grande bocado que faltava do nariz de Moody notava-se muito mais, assim de perto. Moody sorriu.

— O seu olho consegue... quero dizer, o senhor consegue...?

— Sim, consegue ver através de Mantos da Invisibilidade — anuiu Moody baixinho. — E isso já se tem revelado muito útil, podes crer.

Hagrid sorria também para Harry. Sabia que ele não o conseguia ver, mas era óbvio que Moody dissera a Hagrid que ele estava ali.

Nesse momento, Hagrid curvou-se sob o pretexto de ler também as notas da B. A. B. E. e disse num murmúrio tão baixo que só Harry o conseguiu ouvir:

— Harry, vai ter comigo à meia-noite à minha cabana. Leva o Manto.

Endireitando-se, Hagrid disse em voz alta:

— Gostei de te ver, Hermione. — Piscou-lhe o olho e foi-se embora, seguido de Moody.

— Por que é que ele quer que eu vá ter com ele à meia-noite? — perguntou Harry, muito surpreendido.

— Ele disse isso? — inquiriu Hermione, com um ar espantado. — O que será que se passa? Não sei se deves ir, Harry... — Olhou nervosamente em redor. — Podes atrasar-te para o Sirius.

Na verdade, ir ter com Hagrid à meia-noite ia complicar muito o seu encontro com Sirius; Hermione sugeriu que mandassem *Hedwig* a Hagrid para lhe dizer que não podia ir (partindo do princípio que ela aceitaria levar a mensagem, claro), mas Harry pensou que era melhor despachar-se no tocante a Hagrid, pois estava muito curioso sobre o que ele queria. Hagrid

nunca lhe pedira para o visitar a uma hora tão tardia.

*

Nessa noite, às onze e meia, Harry, que fingira ter ido deitar-se cedo, pôs o Manto da Invisibilidade e desceu silenciosamente as escadas até à sala comum. Ainda lá estavam algumas pessoas. Os irmãos Creevey tinham conseguido arranjar uma data de distintivos com *Apoiem o CEDRIC DIGGORY* e estavam a tentar enfeitiçá-los para passarem a dizer *Apoiem o HARRY POTTER*. No entanto, até ali não tinham conseguido passar de *O POTTER CHEIRA MAL*. Harry cruzou-se com eles em silêncio e foi até ao buraco do retrato, onde esperou um bocado, sempre atento ao relógio. Depois, Hermione abriu a Dama Gorda pelo lado de fora, como tinham combinado. Deslizou por ela, murmurando um «Obrigado» e começou a atravessar o castelo.

Os campos estavam muito escuros. Harry desceu o relvado em direcção às luzes que brilhavam na cabana de Hagrid. O interior da enorme carruagem de Beauxbatons estava também iluminado e, ao bater à porta de Hagrid, Harry conseguia ainda ouvir a voz de Madame Maxime.

— 'Tás aí, Harry? — murmurou Hagrid, abrindo a porta olhando em volta.

— Sim — respondeu Harry, esgueirando-se para dentro da cabana e tirando o Manto. — O que se passa?

— Tenho uma coisa pra te mostrar — disse Hagrid.

Hagrid tinha um ar muito excitado. Trazia uma flor na lapela que parecia uma enorme alcachofra. Dava a impressão de que abandonara o uso de brilhantina, mas não havia dúvidas de que tentara pentear-se, pois Harry via os dentes partidos do pente emaranhados no cabelo.

— O que é? — perguntou Harry cautelosamente, a pensar se os Explojentos teriam posto ovos ou se Hagrid teria comprado outro cão gigante com três cabeças a algum estranho num bar.

— Vem comigo, mantém-te calado e não tires o Manto — disse Hagrid. — Não levamos o *Fang*, ele não iria gostar...

— Escuta, Hagrid, não posso demorar-me... tenho de estar de volta ao castelo à uma...

Hagrid, porém, não o escutava. Abriu a porta da cabana e afastava-se na noite, a grandes passos. Harry apressou-se a segui-lo e viu, para sua grande surpresa, que o levava para a carruagem de Beauxbatons.

— Hagrid, o que...?

— Chiuu! — disse Hagrid e bateu três vezes na porta que ostentava duas

varinhas douradas cruzadas.

Madame Maxime abriu a porta. Trazia um xaile de seda em volta dos seus enormes ombros e sorriu ao ver Hagrid.

— Ah, 'Agrid... já são horas?

— Em ponto — confirmou ele com um grande sorriso, estendendo-lhe a mão para a ajudar a descer os degraus dourados.

Madame Maxime fechou a porta, Hagrid ofereceu-lhe o braço e começaram a caminhar pela berma do cercado onde se encontravam os gigantescos cavalos alados de Beauxbatons. Harry, completamente baralhado, teve de correr para os acompanhar. Queria Hagrid mostrar-lhe Madame Maxime? Podia vê-la sempre que quisesse... não era propriamente difícil de descobrir...

Mas parecia que a surpresa era para os dois, pois, passado um bocado, ela disse num tom de brincadeira:

— Aonde é que me leva, 'Agrid?

— Vai gostar — disse Hagrid asperamente. — Vale a pena ver, confie em mim. Só que... não vá contar a ninguém que lhe mostrei, 'tá bem? Não devia saber de nada.

— É claro que non — respondeu Madame Maxime, batendo as suas longas pestanas negras.

E continuaram a andar, com Harry a ficar cada vez mais irritado, enquanto trotava atrás deles, espreitando as horas de vez em quando. Hagrid tinha um esquema maluco qualquer em mente que podia fazer com que faltasse ao encontro com Sirius. Se não chegassem depressa, ia dar meia-volta e regressar direitinho ao castelo, deixando Hagrid a gozar o seu passeio ao luar com Madame Maxime.

Mas nessa altura, quando já tinham dado uma volta tão grande pela berma da floresta que o castelo e o lago já nem se avistavam, Harry ouviu algo. Havia homens a gritar lá à frente... e depois ouviu-se um rugido ensurdecedor.

Hagrid conduziu Madame Maxime em volta de um grupo de árvores e parou. Harry apressou-se a juntar-se-lhes — por um segundo, julgou ter avistado fogueiras e homens a moverem-se — e ficou de boca aberta.

Dragões.

Quatro enormes dragões adultos com um ar feroz erguiam-se nas patas traseiras, rugindo e bufando no interior de um cercado vedado por espessas tábuas. Com os pescoços esticados, expeliam pelas bocas assustadoras de dentes agressivos enormes torrentes de fogo, que se erguiam no céu negro, a mais de quinze metros de altura. Havia um de um azul-prateado, com longos chifres afiados, que rosnava e tentava abocanhar os feiticeiros que

se encontravam no solo; um verde com escamas macias, que se contorcia e batia com as patas com toda a sua força; um outro vermelho, com uma estranha franja de finos espigões dourados em volta do focinho, de onde jorravam nuvens de fogo em forma de cogumelo e, mais perto que os outros, um dragão negro, que mais parecia um gigantesco lagarto.

Pelo menos trinta feiticeiros, sete ou oito para cada dragão, tentavam controlá-los, puxando pelas correntes ligadas a pesadas correias de cabedal, atadas aos pescoços e às pernas. Como que hipnotizado, Harry olhou para cima, bem para o alto e viu os olhos do dragão negro, com pupilas verticais como as dos gatos, e protuberantes, não sabia se de medo ou de raiva... O dragão fazia um ruído medonho, lançando um uivo agudo.

— Não avances mais, Hagrid! — gritou um feiticeiro junto da cerca, puxando pela corrente. — Sabes que podem jorrar fogo a uma distância de seis metros. Já vi este Cauda-de-Chifre lançá-lo a doze metros!

— Não é lindo? — perguntou Hagrid baixinho.

— Não vale a pena! — gritou outro feiticeiro. — Feitiços de Atordoar quando contar até três!

Harry viu os guardadores dos dragões puxarem das suas varinhas.

— *Atordoar!* — gritaram ao mesmo tempo e os Feitiços de Atordoar saltaram para a escuridão quais foguetes incandescentes, rebentando numa chuva de estrelas sobre a pele escamosa dos dragões.

Harry viu o dragão mais próximo deles vacilar perigosamente nas pernas traseiras; as suas mandíbulas abriram-se ao máximo, num uivo que ficou subitamente silencioso e as chamas extinguíram-se nas narinas que, no entanto, continuavam a fumar. Depois, muito lentamente, caiu e o seu corpo negro e escamoso, que pesava várias toneladas, bateu no chão com um estrondo que Harry, quase podia jurar, tinha feito tremer as árvores atrás de si.

Os guardadores de dragões baixaram as varinhas e aproximaram-se dos animais caídos, cada um dos quais era do tamanho de uma pequena colina. Apressaram-se a apertar as correntes e a atá-las a estacas de ferro que enterraram bem fundo no solo, com as suas varinhas.

— Quer ver mais de perto? — perguntou Hagrid a Madame Maxime, todo excitado. Aproximaram-se ambos da cerca e Harry seguiu-os. O feiticeiro que tinha avisado Hagrid para não se aproximar voltou-se e Harry viu quem era: Charlie Weasley.

— Tudo bem, Hagrid? — perguntou afogueado, aproximando-se para lhes falar. — Agora devem estar bem; demos-lhes uma Poção de Adormecer no caminho para cá, pois pensámos que seria melhor acordarem num local escuro e sossegado, mas como viram, não estavam nada

contentes...

— Que raças tens aí, Charlie? — perguntou Hagrid, olhando para o dragão mais próximo (o negro) com uma expressão de quase reverência. Os olhos dele estavam ainda entreabertos e Harry conseguia ver uma nesga de um amarelo brilhante por baixo da pálpebra enrugada e negra.

— Este é um Cauda-de-Chifre da Hungria — afirmou Charlie. — Há ali um Verde Comum de Gales, o mais pequeno, um Focinho-Curto da Suécia, aquele cinzento-azulado, e um Bola-de-Fogo chinês, que é o vermelho.

Charlie olhou em volta. Madame Maxime afastava-se ao longo da cerca, admirando os dragões Atordoados.

— Não sabia que a ias trazer, Hagrid — disse Charlie, franzindo o sobrolho. — Os campeões não deviam saber o que os espera e ela vai de certeza contar à aluna dela, não te parece?

— Só pensei qu'ela havia de gostar d'os ver — confessou Hagrid, encolhendo os ombros e continuando a admirar os dragões, extasiado.

— Que encontro tão romântico, Hagrid — comentou Charlie, abanando a cabeça.

— Quatro... — contou Hagrid — portanto, é um pra cada um dos campeões, né? Qu' é qu' eles têm de fazer? Lutar com eles?

— Acho que têm só de passar por eles — respondeu Charlie. — Estaremos a postos se a coisa ficar feia, com os Feitiços de Aniquilação prontos. Quiseram mães a chocar, não sei porquê... mas digo-te, não invejo o que ficar com o Cauda-de-Chifre. Coisinha cruel. A parte de trás é tão perigosa como a da frente, olha!

Charlie apontou para a cauda do Cauda-de-Chifre e Harry viu grandes espigões cor de bronze que se projectavam a pequenos intervalos.

Nesse momento, cinco dos guardadores de dragões aproximaram-se a cambalear do Cauda-de-Chifre, carregando um ninho com enormes ovos cinzentos num cobertor. Colocaram cuidadosamente os ovos ao lado do Cauda-de-Chifre, enquanto Hagrid suspirava de saudade.

— Tenho-os contados, Hagrid — disse Charlie com ar sério, acrescentando depois: — Como está o Harry?

— Bem — respondeu Hagrid. Continuava a olhar para os ovos com uma expressão de adoração.

— Só espero que continue bem depois de enfrentar este bando — comentou Charlie, olhando com ar sombrio para o cercado dos dragões. — Não me atrevi a contar à minha mãe o que ele tinha de fazer na primeira tarefa, ela já anda aflitíssima por causa dele. — Charlie imitou a voz ansiosa da mãe: — *«Como é que foram deixá-lo entrar no Torneio, ele é tão novinho! Pensava que estavam todos em segurança, pensava que havia*

um limite de idade!» Andou em prantos por causa daquele artigo d'O Profeta Diário sobre ele. «Ainda chora pelos pais! Oh, coitadinho, não fazia ideia!»

Harry não aguentava mais. Acreditando que Hagrid não iria dar por falta dele, ocupado que estava com os dragões e com Madame Maxime, voltou-se em silêncio e começou a afastar-se, de regresso ao castelo.

Não sabia se estava ou não contente por ter visto o que o esperava. Provavelmente era melhor assim. O primeiro choque já passara. Se tivesse visto os dragões pela primeira vez na terça-feira, era capaz de desmaiar em frente de toda a escola... e talvez isso acontecesse na mesma. Ia armado com a sua varinha (que, neste momento, não lhe parecia ser mais que um pedaço de pau) contra um dragão de quinze metros de altura, cheio de escamas e espigões e que cuspia fogo. E tinha de passar por ele. *Como?*

Apressou o passo, contornando a orla da floresta. Tinha menos de quinze minutos para chegar à lareira e falar com Sirius. Não se lembrava de alguma vez ter tido tanta vontade de falar com alguém como naquele momento quando, sem aviso, foi de encontro a algo muito sólido.

Caiu para trás, com os óculos em banda, a apertar o Manto em volta de si. Uma voz ali próximo perguntou:

— Ai! Quem está aí?

Harry verificou apressadamente se o Manto o cobria bem e ficou deitado, imóvel, a olhar para a forma escura do feiticeiro contra quem embatera. Reconheceu a pêra... era Karkaroff.

— Quem está aí? — perguntou novamente Karkaroff, muito desconfiado e olhando em volta para a escuridão. Harry continuou imóvel e em silêncio. Pouco depois Karkaroff, admitindo ter batido num animal qualquer, olhava em volta, curvado, como se esperasse ver um cão. Depois, voltou a esconder-se nas árvores sem fazer barulho e começou a avançar lentamente para o local onde estavam os dragões.

Lentamente e com muito cuidado, Harry pôs-se de pé e recomeçou a andar tão depressa quanto possível, sem fazer demasiado barulho, atravessando rapidamente a escuridão em direcção a Hogwarts.

Não lhe restavam quaisquer dúvidas sobre o que Karkaroff andava a fazer. Saíra em segredo do navio para tentar descobrir qual era a primeira tarefa. Talvez até tivesse avistado Hagrid e Madame Maxime a dirigirem-se juntos para a floresta — não era lá muito difícil descobri-los ao longe... e agora só tinha de seguir o som das vozes e, à semelhança de Madame Maxime, ficaria a saber o que esperava os campeões. Ao que parecia, o único campeão que ia enfrentar o desconhecido na terça-feira era Cedric.

Harry chegou ao castelo, passou pelas portas da frente e começou a subir

as escadas de mármore. Estava completamente sem fôlego, mas não se atrevia a abrandar... tinha menos de cinco minutos para chegar à lareira...

— Balderdash! — disse ele afogado para a Dama Gorda, que dormitava na sua moldura, em frente do buraco do retrato.

— Se assim o dizes — murmurou ela meio a dormir, sem abrir os olhos. O retrato inclinou-se para a frente para o deixar passar e Harry entrou. A sala comum estava deserta e não cheirava mal, o que levava a crer que Hermione não tivera necessidade de lançar Bombas de Estrume para se assegurar de que ele e Sirius teriam privacidade.

Harry tirou o Manto da Invisibilidade e atirou-se para um sofá em frente da lareira. A sala estava meio escurecida e as chamas eram a única fonte de luz. Ali perto, sobre uma mesa, os distintivos com *Apoiem o CEDRIC DIGGORY* que os Creevey tinham tentado melhorar brilhavam à luz da lareira. Agora lia-se *O POTTER CHEIRA MESMO MAL*. Harry olhou novamente para as chamas e deu um salto.

A cabeça de Sirius estava pousada no meio das labaredas. Se Harry não tivesse visto Mr. Diggory fazer exactamente o mesmo na cozinha dos Weasley, teria apanhado um susto de morte. Em vez disso, com o primeiro sorriso dos últimos dias a rasgar-lhe o rosto, levantou-se do sofá, pôs-se de cócoras junto à lareira e disse:

— Sirius... Como é que vais?

O padrinho estava diferente. Quando se tinham despedido da última vez, o seu rosto estava esquelético e descarnado, envolto nos longos cabelos negros emaranhados, mas agora tinha o cabelo curto e limpo, o rosto estava mais cheio e parecia mais novo, fazendo lembrar a única fotografia que Harry tinha dele e que fora tirada no casamento dos Potter.

— Não te preocupes comigo, como estás tu? — perguntou Sirius num tom sério.

— Estou... — por um breve momento, Harry tentou dizer «bem», mas não foi capaz. Sem saber como, desatou a falar desalmadamente, contando-lhe que ninguém acreditava que não entrara no Torneio de livre vontade, que Rita Skeeter mentira sobre ele n' *O Profeta Diário*, que não podia passar por um corredor sem ser gozado e que Ron, Ron não acreditava nele, Ron tinha ciúmes dele...

— ... e agora o Hagrid acabou de me mostrar o que vai ser a primeira tarefa e são dragões, Sirius, e estou tramado — concluiu ele em pleno desespero.

Sirius contemplou-o com o olhar cheio de inquietação, um olhar que ainda não perdera a expressão que Azkaban lhe dera e que parecia morto, assombrado. Deixara que Harry falasse até não ter mais para dizer sem o

interromper, depois disse:

— Dos dragões tratamos nós, Harry, mas já vamos a isso... não tenho muito tempo. Assaltei a casa de um feiticeiro para usar a lareira, mas eles podem voltar a qualquer momento. Tenho de te avisar sobre certas coisas.

— O quê? — perguntou Harry, sentindo-se verdadeiramente desanimado... será que havia alguma coisa ainda pior do que os dragões?

— O Karkaroff — revelou Sirius. — Harry, ele era um Devorador da Morte. Sabes o que são os Devoradores da Morte, não sabes?

— Sim... ele... o quê?

— Foi apanhado, esteve em Azkaban comigo, mas acabaram por o libertar. Aposto tudo em como foi por essa razão que o Dumbledore quis um Auror em Hogwarts este ano... para o manter debaixo de olho. Foi o Moody quem apanhou Karkaroff e o mandou para Azkaban.

— O Karkaroff foi libertado? — perguntou Harry lentamente. Parecia que o seu cérebro lutava para absorver mais outra informação chocante. — Por que é que o libertaram?

— Fez um acordo com o Ministério da Magia — explicou Sirius amargamente. — Disse que compreendera os erros que tinha cometido e denunciou pessoas... mandou uma data de gente para Azkaban em seu lugar. Não é nada popular lá dentro, posso assegurar-te. E por aquilo que sei, desde que saiu, tem andado a ensinar Magia Negra a todos os alunos que passam pela escola dele. Portanto, cautela com o campeão de Durmstrang.

— Certo — disse Harry lentamente. — Mas estás a dizer que o Karkaroff pôs o meu nome no Cálice? É que se foi ele, é um grande actor. Mostrou-se furioso e queria impedir-me de competir.

— Sabemos que é um bom actor — disse Sirius —, porque convenceu o Ministério da Magia a libertá-lo, não foi? Bem, tenho andado de olho n' *O Profeta Diário*, Harry...

— Tu e o resto do mundo — interrompeu Harry amargamente.

— ... e, lendo nas entrelinhas do artigo do mês passado da tal Rita Skeeter, o Moody foi atacado na noite antes de começar a trabalhar em Hogwarts. Sim, diz que foi outro alarme falso — afirmou Sirius apressadamente, vendo que Harry ia falar —, mas não é essa a minha opinião. Quanto a mim, alguém tentou impedi-lo de vir para Hogwarts, alguém que sabia que a sua missão iria ser muito mais difícil com ele cá. E ninguém vai investigar a coisa muito de perto, pois o Olho-Louco ouvia intrusos com demasiada frequência. No entanto, isso não quer dizer que ele não consiga distinguir um verdadeiro. O Moody foi o melhor Auror que o Ministério alguma vez teve.

— Então... o que queres tu dizer? — perguntou Harry lentamente. — Que Karkaroff anda a tentar matar-me? Mas... porquê?

Sirius hesitou.

— Tenho ouvido umas coisas muito esquisitas — disse ele devagar. — Parece que ultimamente os Devoradores da Morte têm andado um pouco mais activos do que o habitual. Mostraram-se no Campeonato Mundial de Quidditch, não foi? Alguém fez aparecer a Marca Negra... e depois... ouviste falar naquela feiticeira do Ministério da Magia que desapareceu?

— A Bertha Jorkins? — perguntou Harry.

— Exactamente... desapareceu na Albânia e é precisamente aí que se ouviu dizer que estava o Voldemort... e ela devia saber que o Torneio dos Três Feiticeiros estava à porta, não é verdade?

— Sim, mas... não é muito provável que ela se tenha enfiado directamente na toca do Voldemort, pois não? — perguntou Harry.

— Escuta, eu conhecia a Bertha Jorkins — disse Sirius com alguma tristeza. — Frequentou Hogwarts ao mesmo tempo que eu e o teu pai. Alguns anos à nossa frente. Era uma idiota. Muito bisbilhoteira, sem miolos absolutamente nenhuns. Não é uma combinação lá muito boa, Harry. Diria que é muito fácil atraí-la para uma armadilha.

— Então... então, o Voldemort podia ter sabido do Torneio? — perguntou Harry. — É isso que queres dizer? Achas que o Karkaroff está aqui sob as ordens dele?

— Não sei — disse Sirius lentamente — não sei mesmo... não me parece que o Karkaroff seja do género de voltar para o Voldemort, a não ser que soubesse que ele tinha poder suficiente para o proteger. Mas quem quer que tenha posto o teu nome no Cálice, fê-lo por um motivo qualquer e não posso deixar de pensar que o Torneio seria uma forma óptima de te atacar, fazendo com que parecesse um acidente.

— Do meu ponto de vista, parece-me um plano muito bom — opinou Harry friamente. — Eles só têm de esperar e deixar os dragões fazer a parte deles.

— Certo... os dragões — disse Sirius, falando agora muito depressa. — Há uma forma, Harry. Não te deixes cair na tentação de usar um Feitiço de Atordoar; os dragões são fortes e têm uma magia demasiado poderosa para serem postos fora de combate por um único Atordoador. São necessários cerca de seis feiticeiros ao mesmo tempo para vencer um dragão...

— Sim, eu sei, acabei de ver — disse Harry.

— Mas podes fazê-lo sozinho — continuou Sirius. — Há uma forma e só precisas de um feitiço simples. Só...

Mas Harry ergueu uma mão para o calar, com o coração a martelar como

se fosse rebentar. Estava a ouvir passos a descer a escada em caracol atrás dele.

— Vai! — gritou a Sirius. — *Vai-te embora!* Vem aí alguém!

Harry levantou-se apressadamente, escondendo as chamas. Se alguém visse o rosto de Sirius dentro das paredes de Hogwarts, causaria um enorme rebuliço, o Ministério seria envolvido e ele seria interrogado sobre o paradeiro do padrinho... Ouviu um ligeiro *pop* nas chamas atrás de si e percebeu que Sirius se fora embora. Ficou a olhar para o fundo da escada em caracol — quem teria decidido ir dar um passeio à uma da manhã, impedindo assim que Sirius lhe dissesse como passar pelo dragão?

Era Ron. Vestido com o seu pijama castanho às ondas, Ron parou de repente, olhou para Harry do outro lado da sala e depois deu uma vista de olhos em redor.

— Com quem estavas a falar? — perguntou ele.

— O que é que tu tens com isso? — disse-lhe Harry secamente. — O que estás aqui a fazer a esta hora da noite?

— Fiquei a pensar onde é que... — Ron interrompeu-se, encolhendo os ombros. — Nada. Vou voltar para a cama.

— Pensaste só em vir meter o nariz, não foi? — gritou-lhe Harry. Sabia que Ron não fazia ideia do que interrompera, sabia que não o tinha feito de propósito, mas era-lhe indiferente. Naquele momento, odiava tudo o que tivesse a ver com Ron, incluindo o pedaço de tornozelo que se via por baixo das calças de pijama.

— Desculpa se te interrompi — disse Ron, com o rosto vermelho de fúria. — Devia ter percebido que não querias ser incomodado. Vou deixar-te continuar a praticar em paz para a tua próxima entrevista.

Harry agarrou num dos distintivos com *O POTTER CHEIRA MESMO MAL* de cima da mesa e atirou-o para o outro lado da sala com toda a força. O objecto atingiu Ron na testa e saltou para o lado.

— Pronto — disse Harry. — Já tens uma coisa para usares na terça-feira. Até pode ser que fiques com uma cicatriz... é isso que queres, não é?

Atravessou a sala a passos largos, em direcção à escada. Hesitou, esperando que Ron o fizesse parar; no fundo, até nem se importava de que ele lhe desse um murro, mas Ron limitou-se a ficar ali, com o seu pijama demasiado curto. Furioso, Harry subiu as escadas e deitou-se, continuando irritado. Apesar de estar acordado, não o ouviu voltar para a cama.

XX

A PRIMEIRA TAREFA

No domingo de manhã, Harry levantou-se e vestiu-se com tanta falta de atenção que demorou um bocádo a perceber que estava a tentar enfiar o chapéu no pé em vez da meia. Depois de colocar todas as roupas nos sítios certos, saiu apressadamente para ir ter com Hermione, encontrando-a à mesa dos Gryffindor, no Salão, onde tomava o pequeno-almoço com Ginny. Harry sentia-se nervoso e sem vontade de comer; esperou até Hermione ter engolido a última colherada de *porridge* e depois levou-a para os campos para poderem falar à vontade. Enquanto davam um longo passeio em volta do lago, contou-lhe tudo sobre os dragões e a conversa que tivera com Sirius.

Embora ficasse alarmada com o aviso de Sirius sobre Karkaroff, Hermione continuava a achar que os dragões eram o problema mais urgente.

— Vamos tentar manter-te vivo até terça-feira à noite — disse ela desesperadamente — e depois podemos preocuparmo-nos com o Karkaroff.

Deram três voltas ao lago, tentando lembrar-se de um feitiço simples que conseguisse dominar um dragão. Não lhes ocorreu absolutamente nada e, portanto, foram para a biblioteca. Aí, Harry foi buscar todos os livros sobre dragões de que se conseguiu lembrar e ambos se deitaram ao trabalho, procurando na enorme pilha.

— *Corte das garras através de feitiços... Como tratar doenças das escamas...* isto não serve para nada, é para tarados como o Hagrid, que os querem manter de boa saúde...

— *É extremamente difícil matar dragões, devido à antiquíssima magia que embebe a sua espessa pele, que só podem ser penetradas pelos mais poderosos feitiços...* mas o Sirius disse que bastava um feitiço simples...

— Então, vamos tentar livros sobre feitiços simples — disse Harry, pondo de lado o exemplar de *Homens Que Amam Demasiado os Dragões*.

Voltou para a mesa com um monte de livros de feitiços, poisou-os e começou a folhear um de cada vez, com Hermione ao lado, que não parava de murmurar.

— Bem, há Feitiços de Substituição... mas de que serve substituí-lo? A não ser que trocássemos as garras por pastilhas ou qualquer coisa assim que as tornasse menos perigosas... o problema é que, como diz aquele livro, não há muita coisa que atravesse a pele de um dragão... Dir-te-ia que usasses a Transfiguração, mas com uma coisa daquele tamanho, realmente não tens hipótese, duvido de que até a professora McGonagall... a não ser que devas pôr o feitiço *em ti!* Talvez para ficares com poderes suplementares? Mas *esses* não são feitiços simples, quero dizer, não fizemos nada disso nas aulas, só sei deles porque tenho andado a fazer testes de prática dos NPFs...

— Hermione — disse Harry por entredentes —, importas-te de te calar por um momento? Estou a tentar concentrar-me.

Mas quando Hermione se calou, aconteceu apenas que o cérebro de Harry se encheu de uma espécie de zumbido branco, que não parecia deixar-lhe espaço para se concentrar. Leu desesperadamente o índice de *Feitiços Básicos para os Ocupados e Vexados: escalpamento instantâneo*... mas os dragões não tinham pêlo... *bafo de pimenta*... isso só iria provavelmente aumentar o poder de fogo do dragão... *língua com chifre*... mesmo do que ele precisava, para lhe dar ainda mais uma arma...

— Oh, não, aí vem ele outra vez, por que é que ele não fica a ler naquele estúpido navio? — disse Hermione irritada, quando Viktor Krum entrou indolentemente, lançando-lhes um olhar sinistro e instalando-se num canto distante com uma pilha de livros.

— Anda, Harry, vamos voltar para a sala comum, o clube de fãs dele deve estar a chegar a qualquer momento para fazer a algazarra do costume.

E, na verdade, ao saírem da biblioteca, passou por eles um bando de raparigas nas pontas dos pés, uma delas com um lenço búlgaro atado à cintura.

*

Nessa noite, Harry mal dormiu. Quando acordou na segunda-feira de manhã, pensou seriamente, pela primeira vez na sua vida, em fugir de Hogwarts pura e simplesmente. Mas ao olhar em volta do Salão à hora do pequeno-almoço e ao pensar no que significava deixar o castelo, percebeu

que não era capaz. Era o único sítio onde fora feliz... bem, supunha que também devia ter sido feliz com os seus pais, mas não se lembrava disso.

De qualquer forma, era bom saber que preferia estar ali e enfrentar um dragão do que voltar a Privet Drive e viver com Dudley. Isso fê-lo sentir-se um pouco mais calmo. Acabou o *bacon* com dificuldade (a garganta não funcionava lá muito bem) e quando ele e Hermione se levantaram, viu Cedric Diggory a sair da mesa dos Hufflepuff.

Cedric continuava sem saber dos dragões... era o único campeão que não sabia, se Harry tivesse razão ao pensar que Maxime e Karkaroff deviam ter dito a Fleur e a Krum.

— Encontramo-nos nas estufas, Hermione — disse Harry, decidindo-se ao ver Cedric a sair do Salão. — Vai indo, eu já te apanho.

— Harry, vais atrasar-te, a campainha está quase a tocar...

— Eu apanho-te, está bem?

Quando Harry chegou ao fundo das escadas, já Cedric ia lá em cima, acompanhado de um grupo de amigos do sexto ano. Harry não queria falar com Cedric em frente deles, pois eram daqueles que citavam o artigo de Rita Skeeter de cada vez que ele se aproximava. Seguiu-o à distância e viu que ele se dirigia ao corredor da aula de Encantamentos, o que lhe deu uma ideia. Parando a alguma distância, puxou da varinha e apontou cuidadosamente.

— *Diffindo!*

O saco de Cedric rasgou-se. Pergaminhos, penas e livros espalharam-se pelo chão e partiram-se vários frascos de tinta.

— Não se incomodem — disse Cedric numa voz exasperada, quando os amigos se curvaram para o ajudar —, digam ao Flitwick que eu já vou, vão...

Era o momento por que Harry esperava. Voltou a enfiar a varinha no manto, aguardou que os amigos de Cedric desaparecessem na sala de aula e apressou-se pelo corredor fora, que agora não tinha mais ninguém, para além de ambos.

— Olá — cumprimentou Cedric, pegando num exemplar de *Um Guia para Transfiguração Avançada* que agora estava todo manchado de tinta.

— O meu saco acabou de se rasgar... e era novinho em folha...

— Cedric — disse Harry —, a primeira tarefa são dragões.

— O quê? — exclamou Cedric, olhando para cima.

— Dragões — repetiu Harry, falando rapidamente, para o caso de o professor Flitwick vir ver onde Cedric se metera. — Têm quatro, um para cada um de nós e temos de passar por eles.

Cedric ficou a olhar para ele. Harry viu o mesmo pânico que andava a

sentir desde sábado à noite cruzar os olhos cinzentos de Cedric.

— Tens a certeza? — perguntou numa voz abafada.

— Absoluta — respondeu Harry. — Vi-os.

— Mas como é que descobriste? Nós não devíamos saber...

— Não interessa — interrompeu-o Harry rapidamente. Hagrid ficaria certamente metido em sarilhos se contasse a verdade. — Mas eu não sou o único a saber. Por esta altura, a Fleur e o Krum já devem estar a par. A Maxime e o Karkaroff viram ambos os dragões.

Cedric endireitou-se, com os braços cheios de penas sujas de tinta, pergaminhos, livros e o saco rasgado pendurado no ombro. Olhava para Harry com uma expressão intrigada, quase de desconfiança, no seu olhar.

— Por que me estás a contar isso? — perguntou ele.

Harry olhou para ele, espantado. Tinha a certeza de que Cedric não faria aquela pergunta se tivesse visto os dragões. Harry não deixaria o seu pior inimigo enfrentar aqueles monstros sem estar preparado... bem, talvez o Malfoy ou o Snape...

— É... justo, não é? — disse ele a Cedric. — Agora, sabemos todos... estamos em igualdade.

Cedric continuava a olhá-lo de uma forma um tanto duvidosa, quando Harry ouviu um ruído familiar atrás de si. Virou-se e viu Moody Olho-Louco a sair de uma sala de aula ali perto.

— Vem comigo, Potter — disse secamente. — Diggory, põe-te a andar.

Harry olhou apreensivamente para Moody. Tê-los-ia ouvido?

— Hã... Professor, tenho de ir para a aula de Herbologia...

— Deixa lá isso, Potter. Para o meu gabinete, por favor.

Harry seguiu-o, a pensar no que lhe iria acontecer. E se Moody quisesse saber como é que ele tinha descoberto os dragões? Iria denunciar Hagrid a Dumbledore ou limitar-se-ia a transformá-lo a ele, Harry, num furão? Bem, talvez desse modo fosse mais fácil passar por um dragão, pensou Harry estupidamente, seria mais pequeno, muito menos fácil de ver de uma altura de quinze metros...

Seguiu Moody até ao gabinete. O professor fechou a porta e voltou-se para Harry, com ambos os olhos, o mágico e o outro, fixados nele.

— O que acabaste de fazer foi muito correcto, Potter — afirmou Moody calmamente.

Harry não sabia o que dizer. Não estava nada à espera daquela reacção.

— Senta-te — ordenou-lhe e Harry assim fez, olhando em seu redor.

Entrara naquele gabinete a convite dos seus dois anteriores ocupantes. No tempo do professor Lockhart, as paredes estavam cheias de fotografias sorridentes do próprio professor, que não parava de piscar o olho. Quando

Lupin para ali viera, era perfeitamente natural dar de caras com um espécime de uma qualquer fascinante criatura das Trevas que ele arranjava para os alunos estudarem na aula. Contudo, agora, o escritório estava cheio de imensos objectos estranhos que Harry imaginou terem sido usados por Moody nos seus tempos de Auror.

Sobre a secretária, via-se o que parecia um grande pião de vidro. Harry percebeu logo que era um Avisoscópio, porque também tinha um, embora fosse muito mais pequeno que o de Moody. A um canto, sobre uma pequena mesa, estava um objecto que lembrava uma antena de televisão dourada e muito retorcida e que zumbia levemente. Pendurado na parede, em frente de Harry, estava uma espécie de espelho que, estranhamente, não reflectia a sala. Lá dentro moviam-se figuras sombrias, nenhuma delas perfeitamente focada.

— Gostas dos meus Detectores das Trevas? — perguntou Moody, que observava Harry atentamente.

— O que é aquilo? — indagou Harry, apontando para a antena dourada retorcida.

— Um Sensor de Segredos. Vibra quando detecta encobrimentos e mentiras... aqui não serve de nada, claro, há demasiadas interferências... alunos em todas as direcções, a mentir sobre por que é que não fizeram os trabalhos de casa. Tem estado a vibrar desde que aqui cheguei. Fui obrigado a desligar o meu Avisoscópio, pois não parava de assobiar. É ultra-sensível, apanha coisas a mais de um quilómetro. É claro, podia apanhar mais do que coisas de miúdos — acrescentou ele em voz azeda.

— E para que serve o espelho?

— Oh, esse é o meu Espelho dos Inimigos. Vê-los ali, às voltas? Só estou em sarilhos quando lhes vir o branco dos olhos. É nessa altura que abro o meu baú.

Lançou uma gargalhada curta e seca e apontou para o grande baú por baixo da janela. Tinha sete fechaduras alinhadas. Harry ficou a pensar no que haveria lá dentro até que a próxima pergunta de Moody o trouxe subitamente à terra.

— Então... descobriste os dragões, não foi?

Harry hesitou. Receara isto mesmo, mas não contara a Cedric e certamente não ia contar a Moody que Hagrid quebrara as regras.

— Não faz mal — disse Moody, sentando-se e estendendo a perna de pau com um gemido. — Fazer batota é, e tem sido sempre, uma parte tradicional do Torneio dos Três Feiticeiros.

— Eu não fiz batota — disse Harry bruscamente. — Descobri assim... como que por acidente.

Moody sorriu abertamente.

— Não te estava a acusar, rapaz. Desde o princípio que ando a dizer ao Dumbledore que ele pode ser tão moralista quanto quiser, mas aposto que o velho Karkaroff e a Maxime não o são. Disseram aos seus campeões tudo o que puderam. Querem ganhar. Querem vencer o Dumbledore. Gostavam de provar que ele não passa de um homem normal.

Moody soltou uma gargalhada áspera e o seu olho mágico girou tão rapidamente que Harry, só de o ver, se sentiu agoniado.

— Então..., já tens alguma ideia de como é que vais passar pelo teu dragão? — perguntou Moody.

— Não — respondeu Harry.

— Bem, eu não te vou dizer — disse Moody num tom rouco. — Eu não mostro favoritismos. Só te vou dar alguns bons conselhos. E o primeiro é: *usa as tuas forças*.

— Não tenho nenhuma — disse Harry, falando sem pensar.

— Desculpa lá — disse secamente Moody —, se eu digo que tens forças, é porque tens. Agora pensa. Em que é que és melhor?

Harry tentou concentrar-se. Em que é que ele *era* melhor? Bem, isso era fácil, de facto...

— Quidditch — disse com ar soturno — e que grande ajuda...

— Exactamente — assentiu Moody, olhando para ele com ar duro, com o olho mágico praticamente imóvel. — Voas muito bem, segundo o que ouvi.

— Pois, mas... — Harry ficou a olhar para ele. — Não posso levar a vassoura, só tenho a varinha...

— O meu segundo conselho — disse Moody em voz alta, interrompendo-o — é usar um feitiço simples, fácil, que te permitirá *arranjar aquilo de que precisas*.

Harry olhou para ele sem expressão. De que precisava ele?

— Então, rapaz... — sussurrou Moody. — Soma dois mais dois... não é assim tão difícil...

E fez-se luz. O que ele fazia melhor era voar. Precisava de passar o dragão pelo ar. Para isso, precisava da sua *Flecha de Fogo*. E para ter a *Flecha de Fogo*, precisava de...

— Hermione — murmurou Harry, dez minutos mais tarde, entrando à pressa na estufa número três e dando uma rápida desculpa à professora Sprout —, Hermione, preciso da tua ajuda.

— O que é que pensas que eu tenho estado a tentar fazer, Harry? — murmurou ela em resposta, com os olhos abertos de ansiedade por cima do Arbusto Palpitante que estava a podar.

— Hermione, tenho de aprender a fazer correctamente um Encantamento de Convocação até amanhã à tarde.

*

Praticaram, portanto. Não almoçaram, dirigindo-se a uma sala de aula vazia, onde Harry tentou esforçadamente fazer com que vários objectos voassem até ele. Mas continuava a não conseguir. Os livros e as penas perdiam repetidamente velocidade a meio caminho, caindo como pedregulhos no chão.

— Concentra-te, Harry, *concentra-te*...

— O que é que achas que estou a tentar? — protestou Harry, zangado.

— Não sei por que diabo não me sai da cabeça a imagem de um dragão enorme e nojento... Bem, lá vai outra tentativa...

Harry queria faltar a Artes Divinatórias para continuar a praticar, mas Hermione recusou-se terminantemente a faltar a Aritmancia e, sem ela, não valia a pena. Portanto, teve de aguentar mais de uma hora com a professora Trelawney, que passou metade da aula a dizer a toda a gente que a posição de Marte em relação a Saturno, naquele momento, significava que as pessoas nascidas em Julho corriam o risco de uma morte súbita e violenta.

— Por mim, tudo bem — disse Harry em voz alta, sem conseguir controlar-se —, desde que não seja prolongada, pois não quero sofrer.

Por um momento, parecia que Ron se ia rir; até cruzou o olhar com o de Harry pela primeira vez em dias, mas Harry sentia-se ainda demasiado magoado com ele para ligar a isso. Passou o resto da aula a tentar atrair pequenos objectos por baixo da mesa com a varinha. Conseguiu fazer com que uma mosca voasse directamente para a sua mão, embora não tivesse bem a certeza se isso se devia à sua arte com o Encantamento de Convocação ou se a mosca era apenas estúpida.

Depois da aula de Artes Divinatórias, jantou qualquer coisa à força e voltou com Hermione para a sala vazia, usando o Manto da Invisibilidade para evitar os professores. Continuaram a praticar até depois da meia-noite. Teriam ficado mais tempo, mas Peeves apareceu e, fingindo pensar que Harry queria que lhe atirassem coisas, começou a arremessar cadeiras pela sala. Harry e Hermione saíram num ápice antes que o ruído atraísse Filch e voltaram para a sala comum dos Gryffindor, que agora se encontrava sem ninguém.

Às duas da manhã, Harry estava junto da lareira, rodeado de montes de coisas: livros, penas, várias cadeiras viradas de pernas para o ar, um velho conjunto de Pedras Cuspideiras e *Trevor*, o sapo de Neville. Só na última

hora é que Harry apanhara realmente o jeito do Encantamento de Convocação.

— Muito melhor, Harry, está muitíssimo melhor — opinou Hermione, com um ar exausto, mas muito satisfeita.

— Bem, agora já sabemos o que fazer da próxima vez que não conseguir executar um feitiço — disse Harry, voltando a atirar um dicionário de Runas a Hermione para tentar novamente —, ameaça-me com um dragão. Muito bem... — Ergueu a varinha mais uma vez. — *Accio Dicionário!*

O pesado livro saltou da mão de Hermione, voou pela sala e Harry apanhou-o.

— Harry, acho mesmo que conseguiste! — exclamou Hermione, deliciada.

— Desde que amanhã funcione — respondeu Harry. — *A Flecha de Fogo* vai estar muito mais longe do que estas coisas aqui, está no castelo e eu lá fora, nos campos...

— Isso não tem importância — disse Hermione com firmeza. — Desde que estejas muito concentrado, mas mesmo muito, ela vem. Harry, o melhor é dormirmos um pouco... vais precisar.

*

Nessa noite, Harry estivera tão preocupado a aprender o Encantamento de Convocação que nem sentira pânico. No entanto, este voltou em força na manhã seguinte. Na escola, a atmosfera era de grande tensão e nervosismo. As aulas iam acabar ao meio-dia para dar tempo a todos os alunos de chegarem ao cercado dos dragões, embora eles ainda não soubessem o que iam lá encontrar.

Harry sentia-se estranhamente alheado de todos os que o rodeavam, quer lhe desejassem boa sorte, quer o vaiassem com «*Teremos os lenços de papel a postos, Potter*» quando ele passava. O seu estado de nervos era tão desmesurado que se interrogava se não iria perder a cabeça e começar a amaldiçoar toda a gente quando tentassem levá-lo até ao dragão que lhe estava destinado.

O tempo portava-se de uma forma estranhíssima, avançando aos saltos, parecendo-lhe que num momento estava sentado na primeira aula, História da Magia, e logo a seguir ia almoçar... e depois (onde se metera a manhã? As últimas horas sem dragões?) a professora McGonagall corria ao seu encontro no Salão e havia imensas pessoas a olharem.

— Potter, os campeões têm de vir agora para os campos... tens de te aprontar para a tua primeira tarefa.

— Muito bem — disse Harry, levantando-se e deixando cair o garfo no prato com estrépito.

— Boa sorte, Harry — sussurrou-lhe Hermione. — Vai correr tudo bem.

— Sim — respondeu Harry numa voz que não se parecia nada com a sua.

Saiu do Salão com a professora McGonagall, que também estava bastante diferente do habitual; na verdade, parecia quase tão ansiosa como Hermione. Ao descer com ele as escadas de pedra, saindo para a fria tarde de Novembro, pôs-lhe a mão no ombro.

— Agora não entres em pânico — aconselhou ela —, mantém a cabeça fria... temos feiticeiros a postos para controlarem a situação, se a coisa ficar difícil... o mais importante é fazeres o teu melhor e ninguém fica a pensar mal de ti... sentes-te bem?

— Sim — Harry ouviu a sua voz a responder. — Estou bem.

Ela conduzia-o para o lugar onde estavam os dragões, pela orla da floresta, mas quando se aproximaram do grupo de árvores por detrás das quais mal se via o cercado, Harry reparou que fora erguida uma tenda, com a entrada virada para eles e que escondia os dragões.

— Vais entrar para ali com os outros campeões — disse a professora McGonagall, com uma voz um tanto trémula — e esperar a tua vez, Potter. Mr. Bagman está lá dentro... e vai dizer-vos o que fazer... boa sorte.

— Obrigado — agradeceu numa voz distante e sem expressão. Ela deixou-o à entrada da tenda e Harry entrou.

Fleur Delacour estava sentada num canto, num banquinho de madeira. Não parecia tão serena como habitualmente e estava pálida e suada. Viktor Krum tinha um ar ainda mais maldisposto do que o habitual e Harry calculou que fosse a sua forma de exprimir o nervosismo. Cedric andava de um lado para o outro. Quando Harry entrou, lançou-lhe um pequeno sorriso, que Harry retribuiu, sentindo os músculos da cara muito duros, como se se tivessem esquecido de como se sorria.

— Harry! Ótimo! — exclamou Bagman todo feliz, olhando para ele. — Entra, entra e instala-te!

Bagman fazia lembrar um boneco animado ligeiramente inchado, ali no meio dos campeões, todos eles bastante pálidos. Trazia novamente o seu velho manto dos Wasp.

— Bem, agora que não falta ninguém, chegou o momento de vos informar! — declarou Bagman num tom alegre. — Quando o público se reunir, vou dar a cada um de vocês este saco — ergueu um pequeno saco de seda roxa e sacudi-o em frente deles — do qual tirarão um pequeno modelo daquilo que irão enfrentar! É que há... variedades, sabem? E tenho

de lhes dizer outra coisa... ah, pois... a vossa tarefa é *recolher o ovo dourado!*

Harry olhou em volta. Cedric acenara uma vez com a cabeça para indicar que compreendera as palavras de Bagman e depois recomeçou a andar de um lado para o outro. Tinha um ar um tanto esverdeado. Fleur Delacour e Krum não mostraram qualquer reacção. Talvez receassem vomitar, se abrissem a boca. Não havia dúvida de que Harry se sentia agoniado, mas pelo menos eles tinham-se oferecido para aquilo...

E subitamente ouviram-se centenas e centenas de passos a passar pela tenda, com as pessoas a falar excitadamente, a rir, a dizer piadas... Harry sentia-se tão alheio à multidão como se esta pertencesse a uma espécie diferente. E depois (pareceu-lhe que passara apenas um segundo) Bagman abria o saco de seda roxa.

— As senhoras primeiro — disse ele, oferecendo-o a Fleur Delacour.

Ela enfiou uma mão trémula no saco e tirou um minúsculo e perfeito modelo de dragão: um Verde de Gales. Tinha o número «dois» à volta do pescoço. E Harry soube, vendo que Fleur não demonstrava qualquer surpresa, e sim uma resignação determinada, que tinha razão, que Madame Maxime lhe dissera o que a esperava.

Passou-se o mesmo com Krum. Tirou o Bola-de-Fogo Chinês vermelho. Tinha o número «três» ao pescoço. Nem sequer pestanejou, limitando-se a olhar para o chão.

Cedric enfiou a mão no saco e de lá saiu o cinzento-azulado Focinho-Curto da Suécia, com o número «um» atado ao pescoço. Sabendo o que restava, Harry pôs a mão no saco de seda e tirou o Cauda-de-Chifre da Hungria, o número «quatro». Quando Harry olhou para ele, o dragão estendeu as asas e mostrou as minúsculas presas.

— Bem, já está! — declarou Bagman. — Cada um de vocês tirou o dragão que irá enfrentar e os números indicam a ordem pela qual irão actuar, estão a ver? Agora, tenho de vos deixar não tarda nada, pois vou fazer o relato. Mr. Diggory, o senhor é o primeiro, quando ouvir um apito vá até ao cercado, está bem? Bom... Harry... posso dar-te uma palavrinha rápida? Lá fora?

— Hã... sim — disse Harry sem compreender. Levantou-se e saiu da tenda com Bagman, que se afastou um pouco com ele, até às árvores, e se voltou com uma expressão paternal no rosto.

— Sentes-te bem, Harry? Há alguma coisa de que precisas?

— O quê? — disse Harry. — Eu... não, nada.

— Tens algum plano? — perguntou Bagman, baixando a voz num tom de conspiração. — É que eu não me importo de partilhar contigo algumas

dicas, se quiseses, sabes. Quero dizer — continuou Bagman, baixando ainda mais a voz —, tu estás na pior posição, Harry... tudo o que puder fazer para te ajudar...

— Não... — repetiu Harry tão rapidamente que se apercebeu da sua brusquidão — não... já decidi o que vou fazer, obrigado.

— Ninguém ficava a *saber*, Harry — insistiu Bagman, piscando-lhe o olho.

— Não, estou óptimo — respondeu Harry, perguntando a si próprio por que continuava a dizer aquilo às pessoas e se teria havido algum momento em que se sentisse pior. — Tenho um plano...

Ouvira-se um apito algures.

— Santo Deus, tenho de me apressar! — constatou Bagman alarmado, saindo dali a correr.

Harry regressou à tenda e viu Cedric a sair de lá, mais esverdeado do que nunca. Tentou desejar-lhe boa sorte ao passar por ele, mas tudo o que lhe saiu da boca foi uma espécie de grunhido rouco.

Foi ter com Fleur e Krum. Passados uns segundos ouviram os gritos da multidão, o que significava que Cedric entrara no cercado e enfrentava agora o equivalente vivo do seu modelo...

Estar ali sentado a escutar era pior do que imaginara. A multidão gritava... berrava... arquejava como um ser único com múltiplas cabeças, enquanto Cedric fazia fosse lá o que fosse para passar pelo Focinho-Curto da Suécia. Krum continuava a olhar para o chão. Fleur dera-lhe para seguir as pisadas de Cedric, andando sem cessar à volta da tenda. E o relato de Bagman tornava tudo muito, muito pior... imagens horríveis formavam-se na mente de Harry ao ouvir: «Oooh, escapou por pouco, por muito pouco»... «Está a arriscar-se, este!»... «Belo passe... é pena não ter resultado!»

E depois, cerca de quinze minutos mais tarde, Harry ouviu um grito ensurdecedor que só podia significar uma coisa: Cedric passara pelo seu dragão e agarrara o ovo dourado.

— Muito bem, muito bem — gritava Bagman. — E agora os pontos dos juízes.

Mas não gritou os números e Harry supôs que os juízes seguravam nos pontos, mostrando-os à multidão.

— Um já está, só faltam três! — gritou Bagman e o apito soou novamente. — Miss Delacour, se faz favor!

Fleur tremia da cabeça aos pés. Quando saiu da tenda com a cabeça erguida e a mão a agarrar firmemente a varinha, Harry sentiu mais afecto por ela do que até então. Ele e Krum ficaram sozinhos, em cantos opostos

da tenda, evitando o olhar um do outro.

Recomeçou o mesmo processo... — Oh, receio que aquilo tenha sido insensato! — ouviam eles Bagman gritar alegremente. — Oh... foi por pouco! Cuidado agora... santo Deus, pensei que conseguira!

Dez minutos mais tarde, Harry ouviu a multidão romper novamente em aplausos... Fleur também devia ter conseguido. Uma pausa, enquanto mostravam os pontos de Fleur... mais palmas... e depois, o apito pela terceira vez.

— E aqui vem Mr. Krum! — gritou Bagman e Krum saiu com a cabeça inclinada, deixando Harry sozinho.

Estava muito mais consciente do seu corpo que habitualmente. Sentia o coração a bater muito depressa e os dedos a formigar de medo... e, contudo, parecia-lhe também estar fora de si próprio, vendo as paredes da tenda e ouvindo a multidão como se estivesse muito longe...

— Muito ousado! — gritava Bagman e Harry ouviu o Bola-de-Fogo Chinês lançar um urro estrondoso, enquanto a multidão sustinha a respiração. — Mas que coragem... e... sim, agarrou o ovo!

O ar invernosso vibrou como vidro a quebrar-se com a força dos aplausos; Krum terminara e seria a vez de Harry a qualquer momento.

Levantou-se, notando vagamente que as suas pernas pareciam feitas de borracha. Esperou. E depois ouviu o apito. Saiu pela abertura da tenda, com o pânico a crescer dentro de si. Passou pelas árvores e atravessou uma abertura na vedação do cercado.

O que se lhe deparou pareceu-lhe um sonho intensamente colorido. Havia centenas e centenas de rostos a olhar para ele das bancadas, que tinham sido ali colocadas por magia desde a última vez que lá estivera. E havia o Cauda-de-Chifre, do outro lado do cercado, acorado sobre a sua ninhada, com as asas meio abertas, os malvados olhos amarelos postos nele, um monstruoso lagarto negro, cheio de escamas, mexendo a cauda com espigões de um lado para o outro e deixando longas marcas no chão duro. O público fazia muito barulho, mas Harry não sabia nem se importava se era amistoso ou não. Chegara a altura de fazer o que tinha a fazer... concentrar-se, de forma total e absoluta, naquilo que era a sua única hipótese...

Ergueu a varinha.

— *Accio Flecha de Fogo!* — gritou ele.

Esperou, aguardando e rezando com todos os nervos... se não desse resultado... se não viesse... parecia que via o que o rodeava através de uma barreira cintilante e transparente, como uma onda de calor, que fazia com que o cercado e as centenas de rostos que o rodeavam oscilassem de forma

estranha...

E então ouviu-a, cortando velozmente o ar atrás de si. Virou-se e viu a sua *Flecha de Fogo* lançada na sua direcção, contornando a orla da floresta, a entrar disparada no cercado e a parar de repente no meio do ar, ao lado dele, à espera de que a montasse. A multidão fazia ainda mais barulho... Bagman gritava qualquer coisa... mas os ouvidos de Harry tinham deixado de funcionar... ouvir não era importante...

Passou uma perna por cima da vassoura e ergueu-se do chão. E, um segundo mais tarde, algo de miraculoso aconteceu...

Ao elevar-se, com o ar a zumbir-lhe aos ouvidos, com os rostos da multidão reduzidos a simples pontinhos cor de carne e o Cauda-de-Chifre do tamanho de um cão, compreendeu que não só deixara o solo para trás, mas também o medo... estava no seu elemento...

Aquilo não passava de mais um jogo de Quidditch, só isso... era apenas um jogo de Quidditch e o Cauda-de-Chifre era apenas outra temível equipa adversária...

Olhou para o monte dos ovos e descobriu o dourado, que brilhava de encontro aos outros, cor de cimento, a salvo entre as pernas dianteiras do dragão.

— Pronto — disse Harry para si próprio —, tácticas de diversão... vamos a isto...

Mergulhou. A cabeça do Cauda-de-Chifre seguiu-o; Harry sabia o que ele ia fazer e desviou-se da trajectória mesmo a tempo: um jorro de fogo atingira exactamente o local onde estivera, se não se tivesse desviado... mas Harry não queria saber... era como evitar uma *bludger*...

— Caramba, ele sabe voar! — gritava Bagman, enquanto a multidão guinchava e arfava. — Está a ver isto, Mr. Krum?

Harry ergueu-se ainda mais alto, em círculo. O Cauda-de-Chifre continuava a segui-lo, com a cabeça girando no seu longo pescoço (se continuasse assim, talvez ele ficasse tonto) mas era melhor não exagerar, ou ele punha-se a largar-lhe chamas outra vez.

Harry baixou rapidamente, mesmo no momento em que o Cauda-de-Chifre abria a boca, mas desta vez teve menos sorte — as chamas não o atingiram, mas a cauda veio ao seu encontro, estalando como um chicote e, ao virar para a esquerda, um dos longos espigões raspou-lhe pelo ombro, rasgando-lhe o manto.

Sentiu o ardor e ouvia os gritos da multidão, mas o golpe não parecia fundo... Subiu na vertical pelas costas do Cauda-de-Chifre e ocorreu-lhe uma possibilidade...

Parecia que o dragão não tinha vontade de voar, sentia-se

excessivamente protector em relação aos ovos. Embora se contorcesse e se debatesse, abrindo e fechando as asas e mantendo os terríveis olhos amarelos postos em Harry, tinha medo de se afastar demasiado dos ovos... mas ele tinha de o convencer a fazê-lo, ou nunca se aproximaria deles. O truque era fazê-lo com cuidado, gradualmente...

Começou a voar, primeiro para um lado, depois para o outro, não se aproximando o suficiente para que ele o repelisse com as chamas, mas constituindo ameaça suficiente para que não tirasse os olhos dele. A cabeça do dragão oscilava de um lado para o outro, observando-o com aquelas pupilas verticais e as presas de fora...

Harry voou ainda mais alto. A cabeça do Cauda-de-Chifre elevou-se com ele, o pescoço, esticado ao máximo, continuando a oscilar como uma serpente perante o encantador...

Harry elevou-se mais um pouco e ele lançou um urro de irritação. Para ele, Harry não passava de uma mosca, uma mosca que ia esmagar; a cauda deu uma nova chicotada, mas Harry estava demasiado longe... lançou chamas para o ar, que ele evitou... abriu completamente as mandíbulas...

— Anda — silvou-lhe Harry, dançando num desafio por cima dele — anda, vem cá buscar-me... levanta-te, vá...

E, então, o dragão ergueu-se sobre as patas traseiras, abrindo finalmente as enormes asas negras encouraçadas, tão grandes como as de um pequeno avião e Harry mergulhou. Antes de o dragão perceber o que ele tinha feito ou por onde desaparecera, Harry avançava o mais velozmente que podia para o solo, em direcção aos ovos que estavam agora desprotegidos, afastados daquelas pernas cheias de garras. Harry tirou as mãos da *Flecha de Fogo*... agarrou o ovo dourado... e, com um enorme esforço, subiu novamente, voando sobre as bancadas, com o pesado ovo debaixo do braço são. Foi como se alguém tivesse voltado a aumentar o volume: pela primeira vez, apercebeu-se realmente do barulho da multidão, que gritava e aplaudia tão alto como os apoiantes irlandeses da Taça Mundial.

— Olhem para aquilo! — gritava Bagman. — Olhem só para aquilo! O nosso campeão mais novo foi o mais rápido a ir buscar o ovo! Bem, isto vai fazer aumentar a vantagem a favor de Mr. Potter!

Harry viu os guardadores de dragões a avançarem para dominar o Cauda-de-Chifre e ao pé da entrada do cercado a professora McGonagall, o professor Moody e Hagrid que corriam ao seu encontro, todos a acenarem-lhe, com os sorrisos visíveis mesmo àquela distância. Voou novamente por sobre as bancadas, com o ruído da multidão a martelar-lhe nos tímpanos, e aterrou suavemente, com o coração mais leve que nunca... passara a primeira tarefa, sobrevivera...

— Foi excelente, Potter! — gritou a professora McGonagall quando ele desceu da vassoura, o que, vindo dela, era um louvor exorbitante. Reparou que a mão dela tremia ao apontar para o seu ombro. — Tens de ir ver a Madame Pomfrey antes de os juízes anunciarem a tua pontuação... ali adiante, ela já teve de prestar assistência ao Diggory...

— Conseguiu, Harry! — exclamou Hagrid com voz rouca. — Conseguiu! E logo contra o Cauda-de-Chifre! Sabes qu'ô Charlie disse qu'ele era o pior...

— Obrigado, Hagrid — disse Harry em voz alta para que Hagrid não comesse a disparatar, acabando por revelar que mostrara os dragões a Harry antes de tempo.

O professor Moody também parecia muito satisfeito. O seu olho mágico dançava na órbita.

— Fácil e simples, Potter — grunhiu ele.

— Muito bem, Potter, para a tenda de primeiros-socorros, por favor — insistiu a professora McGonagall.

Harry saiu do cercado, ainda ofegante, e viu Madame Pomfrey de pé à entrada de uma segunda tenda com um ar preocupado.

— Dragões! — dizia ela num tom de desgosto, puxando Harry para dentro. A tenda estava dividida em cubículos e ele conseguia distinguir a sombra de Cedric através da lona, mas não lhe pareceu que estivesse gravemente ferido; pelo menos, estava sentado. Madame Pomfrey examinou o ombro de Harry, não deixando um instante sequer de mostrar a sua indignação. — No ano passado, Dementors, este ano dragões, o que irão trazer para a escola a seguir? Tiveste muita sorte... é pouco fundo... mas precisa de ser limpo antes de o tratar...

Limpou o golpe com um penso embebido num líquido roxo que fumegava e ardia, mas depois bateu-lhe no ombro com a varinha e Harry sentiu-o curar-se instantaneamente.

— Agora ficas sentado e sossegado por um minuto... *Senta-te!* Depois podes ir saber qual foi a tua pontuação.

Saiu apressadamente da tenda e Harry ouviu-a entrar na porta ao lado e dizer:

— Como te sentes agora, Diggory?

Harry não queria ficar sentado; ainda estava demasiado cheio de adrenalina. Pôs-se de pé para ver o que se passava lá fora, mas antes de ter chegado à entrada da tenda entraram duas pessoas a correr: Hermione, seguida de perto por Ron.

— Harry, foste magnífico! — guinchou Hermione. No rosto dela viam-se marcas de unhas, nos sítios em que ela as espetara, transida de medo. —

Foste espantoso, verdadeiramente espantoso!

Mas Harry observava Ron, que estava muito branco e que o olhava como se ele fosse um fantasma.

— Harry, quem quer que tenha posto o teu nome no tal Cálice... acho... acho que estão a tentar matar-te!

Foi como se as últimas semanas não tivessem existido, como se Harry acabasse de encontrar Ron logo a seguir a ter sido feito campeão.

— Ah, já percebeste? — disse Harry com frieza. — Levaste bastante tempo.

Hermione estava no meio deles, muito nervosa, olhando para um e para o outro. Ron abriu a boca, hesitante. Harry sabia que ele estava prestes a pedir desculpa e, de repente, descobriu que não era preciso.

— Não faz mal — disse ele, antes que Ron pudesse começar a falar. — Esquece.

— Não — ripostou Ron —, eu não devia...

— *Esquece* — repetiu Harry.

Ron sorriu-lhe nervosamente e Harry retribuiu-lhe o sorriso.

Hermione desatou a chorar.

— Não vale a pena chorar! — disse-lhe Harry, baralhado.

— Vocês os dois são tão *estúpidos*! — gritou ela, batendo com o pé no chão, com as lágrimas a correrem-lhe pela cara abaixo. Depois, antes que eles a conseguissem impedir, deu um abraço a ambos e desapareceu, chorando copiosamente.

— Que chorona — observou Ron abanando a cabeça. — Harry, anda lá, devem estar quase a anunciar a tua pontuação.

Pegando no ovo dourado e na *Flecha de Fogo* e sentindo-se mais orgulhoso do que teria podido imaginar uma hora antes, Harry baixou-se e saiu da tenda, com Ron ao seu lado a falar muito depressa.

— Foste o melhor, sabes, sem comparação. O Cedric fez uma coisa esquisita. Transfigurou uma rocha do chão... transformou-a num cão... estava a tentar que o dragão se atirasse ao cão e não a ele. Bem, a Transfiguração não esteve mal e funcionou mais ou menos, porque ele agarrou o ovo, mas também se queimou... o dragão mudou de ideias a meio e decidiu que o preferia a ele e que não lhe interessava o Labrador e ele escapou por pouco. E a Fleur tentou um feitiço, acho que estava a ver se fazia o dragão entrar em transe... bem, também resultou mais ou menos, ele ficou semiadormecido, mas depois começou a ressonar, lançando um enorme jorro de chamas que quase pegou fogo à saia dela, mas ela apagou-o com um pouco de água da varinha. E o Krum... nem vais acreditar, mas voar foi uma ideia que nem lhe passou pela cabeça. Mesmo assim, é capaz

de ter sido o melhor a seguir a ti. Atingiu-o com um feitiço qualquer mesmo no olho. Só que o dragão começou a espezinhar tudo em agonia e esmagou metade dos ovos verdadeiros... tiraram-lhe pontos por causa disso, ele não devia ter-lhes causado quaisquer danos.

Ron inspirou fundo quando iam a chegar perto do cercado. Agora que o Cauda-de-Chifre fora retirado, Harry podia ver onde estavam sentados os cinco juizes: mesmo do outro lado, nuns degraus elevados revestidos a dourado.

— São pontos até dez para cada um — explicou Ron e Harry, semicerrando os olhos, viu o primeiro juiz (Madame Maxime) erguer a sua varinha. Dela saiu o que parecia uma longa fita prateada que se torceu até formar um grande oito.

— Nada mau! — exclamou Ron, enquanto a multidão aplaudia. — Suponho que te tenha tirado pontos por causa do teu ombro...

A seguir foi Mr. Crouch. Atirou para o ar com o número nove.

— Até aqui, tudo bem — gritou Ron, batendo nas costas de Harry.

A seguir, Dumbledore. Também ele deu nove. A multidão aplaudia mais do que nunca.

Ludo Bagman: *dez*.

— Dez? — exclamou Harry sem acreditar. — Mas... eu fui ferido... qual é a ideia dele?

— Harry, não te queixes! — gritou Ron, entusiasmado.

E, então, Karkaroff ergueu a sua varinha. Parou um momento e depois saiu também um número da sua varinha: quatro.

— *O quê?* — berrou Ron, furioso. — *Quatro?* Sua escumalha nojenta e preconceituosa, deu dez ao Krum.

Mas Harry não se importava, não se teria ralado se Karkaroff lhe tivesse dado um zero; a indignação de Ron por sua causa valia para ele mais de cem pontos. É claro que não lho disse, mas o seu coração estava mais leve que o ar ao voltar-se para sair do cercado. E não era só Ron... não havia só Gryffindors a aplaudir na multidão. Quando chegara a altura, quando eles viram o que ele tinha na frente, a maior parte dos alunos da escola tinha ficado do seu lado, assim como do lado de Cedric... estava-se nas tintas para os Slytherin, agora aguentava com tudo o que eles lhe quisessem atirar.

— Estás empatado no primeiro lugar, Harry! Tu e o Krum! — disse Charlie Weasley, apressando-se a ir ao encontro deles quando regressaram à escola. — Escutem, tenho de me apressar, tenho de ir mandar uma coruja à mãe, jurei-lhe que lhe contava o que acontecesse... mas foi incrível! Ah, e pediram-me que te dissesse para te aguentares mais alguns minutos... O

Bagman quer dar-te uma palavra, lá na tenda dos campeões.

Ron disse que esperava, portanto Harry voltou a entrar na tenda que agora parecia diferente, agradável e acolhedora. Recordou-se de como se sentira quando evitava o Cauda-de-Chifre e comparou-o com a longa espera antes de sair para o enfrentar... não havia comparação, a espera fora incomensuravelmente pior.

Fleur, Cedric e Krum entraram todos juntos.

Um dos lados do rosto de Cedric estava coberto com uma espessa pomada laranja, que devia estar a tratar a sua queimadura. Sorriu para Harry quando o viu.

— Boa, Harry!

— Tu também — respondeu Harry, devolvendo-lhe o sorriso.

— Parabéns a *todos!* — disse Ludo Bagman, entrando ruidosamente na tenda e parecendo tão satisfeito como se ele próprio tivesse acabado de passar por um dragão. — Agora, só umas palavrinhas rápidas. Têm um belo intervalo antes da segunda tarefa, que terá lugar às nove e meia da manhã de 24 de Fevereiro, mas, entretanto, damo-vos uma coisa em que pensar! Se olharem para os ovos dourados que aí têm, verão que se abrem... vêem aqui a ranhura de encaixe? Têm de resolver a pista guardada no ovo, que vos dirá o que vai ser a segunda tarefa e vos permitirá prepararem-se para ela! Tudo claro? De certeza? Bem, então toca a andar!

Harry saiu da tenda, foi ter com Ron e começaram a caminhar pela orla da floresta, falando sem parar. Harry queria saber com mais pormenor o que os outros campeões tinham feito. Então, ao darem a volta ao grupo de árvores, por detrás das quais Harry ouvira pela primeira vez o rugido dos dragões, saltou-lhes uma feiticeira ao caminho.

Era Rita Skeeter. Naquele dia trajava um manto verde-ácido e a Pena de Notas Rápidas que trazia na mão combinava na perfeição com aquela cor.

— Parabéns, Harry! — disse ela, sorrindo-lhe. — Será que me podes dar uma palavrinha? Como é que te sentiste ao enfrentar aquele dragão? Como é que te sentes *agora* em relação à justeza dos pontos?

— Sim, posso dar-lhe uma palavrinha — disse Harry ferozmente. — *Adeus.*

E seguiu para o castelo na companhia de Ron.

XXI

A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DOS ELFOS DOMÉSTICOS

Nessa noite, Harry, Ron e Hermione subiram até à Torre das Corujas para ir buscar *Pigwidgeon*, pois Harry queria mandar uma carta a Sirius, a dizer-lhe que conseguira passar ileso pelo dragão. Pelo caminho, Harry contou a Ron tudo o que Sirius lhe dissera sobre Karkaroff. Embora a princípio tivesse ficado chocado ao saber que Karkaroff tinha sido Devorador da Morte, quando entraram na Torre das Corujas, Ron já dizia que deviam ter logo suspeitado disso.

— Faz todo o sentido, não é? — dizia ele. — Lembram-se do que o Malfoy disse no comboio, sobre o pai dele ser amigo do Karkaroff? Agora já sabemos onde se conheceram. Provavelmente, andaram os dois lá na Taça Mundial de um lado para o outro, com máscaras... Mas também te digo uma coisa, Harry, se *foi* o Karkaroff que pôs o teu nome no Cálice, deve agora estar a sentir-se muito estúpido, não deve? Não deu resultado nenhum? Só ficaste com um arranhão! Anda cá, eu faço isso...

Pigwidgeon estava de tal modo excitada com a perspectiva de uma entrega que voava sem parar à volta da cabeça de Harry, piando incessantemente. Ron agarrou-a e manteve-a quieta enquanto Harry lhe atava a carta à pata.

— É impossível que as outras tarefas sejam assim tão perigosas — continuou Ron, levando *Pigwidgeon* até à janela. — Sabem uma coisa? Acho que podes perfeitamente ganhar este Torneio, Harry, estou a falar a sério...

Harry sabia que Ron só estava a dizer aquilo para o compensar do seu comportamento das últimas semanas, mas ficou contente na mesma. No entanto, Hermione encostou-se à parede da Torre das Corujas, cruzou os

braços e olhou para Ron com as sobrancelhas franzidas.

— O Harry ainda tem muitas coisas pela frente até acabar este Torneio — afirmou ela com ar sério. — Se esta era a primeira tarefa, nem quero pensar no que está para vir.

— És muito animadora, não és? — disse Ron. — Tu e a professora Trelawney deviam juntar-se um destes dias.

Lançou *Pigwidgeon* pela janela e a coruja caiu a pique três ou quatro metros antes de conseguir voltar a subir; a carta atada à sua pata era muito maior e mais pesada que de costume; Harry não resistira e fizera a Sirius um relato detalhado de como se desviara, rodeara e evitara o Cauda-de-Chifre.

Viram *Pigwidgeon* desaparecer na escuridão e depois Ron disse:

— Bem, é melhor irmos lá para baixo para a tua festa-surpresa, Harry. Nesta altura, o Fred e o George já devem ter desviado comida suficiente das cozinhas.

Na verdade, quando entraram na sala comum dos Gryffindor, houve uma nova explosão de vivas e gritos. Havia montanhas de bolos e frascos de sumo de abóbora e Cerveja de Manteiga por todo o lado; Lee Jordan lançara fogo-de-artifício mágico do Dr. Filibuster e o ar estava carregado de estrelas e faíscas; Dean Thomas, que era muito bom em desenho, pendurara umas novas faixas impressionantes, a maioria das quais mostrava Harry a subir e a descer à volta da cabeça do Cauda-de-Chifre na sua *Flecha de Fogo*, embora algumas revelassem Cedric com a cabeça a arder.

Harry serviu-se da comida. Quase se esquecera do que era ter mesmo fome e sentou-se com Ron e Hermione. Não podia acreditar em tanta felicidade: tinha Ron novamente do seu lado, passara a primeira tarefa e só teria de enfrentar a segunda daí a três meses.

— Bolas, isto é pesado — disse Lee Jordan, pegando no ovo dourado que Harry deixara sobre uma mesa e tomando-lhe o peso com as mãos. — Abre-o, Harry, vá lá! Vamos só ver o que tem lá dentro!

— Ele deve descobrir a pista sozinho — interveio Hermione rapidamente. — Faz parte das regras do Torneio...

— Também devia ter descoberto como passar pelo dragão sozinho — murmurou Harry, de forma a que só Hermione o conseguiu ouvir e ela sorriu com ar de culpa.

— Pois, Harry, vá lá, abre-o! — repetiram várias pessoas.

Lee passou o ovo a Harry, que enterrou as unhas na ranhura que circundava o ovo, conseguindo abri-lo.

Era oco e estava completamente vazio, mas assim que Harry o abriu, um

ruído horrível, um queixume alto e agudo encheu a sala. A coisa mais parecida que Harry ouvira fora a orquestra-fantasma na festa do aniversário da morte do Nick Quase-Sem-Cabeça, em que todos tocavam serrotes musicais.

— Fecha-o! — berrou Fred, com as mãos a tapar os ouvidos.

— O que era aquilo? — perguntou Seamus Finnigan, a olhar esbugalhado para o ovo, enquanto Harry o fechava rapidamente. — Parecia uma *banshee*... talvez tenhas de passar por uma delas da próxima vez, Harry!

— Era alguém a ser torturado! — disse Neville, que ficara muito branco e deixara cair ao chão os pãezinhos com salsicha. — Vais ter de lutar contra a maldição *Cruciatus*!

— Não digas disparates, Neville, isso é ilegal — disse George. — Não iam usar a maldição *Cruciatus* nos campeões. Achei que era algo parecido com o Percy a cantar... talvez tenhas de o atacar quando ele estiver no duche, Harry.

— Queres uma tarte de compota, Hermione? — perguntou Fred.

Hermione olhou cheia de dúvidas para o prato que ele lhe oferecia. Fred sorriu.

— Não há problema — disse ele. — Não lhes fiz nada. Tens de ter cuidado é com as de creme de leite...

Neville, que acabara de dar uma dentada numa tarte de creme de leite, engasgou-se e cuspiu-a.

Fred riu-se.

— É só uma piadinha, Neville...

Hermione tirou uma tarte de compota e depois perguntou:

— Arranjaste isto tudo nas cozinhas, Fred?

— Sim — disse Fred, a sorrir. Falou com uma voz aguda, imitando um elfo doméstico: — «Tudo o que querer, senhor, tudo o que querer!» São superamáveis... arranjavam-me um boi assado se lhes dissesse que estava com fome.

— Como é que se entra lá? — inquiriu Hermione, num tom de voz ingénuo.

— É fácil — explicou Fred —, por uma porta escondida por detrás de um quadro de uma taça com fruta. É só fazer cócegas à pêra, ela põe-se a rir e... — Parou e ficou a olhar para ela, desconfiadamente. — Porquê?

— Por nada — disse Hermione rapidamente.

— Não me digas que vais tentar fazer com que os elfos domésticos entrem em greve — disse George. — Vais abandonar a papelada e tentar que eles se revoltam?

Várias pessoas desataram a rir às gargalhadas. Hermione não respondeu.

— Não te ponhas a perturbá-los e a dizer-lhes que têm de usar roupa e exigir salários! — avisou-a Fred. — Depois não se concentram na comida.

Nessa altura, Neville causou uma ligeira sensação ao transformar-se num grande canário.

— Oh... desculpa, Neville! — gritou Fred por cima das gargalhadas. — Esqueci-me... *foram* as tartes de creme de leite que nós enfeitiçámos...

Contudo, passado um minuto, Neville deixou cair as penas e, assim que isto aconteceu, reapareceu com um ar completamente normal. Até se viu com os outros.

Era quase uma da manhã quando Harry subiu finalmente para o dormitório com Ron, Neville, Seamus e Dean. Antes de correr as cortinas da sua cama de dossel, pôs a miniatura do Cauda-de-Chifre húngaro na mesa ao lado da cama e ela bocejou, enrolou-se e fechou os olhos. Realmente, pensou Harry ao fechar as cortinas da cama, o Hagrid tinha razão... os dragões eram fixes.

*

O início de Dezembro trouxe vento e granizo a Hogwarts. Embora houvesse sempre muitas correntes de ar no castelo durante o Inverno, Harry apreciava ainda mais as lareiras acesas e as paredes grossas quando passava pelo barco de Durmstrang, que oscilava no lago sob os fortes ventos, com as velas negras enfunadas sob os céus escurecidos. Pensava que a carruagem de Beauxbatons também devia ser bastante gelada. Reparou que Hagrid mantinha os cavalos de Madame Maxime bem alimentados com a sua bebida favorita de uísque de malte simples; os vapores que saíam do bebedouro no canto do cercado eram suficientes para fazer com que toda a turma dos Cuidados com as Criaturas Mágicas ficasse tonta. Isso não ajudava nada, pois continuavam a tratar dos horríveis Explojentos e precisavam de manter toda a sua presença de espírito.

— Não tenho a certeza se hibernam, se não — disse Hagrid à turma enregelada na lição seguinte, na horta das abóboras. — Pensei que podíamos ver s'eles gostam d'uma cama... Vamos instalá-los nestas caixas...

Só já restavam dez Explojentos; parecia que não tinham conseguido eliminar neles o desejo de se matarem uns aos outros. Cada um tinha agora quase um metro e oitenta de comprimento. O conjunto da sua espessa carapaça cinzenta, das fortes pernas sempre em movimento, das extremidades que cuspiam fogo, dos ferrões e das ventosas faziam dos

Explojentos as criaturas mais repugnantes que Harry já vira. A turma olhava desanimada para as enormes caixas que Hagrid trouxera lá para fora, todas forradas com almofadas e cobertores fofos.

— Vamos trazê-los prà'qui — sugeriu Hagrid — e pôr as tampas para ver o qu'acontece.

Mas aconteceu que os Explojentos não hibernavam e não gostaram de ser enfiados em caixas com almofadas, com as tampas pregadas. Em breve Hagrid gritava «Nã s'assustem, vá lá, nã s'assustem!» enquanto os Explojentos andavam num alvoroço pela horta das abóboras, onde agora se viam por todo o lado os fumegantes restos das caixas. A maior parte dos alunos — chefiados por Malfoy, Crabbe e Goyle — tinham fugido para a cabana de Hagrid, entrando pela porta das traseiras, e tinham-se trancado lá dentro; contudo, Harry, Ron e Hermione contavam-se entre os que permaneciam lá fora a tentar ajudar Hagrid. Juntos, conseguiram dominar e atar nove dos Explojentos, embora à custa de inúmeras queimaduras e golpes; por fim, já só faltava um.

— Agora não o assustem! — gritava Hagrid, enquanto Ron e Harry usavam as suas varinhas para lançar jactos de faíscas incandescentes ao Explojento, que avançava ameaçadoramente para eles, com o ferrão arqueado sobre as costas, a estremecer. — Tentem só enfiar a corda à volta do ferrão, pra ele não magoar nenhum dos outros!

— Sim, não queremos que isso aconteça! — gritou Ron zangado, enquanto ele e Harry recuavam até à parede da cabana, continuando a manter o Explojento à distância com a ajuda das faíscas.

— Ora vejam... isto parece *mesmo* divertido.

Rita Skeeter estava debruçada sobre a vedação do jardim de Hagrid, a observar o caos. Vestia um espesso manto carmesim com uma gola de pele roxa e trazia a mala de pele de crocodilo pendurada no braço.

Hagrid atirou-se para cima do Explojento que estava a encurralar Harry e Ron e achatou-o; saiu-lhe um jacto de fogo da extremidade que fez murchar as abóboras circundantes.

— Quem é você? — perguntou Hagrid a Rita Skeeter, enquanto enfiava um laço de corda à volta do ferrão do Explojento e o apertava.

— Rita Skeeter, repórter d' *O Profeta Diário* — apresentou-se Rita, sorrindo-lhe. Os seus dentes de ouro brilhavam.

— Pensei que Dumbledore a tinha proibido de entrar na escola — disse Hagrid, franzindo ligeiramente as sobrancelhas enquanto saía de cima do quase esmigalhado Explojento e começava a arrastá-lo para perto dos companheiros.

Rita agiu como se não tivesse ouvido o que Hagrid dissera.

— Como se chamam estas fascinantes criaturas? — perguntou ela, com um sorriso ainda mais largo.

— Explojentos Cauda-de-Fogo — respondeu Hagrid secamente.

— A sério? — disse Rita, com um interesse aparentemente enorme. — Nunca ouvi falar deles... de onde vêm?

Harry notou o tom vermelho-escuro que se via debaixo da barba preta e hirsuta de Hagrid e sentiu um aperto no coração. Onde é que Hagrid *teria* arranjado os Explojentos?

Hermione, que parecia estar a pensar a mesma coisa, disse rapidamente:

— São muito interessantes, não são? Não são, Harry?

— O quê? Oh, sim... claro... interessantes — respondeu Harry, quando ela lhe deu uma pisadela.

— Ah, *estás* aí, Harry! — exclamou Rita Skeeter, olhando em volta. — Então, gostas de Cuidados com as Criaturas Mágicas, não gostas? Uma das tuas aulas preferidas?

— Sim — disse Harry resolutamente. Hagrid sorriu-lhe.

— Maravilhoso — observou Rita. — Verdadeiramente maravilhoso. Ensina há muito? — acrescentou, dirigindo-se a Hagrid.

Harry reparou que os olhos dela observavam Dean (que tinha um corte com mau aspecto numa bochecha), Lavender (cujo manto estava bastante chamuscado), Seamus (às voltas com vários dedos queimados), poisando por fim nas janelas da cabana, onde se encontrava a maior parte da turma, com os narizes encostados aos vidros, à espera de ver se o caminho estava livre.

— É só o meu segundo ano — disse Hagrid.

— Maravilhoso... não quereria dar-me uma entrevista? Partilhar algumas das suas experiências com criaturas mágicas? *O Profeta* tem uma coluna zoológica todas as quartas-feiras, como certamente sabe. Podíamos fazer um artigo sobre estes... hã... Explojentos Cabeça-de-Fogo.

— Explojentos Cauda-de-Fogo — corrigiu Hagrid, ansioso. — Hum... pois..., por que não?

Harry não gostou nada daquilo, mas não havia forma de o dizer a Hagrid sem que Rita Skeeter visse, portanto teve de ficar ali em silêncio, enquanto Hagrid e Rita Skeeter combinavam encontrar-se no Três Vassouras para uma grande entrevista no fim da semana. Nesse momento tocou a campainha no castelo, assinalando o fim da aula.

— Bem, adeus, Harry! — exclamou Rita alegremente, quando ele se ia embora com Ron e Hermione. — Então, até sexta-feira à noite, Hagrid!

— Ela vai distorcer tudo o que ele disser — murmurou Harry entredentes.

— Desde que ele não tenha importado aqueles Explojentos ilegalmente, ou coisa assim — acrescentou Hermione, desesperada. Olharam um para o outro... era exactamente o tipo de coisa que Hagrid faria.

— O Hagrid já esteve metido em imensos sarilhos e o Dumbledore nunca o despediu — lembrou Ron para os consolar. — O pior que podia acontecer era o Hagrid ter de se livrar dos Explojentos. Desculpem... eu disse o pior? Queria dizer o melhor.

Harry e Hermione riram e, sentindo-se um pouco mais animados, foram almoçar.

Nessa tarde, Harry divertiu-se imenso na aula de Artes Divinatórias; continuavam a trabalhar com mapas astrológicos e a fazer profecias, mas agora que ele e Ron eram novamente amigos, aquilo tudo voltava a ser divertido. A professora Trelawney, que se mostrara tão satisfeita com eles os dois quando previram mortes horríveis para eles próprios, irritou-se rapidamente ao ver o riso dissimulado de ambos durante toda a explicação sobre as diversas formas em que Plutão podia perturbar a vida quotidiana.

— Eu *diria* — murmurou ela num sussurro débil que não escondia o seu óbvio desagrado — que *alguns* de vocês — olhou intencionalmente para Harry — seriam certamente menos *frívolos* se tivessem visto o que eu vi durante a minha sessão com a bola de cristal, ontem à noite. Estava ali sentada, absorvida no meu bordado, quando uma necessidade de consultar a bola se apoderou de mim. Levantei-me, sentei-me defronte dela e olhei para as suas profundezas cristalinas... e o que é que acham que vi a devolver-me o olhar?

— Um velho morcego feio com óculos grandes de mais? — murmurou Ron por entredentes.

Harry teve de se conter para não se desmanchar a rir.

— A *morte*, meus caros.

Parvati e Lavender cobriram ambas a boca com as mãos, com um ar horrorizado.

— Sim — disse a professora Trelawney, acenando, impressionada, com a cabeça —, aproxima-se cada vez mais, sobrevoa o castelo como um abutre, cada vez mais baixo... cada vez mais baixo...

Olhou intencionalmente para Harry, que deu um grande bocejo, sem disfarçar.

— Seria um pouco mais impressionante se ela não tivesse já dito isto cerca de oito vezes — comentou Harry, quando voltaram finalmente para o ar puro da escadinha prateada por onde se saía da sala da professora Trelawney. — Mas se eu tivesse caído morto de todas as vezes que ela me disse que ia morrer, seria um milagre da medicina.

— Serias uma espécie de fantasma extraconcentrado — disse Ron, rindo a bandeiras despregadas ao passarem pelo Barão Sangrento que ia na direcção oposta, com os olhos muito abertos a olhar com ar sinistro. — Pelo menos, não nos deu trabalho de casa. Espero que a Hermione tenha montes do professor Vector, adoro não trabalhar quando ela...

Mas Hermione não apareceu para jantar, nem estava na biblioteca, quando a foram lá procurar depois. A única pessoa que lá se encontrava era Victor Krum. Ron parou hesitante atrás das estantes, e ficou a olhar para ele, falando com Harry num sussurro sobre se lhe deveria pedir um autógrafo... mas nessa altura reparou que seis ou sete raparigas espreitavam do outro corredor, a falar exactamente sobre a mesma coisa e ele perdeu o entusiasmo.

— Onde se terá ela metido? — perguntou Ron, quando ele e Harry regressaram à Torre dos Gryffindor.

— Não sei... Balderdash.

Mal a Dama Gorda tinha começado a girar para a frente, ouviu-se o som de passos a correr por detrás deles, anunciando a chegada de Hermione.

— Harry! — disse afogueada, parando em derrapagem ao lado dele (a Dama Gorda olhou-a com desprezo, com as sobranceiras erguidas). — Harry, tens de vir... *tens* de vir, aconteceu a coisa mais espantosa... por favor.

Agarrou o braço de Harry e começou a tentar arrastá-lo pelo corredor.

— O que é que se passa? — perguntou Harry.

— Mostro-te quando lá chegarmos... vá, anda lá, depressa...

Harry olhou em volta, para Ron, que também olhou para ele, intrigado.

— Está bem — disse Harry, começando a andar pelo corredor com Hermione. Ron teve de se apressar para os apanhar.

— Oh, eu não tenho importância! — gritou-lhes a Dama Gorda, irritada. — Não vale a pena pedir desculpa por me terem incomodado! Vou ficar aqui, escancarada, até vocês voltarem, não é?

— Sim, obrigado — gritou-lhe Ron por cima do ombro.

— Hermione, aonde é que vamos? — perguntou Harry, depois de ela os ter feito descer seis andares e começado a descer a escadaria de mármore para o *Hall*.

— Já vão ver, já vão ver não tarda nada — prometeu Hermione, excitada.

Virou à esquerda no fundo das escadas e caminhou rapidamente para a porta pela qual Cedric Diggory entrara na noite a seguir àquela em que o Cálice de Fogo regurgitara o seu nome e o de Harry. Harry nunca passara por ali. Ele e Ron seguiram Hermione por um lanço de escadas de pedra,

mas em vez de irem dar a uma sombria passagem subterrânea, como a que levava à masmorra de Snape, foram dar a um largo corredor de pedra, iluminado pela luz intensa de tochas e decorado com quadros alegres que representavam sobretudo comida.

— Espera lá... — disse Harry lentamente, a meio do corredor. — Espera um minuto, Hermione...

— O quê? — Ela voltou-se para olhar para ele, com o rosto cheio de entusiasmo.

— Já sei do que se trata — disse Harry.

Deu uma cotovelada a Ron e apontou para o quadro mesmo por detrás de Hermione, que representava uma enorme fruteira de prata.

— Hermione! — exclamou Ron, percebendo tudo. — Estás outra vez a tentar apanhar-nos naquela coisa da baba.

— Não, não estou! — disse ela apressadamente. — E não é *baba*, Ron...

— Mudaste o nome? — perguntou Ron com ar carrancudo. — Então o que é que somos agora, a Frente de Libertação dos Elfos Domésticos? Eu não entro por aquela cozinha dentro para tentar impedi-los de cozinhar, não faço isso...

— Não te estou a pedir que o faças — disse Hermione impacientemente. — Vim aqui abaixo agora mesmo para falar com eles e encontrei... oh, anda lá, Harry, quero mostrar-te!

Agarrou-lhe outra vez no braço, puxou-o para a frente do quadro com a taça de fruta gigante, esticou o dedo indicador e fez cócegas à enorme pêra verde. Esta começou a contorcer-se e a rir e, subitamente, transformou-se numa grande maçaneta da mesma cor. Hermione agarrou-a, puxou-a, abriu a porta e deu um grande empurrão nas costas de Harry, obrigando-o a entrar.

Ele viu de relance uma sala enorme, com um tecto alto, tão grande como o Salão Nobre lá em cima, com montanhas de tachos e panelas de cobre que brilhavam empilhados à volta das paredes de pedra e uma grande lareira de tijolo num dos lados. De repente, veio do meio da sala uma coisa pequenina contra ele, a guinchar.

— Harry Potter, senhor! *Harry Potter!*

Logo a seguir, Harry ficou sem ar quando o elfo, aos guinchos, lhe bateu com força no diafragma, dando-lhe um abraço tão apertado que quase lhe partia as costelas.

— D-Dobby? — perguntou Harry, espantado.

— É Dobby, senhor, é — guinchava uma voz que vinha de perto do seu umbigo. — Dobby ter estado ansioso para ver Harry Potter, senhor, e Harry Potter veio ver ele, senhor!

Dobby largou-o e recuou alguns passos, com um grande sorriso e os seus enormes olhos verdes, em forma de bola de ténis, cheios de lágrimas de felicidade. Tinha quase o mesmo aspecto de que Harry se recordava: o nariz em forma de lápis, as orelhas de morcego, os dedos e pés compridos — tudo, excepto as roupas que eram muito diferentes.

Quando Dobby trabalhava para os Malfoy, vestira sempre a mesma velha fronha nojenta. Contudo, agora trazia o conjunto de roupas mais estranho que Harry já vira. Conseguira vestir-se ainda pior que os feiticeiros na Taça Mundial. Trazia um abafador de bule a fazer de chapéu, no qual pregara vários emblemas coloridos, uma gravata com desenhos de ferraduras sobre o peito nu, uma coisa que parecia uns calções de futebol de criança e um par de meias desirmanadas. Harry reconheceu uma delas como sendo a meia que ele tirara do seu próprio pé, ludibriando Mr. Malfoy e conseguindo, assim, que desse a Dobby a liberdade. A outra estava coberta de riscas cor-de-rosa e cor de laranja.

— Dobby, o que fazes tu aqui? — perguntou Harry espantado.

— Dobby vir trabalhar em Hogwarts, senhor! — guinchou Dobby, excitadíssimo. — O professor Dumbledore dar empregos a Dobby e a Winky, senhor!

— Winky? — perguntou Harry. — Ela também aqui está?

— Sim, senhor, sim! — confirmou, Dobby e, agarrando na mão de Harry, arrastou-o para a cozinha por entre as quatro compridas mesas de madeira que ali se viam. Harry reparou que cada uma delas estava colocada exactamente por baixo das quatro mesas lá em cima, no Salão. De momento, não tinham comida, pois o jantar já terminara, mas ele imaginou que uma hora antes deviam ter estado carregadas de pratos que eram enviados através do tecto para as mesas, lá em cima.

Havia, pelo menos, uma centena de pequenos elfos na cozinha que sorriam e faziam vénias, enquanto Dobby conduzia Harry por entre eles. Usavam todos o mesmo uniforme: um pano da loiça com o brasão de Hogwarts, atado como uma toga, como o que Winky usara no passado.

Dobby parou em frente da lareira e apontou.

— Winky, senhor! — disse ele.

Winky estava sentada num banquinho ao pé do fogo. Ao contrário de Dobby, era óbvio que não andara à procura de roupas. Usava uma pequena saia e blusa, com um chapéu azul a condizer, que tinha buracos para as orelhas. Contudo, enquanto todas as peças da estranha colecção de roupa de Dobby estavam tão limpas e bem cuidadas que pareciam novas, era óbvio que Winky não tratava nada das suas roupas. A blusa estava cheia de nódoas de sopa e via-se uma queimadela na saia.

— Olá, Winky — cumprimentou-a Harry.

O lábio de Winky tremeu. Depois, debulhou-se em lágrimas, que caíam dos seus grandes olhos castanhos e corriam pela cara abaixo, tal como acontecera na Taça Mundial de Quidditch.

— Oh, meu Deus! — exclamou Hermione. Ela e Ron tinham seguido Harry e Dobby até ao fundo da cozinha. — Winky, não chores, por favor, não...

Mas Winky chorava cada vez mais. Dobby, por outro lado, sorria para Harry.

— Harry Potter querer uma chávena de chá? — guinchou ele muito alto, abafando os soluços de Winky.

— Hã... sim, está bem — aceitou Harry.

Em menos de um segundo, seis elfos domésticos apareceram a correr por detrás dele, transportando um grande tabuleiro de prata carregado com um bule, chávenas para Harry, Ron e Hermione, um jarro de leite e um grande prato de biscoitos.

— Belo serviço! — exclamou Ron num tom impressionado. Hermione olhou para ele de cenho franzido, mas os elfos pareciam deliciados. Fizeram grandes vénias e retiraram-se.

— Há quanto tempo estás aqui, Dobby? — perguntou Harry, enquanto Dobby servia o chá.

— Só haverá uma semana, Harry Potter, senhor! — disse Dobby, todo feliz. — Dobby veio ver o professor Dumbledore, senhor. Estar a ver, senhor, ser muito difícil para um elfo doméstico que ter sido despedido arranjar uma outra colocação, senhor, ser mesmo muito difícil...

Ao ouvir isto, Winky uivou ainda mais alto, e do nariz, que parecia um tomate esborrachado, escorreu um fio que ela nem sequer tentou estancar.

— Dobby viajar pelo país durante dois anos inteiros, senhor, a tentar arranjar trabalho! — guinchou Dobby. — Mas Dobby não arranjar trabalho, senhor, porque agora Dobby querer ser pago.

Os elfos domésticos espalhados pela cozinha, que tinham estado a ver e a ouvir cheios de interesse, desviaram bruscamente o olhar, como se Dobby tivesse dito algo de grosseiro e embaraçoso.

Mas Hermione apoiou-o:

— Assim é que é, Dobby!

— Obrigado, menina! — respondeu Dobby, sorrindo para ela e mostrando os dentes. — Mas a maioria dos feiticeiros rejeitar um elfo doméstico que querer ser pago, menina. «Assim, não vale a pena ter um elfo doméstico», dizer eles e bater com a porta na cara de Dobby. Dobby gostar de trabalhar, mas querer usar roupas e querer ser pago, Harry

Potter... Dobby gostar de ser livre.

Os elfos domésticos de Hogwarts tinham começado a afastar-se de Dobby, como se ele tivesse uma doença contagiosa. Contudo, Winky ficou onde estava, embora houvesse um aumento significativo no volume do seu choro.

— E então, Harry Potter, Dobby ir visitar Winky e descobrir que Winky também ser libertada, senhor! — disse Dobby cheio de felicidade.

Ao ouvir isto, Winky atirou-se do banquinho e deixou-se cair para a frente, com a cara no chão de pedra, batendo com os seus punhos minúsculos nas lajes, berrando de profunda infelicidade. Hermione ajoelhou-se rapidamente ao lado dela e tentou confortá-la, mas nada do que disse conseguiu animá-la.

Dobby continuou com a sua história, gritando estridentemente por sobre os guinchos de Winky.

— E foi então que Dobby ter essa ideia, Harry Potter, senhor! «Por que é que Dobby e Winky não ir juntos à procura de trabalho?», pergunta Dobby. «Onde é que haver suficiente trabalho para dois elfos domésticos?», pergunta Winky. E Dobby pensar e lembrar-se, senhor. *Hogwarts!* Portanto, Dobby e Winky vir ver o professor Dumbledore, senhor, e o professor Dumbledore aceitar nós!

Dobby sorria alegremente e os seus olhos encheram-se novamente de lágrimas de felicidade.

— E o professor Dumbledore dizer que paga a Dobby, senhor, se Dobby querer ser pago! E, portanto, Dobby ser um elfo livre, senhor, e Dobby receber um galeão por semana e um dia livre por mês!

— Não é lá muito! — gritou Hermione indignada do chão, a voz sobrepondo-se aos incessantes gritos e murros de Winky.

— O professor Dumbledore oferecer a Dobby dez galeões por semana e os fins-de-semana livres — admitiu Dobby, estremecendo levemente, como se a perspectiva de tanto tempo livre e de tanta riqueza o assustasse —, mas Dobby não aceitar, menina... Dobby gostar da liberdade, menina, mas não estar a querer de mais, menina, gostar mais de trabalhar.

— E quanto é que o professor Dumbledore *te* paga, Winky? — perguntou Hermione amavelmente.

Se pensava que aquilo iria animar Winky, enganou-se redondamente. De facto, Winky parou de chorar, mas quando se sentou, olhou furiosa para Hermione com os seus enormes olhos castanhos, a cara toda encharcada e uma expressão subitamente feroz.

— Winky ser um elfo desonrado, mas Winky ainda não estar a ser paga! — guinchou ela. — Winky não descer assim tão baixo! Winky

envergonhar-se de ser livre!

— Envergonhar-se? — repetiu Hermione, sem compreender. — Mas... Winky, então! Mr. Crouch é que se devia envergonhar e não tu! Tu não fizeste nada de errado, ele foi horrroso contigo...

Mas ao ouvir estas palavras, Winky colocou as mãos sobre os buracos do chapéu, espalmando as orelhas para não ouvir nem mais uma palavra e guinchou:

— Não insultar o meu amo, menina! Não insultar Mr. Crouch! Mr. Crouch ser um feiticeiro bom, menina! Mr. Crouch ter razão em despedir a má da Winky!

— Winky estar a ter problemas em se adaptar, Harry Potter — guinchou Dobby confidencialmente. — Winky esquecer que já não estar ligada a Mr. Crouch; agora poder dizer a sua opinião, mas não o fazer.

— Então, os elfos domésticos não podem dar a sua opinião sobre os amos? — perguntou Harry.

— Oh, não, senhor, não — disse Dobby, com um ar subitamente sério. — Fazer parte da escravatura dos elfos domésticos. Nós guardar os segredos deles e calarmos, senhor, nós defender a honra da família e nunca dizer mal deles... embora professor Dumbledore dizer a Dobby que não insiste nisso. Professor Dumbledore dizer que nós ser livres... para...

Dobby ficou subitamente nervoso e fez sinal a Harry que se aproximasse. Harry inclinou-se para a frente.

Dobby murmurou:

— Ele dizer que nós ser livres para chamarmos a ele... um velho imbecil, se nós querer, senhor!

Dobby soltou uma gargalhadinha assustada.

— Mas Dobby não estar a querer, Harry Potter — disse ele, falando outra vez normalmente, enquanto abanava a cabeça e fazia oscilar as orelhas. — Dobby gostar muito do professor Dumbledore, senhor, e ter orgulho em guardar segredos dele.

— Mas agora podes dizer o que quiseres dos Malfoy? — perguntou-lhe Harry, sorrindo.

Uma vaga expressão de medo apareceu nos enormes olhos de Dobby.

— Dobby... Dobby poder — disse ele cheio de dúvidas. Endireitou os pequenos ombros. — Dobby poder dizer a Harry Potter que os seus antigos amos ser... ser... *feiticeiros das Trevas maus!*

Dobby ficou ali de pé, a tremer por todos os lados, horrorizado com o seu próprio atrevimento e depois foi a correr até à mesa mais próxima e começou a bater com a cabeça nela, com muita força e a guinchar:

— *Dobby mau! Dobby mau!*

Harry agarrou Dobby pela parte de trás da gravata e puxou-o, afastando-o da mesa.

— Obrigado, Harry Potter, obrigado — agradeceu Dobby sem fôlego, esfregando a cabeça.

— Só te falta um pouco de prática — disse Harry.

— Prática! — guinchou Winky, furiosa. — Tu dever ter vergonha de ti próprio, Dobby, falar desse modo dos teus amos.

— Eles não ser mais meus amos, Winky! — exclamou Dobby, em tom de desafio. — Dobby já não querer saber o que eles pensar!

— Oh, tu ser um elfo mau, Dobby! — gemeu Winky, com as lágrimas a correr-lhe pela cara baixo outra vez. — Meu pobre Mr. Crouch, o que fazer ele sem Winky? Ele precisar de mim, ele precisar da minha ajuda! Eu tomar conta dos Crouch toda a vida, e a minha mãe fazer o mesmo antes de mim, e a minha avó fazer o mesmo antes dela... oh, que diziam elas se saberem que Winky ser libertada? Oh, que vergonha, que vergonha! — Enterrou novamente a cara na saia e berrou.

— Winky — disse Hermione com firmeza —, tenho a certeza de que Mr. Crouch passa muito bem sem ti. Nós vimo-lo, sabes...

— Verem o meu patrão? — perguntou Winky sem fôlego, erguendo o rosto manchado de lágrimas e olhando espantada para Hermione. — Verem ele aqui em Hogwarts?

— Sim — respondeu Hermione. — Ele e Mr. Bagman são juízes no Torneio dos Três Feiticeiros.

— Mr. Bagman vir também? — guinchou Winky e, para grande surpresa de Harry (e também de Ron e Hermione, a julgar pela expressão dos seus rostos), ficou novamente zangada. — Mr. Bagman ser um feiticeiro mau! Um feiticeiro muito mau! O meu amo não gostar dele, oh não, não gostar nada!

— Bagman... mau? — perguntou Harry.

— Oh, sim — disse Winky, acenando furiosamente com a cabeça. — O meu amo contar a Winky cá umas coisas! Mas Winky não dizer... Winky... Winky guardar segredos do amo...

Voltou a debulhar-se em lágrimas; conseguiam ouvi-la a soluçar sobre a saia: — Pobre amo, pobre amo, já não ter Winky para o ajudar!

Não lhe conseguiram arrancar mais nenhuma palavra compreensível. Deixaram-na com o seu pranto e acabaram o chá, enquanto Dobby palrava animadamente sobre a sua vida de elfo livre e dos seus planos de salários.

— A seguir, Dobby ir comprar uma camisola, Harry Potter! — disse ele todo contente, apontando para o peito nu.

— Sabes uma coisa, Dobby —, murmurou Ron, que parecia ter ficado a

gostar imenso do elfo —, dou-te a que a minha mãe me tricotar para este Natal, recebo sempre uma. Não te importas se for vermelha-escura, pois não?

Dobby ficou deliciado.

— Talvez seja preciso encolhê-la um bocado para te servir, — acrescentou Ron —, mas condiz com o teu abafador.

Quando Harry e os amigos se preparavam para partir, muitos dos elfos presentes aproximaram-se, oferecendo-lhes comida para eles levarem para cima. Hermione recusou, com um ar irritado pela forma como os elfos não paravam de fazer vénias, mas Harry e Ron encheram os bolsos de bolos de creme e tartes.

— Muito obrigado! — disse Harry aos elfos, que se tinham juntado todos à porta para dizer boa noite. — Até à vista, Dobby!

— Harry Potter..., Dobby poder ir ver Harry Potter às vezes? — perguntou Dobby hesitantemente.

— Está claro que podes — respondeu Harry e Dobby sorriu.

— Sabes que mais? — disse Ron, assim que ele, Hermione e Harry se tinham afastado das cozinhas e subiam novamente os degraus para o *Hall*. — Tenho andado todos estes anos tão impressionado com a forma como o Fred e o George roubavam comida das cozinhas... bem, não é lá muito difícil, pois não? Eles estão ansiosos por oferecê-la!

— Acho que vir para Hogwarts foi a melhor coisa que podia ter acontecido a estes elfos — disse Hermione, seguindo à frente pelas escadas de mármore. — Refiro-me ao Dobby ter vindo trabalhar para aqui. Os outros elfos hão-de ver como ele está feliz por ser livre e, lentamente, ir-se-ão apercebendo de que também querem o mesmo!

— Esperemos que não reparem muito na Winky! — exclamou Harry.

— Oh, ela vai animar-se — disse Hermione, sem grande convicção. — Assim que lhe passar o choque e se habituar a Hogwarts, verá como passa muito melhor sem aquele Crouch.

— Parece que o adora — retorquiu Ron com a boca cheia (começara a comer um bolo de creme).

— Mas não tem lá muito boa opinião do Bagman, pois não? — disse Harry. — Quem me dera saber o que o Crouch diz em casa sobre ele.

— Provavelmente, que ele não é lá muito bom chefe de departamento — respondeu Hermione — e, aqui para nós... até tem razão, não tem?

— Eu cá preferia trabalhar para ele do que para o velho Crouch — disse Ron. — Pelo menos, o Bagman tem sentido de humor.

— Não deixes que o Percy te ouça dizer isso — retorquiu Hermione, sorrindo ligeiramente.

— Bem, não me parece que para o Percy fosse muito importante trabalhar para alguém com sentido de humor — disse Ron, começando a comer um *éclair* de chocolate. — O Percy não percebia uma anedota nem que ela se pusesse a dançar nua à sua frente, usando só o abafador de bule do Dobby.

XXII

A TAREFA INESPERADA

— **P**otter! Weasley! Importam-se de prestar atenção?
A voz irritada da professora McGonagall estalou como um chicote na aula de Transfiguração de quinta-feira e tanto Harry como Ron deram um salto e olharam para cima.

Estava-se no fim da aula e tinham acabado o trabalho. As galinhas-da-índia que tinham estado a transformar em porquinhos-da-índia encontravam-se já fechadas numa grande gaiola em cima da secretária da professora (o porquinho de Neville ainda tinha penas); tinham copiado do quadro o trabalho de casa («Descreva, com exemplos, a forma como os Feitiços de Transformação devem ser adaptados quando se realizam Trocas Entre-Espécies»). A campanha devia tocar a qualquer momento e Harry e Ron, que tinham estado a lutar às espadas com duas das varinhas falsas de Fred e George no fundo da aula, olharam para cima. Nesse momento, Ron segurava um papagaio de lata e Harry, um eglefim de borracha.

— O Potter e o Weasley têm estado a portar-se como dois miúdos — repreendeu a professora McGonagall, lançando a ambos um olhar zangado e a cabeça do eglefim de Harry inclinou-se e caiu silenciosamente no chão (o bico do papagaio de Ron tinha-a decepado momentos antes). — Tenho uma coisa a dizer-vos. Aproxima-se o Baile de Natal... uma parte tradicional do Torneio dos Três Feiticeiros e uma oportunidade de confraternizarem com os nossos convidados estrangeiros. Como sabem, só podem ir ao baile os alunos a partir do quarto ano, embora possam convidar um aluno mais novo, se assim o desejarem...

Lavender Brown soltou uma gargalhadinha aguda. Parvati Patil deu-lhe uma cotovelada nas costelas, contorcendo furiosamente o rosto, pois estava também a tentar não se rir. Olharam ambas para Harry. A professora

McGonagall ignorou-as, o que Harry achou muito injusto, pois acabara de lhe ralar a ele e a Ron.

— O traje de cerimónia é obrigatório — continuou a professora McGonagall — e o baile começa às oito horas do dia de Natal e termina à meia-noite, no Salão Nobre. Mais...

A professora McGonagall olhou intencionalmente em volta da sala.

— O Baile de Natal é, evidentemente, uma oportunidade para... usarmos o cabelo solto — disse ela, num tom de desaprovação.

Lavender ria mais do que nunca, com a mão a tapar a boca para abafar o som. Desta vez, Harry conseguiu ver onde estava a graça: a professora McGonagall, com o seu cabelo bem preso num carrapito, parecia nunca ter usado o cabelo solto na vida.

— Mas isso NÃO quer dizer — continuou a professora — que se ignorem as regras de bom comportamento que se esperam dos alunos de Hogwarts. Ficarei seriamente aborrecida se algum aluno dos Gryffindor envergonhar a escola, seja de que maneira for.

A campainha tocou e houve o habitual tumulto, enquanto todos guardavam as coisas nos sacos e os punham ao ombro.

A professora McGonagall fez-se ouvir por cima do barulho:

— Potter... uma palavrinha, se fazes favor.

Pensando que aquilo tinha a ver com o seu eglefim de borracha decapitado, Harry aproximou-se cabisbaixo da secretária da professora.

Esta esperou até o resto da turma ter saído e depois disse:

— Potter, os campeões e os seus pares...

— Que pares? — perguntou Harry.

A professora McGonagall olhou para ele desconfiadamente, como se pensasse que ele estava a tentar ser engraçado.

— Os vossos pares para o Baile de Natal — disse ela friamente. — Os vossos *pares de dança*.

Harry sentiu que as suas entranhas se contorciam e encolhiam.

— Pares de dança? — murmurou a corar. — Eu não sei dançar — adiantou ele rapidamente.

— Oh, sabes, sim — respondeu a professora McGonagall irritada. — É disso que te estou a falar. Tradicionalmente, os campeões e os seus pares abrem o baile.

Harry teve uma súbita imagem mental de si próprio de chapéu alto e fraque, acompanhado por uma rapariga com o tipo de vestido franzido que a tia Petúnia levava sempre às festas da empresa do tio Vernon.

— Eu não danço — disse ele.

— É a tradição — respondeu com firmeza a professora McGonagall. —

És um campeão de Hogwarts e farás o teu dever como representante da escola. Portanto, trata de arranjar um par, Potter.

— Mas... eu não...

— Ouviste-me muito bem, Potter — disse a professora McGonagall num tom definitivo.

*

Uma semana antes, Harry teria dito que arranjar um par para um baile seria canja, comparado com desafiar um Cauda-de-Chifre húngaro. Mas agora que já fizera isso e enfrentava a tarefa de ter de convidar uma rapariga para o baile, pensava que preferia outra dose do Cauda-de-Chifre.

Harry nunca vira tantas pessoas a pôr o nome na lista para ficarem em Hogwarts no Natal. É claro que ele estava habituado, porque a alternativa seria regressar a Privet Drive, mas até ali fizera sempre parte da minoria. Contudo, este ano parecia que toda a gente do quarto ano em diante queria ficar e Harry achava que andavam todos obcecados com o baile que se aproximava — ou, pelo menos, todas as raparigas, e era impressionante o número de raparigas que subitamente parecia haver em Hogwarts. Antes, nunca reparara nisso. Agora, eram raparigas a dar gargalhadinhas e a sussurrar pelos corredores, raparigas a guinchar quando os rapazes passavam por elas, raparigas excitadas a passar bilhetinhos contando o que iam vestir na noite de Natal...

— Por que é que elas têm de andar em bandos? — perguntou Harry a Ron, quando um grupo composto por uma dúzia de raparigas passou por eles, com risos abafados e a olhar muito para Harry. — Como é que é possível apanhar uma sozinha para a convidar?

— Apanha-la com uma laçada — sugeriu Ron. — Já sabes quem é que vais convidar?

Harry não respondeu. Sabia muito bem quem *gostaria* de convidar, mas arranjar coragem era outra coisa... Cho era um ano mais velha que ele, bonita, uma excelente jogadora de Quidditch e muito popular entre os colegas.

Parecia que Ron sabia o que se passava na cabeça de Harry.

— Escuta, não vais ter problema nenhum. És um campeão. Acabaste de derrotar um Cauda-de-Chifre húngaro. Aposto que até fazem fila para ir contigo.

Em nome da sua amizade recentemente restaurada, Ron conseguira reduzir a amargura da sua voz. E, para grande espanto de Harry, verificou-se que tinha toda a razão.

Uma rapariga dos Hufflepuff do terceiro ano, de cabelos encaracolados, com quem Harry nunca falara na vida, convidou-o para ir ao baile com ela logo no dia seguinte. Ele ficou tão espantado que disse que não mesmo antes de ter parado para pensar no assunto. A rapariga afastou-se com uma expressão bastante magoada e Harry teve de aturar as piadas de Dean, Seamus e Ron sobre ela durante toda a aula de História da Magia. No dia seguinte, convidaram-no mais duas raparigas, uma do segundo ano e (para seu horror) uma do quinto ano que tinha ar de quem era capaz de lhe bater, se ele recusasse.

— Era bastante bonita — comentou Ron com justiça, depois de parar de rir.

— Era mais alta que eu para aí uns trinta centímetros — disse Harry, ainda enervado. — Imagina a minha figura a tentar dançar com ela.

As palavras de Hermione sobre Krum não lhe saíam da cabeça. «Só gostam dele porque é famoso!» Harry duvidava muito de que alguma das raparigas que até agora lhe tinham pedido para ser seu par quisesse a sua companhia no baile, se ele não fosse campeão da escola. Depois, interrogou-se se isso o aborreceria caso tivesse sido Cho a convidá-lo.

Mas Harry tinha de admitir que, mesmo com a embaraçosa perspectiva de se ver obrigado a abrir o baile, a vida melhorara muito desde que passara a primeira tarefa. Já não era alvo de tantos ditos desagradáveis nos corredores e suspeitava de que isso tinha alguma coisa a ver com Cedric — provavelmente ele tinha dito aos Hufflepuff para o deixarem em paz, em agradecimento pela sua dica sobre os dragões. Também parecia haver menos emblemas com *Apoiem o CEDRIC DIGGORY*. É claro que Draco Malfoy continuava a citar-lhe o artigo de Rita Skeeter sempre que se lhe deparava uma oportunidade, mas provocava cada vez menos gargalhadas e só para aumentar a sensação de bem-estar de Harry, não aparecera nenhuma história sobre Hagrid n' *O Profeta Diário*.

— Ela ná pareceu lá muito interessada em criaturas mágicas, pra vos dizer a verdade — disse Hagrid, quando Harry, Ron e Hermione lhe perguntaram como corra a entrevista com Rita Skeeter, durante a última aula de Cuidados com as Criaturas Mágicas do período. Para grande alívio deles, Hagrid já desistira do contacto directo com os Explojentos e eles estavam simplesmente abrigados atrás da cabana de Hagrid, sentados a uma mesa de madeira a preparar uma selecção de alimentos frescos para tentar as criaturas.

— Ela só qu'ria qu'eu lhe falasse de ti, Harry — continuou Hagrid em voz baixa. — Bem, disse-lhe qu'éramos amigos desde que te fui buscar aos Dursley. «Nunca teve de lhe ralar em quatro anos?» perguntou ela.

«Nunca causou perturbação durante as aulas?» Disse-lhe que não e ela não pareceu lá muito contente. Até parecia qu'ela qu'ria que eu dissesse que tu eras horrível, Harry.

— É claro que queria — respondeu Harry, atirando pedaços de fígado de dragão para uma grande tigela de metal e pegando na faca para cortar mais. — Se continuar a escrever sobre mim, dizendo sempre que sou um heroizinho trágico, os artigos tornar-se-ão muito chatos.

— Ela quer outra perspectiva, Hagrid — disse Ron sabiamente, enquanto descascava ovos de salamandra. — Devias ter dito que o Harry era um perigoso delinquente!

— Mas não é verdade! — exclamou Hagrid, com uma expressão verdadeiramente chocada.

— Ela devia ter entrevistado o Snape — disse Harry. — Esse contava-lhe outras coisas de mim. *O Potter tem andado a pisar o risco desde que chegou a esta escola...*

— Ele disse isso? — perguntou Hagrid, enquanto Ron e Hermione riam. — Podes ter quebrado algumas regras, Harry, mas és fixe. N'és, Harry?

— Obrigado, Hagrid — respondeu Harry, sorrindo.

— Vens ao tal baile no dia de Natal, Hagrid? — perguntou Ron.

— Sim, pensei em dar uma espreitadela — disse Hagrid com voz rouca. — Acho que vai valer a pena. Tu vais abrir o baile, né, Harry? Quem é que levas?

— Por enquanto, ninguém — respondeu Harry, sentindo-se novamente a corar. Hagrid não insistiu.

À medida que avançava, a última semana do período foi-se tornando cada vez mais turbulenta. Havia boatos sobre o Baile de Natal por todo o lado, embora Harry não acreditasse nem em metade do que ouvia — dizia-se, por exemplo, que Dumbledore comprara oitocentas embalagens de hidromel a Madame Rosmerta. No entanto, parecia ser verdade que contratara as Weird Sisters. Harry não sabia bem quem ou o que eram as Weird Sisters, pois nunca tivera acesso a um rádio de feiticeiros, mas deduzia pela excitação desenfreada dos que tinham crescido a escutar a WWN (Wizarding Wireless Network, a estação de rádio dos feiticeiros) que eram uma banda muito famosa.

Alguns dos professores desistiram de tentar ensinar-lhes o que quer que fosse, percebendo que eles tinham a cabeça noutro planeta. O pequeno professor Flitwick deixou-os fazer jogos na aula de quarta-feira e passou grande parte do tempo a falar com Harry sobre o perfeito Encantamento de Convocação que ele usara na primeira tarefa do Torneio dos Três Feiticeiros. Mas nem todos os professores foram tão generosos. Por

exemplo, nada conseguiu evitar que o professor Binns levasse até ao fim as suas notas sobre revoltas de duendes; Binns, que não permitira que a sua própria morte o impedisse de continuar a dar aulas, não ia deixar que uma insignificância como o Natal lhe atrapalhasse a matéria. Era espantoso como ele conseguia transformar até os motins de duendes mais sangrentos e cruéis em algo de tão aborrecido como o relatório de Percy sobre os fundos dos caldeirões. A professora McGonagall e o professor Moody também os mantiveram a trabalhar até ao último segundo das aulas e Snape queria tanto deixá-los brincar na aula como adoptar Harry. Olhando para todos com um ar malvado, informou-os de que na última aula os iria submeter a testes sobre antídotos de venenos.

— É mesmo mau — disse Ron amargamente nessa noite, na sala comum dos Gryffindor. — Atirar-nos com um teste na última aula. Estragar os últimos dias do período com montes de revisões.

— Humm... mas tu não estás a esforçar-te lá muito, pois não? — observou Hermione, olhando para ele por cima dos seus apontamentos de Poções. Ron estava ocupadíssimo a construir um castelo de cartas com o seu baralho de Explosão Súbita... um passatempo muito mais interessante que os que se faziam com cartas Muggle, devido à possibilidade de tudo aquilo explodir a qualquer momento.

— É Natal, Hermione — lembrou Harry com preguiça. Estava a ler *Voando com os Cannons* pela décima vez, numa poltrona junto da lareira. Hermione também olhou para ele com severidade.

— Pessoalmente, acho que devias estar a fazer algo de construtivo, Harry, mesmo que não queiras aprender os teus antídotos!

— Como, por exemplo? — perguntou Harry, enquanto observava Joey Jenkins dos Cannons a atingir uma *bludger*, atirando-a para o *chaser* dos Ballycastle Bats.

— Aquele ovo! — exclamou Hermione na sua voz aguda.

— Vá lá, Hermione, tenho até 24 de Fevereiro — respondeu Harry.

Guardara o ovo dourado lá em cima, no baú, e não o abrira desde a festa de comemoração, depois da primeira tarefa. Afinal de contas, ainda faltavam dois meses e meio até ser preciso descobrir o significado de todos aqueles gemidos e guinchos.

— Mas pode levar semanas a descobrir! — insistiu Hermione. — Vais fazer uma verdadeira figura de idiota, se todos souberem qual é a próxima tarefa e tu não!

— Deixa-o em paz, Hermione, ele merece descansar um pouco — disse Ron, colocando as duas últimas cartas no cimo do castelo, que explodiu, chamuscando-lhe as sobrancelhas.

— Belo estilo, Ron... vai bem com o teu manto de cerimónia.

Eram Fred e George. Sentaram-se à mesa com Harry, Ron e Hermione, enquanto Ron apalpava as sobrancelhas, para ver a extensão dos danos.

— Ron, podes emprestar-nos a *Pigwidgeon*? — perguntou George.

— Não, saiu para entregar uma carta — respondeu Ron. — Porquê?

— Porque o George quer convidá-la para o baile — afirmou Fred sarcasticamente.

— Porque *nós* queremos mandar uma carta, seu idiota — retorquiu George.

— Para quem é que vocês não param de escrever, hã? — perguntou Ron.

— Não metas o nariz, Ron, senão também to queimo — respondeu Fred, agitando a varinha com ar ameaçador. — E... vocês já têm pares para o baile?

— Não — disse Ron.

— Então, é melhor apressares-te, amigo, senão as melhores desaparecem — respondeu Fred.

— Com quem é que vais? — perguntou Ron.

— Com a Angelina — disse ele, sem se mostrar nada envergonhado.

— O quê? — exclamou Ron, espantado. — Já a convidaste?

— Bem observado — disse Fred. — Virou a cabeça e disse para o outro lado da sala: — Eh! Angelina!

Angelina, que estava a conversar com Alicia Spinnet perto da lareira, olhou para ele.

— O que é?

— Queres ir ao baile comigo?

Angelina olhou para Fred de cima abaixo.

— Está bem — respondeu, voltando-se para Alicia e continuando a conversar, com um ligeiro sorriso no rosto.

— Aí tens — disse Fred para Harry e Ron. — Foi canja.

Pôs-se de pé, bocejou e disse:

— Acho que o melhor é usarmos uma coruja da escola, George, vamos...

Foram-se embora. Ron parou de apalpar as sobrancelhas e olhou para Harry, por cima dos destroços fumegantes que eram o seu castelo de cartas.

— Nós *devíamos* despachar-nos, sabes... convidar alguém. Ele tem razão. Não queremos ficar com um par de monstros.

Hermione silvou de indignação.

— Desculpem lá... um par de *quê*?

— Bem... sabes — respondeu Ron, encolhendo os ombros. — Preferia ir sozinho que com... com a Eloise Midgen, por exemplo.

— O acne dela melhorou muito ultimamente... e ela é bem simpática!

— Tem o nariz de banda — respondeu Ron.

— Ah, já percebi — disse Hermione, irritada. — Vocês vão convidar a rapariga mais bonita que vos aceitar, mesmo que seja absolutamente horrível?

— Hã... sim, é mais ou menos isso — respondeu Ron.

— Vou-me deitar — retorquiu asperamente Hermione, afastando-se sem mais palavras em direcção à escada das raparigas.

*

O pessoal de Hogwarts, profundamente desejoso de impressionar os visitantes de Beauxbatons e Durmstrang, parecia decidido a embelezar ao máximo o castelo no período do Natal. Quando foram colocadas as decorações alusivas à época, Harry constatou que eram as mais espantosas que alguma vez tinha visto. Tinham pendurado pingentes de gelo eterno na balaustrada da escadaria de mármore; as habituais doze árvores de Natal do Salão Nobre estavam cobertas de tudo e mais alguma coisa, desde bagas de azevinho luminosas a corujas verdadeiras que piavam e as armaduras tinham sido enfeitadas para entoarem cânticos de Natal sempre que alguém passava por elas. Era incrível ouvir «Jingle Bells» cantado por um capacete vazio que só sabia metade da letra. Por várias vezes, Filch, o encarregado, teve de tirar Peeves de dentro da armadura, onde ele se escondera, preenchendo as lacunas da letra com versos inventados por ele e que eram todos muito grosseiros.

E Harry ainda não tinha convidado Cho para o baile! Tanto ele como Ron sentiam-se bastante nervosos, embora, segundo Harry afirmou, Ron fizesse um papel menos estúpido do que ele se aparecesse sozinho. Harry tinha de abrir o baile juntamente com os outros campeões.

— Bem, há sempre a Murta Queixosa — disse ele cabisbaixo, referindo-se ao fantasma que assombrava a casa de banho das raparigas do segundo andar.

— Harry... temos de cerrar os dentes e enfrentar a situação — decidiu Ron na sexta-feira de manhã, num tom de quem planeava o assalto a uma fortaleza inexpugnável. — Hoje à noite, quando voltarmos à sala comum, ambos teremos pares... de acordo?

— Hã... está bem — respondeu Harry.

Mas sempre que, ao longo do dia, avistava Cho (durante o intervalo, ao almoço e uma vez a caminho da aula de História da Magia) ela estava rodeada de amigas. Será que *nunca* ia a lado nenhum sozinha? Poderia ele

fazer-lhe uma espera quando ela fosse a entrar na casa de banho? Mas não... até aí parecia que ela ia com uma escolta de quatro ou cinco raparigas. No entanto, se ele não fosse rápido, quando tentasse convidá-la, certamente outro rapaz já o teria feito.

Foi-lhe difícil concentrar-se no teste de Antídotos de Snape e, em consequência, esqueceu-se de acrescentar o ingrediente principal — um bezoar — o que fez com que tivesse uma péssima nota. Mas Harry não se importou; estava demasiado ocupado a ganhar coragem para fazer o que tinha a fazer. Quando a campainha tocou, agarrou no saco e saiu disparado em direcção à porta da masmorra.

— Encontramo-nos ao jantar — disse a Ron e Hermione e desapareceu pelas escadas acima.

Teria de pedir a Cho para falar com ela em particular, só isso... caminhou rapidamente pelos corredores apinhados, à procura dela e (muito mais cedo do que esperava) encontrou-a a sair de uma aula de Defesa Contra a Magia Negra.

— Hã... Cho? Posso dar-te uma palavrinha?

Deviam proibir as gargalhadinhas histéricas, pensou Harry furioso, quando todas as raparigas em volta de Cho começaram a rir. Mas ela não o fez. Disse «Está bem!» e seguiu-o, até ficarem fora do alcance das colegas.

Harry voltou-se para olhar para ela e o seu estômago deu um salto esquisito, como se tivesse falhado um degrau ao descer as escadas.

— Hã... — balbuciou ele.

Não conseguia convidá-la. Não conseguia. Mas tinha de o fazer. Cho estava ali, espantada, a observá-lo.

As palavras saíram-lhe antes de Harry conseguir articulá-las bem.

— Quesióbailecomigo?

— O quê? — disse Cho.

— Queres... queres ir ao baile comigo? — perguntou Harry. Por que é que tinha de corar agora? *Porquê?*

— Oh! — exclamou Cho e corou também. — Oh, Harry, tenho imensa pena — e parecia ser verdade. — Já prometi a outra pessoa que ia com ela.

— Oh — disse Harry.

Foi esquisito. Um momento antes, as suas entranhas contorciam-se como serpentes, mas subitamente parecia terem desaparecido.

— Oh, deixa lá — disse ele —, não há problema.

— Tenho mesmo pena — repetiu ela.

— Não faz mal — disse Harry.

Ficaram ali, a olhar um para o outro e depois Cho disse:

— Bem...

— Pois... — respondeu Harry.

— Bem, adeus — disse Cho, ainda muito corada. Afastou-se.

Harry chamou-a, antes de conseguir conter-se.

— Com quem é que vais?

— Oh... com o Cedric — respondeu ela. — O Cedric Diggory.

— Tudo bem — disse Harry.

Já sentia de novo as suas entranhas. Parecia que, entretanto, tinham sido enchidas com chumbo.

Esquecendo-se completamente do jantar, regressou lentamente à Torre dos Gryffindor, com a voz de Cho a ecoar-lhe nos ouvidos a cada passo que dava. «*Cedric... Cedric Diggory*». Tinha começado a simpatizar com Cedric... estava pronto a esquecer que ele o vencera uma vez no Quidditch, a perdoar-lhe o facto de ser bonito, popular e o campeão preferido de quase toda a gente. Mas agora percebia subitamente que Cedric era, na verdade, um menino bonito, inútil e sem miolos.

— Luzes de Natal — disse ele com ar soturno à Dama Gorda (a senha fora mudada no dia anterior).

— Sim, claro, querido! — chilreou ela, endireitando a sua nova fita do cabelo dourada e inclinando-se para a frente para o deixar passar.

Ao entrar na sala comum, Harry olhou em volta e, para sua surpresa, viu Ron sentado num canto ao fundo, pálido de morte. Ginny estava sentada ao pé dele, a falar numa voz baixa e calmante.

— O que se passa, Ron? — perguntou Harry, juntando-se a eles.

Ron ergueu o olhar para Harry, com uma espécie de horror cego no rosto.

— Por que é que eu fiz aquilo? — perguntou ele com ar de louco. — Não sei o que é que me deu!

— O quê? — perguntou Harry.

— Ele... hum... acabou de convidar a Fleur Delacour para ir ao baile com ele — contou Ginny. Parecia que estava a tentar conter um sorriso, mas continuava a dar palmadinhas carinhosas no braço de Ron.

— Tu... *o quê?* — exclamou Harry.

— Não sei o que me levou a fazer aquilo! — disse Ron. — Que diabo me passou pela cabeça? Havia pessoas... à volta... endoideci... todos a ver! Eu ia a passar por ela no *Hall*... ela estava ali a falar com o Diggory..., e deu-me assim uma coisa... e convidei-a!

Ron gemeu e cobriu a cara com as mãos. Continuou a falar, embora mal se distinguissem as palavras.

— Ela olhou para mim como se eu fosse uma lesma marinha ou coisa assim. Nem sequer respondeu. E depois... não sei... caí em mim e fugi

dali.

— Ela tem sangue de *Veela* — disse Harry. — Tinhas razão... a avó dela era *Veela*. A culpa não foi tua. Aposto que ias a passar quando ela estava a lançar o feitiço ao Diggory e apanhaste um bocado... mas ela estava a perder o seu tempo. Ele vai com a Cho Chang.

Ron olhou para cima.

— Acabei de a convidar para vir comigo — afirmou Harry tristemente — e ela disse-me que ia com o Diggory.

Ginny deixara subitamente de sorrir.

— Isto é uma loucura — murmurou Ron —, somos os únicos que não temos ninguém — bem, excepto o Neville... hã... sabem quem é que ele convidou? *A Hermione*.

— *O quê?* — exclamou Harry, completamente confundido com a incrível notícia.

— Sim, eu sei! — disse Ron, enquanto as cores lhe voltaram ao rosto, começando a rir. — Ele contou-me a seguir à aula de Poções. Disse que ela se tem mostrado sempre muito simpática, ajudando-o nos trabalhos e tudo isso... mas agora disse-lhe que já ia com outra pessoa. Ah! Como se eu acreditasse! O que ela não quis foi ir com o Neville... E quem é que queria?

— Não... — disse Ginny, aborrecida —, não te rias...

Nesse momento, Hermione entrou pelo buraco do retrato.

— Por que é que não foram jantar? — perguntou ela, juntando-se a eles.

— Porque... oh, parem lá de rir, vocês os dois... porque levaram ambos uma tampa das raparigas que convidaram para o baile! — respondeu Ginny.

Isto fez com que Harry e Ron se calassem.

— Muito obrigado, Ginny — disse Ron com amargura.

— As bonitas já têm todas par, Ron? — perguntou Hermione arrogantemente. — Agora a Eloise Midgen começa a parecer bastante apresentável, não é? Bem, tenho a certeza de que hão-de encontrar alguém, *algures*, que vos aceite.

Mas Ron olhava para Hermione como se, subitamente, a visse a uma luz totalmente nova.

— Hermione, o Neville tem razão... tu *és* uma rapariga...

— Muito bem visto — respondeu ela com acidez.

— Bem... podias vir com um de nós!

— Não, não posso — retorquiu Hermione asperamente.

— Então, vá lá — disse ele com impaciência —, precisamos de um par, vamos fazer figura de parvos se não tivermos um, todos têm...

— Não posso ir com vocês — disse Hermione, corando —, porque já vou com outra pessoa.

— Não vais nada! — exclamou Ron. — Só disseste isso para te livrares do Neville!

— Ah, foi? — exclamou Hermione, com os olhos a brilharem furiosamente. — Lá porque *tu* demoraste três anos a perceber, não quer dizer que mais ninguém tenha reparado que sou rapariga!

Ron ficou a olhar para ela. Depois sorriu novamente.

— Claro, claro, sabemos que és rapariga! — apaziguou-a ele. — Assim está bem? Agora vens?

— Já te disse! — respondeu Hermione, muito zangada. — Vou com outra pessoa!

E afastou-se, furiosa, em direcção ao dormitório das raparigas.

— Está a mentir — disse Ron terminantemente, vendo-a afastar-se.

— Não está nada — respondeu Ginny baixinho.

— Então, quem é? — perguntou Ron com brusquidão.

— Não te vou dizer, é um assunto dela — disse Ginny.

— Muito bem — respondeu Ron, que parecia profundamente incomodado —, isto está a ficar uma estupidez. Ginny, *tu* podes ir com o Harry e eu...

— Não posso — respondeu Ginny, ficando também muito corada. — Eu vou com... com o Neville. Ele convidou-me quando a Hermione disse que não e eu pensei... bem... de outra forma não podia ir, não sou do quarto ano. — Parecia muitíssimo infeliz. — Acho que vou jantar — decidiu ela, levantando-se e encaminhando-se para o buraco do retrato, com a cabeça baixa.

Ron olhou para Harry com os olhos esbugalhados.

— O que é que lhes deu? — perguntou ele, irritado.

Mas Harry acabara de ver Parvati e Lavender a entrarem pelo buraco do retrato. Chegara a altura de uma acção drástica.

— Espera aqui — disse ele a Ron e, levantando-se, dirigiu-se a Parvati e perguntou:

— Parvati? Queres ir ao baile comigo?

Parvati teve um ataque de gargalhadinhas. Harry esperou que acabasse, com os dedos cruzados no bolso do manto.

— Sim, está bem — disse ela por fim, corando profundamente.

— Obrigado — disse Harry, aliviado. — Lavender... queres ir com o Ron?

— Ela vai com o Seamus — respondeu Parvati e ambas se riram mais do que nunca.

Harry suspirou.

— Não sabem de ninguém que possa ir com o Ron? — perguntou ele, baixando a voz para que Ron não ouvisse.

— E que tal a Hermione Granger? — perguntou Parvati.

— Ela vai com outra pessoa.

Parvati ficou espantada.

— Ooooh... *quem?* — perguntou, interessadíssima.

Harry encolheu os ombros.

— Não faço ideia — respondeu ele. — Então, e o Ron?

— Bem... — disse Parvati lentamente — acho que talvez a minha irmã possa... a Padma, sabes... dos Ravenclaw. Eu pergunto-lhe, se quiseres.

— Sim, seria óptimo — respondeu Harry. — Diz-me qualquer coisa, está bem?

E voltou para ao pé de Ron, achando que aquele baile era uma carga de trabalhos e esperando ansiosamente que o nariz de Padma Patil estivesse no seu lugar.

XXIII

O BAILE DE NATAL

Apesar da enorme quantidade de trabalhos de casa que os alunos do quarto ano tinham para fazer, Harry estava sem disposição para trabalhar quando o período acabou e passou a semana antes do Natal a divertir-se o mais possível, juntamente com todos os outros. A Torre dos Gryffindor não tinha muito menos gente que durante o tempo de aulas e até parecia ter encolhido ligeiramente, pois os seus habitantes andavam muito mais barulhentos que o costume. Fred e George tinham tido muito êxito com as suas tartes de creme de canário e durante os primeiros dois dias das férias havia sempre gente por todo o lado a aparecer, de repente, coberta de penas. No entanto, passado pouco tempo, todos os Gryffindor tinham aprendido a ter imensa cautela com qualquer alimento que lhes oferecessem, não fosse ter uma tarte de creme de canário escondida no meio e George contou a Harry que ele e Fred estavam agora a trabalhar noutra coisa. Harry pensou que não se podia esquecer de não aceitar nem sequer uma batata frita de Fred e George no futuro. Ainda não se tinha esquecido de Dudley e do Rebuçado Língua de Léguas.

A neve caía pesadamente sobre o castelo e sobre os campos. A carruagem azul-clara de Beauxbatons parecia uma enorme abóbora gelada, coberta de *glacé*, ao lado da cabana de contos de fadas de Hagrid, igualmente gelada, ao passo que as vigias do navio de Durmstrang estavam cobertas de gelo e o cordame envolto em geada. Lá em baixo, na cozinha, os elfos domésticos faziam o seu melhor, cozinhando uma série de guisados quentinhos e suculentos, saborosos pudins e só Fleur Delacour parecia conseguir encontrar alguma coisa de que se queixar.

— É muitô pesadá, toda esta comidá de Hogwarrrts — ouviram-na dizer de mau humor, uma tarde ao saírem do Salão atrás dela (com Ron a

esconder-se atrás de Harry, ansioso para não ser visto por Fleur). — Nón vou caberr no meu fato!

— Oooh, que pena — comentou Hermione rapidamente, quando Fleur passou para o *Hall*. — Aquela acha-se o máximo, não acha?

— Hermione... com quem é que vais ao baile? — perguntou Ron.

Ele não parava de lhe atirar com aquela pergunta, esperando que ela se distraísse e lhe respondesse, mas Hermione limitava-se a olhar carracunda para ele e a dizer:

— Não te vou contar, só ias fazer pouco de mim.

— Estás a gozar, Weasley? — disse Malfoy, atrás dele. — Não me digas que alguém convidou *isso* para o baile? Essa Sangue de Lama com dentes de mula?

Harry e Ron voltaram-se os dois ao mesmo tempo, mas Hermione disse em voz alta, acenando para alguém por cima do ombro de Malfoy:

— Olá, professor Moody!

Malfoy empalideceu e deu um salto para trás, olhando desvairadamente em volta, à procura de Moody, mas este estava ainda na mesa dos professores, a acabar o seu guisado.

— Não passas de um furão com tiques, Malfoy — disse Hermione mordazmente e subiu as escadas de mármore com Harry e Ron a rir de satisfação.

— Hermione — disse Ron, olhando-a de lado e franzindo subitamente o sobrolho —, os teus dentes...

— O que é que têm? — perguntou ela.

— Bem, estão diferentes... Reparei agora...

— É claro que estão. Esperavas que ficasse com aquelas presas que o Malfoy me arranjou?

— Não, quero dizer, estão diferentes do que eram antes de ele te ter lançado aquele feitiço... estão... direitos e... mais pequenos.

Subitamente, Hermione sorriu maliciosamente e Harry também notou: era um sorriso muito diferente daquele de que se lembrava.

— Bem... quando fui ter com a Madame Pomfrey para os encolher, ela segurou num espelho e disse-me para a mandar parar quando os dentes tivessem voltado ao seu tamanho habitual — explicou Hermione. — E eu só... a deixei continuar mais um bocadinho. — Fez um sorriso ainda mais aberto. — O meu pai e a minha mãe não vão ficar lá muito contentes. Há séculos que ando a tentar convencê-los a deixarem-me encolhê-los, mas eles queriam que eu continuasse a usar o aparelho. Sabem, eles são dentistas, acham que dentes e magia não devem... olhem! *A Pigwidgeon* voltou!

A minúscula coruja de Ron piava loucamente no cimo da balaustrada coberta de pingentes de gelo, com um rolo de pergaminho atado à pata. As pessoas que passavam apontavam e riam-se e um grupo de raparigas do terceiro ano parou e disse:

— Oh, olhem para esta corujazinha! Não é um *amor*?

— Sua idiota com penas! — sibilou Ron, subindo as escadas a correr e agarrando em *Pigwidgeon*. — As cartas entregam-se directamente ao destinatário! Não é para ficares aí a exhibir-te.

Pigwidgeon piou de contentamento, com a cabeça a sair do punho de Ron. As raparigas do terceiro ano pareciam muito chocadas.

— Desapareçam! — disse Ron rispidamente, agitando a mão em que segurava *Pigwidgeon*, que piava mais contente do que nunca, balouçando no ar. — Vá, Harry... toma lá! — acrescentou Ron baixinho, enquanto as raparigas do terceiro ano se afastavam apressadamente com um ar escandalizado. Arrancando a resposta de Sirius da pata de *Pigwidgeon*, Harry enfiou-a no bolso e dirigiram-se rapidamente para a Torre dos Gryffindor para a lerem.

Na sala comum toda a gente gozava descontraidamente o seu período de férias sem reparar no que os outros faziam. Harry, Ron e Hermione sentaram-se longe dos colegas, junto de uma janela sombria que se enchia gradualmente de neve e Harry leu em voz alta:

Querido Harry,

parabéns por teres vencido o Cauda-de-Chifre. Quem quer que tenha posto o teu nome naquele Cálice, não se deve sentir lá muito feliz neste momento! Eu ia sugerir uma maldição Conjunctivitis, pois os olhos do dragão são o seu ponto mais fraco...

— Foi o que o Krum fez! — exclamou Hermione num sussurro.

... mas a tua solução foi melhor, estou impressionado.

No entanto, não te acomodes, Harry. Só realizaste uma tarefa; quem te inscreveu para o Torneio, tem muitas mais oportunidades, se é que está a tentar fazer-te mal. Mantém os olhos abertos... especialmente quando a pessoa de quem falámos estiver por perto. Concentra-te e mantém-te afastado dos problemas.

Vai escrevendo, continuo a querer ser informado se houver algo de invulgar.

Sirius

— Parece exactamente o Moody! — exclamou Harry baixinho, voltando

a enfiar a carta dentro do manto. — «Vigilância constante!» Até parece que ando por aí de olhos fechados, a bater nas paredes...

— Mas ele tem razão, Harry — opinou Hermione —, ainda *tens* duas tarefas para fazer. Devias mesmo dar uma olhadela àquele ovo, sabes, e começar a tentar descobrir o que significa...

— Hermione, ele tem montes de tempo! — disse Ron com aspereza. — Queres jogar xadrez, Harry?

— 'Tá bem — respondeu Harry. — Depois, vendo a expressão do rosto de Hermione, acrescentou: — Vá lá, como é que queres que me concentre com todo este barulho? Nesta confusão, nem sequer seria capaz de ouvir o ovo.

— Bem, acho que não — suspirou ela, sentando-se para assistir ao jogo de xadrez deles, que culminou num excitante xeque-mate de Ron, que envolveu dois peões imprudentemente corajosos e um bispo muito violento.

*

No dia de Natal, Harry acordou de repente. Sem entender o que causara o seu regresso abrupto ao estado de vigília, abriu os olhos e viu uma coisa com grandes olhos verdes redondos a olhar para ele da escuridão, tão perto que os seus narizes quase se tocavam.

— *Dobby!* — gritou Harry, afastando-se do elfo tão depressa que quase caiu da cama. — Não *faças* isso!

— Dobby lamentar, senhor! — guinchou Dobby ansiosamente, dando um salto para trás, com os seus longos dedos a taparem-lhe a boca. — Dobby estar só a querer desejar «Feliz Natal» a Harry Potter e trazer um presente, senhor! Harry Potter ter dito que Dobby poder vir ver ele às vezes, senhor!

— Tudo bem — disse Harry, ainda a respirar mais depressa que o costume, enquanto a sua pulsação regressava ao normal. — Mas de futuro... toca-me por exemplo no braço ou coisa assim, está bem? Não te debruces assim sobre mim...

Harry afastou as cortinas que rodeavam a sua cama de dossel, pegou nos óculos que estavam na mesinha-de-cabeceira e pô-los. O seu grito acordara Ron, Seamus, Dean e Neville. Estavam todos a espreitar por entre as aberturas das cortinas, com os olhos pesados e os cabelos em pé.

— Alguém te atacou, Harry? — perguntou Seamus, ensonado.

— Não, é apenas o Dobby — resmungou Harry. — Continuem a dormir.

— Ná... presentes! — disse Seamus, vendo o enorme monte ao pé da

sua cama. Ron, Dean e Neville também acharam que, já que estavam acordados, mais valia entreterem-se a abrir os seus presentes. Harry voltou-se novamente para Dobby, que estava agora de pé junto da sua cama, muito nervoso, ainda preocupado por ter perturbado Harry. Tinha uma bugiganga de Natal atada ao topo do seu abafador de chá.

— Dobby poder dar o seu presente a Harry Potter? — guinchou ele, esperançado.

— É claro que podes — disse Harry. — Hã... também tenho uma coisa para ti.

Era mentira. Não comprara nada para Dobby, mas abriu rapidamente o seu baú e tirou um par de peúgas cheias de borbotos. Eram as suas meias mais velhas e mais imundas, amarelo-mostarda, e já tinham pertencido ao tio Vernon. Tinham imensos borbotos porque Harry as utilizava havia mais de um ano para embrulhar o seu Avisoscópio. Tirou de lá de dentro o aparelho e deu as meias a Dobby, dizendo:

— Desculpa, esqueci-me de as embrulhar...

Mas Dobby ficou satisfeitíssimo.

— As meias ser mesmo a roupa preferida de Dobby, senhor! — disse ele, tirando rapidamente as suas, desirmanadas e calçando as do tio Vernon. — Agora, ter seis, senhor... mas, senhor... — acrescentou, abrindo os olhos depois de ter puxado ambas as meias até ao máximo, de forma que lhe chegavam aos calções — eles terem-se enganado na loja, Harry Potter, eles terem dado a ti duas iguais!

— Oh, não, Harry, como é que não deste por isso! — exclamou Ron, a sorrir da sua cama, que estava agora coberta de papel de embrulho. — Sabes que mais, Dobby... toma lá, fica com estas duas e podes misturá-las como deve ser. E aqui está a tua camisola.

Atirou a Dobby um par de meias roxas que acabara de desembulhar e a camisola tricotada à mão que Mrs. Weasley lhe mandara.

Dobby estava impressionadíssimo.

— O senhor ser muito amável! — guinchou ele, ficando outra vez com os olhos cheios de lágrimas e fazendo uma profunda vénia a Ron. — Dobby saber que o senhor dever ser um grande feiticeiro, pois ser o maior amigo de Harry Potter, mas Dobby não saber que ter também um espírito tão generoso, tão nobre, tão altruísta...

— São apenas meias! — exclamou Ron, que ficara com as orelhas ligeiramente vermelhas, embora continuasse com um ar bastante satisfeito. — Uau, Harry... — acabara de abrir o presente de Harry, um chapéu dos Chudley Cannon. — Fixe! — Enfiou-o na cabeça, onde não ficava nada bem com a cor do seu cabelo.

Dobby entregou, então, um pequeno embrulho a Harry, que por acaso eram... meias.

— Dobby fazê-las ele próprio, senhor! — exclamou o elfo, todo contente. — Eu comprar a lã com o meu salário, senhor!

A meia esquerda era de um vermelho-vivo e tinha desenhos de vassouras; a meia direita era verde, com desenhos de *snitches*.

— São... na verdade, são... bem, obrigado, Dobby — agradeceu Harry e calçou-as, fazendo com que os olhos de Dobby vertessem mais lágrimas de felicidade.

— Dobby ter de ir embora agora, senhor; nas cozinhas, estarmos já a fazer a ceia de Natal! — disse Dobby, apressando-se a deixar o dormitório e acenando a Ron e aos outros quando saiu.

Os outros presentes de Harry foram muito melhores que as meias desirmanadas de Dobby, com a óbvia exceção do dos Dursley, que consistia num único lenço de papel, o pior presente de sempre. Harry supôs que também eles continuavam a lembrar-se do Rebuçado Língua de Léguas. Hermione oferecera-lhe um livro chamado *As Equipas de Quidditch da Grã-Bretanha e da Irlanda*; Ron dera-lhe um saco cheio de Bombas de Estrume; Sirius, um prático canivete com acessórios para abrir qualquer fechadura e desfazer qualquer nó; e Hagrid dera-lhe uma enorme caixa de doces que incluía todos os preferidos de Harry — Feijões de Todos os Sabores de Bertie Bott, Sapos de Chocolate, pastilhas elásticas Drooble Melhor Estouro e Abelhas Sibilantes. Havia também, evidentemente, o habitual pacote de Mrs. Weasley, que incluía uma nova camisola (verde, com uma imagem de um dragão — Harry supôs que Charlie lhe contara tudo sobre o Cauda-de-Chifre) e uma grande quantidade de tartes de carne caseiras.

Harry e Ron encontraram-se com Hermione na sala comum e desceram juntos para o pequeno-almoço. Passaram a maior parte da manhã na Torre dos Gryffindor, onde todos se divertiam com os seus presentes e depois voltaram ao Salão para um magnífico almoço que incluía, pelo menos, uma centena de perus e pudins de Natal e enormes pilhas de biscoitos mágicos.

À tarde, foram até aos campos; a neve não tinha marcas, à exceção das profundas pistas feitas pelos estudantes de Durmstrang e de Beauxbatons a caminho do castelo. Hermione preferiu ficar a ver Harry e os Weasley a lutarem com bolas de neve em vez de se juntar a eles e às cinco horas disse que ia voltar lá para cima para se arranjar para o baile.

— O quê, precisas de três horas? — perguntou Ron, olhando para ela, incrédulo, e pagando a sua falta de concentração com uma enorme bola de neve, atirada por George, que o atingiu de lado, na cabeça. — Com quem é

que vais? — gritou-lhe ele, mas Hermione limitou-se a acenar e desapareceu pelas escadas de pedra, entrando no castelo.

Nesse dia não houve chá de Natal, pois o baile incluía um banquete. Por isso, às sete horas, quando se tornou difícil acertar no alvo, os outros abandonaram a batalha de bolas de neve e regressaram todos juntos à sala comum. A Dama Gorda estava sentada na moldura com a sua amiga Violet do andar de baixo, ambas já bastante alegres; o fundo do retrato estava cheio de caixas vazias de bombons de licor.

— Nuzes de Latal, é isso! — riu ela quando eles disseram a senha, inclinando-se para a frente para os deixar passar.

Harry, Ron, Seamus, Dean e Neville vestiram os seus mantos de cerimónia no dormitório, todos com um ar muito envergonhado, mas nenhum tanto como Ron, que olhava para si no espelho de parede com uma expressão horrorizada. Não havia forma de ignorar que o seu manto era parecidíssimo com um vestido. Numa tentativa desesperada de lhe dar um aspecto mais masculino, usou um Feitiço de Austeridade na gola e nos punhos. Funcionou bastante bem; pelo menos, já não tinha rendas, se bem que tivesse reparado, enquanto desciam as escadas, que as orlas do manto apresentavam ainda um ar esfiapado.

— Continuo sem perceber como é que vocês dois arranjaram as raparigas mais bonitas do ano — resmungava Dean.

— Magnetismo animal — respondeu Ron sorumbático, arrancando alguns fios dos punhos.

A sala comum tinha um aspecto estranho, cheia de pessoas com vestes de diversas cores, em vez do habitual negro. Parvati estava à espera de Harry ao fundo das escadas. Para dizer a verdade, estava muito bonita, com um manto cor-de-rosa choque e a sua longa trança escura entrelaçada a ouro e pulseiras douradas a brilharem nos pulsos. Harry ficou aliviado por ver que ela não estava a rir-se.

— Estás... estás... muito bonita — elogiou-a desajeitadamente.

— Obrigada — respondeu ela. — A Padma vai encontrar-se contigo no *Hall* — acrescentou ela para Ron.

— Certo — disse Ron, olhando em volta. — Onde está a Hermione? Parvati encolheu os ombros.

— Vamos descer, Harry?

— Sim — disse Harry, que, se pudesse escolher, teria ficado na sala comum. Fred piscou-lhe o olho à saída, ao passar por ele no buraco do retrato.

O *Hall* estava igualmente apinhado de estudantes, todos a andar de um lado para o outro, à espera das oito, hora a que se abririam as portas do

Salão Nobre. Aqueles que se iam encontrar com parceiros de outras escolas vagueavam por entre a multidão, tentando encontrá-los. Parvati encontrou a irmã, Padma e levou-a até junto de Harry e Ron.

— Olá — disse Padma, que estava tão bonita como Parvati, com um manto turquesa-vivo. No entanto, não parecia lá muito entusiasmada por ter Ron como par; os seus olhos escuros demoraram-se na gola e nas mangas esfarrapadas do seu manto, enquanto o mirava da cabeça aos pés.

— Olá — cumprimentou-a Ron sem olhar para ela, com os olhos postos na multidão que os rodeava. — Oh, não...

Curvou ligeiramente os joelhos para se esconder atrás de Harry, porque Fleur Delacour ia a passar, lindíssima no seu manto de cetim cinzento-prateado, acompanhada por Roger Davies, capitão de Quidditch dos Ravenclaw. Quando desapareceram, Ron endireitou-se novamente e olhou por cima das cabeças da multidão.

— Onde está a Hermione? — perguntou ele novamente.

Um grupo dos Slytherin subia os degraus, vindo da sua sala comum nas masmorras. Malfoy vinha à frente; trajava um manto de veludo negro com uma gola subida que, na opinião de Harry, o fazia parecer um vigário. Pansy Parkinson ia agarrada ao braço dele, com um manto cor-de-rosa pálido muito franzido. Crabbe e Goyle iam ambos de verde; pareciam uns rochedos cor de musgo e nenhum deles, para grande prazer de Harry, conseguira arranjar par.

As grandes portas de carvalho abriram-se e toda a gente se voltou para ver a entrada dos alunos de Durmstrang com o professor Karkaroff. Krum vinha à frente do grupo, acompanhado de uma bonita rapariga com um manto azul que Harry não conhecia. Por cima das suas cabeças, Harry viu que uma extensão de relvado mesmo em frente do castelo tinha sido transformada numa espécie de gruta cheia de luzinhas de Natal — o que queria dizer que centenas de fadas verdadeiras estavam sentadas nas roseiras que tinham sido trazidas para ali e esvoaçavam por sobre as estátuas do que parecia ser o Pai Natal e as suas renas.

Depois, ouviu-se a voz da professora McGonagall a chamar:

— Os campeões para aqui, por favor!

Parvati ajeitou as pulseiras, a sorrir; ela e Harry disseram a Ron e a Padma «Vemo-nos daqui a pouco» e avançaram, com a multidão a abrir alas para os deixar passar. A professora McGonagall, que trajava um manto de xadrez vermelho e enfeitara a orla do chapéu com uma grinalda de cardos bastante feia⁵, disse-lhes que esperassem de um dos lados das portas, enquanto toda a gente entrava; eles deviam entrar no Salão em cortejo, quando os estudantes se tivessem sentado. Fleur Delacour e Roger

Davies colocaram-se o mais perto possível das portas; Davies parecia tão espantado com a sua sorte em ter Fleur como par que mal conseguia tirar os olhos dela. Cedric e Cho estavam também perto de Harry, que desviou o olhar para não ter de lhes falar. Então, os seus olhos caíram na rapariga ao lado de Krum. Ficou de boca aberta.

Era Hermione.

Mas não se parecia nada com Hermione. Fizera qualquer coisa ao cabelo, que já não parecia basto, mas sim liso e brilhante, enrolado num elegante nó atrás da cabeça. Vestia um manto de um esvoaçante tecido azul-pervinca e parecia ter um porte diferente... ou talvez fosse apenas a ausência dos vinte e tal livros que trazia normalmente às costas. Também sorria (bastante nervosa, para dizer a verdade) mas a redução no tamanho dos seus dentes da frente notava-se mais do que nunca. Harry não conseguia perceber como é que não tinha reparado naquilo antes.

— Olá, Harry! — saudou ela. — Olá, Parvati!

Parvati olhava para Hermione com uma descrença nada lisonjeira. Também não era a única; quando as portas do Salão se abriram, o clube de fãs de Krum, da biblioteca, passou arrogantemente, atirando a Hermione olhares cheios de ódio. Pansy Parkinson olhou para ela de boca aberta ao passar com Malfoy e até ele não foi capaz de arranjar um insulto para lhe atirar. Contudo, Ron passou mesmo pela frente de Hermione sem olhar para ela.

Depois de todos estarem instalados, a professora McGonagall disse aos campeões e aos seus acompanhantes que se pusessem em fila, aos pares e para a seguirem. Assim fizeram e toda a gente no Salão aplaudiu quando eles entraram e se dirigiram a uma grande mesa redonda no topo, onde estavam sentados os juízes.

As paredes tinham sido inteiramente cobertas de um gelo brilhante cor de prata, com centenas de grinaldas de visco e hera a cruzarem o tecto negro e estrelado. As mesas das equipas tinham desaparecido, tendo sido substituídas por cerca de uma centena de mesinhas pequenas, iluminadas por lanternas, com lugar para cerca de doze pessoas cada.

Harry fez um esforço enorme para não tropeçar nos próprios pés. Parvati parecia estar a divertir-se; sorria a todos em seu redor, guiando Harry com tanta determinação que ele se sentia como um cão numa exposição a mostrar as suas habilidades. Ao aproximar-se da mesa do topo, avistou Ron e Padma. Ron observava Hermione, que passava, com os olhos semicerrados e Padma parecia amuada.

Dumbledore sorriu de felicidade quando os campeões se aproximaram da mesa do topo, mas Karkaroff exibia uma expressão muito semelhante à de

Ron ao observar Krum e Hermione a aproximarem-se. Ludo Bagman, que trajava um manto roxo-vivo com grandes estrelas amarelas, batia palmas com tanto entusiasmo como qualquer dos alunos. Madame Maxime, que trocara o seu habitual uniforme de cetim preto por um ondulante vestido de seda cor de alfazema, aplaudia-os delicadamente. Mas Mr. Crouch, descobriu Harry subitamente, não estava lá. O quinto lugar da mesa estava ocupado por Percy Weasley.

Quando os campeões e os seus pares chegaram à mesa, Percy puxou a cadeira vazia ao seu lado, olhando fixamente para Harry. Este seguiu a deixa e sentou-se ao lado de Percy, que ostentava um traje de cerimónia azul-escuro, novinho em folha e uma expressão muito presunçosa.

— Fui promovido — anunciou Percy, mesmo antes de Harry ter perguntado e, pelo seu tom, até parecia que estava a apregoar a sua eleição como Governante Supremo do Universo. — Agora sou assistente pessoal de Mr. Crouch e estou aqui a representá-lo.

— Por que é que ele não veio? — perguntou Harry. Não lhe apetecia nada ouvir um sermão sobre caldeirões durante todo o jantar.

— Lamento dizer que Mr. Crouch não se encontra bem, mesmo nada bem. Desde a Taça Mundial que não está bem. Não é de admirar... excesso de trabalho. Já não é lá muito novo, embora continue a ser magnífico, claro; o seu espírito continua tão grandioso como sempre. Mas a Taça Mundial foi um fiasco para todo o Ministério e depois Mr. Crouch sofreu um grande choque pessoal com o mau comportamento daquela sua elfo doméstica, Blinky, ou lá como se chama. Naturalmente, despediu-a imediatamente, mas... bem, como costume dizer, ele está a envelhecer, precisa de que tomem conta dele e penso que teve uma quebra no seu conforto doméstico desde que a elfo partiu. E depois tivemos de organizar o Torneio e de lidar com as consequências da Taça... aquela Skeeter horrorosa sempre a meter o nariz... sim, pobre homem, está a passar um Natal sossegado e bem merecido. Alegro-me que saiba que tem alguém em quem pode confiar para o substituir.

Harry apetecia-lhe imenso perguntar se Mr. Crouch já parara de chamar a Percy «Weatherby», mas resistiu à tentação.

Por enquanto, ainda não havia comida nos pratos dourados, apenas pequenos menus colocados em frente de cada um. Harry pegou hesitantemente no seu e olhou em volta — não havia criados. Contudo, Dumbledore leu cuidadosamente a lista e depois disse muito claramente para o seu prato «Costeletas de porco!».

E apareceram costeletas de porco. Percebendo a ideia, o resto das pessoas que estavam nas mesas fizeram igualmente os seus pedidos aos

pratos. Harry olhou para Hermione para ver o que ela achava deste novo e complicado método que representava certamente muito mais trabalho para os elfos domésticos — mas, caso raro, parecia que Hermione não estava a pensar na B. A. B. E. Estava embrenhada numa conversa com Viktor Krum e mal parecia reparar no que estava a comer.

Nessa altura, ocorreu a Harry que, na verdade, nunca ouvira Krum falar, mas nesse momento ele falava de facto e com muito entusiasmo.

— Bom, nós também temos um castelo, non ton grande como ezte, nem ton confortável, estou a acharr — dizia ele a Hermione. — Nós temos zó quatro andarres e o fogo zó ze acende parra coisas mágicas, mas os nossos campos zon ainda maiores que eztes... emborra no Inverrno tenhamos muito pouca luz de dia e, porrtanto, não os aprróveitamos. Ah maz no Verrão, vamos voarr todoz oz diaz zobrre os lagos e as montanhas...

— Então, então, Viktor! — advertiu-o Karkaroff com uma gargalhada que não chegou aos seus olhos frios. — Não reveles mais nada, senão a tua encantadora amiga fica a saber exactamente onde nos encontrar!

Dumbledore sorriu, com os olhos a brilhar.

— Igor, com tantos segredos... quase somos levados a pensar que não querem visitas.

— Bem, Dumbledore — disse Karkaroff, mostrando todos os seus dentes amarelados —, todos nós protegemos os nossos domínios privados, não é verdade? Não guardamos todos ciosamente as paredes do conhecimento que nos foi confiado? Não teremos bons motivos para nos orgulharmos de sermos os únicos a conhecer os segredos das nossas escolas e a ter a obrigação de as proteger?

— Oh, eu nunca me lembraria de afirmar que conheço todos os segredos de Hogwarts, Igor — afirmou Dumbledore de forma amigável. — Hoje de manhã, por exemplo, enganei-me no caminho para a casa de banho e dei comigo numa sala de belas proporções que nunca vira antes e que continha uma colecção de bacios verdadeiramente impressionante. Quando lá voltei para investigar com mais pormenor, descobri que a sala tinha desaparecido. Mas tenho de estar atento, a ver se a encontro. Possivelmente, só se tem acesso a ela às cinco e meia da manhã. Ou talvez só apareça no quarto crescente, ou quando quem a procura tem a bexiga a rebentar.

Harry soprou sobre o seu prato de *goulash*. Percy franziu o sobrolho, mas Harry podia ter jurado que Dumbledore lhe piscara o olho ao de leve.

Entretanto, falando com Roger Davies, Fleur Delacour criticava as decorações de Hogwarts.

— Isto non é nada — disse ela com desdém, olhando em volta para as paredes cintilantes do Salão. — No paláciô de Beauxbatons, nós temos

esculturras de gelô a toda a volta da sala de jantarr, no Natal. É clarrô que non se derretem... são como enorrmes estátuas de diamantes, brrilhandô porr todo o lado. E a comidá é simplesmente soberrba. E temos corros de ninfas dos bosques, que cantam parra nós, enquanto comemos. Non temos estas armadurras horrorosas nos vestíbulos e se um polterrgeist alguma vez entrasse em Beauxbatons, serria expulso assim — e deu uma palmada em cima da mesa, impacientemente.

Roger Davies observava-a a falar com uma expressão completamente estupefacta no rosto, falhando continuamente no gesto de levar o garfo à boca. Harry teve a impressão de que Davies estava tão deslumbrado a olhar para Fleur que nem ouvia uma palavra do que ela dizia.

— Absolutamente certo — disse ele rapidamente, batendo também com a palma da mão na mesa, numa imitação de Fleur. — Assim. Pois!

Harry olhou para o Salão em seu redor. Hagrid estava sentado numa das outras mesas de professores; vestia outra vez o seu horrível fato castanho com pêlo e não tirava os olhos da mesa do topo. Harry viu-o fazer um pequeno aceno e, olhando em volta, viu Madame Maxime a retribuí-lo, com as opalas a cintilarem à luz das velas.

Naquele momento, Hermione ensinava Krum a pronunciar correctamente o seu nome, mas ele continuava a chamar-lhe «Herm-oun».

— Her... mai... oh... ni — dizia ela lenta e claramente.

— Herm... oun... ninny.

— Mais ou menos — disse ela, cruzando o olhar com Harry e sorrindo.

Depois de terem terminado a refeição, Dumbledore levantou-se e pediu aos estudantes que fizessem o mesmo. Com um aceno da sua varinha, as mesas deslizaram de encontro às paredes, deixando o soalho livre e ele fez aparecer uma plataforma junto à parede da direita, sobre a qual se via uma bateria, várias guitarras, um alaúde, um violoncelo e algumas gaitas de foles.

As Weird Sisters entraram então no palco perante aplausos muito entusiásticos; tinham todas fartas cabeleiras e vestiam mantos negros que tinham sido artisticamente rasgados. Pegaram nos instrumentos e Harry, que tinha estado tão interessado em observá-las que quase se esquecera do que estava para vir, percebeu subitamente que as lanternas das outras mesas se tinham apagado e que os outros campeões e os seus pares se estavam a levantar.

— Anda! — sibilou Parvati. — Temos de ir dançar.

Ao levantar-se, Harry tropeçou no manto. As Weird Sisters abriram com uma melodia lenta e triste. Harry encaminhou-se para a pista de dança brilhantemente iluminada, evitando cuidadosamente cruzar o olhar com as

pessoas (consequia ver Seamus e Dean a acenarem-lhe e a rirem disfarçadamente) e, logo a seguir, Parvati agarrou-lhe nas mãos, colocou uma à volta da sua cintura e apertou a outra com força.

Não era assim tão mau como imaginara, pensou Harry, girando lentamente no mesmo lugar (Parvati conduzia-o). Mantinha os olhos fixos por cima da cabeça das pessoas que os olhavam e passado pouco tempo muitas delas tinham vindo para a pista, fazendo com que os campeões deixassem de ser o centro das atenções. Neville e Ginny dançavam ali perto — conseguia ver Ginny a encolher-se frequentemente, sempre que Neville lhe pisava os pés — e Dumbledore valsava com Madame Maxime. Ficava tão pequeno ao lado dela que a ponta do seu chapéu em bico mal lhe tocava no queixo; contudo, ela movia-se muito graciosamente para uma mulher do seu tamanho. Moody Olho-Louco executava muito mal um compasso duplo com a professora Sinistra, que evitava nervosamente a sua perna de pau.

— Belas meias, Potter — rugiu Moody ao passar, atravessando com o seu olho mágico as vestes de Harry.

— Ah, foi o Dobby, o elfo doméstico, que as tricotou — disse Harry a sorrir.

— Fico toda arrepiada quando o vejo! — sussurrou Parvati, enquanto Moody se afastava, batendo com a perna. — Acho que não deviam *permitir* aquele olho!

Harry ouviu com alívio a última nota trémula da gaita de foles. As Weird Sisters deixaram de tocar, os aplausos encheram mais uma vez o Salão e Harry largou Parvati imediatamente.

— Vamos sentar-nos, está bem?

— Espera... esta é mesmo boa! — exclamou Parvati, quando as Weird Sisters começaram um novo tema, muito mais rápido.

— Não, não gosto — mentiu Harry, levando-a para longe da pista de dança. Passaram por Fred e Angelina que dançavam tão exuberantemente que as pessoas em seu redor recuavam com receio de se magoarem e dirigiram-se à mesa onde Ron e Padma estavam sentados.

— Como é que vão as coisas? — perguntou Harry a Ron, sentando-se e abrindo uma garrafa de Cerveja de Manteiga.

Ron não respondeu. Olhava irritadamente para Hermione e Krum, que dançavam ali perto. Padma estava sentada com os braços e as pernas cruzados, com um pé a abanar ao ritmo da música. De vez em quando, atirava a Ron, que a ignorava completamente, um olhar desapontado. Parvati sentou-se do outro lado de Harry, cruzou igualmente as pernas e os braços e passados alguns minutos foi convidada a dançar por um rapaz de

Beauxbatons.

— Não te importas, pois não, Harry? — perguntou ela.

— O quê? — disse Harry, que observava Cho e Cedric.

— Deixa lá, não tem importância — atirou-lhe Parvati, desaparecendo com o rapaz de Beauxbatons. Quando a canção acabou, não regressou para junto dele.

Hermione aproximou-se e sentou-se na cadeira vazia de Parvati. Tinha o rosto um pouco corado de dançar.

— Olá — cumprimentou-a Harry. Ron não disse nada.

— Está calor, não acham? — observou Hermione, abanando-se com a mão. — O Viktor foi agora mesmo buscar umas bebidas.

Ron lançou-lhe um olhar paralisante.

— *Viktor*? — perguntou ele. — Ainda não te pedi para lhe chamares *Vicky*?

Hermione olhou para ele surpreendida.

— O que se passa contigo? — perguntou ela.

— Se não sabes — disse Ron mordazmente —, também não te vou dizer.

Hermione ficou a olhar para ele e depois para Harry, que encolheu os ombros.

— Ron, que...

— Ele é de Durmstrang! — cuspiu Ron. — Está a competir contra o Harry! Contra Hogwarts! Tu... tu estás... — era evidente que Ron estava à procura de palavras suficientemente fortes para descrever o crime de Hermione — *a confraternizar com o inimigo*, é isso mesmo!

Hermione ficou de boca aberta.

— Não sejas estúpido! — exclamou ela passado um momento. — O *inimigo*! Francamente... quem é que ficou todo excitado quando o viu chegar? Quem é que queria um autógrafo dele? Quem é que tem uma miniatura dele lá em cima, no dormitório?

Ron decidiu ignorar aquilo.

— Suponho que te pedi para vires com ele quando estavam ambos na biblioteca?

— Sim, por acaso foi — respondeu Hermione, com as rosetas do rosto ainda mais coradas. — E depois?

— Como é que foi... tentaste que ele se inscrevesse nessa coisa da *baba*?

— Não, não foi! Se queres *mesmo* saber, ele... ele disse que ia todos os dias à biblioteca para tentar falar-me, mas não tinha conseguido arranjar coragem!

Hermione falou muito depressa e corou tanto que ficou da mesma cor do manto de Parvati.

— Claro... essa é a jogada dele — disse Ron maldosamente.

— E que quer isso dizer?

— É óbvio, não te parece? Ele é aluno do Karkaroff, não é? Sabe com quem é que te dás... está só a tentar aproximar-se do Harry... a tentar arranjar informações sobre ele... ou a tentar aproximar-se o suficiente para o prejudicar...

Hermione ficou com uma expressão de quem tinha sido esbofeteada. Quando falou, tremia-lhe a voz.

— Para tua informação, não me perguntou *uma única coisa* sobre o Harry, nem uma...

Ron mudou de tática com a velocidade de um raio.

— Então, está à espera de que tu o ajudes a descobrir o significado do ovo! Suponho que têm andado os dois juntinhos à procura, durante as vossas sessões íntimas na biblioteca...

— *Nunca* o ajudaria a descobrir nada sobre o ovo! — exclamou Hermione, com um ar furioso. — *Nunca*. Como é que podes dizer uma coisa dessas... quero que o Harry ganhe o Torneio e ele sabe isso muito bem, não sabes, Harry?

— Tens uma forma muito engraçada de o mostrar — zombou Ron.

— O Torneio também deve servir para conhecer feiticeiros estrangeiros e fazer amizade com eles! — exclamou Hermione estridentemente.

— Não, não deve — gritou Ron. — Serve para ganhar!

As pessoas começavam a olhar para eles.

— Ron — disse Harry em voz baixa —, eu não tenho problema nenhum por a Hermione ter vindo com o Krum...

Mas Ron ignorou-o igualmente.

— Por que é que não vais à procura do Vicky, ele deve estar preocupado com o teu desaparecimento — disse Ron.

— *Não lhe chames Vicky!* — Hermione levantou-se de um salto e atravessou a pista de dança, furiosa, desaparecendo no meio da multidão.

Ron ficou a vê-la afastar-se com uma mistura de raiva e satisfação no rosto.

— Vais ou não convidar-me para dançar? — perguntou-lhe Padma.

— Não — respondeu Ron, continuando a olhar na direcção de Hermione.

— Ótimo — atirou-lhe Padma, levantando-se e juntando-se a Parvati e ao rapaz de Beauxbatons, que fez aparecer um dos seus amigos tão depressa que Harry era capaz de jurar que o tinha trazido com um Encantamento de Convocação.

— Onde eztarre Herm-oun-ninny? — perguntou uma voz.

Krum acabara de chegar à mesa deles com duas Cervejas de Manteiga.

— Não faço ideia — respondeu Ron obstinadamente, olhando para ele.

— Perdeste-a?

Krum tinha novamente um ar sombrio.

— Bom, ze a virrem, digam a ela que tenho az bebidaz — disse ele, afastando-se indolentemente.

— Fizeste amizade com o Viktor Krum, Ron?

Percy aproximara-se, a esfregar as mãos e com um ar extremamente pomposo.

— Excelente! É essa a ideia, sabem... cooperação mágica internacional!

Para aborrecimento de Harry, Percy apoderou-se logo da cadeira vazia de Padma. A mesa do topo estava agora vazia; o professor Dumbledore dançava com a professora Sprout, Ludo Bagman com a professora McGonagall e Madame Maxime e Hagrid abriam caminho na pista, valsando por entre os alunos. Karkaroff não estava à vista. Quando acabou a canção seguinte, todos aplaudiram novamente e Harry viu Ludo Bagman beijar a mão da professora McGonagall e regressar por entre a multidão, altura em que Fred e George o abordaram.

— O que é que eles pensam que estão a fazer, a aborrecer membros importantes do Ministério? — sibilou Percy, observando Fred e George desconfiadamente. — *Não* há respeito...

Todavia, Ludo Bagman livrou-se de Fred e George com bastante rapidez e, avistando Harry, acenou-lhe e encaminhou-se para a mesa deles.

— Espero que os meus irmãos não o tenham aborrecido, Mr. Bagman — disse Percy imediatamente.

— O quê? Oh, não, não, de maneira nenhuma! — respondeu Bagman. — Estavam apenas a contar-me mais umas coisas sobre as tais varinhas falsas. Queriam saber se eu os podia aconselhar sobre a sua comercialização. Prometi-lhes pô-los em contacto com alguns conhecimentos que tenho na Loja de Brincadeiras Mágicas do Zonko.

Percy não pareceu ficar lá muito contente com isto e Harry podia apostar que ele ia a correr contar tudo a Mrs. Weasley, assim que chegasse a casa. Parecia que nos últimos tempos os planos de Fred e George se tinham tornado ainda mais ambiciosos, se eles estavam a pensar vender o seu produto ao público.

Bagman abriu a boca para perguntar uma coisa a Harry, mas Percy impediu-o:

— Como acha que está a correr o Torneio, Mr. Bagman? O *nosso* departamento está muito satisfeito; a dificuldadezinha com o Cálice de Fogo — olhou de lado para Harry — foi um pouco infeliz, claro, mas a

partir daí parece estar a correr sem problemas, não acha?

— Sim, claro — disse Bagman alegremente —, tem sido muito divertido. Como é que vai o velho Barty? Que pena ele não ter podido vir.

— Oh, tenho a certeza de que Mr. Crouch vai recuperar rapidamente — disse Percy num tom importante —, mas entretanto eu não me importo nada de aguentar o barco. Evidentemente, não se trata só de comparecer em bailes... — riu delicadamente. — Como deve calcular, tive de tratar de todo o tipo de coisas que surgiram durante a ausência dele. Sabia que o Ali Bashir foi apanhado a contrabandear uma remessa de tapetes voadores para o nosso país? E depois, temos andado a tentar convencer a Transilvânia a assinar a Proibição Internacional de Duelos. Tenho uma reunião com o director da Cooperação Mágica deles no próximo ano...

— Vamos dar uma volta — murmurou Ron para Harry — para nos livrarmos do Percy...

Fingindo que queriam mais bebidas, Harry e Ron deixaram a mesa, contornaram a pista de dança e saíram para o *Hall*. As portas da frente estavam abertas e as luzinhas que esvoaçavam no roseiral tremeluziam e cintilavam. Desceram os degraus e deram consigo rodeados de arbustos, sinuosos carreiros ornamentais e grandes estátuas de pedra. Harry ouviu o ruído de água, semelhante ao de uma fonte. Havia pessoas aqui e ali, sentadas em bancos. Ele e Ron avançaram por um dos carreiros por entre as roseiras, mas só tinham andado um bocadinho quando ouviram uma voz familiar e desagradável:

— ... não vejo que haja razão para te inquietares, Igor.

— Severus, não podes fingir que isto não está a acontecer! — A voz de Karkaroff soava ansiosa e abafada, como se não quisesse que o escutassem. — Há meses que é cada vez mais claro e estou a ficar seriamente preocupado, não o nego...

— Então, fuge — disse a voz de Snape rudemente. — Foge, eu apresento as tuas desculpas. Eu, apesar de tudo, fico em Hogwarts.

Snape e Karkaroff contornaram a esquina. Snape segurava a sua varinha e abria caminho por entre as roseiras, fazendo-as explodir com uma expressão muito mal-humorada. Muitas das roseiras guinchavam e delas saíam formas escuras.

— Dez pontos a menos para os Hufflepuff, Fawcett! — rosnou Snape quando uma rapariga passou por ele a correr. — E dez pontos a menos para os Ravenclaw, também, Stebbins! — declarou, quando um rapaz correu atrás dela. — E o que é que vocês dois estão a fazer? — acrescentou, avistando Harry e Ron no carreiro, à sua frente. Harry viu que Karkaroff ficou um tanto agitado por os ver ali. Levou nervosamente a mão à sua

barbicha e começou a enrolá-la outra vez no dedo.

— Estamos a passear — disse Ron a Snape laconicamente. — Não é proibido, pois não?

— Então, circulem! — rosnou Snape e ultrapassou-os bruscamente, com o seu longo manto preto a ondear atrás dele. Karkaroff apressou-se a segui-lo. Harry e Ron continuaram pelo carreiro abaixo.

— O que é que trará o Karkaroff tão preocupado? — murmurou Ron.

— E desde quando é que ele e o Snape se tratam pelo nome próprio? — perguntou Harry lentamente.

Tinham chegado junto de uma grande rena de pedra, por cima da qual se viam os jactos cintilantes de uma fonte. Na sombra, eram visíveis os perfis de duas pessoas enormes, sentadas num banco de pedra, a olharem para a água à luz do luar. Nessa altura, Harry ouviu Hagrid falar.

— No momento em qu'a vi, soube logo — dizia ele, numa voz estranhamente rouca.

Harry e Ron ficaram imóveis. Sem saberem muito bem porquê, pareciam-lhes que esta não era o tipo de cena que deveriam interromper... Harry olhou em volta, para o carreiro, e viu Fleur Delacour e Roger Davies, de pé, meio escondidos num arbusto ali perto. Deu uma palmadinha no ombro de Ron e indicou-os com um movimento de cabeça, mostrando que podiam facilmente escapar sem serem vistos. Harry achou que Fleur e Davies pareciam muito ocupados, mas Ron, arregalando os olhos de horror ao avistar Fleur, abanou vigorosamente a cabeça e puxou Harry ainda mais para as sombras por detrás da rena.

— Soube o quê, 'Aggrid? — perguntou Madame Maxime, num ronronar baixinho.

Harry não queria mesmo ouvir aquilo; sabia que Hagrid detestaria que o ouvissem numa situação como aquela (com ele, seria certamente assim). Se fosse possível, teria enfiado os dedos nos ouvidos e cantarolado em voz alta, mas não lhe pareceu uma boa ideia. Em vez disso, tentou interessar-se por um escaravelho que rastejava pelo dorso da rena de pedra, mas o escaravelho não era suficientemente interessante para bloquear as palavras seguintes de Hagrid.

— Soube... soube que'ra como eu... era a sua mãe ou o seu pai?

— Eu... eu non sei o que querr dizer, 'Aggrid...

— Comigo, foi a minha mãe — prosseguiu Hagrid baixinho. — Foi uma das últimas da Bretanha. É claro, não me lembro lá muito bem dela... ela foi-se embora, 'tá a ver. Quando eu tinha pr'ái três anos. Não era do tipo maternal. Bem, não faz parte da natureza deles, n'ê? Não sei o que lh'aconteceu... até pode 'tar morta...

Madame Maxime não disse nada. E Harry, mesmo sem querer, desviou os olhos do escaravelho e olhou por cima das hastes da rena, escutando... nunca tinha ouvido Hagrid falar da sua infância.

— O meu pai ficou destroçado quand' ela partiu. Era um tipo mesmo pequenino, o meu pai. Quando eu tinha seis anos, conseguia pegar-lhe e pô-lo em cima da cómoda, se me aborrecesse. Costumava fazê-lo rir... — A voz profunda de Hagrid calou-se. Madame Maxime escutava, imóvel, olhando aparentemente para a fonte prateada. — O meu pai criou-me... mas morreu, claro, logo depois d'eu ter começado a escola. Tive de tratar da minha vida sozinho. O Dumbledore ajudou-me muito, sabe? Foi muito simpático pra mim, foi sim senhor.

Hagrid tirou um grande lenço de seda às pintas e assoou o nariz ruidosamente.

— Portanto... mas já chega de falar de mim. E você? De que lado é que herdou?

— Está frio — disse ela, mas por mais frio que estivesse, não era nada comparado com o gelo da voz dela. — Acho que agora vou entrar.

— Quê? — perguntou Hagrid sem compreender. — Não, não vá! Nunca tinha conhecido outro!

— Outro *quê*, precisamente? — perguntou Madame Maxime no seu tom gelado.

Harry podia ter dito a Hagrid que era melhor não responder; ficou ali nas sombras, a ranger os dentes, na esperança vaga de que ele não dissesse nada, mas não valeu a pena.

— Outro meio-gigante, claro! — exclamou Hagrid.

— Como se atreve! — gritou Madame Maxime. A voz dela explodiu na noite calma como uma sirene de nevoeiro; atrás de si, Harry ouviu Fleur e Roger saírem dos arbustos aos trambolhões. — Nunca fui tão insultada na minha vida! Meio-gigante? *Moi*? Eu tenho... eu tenho ossos grandes!

Afastou-se, furiosa, empurrando os arbustos de onde se elevaram grandes enxames de fadas multicores. Hagrid continuava sentado no banco, a olhar. Estava demasiado escuro para se ver a sua expressão, mas passado um minuto levantou-se e foi-se embora a passos largos. Não regressou ao castelo, dirigindo-se para os campos escuros, em direcção à sua cabana.

— Anda — disse Harry a Ron muito baixinho. — Vamos embora... Mas Ron não se mexeu.

— Que se passa? — perguntou Harry, olhando para ele. Ron virou a cabeça e olhou para Harry, com uma expressão muito séria.

— Sabias? — murmurou ele. — Que o Hagrid era meio-gigante?

— Não — respondeu Harry, encolhendo os ombros. — E depois?

Percebeu imediatamente pelo olhar que Ron lhe dirigiu que, mais uma vez, revelara a sua ignorância do mundo da feitiçaria. Tendo sido criado pelos Dursley, havia muitas coisas próprias dos feiticeiros que eram verdadeiras revelações para Harry, mas estas surpresas tinham vindo a diminuir à medida que os anos iam passando. Contudo, naquele momento, percebeu que a maior parte dos feiticeiros não teria dito «E depois?» ao descobrirem que um dos seus amigos tinha uma gigante por mãe.

— Explico-te lá dentro — disse Ron baixinho. — Anda...

Fleur e Roger Davies tinham desaparecido, provavelmente para um mato de arbustos mais isolado. Harry e Ron regressaram ao Salão. Parvati e Padma estavam agora sentadas numa mesa ao fundo, com um monte de rapazes de Beauxbatons e Hermione dançava novamente com Krum. Harry e Ron sentaram-se a uma mesa bastante afastada da pista.

— Então? — perguntou Harry a Ron. — Qual é o problema com os gigantes?

— Bem, não são... não são... — Ron lutava para encontrar palavras — lá muito simpáticos — concluiu ele sem convicção.

— Quem é que se importa com isso? — perguntou Harry. — O Hagrid não tem nada de mal!

— Eu sei, mas... caramba, não admira que ele não fale disso — disse Ron, abanando a cabeça. — Sempre pensei que ele apanhara um Encantamento de Ampliar quando era criança, ou coisa assim. Nunca quis perguntar...

— Mas qual é o problema de a mãe dele ser uma gigante? — perguntou Harry.

— Bem, quem o conhece não se importa, pois sabe que ele não é perigoso — respondeu Ron lentamente. — Mas... Harry, os gigantes são cruéis. É como o Hagrid disse, está na natureza deles, são como os trolls... gostam de matar, toda a gente sabe isso. Felizmente, já não há nenhuns na Grã-Bretanha.

— O que lhes aconteceu?

— Bem, estavam a extinguir-se, de qualquer forma, e depois montes deles foram mortos pelos Aurors. Mas parece que há gigantes no estrangeiro... principalmente escondidos nas montanhas...

— Não sei quem é que a Maxime pensa que engana — disse Harry, observando Madame Maxime, que estava sentada sozinha na mesa dos juízes, com um ar sorumbático. — Se o Hagrid é meio-gigante, ela também é de certeza. Ossos grandes... a única coisa que tem ossos maiores do que ela é um dinossauro.

Harry e Ron passaram o resto do baile no seu canto a falar sobre

gigantes, pois nenhum deles tinha qualquer inclinação para a dança. Harry tentava não olhar para Cho e Cedric, porque ficava com uma enorme vontade de dar pontapés.

Quando as Weird Sisters acabaram de tocar, à meia-noite, todas as pessoas as brindaram com uma última e enorme ovação e começaram a dirigir-se para o *Hall*. Muitos exprimiam o desejo de que o baile se tivesse prolongado mais, mas Harry sentia-se contentíssimo por ir para a cama; no que lhe dizia respeito, a noite não fora lá muito divertida.

No *Hall*, Harry e Ron viram Hermione a dar as boas-noites a Krum, antes de ele voltar para o navio de Durmstrang. Ela lançou a Ron um olhar muito frio e subiu as escadas, passando por ele sem lhe falar. Harry e Ron seguiram-na, mas a meio caminho da escadaria de mármore, Harry ouviu alguém a chamá-lo.

— Eh... Harry!

Era Cedric Diggory. Harry viu Cho à espera dele lá em baixo, no *Hall*.

— Sim? — disse Harry friamente, quando Cedric correu pelas escadas acima na sua direcção.

Parecia que Cedric não queria dizer fosse lá o que fosse em frente de Ron, que encolheu os ombros, com um ar maldisposto e continuou a subir as escadas.

— Escuta... — Cedric baixou a voz quando Ron desapareceu. — Estou em dívida para contigo por me teres falado nos dragões. Sabes, o ovo dourado? O teu geme quando o abres?

— Sim — respondeu Harry.

— Bem... toma banho, está bem?

— O quê?

— Vai tomar banho e... hã... leva o ovo contigo e... hã... reflecte nisto tudo quando estiveres mergulhado na água quente. Vai ajudar-te a pensar... confia em mim.

Harry ficou a olhar para ele.

— Sabes que mais — prosseguiu Cedric —, usa a casa de banho dos prefeitos. Quarta porta à esquerda da estátua de Boris, o Espantado, no quinto andar. A senha é «Frescura de Pinho». Tenho d'ir... quero despedir-me.

Sorriu novamente a Harry e desceu as escadas apressadamente para ir ter com Cho.

Harry regressou sozinho à Torre dos Gryffindor. Fora um conselho estranhíssimo. Como é que um banho o ajudaria a decifrar o significado do ovo que gemia? Estaria Cedric a gozar com ele? Estaria a tentar que ele fizesse figura de parvo para obter vantagem em relação a Cho?

A Dama Gorda e a sua amiga Vi dormitavam no retrato do buraco. Harry teve de gritar «Luzes de Natal» para conseguir acordá-las e, quando o conseguiu, elas ficaram muitíssimo irritadas. Subiu para a sala comum e encontrou Ron e Hermione numa discussão tremenda. A uma distância de três metros, gritavam um para o outro, encolerizados.

— Bem, se não gostas, sabes qual é a solução, não sabes? — berrava Hermione. O cabelo escorregara-lhe do elegante rolo e tinha o rosto contorcido de raiva.

— Ah sim? — berrava Ron, em resposta. — E qual é?

— Da próxima vez que houver um baile, convida-me antes de outros o fazerem e sem ser em último recurso!

Ron mexia a boca sem soltar um som, como um peixe dourado fora de água e Hermione virou-se de rompante e subiu furiosamente a escada das raparigas para ir para a cama. Ron voltou-se para olhar para Harry.

— Bem — balbuciou ele, com um ar chocado —, bem... isso só prova... que não percebeu nada...

Harry não abriu a boca. Gostava demasiado de estar novamente bem com Ron para lhe dizer agora o que pensava, mas na verdade achava que Hermione percebera tudo muito melhor que o amigo.

XXIV

O ARTIGO DE RITA SKEETER

No dia a seguir ao Natal, todos se levantaram tarde. A sala comum dos Gryffindor estava muito mais calma do que ultimamente, com muitos bocejos a sublinharem a preguiça das conversas. O cabelo de Hermione encontrava-se novamente revoltado; ela confessou a Harry que usara enormes quantidades de poção para o cabelo Alisar Fácil no dia do baile, mas «dava demasiado trabalho para fazer todos os dias», explicara num tom prático, coçando *Crookshanks*, que ronronava, por detrás das orelhas.

Ron e Hermione pareciam ter chegado a um acordo tácito para não falarem sobre o seu desentendimento. Eram bastante simpáticos um para o outro, embora de uma formalidade estranha. Ron e Harry não perderam tempo a contar a Hermione a conversa que tinham ouvido entre Madame Maxime e Hagrid, mas Hermione não pareceu achar a notícia de que Hagrid era meio-gigante tão chocante como Ron.

— Bem, pensei que devia ser — disse ela, encolhendo os ombros. — Sabia que não podia ser um gigante puro, porque esses têm para aí seis metros de altura, mas francamente, toda esta histeria sobre os gigantes... Não podem ser *todos* horríveis... é o mesmo tipo de preconceito que as pessoas têm para com os lobisomens... é apenas intolerância, não é?

Era óbvio que Ron tinha vontade de lhe dar uma resposta mordaz, mas talvez não quisesse outra discussão, porque se contentou em abanar a cabeça com ar de descrença, quando Hermione não estava a olhar.

Era altura de pensar nos trabalhos de casa que tinham negligenciado durante a primeira semana de férias. Parecia que todos se sentiam bastante prostrados, agora que o Natal passara — quer dizer, todos excepto Harry, que começava novamente a sentir-se ligeiramente nervoso.

O problema é que o dia 24 de Fevereiro parecia muito mais próximo

depois de passado o Natal e ele ainda não fizera nada para descobrir a pista escondida no ovo dourado. Portanto, de cada vez que subia ao dormitório, tirava o ovo do baú, abria-o e escutava atentamente, esperando que, dessa vez, fizesse sentido. Esforçava-se por pensar no que era que aquele som lhe fazia lembrar, para além de trinta serrotes musicais, mas a verdade é que nunca ouvira nada assim. Fechou o ovo, abanou-o vigorosamente e voltou a abri-lo para ver se o som mudara, o que não aconteceu. Tentou fazer perguntas ao ovo, gritar mais alto que os gemidos, mas nada aconteceu. Até o atirou para o outro lado do quarto, embora não esperasse obter grandes resultados.

Harry não se esquecera da dica que Cedric lhe dera, mas os seus sentimentos por ele naquele momento, que eram tudo menos amistosos, levavam-no a não querer aceitar a sua ajuda, se o pudesse evitar. De qualquer forma, parecia-lhe que, se Cedric o quisesse de facto ajudar, teria sido muito mais explícito. Ele, Harry, dissera-lhe exactamente o que ia acontecer na primeira tarefa — e a ideia que Cedric teve de uma retribuição justa fora dizer-lhe que tomasse banho. Bem, não precisava de uma ajuda assim disparatada — pelo menos, vinda de uma pessoa que continuava a andar pelos corredores de mão dada com Cho. E, assim, chegou o primeiro dia do novo período e Harry foi para as aulas carregado de livros, pergaminhos e penas como de costume, mas também com a constante preocupação do ovo a pesar-lhe, como se o transportasse dentro de si.

Os campos continuavam cobertos de neve espessa e as janelas da estufa estavam sujeitas a uma condensação tão densa que, na aula de Herbologia, não viam nada para fora. A ninguém apetecia lá muito ter aula de Cuidados com as Criaturas Mágicas com aquele tempo, embora, como Ron disse, fosse provável que os Explojentos os aquecessem rapidamente, quer perseguindo-os, quer causando explosões tais que a cabana de Hagrid até podia incendiar-se.

Contudo, quando lá chegaram, encontraram uma velha feiticeira com cabelo grisalho muito curto e um queixo muito pontiagudo em frente da porta.

— Despachem-se, vá lá, a campainha já tocou há cinco minutos — vociferava, enquanto eles a seguiam com dificuldade pela neve.

— Quem é a senhora? — perguntou Ron, olhando para ela. — Onde está o Hagrid?

— Chamo-me professora Grubbly-Plank — disse ela vivamente — e sou a vossa professora temporária de Cuidados com as Criaturas Mágicas.

— Onde está o Hagrid? — repetiu Harry em voz alta.

— Está indisposto — respondeu a professora Grubbly-Plank em poucas

palavras.

Um riso fraco e desagradável chegou aos ouvidos de Harry, que se voltou. Draco Malfoy e o resto dos Slytherin juntavam-se à turma. Tinham todos um ar jovial e nenhum pareceu surpreendido ao ver a professora Grubbly-Plank.

— Por aqui, por favor — indicou a professora, caminhando em redor do cercado onde os enormes cavalos de Beauxbatons tremiam de frio. Harry, Ron e Hermione seguiram-na, olhando para trás, por cima do ombro, para a cabana de Hagrid. Todas as cortinas estavam corridas. Estaria Hagrid lá dentro, só e doente?

— O que se passará com ele? — perguntou Harry, apressando-se para acompanhar a professora Grubbly-Plank.

— Não te preocupes — disse ela, como se pensasse que Harry estava a ser bisbilhoteiro.

— Preocupo-me, sim — respondeu Harry ardentemente. — O que se passa com o Hagrid?

A professora Grubbly-Plank agia como se não o ouvisse. Levou-os para lá do cercado onde estavam os cavalos de Beauxbatons, muito juntos uns dos outros devido ao frio, dirigindo-se a uma árvore na orla da floresta, onde estava amarrado um grande e belo unicórnio.

Muitas das raparigas gritaram «oooooh» ao avistarem o unicórnio.

— Oh, é tão bonito! — sussurrou Lavender Brown. — Como é que ela o arranjou? Parece que são verdadeiramente difíceis de apanhar.

O unicórnio era de um branco tão intenso que fazia com que a neve em seu redor parecesse cinzenta. Batia com os cascos dourados nervosamente no chão e atirava a cabeça com o chifre para trás.

— Os rapazes afastam-se! — vociferou a professora Grubbly-Plank, esticando um braço e atingindo Harry no peito com força. — Os unicórnios preferem o toque das mulheres. Raparigas para a frente e aproximem-se com cuidado. Vá lá, devagarinho é que é...

Ela e as raparigas avançaram lentamente para o unicórnio, deixando os rapazes junto do cercado, a observá-las.

Assim que a professora Grubbly-Plank deixou de poder ouvi-los, Harry voltou-se para Ron.

— O que é que achas que se passa com ele? Terá algum Explojento...?

— Oh, ele não foi atacado, Potter, se é isso que estás a pensar — disse Malfoy ironicamente. — Não, está só demasiado envergonhado para mostrar a sua cara enorme e feia.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Harry bruscamente.

Malfoy pôs a mão no bolso do seu manto e tirou uma página impressa

dobrada.

— Aí tens — disse ele. — Lamento ter de ser eu a mostrar-te, Potter...

Sorriu maliciosamente quando Harry agarrou a página repentinamente, a desdobrou e leu, com Ron, Seamus, Dean e Neville a olhar por cima do seu ombro. Era um artigo, encimado por uma fotografia de Hagrid com um ar muito duvidoso.

O ERRO GIGANTESCO DE DUMBLEDORE

Albus Dumbledore, o excêntrico director da Escola de Magia e Feitiçaria de Hogwarts, nunca recebeu fazer contratos de pessoal controversos, escreve Rita Skeeter, Correspondente Especial. Em Setembro deste ano, contratou Alastor Moody Olho-Louco, o conhecido e azarento ex-Auror, para leccionar Defesa Contra a Magia Negra, uma decisão que fez erguer muitos sobrolhos no Ministério da Magia, dado o conhecido hábito de Moody de atacar quem quer que faça um movimento súbito na sua presença. Contudo, Moody Olho-Louco parece responsável e simpático quando comparado com o semi-humano que Dumbledore contratou para ensinar Cuidados com as Criaturas Mágicas.

Rubeus Hagrid, que admite ter sido expulso de Hogwarts no seu terceiro ano, tem desfrutado do cargo de guarda dos campos na escola desde então, emprego esse que Dumbledore lhe garantiu. Contudo, no ano passado, Hagrid utilizou a sua misteriosa influência sobre o director para conseguir o cargo adicional de professor de Cuidados com as Criaturas Mágicas, ultrapassando muitos candidatos mais habilitados.

De tamanho alarmante e aspecto feroz, Hagrid tem usado a sua nova autoridade para aterrorizar os alunos que lhe foram confiados com uma sucessão de criaturas horripilantes. Enquanto Dumbledore finge ignorar, Hagrid mutilou vários alunos durante uma série de aulas que muitos admitem serem «muito assustadoras».

«Fui atacado por um hipogrifo e o meu amigo Vincent Crabbe foi gravemente mordido por uma lesma», diz Draco Malfoy, um aluno do quarto ano. «Toda a gente odeia o Hagrid, mas temos demasiado medo para dizer alguma coisa.»

Contudo, Hagrid não tem qualquer intenção de acabar com a sua campanha de intimidação. Em conversa com um repórter d'O Profeta Diário no mês passado, admitiu criar criaturas a que chamou Explojentos Cauda-de-Fogo, um cruzamento altamente perigoso entre manticores e caranguejos-de-fogo. A criação de novas espécies de criaturas mágicas é, evidentemente, uma actividade seguida de perto pelo Departamento para o

Regulamento e Controlo de Criaturas Mágicas. Parece que Hagrid se considera acima de restrições tão mesquinhas como esta.

«Estava só a divertir-me um bocado», justificou-se ele, antes de mudar apressadamente de assunto.

Como se isto não chegasse, O Profeta Diário descobriu agora provas de que Hagrid não é — como sempre fingiu ser — um feiticeiro de sangue puro. Na verdade, nem sequer é um humano puro. Podemos revelar em exclusivo que a sua mãe é, nem mais nem menos, que a gigante Fridwulfa, cujo paradeiro se desconhece de momento.

Sanguinários e brutais, os gigantes quase causaram a sua própria extinção, lutando entre si durante o século passado. Os poucos que restaram juntaram-se às hostes de Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado e foram responsáveis por algumas das piores matanças de Muggles durante o seu reinado de terror.

Embora muitos dos gigantes que serviram Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado tenham sido mortos por Aurors que trabalhavam contra as Trevas, Fridwulfa não se encontrava entre eles. É possível que tenha escapado para uma das comunidades de gigantes que ainda existem em cadeias montanhosas no estrangeiro. No entanto, se as suas palhaçadas durante as aulas de Cuidados com as Criaturas Mágicas servem de indicador, o filho de Fridwulfa parece ter herdado a sua natureza brutal.

Sabe-se que, numa bizarra reviravolta, Hagrid cultivou uma grande amizade com o rapaz que causou a queda do Quem-Nós-Sabemos — forçando desse modo a sua própria mãe, assim como os restantes apoiantes do Quem-Nós-Sabemos, a esconder-se. Talvez Harry Potter desconheça a desagradável verdade sobre o seu enorme amigo, mas Albus Dumbledore tem certamente o dever de assegurar que Harry Potter, juntamente com os seus colegas, seja avisado dos perigos que envolvem a sua ligação a meio-gigantes.

Harry terminou a leitura e ergueu o olhar para Ron, que estava de boca aberta.

— Como é que ela descobriu? — sussurrou ele.

Mas não era isso que preocupava Harry.

— O que queres tu dizer com «toda a gente odeia Hagrid»? — cuspiu Harry para Malfoy. — Que parvoíce é esta sobre *ele* — apontou para Crabbe — ter sido gravemente mordido por uma lesma? Elas nem sequer têm dentes!

Crabbe ria-se dissimuladamente, parecendo muito contente consigo próprio.

— Bem, acho que isto deve pôr um ponto final na carreira de professor daquela fraude — congratulou-se Malfoy, com os olhos a brilhar. — Meio-gigante... e eu a pensar que ele tinha só engolido uma garrafa de Skele-Gro quando era pequeno... as mães e os papás não vão gostar nada disto... vão rezear que ele coma os seus filhos, ah, ah...

— Tu...

— Estão a prestar atenção, vocês aí?

A voz da professora Grubbly-Plank chegou até aos rapazes; as raparigas estavam agora todas em volta do unicórnio, a fazer-lhe festas. Harry estava tão zangado que o artigo d' *O Profeta Diário* lhe tremia nas mãos quando se voltou, sem o ver, para o unicórnio, cujas inúmeras propriedades mágicas a professora Grubbly-Plank enumerava em voz alta para que os rapazes pudessem também ouvir.

— Espero que aquela mulher fique! — exclamou Parvati depois de a aula acabar, quando regressavam ao castelo para o almoço. — Era assim que eu pensava que deviam ser as aulas de Cuidados com as Criaturas Mágicas... criaturas como deve ser, como unicórnios, não monstros...

— Então e o Hagrid? — perguntou Harry, indignado, ao subirem as escadas.

— E então? — respondeu Parvati numa voz dura. — Pode continuar a ser guarda dos campos, não pode?

Parvati mostrava-se muito fria para com Harry desde o baile. Ele sabia que lhe devia ter prestado um pouco mais de atenção, mas parecia que ela se divertira bastante, apesar de tudo. Não parava de dizer a quem queria ouvir que combinara encontrar-se com o rapaz de Beauxbatons em Hogsmeade na próxima excursão de fim-de-semana.

— Foi uma aula mesmo boa — disse Hermione ao entrarem no Salão. — Não sabia metade das coisas que a professora Grubbly-Plank nos disse sobre os uni...

— Olha para isto! — vociferou Harry, enfiando o artigo d' *O Profeta Diário* debaixo do nariz de Hermione.

Ao ler o artigo, Hermione ficou de boca aberta e teve exactamente a mesma reacção de Ron.

— Como é que aquela horrível Skeeter descobriu? Achas que o Hagrid lhe *contou*?

— Não — respondeu Harry, abrindo caminho para a mesa dos Gryffindor e atirando-se para uma cadeira, furioso. — Nem sequer nos contou a nós, pois não? Acho que ela ficou tão furiosa por ele não lhe dar montes de informações horrorosas sobre mim, que se pôs a bisbilhotar como vingança.

— Talvez o tenha ouvido contar a Madame Maxime no baile — sugeriu Hermione em voz baixa.

— Tê-la-íamos visto no jardim! — contrapôs Ron. — De qualquer modo, ela já não pode entrar na escola, o Hagrid disse que o Dumbledore a proibiu...

— Talvez ela tenha um Manto da Invisibilidade — disse Harry, deitando frango guisado no prato e salpicando tudo tal era a sua raiva. — É mesmo dela!, não é? Esconder-se nos arbustos a espiar as pessoas!

— Como tu e o Ron fizeram, não foi? — disse Hermione.

— Nós não estávamos a tentar ouvi-lo! — exclamou Ron, indignado. — Não tivemos outro remédio! Idiota, a falar da sua mãe gigante onde todos o podiam ouvir!

— Temos de o ir ver — decidiu Harry. — Hoje à noite, depois de Artes Divinatórias. Dizer-lhe que o queremos outra vez... *Queres* que o Hagrid regresse, não queres? — atirou ele a Hermione.

— Eu... bem, não vou fingir que ter uma verdadeira aula de Cuidados com as Criaturas Mágicas não foi uma mudança agradável, mas quero que o Hagrid volte, é claro! — acrescentou Hermione apressadamente, temendo o olhar furioso de Harry.

Portanto, nessa noite, depois do jantar, os três saíram novamente do castelo e atravessaram os campos gelados até à cabana de Hagrid. Bateram, mas a única resposta foi o som dos latidos estrondosos de *Fang*.

— Hagrid, somos nós! — gritou Harry, batendo com toda a força na porta. — Abre!

Ele não respondeu. Conseguiram ouvir *Fang* a arranhar a porta, a ganir, mas esta não se abriu. Continuaram a bater por mais dez minutos e Ron até foi bater a uma das janelas, mas não houve resposta.

— Por que é que ele nos evita, a *nós*? — perguntou Hermione, quando tinham finalmente desistido e regressavam à escola.

— Certamente não pensa que nós nos importamos por ele ser meio-gigante, pois não?

Mas parecia que Hagrid se importava. Não tiveram sinal dele durante toda a semana. Não apareceu na mesa dos professores à hora das refeições, não o viram no desempenho das suas tarefas de guarda dos campos e a professora Grubbly-Plank continuou a dar as aulas de Cuidados com as Criaturas Mágicas. Malfoy regozijava-se sempre que possível.

— Têm saudades do vosso companheiro rafeiro? — sussurrava ele para Harry sempre que havia um professor por perto para ter a certeza de que Harry não podia retaliar. — Têm saudades do homem-elefante?

A meio de Janeiro houve uma visita a Hogsmeade. Hermione ficou

muito surpreendida por Harry estar a planear ir.

— Pensei que quererias aproveitar o facto de a sala comum estar sossegada — disse ela. — Para trabalhares a sério naquele ovo.

— Oh, acho... já sei mais ou menos do que se trata — mentiu Harry.

— A sério? — disse Hermione, parecendo impressionada. — Muito bem!

As entranhas de Harry contorceram-se de culpa, mas ele ignorou-as. Afinal de contas, ainda tinha cinco semanas para descobrir o significado do ovo e isso era muito tempo... e, se fosse a Hogsmeade, talvez encontrasse Hagrid e tivesse oportunidade de o convencer a regressar.

Ele, Ron e Hermione deixaram juntos o castelo no sábado e atravessaram os campos frios e molhados, em direcção aos portões. Ao passarem pelo navio de Durmstrang, atracado no lago, viram Viktor Krum aparecer no convés, vestindo apenas um fato de banho. Era muito magro, mas mais forte do que parecia, pois trepou para a amurada, esticou os braços e mergulhou no lago.

— É louco! — exclamou Harry, olhando para a cabeça escura de Krum que balançava no meio do lago. — Deve estar um gelo, estamos a meio de Janeiro!

— Faz muito mais frio no sítio de onde ele vem — retorquiu Hermione. — Suponho que, para ele, esta água é quase quente.

— Sim, mas há também a lula gigante — disse Ron. Não parecia ansioso... até parecia esperançado. Hermione notou o seu tom de voz e franziu o sobrolho.

— Ele é muito simpático, sabem — afirmou ela. — Não é nada como imaginam, vindo de Durmstrang. Disse-me que gostava muito mais disto aqui.

Ron não respondeu. Não voltara a falar de Viktor Krum desde o baile, mas Harry encontrara um braço em miniatura debaixo da cama dele no dia a seguir ao Natal que parecia mesmo ter sido arrancado de um pequeno modelo que vestia o equipamento de Quidditch da Bulgária.

Harry perscrutava a lamacenta High Street, em busca de um sinal de Hagrid e sugeriu uma visita ao Três Vassouras, depois de se ter certificado de que Hagrid não estava em nenhuma das lojas.

O bar estava tão cheio de gente como habitualmente, mas uma olhadela rápida às mesas indicou a Harry que Hagrid não estava ali. Preocupado, foi até ao balcão com Ron e Hermione, pediu três Cervejas de Manteiga a Madame Rosmerta e pensou com tristeza que, afinal de contas, mais valia ter ficado no castelo a escutar os gemidos do ovo.

— Será que ele *nunca* vai ao serviço? — murmurou Hermione

subitamente. — Olhem!

Apontou para o espelho por detrás do bar e Harry viu o reflexo de Ludo Bagman, sentado num canto escuro com um bando de duendes. Bagman falava muito depressa, em voz baixa, aos duendes, que tinham todos os braços cruzados e ostentavam uma expressão bastante ameaçadora.

Era realmente estranho, pensou Harry, que Bagman estivesse ali no Três Vassouras num fim-de-semana em que não havia nada relacionado com o Torneio e, portanto, não podia servir de juiz. Observou Bagman pelo espelho. Tinha novamente um ar tenso, tão tenso como o que mostrara naquela noite na floresta, antes de a Marca Negra ter aparecido. Porém, nesse momento, Bagman olhou para cima, para o balcão, viu Harry e levantou-se.

— Daqui a pouco, daqui a pouco! — ouviu-o Harry a dizer bruscamente aos duendes e Bagman atravessou o bar a correr na sua direcção, com o seu sorriso gaiato de novo no rosto.

— Harry! — exclamou ele. — Como estás? Tenho andado à tua procura! Vai tudo bem?

— Tudo bem, obrigado — respondeu Harry.

— Será que te podia dar uma palavrinha rápida, em particular, Harry? — perguntou Bagman ansiosamente. — Vocês dois dão-nos licença por um momento, não é verdade?

— Hum... claro — acedeu Ron. Ele e Hermione afastaram-se à procura de uma mesa.

Bagman conduziu Harry ao longo do balcão, para a ponta mais afastada de Madame Rosmerta.

— Bem, queria só dar-te novamente os parabéns pelo teu óptimo desempenho contra aquele Cauda-de-Chifre, Harry — disse Bagman. — Realmente espectacular.

— Obrigado — agradeceu Harry, sabendo que não podia ser só aquilo que Bagman lhe queria dizer, pois podia tê-lo felicitado em frente de Ron e Hermione. No entanto, Bagman parecia não ter lá muita pressa em despejar o saco. Harry viu-o a olhar outra vez pelo espelho do balcão para os duendes, que os observavam aos dois em silêncio pelos seus olhos escuros e oblíquos.

— Um verdadeiro pesadelo — comentou Bagman com Harry em voz baixa, notando que Harry também observava os duendes. — O inglês deles não é lá muito bom... é como estar outra vez com os búlgaros na Taça Mundial de Quidditch... mas, pelo menos, *eles* usavam uma linguagem de sinais que qualquer humano podia compreender. Estes tipos só linguarejam em duendês... e eu só sei uma palavra em duendês. *Bladvak*. Significa

«picareta». Não gosto de a usar, para o caso de pensarem que os estou a ameaçar. — Lançou uma curta gargalhada estrondosa.

— O que querem eles? — perguntou Harry, notando como os duendes continuavam a observar Bagman com toda a atenção.

— Hã... bem... — hesitou Bagman, parecendo subitamente nervoso. — Eles... hã... andam à procura do Barty Crouch.

— Por que é que andam à procura dele aqui? — perguntou Harry. — Ele está no Ministério em Londres, não está?

— Sim... na verdade, não faço ideia de onde esteja — confessou Bagman. — Parece que... deixou de vir trabalhar. Já está ausente há duas semanas. O jovem Percy, o assistente dele, diz que está doente. Parece que tem estado a enviar instruções pela coruja. Mas não menciones isto a ninguém, está bem, Harry? É que a Rita Skeeter continua a meter o nariz em tudo o que pode e aposto que iria transformar a doença do Barty em algo de sinistro. Provavelmente, diria que ele desapareceu como a Bertha Jorkins.

— Sabe alguma coisa da Bertha Jorkins? — perguntou Harry.

— Não — respondeu Bagman, novamente tenso. — Tenho gente à procura, claro... — (Já não era sem tempo, pensou Harry) — e é tudo muito estranho. Ela chegou *de certeza* à Albânia, porque se encontrou lá com uma prima em segundo grau. Depois, deixou a casa da prima para ir para sul e visitar a tia... e parece ter desaparecido sem deixar rasto no caminho. Macacos me mordam, se sei onde se enfiou... ela não me parece ser do tipo de fugir para casar, por exemplo... mas, mesmo assim... que estamos aqui a fazer, a falar de duendes e da Bertha Jorkins? Eu queria era perguntar-te — baixou a voz — como é que vais com o teu ovo dourado?

— Hã... nada mal — respondeu Harry, faltando à verdade.

Pareceu-lhe que Bagman tinha percebido que ele não estava a ser honesto.

— Escuta, Harry — disse ele (continuando a falar em voz muito baixa) —, tenho um mau pressentimento sobre tudo isto... foste forçado a entrar neste Torneio, não te candidataste livremente... e se — (a voz era agora tão baixa que Harry teve de se inclinar para a frente para o ouvir) — ... se eu puder ajudar, dar um empurrão na direcção certa... gosto de ti... a forma como venceste aquele dragão! Bem, basta dizeres.

Harry olhou para o rosto redondo e rosado de Bagman, com os seus grandes olhos azul-bebé.

— A ideia é descobirmos as pistas sozinhos, não é? — disse, tendo cuidado de manter a voz neutra para não parecer que estava a acusar o chefe do Departamento de Jogos e Desportos Mágicos de quebrar as regras.

— Bem... bem, sim — admitiu Bagman impacientemente —, mas, vá lá, Harry... todos queremos uma vitória de Hogwarts, não queremos?

— Ofereceu ajuda ao Cedric? — perguntou Harry.

Um ligeiro olhar de desagrado apareceu no rosto suave de Bagman.

— Não, não ofereci — respondeu ele. — Bem, como te disse, gosto de ti. Pensei em oferecer-te...

— Obrigado — disse Harry —, mas acho que já descobri quase tudo... mais uns dias e resolvo o resto.

Harry não sabia muito bem por que motivo recusava a ajuda de Bagman, a não ser que fosse por este ser praticamente um estranho. Aceitar a assistência dele era quase como fazer batota, muito diferente de pedir ajuda a Ron, Hermione ou Sirius.

Bagman pareceu quase ofendido, mas não pôde dizer muito mais, pois Fred e George apareceram nessa altura.

— Olá, Mr. Bagman — cumprimentou Fred vivamente. — Podemos oferecer-lhe uma bebida?

— Bem... não — respondeu ele, com um último olhar de desapontamento para Harry —, não, obrigado rapazes...

Fred e George ficaram tão desiludidos como Bagman, que observava Harry como se estivesse verdadeiramente triste.

— Bem, tenho de ir andando — despediu-se ele. — Gostei de os ver. Boa sorte, Harry.

Saiu do bar apressadamente. Os duendes deslizaram todos das cadeiras e saíram atrás dele e Harry foi juntar-se a Ron e Hermione.

— O que queria ele? — perguntou Ron assim que Harry se sentou.

— Ofereceu-se para me ajudar com o ovo dourado — disse Harry.

— Não devia fazer isso! — exclamou Hermione, com um ar muito chocado. — É um dos juízes! E, de qualquer forma, tu já descobriste, não foi?

— Sim... quase — disse Harry.

— Bem, acho que o Dumbledore não ia gostar nada, se soubesse que o Bagman andava a tentar convencer-te a fazer batota — afirmou Hermione, ainda com um ar de grande desaprovação. — Espero que também esteja a tentar ajudar o Cedric.

— Não está. Eu perguntei-lhe — disse Harry.

— Quem é que quer saber se o Diggory tem ajuda? — exclamou Ron. Harry concordou em segredo.

— Aqueles duendes não tinham um ar lá muito amigável — comentou Hermione, dando um golinho na sua Cerveja de Manteiga. — O que estariam ali a fazer?

— À procura do Crouch, segundo o Bagman — respondeu Harry. — Continua doente e não tem ido trabalhar.

— Talvez o Percy o ande a envenenar — alvitrou Ron. — Se calhar, pensa que se o Crouch bater a bota, ele é eleito chefe do Departamento da Cooperação Mágica Internacional.

Hermione lançou a Ron um olhar a dizer que não gozasse com aquelas coisas e comentou:

— Esquisito, duendes à procura de Mr. Crouch... seria de esperar que tratassem com o Departamento para o Regulamento e Controlo de Criaturas Mágicas.

— Parece que o Crouch fala montes de línguas — explicou Harry. — Talvez precisem de um intérprete.

— Agora preocupas-te com os pobrezinhos dos duendes, é? — perguntou Ron a Hermione. — Estás a pensar organizar um B.A.B.D.H. ou coisa assim? Uma Brigada de Apoio ao Bem-Estar dos Duendes Horróricos?

— Ah, ah, ah — riu Hermione sarcasticamente. — Os duendes não precisam de apoio. Não tens ouvido o que o professor Binns tem andado a dizer-nos sobre as revoltas deles?

— Não — responderam Harry e Ron simultaneamente.

— Bem, são perfeitamente capazes de lidar com feiticeiros — respondeu Hermione, bebendo mais Cerveja de Manteiga. — São muito espertos. Não são como os elfos domésticos, que nunca se defendem.

— Pois, pois — murmurou Ron, olhando para a porta.

Rita Skeeter acabara de entrar. Trajava um manto amarelo-banana, tinha as unhas pintadas de cor-de-rosa choque e vinha acompanhada do seu fotógrafo barrigudo. Pediu bebidas e ela e o fotógrafo abriram caminho por entre as pessoas em direcção a uma mesa próxima. Harry, Ron e Hermione olharam para ela furiosos. Skeeter falava muito depressa e parecia satisfeita com qualquer coisa.

— ... não estava muito interessado em falar connosco, pois não, Bozo? Por que seria? E, de qualquer forma, o que anda ele a fazer com um bando de duendes atrás? A mostrar-lhes a paisagem... que disparete... sempre mentiu muito mal. Será que se passa alguma coisa? Achas que devemos investigar? *Ludo Bagman, Ex-Chefe de Desportos Mágicos, Caído em Desgraça*... bela frase de abertura, Bozo, só precisamos de arranjar uma história para ela...

— A tentar destruir a vida de alguém? — perguntou Harry em voz alta.

Algumas pessoas olharam em volta. Os olhos de Rita Skeeter abriram-se muito por detrás dos seus óculos adornados com brilhantes ao ver quem

tinha falado.

— Harry! — exclamou, com um grande sorriso. — Que maravilha! Por que é que não te juntas...?

— Não me aproximava de si nem com uma vassoura de três metros — respondeu Harry, furioso. — Por que é que fez uma coisa daquelas ao Hagrid, hem?

Rita Skeeter ergueu uma sobrancelha desenhada a lápis.

— Os nossos leitores têm o direito de saber a verdade, Harry, estou só a cumprir...

— Quem é que se importa que ele seja meio-gigante? — gritou Harry. — Não se passa nada de mal com ele!

No bar fizera-se um grande silêncio. Madame Rosmerta estava a olhar por detrás do balcão, parecendo não notar que o frasco que estava a encher com *mead* já deitava por fora.

O sorriso de Rita Skeeter vacilou, mas ela recompôs-se quase de imediato. Abriu bruscamente a sua mala de pele de crocodilo, tirou a Pena de Notas Rápidas e disse:

— Que tal dares-me uma entrevista sobre o Hagrid que *tu* conheces, Harry? O homem por detrás dos músculos? Essa tua estranha amizade e as razões que levaram a ela? Chamar-lhe-ias um substituto de pai?

Hermione levantou-se abruptamente, com o copo de Cerveja de Manteiga na mão como se fosse uma granada.

— Sua mulher horrenda — disse por entredentes —, não dá valor a nada, pois não? Vale tudo em troca de uma história, qualquer pessoa serve, não é? Até o Ludo Bagman...

— Senta-te, menina idiota, e não fales daquilo que não percebes — disse Rita Skeeter friamente para Hermione, com o olhar a endurecer. — Sei coisas sobre o Ludo Bagman que te poriam os cabelos em pé... Não que seja *preciso* — acrescentou ela, olhando para o cabelo revoltado de Hermione.

— Vamos embora — disse Hermione. — Vamos, Harry... Ron...

Saíram. Havia muita gente a observá-los. Ao chegarem à porta, Harry olhou para trás. Rita Skeeter tinha a Pena de Notas Rápidas na mão e escrevia a grande velocidade num pedaço de pergaminho.

— A seguir, vai perseguir-te a ti, Hermione — avisou Ron, numa voz baixa e preocupada, enquanto subiam apressadamente a rua.

— Ela que tente! — respondeu estridentemente Hermione, que tremia de raiva. — Eu digo-lhe! Com que então, menina idiota! Vou fazê-la pagar por isto, primeiro o Harry, depois o Hagrid...

— O melhor é não irritares a Rita Skeeter — aconselhou-a Ron, todo

enervado. — Estou a falar a sério, Hermione, ela vai descobrir alguma coisa sobre ti...

— Os meus pais não lêem *O Profeta Diário*, não consegue assustar-me nem calar-me a boca! — respondeu Hermione, caminhando tão depressa que Harry e Ron mal a conseguiam acompanhar. A última vez que Harry vira Hermione assim tão furiosa, ela acabara por dar um murro a Draco Malfoy. — E o Hagrid vai parar de se esconder! *Nunca* devia ter deixado que aquela imitação de pessoa o perturbasse! *Vamos!*

Desatando a correr, levou-os de regresso pela estrada acima, passaram pelos portões ladeados por javalis alados e subiram os campos, direitos à cabana de Hagrid.

As cortinas continuavam corridas e podiam ouvir *Fang* a ladrar ao aproximarem-se.

— Hagrid! — gritou Hermione, dando murros na porta da frente. — Hagrid, já chega! Sabemos que estás aí dentro! Ninguém quer saber se a tua mãe era uma gigante, Hagrid! Não podes deixar que aquela horrorosa Skeeter te faça isto! Hagrid, sai daí, estás a ser...

A porta abriu-se e Hermione disse:

— Já não era sem... — e parou subitamente, pois deparou, não com Hagrid, mas com Albus Dumbledore.

— Boa tarde — cumprimentou ele amigavelmente, sorrindo-lhes.

— Nós... hã... queríamos ver o Hagrid — disse Hermione numa vozinha fraca.

— Sim, percebi isso — respondeu Dumbledore, com os olhos a brilhar.

— Por que é que não entram?

— Oh... hum... está bem — assentiu Hermione.

Ela, Ron e Harry entraram na cabana; *Fang* atirou-se a Harry assim que ele entrou, a ladrar loucamente e a tentar lamber-lhe as orelhas. Harry desviou-se dele e olhou em volta.

Hagrid estava sentado à mesa, onde se viam duas grandes canecas de chá. O seu aspecto era horrível. Tinha o rosto manchado, os olhos inchados e o cabelo pior do que nunca; agora que não tentara domá-lo, parecia uma peruca de arame farpado.

— Olá, Hagrid — disse Harry.

Hagrid olhou para cima.

— 'Lá — respondeu ele numa voz muito rouca.

— Mais chá, acho eu — disse Dumbledore, fechando a porta atrás deles. Tirou a varinha, revirou-a e apareceu um tabuleiro de chá a rodopiar pelo ar, juntamente com um prato de bolos. Dumbledore levou o tabuleiro para a mesa através de magia e sentaram-se todos. Houve uma ligeira pausa e em

seguida Dumbledore perguntou:

— Por acaso, ouviste o que Miss Granger estava a gritar, Hagrid?

Hermione corou um pouco, mas Dumbledore sorriu-lhe e continuou:

— Parece que a Hermione, o Harry e o Ron continuam a querer dar-se contigo, pelo menos pela maneira como tentaram arrombar a porta.

— É claro que continuamos a querer dar-nos com ele! — exclamou Harry, olhando para Hagrid. — Não pensas que nada do que aquela vaca da Skeeter... desculpe, professor — acrescentou ele rapidamente, olhando para Dumbledore.

— Fiquei temporariamente surdo e não faço ideia do que disseste, Harry — afirmou Dumbledore, girando os polegares e olhando para o tecto.

— Hã... certo — balbuciou Harry acanhadamente. — Eu queria dizer... Hagrid, como é que pudeste pensar que nos importávamos com aquilo que aquela... mulher... escreveu sobre ti?

Duas lágrimas gordas caíram dos olhos negros de Hagrid e rolaram lentamente pela sua barba emaranhada.

— Eis uma prova viva do que te tenho estado a dizer, Hagrid — prosseguiu Dumbledore, continuando a olhar cuidadosamente para o tecto. — Mostrei-te as cartas de inúmeros pais que se recordam de ti quando aqui andaram e que me dizem claramente que, se eu te despedisse, não ficariam calados...

— Nem todos... — disse Hagrid em voz rouca. — Nem todos querem qu'eu fique.

— Francamente, Hagrid, se queres testar a tua popularidade, receio que fiques nesta cabana por muito tempo — respondeu Dumbledore, espreitando agora, com ar sério, sobre os seus óculos em meia-lua. — Desde que me tornei director desta escola, não passou uma única semana que não tivesse recebido uma coruja, a queixarem-se da forma como a dirijo. Mas o que podia fazer? Barricar-me no meu gabinete e recusar-me a falar com as pessoas?

— Pois... o senhor nã' é meio-gigante! — exclamou Hagrid em voz áspera.

— Hagrid, olha para os meus familiares! — disse Harry furiosamente. — Olha para os Dursley!

— Muito bem visto — opinou o professor Dumbledore. — O meu próprio irmão, o Aberforth, foi perseguido por praticar feitiços inapropriados numa cabra. Veio em todos os jornais, mas o Aberforth escondeu-se? Não, não se escondeu! Manteve a cabeça erguida e continuou com a sua vida, como sempre! Claro, não tenho bem a certeza de que ele saiba ler, portanto pode não ter sido por coragem...

— Volta a dar aulas, Hagrid — pediu Hermione baixinho —, por favor, volta, sentimos mesmo a tua falta.

Hagrid engoliu em seco. Correram mais lágrimas pela sua face e pela barba emaranhada. Dumbledore levantou-se.

— Recuso-me a aceitar a tua demissão, Hagrid, e espero que regresSES ao trabalho na segunda-feira — disse ele. — Vens tomar o pequeno-almoço comigo no Salão às oito e meia. Não há desculpas. Boa tarde a todos.

Dumbledore saiu da cabana, parando apenas para coçar as orelhas de *Fang*. Quando a porta se fechou, Hagrid começou a soluçar, tapando a cara com as suas enormes mãos. Hermione não parava de lhe fazer festas no braço e Hagrid olhou por fim para cima, com os olhos muito vermelhos, e disse:

— Grande homem, o Dumbledore... grande homem...

— Sim, é — concordou Ron. — Posso comer um desses bolos, Hagrid?

— Serve-te — respondeu Hagrid, limpando os olhos com as costas das mãos. — Ah, ele tem razão, claro... vocês têm todos razão... tenho sido um estúpido... o meu velho teria tido vergonha do meu comportamento. — Rolaram mais lágrimas, mas ele limpou-as com mais determinação e acrescentou: — Nunca vos mostrei uma fotografia do meu pai, pois não? Aqui 'tá...

Hagrid levantou-se, foi até à cómoda, abriu uma gaveta e tirou uma fotografia de um pequeno feiticeiro com olhos enrugados e pretos como Hagrid, sentado no ombro do filho, a sorrir. Hagrid devia medir uns dois metros ou dois metros e meio de altura, comparando com a macieira ao seu lado, mas não tinha barba e o rosto era redondo e macio... não parecia ter muito mais de onze anos.

— Foi tirada logo depois d'eu ter entrado para Hogwarts — contou Hagrid, com voz rouca. — O meu pai ficou muito feliz... receava qu'eu não fosse feiticeiro, 'tão a ver, porque a minha mãe... bem, seja como for. 'Tá claro qu'eu nunca fui grande coisa como mágico, na verdade... mas, pelo menos, não me viu ser expulso. 'Tão a ver, morreu no meu segundo ano... Foi o Dumbledore quem me ajudou, depois de o meu pai se ter ido. Arranjou-me o emprego de guarda dos campos... confia nas pessoas, ele. Dá-lhes outra oportunidade... é o qu'o torna diferente dos outros directores, sabem. Aceita qualquer pessoa em Hogwarts, desde que tenha talento. Sabe qu'as pessoas podem vir a ser boas, mesmo qu'as suas famílias nã' fossem... bem... lá muito respeitáveis. Mas há quem não compreenda isto. Há quem nos leve sempre a mal... há quem até finja que tem ossos grandes, em vez de se levantar e dizer: «Sou o que sou e não tenho vergonha.» «Nunca te envergonhes», costumava dizer o meu pai, «há

quem te leve a mal, mas não vale a pena chateares-te com eles». E tinha razão. Fui um idiota. Já não me chateio mais por causa *dela*, prometo-vos. Ossos grandes... eu dou-lhe os ossos grandes...

Harry, Ron e Hermione olharam com ansiedade uns para os outros; Harry preferia levar cinquenta Explojentos Cauda-de-Fogo a passear do que admitir perante Hagrid que escutara a conversa dele com Madame Maxime, mas Hagrid continuava a falar, parecendo não ter reparado que dissera algo esquisito.

— Sabes uma coisa, Harry? — disse ele, levantando os olhos da fotografia do pai, com o olhar muito brilhante. — Quando eu te conheci, achei-te um bocado parecido comigo. Sem pai nem mãe e achavas que não te ias adaptar bem a Hogwarts, lembras-te? Não tinhas a certeza de que 'tavas à altura... e olha pra ti agora, Harry! Campeão da escola!

Olhou para Harry por um momento e depois disse com um ar muito sério:

— Sabes de qu'ê qu'eu gostava, Harry? Adorava que tu ganhasses, gostava mesmo. Pra eles verem... não é preciso ter sangue puro pra conseguir. Não temos de ter vergonha de sermos aquilo que somos. Provamos-lhes que o Dumbledore é que 'tá certo, deixar entrar todos os que conseguem fazer magia. Como é que vais com aquele ovo, Harry?

— Tudo bem — disse Harry. — Vai tudo bem.

O rosto infeliz de Hagrid abriu-se num grande sorriso lacrimoso.

— Assim é que é... Mostra-lhes, Harry, mostra-lhes como é. Vence-os a todos.

Mentir a Hagrid não era bem como mentir aos outros. Mais tarde, Harry voltou para o castelo com Ron e Hermione, incapaz de apagar a imagem da expressão de felicidade no rosto barbudo do amigo, ao imaginá-lo a ele a ganhar o Torneio. Nessa noite, o incompreensível ovo pesou ainda mais na sua consciência e, quando se enfiou na cama, Harry tomara uma decisão: era altura de engolir o orgulho e ver se a pista de Cedric valia alguma coisa.

XXV

O OVO E O OLHO

Como Harry não sabia quanto tempo teria de ficar no banho para decifrar o segredo do ovo dourado, decidiu tomá-lo à noite, quando poderia dispor do tempo que quisesse.

Embora sentisse relutância em aceitar mais favores de Cedric, decidiu também usar a casa de banho dos prefeitos; havia menos pessoas com autorização para lá irem, portanto era muito menos provável que o incomodassem.

Planeou a sua ida cuidadosamente, porque já uma vez fora apanhado por Filch, o encarregado, fora da cama e do dormitório a meio da noite e não tinha vontade nenhuma de repetir a experiência. É claro que o Manto da Invisibilidade seria essencial e, como precaução adicional, decidiu levar o Mapa do Salteador, que, a seguir ao Manto, era a ajuda mais útil para quebrar regras que Harry possuía. O mapa mostrava toda a escola, incluindo os inúmeros atalhos e passagens secretas e, mais importante de tudo, mostrava as pessoas dentro do castelo como minúsculos pontos com o respectivo nome, andando pelos corredores, de forma que Harry seria avisado com tempo se alguém se aproximasse da casa de banho.

Na quinta-feira à noite, esgueirou-se até à cama, pôs o Manto da Invisibilidade, voltou a descer as escadas sorrateiramente e, tal como fizera na noite em que Hagrid lhe mostrara os dragões, esperou que o buraco do retrato se abrisse. Desta vez, foi Ron quem esperou do lado de fora para dizer a senha à Dama Gorda («Fritos de Banana»).

— Boa sorte — murmurou Ron, subindo para a sala comum, enquanto Harry passava por ele silenciosamente.

Nessa noite, era mais difícil mover-se sob o Manto porque levava o pesado ovo debaixo de um braço e com o outro segurava o mapa diante do

nariz. Contudo, os corredores, iluminados pela lua, estavam vazios e silenciosos e, verificando o mapa a intervalos estratégicos, Harry conseguia certificar-se de que não iria esbarrar contra ninguém que quisesse evitar. Quando chegou à estátua de Boris, *o Espantado*, um feiticeiro de ar perdido, com luvas enfiadas ao contrário, localizou a porta certa, encostou-se a ela e murmurou a senha, «Frescura de Pinho», tal como Cedric lhe dissera.

A porta abriu-se com um rangido. Harry deslizou para dentro, trancou a porta e tirou o Manto da Invisibilidade, olhando em volta.

A sua primeira reação foi de que valia a pena tornar-se prefeito só para poder usar aquela casa de banho. Estava suavemente iluminada por um magnífico lustre de velas e era toda de mármore branco, incluindo aquilo que parecia uma piscina rectangular, vazia, encastrada no meio do soalho. A toda a volta da berma da banheira viam-se cerca de cem torneiras douradas, todas com uma jóia de cor diferente no manípulo. Havia também uma prancha de saltos. Das janelas pendiam longas cortinas de linho branco e via-se a um canto uma grande pilha de fofas toalhas brancas. Na parede estava pendurado um único quadro com uma moldura dourada, onde se via uma sereia loura que dormia profundamente numa rocha. O seu longo cabelo esvoaçava sobre o rosto de cada vez que ressonava.

Harry poisou o Manto, o ovo e o mapa e avançou, olhando em volta, com os passos a ecoarem nas paredes. Embora a casa de banho fosse magnífica — e embora estivesse ansioso por experimentar algumas daquelas torneiras — agora que ali estava, não conseguia eliminar completamente a sensação de que talvez Cedric tivesse estado a gozar com ele. Como diabo é que aquilo poderia ajudar a resolver o mistério do ovo? Apesar de tudo, pôs uma das toalhas fofas, o Manto, o mapa e o ovo ao lado da piscina, ajoelhou-se e abriu umas quantas torneiras.

Percebeu logo que cada uma lançava um tipo diferente de espuma de banho misturada com água, embora fosse completamente diferente do que Harry alguma vez vira. Uma torneira jorrava bolhas cor-de-rosa e azuis do tamanho de bolas de futebol; de outra saía uma espuma branca como a neve, tão espessa que provavelmente teria força para aguentar com ele, se Harry resolvesse fazer a experiência; uma terceira lançava nuvens roxas com um perfume intenso, que pairavam sobre a superfície da água. Harry divertiu-se durante um bocado, abrindo e fechando torneiras. Gostou especialmente do efeito de uma, cujo jacto ressaltava da superfície da água em grandes arcos. Depois, quando a funda banheira já estava cheia de água quente, espuma e bolhas (o que levou muito pouco tempo, apesar do seu tamanho), Harry fechou as torneiras todas, tirou o roupão, o pijama e os

chinelos e enfiou-se na água.

Esticou os braços, pegou no ovo com as mãos molhadas e abriu-o. O som dos gemidos e guinchos encheu a casa de banho, ecoando e ressoando nas paredes de mármore, mas era tão incompreensível como antes, ou ainda mais devido à intensidade do eco. Fechou-o com força outra vez, com medo de que o som atraísse Filch, pensando se não teria sido esse o plano de Cedric, quando algo o fez dar um salto tão grande que deixou cair o ovo, o qual rebolou pelo chão da casa de banho. Alguém falou.

— Se fosse a ti, experimentava metê-lo *dentro* de água.

Com o choque, Harry engoliu uma quantidade considerável de bolhas. Levantou-se a cuspir água e viu o fantasma de uma rapariga com um ar muito triste, sentada de pernas cruzadas em cima de uma das torneiras. Era a Murta Queixosa, que normalmente se ouvia a soluçar no sifão de uma sanita de uma casa de banho, três andares abaixo.

— Murta! — exclamou Harry, indignado. — Não... não tenho nada vestido!

A espuma era tão densa que isso quase não importava, mas Harry teve a sensação de que a Murta o estivera a espiar de uma das torneiras desde que ele chegara.

— Fechei os olhos quando entraste — disse ela, piscando os olhos através dos seus espessos óculos. — Há *séculos* que não me vais visitar.

— Bem... — hesitou Harry, dobrando ligeiramente a cabeça para se certificar de que a Murta não conseguia ver absolutamente mais nada a não ser a sua cabeça — não posso ir à tua casa de banho, pois não? É das raparigas.

— Dantes não te importavas — lembrou-lhe a Murta, infelicíssima. — Costumavas ir lá a toda a hora.

Era verdade, mas só porque Harry, Ron e Hermione tinham achado que a casa de banho avariada da Murta era um lugar conveniente para fazer em segredo a Poção Polissuco... uma poção proibida que transformara Harry e Ron em réplicas vivas de Crabbe e Goyle durante uma hora, o que lhes permitiu introduzirem-se secretamente na sala comum dos Slytherin.

— Castigaram-me por lá ir — disse Harry, o que era em parte verdade; Percy apanhara-o uma vez a sair da casa de banho da Murta. — Achei melhor não voltar lá depois disso.

— Ah... estou a ver... — disse a Murta, mexendo numa borbulha do queixo com um ar rabugento. — Bem... de qualquer forma... eu experimentaria meter o ovo na água. Foi o que o Cedric Diggory fez.

— Também o estiveste a espiar? — perguntou Harry, indignado. — O que é que tu fazes? Escapas-te para aqui à noite para ver os prefeitos a

tomar banho?

— Às vezes — respondeu a Murta dissimuladamente —, mas nunca tinha saído para falar com ninguém.

— Sinto-me honrado — disse Harry com ar sombrio. — Mantém os olhos fechados!

Harry certificou-se de que a Murta tinha tapado bem os óculos antes de se içar para fora da banheira. Enrolou firmemente a toalha à sua volta e foi buscar o ovo.

Quando já estava novamente dentro de água, a Murta espreitou por entre os dedos e disse:

— Vá lá, então... abre-o debaixo de água!

Harry baixou o ovo, passando a superfície espumosa e abriu-o..., desta vez, não gemeu. Saía dele uma canção gorgolejante, uma canção cujas palavras ele não conseguia compreender através da água.

— Precisas de mergulhar a cabeça também — disse a Murta, que parecia estar a adorar dar-lhe ordens. — Vá lá.

Harry inspirou profundamente e deslizou para baixo da superfície da água — e então, sentado no fundo de mármore da banheira cheia de bolhas, ouviu um coro de vozes fantasmagóricas, vindo do ovo aberto nas suas mãos:

*Vem onde as nossas vozes estão
Não podemos cantar acima do chão,
E enquanto procuras, pensa assaz:
Tirámos o que mais falta te faz
Tens uma hora para procurar
E o que tirámos recuperar
depois é tarde, meu rapaz
Nunca mais a encontrarás.*

Harry deixou-se flutuar até ao cimo, rompendo a superfície cheia de bolhas e sacudindo o cabelo dos olhos.

— Ouviste? — perguntou a Murta.

— Ouvi... «*Vem onde as nossas vozes estão...*» espera aí, preciso de ouvir outra vez... — Voltou a enfiar-se na água.

Foram precisos mais três desempenhos subaquáticos do ovo para Harry decorar a canção. Depois, ficou a brincar com a água e a pensar intensamente, enquanto a Murta permanecia sentada, a observá-lo.

— Tenho de ir à procura de pessoas que não podem usar a voz acima do chão... — disse ele lentamente. — Hã... quem poderá ser?

— És um pouco lento, não és?

Nunca vira a Murta Queixosa tão alegre, com excepção do dia em que a dose de Poção Polissuco fez com que Hermione ficasse com a cara toda peluda e um rabo de gato.

Harry olhou em volta da casa de banho, a pensar... se as vozes só se conseguiam ouvir debaixo de água, fazia sentido que pertencessem a criaturas subaquáticas. Contou a sua teoria à Murta, o que lhe provocou um sorriso afectado.

— Bem, isso foi o que o Diggory pensou — disse ela. — Ficou aí séculos a falar disso sozinho. Séculos e séculos... até quase todas as bolhas desaparecerem...

— Debaixo de água... — disse Harry lentamente. — Murta, o que é que vive no lago, para além da lula gigante?

— Oh, todo o tipo de coisas — respondeu ela. — Por vezes, vou até lá... às vezes não o posso evitar, se alguém puxa o meu autoclismo quando não estou à espera...

Tentando não pensar na Murta Queixosa a descer por um cano até ao lago, juntamente com o conteúdo de uma sanita, Harry disse:

— Bem, há lá alguma coisa com voz humana? Espera aí...

O olhar de Harry caíra no quadro da sereia adormecida que estava na parede.

— Murta, não há *sereias* lá dentro, pois não?

— Oooh, muito bem — disse ela, com os espessos óculos a cintilar. — O Diggory levou muito mais tempo! E foi com *ela* acordada — a Murta fez um gesto de cabeça em direcção à sereia, com uma expressão de profundo desagrado no seu rosto sorumbático — a rir e a agitar as barbatanas, a exhibir-se...

— É isso, não é? — perguntou Harry, todo excitado. — A segunda tarefa é ir ao lago, encontrar as sereias e... e...

Porém, subitamente, Harry compreendeu o que estava a dizer e sentiu a excitação a esvaír-se, como se alguém tivesse aberto uma válvula no seu estômago. Não era lá muito bom nadador, nunca praticara muito. Dudley tivera lições quando eram pequenos, mas a tia Petúnia e o tio Vernon, sem dúvida na esperança de que Harry se afogasse um dia, não se tinham incomodado com ele. Umas braçadas nesta piscina não eram problema, mas aquele lago era muito grande e muito profundo... e certamente as sereias viviam mesmo no fundo.

— Murta — perguntou Harry lentamente —, como é que eu vou *respirar*?

Ao ouvir isto, os olhos da Murta encheram-se subitamente de lágrimas.

— Que insensível! — resmungou ela, procurando um lenço no seu manto.

— O que é que é insensível? — perguntou Harry, confuso.

— Falar em respirar na *minha* frente! — exclamou ela na sua voz estridente que ecoou muito alto pela casa de banho. — Quando eu não posso... quando eu não o faço... há séculos... — Enterrou a cara no lenço e fungou ruidosamente.

Harry lembrou-se de como a Murta era sensível em relação ao facto de estar morta, mas nenhum dos outros fantasmas que conhecia se incomodava com isso.

— Desculpa — disse ele impacientemente. — Não foi com intenção... esqueci-me...

— Oh, claro, é muito fácil esquecer que a Murta está morta — lastimou-se ela, engolindo em seco e olhando para ele com os olhos inchados. — Ninguém sentia a minha falta, mesmo quando estava viva. Foram precisas horas e horas para encontrar o meu corpo... eu sei, estava lá sentada à espera deles. A Olive Hornby veio à casa de banho. «Estás aqui outra vez amudada, Murta?, perguntou ela. «É que o professor Dippet pediu-me que te procurasse»... e depois viu o meu corpo... oooh, nunca se esqueceu até ao dia da sua morte, certifiquei-me disso... seguia-a por todo o lado e recordava-a, lembro-me de que no casamento do irmão dela...

Mas Harry não estava a ouvir. Pensava novamente na canção das sereias. «*Tirámos o que mais falta te faz.*» Parecia que iam roubar algo que lhe pertencia, algo que ele tinha de recuperar. Mas o que seria?

— ... e depois, é claro, ela fez queixa ao Ministério da Magia para impedir que eu a perseguisse e eu tive de voltar para aqui e viver na minha sanita.

— Ótimo — disse Harry vagamente. — Bem, avancei bastante... fecha os olhos outra vez, vou sair.

Apanhou o ovo do fundo da banheira, saiu, secou-se e vestiu novamente o pijama e o roupão.

— Vens visitar-me à minha casa de banho um destes dias? — perguntou a Murta Queixosa tristemente, quando Harry pegou no Manto da Invisibilidade.

— Bem... vou tentar — disse ele, pensando para si próprio que a única forma de voltar à casa de banho da Murta era se todas as outras estivessem entupidas. — Até à vista, Murta... obrigado pela tua ajuda.

— Adeus, adeus — despediu-se ela melancolicamente e, ao pôr o Manto da Invisibilidade, Harry viu-a enfiar-se outra vez na torneira.

De volta ao corredor escuro, Harry examinou o Mapa do Salteador para

ver se a costa continuava livre. Sim, os pontos que pertenciam a Filch e a *Mrs. Norris* estavam em segurança no gabinete dele. Parecia que mais nada se movia, a não ser Peeves, que andava aos saltos na sala dos troféus, no andar de cima... Harry dera o primeiro passo de regresso à Torre dos Gryffindor quando outra coisa lhe chamou a atenção... uma coisa estranhíssima.

Peeves *não* era o único ser que se mexia. Um ponto isolado movia-se rapidamente numa sala do canto inferior esquerdo — o gabinete de Snape. Mas o ponto não estava identificado como «Severus Snape»... Era Bartemius Crouch.

Harry ficou a olhar para o ponto. Todos pensavam que Mr. Crouch estava demasiado doente para trabalhar ou para ir ao Baile de Natal; então, o que andava ele a fazer, a entrar clandestinamente em Hogwarts à uma da manhã? Harry observou com atenção, à medida que o ponto se movia à volta da sala, parando aqui e ali...

Harry hesitou, ficando a pensar... e depois a curiosidade ganhou. Virou-se e começou a caminhar na direcção oposta, dirigindo-se à escada mais próxima. Ia ver no que é que Crouch andava metido.

Desceu as escadas o mais silenciosamente possível, embora os rostos de alguns dos quadros ainda se voltassem com curiosidade ao ouvirem o rangido de uma tábua do soalho ou o roçar do seu pijama. Avançou cautelosamente pelo corredor de baixo, puxou para o lado uma tapeçaria que ficava mais ou menos ao meio e continuou a descer uma escada estreita que atalhava dois andares. Olhava constantemente para o mapa, a pensar... era um pouco estranho que o correcto Mr. Crouch, tão respeitador da lei, andasse a vasculhar no gabinete dos outros a uma hora tão tardia...

E então, a meio da escada, sem pensar no que estava a fazer, concentrado apenas no bizarro comportamento de Mr. Crouch, a perna de Harry afundou-se subitamente no degrau-armadilha que Neville se esquecia sempre de saltar. Harry oscilou desajeitadamente e o ovo dourado, ainda húmido do banho, escorregou-lhe de debaixo do braço. Inclinou-se para a frente para o tentar apanhar, mas era demasiado tarde; o ovo caiu pelas escadas, batendo em cada degrau com um estrondo tão sonoro como o de um bombo, o Manto da Invisibilidade escorregou, Harry agarrou-o e o Mapa do Salteador escapou-se-lhe da mão e deslizou pelas escadas, parando seis degraus mais abaixo. Enterrado no degrau até à coxa, Harry não conseguia alcançá-lo.

O ovo dourado passou pela tapeçaria do fundo das escadas, abriu-se e começou a gemer muito alto no corredor lá de baixo. Harry pegou na sua varinha e tentou tocar no Mapa do Salteador, para o apagar, mas estava

demasiado longe...

Tapando-se novamente com o Manto, Harry endireitou-se, escutando intensamente, com os olhos contraídos de medo... e quase imediatamente...

— PEEVES!

Era o inconfundível grito de caça de Filch, o encarregado. Harry ouvira os seus passos rápidos e irregulares a aproximarem-se cada vez mais e a sua voz ofegante a elevar-se em fúria.

— Que barulheira é esta? Queres acordar o castelo todo? Eu já te digo, Peeves, eu já te digo... o que é isto?

Os passos de Filch pararam; ouviu-se o barulho de metal contra metal e os gemidos cessaram — Filch apanhara o ovo e fechara-o. Harry ficou absolutamente imóvel, com uma das pernas ainda presa no degrau mágico e escutou. A qualquer momento, Filch ia puxar a tapeçaria para o lado, à espera de ver Peeves... e não havia Peeves nenhum... mas se ele subisse as escadas, descobria o Mapa do Salteador... e, com ou sem Manto da Invisibilidade, o mapa ia mostrar «Harry Potter» exactamente onde ele estava.

— Um ovo? — disse Filch baixinho ao fundo das escadas. — Minha doçura! — Era óbvio que *Mrs. Norris* estava com ele — Isto é uma pista do Torneio! Isto pertence a um campeão da escola!

Harry sentiu-se enjoado e o coração bateu-lhe muito depressa no peito...

— PEEVES! — rugiu Filch alegremente. — Andaste a roubar!

Puxou bruscamente a tapeçaria lá de baixo e Harry viu a sua horrível cara cheia de quistos e os olhos salientes e pálidos a olharem para a escada escura e deserta (para Filch).

— Estás a esconder-te, não é? — disse ele suavemente. — Vou apanhar-te, Peeves... foste roubar uma pista do Torneio, Peeves... O Dumbledore vai expulsar-te daqui por causa disto, seu *poltergeist* nojento, seu gatuno...

Filch começou a subir as escadas, com a sua esquelética gata parda logo atrás. Os olhos de *Mrs. Norris*, que faziam lembrar uma candeia e eram muito parecidos com os do dono, estavam fixos em Harry, que já anteriormente se interrogara se o Manto da Invisibilidade funcionaria com os gatos... enjoado de medo, viu Filch a aproximar-se cada vez mais, no seu velho roupão de flanela. Tentou desesperadamente libertar a perna, mas só conseguiu que se enterrasse mais uns centímetros. A qualquer segundo, Filch ia dar com o mapa ou chocar com ele...

— Filch? O que é que se passa?

Filch parou a alguns degraus de Harry e voltou-se. Ao fundo da escada estava a única pessoa que podia piorar ainda mais a situação de Harry:

Snape. Vestia uma camisa de noite cinzenta e tinha um ar lívido.

— É o Peeves, professor — sussurrou Filch malevolamente. — Atirou este ovo pelas escadas abaixo.

Snape subiu apressadamente as escadas e parou ao lado de Filch. Harry cerrou os dentes, convencido de que o bater do seu coração o denunciaria a qualquer segundo.

— O Peeves? — disse Snape baixinho, olhando para o ovo nas mãos de Filch. — Mas o Peeves não conseguia entrar no meu gabinete...

— Este ovo estava no seu gabinete, professor?

— É claro que não — respondeu asperamente Snape —, ouvi pancadas e gemidos...

— Pois, professor, foi o ovo...

— ... e vim investigar...

— ... foi o Peeves quem o atirou, professor...

— ... e quando passei pelo meu gabinete, vi que as tochas estavam acesas e a porta de um armário entreaberta! Andou alguém a revistá-lo!

— Mas o Peeves não podia...

— Eu sei que não podia, Filch! — retorquiu rispidamente Snape. — Ponho um selo no meu gabinete que só um feiticeiro pode quebrar! — Snape olhou para o cimo das escadas, atravessando Harry com o olhar e depois para o corredor, lá em baixo. — Quero que me venhas ajudar a encontrar o intruso, Filch.

— Eu... sim, professor... mas...

Filch olhou para o cimo das escadas com uma expressão ansiosa, sem ver Harry, que percebeu que ele se sentia muito relutante em abandonar a oportunidade de encurralar Peeves. *Vai*, suplicou-lhe Harry silenciosamente, *vai com o Snape... vai... Mrs. Norris* espreitava por detrás das pernas de Filch e Harry teve a nítida impressão de que ela o conseguia cheirar... por que diabo enchera ele aquela banheira com tanta espuma perfumada?

— A verdade, professor — disse Filch com uma voz queixosa —, é que, desta vez, o director vai ter de me ouvir; o Peeves roubou uma coisa de um aluno e pode ser a minha oportunidade de fazer com que o expulsem do castelo de uma vez por todas.

— Filch, estou-me nas tintas para esse malvado *poltergeist*, o meu gabinete é que...

Toc. Toc. Toc.

Snape calou-se abruptamente. Ele e Filch olharam ambos para o fundo das escadas e Harry viu, por entre a nesga que separava as cabeças deles, Moody Olho-Louco a aparecer, coxeando. Moody vestira o seu velho

manto de viagem por cima da camisa de noite e apoiava-se no bastão, como habitualmente.

— Uma festa nocturna, com que então! — observou secamente para o cima das escadas.

— Eu e o professor Snape ouvimos barulho, professor — justificou-se Filch imediatamente. — Peeves, o *poltergeist*, a atirar com coisas, como é costume. E, depois, o professor Snape descobriu que alguém arrombara o seu gab...

— Cale-se! — sibilou Snape a Filch.

Moody aproximou-se um pouco mais do fundo das escadas. Harry viu o olho mágico de Moody a passar por cima de Snape e depois, a fixar-se indubitavelmente nele.

O seu coração deu um salto horrível. *Moody conseguia ver através dos Mantos da Invisibilidade...* só ele podia ver toda a estranheza da cena... Snape em camisa de dormir, Filch a agarrar o ovo e ele, Harry, encravado no degrau atrás deles. A boca torta de Moody abriu-se de surpresa. Durante alguns segundos, ele e Harry olharam-se directamente nos olhos. Depois, Moody fechou a boca e voltou o seu olho azul para Snape.

— Terei ouvido bem, Snape? — perguntou ele lentamente. — Alguém arrombou o teu gabinete?

— Não tem importância — disse Snape friamente.

— Pelo contrário — contrapôs Moody —, é muito importante. — Quem é que quereria entrar no teu gabinete?

— Um estudante, provavelmente — respondeu Snape. Harry conseguia ver uma veia que tremia de uma maneira horrível na testa gordurosa de Snape. — Já aconteceu. Têm desaparecido ingredientes de poções do meu armário particular... alunos a tentarem fazer misturas ilícitas, sem dúvida...

— Achas que andavam atrás de ingredientes de poções? — perguntou Moody. — Não escondes lá mais nada, pois não?

Harry viu o rosto amarelado de Snape ficar de um terrível tom avermelhado e a veia da testa pulsar mais rapidamente.

— Sabes que não ando a esconder nada, Moody — disse ele, num tom de voz suave e perigoso —, uma vez que tu próprio já revistaste o meu gabinete pormenorizadamente.

O rosto de Moody torceu-se num sorriso.

— É um privilégio de Auror, Snape. O Dumbledore disse-me para me manter atento...

— Acontece que o Dumbledore confia em mim — lembrou Snape por entredentes. — Recuso-me a acreditar que te tenha dado ordens para

revistar o meu gabinete!

— É claro que o Dumbledore confia em ti — resmungou Moody. — Ele é um homem confiante, não é? Acredita em segundas oportunidades. Mas eu digo que há nódoas que não saem, Snape. Nódoas que nunca saem, percebes o que quero dizer?

Subitamente, Snape fez uma coisa muito estranha. Agarrou no seu braço esquerdo convulsivamente com a mão direita, como se algo lhe tivesse doído.

Moody riu-se.

— Volta para a cama, Snape.

— Não tens autoridade para me mandares para onde quer que seja! — sibillou Snape, largando o braço como se estivesse zangado consigo próprio. — Tenho tanto direito de rondar por esta escola depois de escurecer como tu!

— Anda à vontade — disse Moody, com a voz cheia de ameaças. — Estou ansioso por te encontrar num corredor escuro um dia destes... A propósito, deixaste cair qualquer coisa...

Com uma pontada de horror, Harry viu Moody apontar para o Mapa do Salteador, que continuava caído na escada, seis degraus mais abaixo. Quando Snape e Filch se tinham voltado para olhar, Harry mandou a cautela às urtigas; ergueu os braços no ar por baixo do Manto e acenou furiosamente a Moody para atrair a sua atenção, articulando em silêncio «É meu! *Meu!*».

Snape esticara o braço para o mapa com uma horrível expressão de compreensão a desenhar-se-lhe no rosto...

— *Accio* pergaminho!

O mapa voou pelo ar, passou por entre os dedos esticados de Snape e voou pelas escadas abaixo para a mão de Moody.

— Enganei-me — disse Moody calmamente. — É meu... devo tê-lo deixado cair antes...

Mas os olhos negros de Snape iam do ovo nos braços de Filch para o mapa na mão de Moody e Harry sabia que ele estava a somar dois mais dois, à sua maneira.

— O Potter — disse ele baixinho.

— Que disseste? — perguntou Moody calmamente, dobrando o mapa e metendo-o no bolso.

— O Potter! — rosou Snape, que chegou mesmo a voltar a cabeça e a olhar directamente para o lugar onde Harry estava, como se, de repente, o conseguisse ver. — Esse é o ovo do Potter. Esse pedaço de pergaminho pertence ao Potter. Já o vi antes, reconheço-o! O Potter está aqui! O Potter,

com o seu Manto da Invisibilidade.

Snape estendeu as mãos como um cego e começou a subir as escadas; Harry podia jurar que as suas narinas enormes se dilatavam, a tentar farejá-lo. Encurralado, Harry inclinou-se para trás, tentando evitar os dedos de Snape, mas a qualquer momento...

— Não há nada aí, Snape! — disse Moody asperamente. — Mas vou gostar muito de dizer ao director que pensaste logo no Harry Potter!

— O que queres dizer com isso? — resmungou Snape, voltando-se novamente para olhar para Moody, ainda com as mãos esticadas, a centímetros do peito de Harry.

— Quero dizer que o Dumbledore está muito interessado em saber quem é que pôs lá o nome do rapaz! — adiantou Moody, aproximando-se mais da escada, a coxear. — E eu também, Snape... muito interessado... — A luz da lanterna passou-lhe rapidamente pelo rosto, de forma que as cicatrizes e o pedaço que faltava do nariz pareciam ainda mais fundos e mais sombrios que nunca.

Snape olhou para baixo, para Moody, e Harry não conseguiu ver a expressão do seu rosto. Por um momento, ninguém se moveu nem disse nada. Depois, Snape baixou lentamente as mãos.

— Só pensei que — disse Snape, numa voz forçadamente calma — se o Potter andava por aqui fora de horas outra vez... é um infeliz hábito dele... deviam impedi-lo. Para... para a sua própria segurança.

— Ah, percebo — disse Moody suavemente. — Estás a velar pelos interesses do Potter, não é?

Houve uma pausa. Snape e Moody continuavam a olhar fixamente um para o outro. *Mrs. Norris* deu um grande miado, continuando a espreitar por detrás das pernas de Filch, à procura da origem do cheiro a saís de banho que emanava de Harry.

— Acho que vou voltar para a cama — decidiu Snape com brusquidão.

— Foi a melhor ideia que já tiveste — retorquiu Moody. — E agora, Filch, se não se importa de me dar esse ovo...

— Não! — gritou Filch, agarrando o ovo como se fosse o seu filho primogénito. — Professor Moody, isto é uma prova da traição do Peeves!

— É propriedade do campeão a quem ele o roubou — disse Moody. — Passe-o para cá.

Snape desceu as escadas cheio de dignidade e passou por Moody sem mais palavras. Filch chamou *Mrs. Norris*, que olhou para Harry por mais alguns segundos, sem compreender, antes de se voltar e seguir o dono. Ainda a respirar muito depressa, Harry ouviu Snape a afastar-se pelo corredor fora; Filch entregou o ovo a Moody e saiu também dali, a

murmurar para *Mrs. Norris* «Deixa lá, minha doçura... vamos falar com o Dumbledore de manhã... dizer-lhe no que é que Peeves andou metido...»

Uma porta bateu. Harry ficou ali a olhar para Moody, que poisou o seu bastão no primeiro degrau e começou a subir a escada com dificuldade, fazendo soar o seu característico *toc* em cada degrau.

— Foi por pouco, Potter — murmurou ele.

— Pois... eu... pois... obrigado — agradeceu Harry debilmente.

— Que coisa é esta? — perguntou Moody, tirando o Mapa do Salteador do bolso e desdobrando-o.

— Um mapa de Hogwarts — explicou Harry, na esperança de que Moody o tirasse rapidamente da escada, pois a perna doía-lhe bastante.

— Pelas barbas de Merlim! — murmurou Moody a olhar para o mapa, com o olho mágico desarvorado. — Isto... isto é cá um mapa, Potter!

— Pois, é... bastante útil — disse Harry. Os olhos tinham-lhe começado a lacrimejar devido à dor. — Hum... Professor Moody, acha que me podia ajudar?

— O quê? Oh, claro, claro...

Moody agarrou nos braços de Harry e puxou; a perna de Harry soltou-se do degrau-armadilha e ele subiu para o degrau de cima.

Moody continuava a olhar para o mapa.

— Potter — disse ele lentamente —, por acaso, não viste quem entrou no gabinete do Snape, pois não? Neste mapa, quero eu dizer.

— Bem... vi, sim... — admitiu Harry. — Foi Mr. Crouch.

O olho mágico de Moody girou rapidamente por toda a superfície do mapa. Pareceu subitamente alarmado.

— O Crouch? — perguntou ele. — Tens... tens a certeza, Potter?

— Absoluta — respondeu Harry.

— Bem, já cá não está — constatou Moody, com o olho ainda a percorrer o mapa. — O Crouch... é muito, muito interessante.

Não disse nada durante quase um minuto, continuando a olhar para o mapa. Harry percebeu que esta notícia tinha um significado qualquer para ele e queria muito saber qual era. Pensou se se atreveria a perguntar. Moody assustava-o um bocadinho... e, no entanto, acabara de o ajudar a evitar uma data de sarilhos...

— Hã... Professor Moody... por que motivo acha que Mr. Crouch quereria revistar o gabinete do Snape?

O olho mágico de Moody deixou o mapa e fixou-se, pestanejando, em Harry. Foi um olhar penetrante e ele teve a impressão de que Moody o estava a avaliar, a pensar se devia ou não responder ou o que é que lhe devia contar.

— Vê as coisas assim, Potter — murmurou por fim Moody —, dizem que o velho Olho-Louco vive obcecado em apanhar feiticeiros das Trevas... mas o Olho-Louco não é nada... *nada*... comparado com o Barty Crouch.

Continuou a olhar para o mapa. Harry ardia por mais informações.

— Professor Moody? — disse ele novamente. — Acha que... isto pode ter alguma coisa a ver com... talvez Mr. Crouch pense que se passa alguma coisa...

— Como, por exemplo? — perguntou Moody bruscamente.

Harry pensou no que podia dizer. Não queria que Moody soubesse que ele tinha uma fonte de informações fora de Hogwarts, pois isso poderia levar a perguntas complicadas sobre Sirius.

— Não sei — murmurou Harry —, ultimamente têm acontecido umas coisas esquisitas, não têm? Veio n' *O Profeta Diário*... a Marca Negra na Taça Mundial e os Devoradores da Morte e tudo o mais...

Os olhos desiguais de Moody esbugalharam-se.

— És um rapaz esperto, Potter — disse ele. O seu olho mágico voltou a concentrar-se no Mapa do Salteador. — O Crouch podia ter pensado desse modo — acrescentou ele lentamente. — É muito possível... têm circulado uns rumores estranhos ultimamente, com a ajuda da Rita Skeeter, claro! Acho que muita gente anda a ficar nervosa. — Um sorriso amargo distorceu-lhe a boca torta. — Oh, se há coisa que eu odeie — resmungou mais para si próprio do que para Harry, com o olho mágico fixado no canto inferior esquerdo do mapa — é um Devorador da Morte que ficou em liberdade...

Harry olhou atentamente para ele. Seria possível que estivesse a referir-se ao que Harry pensava?

— E agora sou eu que te quero fazer uma pergunta, a *ti*, Potter — disse Moody, num tom mais pragmático.

O coração de Harry apertou-se. Estava à espera daquilo. Moody ia perguntar onde é que ele arranjava o mapa, que era um objecto mágico muito duvidoso e certamente queria saber como caíra nas suas mãos, o que não só o incriminava a ele, mas também ao seu pai, a Fred e George Weasley e ao professor Lupin, o seu último professor de Defesa Contra a Magia Negra. Moody acenou com o mapa em frente de Harry, que se preparou...

— Podes emprestar-me isto?

— Oh! — exclamou Harry. Gostava muito daquele mapa, mas, por outro lado, ficou muitíssimo aliviado por Moody não lhe perguntar onde o arranjava e não havia dúvida de que lhe estava a dever um favor. — Claro,

com certeza.

— Obrigado — resmungou Moody. — Posso fazer bom uso dele... até pode ser *exactamente* do que andava à procura... muito bem, prà cama, Potter, vá lá...

Subiram as escadas juntos, com Moody ainda a examinar o mapa como se fosse um tesouro nunca visto. Caminharam em silêncio até à porta do seu gabinete, onde ele parou e olhou para Harry. — Alguma vez pensaste numa carreira como Auror, Potter?

— Não — respondeu Harry, espantado.

— Devias pensar nisso — afirmou Moody, acenando com a cabeça e olhando pensativamente para ele. — Sim, sim... e, a propósito... acho que não foste apenas passear aquele ovo, pois não?

— Bem... não — admitiu Harry, a sorrir. — Estive a investigar a pista. Moody piscou-lhe o olho, com o olho mágico novamente a variar.

— Não há nada como um passeio nocturno para nos refrescar as ideias, Potter... até logo... — Entrou no gabinete com os olhos novamente postos no Mapa do Salteador e fechou a porta.

Harry regressou devagar à Torre dos Gryffindor, perdido em pensamentos acerca de Snape e Crouch e o significado de tudo aquilo... Por que motivo Crouch fingia estar doente se conseguia vir a Hogwarts quando queria? O que é que ele pensaria que Snape escondia no seu gabinete?

E Moody que achava que ele, Harry, devia ser Auror! Que ideia interessante... mas ao meter-se silenciosamente na sua cama de dossel, dez minutos mais tarde, com o ovo e o Manto a salvo no malão, pôs-se a pensar que, antes de se decidir por essa carreira, gostaria de saber se os outros também tinham assim tantas cicatrizes.

XXVI

A SEGUNDA TAREFA

— Disseste que já tinhas descoberto a pista do ovo! — afirmou Hermione, indignada.

— Baixa a voz! — exclamou Harry zangado. — Só preciso de... melhorar umas coisas, está bem?

Ele, Ron e Hermione estavam sentados mesmo ao fundo da aula de Encantamentos, com uma mesa só para eles. Deviam estar a praticar o oposto do Encantamento de Convocação, o Encantamento de Expulsão, mas devido à tendência para acidentes sérios sempre que havia objectos a voar pela sala, o professor Flitwick dera a cada aluno um monte de almofadas para praticarem, uma vez que elas não magoavam ninguém, se se desviassem da trajectória. Era uma boa teoria, mas não estava a funcionar lá muito bem. Neville tinha tão má pontaria que não parava de se enganar, lançando pelo ar coisas muito mais pesadas... como o professor Flitwick, por exemplo.

— Esqueçam lá o ovo por um minuto, está bem? — sibilou Harry, quando o professor Flitwick passou por eles a girar resignadamente, aterrando no cimo de um grande armário. — Estou a tentar contar-vos do Snape e do Moody...

Esta aula era ideal para conversas particulares, uma vez que toda a gente se divertia tanto que ninguém lhes prestava atenção. Harry passara a última meia hora a contar-lhes as aventuras da noite anterior em pequenas doses sussurradas.

— O Snape disse que o Moody também tinha revistado o gabinete dele? — murmurou Ron, com os olhos a brilhar de interesse, enquanto expulsava uma almofada com um gesto da varinha (elevou-se no ar e atirou o chapéu de Parvati ao chão). — Será que o Moody está aqui para vigiar o Snape,

para além do Karkaroff?

— Bem, não sei se foi isso que o Dumbledore lhe pediu para fazer, mas não há dúvida de que essa é a ideia dele — disse Harry, agitando a varinha sem prestar muita atenção e fazendo com que a sua almofada caísse de chapa. — O Moody disse que o Dumbledore só deixa o Snape cá ficar porque lhe está a dar uma segunda oportunidade ou coisa assim...

— O quê? — perguntou Ron, abrindo os olhos. A almofada seguinte rodopiou muito alto, fez ricochete no candelabro e caiu pesadamente na secretária de Flitwick. — Harry... talvez o Moody pense que foi o *Snape* quem pôs o teu nome no Cálice de Fogo!

— Oh, Ron! — exclamou Hermione, abanando cepticamente a cabeça. — Já uma vez pensámos que o Snape andava a tentar matar o Harry e afinal ele acabou por lhe salvar a vida, lembras-te?

Ela expulsou uma almofada, que voou pela sala e aterrou na caixa para onde todos deviam estar a fazer pontaria. Harry olhou para Hermione, a pensar... era verdade que Snape lhe salvara a vida uma vez, mas o que era esquisito é que não havia dúvidas de que o professor o odiava, como odiara o seu pai quando andavam juntos na escola. Snape adorava tirar pontos a Harry e certamente nunca perdera uma oportunidade de o castigar, nem de sugerir que ele devia ser suspenso.

— Não me interessa o que diz o Moody — continuou Hermione —, o Dumbledore não é estúpido. Estava certo ao confiar no Hagrid e no professor Lupin, mesmo que montes de gente não lhes tivesse dado emprego, portanto por que não há-de estar certo quanto ao Snape, mesmo que ele seja um bocado...

— ... mau — concluiu Ron prontamente. — Vá lá, Hermione, então por que é que todos estes caçadores de feiticeiros das Trevas lhe andam a revistar o gabinete?

— Por que é que Mr. Crouch tem andado a fingir que está doente? — perguntou Hermione, ignorando Ron. — É um bocado esquisito que ele não tenha podido vir ao Baile de Natal, mas que consiga entrar aqui a meio da noite sempre que quer, não é?

— Tu não gostas é do Crouch por causa daquela elfo, a Winky — acusou Ron, lançando uma almofada a toda a velocidade contra a janela.

— E *tu* queres é acreditar que o Snape está metido nalguma — ripostou Hermione, atirando a sua almofada direitinha para a caixa.

— Eu só queria saber o que fez o Snape com a sua primeira oportunidade, se está a ter uma segunda — observou Harry com ar soturno e, para sua grande surpresa, a sua almofada voou a direito pela sala e aterrou precisamente em cima da de Hermione.

Obedecendo ao desejo de Sirius de descobrir tudo o que parecesse esquisito em Hogwarts, Harry enviou-lhe uma carta nessa noite por uma coruja castanha, explicando-lhe como Mr. Crouch entrara à força no gabinete de Snape e contando-lhe a conversa entre Moody e Snape. Depois, concentrou-se a sério no urgente problema que se lhe deparava: como sobreviver uma hora debaixo de água a 24 de Fevereiro.

Ron gostava muito da ideia de usar novamente um Encantamento de Convocação. Harry explicara-lhe tudo sobre os equipamentos de mergulho e Ron não percebia por que é que Harry não havia de convocar um da cidade Muggle mais próxima. Hermione rejeitou este plano, fazendo notar que, mesmo que Harry conseguisse aprender a usar o equipamento de mergulho no espaço limite de uma hora, o que era improvável, seria certamente desqualificado por quebrar o Código Internacional de Segredos de Feitiçaria, pois seria esperar demasiado que nenhum Muggle visse um equipamento de mergulho a voar pelo país em direcção a Hogwarts.

— Claro, a solução ideal seria transfigurares-te em submarino ou coisa assim — disse ela. — Se, ao menos, já tivéssemos dado Transfiguração humana! Mas acho que só começamos no sexto ano e pode correr muito mal, se não soubermos o que estamos a fazer...

— Sim, não me apetece nada andar por aí com um periscópio espetado na cabeça — disse Harry. — Também podia atacar alguém em frente de Moody, talvez ele me fizesse o favor de...

— Acho que ele não te ia deixar escolher aquilo em que te querias transformar — interrompeu-o Hermione com ar sério. — Não, acho que a tua melhor hipótese é um encantamento qualquer.

Portanto, Harry, pensando que ia ficar farto da biblioteca para o resto da vida, enterrou-se novamente entre volumes poeirentos, à procura de um feitiço que permitisse a um humano sobreviver sem oxigénio. No entanto, embora ele, Ron e Hermione passassem as horas de almoço, as noites e os fins-de-semana a pesquisar, embora Harry tivesse pedido à professora McGonagall uma autorização para usar a Secção Restrita e até tivesse pedido ajuda a Madame Pince, a irritante bibliotecária que fazia lembrar um abutre, não encontraram absolutamente nada que lhe permitisse passar uma hora debaixo de água e viver para contar a história.

Nesta altura, começara a sentir as habituais palpitações de pânico e tinha dificuldade em concentrar-se nas aulas. O lago, que até então fizera naturalmente parte da paisagem, atraía-lhe agora o olhar sempre que se aproximava de uma janela, lembrando uma enorme massa cinzenta

metalizada de água fria, cujas profundezas sombrias e geladas começavam a parecer tão distantes como a Lua.

Tal como acontecera antes de ter enfrentado o Cauda-de-Chifre, o tempo fugia como se alguém tivesse enfeitiçado os relógios para trabalharem mais rapidamente. Faltava uma semana para o 24 de Fevereiro (ainda havia tempo)... faltavam cinco dias (de certeza não tardaria a encontrar qualquer coisa)... três dias (por favor, façam com que encontre algo... *por favor...*).

Quando faltavam dois dias, Harry começou novamente a deixar de comer. A única coisa boa no pequeno-almoço de segunda-feira foi o regresso da coruja castanha que enviara a Sirius. Puxou pelo pergaminho, desenrolou-o e viu a carta mais curta que Sirius alguma vez lhe escrevera:

Manda a data do próximo fim-de-semana em Hogsmeade, na volta da coruja.

Harry voltou o pergaminho e olhou para o verso, esperando ver mais qualquer coisa, mas estava em branco.

— O fim-de-semana a seguir ao próximo — sussurrou Hermione, que lera a nota por cima do ombro de Harry. — Toma, aqui tens a minha pena; manda esta coruja imediatamente de volta.

Harry escreveu a data nas costas da carta de Sirius, voltou a atá-la à pata da coruja castanha e ficou a vê-la levantar novamente voo. O que esperara ele? Conselhos sobre como sobreviver debaixo de água? Estivera tão preocupado a contar a Sirius tudo sobre Snape e Moody que se esquecera completamente de mencionar a pista do ovo.

— Para que é que ele querará saber do próximo fim-de-semana em Hogsmeade? — perguntou Ron.

— Não sei — respondeu Harry com ar soturno. A felicidade momentânea que se acendera dentro de si à vista da coruja morrera. — Vamos lá, temos Cuidados com as Criaturas Mágicas.

Se Hagrid os queria compensar pelos Explojentos Cauda-de-Fogo, dos quais já só restavam dois, ou se estava a tentar provar que podia fazer o mesmo que a professora Grubbly-Plank, Harry não sabia, mas a verdade é que Hagrid dera continuidade às lições dela sobre unicórnios desde que regressara ao trabalho. Afinal descobriu-se que ele sabia tanto sobre unicórnios como sobre monstros, embora fosse evidente que achava a sua falta de presas venenosas uma desilusão.

Nesse dia, conseguira apanhar duas crias de unicórnio. Ao contrário dos adultos, eram de um dourado puro. Parvati e Lavender caíram em êxtase ao vê-los e até Pansy Parkinson teve de se esforçar muito para esconder

quanto gostava delas.

— Ma's fácil de descobrir qu'os adultos — explicou Hagrid à turma. — Ficam prateados quando têm pr'aí dois anos e crescem-lhes os chifres por volta dos quatro. Só ficam completamente brancos depois de crescerem, por volta dos sete anos. Q'ando são bebês, são mais confiantes... não s'importam tanto com os rapazes... vá lá, cheguem-se prà frente... podem fazer-lhes festas se quiserem... dêem-lhes uns torrões d'açúcar.

— 'Tás bem, Harry? — murmurou Hagrid, afastando-se ligeiramente para o lado, enquanto a maioria dos outros se juntava à volta dos unicórnios bebês.

— 'Tou — disse Harry.

— Só nervoso, hem? — perguntou Hagrid.

— Um bocado — respondeu Harry.

— Harry — disse Hagrid, batendo com uma enorme mão no seu ombro, fazendo com que Harry se fosse abaixo dos joelhos devido ao peso —, eu cá 'tava preocupado antes de te ter visto lidar co' aquele Cauda-de-Chifre, mas agora sei qu' és capaz de fazer tudo o que quiseres. Nã' 'tou nada preocupado. Vais 'tar ótimo. Já descobriste a tua pista, não foi?

Harry acenou afirmativamente com a cabeça, mas, ao fazê-lo, apoderou-se dele um desejo louco de confessar que não fazia ideia nenhuma de como sobreviver no fundo do lago durante uma hora. Ergueu os olhos para Hagrid... talvez ele tivesse de ir por vezes ao lago, tratar das criaturas que lá havia? Afinal de contas, tratava de tudo nos campos...

— Vais ganhar — garantiu-lhe Hagrid, dando mais palmadinhas no ombro de Harry, que se sentiu mesmo a enterrar-se uns centímetros no solo enlameado. — Eu sei. Sinto-o. *Tu vais ganhar, Harry.*

Harry não foi capaz de apagar o sorriso feliz e cheio de confiança do rosto de Hagrid. Fingindo estar interessado nos jovens unicórnios, forçou também um sorriso e avançou para lhes fazer festas.

*

Na noite anterior à segunda tarefa, Harry sentia-se como se estivesse imerso num pesadelo. Estava perfeitamente consciente de que, se, mesmo que por milagre, conseguisse descobrir um feitiço adequado, seria quase impossível aprendê-lo da noite para o dia. Como pudera deixar que uma coisa daquelas acontecesse? Por que é que não se pusera a trabalhar na pista do ovo mais cedo? Por que se deixara entrar em devaneio durante as aulas? E se um professor tivesse mencionado alguma vez como se respira debaixo de água?

Ele, Ron e Hermione estavam sentados na biblioteca, enquanto o Sol se punha lá fora, folheando febrilmente página após página os livros de feitiços, cada um deles oculto pela imensa pilha de volumes que lhe cobria a secretária. O coração de Harry dava um pulo enorme sempre que via a palavra «água» numa página, mas era quase sempre «use dois decilitros de água, duzentos gramas de folhas de mandrágora desfiadas e um...»

— Acho que não vai ser possível — disse a voz de Ron, sem expressão, do outro lado da mesa. — Não há nada. *Nada*. O mais aproximado foi aquela coisa para secar poças e pequenos lagos, aquele Feitiço de Secura, mas não era suficientemente poderoso para secar o lago.

— Tem de haver alguma coisa — murmurava Hermione, puxando uma vela para mais perto de si. Tinha os olhos tão cansados que examinava a letra minúscula de *Encantamentos e Feitiços Antigos e Esquecidos* com o nariz a dois centímetros do papel. — Nunca teriam dado uma tarefa impossível de fazer.

— Mas deram — disse Ron. — Harry, amanhã vais até ao lago, enfiar a cabeça lá dentro, gritas às sereias para te devolverem o que te tiraram e vêes se elas, a deitam cá para fora. É o melhor que podes fazer, amigo.

— Há uma maneira de fazer isso! — exclamou Hermione, zangada. — Tem de haver!

Parecia que ela considerava a falta de informações úteis da biblioteca sobre aquele assunto como um insulto pessoal; nunca lhe falhara antes.

— Eu sei o que é que devia ter feito — disse Harry, descansando com a cara sobre *Truques Atravessos para Tipos Astutos*. — Devia ter aprendido a ser um Animagus, como o Sirius.

— Pois, podias transformar-te num peixinho dourado sempre que quisesses! — exclamou Ron.

— Ou num sapo — bocejou Harry. Estava exausto.

— Leva anos a tornarmo-nos em Animagus — disse vagamente Hermione, que semicerrava os olhos pelo índice de *Estranhos Dilemas de Feitiçaria e Suas Soluções*. — A professora McGonagall disse-nos, lembram-se... temos de nos registar no Departamento de Uso Impróprio da Magia, dizer em que animal nos transformamos e quais os nossos sinais particulares para não abusarmos desse poder.

— Hermione, eu estava a gozar — disse Harry, exausto. — Sei que não tenho a mínima hipótese de me transformar num sapo até amanhã de manhã...

— Oh, não vale a pena — disse Hermione, fechando bruscamente os *Estranhos Dilemas de Feitiçaria*. — Quem é que quer que os pêlos do nariz cresçam em canudos?

— Eu cá não me importava — respondeu a voz de Fred Weasley. — Todos iam falar disso.

Harry, Ron e Hermione ergueram o olhar. Fred e George tinham acabado de aparecer por detrás de umas prateleiras.

— O que fazem vocês dois aí? — perguntou Ron.

— Andamos à vossa procura — respondeu George. — A McGonagall anda à vossa procura, Ron e Hermione.

— Porquê? — perguntou Hermione com ar surpreendido.

— Não sei... mas estava com um ar um tanto sinistro — comentou Fred.

— Temos de vos levar ao escritório dela — acrescentou George.

Ron e Hermione ficaram a olhar para Harry, que sentiu um aperto no estômago. Iria a professora McGonagall ralhar com os seus amigos? Talvez ela tivesse notado de que forma o estavam a ajudar, quando ele devia descobrir sozinho como resolver a tarefa.

— Encontramo-nos contigo na sala comum — disse Hermione a Harry, ao levantar-se para sair com Ron, ambos com um ar muito ansioso. — Traz o maior número de livros possível, está bem?

— 'Tá — concordou Harry, angustiado.

Às oito horas, Madame Pince tinha apagado todos os candeeiros e veio pôr Harry fora da biblioteca. A cambalear sob o peso de tantos livros quantos conseguia carregar, Harry regressou à sala comum dos Gryffindor, puxou uma mesa para um canto e continuou a busca. Não havia nada em *Magia Activa para Bruxos Excêntricos...* nada em *Um Guia de Feitiçaria Medieval...* nem uma menção de feitos subaquáticos em *Uma Antologia de Feitiços do Século Dezoito* ou em *Habitantes Medonhos das Profundezas*, ou *Poderes Que Desconhecia Possuir e Que Fazer com Eles Agora Que os Descobriu*.

Crookshanks trepou para o colo de Harry e enroscou-se, ronronando profundamente. A sala comum esvaziou-se lentamente em redor de Harry. As pessoas não paravam de lhe desejar boa sorte para a manhã seguinte em vozes alegres e confiantes como a de Hagrid, todos aparentemente convencidos de que ele estava prestes a presenteá-los com outro espectáculo espantoso, como o que conseguira na primeira tarefa. Harry não era capaz de lhes responder, limitava-se a acenar que sim, sentindo-se como se tivesse uma bola de golfe entalada na garganta. Às dez para a meia-noite, ficou sozinho na sala com *Crookshanks*. Procurara em todos os livros restantes e Ron e Hermione não tinham regressado.

É o fim, disse a si próprio. Não consegues. Só tens de descer até ao lago de manhã e dizer aos juízes...

Imaginou-se a explicar que não conseguia realizar a tarefa. Viu os olhos

redondos de Bagman abertos de surpresa, o sorriso satisfeito de Karkaroff e os seus dentes amarelos. Quase conseguia ouvir Fleur Delacour a dizer: «*Eu sabia... que ele não ia conseguir. É ainda um miúdo.*» Viu Malfoy a agitar o seu distintivo com O POTTER CHEIRA MAL na frente da multidão, viu o rosto pesaroso e descrente de Hagrid...

Esquecendo-se de que *Crookshanks* estava ao seu colo, Harry levantou-se repentinamente; o gato bufou zangado ao aterrar no chão, atirou a Harry um olhar desgostoso e afastou-se com ar impertinente e a cauda farfalhada no ar, mas Harry já ia a correr pelas escadas que levavam ao dormitório para ir buscar o Manto da Invisibilidade e regressar à biblioteca, ia ficar lá toda a noite se fosse preciso...

— *Lumos* — sussurrou Harry quinze minutos mais tarde, ao abrir a porta da biblioteca.

Com a ponta da varinha acesa, deslizou por entre as prateleiras, tirando mais livros: livros de feitiços e encantamentos, livros sobre sereias e monstros marinhos, livros sobre feiticeiros e bruxos famosos, sobre invenções mágicas, sobre tudo o que pudesse incluir uma referência por mais ligeira que fosse à sobrevivência debaixo de água. Levou-os para uma mesa e lançou-se ao trabalho, lendo-os à luz fraca da sua varinha e olhando de vez em quando para o relógio...

Uma da manhã... duas da manhã... a única forma de poder prosseguir era repetir para si próprio sem cessar: *No próximo livro... no próximo... no outro...*

*

A sereia do quadro da casa de banho dos prefeitos estava a rir-se. Harry boiava como uma rolha numa água espumosa junto da rocha, enquanto ela segurava a sua *Flecha de Fogo* por cima da cabeça.

— Vem cá buscá-la! — ria ela maliciosamente. — Vá lá, salta!

— Não posso — dizia Harry aflito esticando a mão para a *Flecha de Fogo* e lutando para não se afundar. — Dá-ma!

Mas ela espetava-o de lado dolorosamente com a ponta da vassoura, rindo-se dele.

— Isso dói... pára... aí...

— Harry Potter ter de acordar, senhor!

— Pára de me espetar...

— Dobby ter de abanar Harry Potter, senhor, ele ter de acordar!

Harry abriu os olhos. Continuava na biblioteca. O Manto da Invisibilidade escorregara-lhe da cabeça enquanto dormia e tinha a cara

colada às páginas de *Ter Uma Varinha É Ter Poder*. Sentou-se, endireitando os óculos e pestanejou perante a luz forte do dia.

— Harry Potter ter de se apressar! — guinchava Dobby. — A segunda tarefa começar daqui a dez minutos e Harry Potter...

— Dez minutos? — sobressaltou-se Harry com voz rouca. — Dez... *dez minutos?*

Olhou para o relógio. Dobby tinha razão. Eram nove e vinte. Pareceu-lhe que um grande peso lhe caiu no estômago.

— Despachar, Harry Potter! — guinchava Dobby, puxando pela manga de Harry. — Dever estar no lago com os outros campeões, senhor!

— É demasiado tarde, Dobby — disse Harry desesperado. — Não vou realizar a tarefa, não sei como...

— Harry Potter *ir* realizar a tarefa! — guinchou o elfo. — Dobby saber que Harry não ter encontrado o livro certo, portanto Dobby encontrar para ele!

— O quê? — perguntou Harry. — Mas *tu* não sabes qual é a segunda tarefa...

— Dobby saber, senhor! Harry Potter ter de entrar no lago e encontrar o seu Wheezy...

— Encontrar o meu quê?

— O seu Wheezy, senhor, o seu Wheezy... Wheezy que dar a Dobby a camisola!

Dobby puxou pela camisola castanha encolhida que usava agora por cima dos calções.

— *O quê?* — disse Harry em pânico. — Eles têm... eles têm o *Ron*?

— A coisa que mais falta faz a Harry Potter, senhor! — guinchou Dobby. — E uma hora passada...

Harry olhou horrorizado para o elfo: — «*Depois é tarde meu rapaz nunca mais a encontrarás...*» Dobby, o que é que eu tenho de fazer?

— Ter de comer isto, senhor! — guinchou o elfo, enfiando a mão no bolso dos calções e tirando uma espécie de caudas de rato viscosas, de um verde-acinzentado. — Mesmo antes de entrar no lago, senhor! Guelracho!

— O que é que isso faz? — perguntou Harry a olhar para o Guelracho.

— Fazer com que Harry Potter respirar debaixo de água, senhor!

— Dobby — disse Harry enervadíssimo —, escuta, tens a certeza?

Não conseguia esquecer-se de que, da última vez que Dobby o quisera «ajudar», acabara sem ossos no seu braço direito.

— Dobby ter a certeza, senhor! — insistiu o elfo com ar sério. — Dobby ouvir coisas, senhor, ser um elfo doméstico, andar pelo castelo todo a acender lareiras e a limpar soalhos; Dobby ouvir a professora McGonagall

e o professor Moody na sala dos professores a falar sobre a próxima tarefa... Dobby não poder deixar Harry Potter perder o seu Wheezy!

As dúvidas de Harry desvaneceram-se. Pondo-se de pé num salto, tirou o Manto da Invisibilidade, enfiou-o no saco, agarrou no Guelracho, meteu-o no bolso e arrancou a toda a velocidade da biblioteca, com Dobby a segui-lo de perto.

— Dobby dever estar nas cozinhas, senhor! — guinchou Dobby ao irromperem no corredor. — Eles sentir a falta de Dobby. — Boa sorte, Harry Potter, senhor, boa sorte!

— Até logo, Dobby! — gritou Harry. Desatou a correr a toda a velocidade pelo corredor fora e desceu as escadas saltando três degraus de cada vez.

No *Hall* havia alguns alunos atrasados, que vinham a sair do Salão depois do pequeno-almoço e se dirigiam às portas de carvalho para irem assistir à segunda tarefa. Ficaram a olhar quando Harry passou como um raio, atirando Colin e Dennis Creevey pelos ares ao saltar os degraus de pedra e saindo para os campos gelados e resplandescentes.

Enquanto corria pesadamente pelo relvado abaixo, viu que as bancadas que tinham rodeado o cercado dos dragões em Novembro estavam agora dispostas na margem oposta, elevando-se umas acima das outras, cheias até rebentar e reflectindo-se no lago, lá em baixo. A conversa excitada da multidão ecoava de forma estranha através da água, enquanto Harry corria o mais que podia pelo outro lado do lago em direcção aos juízes, que estavam sentados noutra mesa coberta por um tecido dourado à beira da água, observando a corrida de Harry.

— Estou... aqui... — gritou afogado, derrapando na lama e salpicando desastradamente o manto de Fleur.

— Onde é que estiveste metido? — perguntou uma voz mandona, em tom de desaprovação. — A tarefa está prestes a começar!

Harry olhou em volta. Percy Weasley estava sentado na mesa dos juízes... Mr. Crouch não aparecera outra vez.

— Então, Percy, então! — exclamou Ludo Bagman, que parecia imensamente aliviado por ver Harry. — Deixa-o recobrar o fôlego!

Dumbledore sorriu para Harry, mas Karkaroff e Madame Maxime não pareciam nada satisfeitos por o ver... era óbvio, pela expressão dos seus rostos, que esperavam que ele não aparecesse.

Harry curvou-se com as mãos nos joelhos, ofegante; tinha uma pontada de um lado que parecia uma faca espetada entre as costelas, mas não havia tempo de se livrar dela. Nesse momento, Ludo Bagman passava por entre os campeões, colocando-os ao longo da margem a intervalos de três metros.

Harry estava ao fundo da fila, ao lado de Krum, que trazia calções de banho e tinha a varinha a postos.

— Estás bem, Harry? — murmurou Bagman, colocando-o um pouco mais longe de Krum. — Sabes o que vais fazer?

— Sim — disse Harry, massajando as costelas.

Bagman deu-lhe um apertão rápido no ombro e voltou para a mesa dos juízes; apontou a varinha para a sua garganta, como fizera na Taça Mundial, disse «*Sonorus!*» e a sua voz ressoou através das águas escuras em direcção às bancadas.

— Bem, os nossos campeões estão prontos para a segunda tarefa, que começará ao som do meu apito. Têm exactamente uma hora para recuperar o que lhes foi tirado. Então, quando contar até três. Um... dois... *três!*

O apito soou estridente no ar calmo e frio e as bancadas irromperam em vivas e aplausos; sem olhar para ver o que os outros campeões estavam a fazer, Harry tirou os sapatos e as meias, sacou do bolso uma mão-cheia de Guelracho, enfiou-o na boca e entrou no lago.

A água estava tão fria que sentiu uma queimadura na pele das pernas, como se se tratasse de fogo, e não de água gelada. Ao começar a descer, o peso do manto encharcado puxava-o para baixo. Tinha já água por cima dos joelhos e os pés, que estavam a ficar dormentes, escorregavam no limo e nos seixos cobertos de lodo. Mastigava o Guelracho com força, o mais depressa que podia e teve a sensação de estar a comer algo nojento e elástico, como tentáculos de polvo. Parou quando a água lhe chegou à cintura, engoliu e esperou que algo acontecesse.

Conseguia ouvir as gargalhadas da multidão e sabia que devia estar com ar de estúpido, a entrar no lago sem dar mostras de qualquer poder mágico. A parte do seu corpo ainda seca estava toda arrepiada e Harry, meio enfiado dentro de água, com uma brisa agreste a levantar-lhe o cabelo, começou a tremer violentamente. Evitou olhar para as bancadas. As gargalhadas eram agora mais altas e ouvia assobios e vaias dos Slytherin...

Então, de súbito, Harry teve a impressão de que lhe tinham enfiado uma almofada invisível sobre a boca e o nariz. Tentou inspirar, mas tinha a cabeça a andar à roda e os pulmões vazios e, de repente, sentiu uma dor aguda em ambos os lados do pescoço.

Pôs as mãos à volta da garganta e sentiu duas grandes aberturas logo abaixo das orelhas, a baterem ao ar frio... *tinha guelras*. Sem parar para pensar, fez a única coisa lógica: atirou-se de cabeça para a água.

O primeiro gole da água gelada do lago foi um alívio profundo. A cabeça parou de girar; deu outro grande gole de água e sentiu-a passar suavemente pelas guelras, enviando oxigénio para o seu cérebro. Esticou as mãos na

sua frente e ficou a olhar. Tinham um aspecto esverdeado e fantasmagórico e os dedos estavam ligados por membranas. Virou-se e olhou para os pés descalços — estavam mais alongados e também tinham membranas; era como se lhe tivessem crescido barbatanas.

E a água já não parecia tão fria... pelo contrário, sentia-se agradavelmente fresco e muito leve... Harry deu uma braçada, maravilhando-se com a distância e a velocidade a que os seus pés-barbatanas o impeliam pela água. Reparou também que via com muita nitidez e que não precisava de pestanejar. Nadara tanto que já não conseguia ver o fundo. Deu uma volta e mergulhou nas profundezas do lago.

O silêncio pressionava-lhe os ouvidos, enquanto deslizava sobre uma estranha paisagem, escura e enevoada. Só conseguia ver até três metros em seu redor, o que fazia com que, à medida que avançava, lhe parecesse que novas cenas surgiam subitamente da escuridão à sua frente: florestas de emaranhadas ervas negras que ondulavam, vastas planícies de lama, cobertas de pedras vulgares que brilhavam frouxamente. Nadou cada vez mais fundo, em direcção ao centro do lago, com os olhos bem abertos, a olhar através da água misteriosa e acinzentada que o cercava para as sombras mais além, onde a água se tornava opaca.

Pequenos peixes passavam por ele a tremeluzir, quais dardos prateados. Uma ou duas vezes pensou ter visto algo maior a mover-se à sua frente, mas quando se aproximou, descobriu ser apenas um grande tronco enegrecido ou um espesso monte de algas. Não havia sinais dos outros campeões, das sereias, de Ron, nem, para seu alívio, da lula gigante.

Na sua frente, até aonde a vista abrangia, estendiam-se algas de um verde translúcido lembrando um prado com erva muito alta. Harry olhou em frente sem pestanejar, tentando distinguir formas na escuridão... e de súbito, sem aviso, qualquer coisa lhe agarrou o tornozelo.

Torceu-se e viu um Grindylow, um pequeno demónio aquático com chifres, a espreitar das algas, com os longos dedos a apertar com força a sua perna e a mostrar as presas — Harry enfiou rapidamente a sua mão palmípede dentro do manto e procurou a varinha — quando a encontrou, mais dois Grindylows tinham saído das algas e agarravam-lhe o manto, tentando arrastá-lo para baixo...

— *Relashio!* — gritou Harry, só que não saiu nenhum som... da sua boca emergiu uma grande bolha e a varinha, em vez de atirar faíscas aos Grindylows, alvejou-os com o que parecia um jacto de água a ferver, pois na sua pele verde, nos sítios onde eram atingidos, apareciam manchas vermelhas inflamadas. Harry soltou o tornozelo das garras dos Grindylows

e nadou tão depressa quanto podia, atirando de vez em quando mais jactos de água quente por cima do ombro, ao acaso; por vezes sentia um dos Grindylows a agarrar-lhe novamente o pé e dava coices com força; por fim, sentiu o pé bater num crânio com chifres e, olhando para trás, viu o Grindylow desorientado, flutuando para longe, vesgo, enquanto os companheiros agitavam os punhos para Harry e se escondiam de novo nas algas.

Harry abrandou um pouco, voltou a guardar a varinha no interior do manto e olhou em volta, escutando. Descreveu um círculo completo na água, com o silêncio a exercer ainda mais pressão nos seus tímpanos. Sabia que devia estar bastante fundo, mas nada se movia excepto as algas ondulantes.

— Como é que te estás a sair?

Harry pensou que estava a ter um ataque cardíaco. Voltou-se com brusquidão e viu a Murta Queixosa a boiar preguiçosamente em frente dele, contemplando-o através dos seus espessos óculos cor de pérola.

— Murta! — tentou Harry gritar, mas, mais uma vez, não saiu nada da sua boca excepto uma grande bolha. A Murta Queixosa até se riu.

— Tenta para aquele lado! — sugeriu ela, apontando. — Não vou contigo... não gosto lá muito deles, expulsam-me sempre quando me aproximo demasiado...

Harry fez-lhe um sinal de agradecimento com a mão e partiu novamente, tendo o cuidado de nadar um pouco acima das algas para evitar mais Grindylows que lá pudessem estar escondidos.

Nadou durante o que lhe pareceram, pelo menos, vinte minutos. Passava por vastas regiões de lama negra que remoinhava turvamente sempre que mexia na água quando, por fim, ouviu um trecho persistente de uma canção:

*Tens uma hora para procurar
E o que tirámos recuperar*

Harry nadou mais depressa e em breve viu uma grande rocha sobressair da água lamacenta. Tinha pinturas de seres subaquáticos: traziam lanças e perseguiam o que parecia ser a lula gigante. Harry passou pela rocha, seguindo a canção.

*Vê se te apressas. Metade do
Tempo passou já
Ou o que buscas, no fundo*

do lago apodrecerá.

Subitamente, da escuridão em seu redor avultou-se um grupo de rudes habitações de pedra, manchadas de algas. Harry viu rostos, aqui e ali, a espreitarem de janelas... rostos que não tinham qualquer semelhança com o quadro da sereia na casa de banho dos prefeitos.

Os seres subaquáticos tinham uma pele esverdeada e longos cabelos escuros e revoltos. Os olhos eram amarelos, assim como os dentes quebrados e usavam grossas cordas com seixos em volta do pescoço. Olhavam-no de soslaio quando ele passava e um ou dois saíram das cavernas para o observar melhor, com as fortes barbatanas prateadas a bater na água e as lanças apertadas nas mãos.

Harry continuou a avançar e em breve as habitações tornaram-se mais numerosas; havia jardins de algas em volta de algumas e até viu um Grindylow domesticado atado a uma estaca ao lado de uma porta. Agora surgiam seres subaquáticos de todos os lados, observando-o ansiosamente, apontando para as suas mãos palmípedes e para as suas guelras e falando uns com os outros dissimuladamente. Harry contornou um canto e deparou-se-lhe uma estranhíssima visão.

Uma grande multidão de seres subaquáticos flutuava em frente de casas que rodeavam o que parecia uma versão aquática de um largo de aldeia. No centro, havia um grupo coral que cantava, chamando os campeões para si e, por detrás, erguia-se uma estátua grosseira: uma sereia gigantesca esculpida num rochedo. Havia quatro pessoas firmemente atadas à cauda da sereia de pedra.

Ron estava amarrado entre Hermione e Cho Chang. Havia também uma rapariga que não parecia ter mais de oito anos, cuja nuvem de cabelo platinado deu a Harry a certeza de ser irmã de Fleur Delacour. Pareciam estar todos profundamente adormecidos. As cabeças pendiam sobre os ombros e das suas bocas saía uma constante torrente de bolhas.

Harry nadou velozmente em direcção aos reféns, quase esperando que os seres subaquáticos baixassem as lanças e o atacassem, mas eles nada fizeram. As cordas de algas que atavam os reféns à estátua eram grossas, escorregadias e muito fortes. Por um breve segundo, lembrou-se do canivete que Sirius lhe oferecera no Natal — fechado no seu malão no castelo, a centenas de metros dele, não lhe servindo para nada.

Olhou em volta. Muitos dos seres subaquáticos tinham lanças. Nadou rapidamente para um, de dois metros de altura com uma longa barba verde e um colar de dentes de tubarão, e tentou pedir-lhe a lança emprestada através de gestos. O ser subaquático riu-se e abanou a cabeça.

— Não ajudamos — disse ele, numa voz dura e gutural.

— Vá lá! — disse Harry furioso (mas da sua boca só saíram bolhas) e tentou tirar a lança ao ser subaquático, mas este puxou-a para trás, continuando a abanar a cabeça e a rir.

Harry deu uma volta, olhando em seu redor. Algo cortante... qualquer coisa...

Havia rochas espalhadas pelo fundo do lago. Mergulhou, apanhou uma particularmente aguçada e regressou à estátua. Começou a cortar as cordas que prendiam Ron e, após vários minutos de árduo esforço, estas cederam. Ron ficou a flutuar, inconsciente, a alguns centímetros do fundo do lago, movendo-se um pouco com o fluxo da água.

Olhou em seu redor. Não havia sinal dos outros campeões. Qual seria a ideia deles? Por que não se apressavam? Voltou-se para Hermione, ergueu a rocha aguçada e começou também a cortar as cordas que a amarravam...

Foi imediatamente agarrado por vários pares de mãos cinzentas e fortes. Meia dúzia de seres subaquáticos afastavam-no de Hermione, abanando as cabeças de cabelos esverdeados e rindo.

— Tu levas o teu refém — disse-lhe um deles. — Deixa os outros...

— Nem pensar! — retorquiu Harry furiosamente. Mas só saíram duas grandes bolhas.

— A tua tarefa é salvar o teu amigo... deixa os outros...

— *Ela* também é minha amiga! — gritou Harry, apontando para Hermione, com uma enorme bolha prateada a emergir, silenciosa, dos seus lábios. — E também não quero que *elas* morram!

A cabeça de Cho repousava sobre o ombro de Hermione; a rapariguinha de cabelos platinados estava muito pálida, de um verde fantasmagórico. Harry lutou para se libertar dos seres subaquáticos, mas eles riram mais do que nunca, segurando-o. Harry olhou em volta descontroladamente. Onde estavam os outros campeões? Teria tempo de levar Ron para a superfície e voltar para salvar Hermione e os outros? Seria capaz de os voltar a encontrar? Olhou para o relógio para ver quanto tempo faltava, mas este deixara de trabalhar.

Nessa altura, os seres subaquáticos que o rodeavam começaram a apontar excitadamente por cima da sua cabeça. Harry olhou para cima e viu Cedric a nadar na sua direcção. Tinha uma bolha enorme em volta da cabeça, que fazia com que as suas feições parecessem estranhamente largas e esticadas.

— Perdi-me! — disse com os lábios, com um ar de pânico. — A Fleur e o Krum estão a chegar!

Sentindo-se profundamente aliviado, Harry viu Cedric tirar uma faca do

bolso e libertar Cho. Puxou-a para cima e desapareceu.

Harry olhou em volta, esperando. Onde estavam Fleur e Krum? O tempo estava a passar e, segundo a canção, os reféns estariam condenados passado uma hora...

Os seres subaquáticos começaram a guinchar excitadamente. Os que seguravam Harry afrouxaram o aperto, olhando para trás. Harry voltou-se e viu algo de monstruoso a rasgar a água na direcção deles: um corpo humano de calções de banho com uma cabeça de tubarão... era Krum. Parecia ter-se transfigurado... mas muito mal.

O homem-tubarão foi direito a Hermione e começou a morder as cordas: o problema é que os novos dentes de Krum estavam numa má posição para morder tudo o que fosse mais pequeno que um golfinho e Harry tinha a certeza de que, se Krum não fosse cuidadoso, acabaria por rasgar Hermione ao meio. Atirando-se para a frente, Harry deu uma forte pancada no ombro de Krum e ergueu a rocha aguçada. Krum agarrou-a e começou a libertar Hermione. Despachou-se em segundos; agarrou-a pela cintura e, sem olhar para trás, começou a subir em direcção à superfície da água.

E agora? Harry pensou desesperadamente. Se tivesse a certeza de que Fleur aí vinha... mas ainda não havia sinais dela. Não havia outra solução.

Apanhou a rocha que Krum atirara para o chão, mas os seres subaquáticos cercaram Ron e a menina, abanando as cabeças.

Harry puxou pela varinha.

— Saiam do caminho!

Da sua boca só saíram bolhas, mas ele teve a nítida impressão de que os seres subaquáticos o tinham compreendido, porque deixaram de rir subitamente. Os seus olhos amarelados estavam fixos na varinha de Harry e pareciam assustados. Podiam ser muitos mais, mas Harry percebeu pelas suas expressões que sabiam tanta magia como a lula gigante.

— Vou contar até três! — gritou Harry. Uma grande torrente de bolhas irrompeu da sua boca, mas Harry ergueu três dedos para se certificar de que o tinham entendido. — Um... — baixou um dedo —, dois... — baixou outro dedo —...

Eles dispersaram. Harry avançou como um raio e começou a cortar as cordas que prendiam a menina à estátua. Por fim, ficou livre. Agarrou-a pela cintura, deitou a mão à gola do manto de Ron e bateu com os pés para subir.

Era um processo muito lento. Já não podia usar as mãos palmípedes para avançar; batia com os pés-barbatana furiosamente, mas Ron e a irmã de Fleur eram como sacos cheios de batatas que o puxavam para baixo... fixou o olhar no cimo, embora soubesse que ainda devia estar muito fundo,

com a água por cima tão negra...

Havia seres subaquáticos a subirem com ele. Conseguia vê-los em volta de si, nadando com toda a facilidade, a verem-no a lutar na água... seria que o iam puxar para as profundezas quando o tempo se esgotasse? Talvez comessem pessoas? As pernas de Harry estavam a dar as últimas com o esforço de continuar a nadar; os ombros doíam-lhe horivelmente devido ao esforço de arrastar Ron e a menina...

Respirava com extrema dificuldade. Sentia novamente dores no pescoço... começava a aperceber-se da sensação da água na boca... e, no entanto, a escuridão começava definitivamente a diminuir... conseguia ver a luz do dia por cima de si...

Bateu os pés com mais força e descobriu que não passavam de pés... a água entrava-lhe para os pulmões através da boca... começava a sentir-se tonto, mas sabia que a luz e o ar estavam só a três metros dele... tinha de lá chegar... tinha de conseguir...

Harry bateu com as pernas com tanta força e tão depressa que parecia que os seus músculos gritavam em protesto; o cérebro parecia estar ensopado, não conseguia respirar, precisava de oxigénio, tinha de continuar, não podia parar...

E nesse momento sentiu a cabeça furar a superfície do lago; um ar frio maravilhoso picava-lhe o rosto molhado; engoliu-o avidamente, sentindo que nunca antes respirara como devia ser e, ofegante, puxou Ron e a menina para cima. À sua volta, emergiam da água cabeças com cabelos esverdeados, que lhe sorriam.

A multidão das bancadas estava a fazer muito barulho. Parecia que estavam todos de pé, a gritar e a berrar; Harry teve a impressão de que eles pensavam que talvez Ron e a menina estivessem mortos, mas enganavam-se... ambos tinham aberto os olhos. A menina parecia confusa e assustada, mas Ron limitou-se a expelir um grande jacto de água, piscou os olhos perante a luz intensa, voltou-se para Harry e disse:

— Muito molhado, não é? — Depois, viu a irmã de Fleur. — Para que é que a trouxeste?

— A Fleur não apareceu. Não a podia lá deixar — explicou Harry.

— Harry, grande estúpido — disse Ron —, não levaste aquela coisa da canção a sério, pois não? O Dumbledore não ia deixar que nenhum de nós se afogasse!

— Mas a canção dizia...

— Só para terem a certeza de que vocês voltavam dentro do limite de tempo! — exclamou Ron. — Espero que não tenhas perdido tempo lá em baixo a fazer de herói!

Harry sentiu-se estúpido e chateado. As coisas eram muito fáceis para Ron, que estivera sempre a dormir e não sentira como era arrepiante estar no fundo do lago, rodeado de seres subaquáticos com lanças que pareciam muito capazes de matar alguém.

— Anda lá — disse Harry secamente — ajuda-me aqui, acho que ela não sabe nadar lá muito bem.

Puxaram a irmã de Fleur em direcção à margem onde os juízes os observavam, tendo como guarda de honra vinte seres subaquáticos que cantavam desafinados as suas horríveis canções.

Harry via Madame Pomfrey preocupada junto de Hermione, Krum, Cedric e Cho, todos embrulhados em espessos cobertores. Na margem, Dumbledore e Ludo Bagman sorriam para Harry e Ron à medida que estes se aproximavam, mas Percy, que estava pálido e parecia muito mais novo do que habitualmente, veio ter com eles chapinhando dentro de água. Entretanto, Madame Maxime tentava controlar Fleur Delacour, que lutava histérica, com unhas e dentes para voltar para a água.

— Gabrielle! *Gabrielle! Ela está viva? Está ferida?*

— Ela está ótima! — tentou Harry dizer-lhe, mas estava tão exausto que mal conseguia falar e muito menos gritar.

Percy agarrou Ron e arrastou-o para a margem (— Larga-me, Percy, eu estou bem); Dumbledore e Bagman ajudaram Harry a pôr-se de pé; Fleur libertou-se de Madame Maxime e abraçou a irmã.

— Forram os Grindylows... eles atacaram-me... oh, Gabrielle, pensei... pensei...

— Venham cá, vocês — chamou Madame Pomfrey; agarrou Harry e puxou-o para junto de Hermione e dos outros, embrulhou-o num cobertor, apertando-o tanto que parecia que estava numa camisa de forças e enfiou-lhe uma poção quente pela garganta abaixo. Saiu-lhe vapor pelos ouvidos.

— Harry, foste ótimo! — gritou Hermione. — Conseguiste, descobriste sozinho!

— Bem... — disse Harry. Teve vontade de lhe contar sobre Dobby, mas reparou que Karkaroff estava a observá-lo. Era o único juiz que não saíra da mesa, o único que não dava sinais de estar contente por Harry, Ron e a irmã de Fleur terem voltado sãos e salvos. — Pois foi — disse Harry, levantando ligeiramente a voz para que Karkaroff o ouvisse.

— Tenz um ezcarravelho aquático no cabelo, Herm-oun-ninny — avisou Krum.

Harry teve a impressão de que Krum estava a tentar que ela lhe desse novamente atenção, talvez para lhe lembrar de que acabara de a salvar do lago, mas Hermione sacudiu o escaravelho com um gesto impaciente e

disse:

— Mas ultrapassaste muito o limite, Harry... Levaste assim tanto tempo para nos encontrar?

— Não, encontrei-vos sem dificuldade...

A sensação de estupidez de Harry aumentava. Agora que estava fora de água, parecia-lhe perfeitamente claro que as medidas de segurança de Dumbledore não teriam permitido a morte de um refém só porque o seu campeão não tinha aparecido. Por que é que ele não se limitara a agarrar Ron e a ir-se embora? Teria sido o primeiro a voltar... Cedric e Krum não tinham perdido tempo a preocupar-se com os outros, não tinham levado a sério a canção dos seres subaquáticos...

Dumbledore estava agachado na berma da água, embrenhado numa conversa com o que parecia ser o chefe dos seres subaquáticos, uma criatura particularmente selvagem e com ar feroz. Lançava os mesmos guinchos que os seres subaquáticos emitiam quando estavam fora de água e era evidente que Dumbledore falava a língua deles. Por fim endireitou-se, voltou-se para os outros juízes e declarou:

— Acho que é preciso fazermos uma reunião antes de atribuírmos os pontos.

Os juízes formaram um grupo. Madame Pomfrey fora salvar Ron das garras de Percy e levou-o para junto de Harry e dos outros, deu-lhe um cobertor e uma Poção de Revigorar e foi buscar Fleur e a irmã. Fleur tinha muitos golpes no rosto e nos braços e o seu manto estava todo rasgado, mas parecia que ela não se importava e não deixava que Madame Pomfrey os limpasse.

— Cuide de Gabrielle — disse-lhe ela e voltou-se para Harry. — Tu salvaste-a — disse ela sem fôlego. — Apesarr de ela non serr o teu refém.

— Sim — disse Harry que desejava agora sinceramente ter deixado as três raparigas atadas à estátua.

Fleur curvou-se, deu dois beijos em cada face de Harry (que se sentiu a arder e não teria ficado surpreso se lhe saísse vapor dos ouvidos) e depois virou-se para Ron:

— E tu também, tu ajudaste...

— Sim — confirmou Ron, com um ar muito esperançado —, sim um bocadinho...

Ela agarrou-o repentinamente e beijou-o. Hermione estava simplesmente furiosa, mas nessa altura a voz de Ludo Bagman, ampliada magicamente, ribombou ao lado deles, fazendo-os todos dar um salto e silenciando a multidão nas bancadas.

— Senhoras e senhores, chegámos a uma decisão. O chefe dos seres

subaquáticos, Murcus, contou-nos exactamente o que se passou no fundo do lago e, portanto, decidimos atribuir pontos a cada campeão, até um máximo de cinquenta, da seguinte forma: Miss Fleur Delacour, embora tenha demonstrado um uso excelente do Feitiço Cabeça-de-Bolha, foi atacada por Grindylows ao aproximar-se do objectivo e não conseguiu salvar o seu refém. Atribuímos-lhe vinte e cinco pontos.

Aplausos nas bancadas.

— Merreço zerrô — confessou Fleur com voz rouca, abanando a sua belíssima cabeça.

— Mr. Cedric Diggory, que também usou o Feitiço Cabeça-de-Bolha, foi o primeiro a voltar com o seu refém, embora o tenha feito um minuto para além do limite de tempo. — Imensos aplausos dos Hufflepuff do público; Harry viu Cho lançar a Cedric um olhar ardente. — Por isso, atribuímos-lhe quarenta e sete pontos.

O coração de Harry caiu-lhe aos pés. Se Cedric chegara fora do limite de tempo, o que dizer dele.

— Mr. Viktor Krum usou uma forma incompleta de Transfiguração, que provou ser, no entanto, eficaz e foi o segundo a voltar com o seu refém. Atribuímos-lhe quarenta pontos.

Karkaroff aplaudiu com muita força, com um ar muito superior.

— Mr. Harry Potter usou Guelracho com um efeito espectacular — continuou Bagman. — Foi o último a voltar e ultrapassou em muito o limite de tempo de uma hora. Contudo, o chefe dos seres subaquáticos informou-nos de que Mr. Potter foi o primeiro a chegar junto dos reféns e que a demora no seu regresso se ficou a dever à sua determinação em salvar todos os reféns e não apenas o seu.

Tanto Ron como Hermione lançaram a Harry uns olhares que eram uma mistura de raiva e comiseração.

— A maioria dos juízes — e aqui Bagman lançou a Karkaroff um olhar furioso — acha que isto revela fibra moral e merece a pontuação máxima. Contudo... a pontuação de Mr. Potter é de quarenta e cinco pontos.

O estômago de Harry deu um pulo: estava na corrida para o primeiro lugar com Cedric. Ron e Hermione, apanhados de surpresa, ficaram a olhar para ele e depois começaram a rir e a aplaudir entusiasticamente com o resto do público.

— Aí tens, Harry! — gritou-lhe Ron por cima do barulho. — Afinal, não estavas a ser burro, estavas a mostrar fibra moral!

Fleur aplaudia também com muita força, mas Krum não parecia lá muito feliz. Tentou meter conversa com Hermione, mas ela estava demasiado ocupada a bater palmas a Harry para lhe dar atenção.

— A terceira e última tarefa terá lugar ao entardecer, a 24 de Junho — continuou Bagman. — Os campeões serão notificados do que os espera exactamente um mês antes. Obrigado pelo apoio dado aos campeões.

Acabara, pensou Harry estonteado, enquanto Madame Pomfrey começou a levar os campeões e os reféns para o castelo para vestirem roupas secas ... acabara, ele tinha passado ... agora não havia motivo para se preocupar com nada até 24 de Junho ...

Enquanto subia os degraus de pedra de regresso ao castelo, decidiu que, da próxima vez que fosse a Hogsmeade, compraria um par de meias para cada dia do ano para oferecer a Dobby.

XXVII

O REGRESSO DE *PADFOOT*

Uma das melhores coisas do rescaldo da segunda tarefa foi o facto de todos estarem interessadíssimos em ouvir os pormenores do que tinha acontecido no fundo do lago, o que significava que, por uma vez, Ron partilhava da notoriedade de Harry. Este reparou que a versão dos acontecimentos fornecida por Ron mudava subtilmente sempre que era repetida. A princípio, ele contou o que parecia ser a verdade; pelo menos coincidia com a história de Hermione: Dumbledore pusera todos os reféns sob um sono mágico no gabinete da professora McGonagall, depois de lhes ter garantido que estariam inteiramente seguros, e que acordariam quando voltassem à superfície. Uma semana mais tarde, contudo, Ron contava já uma emocionante história de rapto em que ele enfrentava sozinho cinquenta seres subaquáticos fortemente armados que tinham tido de o espancar até conseguirem amarrá-lo.

— Mas eu tinha a minha varinha escondida na manga — declarou ele a Padma Patil, que parecia simpatizar muito mais com Ron agora que ele estava a ser alvo de tanta atenção, e insistia em lhe falar sempre que se cruzavam nos corredores. — Podia ter dado conta daqueles aqua-idiotas em qualquer altura que eu quisesse.

— O que é que lhes farias, ressonavas-lhes? — perguntou Hermione em tom mordaz. Todos se tinham metido tanto com ela por ser aquilo de que Viktor Krum mais sentiria a falta que ela andava um bocado implicativa.

As orelhas de Ron ficaram rubras e, a partir daí, voltou à versão do sono mágico.

Quando entraram em Março, o tempo ficou menos chuvoso, mas ventos inclementes fustigavam-lhes as mãos e os rostos sempre que saíam para o exterior. Havia atrasos no correio, porque as corujas estavam

constantemente a ser desviadas da sua rota. A coruja castanha, que Harry enviara a Sirius com as datas do fim-de-semana em Hogsmeade, apareceu na sexta-feira de manhã, à hora do pequeno-almoço, com metade das penas viradas ao contrário; ainda Harry mal acabara de lhe tirar a resposta de Sirius e já ela se escapara, obviamente receosa de que a fossem mandar outra vez lá para fora.

A carta era quase tão curta como a anterior.

Está junto à cerca no fim da estrada que sai de Hogsmeade (a seguir à Dervish & Banges) no sábado às duas da tarde. Traz toda a comida que puderes.

— Não me digas que ele voltou a Hogsmeade? — exclamou Ron, incrédulo.

— O que é que te parece? — retorquiu Hermione.

— Não posso crer — disse Harry, nervoso. — Se o apanham...

— Aguentou-se até aqui, não aguentou? — comentou Ron. — E isto agora já não está infestado de Dementors.

Harry dobrou a carta, pensativo. Para ser franco, queria realmente ver Sirius outra vez. Assim, dirigiu-se à última lição do dia — uma aula de Poções — sentindo-se consideravelmente mais satisfeito do que o habitual ao descer os degraus para as masmorras.

Malfoy, Crabbe e Goyle acotovelavam-se do lado de cá da porta da sala de aula com o grupo de raparigas Slytherin da Pansy Parkinson. Olhavam todos para algo que Harry não conseguiu distinguir e soltavam animadas risadinhas. A cara achatada de Pansy espreitou excitada por detrás das costas largas de Goyle quando Harry, Ron e Hermione se aproximaram.

— Aí vêm eles! Aí vêm eles! — anunciou ela com uma gargalhadinha, e o aglomerado de Slytherin desfez-se. Harry viu que Pansy tinha na mão uma revista: *O Semanário das Feiticeiras*. A imagem animada da capa mostrava uma feiticeira de cabelo encaracolado que sorria mostrando os dentes todos e apontava para um enorme pão-de-ló com a varinha.

— És capaz de encontrar aqui alguma coisa que te interesse, Granger! — disse Pansy em voz sonora, atirando a revista a Hermione, que a apanhou com ar espantado. Nessa altura, a porta da masmorra abriu-se e Snape fez-lhes sinal para entrarem.

Hermione, Harry e Ron dirigiram-se, como habitualmente, para uma mesa ao fundo da masmorra. Logo que Snape lhes virou as costas para escrever no quadro os ingredientes da poção do dia, Hermione folheou rapidamente a revista debaixo da secretária. Por fim, nas páginas centrais,

encontrou aquilo que procurava. Harry e Ron inclinaram-se mais para ela. Uma fotografia colorida de Harry encimava um curto artigo intitulado A MÁGOA SECRETA DE HARRY POTTER:

Um rapaz como nenhum outro, talvez... mas um rapaz a sofrer todas as habituais angústias da adolescência, escreve Rita Skeeter. Privado de amor desde a trágica morte dos pais, Harry Potter, actualmente com catorze anos, pensava ter encontrado consolo na sua namorada de Hogwarts, Hermione Granger, Muggle de nascimento. Mal ele sabia que dentro em breve iria sofrer mais um golpe emocional numa vida já juncada de perdas pessoais.

Miss Granger, uma rapariga que não é bonita mas é ambiciosa, parece ter um fraco por feiticeiros famosos e não se satisfaz apenas com Harry. Desde a chegada de Viktor Krum a Hogwarts, o seeker da Bulgária e herói da última Taça Mundial de Quidditch, que Miss Granger tem andado a brincar com a afeição de ambos os rapazes. Krum, que está nitidamente embeijado pela astuciosa Miss Granger, já a convidou para o ir visitar à Bulgária durante as férias de Verão, e afirma que «nunca sentiu isto por nenhuma rapariga».

No entanto, podem não ter sido os duvidosos encantos naturais de Miss Granger que atraíram o interesse destes infelizes rapazes.

«Ela é francamente feia», diz Pansy Parkinson, uma aluna do quarto ano, bonita e cheia de vivacidade, «mas era muito capaz de fazer uma Poção de Amor; tem miolos para tanto. Acho que foi assim que ela conseguiu tudo isto.»

As Poções de Amor estão obviamente proibidas em Hogwarts, e sem dúvida Albus Dumbledore irá investigar estas alegações. Entretanto, os amigos de Harry Potter têm de esperar que, para a próxima, ele entregue o seu coração a uma candidata mais digna.

— Eu bem te disse! — sibilou Ron para Hermione, que fitava o artigo estupefacta. — Eu bem te disse que não chateasses a Rita Skeeter! Ela faz-te parecer uma... uma desavergonhada!

Hermione abandonou o seu ar atónito e fungou de riso.

— *Uma desavergonhada?* — repetiu ela, virando a cabeça para Ron, sacudida por gargalhadas reprimidas.

— É o que a minha mãe lhes chama — murmurou Ron, voltando a ficar com as orelhas encarnadas.

— Se isto é o melhor que a Rita consegue, está a perder o jeito — troçou Hermione, ainda a rir, atirando *O Semanário das Feiticeiras* para a cadeira

vazia ao seu lado. — Que monte de lixo!

Olhou para o lado dos Slytherin, que estavam todos a observar atentamente a reacção dela e de Harry do outro extremo da sala, para ver se eles tinham ficado aborrecidos com o artigo. Hermione dirigiu-lhes um sorriso sarcástico e um aceno, e ela, Harry e Ron começaram a tirar os ingredientes de que iriam precisar para a poção de Aguçar os Sentidos.

— Mas há aqui algo de esquisito — comentou Hermione dez minutos mais tarde, detendo-se com o pilão do almofariz suspenso sobre uma taça de escaravelhos. — Como é que a Rita Skeeter podia saber...?

— Saber o quê? — perguntou Ron muito depressa. — Tu não *andas* a fazer poções de amor, pois não?

— Não sejas estúpido — respondeu Hermione irritada, recomeçando a esmagar os escaravelhos. — Não, só que... como é que ela sabia que o Viktor me convidou para o ir visitar no Verão?

Ao dizer aquilo corou violentamente e evitou, decidida, o olhar de Ron.

— O quê? — exclamou este, deixando cair o pilão com um sonoro *pum*.

— Ele convidou-me logo a seguir a ter-me tirado do lago — murmurou Hermione. — Depois de se ter livrado da sua cabeça de tubarão. A Madame Pomfrey deu-nos cobertores a ambos, e depois ele afastou-me um pouco dos juízes para eles não ouvirem, e perguntou-me se eu não ia fazer nada de especial durante o Verão, se não gostaria de...

— E tu o que é que disseste? — perguntou Ron, que tinha apanhado o pilão e estava a moer a secretária, a uns bons quinze centímetros de distância da sua taça, porque tinha os olhos fixos em Hermione.

— E disse *de facto* que nunca sentira aquilo por mais ninguém — continuou Hermione, tão encarnada agora que Harry quase conseguia sentir o calor que emanava dela —, mas como é que a Rita Skeeter podia tê-lo ouvido? Ela não estava lá... ou estava? Talvez ela *tenha* um Manto da Invisibilidade, talvez se tenha esgueirado para dentro do recinto para assistir à segunda tarefa...

— E tu, o que é que *disseste*? — repetiu Ron, batendo com o pilão com tanta força que fez uma falha na secretária.

— Bom, eu estava demasiado concentrada a ver se tu e o Harry tinham chegado bem para...

— Embora a sua vida social seja indubitavelmente fascinante, Miss Granger — disse uma voz glacial atrás deles — tenho de lhe pedir que não a discuta na minha aula. Dez pontos a menos para os Gryffindor.

Enquanto conversavam, Snape tinha deslizado até à mesa. A aula inteira estava agora de pescoço virado para eles; Malfoy aproveitou a oportunidade para fazer faiscar o emblema com O POTTER CHEIRA MAL em

direção a Harry, do outro lado da masmorra.

— Ah... e também a ler revistas debaixo da mesa? — acrescentou Snape, pegando no exemplar de *O Semanário das Feiticeiras*. — Mais dez pontos a menos para os Gryffindor... oh, mas é claro... — Os olhos negros de Snape reluziram ao depararem com o artigo de Rita Skeeter. — O Potter tem de manter em dia os seus recortes...

A masmorra ressoou com as gargalhadas dos Slytherin, e a boca fina de Snape curvou-se num sorriso desagradável. Com grande fúria de Harry, ele começou a ler o artigo em voz alta.

— *A Mágoa Secreta de Harry Potter*... ora, ora, Potter, o que te aflige agora? *Um rapaz como nenhum outro, talvez...*

Harry sentia agora o rosto a esquentar. Snape fazia uma pausa no final de cada frase para permitir que os Slytherin soltassem uma ruidosa gargalhada. O artigo parecia dez vezes pior lido por ele.

— ... *os amigos de Harry Potter devem esperar que, para a próxima, ele entregue o seu coração a uma candidata mais digna*. Que comovente — rosnou Snape, enrolando a revista sob as vagas de gargalhadas dos Slytherin. — Bem, acho que é melhor separar-vos, para poderem concentrar-se nas vossas poções em vez das vossas complicadas vidas amorosas. Weasley, tu ficas aqui. Miss Granger, para ali, ao lado de Miss Parkinson. Potter, aquela mesa em frente da minha secretária. Mexam-se. Já!

Furioso, Harry atirou os seus ingredientes e o saco para dentro do caldeirão, e arrastou-o para a frente da masmorra até à mesa vazia. Snape seguiu-o, sentou-se à secretária e observou Harry a esvaziar o caldeirão. Decidido a não olhar para ele, Harry recomeçou a esmagar os seus escaravelhos, imaginando cada um com a cara de Snape.

— Toda esta atenção da imprensa parece ter feito inchar a tua cabeça já antes descomunal, Potter — observou Snape em voz baixa, depois de o resto da aula ter sossegado.

Harry não respondeu. Sabia que Snape estava a tentar provocá-lo; já havia feito aquilo anteriormente. Estava sem dúvida à procura de uma desculpa para retirar exactamente cinquenta pontos aos Gryffindor antes do fim da aula.

— Podes estar convencido de que todo o mundo da feitiçaria anda impressionado contigo — prosseguiu Snape, tão baixinho que mais ninguém o conseguia ouvir (Harry continuou a esmagar os seus escaravelhos, embora já os tivesse reduzido a pó fino) —, mas a mim não me interessa o número de vezes que a tua fotografia aparece nos jornais. Para mim, Potter, não passas de um rapazote antipático que se considera

acima das regras.

Harry despejou o pó de escaravelhos para o caldeirão e começou a cortar as raízes de gengibre. As mãos tremiam-lhe ligeiramente de raiva, mas manteve os olhos baixos, como se não conseguisse ouvir o que Snape lhe dizia.

— Portanto, estou a avisar-te, Potter — continuou Snape, numa voz mais suave e perigosa —, minicelebridade ou não... se te apanho a assaltar o meu gabinete mais uma vez...

— Eu não estive nem perto do seu gabinete! — disse Harry furioso, esquecendo a sua fingida surdez.

— Não me mintas — sibilou Snape, os seus impenetráveis olhos negros a perfurarem os de Harry. — Pele de Boomslang. Guelracho. Ambos vieram das minhas reservas pessoais e eu sei quem os roubou.

Harry devolveu-lhe o olhar, decidido a não pestanejar, nem a fazer um ar culpado. Na verdade, ele não roubara nenhuma daquelas coisas a Snape. Hermione tirara a pele de Boomslang no segundo ano (tinham precisado dela para a Poção Polissuco) e embora Snape tivesse suspeitado de Harry na altura, nunca conseguira prová-lo. E, claro, fora Dobby quem roubara o Guelracho.

— Não sei de que está a falar — mentiu Harry friamente.

— Tu não estavas na cama na noite em que o meu gabinete foi assaltado! — sibilou Snape. — Eu sei, Potter! Ora o Moody Olho-Louco pode ter aderido ao teu clube de fãs, mas eu não tolero tal comportamento! Mais um passeio nocturno ao meu gabinete, Potter, e faço-tas pagar!

— Certo — disse Harry serenamente, voltando para as suas raízes de gengibre —, farei por não me esquecer disso, se me der vontade de ir até lá.

Os olhos de Snape faiscaram. Enfiou a mão no seu manto negro. Por um momento, Harry pensou que ele se preparava para pegar na varinha e enfeitiçá-lo... depois viu que Snape tirara um pequeno frasco de cristal com uma poção absolutamente límpida. Harry ficou a olhar para ela.

— Sabes o que é isto, Potter? — perguntou Snape, com os olhos a brilharem de novo perigosamente.

— Não — respondeu Harry. E desta vez era a verdade pura.

— É Veritaserum... uma poção da verdade tão potente que três gotas te fariam despejar os teus mais íntimos segredos para toda a turma ouvir — declarou Snape perversamente. — Ora o uso desta poção está regulamentado por regras muito severas do Ministério. Mas, se não andas na linha, podes vir a descobrir que a minha mão se *descuidou* — agitou levemente o frasco de cristal — por cima do teu sumo de abóbora do jantar. E então, Potter... então descobriremos se estiveste ou não no meu gabinete.

Harry não reagiu. Voltou-se mais uma vez para as raízes de gengibre, pegou na faca e começou de novo a cortá-las. Não lhe agradava nada a ideia daquela poção da verdade e considerava Snape muito capaz de o obrigar a ingeri-la. Reprimiu um estremecimento ao pensar no que poderia sair-lhe da boca para fora se Snape fizesse isso... à parte o facto de meter uma data de gente em sarilhos (Hermione e Dobby, para começar) havia todas as outras coisas que ele ocultava... como o facto de estar em contacto com Sirius... e (o estômago contraiu-se-lhe ao pensar nisso) aquilo que sentia a respeito de Cho... Despejou também as raízes de gengibre para o caldeirão e perguntou a si próprio se não deveria seguir o exemplo de Moody e começar a beber só de um cantil pessoal.

Bateram à porta da masmorra.

— Entre — disse Snape com a sua voz habitual.

A turma voltou-se quando a porta se abriu. Entrou o professor Karkaroff. Todos os olhos o seguiram enquanto ele se dirigia à secretária de Snape. Estava outra vez a torcer a pêra e vinha com ar agitado.

— Precisamos de falar — anunciou Karkaroff abruptamente, ao chegar junto de Snape. Parecia tão decidido a não permitir que alguém ouvisse o que estava a dizer que mal mexia os lábios; era como se fosse um mau ventríloquo. Harry conservou os olhos postos nas raízes, esforçando-se por ouvir.

— Falo contigo depois da minha aula, Karkaroff — murmurou Snape, mas Karkaroff interrompeu-o.

— Quero falar agora que não podes escapar-te, Severus. Tu tens andado a evitar-me.

— Depois da aula — repetiu Snape asperamente.

Com o pretexto de erguer um copo medidor a fim de ver se despejara a quantidade suficiente de bÍlis de tatu, Harry deitou um olhar de viés a ambos. Karkaroff parecia extremamente preocupado e Snape tinha um ar furioso.

Karkaroff não saiu de perto da secretária de Snape durante o resto da aula. Parecia determinado a impedir que o professor se escapulisse no fim. Desejoso de ouvir o que Karkaroff tinha a dizer, Harry derrubou propositadamente a sua garrafa de bÍlis de tatu dois minutos antes do toque da campainha, o que lhe deu uma desculpa para se acocorar por detrás do caldeirão a limpar o que entornara, enquanto o resto da turma se dirigia ruidosamente para a porta.

— O que há de tão urgente? — ouviu Snape sibilar a Karkaroff.

— *Isto* — respondeu Karkaroff e Harry, espreitando pelo lado do caldeirão, viu-o arregaçar a manga esquerda da capa e mostrar a Snape

qualquer coisa na parte interior do antebraço.

— Então? — disse Karkaroff, ainda a esforçar-se por não mexer os lábios. — Viste? Nunca esteve tão nítida, nunca, desde...

— Tapa-a! — rosnou Snape, os olhos negros varrendo a sala.

— Mas tu deves ter notado — começou Karkaroff em voz agitada.

— Podemos conversar mais tarde, Karkaroff! — declarou Snape decididamente. — Potter! O que estás tu a fazer?

— A limpar a bÍlis de tatu que entornei, professor — justificou-se Harry inocentemente, endireitando-se e mostrando a Snape o trapo encharcado que tinha na mão.

Karkaroff deu meia-volta e saiu da masmorra a passos largos. Parecia simultaneamente preocupado e furioso. Não desejando ficar sozinho com Snape, agora excepcionalmente irritado, Harry atirou os livros e ingredientes para dentro do saco e partiu a toda a pressa para contar a Ron e a Hermione o que acabara de presenciar.

*

No dia seguinte, ao meio-dia, saíram do castelo e depararam com um sol débil e descorado a cair sobre os campos. O tempo estava mais ameno do que durante o resto do ano, e, ao chegarem a Hogsmeade, já tinham despido as capas, pendurando-as ao ombro. A comida que Sirius pedira para levarem estava no saco de Harry; tinham surripiado uma dúzia de pernas de frango, um pão grande e uma garrafa de sumo de abóbora da mesa do almoço.

Foram ao Trapo Elegante para comprar um presente a Dobby, e aí divertiram-se a escolher as peúgas mais berrantes que conseguiram encontrar, incluindo um par enfeitado com estrelas douradas e prateadas que faiscavam, e outro que gritava alto quando começavam a ficar demasiado malcheirosas. Depois, à uma e meia, subiram a High Street, passaram pela Dervish & Banges e dirigiram-se ao extremo da aldeia.

Harry nunca tinha ido para aqueles lados. A azinhaga sinuosa levava-os até às matas que rodeavam Hogsmeade. Havia muito menos chalés por ali e os jardins eram maiores; caminharam rumo à base da montanha em cuja sombra se anichava Hogsmeade e, ao viraram uma esquina, viram uma cerca no final da azinhaga. À espera, com as patas dianteiras na barra superior, estava um enorme cão preto de pêlo hirsuto, que tinha na boca alguns jornais e lhes pareceu muito familiar...

— Olá, Sirius — cumprimentou Harry ao chegarem junto dele. O cão preto cheirou avidamente o saco de Harry, abanou a cauda uma vez, e

depois voltou-se e começou a afastar-se deles pelo pequeno carreiro que subia rumo à base rochosa da montanha. Harry, Ron e Hermione passaram por cima da cerca e seguiram-no.

Sirius conduziu-os mesmo à base da montanha, onde o solo estava coberto de pedras e rochas. Para ele, com as suas quatro patas, era fácil, mas os pequenos não tardaram a ficar sem fôlego. Continuaram a seguir Sirius mais para cima, até à montanha propriamente dita. Durante quase meia hora, treparam por um carreiro íngreme, sinuoso e pedregoso, atrás da cauda baloiçante de Sirius, transpirando ao sol, as alças do saco de Harry a enterrarem-se-lhe nos ombros.

Depois, finalmente, deixaram de o avistar, e quando chegaram ao sítio onde ele desaparecera, viram uma larga fenda na rocha. Espremeram-se para passar por ela e encontraram-se numa gruta fresca e mal iluminada. Ao fundo, amarrado por uma corda a um grande rochedo, estava *Buckbeak*, o hipogrifo. Meio cavalo cinzento, meio águia gigante, os ferozes olhos cor de laranja de *Buckbeak* faiscaram ao vê-los. Curvaram-se os três profundamente diante dele e, depois de os fitar com ar imperioso durante um pedaço, *Buckbeak* dobrou os joelhos escamosos das patas dianteiras e permitiu que Hermione se aproximasse e lhe afagasse o pescoço emplumado. Harry, contudo, olhava para o cão preto que acabava de se transformar no seu padrinho.

Sirius usava vestes cinzentas esfarrapadas; as mesmas que vestia quando saíra de Azkaban. Tinha o cabelo preto mais comprido do que quando aparecera na lareira e novamente sujo e emaranhado. Estava magríssimo.

— Frango! — exclamou ele roucamente, depois de tirar os exemplares d’*O Profeta Diário* antigos da boca e os atirar para o chão da gruta.

Harry abriu o saco e estendeu-lhe o embrulho de pernas de frango e o pão.

— Obrigado — disse Sirius e, abrindo-o, pegou numa perna, sentou-se no chão da gruta e deu-lhe uma enorme dentada. — Tenho estado a viver essencialmente de ratazanas. Não posso roubar muita comida em Hogsmeade, pois chamava a atenção sobre mim.

Riu-se para Harry, mas este correspondeu com relutância.

— O que estás aqui a fazer, Sirius? — perguntou ele.

— A cumprir o meu dever de padrinho — respondeu Sirius, roendo o osso do frango de uma forma muito canina. — Não te preocupes comigo, faço-me passar por um amoroso cão perdido.

Continuava a sorrir, mas vendo a ansiedade estampada na cara de Harry, disse em tom mais sério: — Quero estar no local. A tua última carta... bom, digamos simplesmente que as coisas estão a ficar cada vez mais

esquisitas. Tenho roubado o jornal sempre que alguém o deita fora e, pelo que vejo, não sou o único a começar a ficar preocupado.

Acenou em direcção aos exemplares d'*O Profeta Diário* descorados, caídos no chão, e Ron pegou neles e abriu-os.

Harry, todavia, manteve o olhar fixo em Sirius. — E se eles te apanham? E se és visto?

— Vocês os três e o Dumbledore são os únicos destas bandas que sabem que eu sou um Animagus — disse Sirius, encolhendo os ombros e continuando a devorar a perna de frango.

Ron deu uma cotovelada a Harry e passou-lhe os jornais. Eram dois: o primeiro trazia no cabeçalho *Doença Misteriosa de Bartemius Crouch* e o segundo, *Feiticeira do Ministério Continua Desaparecida — O Ministro da Magia já Interveio*.

Harry passou a vista pelo artigo sobre Crouch. Saltavam-lhe aos olhos frases: *não é visto em público desde Novembro... a casa parece deserta... O Hospital de São Mungo de Doenças e Lesões Mágicas não faz comentários... O Ministério recusa-se a confirmar rumores de doença grave...*

— Estão a dar à coisa o ar de que ele está a morrer — comentou Harry lentamente. — Mas não pode estar assim tão doente se conseguiu vir até cá...

— O meu irmão é adjunto do Crouch — declarou Ron a Sirius — e diz que ele está com um esgotamento por excesso de trabalho.

— Não há dúvida de que *parecia* doente da última vez que o vi de perto — constatou Harry devagar, ainda a ler o artigo. — Na noite em que o meu nome saiu do Cálice...

— Está a receber a paga por ter despedido a Winky, não é? — disse Hermione friamente. Afagava *Buckbeak*, que ia triturando os ossos do frango de Sirius. — Aposto que já se arrependeu... aposto que agora nota a diferença de não a ter lá para cuidar dele.

— A Hermione anda obcecada pelos elfos domésticos — segredou Ron a Sirius, deitando a esta um olhar sombrio.

Sirius, contudo, pareceu interessado. — O Crouch despediu a sua elfo doméstica?

— Sim, na Taça Mundial de Quidditch — esclareceu Harry, desatando a contar a história do aparecimento da Marca Negra, e de Winky ter sido encontrada com a sua varinha apertada na mão e da cólera de Mr. Crouch.

Quando terminou, Sirius pusera-se de novo em pé e começara a andar na gruta de um lado para o outro. — Vamos a ver se percebi isto direito — disse ele após um momento, brandindo uma nova perna de frango. — A

primeira vez que viste a elfo foi no camarote de honra. Estava a guardar lugar para o Crouch, certo?

— Certo — confirmaram Harry, Ron e Hermione em unísono.

— Mas o Crouch não apareceu para o jogo?

— Não — respondeu Harry. — Acho que ele disse que tinha estado muito ocupado.

Sirius percorria a gruta em silêncio. Depois perguntou: — Harry, viste se tinhas a varinha no bolso depois de saíres do camarote de honra?

— Hum... — Harry concentrou-se. — Não — disse ele por fim. — Não precisei de a usar até chegarmos à floresta. E então meti a mão no bolso e só lá tinha os Omniculares.

— Olhou para Sirius. — Estás a querer dizer que quem quer que invocou a Marca, roubou a minha varinha no camarote de honra?

— É possível — retorquiu Sirius.

— A Winky não roubou a varinha! — exclamou Hermione em voz aguda.

— A elfo não era a única ocupante do camarote — comentou Sirius, de testa franzida, continuando a andar de um lado para o outro. — Quem mais estava sentado atrás de ti?

— Montes de gente — respondeu Harry. — Alguns ministros búlgaros... Cornelius Fudge... os Malfoy...

— Os Malfoy! — exclamou Ron subitamente, tão alto que a sua voz ecoou por toda a gruta e *Buckbeak* mexeu nervosamente a cabeça. — Aposto que foi o Lucius Malfoy!

— Mais alguém? — insistiu Sirius.

— Não — disse Harry.

— Sim, havia o Ludo Bagman — recordou-lhe Hermione.

— Ah, sim...

— Não sei nada sobre o Ludo Bagman a não ser que foi *beater* dos Wimbourne Wasps — observou Sirius, ainda a andar de um lado para o outro. — Como é ele?

— Um tipo fixe — disse Harry. — Está sempre a oferecer-se para me ajudar no Torneio dos Três Feiticeiros.

— Ah, sim? — exclamou Sirius, franzindo ainda mais a testa. — Por que fará ele isso?

— Diz que simpatizou comigo — respondeu Harry.

— Hum — comentou Sirius, parecendo pensativo.

— Nós vimo-lo na floresta mesmo antes de a Marca Negra aparecer — contou Hermione a Sirius. — Lembram-se? — perguntou ela a Ron e Harry.

— Sim, mas ele não ficou na floresta, pois não? — ripostou Ron. — Assim que lhe falámos dos tumultos, partiu para o acampamento.

— Como é que sabes? — insistiu Hermione. — Como é que sabes para onde é que ele se Desmaterializou?

— Anda lá — disse Ron, com ar incrédulo — queres convencer-nos de que achas que foi o Ludo Bagman que invocou a Marca Negra?

— É mais provável que tenha sido ele do que a Winky — afirmou Hermione, obstinada.

— Eu bem te disse — observou Ron, olhando significativamente para Sirius — que ela anda obcecada com os elfos domés...

Mas Sirius levantou a mão para calar Ron. — Quando a Marca Negra surgiu e a elfo foi descoberta a segurar na varinha do Harry, o que fez o Crouch?

— Foi revistar os arbustos — disse Harry —, mas não estava lá mais ninguém.

— Claro — murmurou Sirius, de um lado para o outro —, claro, ele havia de querer culpar outro que não a sua própria elfo... e depois despediu-a?

— Sim — assentiu Hermione em tom furioso —, despediu-a, só porque ela não tinha ficado na tenda e se deixara espezinhar...

— Hermione, *pára* com isso dos elfos! — quase gritou Ron. Mas Sirius abanou a cabeça e disse: — Ela avaliou melhor o Crouch do que tu, Ron. Se queres conhecer o carácter de um homem, vê como ele trata os seus inferiores, não os seus iguais.

Passou a mão pelo rosto por barbear, evidentemente concentrado nos seus pensamentos. — Todas essas ausências do Barty Crouch... dá-se ao trabalho de garantir que a sua elfo lhe guarda lugar na Taça Mundial de Quidditch, mas não se incomoda em aparecer para assistir. Esforça-se imenso por reinstaurar o Torneio dos Três Feiticeiros e depois deixa também de comparecer... não é do Crouch. Se ele alguma vez faltou ao trabalho por doença antes disto, eu como o *Buckbeak*.

— Então, conheces o Crouch? — perguntou Harry.

O rosto de Sirius escureceu. Pareceu de súbito tão ameaçador como na noite em que Harry o conhecera, a noite em que Harry ainda acreditava que Sirius era um assassino.

— Ah, sim, eu conheço o Crouch — disse ele em voz baixa. — Foi ele quem deu a ordem para eu ser enviado para Azkaban... sem julgamento.

— *O quê?* — exclamaram Ron e Hermione em simultâneo.

— Estás a brincar! — disse Harry.

— Não, não estou — respondeu Sirius, dando mais uma grande dentada

no frango. — O Crouch era chefe do Departamento de Execução das Leis Mágicas, não sabiam?

Harry, Ron e Hermione abanaram as cabeças.

— Falava-se dele para ser o próximo Ministro da Magia — continuou Sirius. — O Barty Crouch é um grande feiticeiro, um mago poderoso e faminto de poder. Oh, nunca foi apoiante do Voldemort — esclareceu ele, lendo a expressão da cara de Harry. — Não, o Barty Crouch foi sempre abertamente contra o lado Negro. Mas o facto é que muitos dos que eram contra o lado Negro... bom, vocês não compreenderiam... são demasiado novos...

— Isso foi o que o meu pai disse na Taça Mundial — observou Ron, com um traço de irritação na voz. — Por que é que não nos pões à prova?

A cara magra de Sirius iluminou-se com um sorriso. — Está bem, eu ponho...

Percorreu a gruta até ao fundo, voltou para junto deles e depois disse: — Imaginem que o Voldemort é poderoso neste momento. Não se sabe quem são os seus apoiantes, não se sabe quem trabalha e quem não trabalha para ele; sabe-se que ele pode controlar as pessoas, levando-as a fazer coisas terríveis sem conseguirem resisitir. As pessoas andam receosas por si, pela família e pelos amigos. Todas as semanas surgem notícias de mais mortes, mais desaparecimentos, mais torturas... o Ministério da Magia está um pandemónio, não sabem o que fazer, estão a tentar ocultar tudo dos Muggles mas, entretanto, começam também a morrer Muggles. Terror por toda a parte... pânico... confusão... era assim que as coisas estavam.

«Bem, tempos assim fazem surgir o que há de melhor em algumas pessoas e o que há de pior noutras. Os princípios do Crouch podem ter sido bons inicialmente... não sei. Subiu bastante depressa no Ministério e começou a ditar medidas muito duras contra os apoiantes do Voldemort. Foram concedidos novos poderes aos Aurors... poderes para matarem em vez de prenderem, por exemplo. E eu não fui o único a ser entregue directamente aos Dementors sem julgamento. O Crouch combateu a violência com a violência e autorizou o uso das Maldições Imperdoáveis contra suspeitos. Eu diria que ele se tornou tão impiedoso e cruel como muitos feiticeiros do lado Negro. Notem que tinha os seus apoiantes... muita gente achava que ele estava a agir da maneira certa e havia imensos feiticeiros a exigir que ele ocupasse o cargo de Ministro da Magia. Quando o Voldemort desapareceu, parecia ser apenas uma questão de tempo até o Crouch conseguir o lugar. Mas então aconteceu algo desastroso... — Sirius sorriu com ar soturno. — O filho dele foi capturado com um grupo de Devoradores da Morte que conseguira escapar a Azkaban. Aparentemente,

estavam a tentar encontrar o Voldemort para lhe restituir o poder.

— O *filho* do Crouch foi capturado? — admirou-se Hermione ofegante.

— Sim — confirmou Sirius, atirando o osso de frango a *Buckbeak* e, estendendo-se de novo no solo ao lado do pão, partiu-o ao meio. — Um choquezito desagradável para o velho Barty, imagino. Devia ter passado mais tempo em casa com a família, não devia? Devia ter saído mais cedo do escritório de vez em quando... para conhecer o próprio filho.

Começou a engolir grandes pedaços de pão.

— E o filho *era* Devorador da Morte? — perguntou Harry.

— Não faço ideia — respondeu Sirius, ainda a empanturrar-se de pão. — Eu próprio estava em Azkaban quando o levaram para lá. Estas são, essencialmente, coisas que descobri desde que fugi. O rapaz foi, sem dúvida, apanhado na companhia de pessoas que eu apostava serem Devoradores da Morte, mas podia apenas ter estado no sítio errado na altura errada, como a elfo doméstica.

— E o Crouch tentou safar o filho? — sussurrou Hermione.

Sirius soltou uma gargalhada que mais parecia um latido. — O Crouch safar o filho? Julguei que o tinhas avaliado bem, Hermione. Tudo o que ameaçasse denegrir a sua reputação tinha de ser eliminado, ele dedicara toda a sua vida para vir a ser Ministro da Magia. Vocês viram-no despedir uma dedicada elfo doméstica porque ela o associava de novo à Marca Negra... isso não lhes diz o que ele é? A afeição paternal do Crouch chegou apenas para proporcionar um julgamento ao filho e, segundo todos os relatos, pouco mais foi que uma desculpa para o Crouch mostrar como o odiava... depois mandou-o direitinho para Azkaban.

— Entregou o seu próprio filho aos Dementors? — perguntou Harry em voz baixa.

— É verdade — confirmou Sirius e agora já não parecia minimamente divertido. — Eu vi os Dementors trazerem-no, vi-os através das grades da porta da minha cela. Ele não podia ter mais de dezanove anos. Puseram-no numa cela perto da minha. À noite já ele gritava pela mãe. Mas calou-se ao fim de alguns dias... todos eles acabavam por se calar... excepto quando gritavam durante o sono...

Durante um momento, a expressão baça dos olhos de Sirius acentuou-se ainda mais, como se por detrás deles tivessem descido persianas.

— Então, ele ainda está em Azkaban? — perguntou Harry.

— Não — disse Sirius pesadamente. — Não, já lá não está. Morreu cerca de um ano depois de o terem levado.

— *Morreu?*

— Não foi o único — observou Sirius em tom amargo. — A maior parte

enlouquecia ali e muitos acabaram por deixar de comer. Perdiam a vontade de viver. Sabia-se sempre quando estava prestes a ocorrer uma morte, porque os Dementors pressentiam-na e ficavam excitados. Aquele rapaz parecia bastante fraco quando chegou. Como o Crouch era um membro importante do Ministério, ele e a mulher foram autorizados a visitá-lo antes de ele morrer. Foi a última vez que vi o Barty Crouch, amparando a mulher ao passarem pela minha cela. Ela própria morreu, ao que consta, pouco depois. De desgosto. Definiu-se, tal como o rapaz. O Crouch não foi buscar o corpo do filho. Os Dementors enterraram-no no exterior da fortaleza; observei-os a fazê-lo.

Sirius pôs de parte o pão que acabara de levar à boca, pegou na garrafa de sumo de abóbora e esvaziou-a.

— Portanto, o velho Crouch perdeu tudo, justamente quando pensava que o tinha no papo — prosseguiu ele, limpando a boca às costas da mão. — Num momento, um herói, preparado para ser o Ministro da Magia... e logo a seguir, o filho morto, a mulher morta, o nome de família desonrado e, pelo que ouvi desde que escapei, uma grande queda de popularidade. Depois de o rapaz ter morrido, as pessoas começaram a sentir um pouco mais de pena dele e a perguntar-se como é que um rapaz bem comportado, de boa família, se pudera extraviar tanto. A conclusão foi que o pai nunca se interessara muito por ele. Assim, o Cornelius Fudge ficou com o lugar e o Crouch foi afastado para o Departamento de Cooperação Mágica Internacional.

Fez-se um longo silêncio. Harry relembrava o olhar esbugalhado de Crouch ao fitar a sua desobediente elfo doméstica no solo da floresta durante a Taça Mundial de Quidditch. Era então por isto que Crouch reagira despropositadamente ao facto de Winky ter sido encontrada por baixo da Marca Negra. Trouxera-lhe recordações do filho, do velho escândalo, e da sua queda em desgraça no Ministério.

— O Moody acha que o Crouch tem a obsessão de capturar feiticeiros das Trevas — disse Harry a Sirius.

— Sim, constou-me que se tornou uma mania — confirmou Sirius, acenando. — Se querem saber a minha opinião, ele ainda pensa que pode recuperar a velha popularidade apanhando mais um Devorador da Morte.

— E esgueirou-se para cá para revistar o gabinete do Snape! — disse Ron triunfantemente, fitando Hermione.

— Pois é, mas isso não faz o menor sentido — afirmou Sirius.

— Faz pois! — retorquiu Ron excitado.

Mas Sirius abanou a cabeça. — Ouve lá, se o Crouch quer investigar o Snape, por que é que não tem aparecido para ser juiz do Torneio? Era uma

desculpa ideal para fazer visitas regulares a Hogwarts e mantê-lo debaixo de olho.

— Então achas que o Snape pode andar a tramar alguma? — perguntou Harry, mas Hermione interrompeu-o.

— Olhem, não me interessa o que vocês digam, o Dumbledore confia no Snape...

— Ora, anda lá, Hermione — disse Ron com impaciência —, eu sei que o Dumbledore é um génio e tudo isso, mas tal não significa que um feiticeiro das Trevas verdadeiramente esperto não o consiga iludir...

— Então, por que é que o Snape salvou a vida do Harry no primeiro ano? Por que é que não se limitou a deixá-lo morrer?

— Sei lá... talvez pensasse que o Dumbledore o punha na rua...

— O que é que achas, Sirius? — perguntou Harry, levantando a voz, e Ron e Hermione pararam de discutir para ouvirem.

— Acho que ambas as opiniões são pertinentes — respondeu Sirius, fitando pensativamente Ron e Hermione. — Desde que descobri que o Snape estava aqui como professor, que me tenho perguntado por que motivo o Dumbledore o terá contratado. O Snape sempre se sentiu fascinado pela Magia Negra, era famoso por isso na escola. Era um miúdo nojento, de pele e cabelo oleosos — acrescentou Sirius, e Harry e Ron riram um para o outro. — Sabia mais maldições quando chegou à escola do que metade dos alunos do sétimo ano e fazia parte de um grupo de Slytherin que se tornaram quase todos Devoradores da Morte.

Sirius esticou os dedos e começou a contar nomes: — Rosier e Wilkes... ambos mortos por Aurors no ano anterior à queda do Voldemort. Os Lestrage... são um casal, estão em Azkaban. O Avery, pelo que ouvi, conseguiu safar-se, dizendo que actuava sob o efeito da maldição Imperius, continua à solta. Mas, tanto quanto sei, o Snape nunca foi acusado de ser Devorador da Morte... o que não quer dizer nada. Muitos deles nunca foram apanhados. E o Snape é sem dúvida suficientemente esperto e arguto para se manter afastado de sarilhos.

— O Snape conhece muito bem o Karkaroff, mas não quer que se saiba — informou Ron.

— Sim, havias de ver a cara do Snape quando o Karkaroff apareceu ontem na aula de Poções! — disse Harry muito depressa. — O Karkaroff queria falar com ele, mas disse que o Snape o andava a evitar. Parecia francamente preocupado. Mostrou ao Snape qualquer coisa no braço, mas eu não consegui ver o que era.

— Ele mostrou ao Snape uma coisa no braço? — perguntou Sirius, parecendo francamente admirado. Passou os dedos pelo cabelo imundo,

com ar ausente, e depois voltou a encolher os ombros. — Não faço ideia do que possa ser... mas se o Karkaroff está realmente preocupado e se vai ter com o Snape à procura de respostas...

Fixou a parede da gruta e depois fez uma careta de frustração. — E ainda há o facto de o Dumbledore confiar no Snape, e eu sei que o Dumbledore o faz quando muitas outras pessoas o não fariam, mas não estou a vê-lo deixar o Snape ensinar em Hogwarts se ele alguma vez tivesse trabalhado para o Voldemort.

— Então por que é que o Moody e o Crouch estão tão interessados em entrar no gabinete do Snape? — insistiu Ron, obstinado.

— Bom — respondeu Sirius lentamente —, eu não poria de parte a hipótese de o Olho-Louco ter revistado os gabinetes de todos os professores quando chegou a Hogwarts. O Moody leva muito a sério a sua Defesa Contra a Magia Negra. Não estou certo de que *ele* confie em quem quer que seja, e depois das coisas que viu, isso não me surpreende. Contudo, o Moody tem uma coisa a seu favor: ele nunca matava se o pudesse evitar. Trazia as pessoas vivas sempre que possível. Era duro, mas nunca desceu ao nível dos Devoradores da Morte. Já o Crouch... é um caso diferente... estará realmente doente? Se está, por que fez o esforço de se arrastar até ao gabinete do Snape? E se não está... o que anda a tramar? Que estava ele a fazer de tão importante na Taça Mundial para não aparecer no camarote de honra? O que anda a fazer enquanto deveria ocupar o seu cargo de juiz do Torneio?

Sirius recaiu no silêncio, ainda a fixar a parede da gruta. *Buckbeak* esquadrinhava o chão rochoso, à procura de ossos que lhe pudessem ter passado despercebidos.

Finalmente, Sirius olhou para Ron. — Disseste que o teu irmão é adjunto do Crouch? Tens possibilidades de lhe perguntar se o tem visto ultimamente?

— Posso tentar — disse Ron sem grande convicção. — Mas o melhor é não dar a entender que penso que o Crouch pode andar a tramar alguma. O Percy adora-o.

— E, ao mesmo tempo, podes tentar descobrir se eles têm algumas pistas sobre a Bertha Jorkins — pediu Sirius, indicando com um gesto o segundo exemplar d' *O Profeta Diário*.

— O Bagman disse-me que não — informou Harry.

— Sim, citam-no neste artigo — disse Sirius apontando o jornal. — Alardeando que a memória da Bertha é má. Bem, talvez ela tenha mudado desde que eu a conheci, mas a Bertha que eu conheci não era nada esquecida, muito pelo contrário. Era um bocado burra, mas tinha uma

memória excelente para mexericos, o que costumava metê-la em sarilhos; nunca sabia quando devia ficar calada. Estou a vê-la a ser algo incômoda no Ministério da Magia... talvez seja por isso que o Bagman não se preocupou em a procurar durante tanto tempo...

Sirius soltou um enorme suspiro e esfregou os olhos encovados. — Que horas são?

Harry consultou o relógio e depois lembrou-se de que não trabalhava desde que passara uma hora dentro do lago.

— São três e meia — informou Hermione.

— É melhor voltarem para a escola — decidiu Sirius, levantando-se. — Agora, oiçam bem — olhou especialmente para Harry —, não vos quero a escaparem-se de lá para me virem ver, está bem? Limitem-se a mandar-me notas para aqui. Continuo a querer saber tudo o que aconteça de estranho. Mas vocês não saem de Hogwarts sem autorização, pois isso seria uma ocasião ideal para alguém vos atacar.

— Ninguém me tentou atacar até agora, excepto um dragão e um par de Grindylows — disse Harry.

Mas Sirius fitou-o com ar carrancudo. — Não me interessa... só volto a respirar livremente quando este Torneio tiver acabado, e isso é só em Junho. E não se esqueçam, quando estiverem juntos e falarem de mim, chamem-me Snuffles, certo?

Entregou a Harry o guardanapo e a garrafa vazia e foi dar uma palmadinha de despedida a *Buckbeak*. — Vou convosco até à entrada da aldeia — disse ele —, a ver se consigo arrebanhar outro jornal.

Transformou-se no grande cão preto antes de saírem da gruta, e os três desceram a montanha com ele, através do terreno rochoso, até à cerca. Aí, deixou que cada um lhe fizesse uma festa na cabeça, antes de dar meia-volta e partir a correr pelos arredores da aldeia.

Harry, Ron e Hermione regressaram a Hogsmeade, e depois a Hogwarts.

— Será que o Percy saberá todas aquelas coisas sobre o Crouch? — perguntou-se Ron, enquanto subiam o caminho para o castelo. — Mas talvez não se importe... provavelmente só o faria admirá-lo ainda mais. Sim, o Percy adora regras. Diria apenas que o Crouch se recusara a infringi-las mesmo pelo seu próprio filho.

— O Percy nunca entregaria ninguém da sua família aos Dementors — disse Hermione severamente.

— Não sei — comentou Ron. — Se pensasse que estávamos a prejudicar-lhe a carreira... o Percy é muito ambicioso, sabem...

Subiram os degraus de pedra para o *Hall* de Entrada, onde os odores deliciosos do jantar flutuaram na sua direcção, vindos do Salão.

— Coitado do Snuffles — disse Ron, suspirando profundamente. — Deve gostar muito de ti, Harry... imaginem ter de se alimentar só de ratazanas.

XXVIII

A LOUCURA DE MR. CROUCH

No domingo, depois do pequeno-almoço, Harry, Ron e Hermione foram até à Torre das Corujas para mandar uma carta a Percy, perguntando-lhe, como Sirius sugerira, se tinha visto Mr. Crouch ultimamente. Usaram a *Hedwig*, porque havia imenso tempo que ela não tinha uma missão. Quando a viram desaparecer de vista pela janela da Torre das Corujas, desceram até às cozinhas para oferecerem a Dobby as peúgas novas.

Os elfos domésticos fizeram-lhes uma recepção entusiástica, com vénias e cortesias e afadigaram para lhes preparar um chá. Dobby ficou extasiado com o presente.

— Harry Potter ser demasiado bom para Dobby! — guinchou ele, enxugando grossas lágrimas dos seus olhos enormes.

— Salvaste-me a vida com aquele Guelracho, Dobby, não tenhas dúvidas — assegurou-lhe Harry.

— Por acaso não há por aí mais daqueles *éclairs*? — perguntou Ron, olhando em volta para os elfos sorridentes e obsequiosos.

— Acabaste de tomar o pequeno-almoço! — criticou Hermione, irritada, mas já uma grande travessa de prata de *éclairs* avançava em direcção a eles, transportada por quatro elfos.

— Devíamos arranjar umas coisas para mandar ao Snuffles — murmurou Harry.

— Boa ideia — aprovou Ron. — Isso manterá a *Pig* ocupada. — Vocês poderiam dar-nos um pouco mais de comida? — pediu ele aos elfos que os rodeavam, que se curvaram, encantados, apressando-se a ir buscar mais coisas.

— Dobby, onde está a Winky? — perguntou Hermione, olhando em volta.

— Winky estar além, junto à lareira, menina — respondeu Dobby baixinho, de orelhas levemente caídas.

— Oh céus! — exclamou Hermione, avistando Winky.

Harry olhou também para a lareira. Winky estava sentada no mesmo banco onde a tinham visto a última vez, mas deixara-se cair num estado tal de imundice que não se distinguia imediatamente dos tijolos enegrecidos pelo fumo que se encontravam por detrás dela. A sua roupa estava esfarrapada e suja. Tinha na mão uma garrafa de Cerveja de Manteiga e oscilava levemente no banco, a fixar o lume. Enquanto a observavam, soltou um enorme soluço.

— Winky despachar agora seis garrafas por dia — segredou Dobby para Harry.

— Bem, aquilo não é forte — disse Harry.

Mas Dobby abanou a cabeça. — Ser forte para um elfo doméstico, senhor — retorquiu ele.

Winky soltou novo soluço. Os elfos que tinham trazido os *éclaircs* lançaram-lhe olhares reprovadores ao regressarem ao seu trabalho.

— Winky estar consumida de desgosto, Harry Potter — segredou Dobby tristemente. — Winky querer ir para casa. Winky ainda pensar que Mr. Crouch ser amo dela, senhor, e nada que Dobby dizer convencer ela que professor Dumbledore ser agora o seu amo.

— Eh, Winky — chamou Harry, seguindo uma inspiração súbita. Dirigiu-se-lhe e curvou-se para lhe falar: — Sabes por acaso o que Mr. Crouch anda a preparar? Por que motivo ele deixou de aparecer para ser juiz no Torneio dos Três Feiticeiros?

Houve uma centelha nos olhos de Winky. As suas enormes pupilas focaram-se em Harry. Voltou a oscilar levemente e depois disse: — A-amo deixar-*hic*-de aparecer?

— Sim — confirmou Harry —, não o vemos desde a primeira tarefa. Segundo *O Profeta Diário*, ele está doente.

Winky oscilou ainda mais, fitando Harry com os olhos embaciados. — Amo-*hic*-doente?

O seu lábio inferior começou a tremer.

— Mas não temos a certeza de que isso seja verdade — disse Hermione muito depressa.

— Amo precisar de sua-*hic*-Winky! — lamuriou a elfo. — Amo não conseguir-*hic*-fazer tudo-*hic*-sozinho...

— Há muita gente que consegue fazer os seus trabalhos domésticos, sabes, Winky — disse Hermione com ar severo.

— Winky-*hic*-não estar-*hic*-a fazer trabalhos domésticos para Mr.

Crouch! — guinchou Winky indignada, oscilando violentamente e entornando Cerveja de Manteiga pela blusa já muito manchada. — Amo-*hic*-confiar a Winky-*hic*-o mais importante-*hic*-o mais secreto...

— O quê? — insistiu Harry.

Mas Winky abanou a cabeça com toda a força, entornando mais Cerveja de Manteiga por cima de si.

— Winky guardar-*hic*-segredos do seu amo — disse ela rebelando-se; continuou a oscilar violentamente e fitou Harry de testa franzida e a entortar os olhos. — Tu estar-*hic*-bisbilhotar, tu estar.

— Winky não poder falar assim com Harry Potter! — disse Dobby irritado. — Harry Potter ser corajoso e nobre e Harry Potter não ser bisbilhoteiro!

— Ele estar bisbilhotar-*hic*-coisas particulares e secretas-*hic*-meu amo-*hic*-Winky ser boa elfo doméstica-*hic*-Winky ficar calada-*hic*-pessoas tentarem-*hic*-intrrometer-se e coscuvilhar-*hic*. — As pálpebras de Winky descaíram e, de repente, sem aviso prévio, deslizou do banco para o chão, ficando a ressonar ruidosamente. A garrafa vazia de Cerveja de Manteiga foi a rebolar pelo chão de pedra.

Meia dúzia de elfos aproximaram-se a correr, com ar de repulsa. Um deles apanhou a garrafa, os outros taparam Winky com uma grande toalha aos quadrados, entalando cuidadosamente as pontas de forma a ocultá-la da vista.

— Nós lamentar senhores e menina ter de assistir a isto! — guinchou um elfo perto deles, abanando a cabeça e parecendo muito envergonhado. — Nós esperar não julgar nós todos por Winky, senhores e menina!

— Ela está infeliz! — bradou Hermione, exasperada. — Por que é que não tentam animá-la, em vez de a taparem?

— Desculpar, menina — disse o elfo, curvando-se outra vez profundamente —, mas elfos domésticos não ter direito estar infelizes quando haver trabalho para fazer e amos para servir.

— Oh, pelo amor de Deus! — indignou-se Hermione. — Ouçam-me com atenção, todos vocês! Vocês têm tanto direito a estar infelizes como os feitiçeiros! Vocês têm direito a salários, e férias, e roupa decente e não precisam de fazer tudo aquilo que vos mandam fazer... olhem para o Dobby!

— Menina, por favor, não meter Dobby nisto — murmurou Dobby, com ar assustado. Os sorrisos joviais tinham desaparecido das caras dos elfos que se encontravam na cozinha. De súbito, estavam todos a olhar para Hermione como se ela fosse louca e perigosa.

— Nós ter vossa comida! — guinchou um elfo junto ao cotovelo de

Harry, enfiando-lhe nos braços um grande presunto, uma dúzia de bolos e alguma fruta. — Adeus!

Os elfos domésticos comprimiram-se em volta de Harry, Ron e Hermione e começaram a dirigi-los para fora da cozinha, muitas pequenas mãos a empurrá-los pelo fundo das costas.

— Obrigado pelas peúgas, Harry Potter! — gritou Dobby com ar abatido de junto da lareira, onde se encontrava ao lado do monte de toalhas formado por Winky.

— Não podias ficar de bico calado, pois não, Hermione? — disse Ron furioso, quando a porta da cozinha bateu atrás deles. — Agora eles não vão querer que os voltemos a visitar! Podíamos ter tentado tirar da Winky mais coisas sobre o Crouch!

— Ora, como se tu te ralasses com isso! — resmungou Hermione. — Tu só gostas de vir cá abaixo por causa da comida!

Depois disso, o dia foi bastante irritante. Harry ficou tão farto de ouvir Ron e Hermione picarem-se um ao outro enquanto faziam os trabalhos de casa na sala comum que, nessa tarde, levou sozinho a comida de Sirius para a Torre das Corujas.

Pigwidgeon era demasiado pequena para levar um presunto inteiro sozinha pela montanha acima, e Harry pôs duas corujas da escola a ajudarem-na. Depois de elas saírem para o crepúsculo, com um aspecto extremamente esquisito a transportarem as três o grande embrulho, Harry encostou-se ao parapeito, observando os campos, as copas escuras e sussurrantes das árvores da Floresta Proibida e as velas enfunadas do navio de Durmstrang. Uma águia atravessou a espiral de fumo que se erguia da chaminé de Hagrid; elevou-se em direcção ao castelo, rodeou a Torre das Corujas e desapareceu. Olhando para baixo, Harry viu Hagrid a cavar energicamente em frente da cabana. Perguntou-se o que estaria ele a fazer; talvez a preparar um novo canteiro para legumes. Enquanto Harry o observava, Madame Maxime saiu da carruagem dos Beauxbatons e dirigiu-se a Hagrid. Parecia estar a querer meter conversa com ele. Hagrid apoiou-se à pá, mas não se mostrou disposto a prolongar a conversa, porque Madame Maxime voltou logo de seguida para a carruagem.

Sem paciência para regressar à Torre dos Gryffindor e ouvir Ron e Hermione a implicarem um com o outro, Harry ficou a ver Hagrid cavar até a escuridão o engolir e as corujas à sua volta começarem a acordar e a sair para a noite, passando por ele com um grande ruído de asas.

Ao pequeno-almoço do dia seguinte, a má disposição de Ron e Hermione passara e, para alívio de Harry, as previsões sombrias do amigo de que os elfos domésticos mandariam comida de qualidade inferior para a mesa dos Gryffindor, porque Hermione os insultara, não se concretizaram; o *bacon* com ovos e os arenques fumados estavam tão bons como de costume.

Quando as corujas do correio chegaram, Hermione ergueu os olhos ansiosa; parecia esperar alguma coisa.

— O Percy ainda não teve tempo de responder — comentou Ron. — Só mandámos a *Hedwig* ontem.

— Não, não é isso — disse Hermione. — Fiz uma assinatura d’*O Profeta Diário*, estou farta de saber de tudo pelos Slytherin.

— Boa ideia! — aprovou Harry, observando também as corujas. — Eh, Hermione, acho que estás com sorte...

Uma coruja cinzenta descia em direcção a Hermione.

— Mas ela não traz um jornal — constatou ela, parecendo desapontada. — É...

Com grande espanto de Hermione, a coruja cinzenta aterrou diante do prato dela, seguida de perto por quatro corujas-de-quinta, uma coruja castanha e uma amarelo-torrado.

— Quantas assinaturas é que fizeste? — perguntou Harry, apanhando a taça de Hermione antes que o bando de corujas a derrubasse, todas elas apertando-se à sua volta, para ver quem era a primeira a entregar a carta.

— Mas que diabo...? — começou Hermione, tirando a carta da coruja cinzenta, abrindo-a e principiando a ler. — Oh, francamente! — explodiu ela, corando muito.

— O que é? — perguntou Ron.

— É... oh, que ridículo. — Atirou a carta a Harry, que viu que não era manuscrita mas composta de letras coladas que pareciam recortadas d’*O Profeta Diário*.

Tu és uma raPArigA perVERsa. HaRRy PottEr merEce MelhoR. vOlta Para o sÍTio de oNde viESTE mUggle.

— São todas assim! — exclamou Hermione desesperada, abrindo uma carta atrás de outra. — «Harry Potter pode arranjar muito melhor do que gente como tu...» «Merecias ser cozida em ovas de sapo...» Au!

Mal tinha acabado de abrir o último sobrescrito, quando um líquido verde-amarelado, cheirando fortemente a gasolina, esguichou para as suas mãos, onde começou a surgir uma erupção de grandes furúnculos amarelos.

— Concentrado de vomibérculos! — disse Ron, pegando no sobrescrito com toda a cautela e cheirando-o.

— Aii! — gritou Hermione, e as lágrimas vieram-lhe aos olhos enquanto tentava tirar aquilo das mãos com o guardanapo, mas tinha agora os dedos tão densamente cobertos de chagas dolorosas que parecia estar a usar um par de luvas grossas e nodosas.

— É melhor ires à enfermaria — aconselhou Harry, quando as corujas que rodeavam Hermione levantaram voo. — Nós dizemos à professora Sprout aonde foste...

— Eu avisei-a! — comentou Ron, enquanto Hermione saía apressadamente do Salão com as mãos encostadas ao peito. — Eu avisei-a de que não chateasse a Rita Skeeter! Olha para esta... — Leu alto uma das cartas que Hermione deixara ficar. — «*Li n' O Semanário das Feiticeiras sobre o jogo sujo que andas a fazer com o Harry Potter e esse rapaz já passou que chegue; vou mandar-te uma maldição no próximo correio, assim que conseguir encontrar um sobrescrito suficientemente grande.*» Caramba, ela tem de ter cuidado!

Hermione não apareceu em Herbologia. Quando Harry e Ron saíram da estufa para se dirigirem à aula de Cuidados com as Criaturas Mágicas, viram Malfoy, Crabble e Goyle a descer os degraus de pedra do castelo. Atrás deles vinha Pansy Parkinson com o seu grupo de raparigas Slytherin, todas segredinhos e risadas. Ao avistar Harry, Pansy gritou: — Potter, zangaste-te com a tua namorada? Por que é que ela estava tão transtornada ao pequeno-almoço?

Harry não lhe ligou; não queria dar-lhe a satisfação de saber os problemas que o artigo de *O Semanário das Feiticeiras* tinha provocado.

Hagrid, que lhes havia dito na última aula que tinham terminado o estudo dos unicórnios, esperava-os do lado de fora da cabana com uma nova série de caixotes poisados no chão. Harry sentiu o coração cair-lhe aos pés — com certeza não se tratava de mais uma ninhada de Explojentos? — mas, quando chegou suficientemente perto para ver o interior dos caixotes, deu por si a olhar para um monte de criaturas pretas e felpudas com focinhos compridos. Tinham as patas dianteiras curiosamente achatadas como pás e pestanejavam perante a turma, parecendo delicadamente admiradas por toda aquela atenção.

— Ist'aqui são Nifflers — explicou Hagrid quando a turma se juntou em volta deles. — Encontram-se principalmente nas minas. Gostam de coisas brilhantes... olhem, 'tão a ver?

Um dos Nifflers saltara de repente e tentara arrancar o relógio do pulso de Pansy Parkinson com uma dentada. Ela soltou um guincho e deu um

salto para trás.

— São detectores de tesouros muit’ a úteis — revelou Hagrid encantado. — Achei qu’ eles nos podiam divertir um bocado hoje. ’Tão a ver além? — Apontou para o grande bocado de terra recentemente remexida que Harry o tinha visto a cavar da janela da Torre das Corujas. — Enterrei umas moedas d’ouro. Tenho um prémio pra quem escolher o Niffler que descobrir mais. Tirem tudo o que brilhar, peguem num deles e preparem-se prò soltar.

Harry tirou o relógio, que já só usava por hábito, visto ele não funcionar, e enfiou-o no bolso. Depois escolheu um Niffler. Este encostou o focinho comprido à orelha de Harry e farejou entusiasticamente. Era, de facto, amoroso.

— ’Perem lá — disse Hagrid, olhando para um caixote —, ’inda aqui ’tá um farejador... quem é que falta? Onde é que ’tá a Hermione?

— Teve de ir à enfermaria — respondeu Ron.

— Explicamos-te depois — murmurou Harry, dado que Pansy Parkinson estava a ouvi-los.

Foi, de longe, a mais divertida aula de Cuidados com as Criaturas Mágicas que já tinham tido. Os Nifflers mergulhavam e emergiam da terra como se ela fosse água e cada um corria rapidamente para o aluno que o tinha soltado, cuspindo-lhe ouro para as mãos. O de Ron era particularmente eficiente; depressa lhe encheu o colo de moedas.

— Isto pode comprar-se para animal de companhia, Hagrid? — perguntou ele muito excitado, enquanto o seu Niffler voltava a mergulhar no solo, salpicando-lhe o manto.

— Acho qu’ a tua mãe não ia gostar, Ron — respondeu Hagrid a rir. — Os Nifflers dão cabo duma casa. Acho qu’ eles já devem ter quase tudo — acrescentou, contornando a faixa de terra onde os animais continuavam a mergulhar. — Eu só enterrei cem moedas. Ah, cá ’tás tu, Hermione!

Hermione caminhava pelo relvado em direcção a eles. Tinha as mãos todas ligadas e um ar muito infeliz. Pansy Parkinson observava-a de olhos arregalados.

— Bom, vamos lá ver com’ é que vocês se saíram! — disse Hagrid. — Contem as vossas moedas! E não vale a pena tentar roubar nenhuma, Goyle — acrescentou ele, estreitando os seus olhos muito negros. — É ouro dos duendes. Desaparece ó fim dumas horas.

Goyle esvaziou os bolsos, parecendo extremamente irritado. Constatou-se que o Niffler de Ron fora o que tivera mais êxito, portanto Hagrid deu-lhe um enorme pedaço de chocolate dos Doces dos Duques como prémio. A campainha tocou para o almoço; o resto da turma partiu para o castelo,

mas Harry, Ron e Hermione ficaram a ajudar Hagrid a pôr novamente os Nifflers nas caixas. Harry reparou que Madame Maxime os observava da janela da sua carruagem.

— Qu' é que fizeste às mãos, Hermione? — perguntou Hagrid, com ar preocupado.

Hermione contou-lhe sobre a correspondência rancorosa que recebera nessa manhã e do sobrescrito cheio de concentrado de vomibérculos.

— Aaah, não te preocupes — disse Hagrid fitando-a compreensivamente. — Eu cá recebi uma data de cartas dessas e tudo, depois d' a Rita Skeeter escrever sobre a minha mãe. «És um monstro e devias ser abatido.» «A tua mãe matou gente inocente e, se tivesses vergonha, atiravas-te ao lago.»

— Não! — exclamou Hermione chocada.

— Sim — afirmou Hagrid, pendurando as grades dos Nifflers na parede da cabana. — Não são bons da cachola, Hermione. Não as abras, se receberes mais alguma. Atira logo co' elas prò lume.

— Perdeste uma aula mesmo boa — disse Harry a Hermione, enquanto se dirigiam para o castelo. — Os Nifflers são ótimos, não são, Ron?

Mas Ron fixava de testa franzida o chocolate que Hagrid lhe dera. Parecia profundamente desconcertado com qualquer coisa.

— O que foi? — perguntou Harry. — Não gostas do sabor?

— Não — respondeu Ron secamente. — Por que é que não me falaste do ouro?

— Qual ouro?

— O ouro que eu te dei na Taça Mundial de Quidditch — disse Ron. — O ouro dos duendes que te dei para pagar os meus Omnioculares. No camarote de honra. Por que é que não me disseste que ele tinha desaparecido?

Harry teve de pensar um bocado antes de perceber do que é que Ron estava a falar.

— Ah... — comentou ele, recordando-se finalmente. — Não sei... nem reparei que ele desaparecera. Estava mais preocupado com a minha varinha, não era?

Subiram os degraus até ao vestíbulo e dirigiram-se ao Salão para almoçar.

— Deve ser agradável — comentou Ron abruptamente, depois de se terem sentado e começado a servir de rosbife e batatas. — Ter tanto dinheiro que nem se dá pela falta de um saco de galeões.

— Olha lá, eu tinha mais em que pensar nessa noite! — exclamou Harry, impaciente. — Todos nós tínhamos, lembras-te?

— Eu não sabia que o ouro dos duendes desaparecia — murmurou Ron.
— Pensei que te estava a pagar. Não me devias ter dado aquele chapéu dos Chudley Cannons pelo Natal.

— Esquece, está bem? — disse Harry.

Ron espetou uma batata assada com a ponta do garfo, fitando-a com ar furioso. Depois disse: — Odeio ser pobre.

Harry e Hermione entreolharam-se. Nenhum deles sabia o que dizer.

— É uma chatice — continuou Ron, ainda a fixar a batata. — Percebo perfeitamente que o Fred e o George queiram ganhar algum dinheiro por fora. Gostava de ser capaz. Gostava de ter um Niffler.

— Bem, já sabemos o que te havemos de dar no próximo Natal — comentou Hermione em tom animado. Depois, como Ron continuasse com ar soturno, disse: — Vá, Ron, podia ser pior. Pelo menos não tens os dedos cheios de pus. — Hermione estava com imensa dificuldade em manejar a faca e o garfo, de tão hirtos e inchados que estavam os dedos. — Eu *odeio* aquela tipa, a Skeeter! — explodiu ela, colérica. — Há-de pagar-mas por isto, nem que seja a última coisa que eu faça!

*

Continuou a chegar correspondência rancorosa para Hermione ao longo da semana seguinte e embora ela seguisse o conselho de Hagrid e não a abrisse, várias das pessoas que lhe desejavam mal enviavam Gritadores que explodiam na mesa dos Gryffindor e soltavam insultos que todo o Salão ouvia. Mesmo quem não lia *O Semanário das Feiticeiras*, nesta altura já sabia tudo sobre o suposto triângulo Harry-Krum-Hermione. Harry estava a ficar farto de dizer às pessoas que Hermione não era sua namorada.

— Acaba por cair no esquecimento — garantiu ele a Hermione — se nós ignorarmos a coisa... as pessoas deixaram de ter pachorra para aquilo que ela escreveu sobre mim da última vez...

— Quero saber como é que ela anda a ouvir conversas particulares quando, supostamente, foi expulsa do recinto da escola! — indignou-se Hermione.

Hermione ficou para trás na aula seguinte de Defesa Contra a Magia Negra para perguntar qualquer coisa ao professor Moody. Os seus colegas de turma estavam ansiosos por sair; Moody tinha-lhes feito um teste tão rigoroso de desvio de feitiços que muitos haviam sofrido pequenas lesões. Harry tinha um caso tão sério de Contracção de Orelhas que teve de as apertar com as mãos enquanto se afastava da sala de aula.

— Bem, decididamente a Rita não anda a usar um Manto da

Invisibilidade! — exclamou ela ofegante cinco minutos mais tarde, alcançando Harry e Ron no *Hall*, e afastando uma das mãos de Harry das orelhas crispadas para ele poder ouvir. — O Moody diz que durante a segunda tarefa não a viu nem perto da mesa dos juízes, nem perto do lago!

— Hermione, adianta alguma coisa dizer-te que esqueças isso? — perguntou Ron.

— Não! — disse Hermione obstinada. — Quero saber como é que ela me ouviu a conversar com o Viktor! *E* como é que soube da mãe do Hagrid!

— Talvez ela te tenha sob escuta — disse Harry.

— Como? — inquiriu Ron com ar confuso.

Harry começou a explicar-lhe o que eram microfones ocultos e equipamento de registo.

Ron estava fascinado, mas Hermione interrompeu-os. — Vocês os dois vão *alguma* vez ler *Hogwarts: Uma História*?

— Para que é que precisamos? — ripostou Ron. — Tu sabe-la de cor, é só perguntar-te.

— Todos esses substitutos de magia que os Muggles usam: a electricidade, os computadores, o radar e todas essas coisas... todos eles se avariavam em Hogwarts, há demasiada magia no ar. Não, a Rita anda a usar magia para escutar às escondidas, tem de andar... se eu conseguisse descobrir o que é... oooh, se for ilegal, eu apanho-a...

— Não achas que temos bastante com que nos preocupar? — perguntou-lhe Ron. — Temos também de iniciar uma *vendetta* contra a Rita Skeeter?

— Não vos estou a pedir que ajudem! — retorquiu Hermione bruscamente. — Faça isso sozinha!

Voltou a subir a escadaria de mármore sem olhar para trás. Harry tinha a certeza de que ela ia para a biblioteca.

— Uma aposta em como volta com uma caixa de distintivos com *Odeio a Rita Skeeter*? — propôs Ron.

Contudo, Hermione não pediu a Harry nem a Ron que a ajudassem a conseguir vingar-se de Rita Skeeter, o que ambos agradeceram muito, dado que a quantidade de trabalho que tinham de fazer se estava a acumular cada vez mais na recta final para as férias da Páscoa. Harry achava francamente espantoso que Hermione conseguisse conciliar a pesquisa de métodos mágicos de escutar conversas com todo o trabalho que tinham de fazer. Ele andava de rastos só com os deveres que lhes tinham passado, embora não deixasse nunca de enviar regularmente embrulhos com comida a Sirius para a gruta da montanha; desde o Verão passado, não se esquecia do que era sentir-se permanentemente com fome. Juntava notas para o padrinho,

dizendo-lhe que não acontecera nada de extraordinário e que continuavam à espera de uma resposta de Percy.

A *Hedwig* só voltou no final das férias da Páscoa. A carta de Percy vinha dentro de um embrulho com ovos de Páscoa mandado por Mrs. Weasley. Tanto o de Harry como o de Ron eram do tamanho de ovos de dragão e estavam cheios de caramelos caseiros. Mas o de Hermione era mais pequeno que um ovo de galinha. Ela fez um ar desapontado quando o viu.

— A tua mãe, por acaso, não lê *O Semanário das Feiticeiras*, Ron, ou lê? — perguntou ela em voz baixa.

— Sim — respondeu Ron, que tinha a boca atafalhada de caramelos. — Compra-o por causa das receitas.

Hermione fitou tristemente o seu ovo minúsculo.

— Não queres ver o que o Percy escreveu? — perguntou-lhe Harry muito depressa.

A carta de Percy era curta e irritada.

Como passo a vida a dizer a'O Profeta Diário, Mr. Crouch está a fazer uma pausa bem merecida. Manda-me regularmente corujas com instruções. Não, não o vi, mas acho que se pode confiar em que eu conheça a letra do meu superior. Tenho muito que fazer neste momento para ainda andar a tentar suprimir estes ridículos rumores. Agradeço que não voltem a incomodar-me, a menos que seja algo de importante. Uma Páscoa Feliz.

*

Normalmente, o início do período de Verão significava que Harry se andava a treinar em força para o último jogo de Quidditch da época. Este ano, contudo, era para a terceira e última tarefa do Torneio dos Três Feiticeiros que ele precisava de se treinar, mas ainda não sabia o que teria de fazer. Finalmente, na última semana de Maio, a professora McGonagall reteve-o na aula de Transfiguração.

— Vai esta noite às nove ao campo de Quidditch, Potter — disse-lhe ela. — Mr. Bagman estará lá para falar aos campeões sobre a terceira tarefa.

Assim, às oito e meia dessa noite, Harry deixou Ron e Hermione na Torre dos Gryffindor e desceu. Quando ia a atravessar o *Hall*, Cedric saiu da sala comum dos Hufflepuff.

— O que achas que irá ser? — perguntou ele a Harry, enquanto desciam juntos os degraus de pedra e saíam para a noite enevoada. — A Fleur só fala em túneis subterrâneos, acha que temos de encontrar um tesouro.

— Isso não seria muito mau — disse Harry, pensando que só teria de

pedir a Hagrid que lhe emprestasse um Niffler e este faria o trabalho por si.

Dirigiram-se pelo relvado escuro até ao estádio de Quidditch, enfiaram por uma abertura nas bancadas e desembocaram no campo.

— O que é que eles lhe fizeram!? — exclamou Cedric, estacando indignado.

O campo de Quidditch já não estava liso e plano. Parecia que alguém andara a construir muros baixos mas compridos que se torciam e cruzavam em todas as direcções.

— São sebes! — constatou Harry, curvando-se para examinar o mais próximo.

— Ora vivam! — chamou uma voz jovial.

Ludo Bagman estava de pé no meio do campo com Krum e Fleur. Harry e Cedric dirigiram-se para eles, passando por cima das sebes. Fleur sorriu abertamente a Harry quando este se aproximou. A sua atitude para com ele tinha mudado por completo desde que ele salvara a irmã do lago.

— E então, o que acham? — perguntou Bagman satisfeito, enquanto Harry e Cedric passavam a última sebe. — Estão a crescer bem, não estão? Dêem-lhes um mês e Hagrid põe-nas com seis metros de altura. Não se preocupem — acrescentou ele a rir, observando as expressões pouco satisfeitas das caras de Harry e Cedric —, o vosso campo de Quidditch voltará ao normal assim que a tarefa terminar! Bom, suponho que percebem o que estamos a fazer aqui?

Durante um instante ninguém falou. Depois...

— Um labirinto — alvitrou Krum.

— Exactamente! — disse Bagman. — Um labirinto. A terceira tarefa é, na realidade, muito simples. A Taça dos Três Feiticeiros será colocada no centro do labirinto. O primeiro campeão a tocar-lhe receberá a totalidade dos pontos.

— Só temos de perrrcorrerr o labirrintô? — perguntou Fleur.

— Terão obstáculos — disse Bagman alegremente, baloiçando-se nas pontas dos pés. — O Hagrid fornecerá um certo número de criaturas... depois haverá feitiços que têm de ser quebrados... todo esse género de coisas, sabem. Os campeões que estão à frente em pontos entram primeiro no labirinto. — Bagman sorriu a Harry e Cedric. — Depois entrará Mr. Krum... e depois Miss Delacour. Mas todos terão possibilidades, dependendo da maneira como ultrapassam os obstáculos. Vai ser divertido, hem?

Harry, sabendo demasiado bem o género de criaturas que era provável que Hagrid fornecesse para um tal acontecimento, pensou que não era nada provável que fosse divertido. No entanto, concordou delicadamente, como

os outros campeões.

— Muito bem... se não têm perguntas a fazer, talvez seja melhor voltarmos para o castelo, está um bocado fresco...

Bagman dirigiu-se apressadamente para o lado de Harry quando começaram a procurar o caminho para fora do futuro labirinto. Harry teve a sensação de que ele ia de novo começar a oferecer-lhe ajuda, mas nesse momento, Krum bateu-lhe nas costas.

— Pozzo dar-te uma palavra?

— Sim, claro — disse Harry, um bocado surpreendido.

— Querez acompanhar-me?

— Claro — aceitou Harry, agora curioso.

Bagman parecia ligeiramente perturbado. — Eu espero por ti, Harry, queres?

— Não, Mr. Bagman, está tudo bem — respondeu Harry reprimindo um sorriso. — Acho que consigo encontrar o castelo sozinho, obrigado.

Harry e Krum deixaram o estádio juntos, mas Krum não se dirigiu para o navio dos Durmstrang. Encaminhou-se antes para a floresta.

— Por que é que vamos para aqui? — perguntou Harry ao passarem pela cabana de Hagrid e pela carruagem de Beauxbatons que estava iluminada.

— Não quero que noz oizam — disse Krum concisamente.

Quando chegaram finalmente a um sítio sossegado, a curta distância do cercado dos cavalos de Beauxbatons, Krum parou à sombra das árvores e virou-se para encarar Harry.

— Quero saber — disse ele, timidamente — o que há entre ti e a Hermi-oun-ninny.

Harry, que dado o modo discreto de Krum, havia esperado algo de muito mais sério, fitou-o espantado.

— Nada — respondeu. Krum, porém, fitava-o com olhos furibundos e Harry, apercebendo-se de repente de como Krum era alto, explicou. — Somos amigos. Ela não é minha namorada nem nunca foi. Aquela Skeeter é que anda a inventar coisas.

— A Hermi-oun-ninny fala muito de ti — insistiu Krum, olhando desconfiado para Harry.

— Claro — disse ele —, porque somos *amigos*.

Nem conseguia acreditar que estava a ter aquela conversa com Viktor Krum, o famoso jogador internacional de Quidditch. Era como se Krum, de dezoito anos, olhasse para ele, Harry, como um igual... um rival a sério...

— Vocêz nunca... vocêz não...

— Não — garantiu Harry com toda a firmeza.

Krum pareceu um pouco mais satisfeito. Fitou Harry durante alguns

segundos e depois declarou: — Tu voaz muito bem. Eztive a obzervar-te na primeira tarefa.

— Obrigado — disse Harry a sorrir de orelha a orelha e sentindo-se de repente muito mais alto. — Eu vi-te na Taça Mundial de Quidditch. A *Finta Wronski*, tu realmente...

Mas alguma coisa se moveu nas árvores atrás de Krum e Harry, que já tinha experiência do tipo de coisas que se escondiam na floresta, agarrou instintivamente o braço de Krum, fazendo-o dar meia-volta.

— O que é?

Harry abanou a cabeça, olhando fixamente para o sítio onde vira movimento. Enfiou a mão no manto à procura da varinha.

No instante seguinte, um homem saía a cambalear de trás de um enorme carvalho. Harry não o reconheceu imediatamente... depois viu que era Mr. Crouch.

Parecia ter viajado durante dias. As suas vestes estavam rasgadas e ensanguentadas à altura dos joelhos; tinha a cara arranhada e por barbear e a exaustão dera-lhe um aspecto desgastado. Tanto o cabelo como o bigode, sempre impecáveis, estavam a precisar de ser lavados e aparados. Contudo, o seu aspecto estranho não era nada comparado com a maneira como agia. A murmurar e a gesticular, Mr. Crouch parecia estar a falar com alguém que só ele via. Recordou a Harry um velho vagabundo que vira em tempos numa ida às compras com os Dursley. Esse homem também conversava animadamente com o ar; a tia Petúnia tinha agarrado na mão de Dudley e arrastara-o para o outro lado da rua a fim de evitarem o velho; o tio Vernon presenteara, então, a família com uma longa tirada sobre o que gostaria de fazer aos pedintes e aos vadios.

— Ele não era um dos juízez? — perguntou Krum, fitando Mr. Crouch. — Não é do vozzo Miniztério?

Harry acenou afirmativamente, hesitou um instante, e depois dirigiu-se lentamente para Mr. Crouch, que não olhou para ele, continuando a falar com uma árvore próxima: — ... e depois de teres feito isso, Weatherby, manda uma coruja ao Dumbledore a confirmar o número de alunos de Durmstrang que assistirão ao Torneio, o Karkaroff acaba de mandar dizer que serão doze...

— Mr. Crouch! — chamou Harry cautelosamente.

— ... e depois manda outra coruja a Madame Maxime, porque ela pode querer aumentar o número de alunos que traz, agora que o Karkaroff o arredondou para a dúzia... faz isso, está bem, Weatherby? Está bem? Está... — Os olhos de Mr. Crouch pareciam que lhe iam saltar das órbitas. Ficou a fixar a árvore, mexendo os lábios sem emitir qualquer som. Depois

oscilou para o lado e caiu de joelhos.

— Mr. Crouch? — chamou Harry em voz alta. — O senhor está bem?

Os olhos de Crouch rolavam nas órbitas. Harry procurou Krum, que o seguira até às árvores e olhava para Crouch com ar alarmado.

— O que é que ele tem?

— Não faço ideia — segredou Harry. — É melhor ires chamar alguém...

— O Dumbledore! — arquejou Mr. Crouch. Estendeu a mão e agarrou um pedaço do manto de Harry, puxando-o para mais perto, embora os seus olhos continuassem fixos acima da cabeça deste. — Preciso... ver...

Dumbledore...

— Sim, sim — disse Harry —, se se levantar, Mr. Crouch, podemos ir até ao...

— Eu fiz... uma coisa... estúpida... — Mr. Crouch disse, ofegante. Parecia completamente louco. Tinha os olhos salientes e a andar à roda e um fio de saliva a escorrer pelo queixo. Cada palavra que dizia parecia exigir-lhe um tremendo esforço. — Tenho... contar... Dumbledore...

— Levante-se, Mr. Crouch — disse Harry, alto e bom som. — Levante-se e eu levo-o ao Dumbledore!

Os olhos de Mr. Crouch rolaram em direcção a Harry.

— Quem... tu? — sussurrou ele.

— Sou um aluno da escola — disse Harry, olhando para Krum à procura de ajuda, mas Krum mantinha-se afastado, parecendo extremamente nervoso.

— Tu não és... *dele*? — sussurrou Crouch, a boca descaída.

— Não — respondeu Harry, sem a mínima ideia do que Crouch queria dizer.

— Do Dumbledore?

— Isso mesmo — assentiu Harry.

Crouch estava a puxá-lo mais para si; Harry tentou em vão libertar-se da mão dele, mas esta agarrava-o com demasiada força.

— Avisa... Dumbledore...

— Eu vou buscar o Dumbledore, se me largar — disse Harry. — Largue-me, Mr. Crouch e eu vou buscá-lo...

— Obrigado, Weatherby, e quando tiveres acabado isso, gostava de uma chávena de chá. A minha mulher e o meu filho devem estar a chegar, vamos a um concerto esta noite com Mr. e Mrs. Fudge. — Crouch estava agora a falar de novo fluentemente para uma árvore, parecendo ignorar em absoluto a presença de Harry, o que o surpreendeu tanto que nem reparou que Crouch o tinha soltado. — Sim, o meu filho passou recentemente os Níveis Puxados de Feitiçaria, muito gratificante, sim, obrigado, sim, muito

orgulhoso realmente. Agora, se me pudesses trazer aquele memorando do Ministro da Magia de Andorra, creio ter tempo para fazer a minuta da resposta...

— Fica aqui com ele! — disse Harry para Krum. — Eu vou buscar o Dumbledore, vou mais depressa, sei onde é o gabinete dele...

— Ele eztá louco — comentou Krum com ar confuso, fixando Crouch que continuava a tagarelar para a árvore, aparentemente convencido de que ela era Percy.

— Só tens de ficar com ele — disse Harry, começando a levantar-se, mas o seu movimento pareceu provocar outra abrupta mudança em Mr. Crouch, que se lhe agarrou com toda a força aos joelhos e o voltou a puxar para o chão.

— Não... me... deixes! — sibilou ele, os olhos de novo salientes. — Eu... fugi... tenho de avisar... tenho de contar... ver Dumbledore... culpa minha... tudo culpa minha... Bertha... morta... tudo culpa minha... o meu filho... culpa minha... contar ao Dumbledore... o Harry Potter... o Senhor das Trevas... mais forte... Harry Potter...

— Eu vou buscar o Dumbledore se me largar, Mr. Crouch! — repetiu Harry. Olhou furioso para Krum. — E se me ajudasses?

Com um ar extremamente apreensivo, Krum avançou e agachou-se ao lado de Mr. Crouch.

— Não o deixes sair daqui — disse Harry libertando-se de Mr. Crouch. — Eu volto com o Dumbledore.

— Dezpacha-te, zim? — gritou Krum, enquanto Harry saía disparado da floresta e atravessava os campos sombrios. Estava tudo deserto; Bagman, Cedric e Fleur tinham desaparecido. Subiu a correr os degraus de pedra, passou as portas de carvalho e lançou-se pela escadaria de mármore até ao segundo andar.

Cinco minutos depois, chocava com uma gárgula de pedra que se encontrava a meio de um longo corredor.

— Re-refresco de limão! — atirou-lhe ele, ofegante.

Era a senha para a escada secreta que conduzia ao gabinete de Dumbledore... ou, pelo menos, fora-o dois anos antes. Contudo, era óbvio que a senha havia mudado, porque a gárgula de pedra não se animou nem saltou para o lado, mantendo-se, pelo contrário, impassível, fitando Harry malevolamente.

— Desvia-te! — gritou-lhe Harry. — Anda lá!

Mas nada em Hogwarts se desviara apenas por ele lhe gritar; sabia que era tempo perdido. Olhou para ambos os lados do corredor sombrio. Talvez Dumbledore estivesse na sala dos professores? Desatou a correr o mais

depressa possível em direcção à escada...

— POTTER!

Harry estacou e olhou para trás.

Snape acabara de surgir da escada oculta por detrás da gárgula de pedra. A parede deslizava já, fechando-se atrás dele, quando chamou Harry com um aceno. — O que estás tu a fazer aqui, Potter?

— Preciso de ver o professor Dumbledore! — disse Harry, voltando a percorrer o corredor a toda a pressa e estacando diante de Snape. — É Mr. Crouch... apareceu agora mesmo... está na Floresta... está a perguntar...

— Que disparate é esse? — repontou Snape, os olhos pretos faiscantes. — De que estás tu a falar?

— De Mr. Crouch! — gritou Harry. — Do Ministério! Está doente ou qualquer coisa... está na floresta, quer ver o Dumbledore! Diga-me a senha para...

— O director está ocupado, Potter — disse Snape, curvando os lábios num sorriso desagradável.

— Tenho de contar ao Dumbledore! — bradou Harry.

— Não me ouviste, Potter?

Harry percebeu que Snape se estava a divertir à grande, negando-lhe aquilo que ele queria no estado de pânico em que se encontrava.

— Ouça — disse Harry furioso —, o Crouch não está bem... está... está fora de si... diz que quer avisar...

A parede de pedra atrás de Snape deslizou e abriu-se. Surgiu Dumbledore, com o seu longo manto verde e uma expressão levemente curiosa.

— Há algum problema? — perguntou ele, olhando de Harry para Snape.

— Professor! — exclamou Harry, adiantando-se a Snape antes que este pudesse falar. — Está cá Mr. Crouch... está lá em baixo na Floresta e quer falar-lhe!

Esperava que Dumbledore lhe fizesse perguntas, mas, com grande alívio seu, ele não fez nada disso. — Vai à frente — disse ele imediatamente e deslizou pelo corredor fora atrás de Harry, deixando Snape espedado junto da gárgula com um ar ainda mais furioso.

— O que é que Mr. Crouch disse, Harry? — quis saber Dumbledore, enquanto desciam rapidamente a escadaria de mármore.

— Disse que quer avisá-lo... disse que fez uma coisa terrível... mencionou o filho... e a Bertha Jorkins... e... e o Voldemort... qualquer coisa sobre o Voldemort estar a ficar mais forte...

— Deveras — comentou Dumbledore e estugou o passo ao saírem para a escuridão total.

— Não está a agir normalmente — explicou Harry, caminhando apressado ao lado de Dumbledore. — Não parece saber onde está. Fala como se pensasse que o Percy Weasley está com ele, e depois muda e diz que precisa de o ver a si... Deixei-o com o Viktor Krum.

— Deixaste? — exclamou bruscamente Dumbledore e começou a dar passadas ainda mais largas, obrigando Harry a correr para o acompanhar. — Sabes se mais alguém viu Mr. Crouch?

— Não — disse Harry. — O Krum e eu estávamos a conversar, Mr. Bagman tinha acabado de nos falar da terceira tarefa, nós ficámos um pouco para trás e depois vimos Mr. Crouch a sair da floresta...

— Onde estão eles? — perguntou Dumbledore, quando a carruagem dos Beauxbatons emergiu das trevas.

— Além — respondeu Harry, passando para a frente de Dumbledore e conduzindo-o por entre as árvores. Já não conseguia ouvir a voz de Crouch, mas sabia para onde ia; não era muito depois da carruagem de Beauxbatons... algures por ali...

— Viktor? — gritou ele.

Ninguém respondeu.

— Eles estavam aqui — disse Harry a Dumbledore. — Estavam de certeza algures por aqui...

— *Lumos* — proferiu Dumbledore, acendendo a varinha e levantando-a.

O seu foco estreito vagueou de tronco negro para tronco negro, iluminando o solo. E depois caiu sobre um par de pés.

Harry e Dumbledore correram para lá. Krum estava estendido no solo da floresta. Parecia inconsciente. Não havia o menor sinal de Mr. Crouch. Dumbledore curvou-se sobre Krum e ergueu-lhe delicadamente uma pálpebra.

— Atordoados — disse ele baixinho. Os seus óculos em meia-lua reluziam à luz da varinha, enquanto perscrutava as árvores em volta.

— Quer que vá buscar alguém? — perguntou Harry. — A Madame Pomfrey?

— Não — disse Dumbledore vivamente. — Deixa-te estar aqui.

Levantou a varinha e apontou na direcção da cabana de Hagrid. Harry viu uma coisa prateada jorrar dela e mover-se rapidamente por entre as árvores como um pássaro fantasma. Depois, Dumbledore curvou-se de novo sobre Krum, apontou-lhe a varinha, e murmurou: — *Rennervate*.

Krum abriu os olhos. Parecia estonteado. Quando viu Dumbledore tentou sentar-se, mas este pôs-lhe a mão no ombro e obrigou-o a ficar quieto.

— Ele atacou-me! — murmurou Krum, levando a mão à cabeça. — O velho louco atacou-me! Eu estava a olhar para ver para onde fora o Potter e

ele atacou-me pelas coxas!

— Deixa-te estar quieto um bocadinho — disse Dumbledore.

Chegou até eles o som de passadas ruidosas e Hagrid surgiu arquejante com *Fang* colado a si. Trazia o seu arco.

— Professor Dumbledore! — exclamou ele, arregalando os olhos. — Harry... o que...?

— Hagrid, preciso de que vás buscar o professor Karkaroff — disse Dumbledore. — O aluno dele foi atacado. Depois, por favor, avisa o professor Moody...

— Não é preciso, Dumbledore — ouviu-se um rosnado ofegante —, estou aqui. — Moody coxeava em direcção a eles, apoiado à bengala, a varinha a cintilar.

— Maldita perna — resmungou ele, furioso. — Já cá podia estar... o que aconteceu? O Snape disse qualquer coisa acerca do Crouch...

— Do Crouch? — repetiu Hagrid confuso.

— Vai buscar o Karkaroff, fazes favor, Hagrid! — ordenou Dumbledore categoricamente.

— Oh, sim... 'tá certo, professor... — acedeu Hagrid. Voltou-se e desapareceu no meio das árvores negras, com *Fang* a trotar atrás dele.

— Não sei onde está o Barty Crouch — disse Dumbledore a Moody —, mas é essencial que o encontremos.

— Já aqui vou — declarou Moody e, erguendo a varinha, entrou na floresta a manquejar.

Nem Dumbledore nem Harry voltaram a falar antes de ouvirem os sons inconfundíveis de Hagrid e *Fang* a regressarem. Karkaroff caminhava, apressado, atrás deles. Vestia a sua lustrosa peliça prateada e parecia pálido e agitado.

— O que é? — gritou ao avistar Krum no chão, ladeado por Dumbledore e Harry. — O que se passa?

— Fui atacado! — disse Krum, sentando-se então e esfregando a cabeça. — Mr. Crouch ou lá como é que ele se chama...

— O Crouch atacou-te? O *Crouch* atacou-te? O juiz do Torneio?

— Igor — começou Dumbledore, mas Karkaroff empertigara-se todo, apertando as peles à sua volta, com ar lívido.

— Traição! — clamou ele, apontando para Dumbledore. — Isto é uma conspiração! Você e o seu Ministro da Magia atraíram-me aqui sob falsos pretextos, Dumbledore! Isto não é uma competição justa! Primeiro, enfiou o Potter à má fila no Torneio, apesar de ele ainda não ter idade! Agora, um dos *seus* amigos do Ministério tenta pôr o *meu* campeão fora de jogo! Todo este assunto me cheira a falsidade e a corrupção e você, Dumbledore, você,

com a sua conversa de estreitar laços entre os feiticeiros internacionais, de retomar velhas amizades, de esquecer velhas divergências... aqui tem o que eu penso de *si*!

Cuspiu para o chão aos pés de Dumbledore. Com um gesto rápido, Hagrid agarrou a parte da frente da peliça de Karkaroff, levantou-o ao ar e atirou-o contra uma árvore próxima.

— Peça desculpa! — exigiu Hagrid com voz de trovão, enquanto Karkaroff tentava respirar, com o punho imenso de Hagrid no pescoço e os pés a baloiçarem no ar.

— Hagrid, *não*! — gritou Dumbledore de olhos chamejantes.

Hagrid retirou a mão que pregava Karkaroff à árvore e este deslizou pelo tronco abaixo e caiu redondamente por cima das raízes; alguns ramos e folhas tombaram sobre a sua cabeça.

— Fazes o favor de escoltar o Harry até ao castelo, Hagrid — disse Dumbledore em tom severo.

Arquejante, Hagrid deitou um olhar colérico a Karkaroff. — Talvez fosse melhor eu ficar aqui, senhor director...

— Tu vais levar o Harry de regresso à escola, Hagrid — repetiu Dumbledore firmemente. — Leva-o direito à Torre dos Gryffindor. E, ouve Harry... quero que fiques lá. Qualquer coisa que queiras fazer... qualquer coruja que queiras enviar... pode esperar até de manhã, entendes-me?

— Hum... sim — concordou Harry, fitando-o confuso. Como teria Dumbledore sabido que nesse preciso instante ele estava a pensar em mandar imediatamente *Pigwidgeon* a Sirius, para lhe contar o que acontecera?

— Deixo-lhe ficar aqui o *Fang*, senhor director — disse Hagrid, ainda a fixar ameaçadoramente Karkaroff, que continuava estendido na base da árvore, numa confusão de peles e raízes. — Senta, *Fang*. Anda daí, Harry.

Ultrapassaram em silêncio a carruagem de Beauxbatons e dirigiram-se para o castelo.

— Com'ê qu'ele s'atreve — resmungou Hagrid, ao passarem pelo lago. — Com'ê qu'ele s'atreve acusar o Dumbledore. Como s'o Dumbledore fosse capaz de fazer aquilo. Como s'o Dumbledore *te* tivesse querido no Torneio. Preocupado! Não sei quando vi Dumbledore tão preocupado com'ele tem andado ultimamente. E tu! — exclamou Hagrid de súbito, furioso, para Harry, que levantou os olhos para ele, surpreendido. — Qu'ê que 'tavas a fazer a vaguear por aí c'o diabo do Krum? Ele é de Durmstrang, Harry! Podia ter-te enfeitado ali mesmo, né? O Moody não t'ensinou nada? Imagine-se, deixar qu'ele t'atraísse assim sozinho...

— O Krum é fixe! — afirmou Harry, ao subirem os degraus para o *Hall*.

— Ele não estava a tentar enfeitiçar-me, só queria conversar sobre a Hermione...

— Também hei-de ter uma conversinha co' ela — disse Hagrid em tom sombrio, pisando com força os degraus. — Quanto menos tiverem a ver co' esses estrangeiros, melhor pra vocês. Não se pode confiar em nenhum deles.

— Tu estavas a dar-te muito bem com a Madame Maxime — acusou Harry, aborrecido.

— Nem me fales dela! — exclamou Hagrid, tomando por instantes um aspecto assustador. — Já a topei! A tentar pôr-se de bem comigo outra vez, a tentar qu'eu lhe dissesse o qu'era a terceira tarefa. Ná! Não se pode confiar em nenhum deles!

Hagrid estava tão maldisposto que Harry ficou satisfeito por lhe dizer adeus diante da Dama Gorda. Passou pelo buraco do retrato para a sala comum e dirigiu-se imediatamente ao canto onde se encontravam Ron e Hermione para lhes contar o que acontecera.

XXIX

O SONHO

— A coisa resume-se a isto — disse Hermione, esfregando a testa. — Ou Mr. Crouch atacou o Viktor, ou outra pessoa os atacou a ambos, quando o Viktor estava distraído.

— Só pode ter sido o Crouch — afirmou imediatamente Ron. — Por isso é que ele tinha desaparecido, quando o Harry e o Dumbledore lá chegaram. Tinha-se escapulado.

— Não creio — contrariou Harry, abanando a cabeça. — Ele parecia muito fraco... não creio que conseguisse Desmaterializar-se ou qualquer outra coisa.

— Não vos disse já vezes sem conta que ninguém *pode* Desmaterializar-se dentro do recinto de Hogwarts!? — exclamou Hermione.

— ‘Tá’bem, então e esta — sugeriu Ron muito excitado —, o Krum atacou o Crouch... esperem lá, ainda não acabei, e depois Atordoou-se a si próprio!

— E Mr. Crouch evaporou-se, não? — perguntou Hermione friamente.

— Ah, bem...

Era de madrugada. Harry, Ron e Hermione tinham-se escapado dos dormitórios muito cedo e dirigiram-se apressadamente para a Torre das Corujas a fim de mandarem uma mensagem a Sirius. Agora estavam a observar a propriedade envolta em neblina. Estavam os três pálidos e de olhos inchados, porque haviam ficado a falar noite fora acerca de Mr. Crouch.

— Conta lá tudo outra vez, Harry — pediu Hermione. — O que é que Mr. Crouch disse de facto?

— Já vos contei que ele não dizia coisa com coisa — respondeu Harry.

— Disse que queria avisar o Dumbledore sobre qualquer coisa. Mencionou

a Bertha Jorkins, e parecia pensar que ela estava morta. Não parava de dizer que era culpa dele... falou no filho.

— Bem, isso *foi* culpa dele — declarou Hermione, impaciente.

— Parecia doido — continuou Harry. — Metade do tempo pensava que a mulher e o filho ainda estavam vivos, e falava sem cessar com o Percy sobre trabalho e dava-lhe instruções.

— E... recorda-me lá o que ele disse sobre o Quem-Nós-Sabemos? — pediu Ron, hesitante.

— Já vos contei — repetiu Harry frouxamente. — Disse que ele está a ficar mais forte.

Fez-se uma pausa.

Depois Ron declarou em voz pretensamente confiante: — Mas ele parecia doido, como tu disseste, portanto metade daquilo poderia ser delírio...

— Ele ficava absolutamente lúcido quando tentava falar do Voldemort — insistiu Harry, ignorando o estremecimento de Ron. — Tinha dificuldade em alinhar duas palavras, mas só quando parecia saber onde estava e o que queria fazer. Repetia sem cessar que tinha de ver o Dumbledore.

Harry voltou costas à janela e contemplou os barrotes do tecto. Metade dos inúmeros poleiros estavam vazios; de vez em quando, entrava mais uma coruja pelas janelas, regressando da sua caçada nocturna com um rato no bico.

— Se o Snape não me tivesse demorado — comentou Harry com azedume —, talvez lá tivéssemos chegado a tempo. «O director está ocupado, Potter... que disparate é este, Potter?» Por que é que ele não se limitou a sair do caminho?

— Talvez ele não quisesse que chegasses lá! — apressou-se Ron a concluir. — Talvez... espera lá... quanto tempo achas que ele podia levar a chegar à Floresta? Achas que conseguiria chegar primeiro que tu e o Dumbledore?

— Só se for capaz de se transformar num morcego ou coisa assim — respondeu Harry.

— Não me admirava nada — murmurou Ron.

— Precisamos de ir falar com o professor Moody — decidiu Hermione.

— Precisamos de saber se ele encontrou ou não Mr. Crouch.

— Se tinha com ele o Mapa do Salteador, isso teria sido fácil — disse Harry.

— A menos que o Crouch já estivesse fora do recinto — sugeriu Ron —, porque o mapa só mostra as coisas até aos limites, não...

— Chiuu! — fez Hermione de repente.

Vinha alguém a subir os degraus da Torre das Corujas. Harry distinguia duas vozes a discutir, que se aproximavam cada vez mais.

— ... isso é chantagem, sem tirar nem pôr, podemos meter-nos em sarilhos por causa disso...

— ... tentámos ser delicados, é altura de fazer jogo sujo, como ele. Ele não gostaria que o Ministério da Magia soubesse o que fez...

— Estou a dizer-te que, se passares isso a escrito, é chantagem!

— Sim, mas não te queixarás se recebermos um pagamento chorudo, pois não?

A porta da Torre das Corujas escancarou-se. Fred e George passaram os umbrais e ficaram estarelecidos à vista de Harry, Ron e Hermione.

— O que é que estão a fazer aqui? — perguntaram Ron e Fred ao mesmo tempo.

— Viemos mandar uma carta — responderam Harry e George em coro.

— A esta hora? — admiraram-se Hermione e Fred.

Fred fez um ar de mofa. — Está bem... nós não vos perguntamos o que estão a fazer, se vocês não nos perguntarem também — afirmou.

Tinha na mão um sobrescrito selado. Harry deitou-lhe um olhar de relance, mas Fred, acidentalmente ou de propósito, desviou a mão de modo a que o nome que lá estava escrito ficasse tapado.

— Bem, não se prendam connosco — disse ele, fazendo uma vénia trocista e apontando para a porta.

Ron não se moveu. — Com quem é que vocês estão a fazer chantagem? — perguntou.

O ar de mofa desapareceu do rosto de Fred. Harry viu George olhar de viés para Fred, antes de sorrir a Ron.

— Não sejas estúpido, eu estava só a brincar — afirmou ele em tom descontraído.

— Pois não parecia — declarou Ron.

Fred e George olharam um para o outro.

Depois, Fred disse abruptamente: — Já te tenho dito, Ron, não metas o nariz em tudo se queres conservá-lo com a forma que tem. Embora eu não saiba por que é que hás-de querer, mas...

— Se vocês estão a fazer chantagem com alguém, isso é da minha conta — insistiu Ron. — O George tem razão, podem meter-se em sarilhos dos grossos por causa disso.

— Já te disse que estava a brincar — assegurou George. Dirigiu-se a Fred, tirou-lhe a carta da mão e começou a atá-la à pata da coruja mais próxima. — Estás a começar a ficar parecido com o nosso querido irmão

mais velho, sabes, Ron. Continua assim e ainda acabas prefeito.

— Não acabo nada! — protestou Ron com veemência.

George levou a coruja até à janela e ela partiu.

Depois voltou-se e riu-se para Ron. — Bom, então pára de dizer às pessoas o que devem fazer. Até logo.

Saiu com Fred da Torre das Corujas. Harry, Ron e Hermione entreolharam-se.

— Pensas que eles saberão alguma coisa sobre tudo isto? — sussurrou Hermione. — Sobre o Crouch e o resto?

— Não — disse Harry. — Se fosse alguma coisa tão grave, contariam a alguém. Contariam ao Dumbledore.

Ron, contudo, parecia pouco à vontade.

— O que foi? — perguntou-lhe Hermione.

— Bom... — disse Ron lentamente — não sei se contariam.

Ultimamente eles... eles têm esta obsessão de arranjar dinheiro. Reparei nisso quando andei mais com eles... quando... vocês sabem...

— Quando não nos falávamos — Harry completou a frase por ele. — Sim, mas chantagem...

— É aquela ideia parva deles sobre a loja de brincadeiras mágicas — explicou Ron. — Eu pensei que eles só diziam isso para irritar a nossa mãe, mas estavam mesmo a falar a sério, querem abrir uma. Já só têm mais um ano em Hogwarts, estão sempre a dizer que é altura de pensar no futuro, que o pai não os pode auxiliar e que precisam de ouro para se estabelecerem.

Agora era Hermione quem parecia pouco à vontade. — Sim, mas... eles não fariam nada contra a lei para arranjar ouro, pois não?

— Não? — disse Ron, com ar céptico. — Não sei... eles não são propriamente do tipo que se importa de quebrar regras, pois não?

— Sim, mas trata-se da *lei* — insistiu Hermione parecendo assustada. — Não é uma regra qualquer idiota da escola... por chantagem, eles apanham muito mais do que um castigo! Ron... talvez tu devesse contar ao Percy...

— Estás louca!? — exclamou Ron. — Contar ao Percy? Provavelmente ele armava-se em Crouch e denunciava-os. — Fixou a janela por onde partira a coruja de Fred e George, e depois disse: — Venham daí, vamos tomar o pequeno-almoço.

— Acham que é demasiado cedo para ir falar com o professor Moody? — perguntou Hermione, enquanto desciam a escada de caracol.

— Acho — disse Harry. — O mais provável era ele atirar-nos através da porta se o acordássemos ao romper da madrugada; poderia pensar que estávamos a tentar atacá-lo enquanto dormia. Vamos esperar pelo intervalo.

Nunca a aula de História da Magia demorara tanto tempo a passar. Harry consultava constantemente o relógio de Ron, visto que se livrara finalmente do seu, mas o de Ron movia-se tão devagar que ele quase juraria que também estava avariado. Encontravam-se os três tão exaustos que se sentiriam muito felizes se pudessem encostar as cabeças às secretárias e dormir; mesmo Hermione não tomava os seus apontamentos habituais, sentada com a cabeça apoiada na mão, fixando o professor Binns com o olhar distraído.

Quando, por fim, tocou a campainha, apressaram-se a sair para o corredor e dirigiram-se à sala de Magia Negra, encontrando o professor Moody a abandoná-la. Parecia tão exausto quanto eles. A pálpebra do seu olho normal estava descaída, o que lhe dava à cara um aspecto ainda mais estranho do que o usual.

— Professor Moody? — chamou Harry, quando se encaminhavam para ele através da multidão.

— Olá, Potter — cumprimentou-o Moody. O seu olho mágico seguiu dois alunos do primeiro ano que iam a passar e que apressaram o passo, nervosos; rolou na nuca de Moody e ficou a observá-los até virarem a esquina antes de ele falar de novo. — Venham para aqui.

Desviou-se para os deixar entrar numa sala de aula vazia, manquejou atrás deles e fechou a porta.

— Encontrou-o? — atirou Harry sem preâmbulos. — A Mr. Crouch?

— Não — disse Moody. Dirigiu-se para a secretária, sentou-se, esticou a perna de pau com um leve gemido e puxou do seu cantil.

— Usou o mapa? — perguntou Harry.

— Claro — assentiu Moody, bebendo um golo do cantil. — Segui o teu exemplo, Potter. Convoquei-o a vir do meu gabinete para a Floresta. O Crouch não estava lá em parte nenhuma.

— Então, Desmaterializou-se *mesmo*? — disse Ron.

— *Não é possível Desmaterializar-se aqui dentro, Ron!* — declarou Hermione. — Há outras maneiras de desaparecer, não há, professor?

O olho mágico de Moody tremeu ao poisar em Hermione.

— Tu és outra que bem podia pensar numa carreira como Auror — disse-lhe ele. — Essa cabeça funciona correctamente, Granger.

Hermione corou de satisfação.

— Bem, ele não estava invisível — afirmou Harry —, porque o mapa mostra as pessoas invisíveis. Então deve ter saído do recinto de Hogwarts.

— Mas por vontade própria? — indagou Hermione, ansiosa. — Ou porque alguém o obrigou?

— Sim, alguém podia tê-lo feito... podia tê-lo puxado para uma

vassoura e voado dali para fora com ele, não era? — alvitrou Ron muito depressa, olhando esperançado para Moody, como se também quisesse que lhe dissessem que tinha estofo de Auror.

— Não podemos excluir um rapto — resmungou Moody.

— Então pensa que ele está algures em Hogsmeade? — perguntou Ron.

— Pode estar em qualquer lado — respondeu Moody, abanando a cabeça. — A única coisa de que temos a certeza é de que não está aqui.

Bocejou longamente, de tal modo que as suas cicatrizes se esticaram e a boca torcida revelou uma quantidade de dentes a menos.

Depois acrescentou: — Ora bem, o Dumbledore contou-me que vocês três se consideram bons investigadores, mas não há nada que possam fazer pelo Crouch. Nesta altura já o Ministério anda à procura dele, o Dumbledore notificou-os. Potter, vê se te concentras na terceira tarefa.

— O quê? — disse Harry. — Ah, sim...

Não pensara uma única vez no labirinto desde que de lá saíra com Krum na noite anterior.

— Esta deve ser mesmo à tua medida — comentou Moody, fitando Harry e coçando o queixo sulcado de cicatrizes onde começava a romper uma barba grossa. — Pelo que conta o Dumbledore, já conseguiste safar-te de coisas daquele género imensas vezes. Abriste caminho através de uma série de obstáculos que guardavam a Pedra Filosofal no teu primeiro ano, não foi?

— Nós ajudámos — disse Ron rapidamente. — Eu e a Hermione ajudámos.

Moody sorriu. — Bom, ajudem-no a preparar-se para esta, e ficarei muito surpreendido se ele não ganhar. Entretanto... vigilância constante, Potter. Vigilância constante. — Bebeu mais um largo gole do seu cantil e o olho mágico girou em direcção à janela. A vela de topo do navio de Durmstrang era visível através dela.

— Vocês dois — o seu olho normal estava poisado em Ron e Hermione —, vocês mantenham-se junto do Potter, está bem? Eu tenho as coisas debaixo de olho, mas ainda assim... nunca são olhos a mais.

*

Sirius devolveu-lhes a coruja na manhã seguinte. Surgiu a esvoaçar ao lado de Harry no preciso momento em que uma coruja castanha poisava em frente de Hermione, com um exemplar de *O Profeta Diário* no bico. Ela pegou no jornal, percorreu as primeiras páginas e exclamou. — Ah! Ela não farejou nada sobre o Crouch! — e depois foi juntar-se a Ron e a Harry

para ler o que Sirius tinha a dizer sobre os misteriosos acontecimentos da noite de há dois dias.

Harry — o que andas tu a fazer passeando pela Floresta com o Viktor Krum? Quero que me jures, na volta da coruja, que não voltarás a ir passear com ninguém à noite. Há alguém tremendamente perigoso em Hogwarts. Parece-me óbvio que quiseram impedir o Crouch de ver o Dumbledore e tu estiveste provavelmente a poucos metros deles na escuridão. Podiam ter-te matado.

O teu nome não foi parar ao Cálice de Fogo por acaso. Se anda alguém a tentar atacar-te, é a sua última hipótese. Mantém-te perto do Ron e da Hermione, não saias da Torre dos Gryffindor fora de horas e prepara-te para a terceira tarefa. Pratica o Feitiço de Atordoar e o Feitiço para Desarmar. Alguns feitiços malignos também dariam jeito. Não podes fazer nada quanto ao Crouch. Evita correr riscos, concentra-te e tem cuidado contigo. Fico à espera de carta a dares-me a tua palavra de honra de que não voltas a pisar o risco.

Sirius

— Quem é ele para me pregar sermões sobre pisar o risco!? — exclamou Harry levemente indignado, dobrando a carta de Sirius e enfiando-a no bolso. — Depois de tudo o que fez na escola!

— Ele está preocupado contigo! — disse Hermione vivamente. — Tal como o Moody e o Hagrid! Portanto, vê se lhes dás ouvidos!

— Ninguém me tentou atacar durante todo o ano — afirmou Harry. — Ninguém me fez absolutamente nada.

— Excepto pôr o teu nome no Cálice de Fogo — obstou Hermione. — E tiveram com certeza um motivo para o fazer, Harry. O Snuffles tem razão. Talvez estejam à espera de uma boa oportunidade. Talvez seja nesta tarefa que te vão apanhar.

— Olha — exclamou Harry impaciente —, digamos que o Snuffles tem razão, e que alguém Atordoou o Krum para raptar o Crouch. Nesse caso, estariam escondidos nas árvores atrás de nós, não é? Mas esperaram até eu estar fora do caminho para agirem, não foi? Portanto não me parece que seja eu o alvo deles, pois não?

— Não conseguiriam fazer com que parecesse um acidente se te assassinassem na Floresta! — respondeu Hermione. — Mas se morreres durante uma tarefa...

— Não se preocuparam com isso, quando atacaram o Krum, pois não? — retorquiu Harry. — Por que é que não acabaram comigo na mesma

altura? Podiam dar à coisa o ar de que o Krum e eu tínhamos tido um duelo ou algo assim.

— Harry, eu também não compreendo — disse Hermione desesperada. — Só sei que estão a acontecer montes de coisas esquisitas e não gosto disto... O Moody tem razão e o Snuffles também; tens de começar a treinar para a terceira tarefa imediatamente. E não te esqueças de escrever ao Snuffles a prometer-lhe que não voltas a escapar-te daqui sozinho.

*

O exterior de Hogwarts nunca parecia tão convidativo como quando Harry tinha de ficar dentro da escola. Nos dias que se seguiram, passou todo o seu tempo livre na biblioteca com Hermione e Ron, à procura de feitiços, ou em salas de aula vazias para onde se esgueiravam a fim de praticar. Harry estava a concentrar-se no Feitiço de Atordoar, que nunca havia usado anteriormente. O problema era que treiná-lo implicava certos sacrifícios da parte de Ron e de Hermione.

— Não podemos raptar a *Mrs. Norris*? — sugeriu Ron na segunda-feira à hora do almoço, estendido de costas no meio da sala da aula de Encantamentos, onde acabara de ser Atordoadado e reanimado por Harry pela quinta vez consecutiva. — Vamos Atordoá-la a ela durante um tempo. Ou podias usar o Dobby, Harry, aposto que ele faria tudo para te ajudar. Não é que me esteja a queixar nem nada disso — levantou-se cautelosamente, esfregando as costas —, mas dói-me o corpo todo...

— Pois se tu falhas sempre as almofadas! — disse Hermione com impaciência, ajeitando a pilha de almofadas que tinham usado para o Feitiço de Expulsão e que Flitwick deixara ficar num dos armários. — Vê se te esforças por cair para trás!

— Uma vez Atordoadado, não se consegue ter muito sentido de direcção, Hermione! — respondeu Ron zangado. — Por que é que não experimentas tu?

— Bom, para todos os efeitos, acho que o Harry já lhe apanhou o jeito — declarou Hermione apressadamente. — E não precisamos de nos preocupar com o Feitiço para Desarmar, porque isso sabe ele há séculos... acho que devíamos começar com alguns destes feitiços esta noite.

Analizou a lista que tinham feito na biblioteca.

— Gosto do aspecto deste — observou ela —, o Feitiço do Estorvo. Deverá retardar qualquer coisa que esteja a tentar atacar-te, Harry. Começamos por este.

A campainha tocou. Enfiaram apressadamente as almofadas no armário

de Flitwick e saíram da sala.

— Vemo-nos ao jantar! — disse Hermione e dirigiu-se para Aritmancia, enquanto Harry e Ron se encaminhavam para a Torre Norte para a aula de Artes Divinatórias. Largos feixes de ofuscantes raios de sol que entravam pelas janelas altas sulcavam o corredor. O céu lá fora estava tão brilhante que parecia ter sido envernizado.

— A sala da Trelawney vai estar um forno, ela nunca apaga aquela lareira — lamentou-se Ron ao começarem a subir os degraus rumo à escadinha prateada e ao alçapão.

Tinha toda a razão. A sala mal iluminada estava um braseiro. O fumo perfumado da lareira era mais denso que nunca. Harry sentia a cabeça a andar à roda enquanto se dirigia a uma das janelas resguardadas por cortinados. Quando a professora Trelawney olhou para o outro lado, a desprender o xaile de um candeeiro, ele entreabriu a janela uns dois dedos e sentou-se na sua poltrona, de forma a que uma leve brisa lhe afugassem a cara. Era extremamente confortável.

— Meus queridos — começou a professora Trelawney, sentando-se no seu cadeirão de orelhas em frente da turma e observando-os a todos com os seus estranhos olhos dilatados —, estamos quase a terminar o nosso trabalho sobre as artes divinatórias planetárias. No entanto, hoje será uma oportunidade excelente para examinar os efeitos de Marte, pois ele está numa posição muitíssimo interessante neste momento. Se olharem todos para aqui, eu reduzo as luzes...

Agitou a varinha e os candeeiros apagaram-se. O lume era agora a única fonte de luz. A professora Trelawney curvou-se e tirou de debaixo da cadeira um modelo do sistema solar em miniatura, inserido numa redoma de vidro. Era uma coisa linda; cada uma das Luas brilhava no seu lugar em volta dos nove planetas e do Sol flamejante, todos suspensos no ar sob o vidro. Harry observou preguiçosamente a professora Trelawney que começara a apontar o ângulo fascinante que Marte formava com Neptuno. O fumo fortemente perfumado envolvia-o e a brisa da janela projectava-se sobre o seu rosto. Ouvia um insecto a zumbir suavemente algures por detrás dos cortinados. As pálpebras começaram a fechar-se-lhe...

Ele ia montado nas costas de uma coruja-águia, voando através do límpido céu azul em direcção a uma casa velha, coberta de heras, no alto de um monte. Voaram cada vez mais baixo, o vento a soprar agradavelmente na cara de Harry, até que chegaram a uma janela escura e partida no andar de cima da casa e entraram. Iam agora a voar por um corredor sombrio, para uma sala ao fundo... atravessaram a porta e entraram numa sala escura com as janelas entaipadas...

Harry já saíra do dorso da coruja... observava-a agora a esvoaçar pela sala, até uma cadeira com as costas voltadas para ele... havia duas formas negras no chão ao lado da cadeira... ambas se moviam...

Uma era uma enorme cobra... a outra era um homem... um homem baixo e calvo, um homem de olhos lacrimosos e nariz pontiagudo... que estava a ofegar e a soluçar no tapete junto à lareira...

— Estás com sorte, Wormtail — disse uma voz aguda e glacial das profundezas da cadeira em que a coruja poisara. — És realmente um felizardo. O teu tremendo erro não arruinou tudo. Ele está morto.

— Senhor! — exclamou ofegante o homem de rastos no chão. — Senhor, estou... estou tão satisfeito... e lamento tanto...

— *Nagini* — disse a voz glacial —, tu estás sem sorte. Afinal não te vou dar o Wormtail para comeres... mas não te importes, não te importes... ainda há o Harry Potter...

A cobra sibilou. Harry viu-lhe a língua a adejar.

— E agora, Wormtail — continuou a voz glacial —, vou talvez voltar a recordar-te por que não tolerarei mais erros teus...

— Senhor... não... peço-vos...

Das profundezas da cadeira emergiu a ponta de uma varinha. Estava apontada para Wormtail. — *Crucio* — disse a voz glacial.

Wormtail gritou, gritou como se cada nervo do seu corpo estivesse a arder e os gritos inundaram os ouvidos de Harry enquanto a cicatriz da sua testa queimava de dor; também ele estava a gritar agora... Voldemort ia ouvi-lo, ia saber que ele estava ali...

— Harry! *Harry!*

Harry abriu os olhos. Estava no chão da sala da professora Trelawney com as mãos a tapar a cara. A cicatriz ainda lhe doía tanto que tinha lágrimas nos olhos. A dor fora verdadeira. A turma inteira estava à sua volta e Ron ajoelhara-se junto dele com ar horrorizado.

— Estás bem? — perguntou ele.

— É claro que não estás! — declarou a professora Trelawney, parecendo excitadíssima. Os seus grandes olhos cresciam sobre Harry, fitando-o intensamente. — O que foi, Potter? Uma premonição? Uma aparição? O que é que viste?

— Nada — mentiu Harry. Sentou-se. Sentia-se a tremer. Não pôde evitar olhar em volta, para as sombras atrás de si; a voz de Voldemort parecia tão perto...

— Estavas agarrado à tua cicatriz! — exclamou a professora Trelawney.

— Estavas a rebolar no chão, agarrado à tua cicatriz! Vá lá, Potter, eu tenho experiência destes assuntos!

Harry levantou os olhos para ela.

— Acho que preciso de ir à enfermaria — disse ele. — Tenho uma dor de cabeça horrível.

— Meu querido, foste por certo estimulado pelas vibrações extraordinariamente clarividentes da minha sala! — afirmou a professora Trelawney. — Se saíres agora, podes perder a oportunidade de ver mais além do que alguma vez já...

— Não quero ver nada, senão uma cura para a dor de cabeça — afirmou Harry.

Levantou-se. A turma afastou-se. Pareciam todos nervosos.

— Até logo — murmurou Harry para Ron e, pegando no saco dirigiu-se para o alçapão, ignorando a professora Trelawney que apresentava um ar de grande frustração, como se tivessem acabado de lhe negar um autêntico prazer.

Porém, quando chegou ao fim da escada, não se dirigiu à enfermaria. Não tinha a menor intenção de lá ir. Sirius havia-lhe dito o que fazer se a cicatriz voltasse a doer-lhe e Harry ia seguir o seu conselho: ia direitinho ao gabinete de Dumbledore. Percorreu os corredores, pensando no que vira no sonho... fora tão nítido como aquele que o acordara em Privet Drive... recapitulou os pormenores, tentando certificar-se de que se lembrava deles... tinha ouvido Voldemort acusar Wormtail de cometer um erro tremendo... mas a coruja trouxera boas notícias, o erro fora remediado, alguém estava morto... por isso Wormtail não ia servir de alimento à cobra... era ele, Harry, quem iria em seu lugar...

Harry ultrapassara a gárgula que guardava a entrada do gabinete de Dumbledore sem dar por isso. Pestanejou, olhou à volta, percebeu o que fizera e voltou para trás, parando em frente dela. Então lembrou-se de que não sabia a senha.

— Rebuçados de limão? — experimentou ele.

A gárgula não se moveu.

— Bom — disse Harry, olhando-a fixamente. — Gota de pêra. Hã... varinha de alcaçuz. *Abelhas Efervescentes*. A melhor pastilha elástica do Droobles. Os Feijões de Todos os Sabores de Bertie Botts... oh, não, ele não gosta deles, pois não?... Oh, vê lá se te abres de uma vez! — exclamou ele irritado. — Preciso realmente de o ver, é urgente!

A gárgula permaneceu imóvel.

Harry deu-lhe um pontapé, com que não conseguiu nada além de uma dor terrível no dedo grande.

— Sapo de chocolate! — gritou já furioso, apoiado só numa perna. — Pena de açúcar! Cacho de baratas!

A gárgula animou-se e desviou-se para o lado. Harry pestanejou.

— Cacho de baratas? — repetiu atónito. — Eu estava só a brincar...

Apressou-se a passar pela fenda da parede e encontrou-se na base de uma escadaria de pedra em espiral, que se movia lentamente para cima, enquanto as portas se fechavam atrás dele, levando-o até uma porta de carvalho polido com uma maçaneta de metal.

Ouvia vozes no interior do gabinete. Saiu da escada móvel e hesitou, à escuta.

— Dumbledore, lamento, mas não vejo qual a relação, não vejo de todo!

— Era a voz do Ministro da Magia, Cornelius Fudge. — O Ludo diz que a Bertha é perfeitamente capaz de se perder. Concordo que seria de esperar que já a tivéssemos encontrado, mas, ainda assim, não há nenhuma prova de crime, Dumbledore, absolutamente nenhuma. E quanto ao seu desaparecimento estar relacionado com o do Barty Crouch!

— E o que acha que aconteceu ao Barty Crouch, Ministro? — perguntou a voz seca de Moody.

— Vejo duas possibilidades, Alastor — respondeu Fudge. — Ou o Crouch pirou de vez... o que é mais que provável, como decerto concordarão, dada sua história pessoal, ou perdeu a memória e anda por aí a vaguear, sabe-se lá por onde.

— Se é esse o caso, vagueou extremamente depressa, Cornelius — comentou Dumbledore com calma.

— Ou então... bom... — Fudge parecia embaraçado. — Bom, eu vou reservar o meu julgamento até ver o local onde ele foi encontrado, mas não disseram que foi logo a seguir à carruagem de Beauxbatons? Dumbledore, sabes o que aquela mulher é?

— Considero-a uma directora muito competente... e uma excelente dançarina — respondeu Dumbledore serenamente.

— Ora vamos lá, Dumbledore! — exclamou Fudge, irritado. — Não achas que podes estar predisposto a favor dela por causa do Hagrid? Nem todos são inofensivos... se é que realmente se pode chamar inofensivo ao Hagrid, com aquela fixação que ele tem por monstros.

— Não suspeito nem da Madame Maxime nem do Hagrid — afirmou Dumbledore, continuando calmo. — Penso que a haver qualquer preconceito, é possível que seja teu, Cornelius.

— Podemos acabar com esta discussão? — resmungou Moody.

— Claro, claro, vamos lá então até ao local — concordou Cornelius impaciente.

— Não, não é isso — disse Moody —, é só que o Potter quer dar-te uma palavrinha, Dumbledore. Está lá fora.

XXX

O PENSATÓRIO

A porta do gabinete abriu-se.
— Viva, Potter — saudou Moody. — Entra lá.

Harry entrou. Já estivera uma vez no gabinete de Dumbledore; era uma sala muito bonita, circular, revestida de fotografias de anteriores directores e directoras de Hogwarts, todos eles profundamente adormecidos, os peitos erguendo-se e baixando suavemente.

Cornelius Fudge estava de pé ao lado da secretária de Dumbledore, com o seu habitual manto às riscas e o chapéu de coco verde-lima na mão.

— Harry! — exclamou Fudge jovialmente, avançando. — Como estás?

— Ótimo — mentiu Harry.

— Estávamos justamente a falar da noite em que Mr. Crouch apareceu por cá — disse Fudge. — Foste tu que o encontraste, não foste?

— Fui — confirmou Harry. Depois, achando inútil fingir que não ouvira o que eles tinham estado a dizer, acrescentou: — Mas não a vi Madame Maxime em parte nenhuma e ela teria dificuldade em se esconder, não teria?

Dumbledore sorriu a Harry nas costas de Fudge, os olhos a brilhar.

— Bem, teria sim — concordou Fudge, parecendo embaraçado —, nós vamos dar um pequeno passeio pelo recinto, Harry, por isso se não te importas... talvez se voltasses para a tua aula...

— Eu queria falar consigo, professor — disse Harry vivamente, olhando para Dumbledore, que o observou com um olhar penetrante.

— Espera aqui por mim, Harry — pediu ele. — O nosso exame do local não demora muito.

Passaram todos por ele em silêncio e fecharam a porta. Um ou dois minutos depois, Harry ouviu os baques da perna de pau de Moody

tornando-se cada vez mais fracos no corredor lá em baixo. Olhou em volta.

— Olá, *Fawkes* — cumprimentou.

Fawkes, a fénix do professor Dumbledore, estava no seu poleiro dourado ao lado da porta. Do tamanho de um cisne, com magnífica plumagem escarlate e dourada, sacudiu a sua longa cauda e piscou benevolmente o olho a Harry.

Harry sentou-se numa cadeira em frente da secretária de Dumbledore. Ficou ali durante vários minutos a observar os antigos directores a dormitarem nas suas molduras, pensando no que acabara de ouvir, e a passar os dedos pela cicatriz. Já não lhe doía.

De certa maneira, sentia-se muito mais calmo, agora que estava no gabinete de Dumbledore, sabendo que em breve lhe estaria a contar o sonho. Ergueu os olhos para as paredes por detrás da secretária. O Chapéu Seleccionador, remendado e esfarrapado, estava poisado numa prateleira. A seu lado, um estojo de vidro continha uma magnífica espada de prata, com o punho cravejado de rubis enormes, que Harry reconheceu como sendo aquela que ele próprio havia tirado do Chapéu Seleccionador no seu segundo ano. A espada pertencera outrora a Godric Gryffindor, fundador da equipa de Harry. Estava a contemplá-la, recordando como ela viera em seu auxílio quando já tinha perdido toda a esperança, e reparou num raio prateado que se reflectia no estojo de vidro. Olhou em volta à procura da fonte de luz e viu um feixe branco prateado a brilhar intensamente no interior de um armário preto, atrás dele, cuja porta não fora devidamente fechada. Harry hesitou, deitou um olhar de relance a *Fawkes* e depois levantou-se, atravessou o gabinete e abriu a porta do armário.

Lá dentro encontrava-se uma bacia de pedra pouco funda, com estranhos entalhes na borda, runas e símbolos que Harry não reconheceu. A luz prateada vinha do conteúdo da bacia, que não se assemelhava a nada que ele tivesse alguma vez visto. Não sabia dizer se a substância era líquida ou gasosa. Era de um prateado brilhante, esbranquiçado, e movia-se incessantemente; a sua superfície enrugava-se como água fustigada pelo vento e depois separava-se e girava suavemente como se fosse nuvens. Parecia luz transformada em líquido, ou vento tornado sólido; Harry não conseguia perceber o que aquilo era.

Desejava tocar-lhe, saber qual era a sensação daquilo, mas a experiência de quase quatro anos no mundo da magia dizia-lhe que enfiar a mão numa taça cheia de uma substância desconhecida era um acto muito imprudente. Assim, tirou a varinha de dentro do manto, deitou um olhar nervoso em volta do gabinete, voltou a olhar para o conteúdo da bacia e tocou-lhe. A superfície da mistura prateada contida na bacia começou a girar muito

depressa.

Harry curvou-se mais, a cabeça totalmente enfiada dentro do armário. A substância prateada tinha ficado transparente; parecia vidro. Fitou-a, esperando ver o fundo de pedra da bacia, mas em vez disso viu sob a superfície da misteriosa substância uma sala enorme, uma sala que ele parecia estar a observar através de uma janela circular no tecto.

O local estava fracamente iluminado; pensou que até podia ser uma cave, porque não havia janelas, apenas tochas em suportes como as que iluminavam as paredes de Hogwarts. Baixando a cara de maneira a que o nariz lhe ficou a uns meros dois dedos da substância vidrada, Harry viu que havia filas e filas de feiticeiras e feitiçeiros sentados em volta de todas as paredes, em algo que parecia bancadas a diferentes níveis. No centro da sala estava uma cadeira vazia. Havia qualquer coisa naquela cadeira que Harry achou sinistro. Era uma cadeira com os braços rodeados de correntes, como se os seus ocupantes costumassem ser amarrados a ela.

Que lugar era aquele? Não era certamente Hogwarts; nunca vira uma sala como aquela ali no castelo. Além disso, a multidão da misteriosa sala no fundo da bacia era constituída por adultos, e Harry sabia que Hogwarts não tinha aquele número de professores. Deviam estar à espera de alguma coisa, pensou ele; embora apenas pudesse ver os topos dos seus chapéus pontiagudos, pareciam olhar todos na mesma direcção e ninguém falava com ninguém.

Como a bacia era redonda, e a sala que ele estava a observar era quadrada, Harry não distinguia o que se passava nos cantos. Debruçou-se ainda mais e inclinou a cabeça procurando ver...

A ponta do nariz tocou na estranha substância que estava a observar.

O gabinete de Dumbledore deu uma guinada fortíssima... Harry foi atirado para diante e mergulhou de cabeça na substância do interior da bacia.

Mas a sua cabeça não bateu no fundo de pedra. Estava a cair através de algo gelado e escuro; era como ser sugado por um remoinho negro.

E, de repente, encontrou-se sentado numa bancada no extremo da sala que havia no interior da bacia, uma bancada mais alta do que as outras. Ergueu os olhos para o alto tecto de pedra, esperando ver a janela circular através da qual estivera a espreitar, mas não havia lá nada senão sólida pedra escura.

Com a respiração acelerada, Harry olhou à sua volta. Nem um único dos feitiçeiros dentro da sala (e estavam lá pelo menos duzentos) olhava para ele. Nem um único parecera notar que um rapaz de catorze anos acabara de cair do tecto para o meio deles. Harry voltou-se para o feitiçeiro mais

próximo dele na bancada e soltou um grito de surpresa que ecoou na sala silenciosa.

Estava sentado ao lado de Albus Dumbledore.

— Professor! — exclamou Harry num murmúrio meio sufocado. — Desculpe... eu não queria... estava só a olhar para aquela bacia no seu armário... eu... onde é que estamos?

Mas Dumbledore não se mexeu nem falou. Ignorou Harry completamente. Tal como todos os outros feiticeiros nas bancadas, fixava a extremidade da sala, onde havia uma porta.

Confuso, Harry olhou para Dumbledore, depois em volta para a multidão expectante e silenciosa, depois novamente para Dumbledore. E então começou a perceber...

Já uma vez se encontrara num sítio onde ninguém o podia ver nem ouvir. Dessa vez, tinha caído por uma página para dentro de um diário encantado, directamente na memória de outra pessoa... e a menos que estivesse muito enganado, algo do género acontecera de novo...

Harry levantou a mão direita, hesitou e depois agitou-a energicamente diante da cara de Dumbledore. Dumbledore não pestanejou, não se voltou para ele, nem se mexeu de todo. E isso, pensou Harry, resolvia o assunto. Dumbledore não o ignoraria daquela maneira. Estava dentro de uma recordação e este não era o Dumbledore do presente. E, contudo, não podia ser de há muito tempo... o Dumbledore que estava sentado ao seu lado tinha o cabelo de um branco prateado, tal como o Dumbledore do presente. Mas que lugar era aquele? De que estavam todos aqueles feiticeiros à espera?

Olhou em volta mais atentamente. A sala, como desconfiara ao observá-la de cima, era quase certamente uma cave — mais uma masmorra do que uma sala, pensou ele. Tinha um aspecto desolado e sinistro; não havia quadros nas paredes, nem qualquer espécie de decoração; apenas aquelas filas de bancadas cerradas, erguendo-se a níveis diferentes em toda a volta da sala, todas posicionadas de forma a terem uma visão desimpedida da cadeira com correntes nos braços.

Antes de Harry conseguir chegar a uma conclusão sobre o lugar onde se encontrava, ouviu passos. A porta do canto da masmorra abriu-se, e entraram três pessoas — ou pelo menos, um homem, ladeado por dois Dementors.

Harry sentiu-se gelar. Os Dementors, criaturas altas e encapuzadas de rostos ocultos, deslizavam lentamente em direcção à cadeira no centro da sala, cada um deles segurando um braço do homem com as suas mãos mortas e pútridas. O homem no meio deles parecia prestes a desmaiar e

Harry não o censurava... sabia que os Dementors não lhe podiam tocar no interior de uma recordação, mas lembrava-se muito bem do seu poder. A multidão encolheu-se ligeiramente quando os Dementors colocaram o homem na cadeira das correntes e deslizaram para fora da sala. A porta fechou-se atrás deles.

Harry olhou para o homem que ocupava agora a cadeira e viu que era Karkaroff.

Ao contrário de Dumbledore, Karkaroff parecia muito mais novo; tinha o cabelo e a pêra pretos. Não vestia peles lustrosas, mas sim roupas já muito usadas. Estava a tremer. Enquanto Harry olhava, as correntes dos braços da cadeira emitiram de súbito um brilho dourado e enroscaram-se nos braços dele, amarrando-o.

— Igor Karkaroff — disse uma voz brusca à esquerda de Harry. Este virou-se e viu Mr. Crouch de pé no meio da bancada a seu lado. Crouch tinha o cabelo preto, a cara muito menos enrugada e parecia alerta e em boa forma. — Foste trazido de Azkaban para testemunhar perante o Ministério da Magia. Deste-nos a entender que tens informações importantes para nós.

Karkaroff endireitou-se o melhor que pôde, dado que estava firmemente amarrado à cadeira.

— Tenho sim, senhor — assentiu ele e embora a sua voz manifestasse que ele estava muito assustado, Harry distinguia ainda a nota bajuladora que lhe era habitual. — Quero ser útil ao Ministério. Quero ajudar. Eu... sei que o Ministério anda a tentar... apanhar os últimos apoiantes do Senhor das Trevas. Estou pronto a auxiliar em tudo o que puder...

Ouviu-se um murmúrio percorrer as bancadas. Alguns feiticeiros observavam Karkaroff com interesse, outros com nítida desconfiança. Depois Harry ouviu, muito distintamente, vinda do outro lado de Dumbledore, uma conhecida voz seca exclamar: — Escória!

Curvou-se para poder ver para lá do professor. Moody Olho-Louco estava ali sentado, embora houvesse na sua aparência uma diferença muito notória. Não tinha o seu olho mágico, mas apenas dois olhos normais. Encontravam-se ambos fitos em Karkaroff e ambos comprimidos de profunda aversão.

— O Crouch vai deixá-lo escapar — disse Moody baixinho para Dumbledore. — Fez um acordo com ele. Levei seis meses a apanhá-lo e o Crouch vai deixá-lo ir-se embora, se ele lhe der bastantes nomes novos. Cá por mim, acho que devíamos ouvir as informações dele e voltar a entregá-lo aos Dementors.

Dumbledore emitiu um pequeno ruído de discordância pelo longo nariz adunco.

— Ah, já me esquecia... tu não gostas dos Dementors, pois não, Albus?
— comentou Moody com um sor riso sardónico.

— Não — respondeu Dumbledore —, de facto não. Há muito que acho que o Ministério faz mal em se aliar a tais criaturas.

— Mas para escória desta... — disse Moody baixinho.

— Dizes que tens nomes para nós, Karkaroff — proferiu Mr. Crouch. — Vamos lá ouvi-los, faz favor.

— Têm de compreender — começou Karkaroff apressadamente — que Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado agia sempre no maior dos segredos... preferia que nós, quer dizer, os seus apoiantes, e lamento agora profundamente ter feito parte deles...

— Adiante — vociferou Moody.

— ... nunca soubemos os nomes de todos os nossos companheiros; ele era o único a saber exactamente quem todos nós éramos...

— O que foi uma precaução sensata, pois evitava que alguém como tu, Karkaroff, os denunciasses, não é? — murmurou Moody.

— Contudo, dizes ter *alguns* nomes para nós? — insistiu Mr. Crouch.

— Eu... tenho, sim — disse Karkaroff ofegante. — E notem que eram apoiantes importantes. Pessoas que vi com os meus próprios olhos cumprirem todas as suas ordens. Dou esta informação como prova de que renuncio total e inteiramente a ele, e sinto remorsos tão profundos que mal consigo...

— E esses nomes são? — interrompeu Mr. Crouch com aspereza.

Karkaroff inspirou profundamente.

— Havia o Antonin Dolohov — disse ele. — Eu... vi-o torturar inúmeros Muggles e... e não-apoiantes do Senhor das Trevas.

— E ajudaste-o a fazê-lo — sussurrou Moody.

— Já detivemos o Dolohov — declarou Crouch. — Foi apanhado pouco depois de ti.

— Palavra? — exclamou Karkaroff, arregalando os olhos. — Eu... fico encantado por ouvir isso!

Mas não parecia. Harry percebia que aquela notícia fora um golpe para ele. Um dos seus nomes não valia nada.

— Mais alguns? — perguntou Crouch friamente.

— Bom, sim... havia o Rosier — respondeu Karkaroff muito depressa.
— O Evan Rosier.

— O Rosier morreu — adiantou Crouch. — Foi também apanhado pouco depois de ti. Preferiu lutar a vir pacificamente e foi morto na contenda.

— E levou com ele um pedaço de mim — segredou Moody à direita de

Harry. Este voltou-se de novo e viu-o a apontar a Dumbledore o grande bocado que lhe faltava no nariz.

— Teve o que merecia! — disse Karkaroff, em cuja voz havia agora autêntico pânico. Harry via bem que ele começava a ficar preocupado com receio de que nenhuma das suas informações fosse útil ao Ministério. Os olhos de Karkaroff dardejaram em direcção à porta do canto, atrás da qual os Dementors se encontravam ainda, seguramente, à espera.

— Mais algum? — indagou Crouch.

— Sim! — afirmou Karkaroff. — Havia o Travers... ajudou a assassinar os McKinnon! O Mulciber... especializou-se na maldição Imperius, obrigou inúmeras pessoas a fazerem coisas terríveis! O Rookwood, que era espião, e passava informações úteis de dentro do próprio Ministério para Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado!

Harry percebeu que, desta vez, Karkaroff acertara em cheio. A multidão da assistência murmurava entre si.

— O Rookwood? — repetiu Mr. Crouch, fazendo um gesto com a cabeça a uma feiticeira sentada diante dele, que começou a escrever no seu pedaço de pergaminho. — O Augustus Rookwood do Departamento dos Mistérios?

— Esse mesmo — confirmou Karkaroff avidamente. — Creio que ele utilizava uma rede de feiticeros bem colocados, tanto no interior do Ministério como fora, para reunir informações.

— Mas o Travers e o Mulciber, já nós temos — disse Mr. Crouch. — Muito bem, Karkaroff, se é tudo, regressarás a Azkaban enquanto nós decidimos.

— Ainda não! — gritou Karkaroff, com ar de desespero. — Esperem, tenho mais!

Harry via-o a transpirar à luz das tochas, a pele branca contrastando vivamente com o preto do cabelo e da barba.

— O Snape! — gritou ele. — O Severus Snape!

— O Snape já foi ilibado por esta comissão — disse Crouch friamente. — Foi afixado por Albus Dumbledore.

— Não! — gritou Karkaroff, esticando as correntes que o amarravam à cadeira. — Garanto-vos! O Severus Snape é um Devorador da Morte!

Dumbledore levantara-se. — Já prestei testemunho sobre este assunto — disse ele calmamente. — O Severus Snape foi realmente Devorador da Morte. No entanto, voltou a juntar-se ao nosso lado antes da queda de Lord Voldemort e ficou como espião nosso, com grande risco pessoal. Agora é tão Devorador da Morte como eu.

Harry virou-se para fitar Moody Olho-Louco que, atrás de Dumbledore,

exibia um ar de profundo cepticismo.

— Muito bem, Karkaroff — disse Crouch friamente —, foste-nos útil. Vou rever o teu caso. Entretanto, regressarás a Azkaban...

A voz de Mr. Crouch esmoreceu. Harry olhou em volta; a masmorra estava a dissolver-se como se fosse feita de fumo; estava tudo a desvanecer-se, só conseguia ver o seu próprio corpo, tudo o resto era um turbilhão negro...

E, então, a masmorra reapareceu. Harry estava sentado num lugar diferente; ainda na bancada mais alta, mas agora do lado esquerdo de Mr. Crouch. O ambiente parecia muito diferente; descontraído, jovial mesmo. Os feiticeiros em redor das paredes conversavam uns com os outros, quase como se estivessem a assistir a um acontecimento desportivo. Uma feiticeira a meio das fileiras de bancadas do lado oposto despertou a atenção de Harry. Tinha cabelo loiro curto, manto carmesim, e mordiscava a ponta de uma pena verde-ácido. Era indubitavelmente Rita Skeeter quando mais nova. Harry olhou em volta; Dumbledore estava de novo sentado a seu lado, com um manto diferente. Mr. Crouch parecia mais cansado e, de certo modo, mais ameaçador, mais sombrio... Harry compreendeu. Era uma recordação diferente, um dia diferente... um julgamento diferente.

A porta do canto abriu-se e Ludo Bagman entrou na sala.

Este, contudo, não era um Ludo Bagman em declínio, mas um Ludo Bagman que estava claramente no auge da sua forma como jogador de Quidditch. Não tinha ainda o nariz partido; era alto, delgado e musculoso. Bagman parecia nervoso quando se sentou na cadeira das correntes, mas esta não o amarrava a si como amarrara Karkaroff, e Bagman, talvez sentindo-se encorajado por isso, olhou em volta para a assistência, acenou a alguns, e esboçou mesmo um pequeno sorriso.

— Ludo Bagman, foste trazido aqui, perante o Conselho da Lei da Magia para responder a acusações relacionadas com as actividades dos Devoradores da Morte — disse Mr. Crouch. — Ouvimos as provas contra ti e estamos prestes a dar o nosso veredicto. Tens alguma coisa a acrescentar ao teu testemunho antes de pronunciarmos a nossa decisão?

Harry mal podia acreditar no que ouvia. *Ludo Bagman, um Devorador da Morte?*

— Apenas — disse Bagman sorrindo desajeitadamente — bem... sei que fui um idiota.

Um ou dois feiticeiros nos lugares ali perto sorriram indulgentemente. Mr. Crouch não parecia partilhar dos seus sentimentos. Fixava Ludo Bagman com uma expressão da maior severidade e aversão.

— Nunca disseste maior verdade, meu rapaz — murmurou alguém em tom cáustico para Dumbledore, nas costas de Harry. Este voltou-se e viu Moody ali sentado de novo. — Se eu não soubesse que ele foi sempre burro, diria que algumas daquelas *bludgers* lhe tinham afectado o cérebro para sempre...

— Ludovic Bagman, foste apanhado a passar informações a apoiantes de Lord Voldemort — declarou Mr. Crouch. — Por isso, sugiro um período de detenção em Azkaban nunca inferior a...

Mas das bancadas em volta ergueu-se um grito de cólera. Vários feiticeiros e feiticeiras tinham-se levantado, sacudindo as cabeças e até os punhos na direcção de Mr. Crouch.

— Mas eu já lhes disse que não fazia a menor ideia! — exclamou Bagman, ansioso, acima do burburinho da multidão, os olhos azuis redondos muito abertos. — A menor ideia! O velho Rookwood era amigo do meu pai... nunca me passou pela cabeça que ele estivesse com o Quem-Nós-Sabemos! Eu pensava que estava a reunir informações para o nosso lado! E o Rookwood dizia sempre que me ia arranjar um lugar no Ministério mais tarde... quando os meus dias do Quidditch terminassem, sabem... quer dizer, não posso passar o resto da vida a levar com *bludgers*, pois não?

Houve risos à socapa na multidão.

— Será sujeito à votação — decidiu Mr. Crouch friamente. Voltou-se para o lado direito da masmorra. — O júri fará o favor de levantar a mão... quem é a favor da detenção...

Harry olhou para o lado direito da masmorra. Nem uma só pessoa levantara a mão. Muitos dos feiticeiros à volta da sala começaram a bater palmas. Uma das feiticeiras do júri levantou-se.

— Sim? — disse Crouch secamente.

— Gostaríamos de felicitar Mr. Bagman pela sua esplêndida exibição no jogo de Quidditch de sábado passado contra a Turquia — disse de um fôlego a feiticeira.

Mr. Crouch parecia furioso. A masmorra ressoava agora de aplausos. Bagman pôs-se de pé e fez uma vénia, sorrindo de orelha a orelha.

— Que indignidade — Mr. Crouch quase cuspiu as palavras para Dumbledore, sentando-se, enquanto Bagman saía da masmorra. — O Rookwood arranja-lhe um lugar, realmente... o dia em que o Ludo Bagman se juntar a nós, será um dia triste para o Ministério...

E a masmorra dissolveu-se de novo. Quando regressou, Harry olhou à volta. Ele e Dumbledore continuavam sentados ao lado de Mr. Crouch, mas o ambiente não podia ser mais diferente. O silêncio era total, quebrado

apenas pelos soluços de uma feiticeira de ar frágil, no lugar a seguir a Mr. Crouch. Apertava um lenço contra a boca com as mãos trémulas. Harry olhou para Crouch e viu que ele parecia mais sombrio e grisalho do que nunca. Tinha os nervos das têmporas contraídos.

— Tragam-nos — disse ele e a sua voz ecoou pela masmorra silenciosa.

A porta do canto voltou a abrir-se. Desta vez entraram seis Dementors, rodeando um grupo de quatro pessoas. Harry viu a multidão virar-se para olhar para Mr. Crouch. Alguns trocaram sussurros.

Os Dementors colocaram cada uma das quatro pessoas nas quatro cadeiras que se viam agora no chão da masmorra. Havia um homem corpulento que fitou inexpressivamente Crouch, um homem mais magro e mais nervoso, cujos olhos percorriam a multidão, uma mulher de cabelo preto brilhante e espesso que quase lhe ocultava os olhos e que estava sentada na cadeira das correntes como se esta fosse um trono, e um rapaz com cerca de vinte anos que parecia absolutamente aterrorizado. Tremia, tinha o cabelo cor de palha todo caído para a cara e a pele sardenta estava de um branco leitoso. A pequena feiticeira ao lado de Crouch começou a balançar-se para trás e para diante no seu lugar, lamuriando, para dentro do lenço.

Crouch levantou-se. Baixou os olhos para os quatro que se encontravam diante dele e no seu rosto havia ódio puro.

— Foram trazidos aqui perante o Conselho da Lei da Magia — proclamou ele claramente — a fim de os podermos julgar por um crime tão odioso...

— Pai — disse o rapaz do cabelo cor de palha. — Pai... por favor...

— ... que raramente ouvimos algo que se lhe assemelhe neste tribunal — continuou Crouch, falando mais alto, abafando a voz do filho. — Ouvimos as provas contra vós. São os quatro acusados de terem capturado um Auror, Frank Longbottom, e de o terem sujeitado à maldição Cruciatus, na crença de que ele tinha conhecimento do paradeiro actual do vosso senhor exilado, Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado...

— Pai, eu não fiz nada disso! — guinchou o rapaz acorrentado lá em baixo. — Juro que não, pai, não me volte a mandar para os Dementors.

— São ainda acusados — uivou Mr. Crouch — de terem usado a maldição Cruciatus na esposa de Frank Longbottom, quando ele não vos forneceu a informação. O vosso plano era voltar a colocar Aquele Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado no poder e retomar a vida de violência que provavelmente levavam quando ele era forte. Peço agora ao júri...

— Mãe! — gritou o rapaz lá em baixo e a pequena feiticeira ao lado de Mr. Crouch começou a soluçar, balançando-se de um lado para o outro. —

Mãe, impeça-o de fazer isto, mãe, eu não fiz nada disso, não fui eu!

— Peço agora ao júri — gritou Mr. Crouch — que levante a mão se acredita, como eu, que estes crimes merecem uma sentença de prisão perpétua em Azkaban.

Em uníssono, todos os feiticeiros e feiticeiras do lado direito da masmorra levantaram as mãos. A multidão começou a bater palmas como fizera com Bagman, os rostos espelhando um triunfo selvagem. O rapaz desatou aos gritos.

— Não! Mãe, não! Eu não fiz nada disso, eu não fiz nada disso, eu não sabia! Não me mandem para lá, não deixe que ele faça isso!

Os Dementors estavam de novo a entrar na sala. Os três companheiros do rapaz ergueram-se dos seus lugares pacificamente; a mulher das pálpebras pesadas ergueu os olhos para Crouch e exclamou: — O Senhor das Trevas voltará a erguer-se, Crouch! Manda-nos para Azkaban, nós esperaremos! Ele erguer-se-á de novo e virá buscar-nos, recompensar-nos-á acima de todos os seus outros apoiantes! Só nós fomos fiéis! Só nós tentámos encontrá-lo!

O rapaz, porém, tentava resistir aos Dementors, embora Harry pudesse ver o poder deles, gelado e esgotante, começar a afectá-lo. A multidão apupava, alguns de pé, enquanto a mulher era arrastada para fora da masmorra e o rapaz continuava a debater-se.

— Eu sou seu filho! — gritou ele para Crouch. — Sou seu filho!

— Tu não és meu filho! — uivou Mr. Crouch, os olhos de súbito quase a saltarem-lhe das órbitas. — Eu não tenho filho!

A pequena feiticeira ao lado dele soltou um débil gemido e escorregou no assento. Tinha desmaiado. Crouch pareceu não reparar.

— Levem-nos! — rugiu ele para os Dementors, a espumar pela boca. — Levem-nos e que eles apodreçam lá!

— Pai! Pai, eu não estive envolvido nisto! Não! Não! Pai, por favor!

— Penso que é altura de voltares ao meu gabinete, Harry — disse uma voz baixa ao ouvido de Harry.

Harry deu um salto. Olhou para o lado. Depois olhou para o lado oposto.

Havia um Albus Dumbledore sentado à sua direita, vendo o filho de Crouch a ser arrastado pelos Dementors... e havia um Albus Dumbledore à sua esquerda, olhando a direito para ele.

— Anda — disse o Dumbledore da esquerda, passando a mão sob o cotovelo de Harry. Este sentiu-se a subir no ar; a masmorra dissolveu-se à sua volta; durante um momento tudo foi trevas e, então, sentiu como se tivesse dado uma cambalhota em câmara lenta, aterrando de repente, de pé, no que lhe pareceu a luz ofuscante do gabinete de Dumbledore, batido pelo

sol. A bacia de pedra reluzia levemente no armário diante dele e Albus Dumbledore estava a seu lado.

— Professor — disse Harry ofegante —, eu sei que não devia... eu não queria... a porta do armário estava meio aberta e...

— Compreendo perfeitamente — disse Dumbledore. Ergueu a bacia, levou-a para a sua secretária, poisou-a em cima do tampo polido e sentou-se na cadeira por detrás dela. Fez sinal a Harry para se sentar do lado oposto.

Harry sentou-se, fitando embasbacado a bacia de pedra. O conteúdo tinha voltado ao seu estado original, branco-prateado, girando e ondulando sob o seu olhar.

— O que é isso? — perguntou Harry abalado.

— Isto? Chama-se um Pensatório — afirmou Dumbledore. — Às vezes acho, e estou certo de que conheces essa sensação, que tenho demasiados pensamentos e recordações amontoados na minha mente.

— Hum — fez Harry que, para falar verdade, não podia dizer que alguma vez tivesse sentido algo que se parecesse com isso.

— Nessas alturas — explicou Dumbledore, indicando a bacia de pedra — eu uso o Pensatório. Uma pessoa limita-se a extrair o excesso de pensamentos da sua mente, despeja-os na bacia, e depois examina-os quando lhe apetece. Tor na-se mais fácil encontrar padrões e relações quando eles estão nesta forma, compreendes.

— Quer dizer... que esta coisa são os seus *pensamentos*? — exclamou Harry fixando a substância branca que remoinhava na bacia.

— Precisamente — confirmou Dumbledore. — Eu mostro-te.

Dumbledore tirou a varinha do interior do manto e colocou a ponta no seu cabelo prateado, junto à têmpora. Quando retirou a varinha, parecia haver cabelos agarrados a ela, mas depois Harry viu que, de facto, era um fio reluzente da mesma estranha substância branco-prateada que enchia o Pensatório. Dumbledore acrescentou esse pensamento novo à bacia, e Harry, atónito, viu a sua própria cara a boiar à superfície.

Dumbledore poisou as suas longas mãos sobre cada lado do Pensatório e sacudiu-o, quase como um pesquisador de ouro sacudiria a peneira à procura de pepitas de ouro... e Harry viu a sua cara transformar-se suavemente na de Snape, que abriu a boca e falou para o tecto, a voz a ressoar. — Está a regressar... a do Karkaroff também... mais forte e nítida do que nunca...

— Uma relação que eu podia ter estabelecido sem auxílio — suspirou Dumbledore —, mas não faz mal. — Espreitou por cima dos óculos em forma de meia-lua para Harry, que olhava de boca aberta para a cara de

Snape, a qual continuava a girar na bacia. — Eu estava a usar o Pensatório quando Mr. Fudge chegou para o nosso encontro e guardei-o um tanto à pressa. Sem dúvida, não fechei bem a porta do armário. Naturalmente, é uma coisa que não podia deixar de atrair a tua atenção.

— Desculpe — murmurou Harry.

Dumbledore abanou a cabeça.

— A curiosidade não é um pecado — afirmou ele. — Mas devemos ter cautela com ela... sim, sem dúvida...

Franzindo ligeiramente a testa, agitou os pensamentos no interior da bacia com a ponta da varinha. De imediato, ergueu-se de lá a figura de uma rapariga roliça, com cerca de dezasseis anos e ar carrancudo, que começou a girar lentamente, os pés ainda dentro da bacia. Ignorou completamente Harry e o professor Dumbledore. Quando falou, a sua voz ressoou como acontecera com a de Snape, como se viesse das profundezas da bacia de pedra: «Ele lançou-me um feitiço, professor Dumbledore, e eu só estava a brincar com ele, só disse que o tinha visto beijar a Florence atrás da estufa na quinta-feira passada...»

— Mas porquê, Bertha? — interrogou Dumbledore tristemente, fitando a rapariga que agora rodava em silêncio. — Por que é que o foste seguir?

— Bertha? — segredou Harry, erguendo os olhos para ela. — É... era a Bertha Jorkins?

— Sim — respondeu Dumbledore, agitando de novo os pensamentos na bacia; Bertha voltou a mergulhar neles e eles tornaram-se de novo prateados e opacos. — Aquela era a Bertha como eu me lembro dela na escola.

A luz prateada do Pensatório iluminava o rosto de Dumbledore e Harry pensou de repente que ele parecia muito velho. Sabia, claro, que o director ia avançado em anos, mas de certo modo nunca tinha realmente pensado nele como um velho.

— Então, Harry — disse Dumbledore serenamente. — Antes de teres ficado perdido nos meus pensamentos, querias dizer-me qualquer coisa.

— Sim — respondeu Harry. — Professor... eu estava na aula de Artes Divinatórias ainda há pouco e... hã... adormeci.

Aqui hesitou, perguntando-se se iria ouvir uma desanda, mas Dumbledore limitou-se a dizer: — Perfeitamente compreensível. Continua.

— Bem, tive um sonho — prosseguiu Harry. — Um sonho sobre Lord Voldemort. Ele estava a torturar o Wormtail... sabe quem é o Wormtail...

— Sei, sim — disse imediatamente Dumbledore. — Continua, por favor.

— O Voldemort recebeu uma carta de uma coruja. Disse qualquer coisa do género de o erro do Wormtail ter sido reparado. Disse que alguém tinha

morrido. Depois disse que não serviria de alimento para a cobra... havia uma cobra ao lado da sua cadeira. Ele disse... disse que me usaria antes a mim. Depois lançou a maldição Cruciatu no Wormtail... e a minha cicatriz doeu-me — concluiu Harry. — Doe-me tanto que acordei.

Dumbledore limitou-se a olhar para ele.

— Bem... é tudo — disse Harry.

— Estou a ver — comentou Dumbledore em voz baixa. — Estou a ver. Bom, a tua cicatriz doeu-te alguma outra vez este ano, exceptuando aquela em que te acordou no Verão?

— Não, eu... como é que sabia que me acordou no Verão? — perguntou Harry, espantado.

— Tu não és o único que se corresponde com o Sirius — respondeu Dumbledore. — Eu também tenho estado em contacto com ele desde que deixou Hogwarts o ano passado. Fui eu quem sugeriu a gruta da montanha como o lugar mais seguro para ele ficar.

Dumbledore levantou-se e começou a andar de um lado para o outro atrás da secretária. De vez em quando tocava com a ponta da varinha na tampo, removia mais um reluzente pensamento prateado e acrescentava-o ao Pensatório. Os pensamentos lá dentro começaram a girar tão depressa que Harry não conseguia distinguir nada com clareza; era apenas uma mancha de cor.

— Professor! — disse ele baixinho após alguns minutos.

Dumbledore estacou e olhou para Harry.

— Desculpa — disse ele. Voltou a sentar-se à secretária.

— Sabe... sabe por que é que a minha cicatriz anda a doer-me?

Dumbledore fitou-o durante um instante e depois disse: — Tenho uma teoria, nada mais... Estou convencido de que a tua cicatriz dói quando Lord Voldemort está perto de ti, ou quando ele sente um impulso particularmente violento de ódio.

— Mas... porquê?

— Porque tu e ele estão ligados pela maldição que falhou — respondeu Dumbledore. — Essa não é uma cicatriz vulgar.

— Então, pensa... que aquele sonho... aconteceu mesmo?

— É possível — disse Dumbledore. — Eu diria mesmo provável. Harry... viste o Voldemort?

— Não — respondeu Harry. — Apenas as costas da sua cadeira. Mas... não haveria nada para ver, pois não? Quer dizer, ele não tem corpo, pois não? Mas... mas então como é que podia ter pegado na varinha? — acrescentou Harry lentamente.

— Como, de facto? — murmurou Dumbledore. — Como...

Nem Dumbledore nem Harry falaram durante um bocado. Dumbledore fitava o outro extremo da sala, levando de vez em quando a varinha à têmpera e acrescentando outro pensamento reluzente e prateado à massa revolta no interior do Pensatório.

— Professor — disse Harry finalmente —, acha que ele está a ficar mais forte?

— O Voldemort? — perguntou Dumbledore, olhando para Harry por cima do Pensatório. Era o característico olhar penetrante que já lhe havia dirigido noutras ocasiões e que fazia sempre Harry sentir-se como se Dumbledore conseguisse ler-lhe os pensamentos, de uma maneira que nem o olho mágico de Moody conseguia. — Uma vez mais, Harry, posso apenas dizer-te as minhas suspeitas.

Dumbledore voltou a suspirar e pareceu mais velho e exausto do que nunca.

— Os anos da ascensão do Voldemort ao poder — prosseguiu — foram marcados por desaparecimentos. A Bertha Jorkins evaporou-se sem deixar traço no local onde o Voldemort foi visto com certeza pela última vez. Também Mr. Crouch desapareceu... no interior deste mesmo recinto. E houve um terceiro desaparecimento, um que, lamento dizê-lo, o Ministério não considera importante porque diz respeito a um Muggle. Chama-se Frank Bryce, vivia na vila onde o pai do Voldemort cresceu e não é visto desde Agosto passado. Sabes, ao contrário da maioria dos meus amigos do Ministério, eu leio os jornais dos Muggles.

Dumbledore olhou muito sério para Harry. — Estes desaparecimentos parecem-me relacionados uns com os outros. O Ministério discorda... como talvez tenhas ouvido, enquanto esperavas do lado de fora do meu gabinete.

Harry anuiu. O silêncio instalou-se de novo entre eles. Dumbledore extraía pensamentos de vez em quando. Harry sentia que devia ir-se embora, mas a curiosidade prendia-o à cadeira.

— Professor! — disse ele novamente.

— Sim, Harry?

— Bem... posso perguntar-lhe o que... aquele tribunal em que eu estive... no Pensatório?

— Podes, sim — retorquiu Dumbledore abatido. — Compareci ali muitas vezes, mas alguns julgamentos vêm-me à cabeça com mais nitidez do que outros... particularmente agora...

— Sabe... sabe o julgamento em que me encontrou? O que tinha o filho do Crouch? Bem... eles estavam a falar dos pais do Neville?

Dumbledore dirigiu a Harry um olhar penetrante.

— O Neville nunca te contou por que é que foi criado pela avó? — perguntou ele.

Harry abanou negativamente a cabeça, perguntando-se como poderia ter-se esquecido de perguntar isso a Neville, em quase quatro anos de conhecimento.

— Sim, estavam a falar dos pais do Neville — confirmou Dumbledore.

— O pai, Frank, era Auror, tal como o professor Moody. Ele e a mulher foram torturados para darem informações sobre o paradeiro de Voldemort depois de ele ter perdido os seus poderes, como ouviste.

— Portanto, morreram? — perguntou Harry baixinho.

— Não — respondeu Dumbledore, a voz carregada de uma amargura que Harry nunca lhe ouvira antes —, estão loucos. Estão ambos no Hospital de São Mungo de Doenças e Lesões Mágicas. Creio que o Neville os visita, com a avó, durante as férias. Eles não o reconhecem.

Harry ficou ali sentado, petrificado de horror. Nunca imaginara... em quatro anos, nunca se dera ao trabalho de indagar...

— Os Longbottom eram muito populares — prosseguiu Dumbledore. — Foram atacados após a queda do Voldemort do poder, precisamente quando toda a gente se considerava segura. Esses ataques provocaram uma onda de fúria como eu nunca vi. O Ministério sofreu grandes pressões para apanhar os seus autores. Infelizmente, o testemunho dos Longbottom... dado o seu estado... não era muito fiável.

— Então, o filho de Mr. Crouch podia não ter estado envolvido naquilo? — disse Harry lentamente.

Dumbledore abanou a cabeça. — Quanto a isso, não faço a menor ideia.

Harry ficou uma vez mais silencioso, vendo o conteúdo do Pensatório rodopiar. Havia mais duas perguntas a queimarem-lhe a língua... mas referiam-se a culpas de pessoas vivas...

— Hum... — fez ele... — Mr. Bagman...

— ... nunca mais voltou a ser acusado de qualquer actividade ligada ao lado Negro, desde então — disse Dumbledore calmamente.

— Certo — apressou-se Harry a dizer, fixando novamente o conteúdo do Pensatório, que rodopiava mais lentamente agora que Dumbledore deixara de lhe acrescentar pensamentos. — E... há...

Mas o Pensatório parecia estar a fazer a pergunta por ele. A cara de Snape boiava de novo à superfície. Dumbledore baixou os olhos para ela e depois ergueu-os para Harry.

— E o professor Snape também não — disse ele.

Harry fitou os olhos azul-claros de Dumbledore e aquilo que ele queria realmente saber saiu-lhe da boca para fora antes de conseguir conter-se. —

O que o levou a pensar que ele tinha realmente deixado de apoiar o Voldemort, professor?

Dumbledore sustentou o olhar de Harry durante alguns segundos e depois afirmou: — Isso, Harry, é um assunto entre mim e o professor Snape.

Harry sabia que a entrevista terminara; Dumbledore não parecia zangado, mas havia uma determinação no seu tom que indicou a Harry ser altura de partir. Levantou-se e Dumbledore fez o mesmo.

— Harry — disse ele quando o rapaz chegou à porta. — Por favor, não fale dos pais do Neville a mais ninguém. Ele tem o direito de ser ele a dizer às pessoas, quando estiver preparado para isso.

— Com certeza, professor — afirmou Harry e voltou-se para sair.

— E...

Harry olhou para trás. Dumbledore estava inclinado sobre o Pensatório, o rosto iluminado por baixo pelos focos de luz prateada, parecendo mais velho que nunca. Fitou Harry durante um instante e depois disse: — ... felicidades para a terceira tarefa.

XXXI

A TERCEIRA TAREFA

—O Dumbledore também acha que o Quem-Nós-Sabemos está a ficar mais forte — segredou Ron.

Harry tinha já partilhado com Ron e Hermione tudo o que tinha visto no Pensatório e quase tudo o que Dumbledore lhe contara e mostrara... e, claro, com Sirius, a quem enviara uma coruja logo que saíra do gabinete de Dumbledore. Nessa noite ficaram novamente acordados até tarde na sala comum, a debater o assunto até Harry ter a cabeça tão tonta que percebeu o que Dumbledore tinha querido dizer quando afirmara ter a cabeça tão cheia de pensamentos que teria sido um alívio extraí-los de lá.

Ron fixava a lareira da sala. Harry pensou vê-lo arrepiar-se ligeiramente, apesar de a noite estar quente. — E ele confia no Snape? — perguntou Ron. — Confia realmente no Snape, apesar de saber que ele foi Devorador da Morte?

— Confia — confirmou Harry.

Hermione não falava há dez minutos. Estava sentada com a testa apoiada nas mãos, de olhos fixos nos joelhos. Harry pensou que, pelo seu ar, um Pensatório também lhe daria jeito. — A Rita Skeeter — murmurou ela finalmente.

— Como é que podes estar preocupada com ela agora? — exclamou Ron, incrédulo.

— Não estou preocupada com ela — disse Hermione para os joelhos. — Estou apenas a pensar... lembram-se do que ela me disse no Três Vassouras? «Eu sei coisas acerca do Ludo Bagman que te poriam os cabelos em pé.» Era a isto que ela se referia, não era? Ela relatou o julgamento dele, sabia que ele tinha passado informações aos Devoradores da Morte. E a Winky também, lembram-se... «Mr. Bagman feiticeiro

mau.» Mr. Crouch deve ter ficado furioso por ele se ter safado, deve ter falado nisso em casa.

— Sim, mas o Bagman não passou informações de propósito, pois não? Hermione encolheu os ombros.

— E o Fudge acha que a Madame Maxime atacou o Crouch? — perguntou Ron virando-se de novo para Harry.

— Sim — disse Harry —, mas só diz isso, porque o Crouch desapareceu perto da carruagem de Beauxbatons.

— Nós nunca pensámos nela, pois não? — observou Ron lentamente. — É preciso ver que ela tem indubitavelmente sangue de gigante e não quer admiti-lo...

— É claro que não — retorquiu Hermione em tom áspero, levantando os olhos. — Olha o que aconteceu ao Hagrid quando a Rita descobriu aquilo da mãe dele. Olha para o Fudge, a tirar conclusões apressadas sobre ela, só porque tem sangue de gigante. Quem é que quer aguentar esse tipo de preconceito? Eu provavelmente também preferia afirmar que tinha os ossos grandes, se soubesse o que me esperava dizendo a verdade.

Hermione consultou o relógio.

— Não praticámos nada! — exclamou ela chocada. — Íamos treinar o Feitiço do Estorvo! Vamos mesmo ter de nos concentrar nele amanhã! Embora, Harry. Tu precisas de dormir.

Harry e Ron subiram devagar para o dormitório. Ao enfiar o pijama, Harry olhou para a cama de Neville. Fiel à palavra dada a Dumbledore, não contara nada sobre os pais de Neville a Ron e a Hermione. Tirou os óculos e subiu para a cama, imaginando como seria a sensação de ter os pais ainda vivos, mas incapazes de o reconhecerem. Era frequente os estranhos demonstrarem compaixão por ele ser órfão, mas ao ouvir o ressonar de Neville, pensou que o colega era mais digno disso que ele. Ali deitado no escuro, Harry sentiu um ímpeto de cólera e ódio para com as pessoas que tinham torturado Mr. e Mrs. Longbottom... recordou os apupos da multidão enquanto o filho de Crouch e os seus companheiros eram arrastados pelos Dementors para fora do tribunal... compreendeu como eles se tinham sentido... a seguir recordou a cara descorada do rapaz aos gritos, e lembrou-se, com um sobressalto, de que ele tinha morrido um ano depois...

Era Voldemort, pensou Harry, fixando o dossel da sua cama no escuro, ia tudo dar a Voldemort... fora ele quem separara aquelas famílias, que arruinara todas aquelas vidas...

Ron e Hermione deveriam estar a fazer revisões para os exames, que terminavam no dia da terceira tarefa, mas estavam, de facto, a dedicar a maior parte do seu tempo a ajudar Harry a preparar-se.

— Não te preocupes — disse Hermione bruscamente, quando Harry lhes fez notar isso mesmo, declarando que não se importava de praticar sozinho durante um tempo. — Pelo menos vamos ter a nota máxima em Defesa Contra a Magia Negra; nunca teríamos descoberto todos estes feitiços nas aulas.

— É um bom treino para quando formos Aurors — acrescentou Ron entusiasmado, tentando o Feitiço do Estorvo numa vespa que entrara a zumbir na sala e fazendo-a imobilizar-se no ar.

Com a chegada de Junho, a atmosfera no castelo voltara a ficar tensa de excitação. Todos aguardavam com ansiedade a terceira tarefa, que teria lugar uma semana antes do fim do período. Harry praticava feitiços em todos os momentos livres. Sentia-se mais confiante em relação àquela tarefa do que em relação a qualquer das outras. Embora fosse indubitavelmente difícil e perigosa, Moody tinha razão: Harry já antes se conseguira desvencilhar de criaturas monstruosas e barreiras encantadas e, desta vez, tivera aviso prévio, o que era uma oportunidade de se preparar para o que o aguardava.

Farta de tropeçar neles por todo o lado, a professora McGonagall dera licença a Harry para usar a sala de aulas de Transfiguração, que estava vazia à hora do almoço. Ele depressa dominara a técnica do Feitiço do Estorvo, um encantamento para atrasar e estorvar atacantes, do Feitiço de Pulverização, que lhe permitiria remover objectos sólidos do seu caminho, e do Feitiço dos Quatro Pontos, uma útil descoberta de Hermione que faria a sua varinha apontar para norte, permitindo-lhe assim confirmar se seguia na direcção certa no interior do labirinto. No entanto, Harry ainda estava a ter algumas dificuldades com o Feitiço do Escudo Invisível. Esse devia criar uma barreira invisível temporária em volta dele que afastasse as maldições menores; Hermione conseguira furá-la com um bem dirigido Feitiço das Pernas Bambas. Harry andara a cambalear pela sala durante dez minutos antes de ela encontrar o feitiço que o neutralizava.

— Mesmo assim, vais muitíssimo bem — disse Hermione encorajadoramente, consultando a sua lista e riscando os feitiços que já tinham aprendido. — Alguns destes não-de fazer-te jeito.

— Venham cá ver isto — chamou Ron, que estava junto da janela e olhava lá para fora. — O que está o Malfoy a fazer?

Harry e Hermione foram ver. Malfoy, Crabbe e Goyle estavam lá em baixo à sombra de uma árvore. Crabbe e Goyle pareciam estar de vigia;

sorriam ambos maliciosamente. Malfoy levava a mão à boca e estava a falar para ela.

— Parece estar a usar um *walkie-talkie* — comentou Harry curioso.

— Não pode ser — declarou Hermione. — Já vos disse que esse tipo de coisas não funciona em Hogwarts. Anda, Harry — acrescentou ela vivamente, voltando costas à janela e regressando ao meio da sala —, vamos lá tentar outra vez esse Feitiço do Escudo Invisível.

Sirius mandava-lhe agora corujas diariamente. Tal como Hermione, parecia querer concentrar-se em fazer Harry ultrapassar a terceira tarefa, antes de se preocuparem com qualquer outra coisa. Recordava a Harry em todas as cartas que o que quer que se estivesse a passar fora das paredes de Hogwarts não era da sua responsabilidade, nem Harry tinha poder para ter nisso qualquer influência.

Se o Voldemort está realmente a ficar mais forte [escrevera ele], a minha prioridade é garantir a tua segurança. Ele não pode esperar atingir-te enquanto estiveres sob a protecção do Dumbledore, mas mesmo assim não corras riscos: concentra-te em passares por esse labirinto são e salvo e depois podemos voltar a nossa atenção para outros assuntos.

À medida que o dia 24 de Junho se aproximava, o nervosismo de Harry aumentava, mas não era tão forte como antes da primeira e segunda tarefas. Por um lado, tinha a certeza de que, desta vez, fizera tudo o que lhe era possível para se preparar. E, depois, este era o obstáculo final, e por muito bem ou mal que se saísse, o Torneio acabaria finalmente, o que seria um enorme alívio.

*

Na manhã da terceira tarefa, o pequeno-almoço na mesa dos Gryffindor foi muito ruidoso. As corujas surgiram trazendo a Harry um cartão de Sirius a desejar-lhe felicidades. Era apenas um pedaço de pergaminho, dobrado e com a marca de uma pata lamacenta, mas Harry apreciou-o na mesma. Chegou um mocho para Hermione, transportando o seu exemplar da manhã d'*O Profeta Diário* como habitualmente. Ela abriu o jornal, deitou um olhar à primeira página e atirou-lhe por cima uma golada inteira de sumo de abóbora.

— O que foi? — perguntaram Harry e Ron ao mesmo tempo, olhando para ela.

— Nada — disse Hermione muito depressa, tentando fazer desaparecer o

jornal, mas Ron agarrou-o.

Fixou o cabeçalho e exclamou: — Nem pensar. Hoje não. Que *vaca!*

— O que foi? — insisitiu Harry. — Outra vez a Rita Skeeter?

— Não — disse Ron e, tal como Hermione, tentou ocultar o jornal.

— É sobre mim, não é? — perguntou Harry.

— Não — negou Ron, num tom de voz nada convincente.

Mas antes de Harry poder reclamar o jornal, Draco Malfoy gritou da mesa dos Slytherin do outro lado do Salão.

— Eh, Potter! *Potter!* Como está a tua cabeça? Sentes-te bem? Tens a certeza de que não vais brindar-nos com nenhuma fúria?

Malfoy segurava igualmente um exemplar d'*O Profeta Diário*. De ambos os lados da mesa havia Slytherin a rir, virados nas suas cadeiras para verem a reacção de Harry.

— Deixa-me ver isso — disse Harry a Ron. — Dá cá.

Com grande relutância, Ron entregou-lhe o jornal. Harry virou-o e viu-se a olhar para uma fotografia sua, por cima de um título a letras garrafais:

HARRY POTTER «PERTURBADO E PERIGOSO»

O rapaz que derrotou Aquele Cujo Nome Não Pode Ser Pronunciado é instável e possivelmente perigoso, escreve Rita Skeeter, Correspondente Especial. *Vieram recentemente à luz provas alarmantes sobre o estranho comportamento de Harry Potter, que lançam dúvidas sobre se será apropriado que ele dispute uma competição tão exigente como o Torneio dos Três Feiticeiros, ou mesmo que frequente a Escola de Hogwarts.*

Potter, como O Profeta Diário pode revelar em exclusivo, desmaia com regularidade na escola e é ouvido com frequência a queixar-se de dores na cicatriz da testa (reliquia da maldição com que o Quem-Nós-Sabemos tentou matá-lo). Na segunda-feira passada, a meio de uma aula de Artes Divinatórias, a repórter d'O Profeta Diário viu Potter sair desenfreado da aula, alegando que a cicatriz lhe doía demasiado para continuar a estudar.

Segundo peritos do Hospital de São Mungo de Doenças e Lesões Mágicas, é possível que o cérebro de Potter tenha ficado afectado pelo ataque do Quem-Nós-Sabemos e que a sua insistência em afirmar que a cicatriz ainda lhe dói seja uma expressão da sua confusão profundamente enraizada.

«Ele até pode estar a fingir», disse um especialista, «isto pode ser um pedido de atenção.»

No entanto, O Profeta Diário descobriu factos preocupantes acerca de Harry Potter que Aldus Dumbledore, director de Hogwarts, tem ocultado cuidadosamente do público feiticeiro.

«Potter é serpentês», revela Draco Malfoy, um estudante do quarto ano em Hogwarts. «Houve uma série de ataques a estudantes há dois anos e a maior parte das pessoas pensou que o seu autor era Potter depois de o terem visto enfurecer-se num Clube de Esgrima e aticar uma cobra contra outro rapaz. Todavia, foi tudo abafado. Mas ele também tem amizades com lobisomens e gigantes. Nós achamos que ele é capaz de tudo por algum poder.»

Ser serpentês, isto é, ter a capacidade de conversar com cobras, há muito que é considerado uma Arte de Magia Negra. Na realidade, o mais famoso serpentês da nossa época é o próprio Quem-Nós-Sabemos. Um membro da Liga da Defesa contra as Forças do Mal, que deseja permanecer incógnito, declarou que considera qualquer feiticeiro que seja serpentês «alvo de investigação. Pessoalmente, desconfiaria muitíssimo de alguém que sabe falar com cobras, dado que as serpentes são frequentemente usadas no pior tipo de Magia Negra, e encontram-se historicamente associadas a entes malévolos». Do mesmo modo, «quem procura a companhia de criaturas perversas como lobisomens e gigantes parecer-me-ia ter uma queda para a violência».

Albus Dumbledore devia, sem dúvida, ponderar se deveria ser permitido a um rapaz assim competir no Torneio dos Três Feiticeiros. Há quem receie que Potter possa recorrer à Magia Negra na sua ânsia desesperada de vencer o Torneio, cuja terceira tarefa decorrerá esta tarde.

— Atira-se a mim a valer, hem? — disse Harry despreocupadamente, dobrando o jornal.

Na mesa dos Slytherin, Malfoy, Crabbe e Goyle riam-se dele, batendo nas cabeças com os dedos, fazendo caretas grotescas e agitando as línguas como serpentes.

— Como é que ela soube que a tua cicatriz te doeu na aula de Artes Divinatórias? — perguntou Ron. — Não havia hipótese de ela lá estar, não havia hipótese de ela ter ouvido.

— A janela estava aberta — afirmou Harry. — Abri-a para respirar.

— Estavas no topo da Torre Norte! — exclamou Hermione. — A tua voz não podia ter chegado até cá abaixo!

— Bem, és tu quem anda a pesquisar métodos mágicos de escuta! — ripostou Harry. — Diz-me tu como é que ela fez isso!

— Eu tenho-me esforçado! — retorquiu Hermione. — Mas... mas...

Uma estranha expressão sonhadora perpassou de súbito pelo rosto de Hermione. Levantou a mão devagar e passou os dedos pelos cabelos.

— Estás bem? — perguntou Ron, de testa franzida.

— Estou — disse Hermione ofegante. Voltou a passar os dedos pelos cabelos e depois levou a mão à boca, como se estivesse a falar por um *walkie-talkie* invisível. Harry e Ron olharam um para o outro espantados.

— Tive uma ideia — disse Hermione, de olhar fixo no espaço. — Penso que sei... porque assim ninguém conseguiria ver... mesmo o Moody... e ela conseguiria ter chegado ao parapeito da janela... mas ela não pode... ela não pode *mesmo*... penso que a apanhámos! Dêem-me só dois segundos na biblioteca... só para confirmar!

E com isso, Hermione agarrou no saco e precipitou-se para fora do Salão.

— Eh! — chamou Ron. — Nós temos exame de História da Magia daqui a dez minutos! Caramba! — exclamou ele voltando-se de novo para Harry —, ela deve realmente detestar aquela Skeeter para se arriscar a perder o princípio de um exame. O que vais tu fazer durante a aula do Binns... ler outra vez?

Sendo um dos campeões do Torneio, Harry fora dispensado dos testes de fim de período e tinha passado todas as aulas de exames sentado na última fila a procurar feitiços novos para a terceira tarefa.

— Acho que sim — respondeu Harry, mas precisamente nessa altura, a professora McGonagall deslocou-se ao longo da mesa dos Gryffindor em direcção a ele.

— Potter, os campeões reúnem-se no gabinete anexo ao Salão a seguir ao pequeno-almoço — informou ela.

— Mas a tarefa é só à noite! — disse Harry, entornando ovos mexidos por cima de si, receoso de ter confundido as horas.

— Eu sei isso, Potter — retorquiu ela. — As famílias dos campeões são convidadas para assistir à tarefa final, sabes? Isto é simplesmente uma oportunidade para os ires cumprimentar.

E afastou-se. Harry ficou de boca aberta.

— Ela não está à espera de que os Dursley apareçam, pois não? — perguntou ele a Ron com ar confuso.

— Não sei — respondeu Ron. — Harry, eu tenho de me despachar senão chego atrasado ao Binns. Até logo.

Harry terminou o pequeno-almoço no Salão, que ia ficando vazio. Viu Fleur Delacour levantar-se da mesa dos Ravenclaw e juntar-se a Cedric quando ele atravessou para o gabinete lateral, e entrou. Pouco depois,

Krum foi reunir-se-lhes no seu passo desengonçado. Harry deixou-se ficar onde estava. Não queria realmente entrar naquele gabinete. Não tinha família — pelo menos, família que aparecesse para o ir ver arriscar a vida. Porém, justamente quando se ia a levantar, pensando que o melhor era ir até à biblioteca fazer mais umas revisões de feitiços, a porta do gabinete abriu-se e Cedric deitou a cabeça de fora.

— Anda lá, Harry, estão à tua espera!

Totalmente perplexo, Harry pôs-se em pé. Não era possível que os Dursley ali estivessem, pois não? Atravessou o Salão e abriu a porta do gabinete.

Cedric e os pais encontravam-se logo à entrada. Viktor Krum estava num canto, a conversar animadamente com os pais, em búlgaro. Herdara os cabelos negros de ambos e o nariz adunco do pai. Do outro lado da sala, Fleur tagarelava em francês com a mãe. A irmã mais nova, Gabrielle, dava a mão à mãe. Acenou a Harry, que lhe retribuiu o gesto. Então, viu Mrs. Weasley e Bill diante da lareira, dirigindo-lhe grandes sorrisos.

— Surpresa! — disse Mrs. Weasley muito excitada, enquanto Harry sorria abertamente e se dirigia para eles. — Lembrámo-nos de te vir ver, Harry! — Curvou-se e deu-lhe um beijo na face.

— Estás bem? — perguntou Bill, a rir-se para Harry e apertando-lhe a mão. — O Charlie queria vir, mas não conseguiu que o dispensassem. — Disse que tu foste incrível contra o Cauda-de-Chifre.

Harry reparou que Fleur Delacour estava a observar Bill com grande interesse por cima do ombro da mãe. Harry viu claramente que ela não fazia qualquer objecção a cabelos compridos ou brincos com dentes pendurados.

— Isto é muito simpático da vossa parte — murmurou ele para Mrs. Weasley. — Por um momento pensei... os Dursley...

— Hum — fez Mrs. Weasley, apertando os lábios. Ela sempre se absteria de criticar os Dursley diante de Harry, mas os seus olhos faiscavam de cada vez que se falava neles.

— É fixe estar novamente aqui — comentou Bill, olhando em volta (Violet, a amiga da Dama Gorda, piscou-lhe o olho do retrato). — Há cinco anos que não via isto. O quadro do Cavaleiro Louco ainda por cá está? Sir Cadogan?

— Está, pois — confirmou Harry, que conhecera Sir Cadogan no ano anterior.

— E a Dama Gorda? — perguntou Bill.

— Essa já cá estava no meu tempo — disse Mrs. Weasley. — Pregou-me um raspanete uma noite em que eu voltei ao dormitório às quatro da

manhã.

— O que é que andava a fazer fora do dormitório às quatro da manhã, mãe? — perguntou Bill, observando Mrs. Weasley com ar atónito.

Mrs. Weasley riu, com os olhos a cintilarem.

— O teu pai e eu tínhamos ido dar um passeio nocturno — respondeu ela. — Ele foi apanhado pelo Apollyon Pringle, que era o encarregado nessa altura, e ainda tem as marcas.

— E se nos levasse a dar uma volta por aqui, Harry? — pediu Bill.

— Vamos — concordou Harry, e voltaram para o Salão.

Ao passarem por Amos Diggory, este voltou-se. — Ah, cá estás tu, hem? — disse ele, olhando Harry de cima abaixo. — Aposto que já não estás tão cheio de vento agora que o Cedric te igualou em pontos, pois não?

— O quê? — indagou Harry.

— Não lighes — disse Cedric em voz baixa a Harry, franzindo o sobrolho ao pai. — Anda irritado desde o artigo da Rita Skeeter sobre o Torneio dos Três Feiticeiros... aquele em que ela afirmou que tu eras o único campeão de Hogwarts!

— Mas ele não se deu ao trabalho de a corrigir, pois não? — observou Amos Diggory em voz suficientemente alta para Harry o ouvir, enquanto este passava pela porta com Mrs. Weasley e Bill. — Mas tu vais mostrar-lhe como é, Ced. Já o venceste uma vez, hem?

— A Rita Skeeter tem prazer em provocar sarilhos, Amos! — comentou Mrs. Weasley zangada. — Pensava que tu, trabalhando no Ministério, soubesses isso!

Mr. Diggory estava com ar de quem ia dar uma resposta agreste, mas a mulher poisou-lhe a mão no braço e ele limitou-se a encolher os ombros e a voltar costas.

Harry teve uma manhã muito agradável a passear pelos campos soalheiros com Bill e Mrs. Weasley, mostrando-lhes a carruagem de Beauxbatons e o navio de Durmstrang. Mrs. Weasley ficou intrigada com o Salgueiro Zurzidor, que fora plantado depois de ela deixar a escola, e desfiou longamente as suas recordações do guarda anterior a Hagrid, um homem chamado Ogg.

— Como está o Percy? — perguntou Harry, ao circundarem as estufas.

— Não muito bem — respondeu Bill.

— Está muito transtornado — explicou Mrs. Weasley, baixando a voz e olhando em volta. — O Ministério quer manter o desaparecimento de Mr. Crouch em segredo, mas o Percy foi chamado para o interrogarem acerca das instruções que Mr. Crouch lhe tem vindo a mandar. Parecem considerar a hipótese de não terem sido escritas por ele. O Percy tem andado sob

grande tensão. Não o vão deixar substituir Mr. Crouch como quinto juiz esta noite. Quem vai lá estar é o Cornelius Fudge.

Regressaram, entretanto, ao castelo para o almoço.

— Mãe! Bill! — exclamou Ron com um ar espantadíssimo quando chegou à mesa dos Gryffindor. — O que é que estão a fazer aqui?

— Viemos ver o Harry na última tarefa! — disse alegremente Mrs. Weasley. — Devo confessar que é muito agradável não ter de cozinhar. Como correu o teu exame?

— Oh... bem — respondeu Ron. — Não consegui lembrar-me de todos os nomes dos duendes rebeldes, por isso inventei alguns. Não tem importância — disse ele, servindo-se de um pastel de carne, ao ver o ar severo de Mrs. Weasley —, todos eles se chamam coisas do género Bodrod, *o Barbudo*, ou Urg, *o Imundo*, por isso não foi difícil.

Fred, George e Ginny vieram igualmente sentar-se ao pé deles, e Harry estava a divertir-se tanto que se sentia quase como se tivesse voltado à «Toca»; pusera de lado a preocupação com a tarefa dessa noite, e foi só quando Hermione apareceu, a meio do almoço, que ele se lembrou de que ela tinha tido uma inspiração súbita acerca de Rita Skeeter.

— Vais contar-nos?

Hermione abanou a cabeça em ar de aviso e olhou de relance para Mrs. Weasley.

— Olá, Hermione — cumprimentou Mrs. Weasley muito mais rigidamente do que o habitual.

— Olá — respondeu Hermione, mas o seu sorriso desvaneceu-se perante a expressão fria de Mrs. Weasley.

Harry olhou para elas e depois perguntou: — Mrs. Weasley, a senhora não acreditou naquelas idiotices que a Rita Skeeter escreveu n’*O Semanário das Feiticeiras*, pois não? Porque a Hermione não é minha namorada.

— Ah! — exclamou Mrs. Weasley. — Não... está claro que não!

E a partir daí tratou Hermione muito mais calorosamente.

Harry, Bill e Mrs. Weasley aproveitaram a tarde, dando um grande passeio em volta do castelo, e depois voltaram ao Salão para a festa da noite. Ludo Bagman e Cornelius Fudge haviam-se agora juntado à mesa dos professores. Bagman parecia muito animado, mas Cornelius Fudge, sentado ao lado de Madame Maxime, tinha um ar severo e não estava a conversar. Madame Maxime concentrava-se no seu prato e Harry achou que os seus olhos pareciam inflamados. Hagrid, do outro lado da mesa, olhava constantemente para ela.

Houve mais pratos do que o habitual, mas Harry, que começava agora a

sentir-se verdadeiramente nervoso, não comeu muito. Quando o tecto encantado por cima deles começou a mudar de azul para um púrpura sombrio, Dumbledore ergueu-se e fez-se silêncio.

— Senhoras e senhores, dentro de cinco minutos, pedir-lhes-ei que se dirijam ao campo de Quidditch para a terceira e última tarefa do Torneio dos Três Feiticeiros. Os campeões fazem o favor de seguir já Mr. Bagman até ao estádio.

Harry levantou-se. Ao longo de toda a mesa, os Gryffindor aplaudiam-no; tanto os Weasley como Hermione lhe desejaram felicidades e ele abandonou o Salão com Cedric, Fleur e Krum.

— Que tal te sentes, Harry? — perguntou Bagman, enquanto desciam os degraus de pedra para o exterior. — Confiante?

— Estou bem — respondeu Harry. Até certo ponto era verdade. Estava nervoso, mas ia recapitulando mentalmente os feitiços e encantamentos que treinara enquanto caminhavam, e verificar que se recordava de todos eles fê-lo sentir-se melhor.

Dirigiram-se ao campo de Quidditch, que estava agora totalmente irreconhecível. Havia uma sebe com seis metros de altura a toda a volta. Mesmo diante deles via-se uma abertura: a entrada para o vasto labirinto. A passagem para além dela tinha um aspecto sombrio e arrepiante.

Cinco minutos depois, as bancadas começaram a encher-se; o ar estava carregado de vozes excitadas e do arrastar de pés das centenas de estudantes que ocupavam os seus lugares. O céu estava agora de um azul profundo e límpido, e surgiam as primeiras estrelas. Hagrid, o professor Moody, a professora McGonagall e o professor Flitwick entraram no estádio e aproximaram-se de Bagman e dos campeões. Usavam todos umas enormes estrelas vermelhas luminosas nos chapéus, excepto Hagrid, que tinha a sua nas costas do colete de pele de toupeira.

— Nós andaremos a patrulhar o exterior do labirinto — disse a professora McGonagall aos campeões. — Se estiverem em dificuldades e quiserem ser socorridos, soltem faíscas vermelhas para o ar e um de nós irá buscar-vos, compreendem?

Os campeões acenaram afirmativamente.

— Então, ponham-se a andar! — disse Bagman jovialmente para os quatro patrulhadores.

— Felicidades, Harry — segredou Hagrid, e partiram os quatro em diferentes direcções, para se posicionarem em redor do labirinto. Bagman apontou, então, a varinha ao pescoço, murmurou: *Sonorus* — e a sua voz magicamente amplificada ecoou pelas bancadas.

— Senhoras e senhores, a terceira e última tarefa do Torneio dos Três

Feiticeiros está prestes a começar! Deixem-me recordar-vos a pontuação actual! Empatados em primeiro lugar, com oitenta e cinco pontos cada um: Mr. Cedric Diggory e Mr. Harry Potter, ambos da Escola de Hogwarts! — As aclamações e os aplausos fizeram os pássaros da Floresta Proibida levantar voo rumo ao céu que escurecia. — Em segundo lugar, com oitenta pontos, Mr. Viktor Krum, do Instituto Durmstrang! — Mais aplausos. — E em terceiro lugar, Miss Fleur Delacour, da Academia de Beauxbatons!

Harry conseguia distinguir Mrs. Weasley, Bill, Ron e Hermione a aplaudirem delicadamente Fleur, a meio das bancadas. Acenou-lhes e eles corresponderam, com largos sorrisos.

— Portanto... quando eu apitar, Harry e Cedric! — declarou Bagman. — Três, dois, um.

Deu um apito forte e curto, e Harry e Cedric precipitaram-se para o labirinto.

As enormes sebes projectavam sombras negras no caminho e, ou por serem tão altas e espessas, ou por terem sido encantadas, o som da multidão que os rodeava cessou no momento em que eles entraram no labirinto.

Harry sentia-se quase como se estivesse de novo debaixo de água. Tirou a varinha, murmurou: — *Lumos* — e ouviu Cedric fazer o mesmo atrás de si.

Após cerca de cinquenta metros chegaram a uma bifurcação. Olharam um para o outro.

— Até já — disse Harry e meteu pela esquerda, enquanto Cedric enfiava pela direita.

Harry ouviu Bagman apitar pela segunda vez. Krum tinha entrado no labirinto. Apressou o passo. O caminho que escolhera parecia completamente deserto. Virou à direita e acelerou, mantendo a varinha erguida acima da cabeça, tentando ver o mais longe possível. Contudo, não havia nada à vista.

O apito de Bagman soou pela terceira vez ao longe. Todos os campeões se encontravam agora no interior do labirinto.

Harry ia olhando para trás. Tinha aquela velha sensação de estar a ser observado. O labirinto ia ficando mais sombrio a cada minuto, à medida que o céu sobre eles passava a azul-escuro. Chegou a uma segunda bifurcação.

— *Orienta-me* — murmurou ele para a sua varinha, segurando-a direita na palma da mão.

A varinha deu uma volta e apontou para a direita, onde só havia sebe sólida. Esse era o sentido norte, e ele sabia que precisava de ir para noroeste para chegar ao centro do labirinto. O melhor que tinha a fazer era meter pela esquerda e, depois, de novo à direita o mais depressa possível.

A vereda à sua frente estava igualmente livre e quando chegou a uma curva para a direita e enfiou por aí, encontrou outra vez o caminho desimpedido. Harry não sabia porquê, mas a falta de obstáculos começava a enervá-lo. Sentia que já devia ter encontrado alguma coisa! Era como se o labirinto estivesse a querer dar-lhe uma falsa sensação de segurança. Depois, ouviu movimento mesmo atrás de si. Levantou a varinha pronto a atacar, mas o foco caiu sobre Cedric, que se apressava a sair de uma vereda do lado direito. Cedric parecia fortemente abalado. A manga do manto fumegava.

— Os Explojentos do Hagrid! — sibilou ele. — São descomunais... safei-me à nesga!

Sacudiu a cabeça e mergulhou por outro caminho, desaparecendo de vista. Ansioso por colocar bastante distância entre si e os Explojentos, Harry apressou-se de novo. E então, ao virar uma esquina, viu. Um Dementor deslizava em direcção a ele. Com mais de três metros e meio de altura, o rosto oculto pelo capuz, as mãos estendidas, viscosas e cheias de crostas, avançava, tacteando cegamente o caminho em direcção a ele. Harry ouvia-lhe a respiração arfante; sentiu-se ser invadido por um suor gelado, mas sabia o que tinha de fazer...

Invocou o pensamento mais alegre que conseguiu, concentrou-se totalmente na ideia de sair do labirinto e festejar com Ron e Hermione, levantou a varinha e gritou: *Expecto Patronum!*

Um veado prateado emergiu da ponta da varinha de Harry e galopou para o Dementor, que caiu para trás, e tropeçou na bainha do manto... Harry nunca tinha visto um Dementor tropeçar.

— Quietos! — gritou ele, avançando na esteira do seu *Patronus* prateado. — Tu és um Sem Forma! *Riddikulus!*

Ouviu-se um estalido sonoro, e a forma mutável explodiu numa nuvem de fumo. O veado prateado desapareceu. Harry gostaria que ele pudesse ter ficado, dava-lhe jeito uma companhia... mas prosseguiu, deslocando-se o mais depressa e silenciosamente possível, escutando atentamente, a varinha de novo erguida bem alto.

Esquerda... direita... esquerda outra vez... por duas vezes deparou com becos sem saída. Fez novamente o Feitiço dos Quatro Pontos e descobriu que estava a ir demasiado para leste. Voltou para trás, virou à direita e viu um estranho nevoeiro dourado a flutuar à sua frente.

Harry aproximou-se cautelosamente, apontando-lhe o foco da varinha. Aquilo parecia ser um encantamento qualquer. Perguntou-se se seria capaz de o fazer desaparecer.

— *Reducto!* — disse ele.

O feitiço passou a direito pelo meio do nevoeiro, deixando-o intacto. Já devia esperar isso; o Feitiço de Pulverização era para objectos sólidos. O que aconteceria se ele atravessasse o nevoeiro? Valeria a pena arriscar, ou deveria recuar?

Ainda estava hesitante, quando um grito rompeu o silêncio.

— Fleur? — chamou Harry.

Silêncio. Olhou atentamente à volta. O que acontecera? O grito dela parecia ter vindo de algures mais à frente. Respirou fundo e correu para o nevoeiro encantado. O mundo ficou de pernas para o ar. Harry estava preso ao chão, o cabelo esticado, os óculos a escorregarem do nariz, ameaçando cair no céu sem fundo. Agarrou os óculos na ponta do nariz e ficou ali, aterrado. Era como se tivesse os pés colados à relva, que era agora o tecto. Por baixo dele, o céu escuro, salpicado de estrelas, estendia-se interminável. Parecia-lhe que, se tentasse mexer um dos pés, cairia totalmente da Terra.

Pensa, disse para consigo mesmo, enquanto o sangue lhe subia todo à cabeça, *pensa...*

Mas nenhum dos feitiços que tinha treinado se destinava a combater uma súbita inversão de Terra e Céu. Atrever-se-ia a mover o pé? Sentia o sangue martelar-lhe os ouvidos. Tinha duas escolhas: tentar mover-se, ou emitir faíscas vermelhas, e ser socorrido e desqualificado da tarefa.

Fechou os olhos para não ter a visão de espaço interminável por baixo de si e puxou o pé direito do tecto relvado com toda a força que podia.

Imediatamente o mundo ficou direito. Harry caiu para a frente de joelhos, em terra maravilhosamente firme. Sentiu-se, por momentos, fraco do choque. Inspirou profundamente para se recompor e depois levantou-se e correu para diante, olhando por cima do ombro, enquanto saía do nevoeiro dourado que cintilava inocentemente ao luar.

Deteve-se numa junção de dois caminhos e olhou em redor à procura de sinais de Fleur. Tinha a certeza de que fora ela quem gritara. O que teria ela encontrado? Estaria bem? Não havia sinal de faíscas vermelhas — isso significaria que ela se desenhencilhara ou que estava tão aflita que não conseguia chegar à sua varinha? Harry meteu pela direita com uma sensação crescente de inquietação... mas, ao mesmo tempo, não pôde deixar de pensar, *um campeão fora...*

A taça encontrava-se algures ali perto e, pelo que ouvira, Fleur já não estava na corrida. Ele tinha chegado até ali, não tinha? E se conseguisse, de facto, ganhar? Fugazmente, e pela primeira vez desde que dera consigo campeão, viu de novo aquela sua imagem erguendo a Taça dos Três Feiticeiros diante do resto da escola...

Durante dez minutos não encontrou nada, excepto becos sem saída. Por duas vezes meteu pela mesma vereda errada. Por fim descobriu um caminho novo e começou a deslocar-se lentamente ao longo dele, a luz da varinha a oscilar, fazendo a sua sombra vacilar e distorcer-se nas paredes da sebe. Depois virou uma nova esquina e deu de caras com um Explojento Cauda-de-Fogo.

Cedric tinha razão: *era* descomunal. Com três metros de comprimento, parecia um escorpião gigante. O seu longo ferrão estava enrolado nas costas. A carapaça dura reluzia à luz da varinha de Harry, que a apontou para ele.

— *Atordoar!*

O feitiço embateu na carapaça do animal e ressaltou; Harry baixou-se mesmo a tempo, mas sentiu cheiro de cabelo queimado; chamuscara-lhe o topo da cabeça. O Explojento lançou um jacto de fogo da sua extremidade, e precipitou-se para ele.

— *Impedimenta!* — gritou Harry. O feitiço bateu de novo na carapaça do bicho e fez ricochete; Harry recuou cambaleante e deixou-se cair. — IMPEDIMENTA!

O Explojento estava a escassos centímetros dele quando se imobilizou — Harry conseguira atingi-lo na carne, no lado de baixo, desprovido de carapaça. Ofegante, Harry afastou-se dele e correu com quantas forças tinha na direcção oposta — o Feitiço do Estorvo não era permanente, o Explojento recuperaria o uso das pernas a qualquer instante.

Virou à esquerda e encontrou novo beco sem saída, depois à direita, e mais outro: forçou-se a parar, o coração aos pulos, e executou mais uma vez o Feitiço dos Quatro Pontos. Voltou para trás e escolheu uma vereda que o levaria para noroeste.

Caminhava apressadamente há alguns minutos, quando ouviu algo na vereda paralela à dele que o fez estacar.

— O que estás tu a fazer? — gritou a voz de Cedric. — Que diabo estás tu a fazer?

E depois Harry ouviu a voz de Krum.

— *Crucio!*

O ar encheu-se subitamente dos gritos de Cedric. Horrorizado, Harry começou a correr pela sua vereda acima, tentando abrir o caminho em direcção a Cedric. Não o descobrindo, experimentou de novo o Feitiço de Pulverização. Não foi muito eficaz, mas abriu um pequeno buraco na sebe, através do qual enfiou a perna, dando pontapés nos ramos e galhos compactos até eles se partirem e formar-se uma abertura; debateu-se para passar por ela, rasgou o manto e, ao olhar para a direita, viu Cedric, que se

contorcia no chão, e Krum curvado sobre ele.

Harry endireitou-se e apontou a varinha a Krum precisamente quando este olhou para cima. Krum virou-se e desatou a correr.

— Atordoar! — gritou Harry.

O feitiço atingiu Krum nas costas; estacou imediatamente, caiu para a frente e ficou imóvel, de cara na relva. Harry precipitou-se para Cedric, que parara de se contorcer, e estava estendido a arquejar, com as mãos na cara.

— Estás bem? — perguntou Harry roucamente, agarrando-lhe no braço.

— Estou — disse Cedric ofegante. — Sim... nem quero acreditar... ele veio sorrateiramente por detrás de mim... eu ouvi-o, voltei-me, e ele tinha a varinha apontada para mim...

Cedric levantou-se. Ainda tremia. Ele e Harry olharam para Krum.

— Nem quero acreditar nisto... eu pensava que ele era fixe — disse Harry, fixando Krum.

— Também eu — disse Cedric.

— Ouviste a Fleur gritar há bocado? — perguntou Harry.

— Ouvi — respondeu Cedric. — Não estás a pensar que o Krum também a apanhou?

— Não sei — disse Harry lentamente.

— Deixamo-lo aqui? — murmurou Cedric.

— Não — decidiu Harry. — Acho que devemos soltar faíscas vermelhas. Virá alguém buscá-lo... de outra forma será provavelmente comido por um Explojento.

— Bem merecia — resmungou Cedric, mas mesmo assim levantou a varinha e emitiu um jacto de faíscas vermelhas para o ar, que ficaram a pairar sobre Krum, marcando o sítio em que ele estava.

Harry e Cedric ficaram ali no escuro durante um instante, a olhar à volta. Depois Cedric disse: — Bom... suponho que é melhor continuarmos...

— O quê? — fez Harry. — Oh... sim... certo...

Foi um momento estranho. Cedric e ele tinham estado brevemente unidos contra Krum, mas agora, o facto de serem adversários, ocorria-lhes de novo. Caminharam pela vereda escura sem falar, depois Harry virou à esquerda e Cedric à direita. Os passos de Cedric depressa se desvaneceram.

Harry prosseguiu, continuando a usar o Feitiço dos Quatro Pontos para verificar se ia na direcção certa. Agora era entre ele e Cedric. O seu desejo de chegar primeiro à Taça era mais intenso que nunca, mas mal conseguia acreditar no que acabara de ver Krum fazer. O uso de uma das maldições imperdoáveis em outro ser humano significava prisão perpétua em Azkaban, fora o que Moody lhes dissera. Krum não podia certamente desejar assim tanto a Taça dos Três Feiticeiros... Harry acelerou.

De vez em quando, encontrava mais becos sem saída, mas a escuridão crescente dava-lhe a certeza de que se estava a aproximar do centro do labirinto. Então, ao caminhar por uma longa vereda direita, sentiu uma vez mais movimento e o seu foco de luz poitou numa criatura extraordinária, que ele apenas vira em fotografias no seu *Monstruoso Livro dos Monstros*.

Era uma esfinge. Tinha o corpo de um leão grande, enormes patas com garras e uma comprida cauda amarelada que terminava num tufo castanho. A cabeça, contudo, era de mulher. Virou os grandes olhos amendoados para Harry, quando ele se aproximou. Harry levantou a varinha, hesitante. Não estava agachada como quem prepara o salto, mas sim a andar de um lado para o outro da vereda, bloqueando-lhe o caminho.

Então ela falou, em voz profunda e rouca: — Estás muito próximo do teu objectivo. O caminho mais rápido é passar por mim.

— Então... então é capaz de se desviar, por favor? — pediu Harry, sabendo qual seria a resposta.

— Não — disse ela, continuando a andar de um lado para o outro. — Só se conseguires decifrar o meu enigma. Acertas à primeira e deixo-te passar. Respondeste errado e ataco-te. Ficas calado e deixo-te ir embora ileso.

Harry sentiu vários nós no estômago. Hermione é que era boa naquele tipo de coisas, não ele. Avaliou as suas hipóteses. Se o enigma fosse muito difícil, podia ficar calado, afastar-se dela ileso e tentar encontrar um caminho alternativo para o centro.

— Certo — disse ele. — Posso ouvir o enigma?

A esfinge sentou-se nas patas traseiras, mesmo no meio do caminho e recitou:

*Pensa no que é essencial à vida
que apesar de forte nunca te intimida
Mais a palavrinha bem antes do nome
de Ginny, de Cho e de Hermione
E que uma artimanha vai finalizar
Um bicho que não quererias beijar.*

Harry fitou-a de boca aberta.

— Posso ouvir outra vez... mais devagar? — pediu ele hesitante.

Ela pestanejou, sorriu-lhe e repetiu o poema.

— As pistas todas juntas dão uma criatura que eu não quereria beijar? — perguntou Harry.

Ela limitou-se a dirigir-lhe o seu sorriso enigmático. Harry tomou aquilo como um «sim». Deu voltas à cabeça. Havia montes de animais que ele não

quereria beijar e o que lhe ocorreu de imediato foi um Explojento Cauda-de-Fogo, mas algo lhe dizia que não era essa a resposta. Teria de se esforçar por decifrar as pistas...

— Essencial à vida — murmurou Harry, fixando-a — Hogwarts? Não, não é essa a minha resposta. Talvez o ar, essencial à vida... Já volto a esta... poderia repetir-me a pista seguinte, por favor?

Ela repetiu as linhas seguintes do poema.

— Palavra antes do nome — repetiu Harry. — Hã... não faço ideia... posso ouvir de novo a última parte?

Ela disse-lhe as últimas quatro linhas.

— Que uma artimanha vai finalizar — disse Harry. — Hã... isso seria... hã... espere aí... Anha.

A esfinge sorriu-lhe.

— Ar... a...nha — murmurava Harry sem sair dali. — Uma criatura que eu não queria beijar... *uma aranha!*

A esfinge sorriu mais abertamente. Levantou-se, esticou as patas dianteiras e depois afastou-se para ele passar.

— Obrigado! — exclamou Harry e, espantado com o seu próprio brilhantismo, apressou-se a seguir.

Tinha de estar perto agora, tinha de estar... a varinha dizia-lhe que estava no rumo certo; desde que não encontrasse nada de demasiado horrível, talvez tivesse uma possibilidade...

Teve de optar entre duas veredas mais à frente. — *Orienta-me!* — sussurrou ele de novo para a varinha, que girou e apontou para a direita. Precipitou-se por essa e viu luz lá adiante.

A Taça dos Três Feiticeiros resplandecia num pedestal a cerca de duzentos metros. Harry tinha começado a correr, quando uma figura escura se arremessou para o caminho em frente dele.

Cedric ia lá chegar primeiro. Cedric corria o mais depressa que podia em direcção à Taça e Harry sabia que nunca o conseguiria apanhar, Cedric era muito mais alto, tinha as pernas muito mais compridas. Então Harry viu uma coisa imensa sobre uma sebe à sua esquerda, movendo-se rapidamente ao longo de uma vereda que a intersectava; movia-se tão depressa que Cedric estava prestes a chocar com ela. De olhos postos na Taça, não a vira.

— Cedric! — gritou Harry. — À tua esquerda!

Cedric olhou em volta mesmo a tempo de se atirar para diante e evitar colidir com a coisa, mas, na sua pressa, tropeçou. Harry viu a varinha voar-lhe da mão, ao mesmo tempo que uma aranha gigantesca descia para a vereda e começava a avançar para Cedric.

— *Atordoar!* — gritou Harry de novo; o feitiço atingiu o gigantesco corpo negro e peludo da aranha, mas, pela moessa que lhe fez, foi como se ele lhe tivesse atirado uma pedra; a aranha estremeceu, deu meia-volta e correu antes para Harry.

— *Atordoar! Impedimenta! Atordoar!*

Mas não havia nada a fazer... ou a aranha era demasiado grande ou era demasiado mágica, de forma que os feitiços não faziam mais do que enfurecê-la. Harry viu, num relance horrorizado, oito pares de olhos pretos brilhantes e tenazes afiadas como navalhas, antes de ela o atingir.

Foi levantado ao ar nas pernas dianteiras do animal; debatendo-se violentamente, tentou dar-lhe pontapés; a sua perna foi apanhada pelas tenazes e no instante seguinte sentiu dores terríveis; podia ouvir Cedric a gritar também «Atordoar!», mas o feitiço dele não teve mais efeito que o seu. Harry ergueu a varinha quando a aranha abriu uma vez mais as tenazes e gritou:

— *Expelliarmus!*

Resultado! O Feitiço para Desarmar fez a aranha largá-lo, mas isso significou que Harry caiu de três metros e meio sobre a sua perna já magoada, que ficou entalada debaixo dele. Sem se deter a pensar, fez pontaria ao ventre da aranha, como fizera com o Explojento, e gritou: — Atordoar! — ao mesmo tempo que Cedric soltava um grito igual.

Os dois feitiços combinados fizeram o que um só não conseguira: a aranha tombou de lado, arrasando uma sebe próxima, e enchendo a vereda com um emaranhado de pernas peludas.

— Harry! — ouviu Cedric gritar. — Estás bem? Ela caiu em cima de ti?

— Não — respondeu Harry, ofegante. Observou a perna. Sangrava abundantemente. Podia ver uma espécie de secreção espessa e gomosa das tenazes da aranha no seu manto rasgado. Tentou pôr-se de pé, mas a perna tremia-lhe muito e negava-se a suportar-lhe o peso. Encostou-se à sebe, com a respiração entrecortada, e olhou em volta.

Cedric estava a poucos metros da Taça dos Três Feiticeiros, que resplandecia por detrás dele.

— Pega-lhe, anda — gritou Harry ofegante para Cedric. — Vá, pega-lhe. Já lá estás.

Mas Cedric não se moveu. Limitou-se a ficar ali, a olhar para Harry. Depois voltou-se e fitou a Taça. Harry viu a expressão de desejo do seu rosto à luz dourada. Cedric voltou a olhar para Harry, que estava agora agarrado à sebe para se aguentar.

Cedric respirou fundo. — Pega-lhe tu. Tu é que deves ganhar. Salvaste-me a pele por duas vezes ali dentro.

— Não é assim que as coisas funcionam — disse Harry. Estava danado; a perna doía-lhe imenso, sentia-se todo dorido das tentativas para derrubar a aranha e após todos os seus esforços, Cedric tinha-o vencido, tal como o vencera ao convidar Cho para o baile. — Quem chega primeiro à Taça, ganha os pontos. És tu. Podes crer que não vou vencer nenhuma corrida com esta perna.

Cedric deu alguns passos em direcção à aranha atordoada, afastando-se da Taça, a abanar a cabeça.

— Não — disse ele.

— Pára de ser nobre! — exclamou Harry, irritado. — Pega lá nela, para podermos sair daqui.

Cedric observou Harry a endireitar-se, segurando-se com força à sebe.

— Tu contaste-me dos dragões — disse Cedric. — Eu teria ficado na primeira tarefa se tu não me tivesses avisado do que nos esperava.

— Eu também tive ajuda nessa — retorquiu Harry em tom áspero, esforçando-se por limpar a perna ensanguentada com o manto. — Tu ajudaste-me com o ovo. — Estamos quites.

— Começaram por me ajudar a mim — disse Cedric.

— Continuamos quites — insistiu Harry, experimentando a perna com cuidado; esta tremeu violentamente quando ele lhe assentou o seu peso em cima. Tinha torcido o tornozelo no momento em que a aranha o deixara cair.

— Tu devias ter tido mais pontos na segunda tarefa — prosseguiu Cedric, obstinadamente. — Ficaste para trás para trazer todos os reféns. Eu é que devia ter feito isso.

— Eu fui o único suficientemente idiota para levar a sério aquela canção! — respondeu Harry. — Pega lá na Taça!

— Não — disse Cedric.

Passou por cima das pernas emaranhadas da aranha para se reunir a Harry, que ficou a olhá-lo fixamente. Cedric estava a falar a sério. Estava a deixar fugir um género de glória que os Hufflepuff não conquistavam havia séculos.

— Vai lá — disse Cedric. Tinha o ar de quem recorria a toda a sua determinação, mas a expressão do seu rosto era decidida. Cruzara os braços, parecia inabalável.

Harry olhou de Cedric para a Taça. Durante um instante glorioso, viu-se a si próprio emergindo do labirinto, com ela na mão. Viu-se a erguer a Taça dos Três Feiticeiros, ouviu o rugido da multidão, viu a cara de Cho brilhar de admiração, mais nitidamente do que nunca... e depois a imagem desvaneceu-se, e ele encontrou-se a fitar o rosto ensombrado e resoluto de

Cedric.

— Os dois — disse Harry.

— O quê?

— Pegamos-lhe ao mesmo tempo. Continua a ser uma vitória de Hogwarts. Empatamos.

Cedric fixou Harry. Descruzou os braços. — Tu... tens a certeza?

— Sim — respondeu Harry. — Sim... ajudámo-nos um ao outro, não foi? Ambos cá chegámos. Vamos levá-la juntos.

Durante um momento Cedric pareceu não acreditar nos seus ouvidos; depois a cara abriu-se num enorme sorriso.

— Aceito — disse ele. — Anda daí.

Agarrou o braço de Harry por baixo do cotovelo e ajudou-o a coxear até ao pedestal em que a Taça se encontrava. Quando lá chegaram, estenderam ambos uma mão para cada uma das asas reluzentes da Taça.

— Quando disser três, pegamos? — disse Harry. — Um... dois... três... — Cada um deles agarrou uma asa.

Imediatamente Harry sentiu um solavanco algures sob o umbigo. Os pés tinham abandonado o solo. Não conseguia descerrar a mão que segurava a Taça dos Três Feiticeiros; esta puxava-o para diante, num turbilhão de vento e cores rodopiantes, com Cedric a seu lado.

XXXII

CARNE, SANGUE E OSSO

Harry sentiu os pés embaterem contra o solo; a perna ferida cedeu e ele caiu para a frente, largando finalmente a Taça dos Três Feiticeiros. Levantou a cabeça.

— Onde é que estamos? — perguntou.

Cedric abanou a cabeça. Levantou-se, ajudou Harry a pôr-se de pé e olharam em volta.

Haviam deixado o recinto de Hogwarts; tinham obviamente viajado quilómetros — talvez centenas de quilómetros — pois até as montanhas que rodeavam o castelo haviam desaparecido. Encontravam-se num cemitério escuro e coberto de vegetação; viam-se os contornos negros de uma pequena igreja para lá de um enorme teixo à sua direita. À esquerda, erguia-se uma colina. Harry distinguiu a silhueta de uma bela casa antiga na encosta.

Cedric baixou os olhos para a Taça dos Três Feiticeiros e depois ergueu-os para Harry.

— Alguém *te* disse que a Taça era um Botão de Transporte? — perguntou ele.

— Ninguém — respondeu Harry. Estava a observar o cemitério que se achava totalmente silencioso e levemente fantasmagórico. — Será que isto faz parte da tarefa?

— Não sei — disse Cedric. Parecia ligeiramente nervoso. — Varinhas em riste, não achas?

— Acho — concordou Harry, satisfeito por ter sido Cedric a fazer tal sugestão e não ele.

Puxaram pelas varinhas. Harry não cessava de olhar em volta. Tinha, mais uma vez, a estranha sensação de que estavam a ser observados.

— Vem aí alguém — disse ele de repente.

Esforçando-se por ver na escuridão, observaram a figura a aproximar-se, caminhando decididamente para eles por entre os túmulos. Harry não conseguia distinguir a cara, mas pela maneira como andava e pela posição dos braços, percebia-se que transportava qualquer coisa. Quem quer que fosse, era baixo e usava uma capa com um capuz enfiado pela cabeça para esconder o rosto. E já um pouco mais próximo, o espaço entre eles a diminuir a olhos vistos, Harry viu que a coisa nos braços da pessoa parecia um bebé... ou seria apenas um molho de roupas?

Harry baixou ligeiramente a varinha e olhou de lado para Cedric, que lhe deitou um olhar interrogativo. Voltaram-se ambos novamente para observar a figura que se aproximava.

Parou ao lado de uma enorme lápide de mármore, a menos de dois metros deles. Durante um segundo, Harry, Cedric e a figura baixa limitaram-se a entreolhar-se.

E então, sem qualquer aviso, a cicatriz de Harry explodiu de dor. Era uma agonia como nunca sentira em toda a sua vida; a varinha tombou-lhe dos dedos quando ele levou as mãos à cara; os joelhos vergaram; estava caído no chão e não conseguia ver nada, a cabeça parecia que ia rebentar.

Muito ao longe, por cima da sua cabeça, ouviu uma voz aguda e glacial dizer: — *Mata o que está a mais.*

Um ruído sibilante e uma segunda voz, que guinchou as palavras para a noite: — *Avada Kedavra!*

Um relâmpago de luz verde trespassou as pálpebras de Harry e ele ouviu uma coisa pesada cair no chão a seu lado; a dor na cicatriz atingiu uma intensidade tal que ele quase vomitou, diminuindo depois. Aterrado com o que ia ver, abriu os olhos ardentes.

Cedric ficou estendido de braços e pernas abertas no chão, a seu lado. Estava morto.

Durante um segundo que durou uma eternidade, Harry fitou o rosto de Cedric; os seus olhos cinzentos abertos estavam vazios e inexpressivos como janelas de uma casa deserta, a sua boca semiaberta parecia levemente surpreendida. E depois, antes de a mente de Harry ter aceite aquilo que via, antes de ele conseguir sentir algo mais do que uma descrença entorpecida, sentiu-se a ser puxado para cima.

O homem baixo de capa poisara o embrulho, acendera a varinha e arrastava Harry em direcção à lápide de mármore. Harry viu o nome que estava gravado nela tremeluzir à luz da varinha, antes de ser obrigado a virar-se e ser atirado contra ela.

TOM RIDDLE

O homem encapuzado estava agora a fazer surgir cordas que se apertavam à volta de Harry, amarrando-o à lápide do pescoço aos tornozelos. Harry ouvia uma respiração superficial e agitada vinda das profundezas do capuz; debateu-se e o homem bateu-lhe, bateu-lhe com uma mão a que faltava um dedo. E Harry percebeu quem estava debaixo do capuz. Era Wormtail.

— Você! — exclamou ele ofegante.

Porém Wormtail, que acabara de conjurar as cordas, não respondeu; estava ocupado a verificar se estas se achavam bem apertadas, e os dedos tremiam-lhe de forma incontrolável, remexendo desajeitadamente nos nós. Uma vez certo de que Harry estava tão bem amarrado à lápide que não conseguiria mover-se um milímetro, Wormtail tirou um pedaço de tecido preto de dentro da capa e enfiou-o bruscamente na boca de Harry; depois, sem uma palavra, voltou-lhe as costas e afastou-se apressadamente. Harry não podia soltar um som, nem ver para onde fora Wormtail; não podia virar a cabeça para ver para lá da lápide. Só podia ver o que estava mesmo diante dele.

O corpo de Cedric jazia a uns seis metros dali. Um pouco para trás dele, reluzindo à luz das estrelas, encontrava-se a Taça dos Três Feiticeiros. A varinha de Harry estava no chão a seus pés. O embrulho de roupa que Harry pensara que fosse um bebé estava perto, na ponta do túmulo. Parecia agitar-se impacientemente. Harry observou-o e a sua cicatriz queimou-o de novo... e de súbito ele soube que não queria ver o que estava naquelas roupas... não queria aquele embrulho aberto...

Ouviu ruído aos seus pés. Olhou para baixo e viu uma cobra gigantesca a deslizar pela relva, rodeando a lápide a que ele estava amarrado. A respiração ofegante de Wormtail tornava-se de novo mais audível. Parecia que ele estava a empurrar qualquer coisa pesada pelo chão. Depois entrou de novo no raio de visão de Harry e este viu-o a empurrar um caldeirão de pedra para a extremidade da lápide. Estava cheio de algo que parecia água — Harry ouvia-a a transbordar — e era maior do que qualquer caldeirão que Harry já usara; um enorme bojo de pedra suficientemente grande para um adulto se sentar lá dentro.

A coisa no interior do embrulho de roupas agitava-se mais persistentemente, como se estivesse a tentar libertar-se. Agora

Wormtail atarefava-se com uma varinha no fundo do caldeirão. De repente surgiram chamas crepitantes debaixo dele. A enorme cobra afastou-se, deslizando pela escuridão.

O líquido dentro do caldeirão parecia aquecer muito depressa. A superfície começou não só a borbulhar, mas a lançar faíscas chamejantes,

como se estivesse a arder. O vapor engrossava, esfumando a figura de Wormtail, que cuidava do fogo. Os movimentos por baixo da capa tornaram-se mais agitados. E Harry ouviu de novo a voz aguda e glacial.

— *Despacha-te!*

Toda a superfície da água estava agora iluminada por faíscas. Era como se estivesse incrustada de diamantes.

— Está pronto, senhor.

— Agora... — disse a voz glacial.

Wormtail abriu as roupas que estavam no chão, revelando o que se encontrava no seu interior, e Harry deixou escapar um grito que foi abafado pelo pedaço de tecido que lhe bloqueava a boca.

Era como se Wormtail tivesse tropeçado numa pedra e revelado algo horrendo, viscoso e cego — mas pior, mil vezes pior. A coisa que Wormtail transportara tinha a forma de uma criança humana agachada, só que Harry nunca vira nada que se parecesse menos com uma criança. Era pelado e escamoso, de um preto-avermelhado, escuro e como se estivesse em chaga. Os braços e as pernas eram débeis e finos e a cara — nunca alguma criança tivera uma cara assim — era achatada como a de uma serpente, com olhos vermelhos reluzentes.

A coisa parecia quase indefesa; levantou os seus braços magros, passou-os em volta do pescoço de Wortmail e este levantou-a. Ao fazê-lo, o capuz caiu-lhe para trás e Harry viu o ar de repulsa do seu rosto fraco e pálido à luz do fogo, enquanto transportava a criatura até à borda do caldeirão. Durante um instante Harry viu a diabólica cara achatada iluminada pelas faíscas que dançavam à superfície da poção. E, depois, Wortmail baixou a criatura para dentro do caldeirão; ouviu-se um silvo e ela desapareceu sob a superfície; Harry ouviu o corpo frágil bater no fundo com um leve baque.

Permiti que se afogue, pensou Harry, a cicatriz a queimá-lo quase insuportavelmente, por favor... permiti que se afogue...

Wortmail estava a falar. A sua voz tremia, parecia assustado de morte. Levantou a varinha, fechou os olhos e falou para a noite. «*Ossos do pai, dado inconscientemente, reanimarás o teu filho!*»

A superfície do túmulo aos pés de Harry estalou. Horrorizado, Harry observou um fino jacto de pó erguer-se no ar à ordem de Wortmail e tombar suavemente no caldeirão. A superfície diamantina da água quebrou-se e sibilou; saltaram faíscas em todas as direcções e ficou de um azul-vivo, com aspecto venenoso.

E agora Wortmail lamuriava. Tirou um reluzente punhal prateado, longo e fino de dentro do manto. A voz rompeu em soluços apavorados. «*Carne — do servo — v-voluntariamente dada — reavivarás — o teu senhor.*»

Estendeu a mão direita à sua frente — a mão a que faltava o dedo. Apertou com força o punhal na mão esquerda e levantou-o rapidamente.

Harry compreendeu o que Wortmail ia fazer um segundo antes de tal acontecer... fechou os olhos o melhor que podia, mas não conseguiu bloquear o grito que trespassou a noite, que o percorreu como se também ele tivesse sido apunhalado. Ouviu algo cair ao chão, ouviu o arfar angustiado de Wortmail, depois um *chape* repugnante quando qualquer coisa foi largada para o caldeirão. Harry não conseguia olhar... mas a poção tornara-se de um vermelho incandescente, a sua luz brilhava através das pálpebras cerradas de Harry...

Wortmail arquejava e gemia de dor. Só quando Harry sentiu a respiração angustiosa do outro na sua cara é que percebeu que este estava mesmo diante dele.

«S-sangue do inimigo... violentamente tirado... ressuscitarás o teu inimigo.»

Harry não podia fazer nada para impedir aquilo, estava demasiado bem amarrado... com os olhos semicerrados, debatendo-se em vão com as cordas que o atavam, viu o punhal reluzente tremer na mão que restava a Wortmail. Sentiu a ponta penetrar na curva do seu braço direito e o sangue escorrer pela manga das suas vestes rasgadas. Wortmail, ainda ofegante de dor, procurou no bolso um frasco de vidro e segurou-o junto ao golpe que fizera em Harry, de forma a que nele caísse uma gota de sangue.

Foi a cambalear até ao caldeirão com o sangue de Harry. Deitou-o lá para dentro. O líquido ficou instantaneamente de um branco ofuscante. Wortmail, cumprida a sua tarefa, deixou-se cair de joelhos ao lado do caldeirão e depois tombou para o lado e ficou estendido no chão, embalando o coto sangrento do braço, a arfar e a soluçar.

O caldeirão fervia lentamente, lançando as suas faíscas de diamante em todas as direcções, tão ofuscantemente brilhantes que transformavam todo o resto em escuridão aveludada. Não acontecia nada...

Permiti que se tenha afogado, pensou Harry, permiti que tenha corrido mal...

E então, de repente, as faíscas que emanavam do caldeirão extinguiram-se. Em vez delas, saiu lá de dentro uma densa vaga de vapor branco, obliterando tudo em frente de Harry, de forma que ele não conseguia ver Wortmail, nem Cedric, nem nada, mas apenas vapor a pairar no ar... desapareceu, pensou ele... afogou-se... por favor... permiti que esteja morto...

Mas então, através da névoa diante de si, viu, com um arrepio de terror gelado, o contorno de um homem, alto e magro, erguendo-se lentamente de

dentro do caldeirão.

— Veste-me — disse a voz aguda e glacial por detrás do vapor, e Wormtail, soluçando e gemendo, ainda a segurar o braço mutilado, arrastou-se para pegar nas vestes negras que estavam no chão, levantou-se, esticou-se e enfiou-as com uma só mão pela cabeça do seu senhor.

O homem magro saiu do caldeirão, fitando Harry... e Harry fitou também a cara que ensombrara os seus pesadelos durante três anos. Mais branco do que um crânio, com enormes olhos escarlates e um nariz tão achatado como o de uma cobra, com fendas em vez de narinas...

Lord Voldemort voltara a erguer-se.

XXXIII

OS DEVORADORES DA MORTE

Voldemort desviou o olhar de Harry e começou a examinar o seu próprio corpo. As mãos assemelhavam-se a enormes aranhas esbranquiçadas; os seus longos dedos lívidos acariciaram o peito, os braços, a cara; os olhos vermelhos, cujas pupilas pareciam fendas como as de um gato e brilhavam ainda com mais intensidade na escuridão. Estendeu as mãos e dobrou os dedos, com uma expressão extasiada e exultante. Não prestou qualquer atenção a Wormtail, que jazia no solo a contorcer-se e a sangrar, nem à grande cobra, que tornara a aparecer e ondulava de novo em volta de Harry, a sibilar. Voldemort enfiou uma daquelas mãos de dedos anormalmente compridos num bolso fundo, e tirou uma varinha. Afagou-a também, carinhosamente, e depois levantou-a e apontou-a a Wormtail, que foi erguido do chão e atirado contra a lápide a que Harry estava amarrado; caiu aos pés dela e ficou ali, encolhido e a chorar. Voldemort virou os seus olhos escarlates para Harry e soltou uma gargalhada aguda, glacial, impiedosa.

O manto de Wormtail brilhava agora de sangue e envolvia-lhe o coto do braço. — Senhor — disse ele em voz sufocada —, senhor... vós haveis prometido... vós haveis prometido...

— Estende o braço — disse Voldemort num tom de indiferença.

— Oh, senhor... obrigado, senhor...

Esticou o coto ensanguentado, mas Voldemort riu de novo. — O outro braço, Wormtail.

— Senhor, por favor... *por favor...*

Voldemort curvou-se e puxou o braço esquerdo de Wormtail; arregaçou à força a manga até acima do cotovelo e Harry viu ali qualquer coisa na pele, qualquer coisa parecida com uma tatuagem vermelho-vivo — um

crânio, com uma serpente a sair da boca — a mesma imagem que tinha aparecido no céu durante a Taça Mundial de Quidditch: a Marca Negra. Voldemort examinou-a atentamente, ignorando o choro incontrolável de Wormtail.

— Voltou — disse ele baixinho —, todos terão dado por ela... e agora, agora veremos... agora saberemos...

Carregou na marca do braço de Wormtail com o seu dedo indicador longo e branco.

A cicatriz da testa de Harry voltou a arder com uma dor aguda e Wormtail soltou um uivo: Voldemort retirou o dedo da marca de Wormtail e Harry viu que ela se tornara negra de azeviche.

Com um ar de cruel satisfação estampado no rosto, Voldemort endireitou-se, atirou a cabeça para trás e observou o cemitério escuro em seu redor.

— Quantos serão suficientemente corajosos para voltar quando a sentirem? — sussurrou ele, os olhos vermelhos faiscantes fixos nas estrelas. — E quantos serão suficientemente loucos para se manterem afastados?

Começou a andar de um lado para o outro diante de Harry e Wormtail, os olhos sondando constantemente o cemitério. Após cerca de um minuto, olhou de novo para Harry, com um sorriso cruel a distorcer-lhe a cara de serpente.

— Tu, Harry Potter, encontras-te sobre os restos do meu falecido pai — sibilo ele baixinho. — Um Muggle e um idiota... muito parecido com a tua querida mãe. Mas ambos tiveram a sua utilidade, não foi? A tua mãe morreu para te defender em criança... e eu matei o meu pai, e vê só como ele se mostrou útil na morte...

Voldemort riu-se outra vez. Voltou a mover-se de um lado para o outro, olhando em redor enquanto caminhava, e a cobra continuava aos círculos na relva.

— Vês aquela casa na colina, Potter? O meu pai viveu ali. A minha mãe, uma feiticeira que morava aqui nesta vila, apaixonou-se por ele. Mas ele abandonou-a, quando ela lhe contou o que era... não gostava de magia, o meu pai... Abandonou-a e voltou para os seus pais Muggles antes mesmo de eu ter nascido, Potter, e ela morreu a dar-me à luz, deixando-me para ser criado num orfanato de Muggles... mas eu jurei encontrá-lo... vinguei-me dele, desse louco que me deu o seu nome... *Tom Riddle*...

Continuava a movimentar-se, os olhos vermelhos dardejando de túbulo em túbulo.

— Vejam só, eu a reviver a história da família... — observou ele calmamente. — Ora, ora, estou a ficar sentimental... Mas olha, Harry! A

minha *verdadeira* família está de volta...

O ar encheu-se subitamente do roçar de capas. Por entre os túmulos, por detrás do teixo, em todos os espaços sombrios, estavam a Materializar-se feiticeiros. Todos tinham capuzes e máscaras. E, um a um, foram avançando... lentamente, cautelosamente, como se mal pudessem acreditar no que os seus olhos viam. Voldemort mantinha-se silencioso, esperando por eles. Então um dos Devoradores da Morte caiu de joelhos, rastejou para Voldemort, e beijou a orla do seu manto preto.

— Senhor... Senhor... — murmurou.

Os Devoradores da Morte atrás dele fizeram o mesmo; um por um, aproximaram-se de Voldemort de joelhos e beijaram-lhe o manto, antes de recuarem, levantando-se e formando um círculo silencioso, que incluía o túmulo de Tom Riddle, Harry, Voldemort e o monte soluçante e trémulo formado por Wormtail. Contudo, deixavam espaços vazios no círculo, como que esperando por mais pessoas. Voldemort, no entanto, não parecia contar com mais. Olhou em volta para os rostos encapuzados e, embora não houvesse vento, um arrepio pareceu percorrer o círculo, como se este tivesse estremecido.

— Bem-vindos, Devoradores da Morte — saudou-os Voldemort em voz calma. — Treze anos... treze anos desde que nos encontrámos pela última vez. E, contudo, respondem à minha chamada como se tivesse sido ontem... continuamos, então, unidos sob a Marca Negra? *Ou não?*

Inclinou para trás a terrível cara e farejou, as narinas como fendas a dilatarem-se.

— Cheira-me a culpa — disse ele. — Há um mau cheiro a culpa no ar.

Um segundo arrepio percorreu o círculo, como se cada um dos seus membros ansiasse por recuar um passo, mas não se atrevesse.

— Vejo-os a todos, são e salvos, com os poderes intactos e pergunto a mim mesmo... por que é que este grupo de feiticeiros nunca veio em auxílio do seu senhor, a quem jurara lealdade eterna?

Ninguém falou. Ninguém se moveu, excepto Wormtail, que estava no chão, ainda a soluçar sobre o braço ensanguentado.

— E respondo a mim mesmo — sussurrou Voldemort —, devem ter acreditado que eu estava destruído, pensaram que desaparecera. Voltaram a enfiar-se entre os meus inimigos, e alegaram inocência, e ignorância, e encantamentos... E depois pergunto a mim mesmo: mas como podiam eles ter acreditado que eu não voltaria a erguer-me? Eles, que sabiam os passos que dei, há muito tempo, para me prevenir contra a morte dos mortais? Eles, que haviam visto provas da imensidão do meu poder, nos tempos em que eu era superior a qualquer feiticeiro vivo? E respondo a mim mesmo,

talvez tenham acreditado que podia existir um poder ainda maior, um poder que conseguiria vencer até Lord Voldemort... talvez agora prestem vassalagem a outro... talvez a esse campeão dos plebeus, dos Sangues de Lama e dos Muggles, Albus Dumbledore?

À menção do nome de Dumbledore os membros do círculo agitaram-se e alguns murmuraram e abanaram a cabeça.

Voldemort ignorou-os. — É um desapontamento para mim... confesso-me desapontado...

Um dos homens atirou-se de súbito para diante, quebrando o círculo. Tremendo dos pés à cabeça, caiu aos pés de Voldemort.

— Senhor! — guinchou ele. — Senhor, perdoai-me! Perdoai-nos a todos!

Voldemort começou a rir. Levantou a varinha. — *Crucio!*

O Devorador da Morte que estava no chão contorceu-se de dor e gritou; Harry tinha a certeza de que o som devia chegar às casas em redor... oxalá a polícia venha, pensou ele desesperado... alguém... alguma coisa...

Voldemort ergueu a varinha. O Devorador da Morte torturado estava estendido no chão, arquejante.

— Levanta-te, Avery — disse Voldemort suavemente. — Levanta-te. Pedes perdão? Eu não perdoo. Eu não esqueço. Treze longos anos... Quero a paga por treze anos antes de te perdoar. Aqui o Wormtail já pagou um pouco da sua dívida, não pagaste Wormtail?

Baixou os olhos para Wormtail que continuava a soluçar.

— Tu voltaste para mim não por lealdade, mas por medo dos teus velhos amigos. Mereces essas dores, Wormtail. Sabes isso, não sabes?

— Sim, senhor — gemeu Wormtail —, por favor, senhor... por favor...

— Todavia, ajudaste-me a regressar ao meu corpo — admitiu Voldemort friamente, observando Wormtail a soluçar no chão. — Apesar de indigno e traiçoeiro, ajudaste-me... e Lord Voldemort recompensa os que o ajudam...

Voldemort ergueu de novo a varinha e agitou-a. Um risco que se assemelhava a prata derretida ficou a pairar no ar no rasto da varinha. Momentaneamente sem forma, contraiu-se e depois moldou-se numa réplica reluzente de uma mão humana, brilhante como o luar, que baixou rapidamente e se fixou no pulso ensanguentado de Wormtail.

Os soluços de Wormtail cessaram bruscamente. Respirando precipitada e ruidosamente, levantou a cabeça e fitou, incrédulo, a mão de prata, agora impecavelmente unida ao seu braço, como se tivesse calçado uma luva ofuscante. Flectiu os dedos brilhantes e depois, a tremer, agarrou do chão um pequeno ramo e esmagou-o.

— Senhor — murmurou ele. — Senhor.... é bela... obrigado... obrigado...

Arrastou-se para diante de joelhos e beijou a orla do manto de Voldemort.

— Que a tua lealdade não volte a vacilar, Wormtail — advertiu-o Voldemort.

— Não, senhor... nunca, senhor...

Wormtail levantou-se e foi ocupar o seu lugar no círculo, fixando a sua potente mão nova, a cara ainda brilhante das lágrimas. Voldemort aproximava-se agora do homem à direita de Wormtail.

— Lucius, meu manhoso amigo — murmurou ele, detendo-se diante dele. — Consta-me que não renunciaste aos velhos hábitos, embora apresentes ao mundo uma face respeitável. Continuas pronto para uma boa sessão de tortura com Muggles, creio? Contudo, nunca tentaste encontrar-me, Lucius... as tuas proezas na Taça Mundial de Quidditch foram divertidas, devo dizer... mas não teriam as tuas energias sido mais bem dirigidas a encontrar e ajudar o teu senhor?

— Senhor, eu estava constantemente alerta — veio prontamente a voz de Lucius Malfoy de debaixo do capuz. — Tivesse havido algum sinal vosso, algum sussurro sobre o vosso paradeiro, e eu teria estado imediatamente ao vosso lado, nada me teria impedido.

— E, contudo, fugiste da minha Marca, quando um fiel Devorador da Morte a projectou no céu o Verão passado? — retorquiu preguiçosamente Voldemort e Mr. Malfoy calou-se abruptamente. — Sim, sei tudo acerca disso, Lucius... desapontaste-me... espero serviços mais fiéis no futuro.

— Claro, senhor, claro... sois misericordioso, obrigado...

Voldemort prosseguiu e estacou, fixando o espaço — suficientemente grande para duas pessoas — que separava Malfoy do homem seguinte.

— Aqui deviam estar os Lestrage — disse ele em voz baixa. — Mas estão enterrados em Azkaban. Esses foram fiéis. Preferiram ir para Azkaban a renunciar a mim... quando Azkaban for aberta, os Lestrage serão honrados como nunca sonharam. Os Dementors juntar-se-ão a nós... são os nossos aliados naturais... voltaremos a chamar os gigantes banidos... terei todos os meus dedicados servos de volta junto a mim, e um exército de criaturas de que todos têm medo...

Continuou a andar. Passava em silêncio por alguns Devoradores da Morte, mas detinha-se diante de outros, falava-lhes.

— McNair... conta-me o Wortmail que andas agora a destruir animais perigosos para o Ministério da Magia? Em breve terás melhores vítimas do que essas, Lord Voldemort não deixará de cuidar disso...

— Obrigado, senhor... obrigado — murmurou McNair.

— E aqui — Voldemort prosseguiu até às duas maiores figuras encapuzadas — temos o Crabbe... farás melhor desta vez, não é, Crabbe? E tu, Goyle?

Curvaram-se ambos desajeitadamente, balbuciando em surdina.

— Sim, senhor...

— Faremos, senhor...

— O mesmo se aplica a ti, Nott — prosseguiu Voldemort pausadamente ao passar por uma figura curvada à sombra de Mr. Goyle.

— Senhor, prostro-me perante vós, sou o vosso mais fiel...

— Basta — disse Voldemort.

Tinha chegado ao maior de todos os espaços e ficou a observá-lo com os seus olhos vermelhos, inexpressivos, como se pudesse ver pessoas ali de pé.

— E aqui faltam seis Devoradores da Morte... três morreram ao meu serviço. Um, demasiado cobarde para regressar... pagará por isso. Outro, que julgo que me deixou para sempre... será morto, claro... e outro ainda, que permanece o mais fiel dos meus servidores, e que já retomou o meu serviço.

Os Devoradores da Morte agitaram-se; Harry viu-os lançarem olhares de viés uns para os outros através das máscaras.

— Está em Hogwarts, esse servidor fiel, e foi através dos seus esforços que o nosso jovem amigo chegou esta noite...

— Sim — continuou Voldemort, um sorriso a curvar-lhe a boca sem lábios, enquanto os olhos do círculo dardejavam na direcção de Harry. — O Harry Potter teve a amabilidade de se nos reunir para a minha festa de renascimento. Poderíamos mesmo chamar-lhe o meu convidado de honra.

Fez-se um silêncio. Depois o Devorador da Morte à direita de Wortmail deu um passo em frente e a voz de Lucius Malfoy falou sob a máscara.

— Senhor, nós ansiamos por saber... suplicamo-vos que nos conteis... como haveis realizado isto... este milagre... como haveis conseguido voltar para nós...

— Ah, que grande história essa, Lucius — disse Voldemort. — E acaba aqui com o meu jovem amigo.

Encaminhou-se lentamente para junto de Harry, de modo que os olhos de todo o círculo se encontravam postos em ambos. A cobra continuava às voltas.

— Sabem, claro, que chamaram a este rapaz a minha ruína? — declarou Voldemort devagarinho, os olhos vermelhos poisados em Harry, cuja cicatriz começou a arder tão violentamente que ele quase gritou de agonia.

— Todos vocês sabem que na noite em que perdi os meus poderes e o meu corpo, tentei matá-lo. A mãe dele morreu, tentando salvá-lo... e, inconscientemente, proporcionou-lhe uma protecção que, confesso, eu não tinha previsto... não consegui atingir o rapaz.

Voldemort levantou um dos seus longos dedos brancos e aproximou-o muito da face de Harry. — A mãe deixou nele os sinais do seu sacrifício... é uma velha magia, devia ter-me lembrado, fui louco em ignorá-la... mas não importa. Posso atingi-lo agora.

Harry sentiu a ponta gelada do longo dedo branco tocar-lhe e pensou que a cabeça lhe explodia de dor.

Voldemort riu-se baixinho ao seu ouvido, depois retirou o dedo e continuou a dirigir-se aos Devoradores da Morte. — Calculei mal, meus amigos, confesso. A minha maldição foi desviada pelo sacrifício idiota daquela mulher e fez ricochete em mim. Aaah... uma dor indescritível, meus amigos; nada me podia ter preparado para ela. Fui arrancado do meu corpo, era menos que espírito, menos que o mais ínfimo dos fantasmas... mas ainda assim, estava vivo. O que era, nem eu sei... eu, que fui mais longe do que qualquer outro no caminho que leva à imortalidade. Conhecem o meu objectivo... vencer a morte. E, então, fui posto à prova e parece que uma ou mais das minhas experiências tinha funcionado... pois eu não tinha sido morto, embora a maldição devesse tê-lo feito. No entanto, estava mais indefeso do que a mais fraca das criaturas vivas e sem meios para me ajudar a mim próprio... pois não tinha corpo e todos os feitiços que me poderiam ter ajudado exigiam o uso de uma varinha... Recordo apenas que me forcei, incansavelmente, incessantemente, segundo a segundo, a existir... instalei-me num lugar distante, numa floresta, e esperei... seguramente, um dos meus fiéis Devoradores da Morte tentaria encontrar-me... um deles viria e executaria a magia que eu não podia fazer, para me devolver um corpo... mas esperei em vão...

Um arrepio percorreu de novo o círculo de ouvintes. Voldemort deixou o silêncio prolongar-se horivelmente antes de prosseguir. — Um só poder me restava. Podia possuir os corpos de outros. Mas não ousava ir onde havia abundância de outros humanos, pois sabia que os Aurors continuavam à minha procura, mesmo no estrangeiro. Por vezes habitei em animais... as cobras, claro, eram as minhas preferidas... mas estava pouco melhor dentro deles do que como puro espírito, pois os seus corpos adaptam-se mal ao uso da magia... e o facto de eu tomar posse deles encurtava-lhes a vida; nenhum durava muito tempo... Então... há quatro anos... os meios para o meu regresso pareceram assegurados. Um feiticeiro... jovem, louco e crédulo... cruzou o meu caminho na floresta

que se tornara a minha casa. Oh, parecia a oportunidade com que eu sonhava... pois ele era professor na escola de Dumbledore... foi fácil de domar à minha vontade... trouxe-me de volta a este país e, ao fim de algum tempo, tomei posse do seu corpo, para o supervisionar de perto quando executava as minhas ordens. Mas o meu plano falhou. Não consegui roubar a Pedra Filosofal. Não me seria garantida uma vida imortal. Fui impedido... impedido, uma vez mais, pelo Harry Potter...

Silêncio de novo; nada mexia, nem sequer as folhas do teixo. Os Devoradores da Morte estavam absolutamente imóveis, os olhos brilhantes das máscaras fixos em Voldemort e em Harry.

«O meu servo morreu quando deixei o seu corpo e fiquei tão fraco como antes — continuou Voldemort. — Regressei ao meu esconderijo longínquo e não vos oculto que receei então nunca mais recuperar os meus poderes... sim, essa foi talvez a mais negra das minhas horas... não podia esperar que me fosse enviado um segundo feiticeiro para possuir... e já tinha abandonado a esperança de que algum dos meus Devoradores da Morte se preocupasse com o que me acontecera...

Um ou dois dos feiticeiros com máscaras no círculo mexeram-se, pouco à vontade, mas Voldemort ignorou-os.

— E depois, há menos de um ano, quando eu já quase abandonara a esperança, aconteceu finalmente... um servo voltou para mim: aqui o Wormtail, que havia simulado a sua própria morte para escapar à justiça, foi obrigado a sair do seu esconderijo por aqueles que em tempos considerara amigos e decidiu voltar para o seu senhor. Procurou-me no país onde há muito corriam rumores que eu me escondera... ajudado, claro, pelas ratazanas que encontrou ao longo do caminho. O Wormtail tem uma curiosa afinidade com ratazanas, não tens, Wormtail? Os seus nojentos amiguinhos contaram-lhe que havia um lugar, nas profundezas de uma floresta da Albânia, que eles evitavam, onde pequenos animais semelhantes a eles tinham encontrado a morte ao serem possuídos por uma sombra negra...

«Mas a sua viagem até mim não foi feita sem obstáculos, pois não, Wormtail? Porque, sentindo fome uma noite, à beira da própria floresta onde esperava encontrar-me, parou estupidamente numa estalagem para comer... e quem havia de encontrar aí? Bertha Jorkins, uma feiticeira do Ministério da Magia.

«Agora vejam como o destino favorece Lord Voldemort. Aquilo poderia ter sido o fim de Wormtail e da minha última esperança de regeneração. Mas Wormtail, revelando uma presença de espírito que eu nunca teria esperado dele, convenceu a Bertha Jorkins a acompanhá-lo num passeio

noturno. Dominou-a... e trouxe-ma. E a Bertha Jorkins, que podia ter arruinado tudo, mostrou-se, afinal, uma dádiva para lá dos meus sonhos mais ousados... porque, com um pouco de persuasão, transformou-se numa verdadeira mina de informações.

«Disse-me que o Torneio dos Três Feiticeiros seria disputado este ano em Hogwarts. Disse-me que conhecia um leal Devorador da Morte que estaria pronto a ajudar-me, se eu conseguisse contactá-lo. Disse-me muitas coisas... mas os meios que eu usei para quebrar o feitiço antimemória que lhe havia sido feito foram poderosos e depois de lhe ter extraído todas as informações úteis, tanto a sua mente como o seu corpo tinham sofrido danos irremediáveis. Ela já tivera a sua utilidade. Eu não podia possuí-la. Livrei-me dela.

Voldemort fez o seu terrível sorriso, os olhos vermelhos inexpressivos e impiedosos.

— O corpo de Wormtail, é claro, não era adequado para uma possessão, visto que todos o julgavam morto e atrairia demasiadas atenções, se fosse visto. Contudo, ele era o servo robusto de que eu precisava, e, apesar de ser um fraco feiticeiro, Wormtail pôde seguir as instruções que eu lhe dei e que me devolveriam um corpo próprio, rudimentar e débil, um corpo que eu poderia habitar enquanto esperava pelos ingredientes essenciais para um verdadeiro renascimento... um ou dois encantamentos inventados por mim... uma ajudinha da minha querida *Nagini* — os olhos vermelhos de Voldemort poisaram na cobra que continuava às voltas — uma poção feita de sangue de unicórnio e o veneno de cobra proporcionado por *Nagini*... em breve estava de novo com uma forma quase humana e suficientemente forte para viajar.

«Já não havia esperança de roubar a Pedra Filosofal, pois eu sabia que o Dumbledore se teria encarregado de fazer com que ela fosse destruída. Mas eu estava disposto a abraçar de novo uma vida mortal, antes de perseguir a imortal. Reduzi as minhas ambições... contentar-me-ia em ter outra vez o meu antigo corpo e a minha antiga força. Sabia que para conseguir isso... a poção que me fez renascer esta noite é uma antiga composição de Magia Negra... precisaria de três ingredientes potentes. Bem, um deles estava mesmo à mão, não foi, Wormtail? Carne dada por um servo...

«O osso do meu pai significava, naturalmente, que teríamos de vir aqui, onde ele estava enterrado. Mas o sangue de um inimigo... O Wormtail queria que eu usasse um feiticeiro qualquer, não querias, Wormtail? Qualquer feiticeiro que me tivesse odiado... como acontece ainda com tantos. Mas eu sabia qual tinha de usar se queria erguer-me de novo, mais poderoso do que fora quando caí. Queria o sangue do Harry Potter. Queria

o sangue daquele que me roubara o poder há treze anos, pois a protecção permanente que a sua mãe lhe deu nessa altura, passaria, então, a residir também nas minhas veias...

«Mas como chegar ao Harry Potter? Porque ele tem sido mais protegido do que julgo que ele próprio sabe, protegido de maneiras imaginadas por Dumbledore há muito tempo, quando foi encarregado de cuidar do futuro do rapaz. Dumbledore invocou uma velha magia para garantir a protecção do rapaz, enquanto ele estivesse ao cuidado da sua família. Nem mesmo eu posso tocar-lhe ali... depois, claro, houve a Taça Mundial de Quidditch... pensei que a sua protecção estaria mais fraca ali, longe da família e do Dumbledore, mas ainda não estava suficientemente forte para tentar um rapto no meio de uma horda de feiticeiros do Ministério. E depois, o rapaz voltaria para Hogwarts, onde está de manhã à noite debaixo do nariz adunco daquele idiota amigo de Muggles. Então como poderia eu agarrá-lo?

«Claro... usando as informações da Bertha Jorkins. Usando o meu fiel Devorador da Morte instalado em Hogwarts para garantir que o nome do rapaz fosse metido no Cálice de Fogo. Usando o meu Devorador da Morte para garantir que o rapaz vencesse o Torneio... que seria o primeiro a tocar na Taça dos Três Feiticeiros... a taça que o meu Devorador da Morte tinha transformado num Botão de Transporte, que o traria para aqui, fora do alcance da ajuda e da protecção do Dumbledore, direito para os meus braços expectantes. E aqui está ele... o rapaz que todos acreditaram ter sido a minha ruína...

Voldemort deslocou-se lentamente para diante e voltou-se para encarar Harry. Ergueu a varinha. — *Crucio!*

Harry nunca sentira uma dor tão forte; os seus próprios ossos pareciam estar em fogo; a cabeça ia certamente abrir-se pela cicatriz; os olhos rolavam-lhe loucamente na cabeça; só queria que aquilo acabasse... queria desmaiar... morrer...

E, depois, a dor passou. Ficou flácido, suspenso pelas cordas que o amarravam à lápide do pai de Voldemort, a olhar para aqueles olhos vermelhos brilhantes através de uma espécie de nevoeiro. A noite ressoava com o som das gargalhadas dos Devoradores da Morte.

— Estão a ver, julgo eu, como foi estúpido pensar que este rapaz poderia alguma vez ser mais forte do que eu — declarou Voldemort. — Mas eu não quero que haja confusões na mente de ninguém. O Harry Potter escapou-me por uma casualidade feliz. E agora vou mostrar o meu poder matando-o, aqui e agora, diante de todos vocês, quando não existe o Dumbledore para o ajudar, nem mãe para morrer por ele. Dar-lhe-ei, porém, uma

oportunidade. Ser-lhe-á permitido lutar e não lhes restarão dúvidas sobre qual de nós é o mais forte. Só mais um bocadinho, *Nagini* — sussurrou ele e a cobra afastou-se a deslizar pela relva até onde os Devoradores da Morte observavam.

— Agora desamarra-o, Wormtail, e devolve-lhe a varinha.

XXXIV

PRIORI INCANTATEM

Wormtail aproximou-se de Harry, que se esforçou por apoiar os pés a fim de se sustentar antes de as cordas serem desatadas. Levantou a sua nova mão prateada, puxou o tecido que amordaçava Harry e depois, com um gesto largo, cortou as amarras que o atavam à lápide.

Houve, talvez, um milésimo de segundo em que Harry podia ter pensado em fugir, mas a sua perna ferida tremeu quando ele se pôs de pé sobre o túmulo, enquanto os Devoradores da Morte cerravam fileiras, formando um círculo mais apertado em volta dele e de Voldemort, de forma a que os espaços onde deveriam estar os Devoradores da Morte que faltavam ficaram preenchidos. Wormtail saiu do círculo, foi até ao sítio onde estava o corpo de Cedric e voltou com a varinha de Harry, que enfiou rudemente na mão deste, sem olhar para ele. Depois retomou o seu lugar no círculo dos Devoradores da Morte, que observavam a cena como espectadores atentos.

— Foste ensinado a bater-te em duelo, Harry Potter? — perguntou Voldemort devagarinho, os olhos vermelhos faiscando na escuridão.

A estas palavras, Harry recordou-se, como se pertencesse a uma vida passada, do Clube de Esgrima de Hogwarts que frequentara durante um curto espaço de tempo dois anos antes... tudo o que aí aprendera fora o Feitiço para Desarmar *Expelliarmus*... e de que lhe serviria isso, ainda que conseguisse privar Voldemort da sua varinha, quando estava rodeado de Devoradores da Morte, na proporção de, pelo menos, trinta para um? Nunca tinha aprendido nada que o pudesse ter preparado para isto. Sabia que ia enfrentar aquilo contra o qual Moody sempre os prevenira... a inquebrável maldição Avada Kedavra — e Voldemort tinha razão: desta vez a mãe não estava ali para morrer por ele... estava totalmente

desprotegido...

— Fazemos uma vénia um ao outro, Harry — explicou Voldemort, curvando-se um pouco, mas mantendo a face de serpente voltada para Harry. — Anda, devemos observar as regras de cortesia... O Dumbledore gostaria que tu mostrasses possuir boas maneiras... Faz uma vénia à morte, Harry...

Os Devoradores da Morte riam de novo às gargalhadas. A boca sem lábios de Voldemort sorria. Harry não fez a vénia. Não ia deixar que Voldemort se divertisse à custa dele antes de o matar... não lhe daria essa satisfação...

— Eu disse uma *vénia* — proferiu Voldemort, levantando a varinha... e Harry sentiu a coluna dobrar-se como se uma enorme mão invisível o estivesse a curvar impiedosamente para a frente, e as gargalhadas dos Devoradores da Morte aumentaram.

— Muito bem — murmurou Voldemort e, quando levantou a varinha, a pressão que pesava sobre Harry desapareceu. — E agora encaras-me, como um homem... de costas bem direitas e orgulhoso, a maneira como o teu pai morreu... E agora... o duelo.

Voldemort levantou a varinha e antes de Harry poder fazer o que quer que fosse para se defender, antes de poder sequer mover-se, foi novamente atingido pela maldição Cruciatus. A dor foi tão intensa, tão arrasadora, que ele deixou de saber onde estava... facas escaldantes perfuravam-lhe todos os centímetros de pele, a cabeça ia certamente explodir de dor; gritou mais alto do que já gritara em toda a sua vida... E depois aquilo parou. Harry rebolou e pôs-se de pé com esforço; tremia incontrolavelmente como acontecera a Wormtail quando cortara a mão; oscilou para o lado, para a barreira de Devoradores da Morte que o observavam, e eles empurraram-no outra vez para Voldemort.

— Uma pequena pausa — disse Voldemort, as narinas como fendas dilatadas de excitação —, uma pequena pausa... aquilo doeu, não foi, Harry? Não queres que eu volte a fazer aquilo, pois não?

Harry não respondeu. Ia morrer como Cedric, aqueles cruéis olhos vermelhos diziam-lho... ia morrer e não havia nada que pudesse fazer contra isso... mas não ia alinhar. Não ia obedecer a Voldemort... não ia suplicar...

— Perguntei-te se queres que volte a fazer aquilo? — insistiu Voldemort com voz suave. — Responde-me! *Imperio!*

E Harry experimentou, pela terceira vez na vida, a sensação de que a sua mente fora esvaziada de pensamentos... ah, era a felicidade, não pensar, era como se estivesse a flutuar, a sonhar... *basta responderes «não»...* diz

«não»... *basta responderes «não»...*

Não digo, clamou uma voz mais forte nos recônditos da sua cabeça, não respondo...

Basta responderes «não».

Não faço isso, não digo...

Basta dizeres «não»...

— NÃO DIGO!

E aquelas palavras saíram de jacto da boca de Harry; ecoaram no cemitério e o estado de sonho cessou tão depressa como se lhe tivessem despejado água fria por cima; voltaram as dores que a maldição Cruciatus lhe tinha deixado por todo o corpo, voltou a reconhecer o sítio em que estava e o que enfrentava...

— Não dizes? — admirou-se Voldemort em voz baixa e agora os Devoradores da Morte já não riam. — Não dizes «não»? Harry, a obediência é uma virtude que tenho de te ensinar antes de morreres... talvez mais uma pequena dose de dor?

Voldemort ergueu a varinha, mas desta vez Harry estava preparado; com os reflexos adquiridos nos treinos de Quidditch, atirou-se para o chão lateralmente; rolou para trás da lápide de mármore do pai de Voldemort e ouviu-a rachar, ao mesmo tempo que escapava à maldição.

— Não estamos a jogar às escondidas, Harry — proferiu a voz macia e glacial de Voldemort, aproximando-se, enquanto os Devoradores da Morte riam. — Não podes esconder-te de mim. Isso significa que estás cansado do nosso duelo? Significa que preferias que eu acabasse contigo agora, Harry? Sai daí, Harry... sai daí, então, e bate-te... será rápido... poderá até ser indolor... eu não sei... nunca morri...

Harry agachou-se por detrás da lápide e soube que o fim chegara. Não havia esperança... não havia ajuda à vista. E ao ouvir Voldemort aproximar-se ainda mais, soube apenas uma coisa e essa estava para além do medo e da razão: não ia morrer agachado ali como uma criança a jogar às escondidas; não ia morrer ajoelhando-se aos pés de Voldemort... ia morrer direito como o seu pai e ia morrer tentando defender-se, ainda que não houvesse defesa possível...

Antes de Voldemort poder espreitar em volta da lápide com o seu rosto de serpente, Harry levantou-se... agarrou com toda a força na varinha, esticou-a diante de si e precipitou-se para o outro lado da lápide, enfrentando Voldemort.

Este estava pronto. Enquanto Harry gritava: — *Expelliarmus!*, Voldemort gritou: — *Avada Kedavra!*

Um jacto de luz verde projectou-se da varinha de Voldemort ao mesmo

tempo que um jacto de luz vermelha saía da de Harry. Encontraram-se no ar e, de repente, a varinha de Harry começou a vibrar como se estivesse a ser percorrida por uma corrente eléctrica; a sua mão fechara-se em volta dela; não teria podido largá-la mesmo que quisesse. Um estreito feixe de luz ligava agora as duas varinhas, nem vermelho nem verde, mas de um dourado brilhante e profundo e Harry, seguindo o feixe com o seu olhar atónito, viu que os longos dedos brancos de Voldemort também estavam a agarrar uma varinha que tremia e vibrava.

E então — nada poderia ter preparado Harry para aquilo — sentiu os pés erguerem-se do solo. Ele e Voldemort estavam ambos a ser levantados no ar, as varinhas ainda ligadas por aquele fio de uma trémula luz dourada. Estavam a afastar-se da lápide do pai de Voldemort e depois detiveram-se num pedaço de solo que estava limpo e livre de túmulos... Os Devoradores da Morte gritavam, pediam instruções a Voldemort; estavam a aproximar-se, reconstruindo o círculo em volta de Harry e Voldemort, a cobra a rastejar atrás deles, alguns a puxarem das varinhas.

O fio dourado que ligava Harry e Voldemort fendeu-se: embora as varinhas permanecessem ligadas, milhares de ramificações formaram arcos altíssimos por cima de Harry e Voldemort, cruzando-se em redor deles, até estarem envolvidos numa teia dourada em forma de cúpula, uma gaiola de luz, para lá da qual os Devoradores da Morte os cercavam como chacais, os seus gritos agora estranhamente abafados...

— Não façam nada! — guinchou Voldemort para os Devoradores da Morte e Harry viu os seus olhos vermelhos esbugalhados de surpresa pelo que estava a acontecer, viu-o lutar para quebrar o fio de luz que ainda ligava a sua varinha à de Harry; Harry apertou com mais força a sua varinha nas duas mãos e o fio dourado permaneceu intacto.— Não façam nada a não ser que eu o ordene! — gritou Voldemort para os Devoradores da Morte.

E, então, um som sobrenatural e belo encheu o ar... saía de cada um dos fios da teia de luz que vibrava em redor de Harry e Voldemort. Era um som que Harry reconheceu, embora apenas o tivesse ouvido uma vez na vida... o canto da fénix...

Para Harry era o som da esperança... a coisa mais bela e mais bem-vinda de tudo o que ele ouvira na sua vida... sentia-se como se o canto estivesse dentro dele e não apenas à sua volta... era o som que associava a Dumbledore e era quase como se um amigo lhe estivesse a falar ao ouvido...

Não quebres a ligação.

Eu sei, disse Harry para a música, eu sei que não posso... mas mal

acabara de pensar aquilo, tudo se tornou muito mais difícil. A varinha começou a vibrar mais violentamente que nunca... e agora o feixe entre ele e Voldemort modificava-se igualmente... era como se largas gotas de luz deslizassem de um lado para o outro do fio que ligava as varinhas. Harry sentiu a varinha estremecer-lhe sob a mão quando as gotas de luz começaram a deslizar lenta e seguramente para ele... a direcção do movimento do feixe era agora de Voldemort para ele, e Harry sentiu a sua varinha estremecer furiosamente...

Quando a gota de luz mais próxima se acercou da ponta da varinha de Harry, a madeira entre os seus dedos ficou tão quente que ele receou que se incendiasse. Quanto mais a gota se aproximava, mais fortemente a varinha de Harry vibrava; tinha a certeza de que a sua varinha não sobreviveria ao contacto com a gota; parecia-lhe que estava prestes a despedaçar-se entre os seus dedos...

Concentrou todas as partículas da sua mente para obrigar a gota a recuar na direcção de Voldemort, os ouvidos cheios de canto da fénix, os olhos furiosos, fixos... e lentamente, muito lentamente, as gotas detiveram-se, vacilantes, e depois, também lentamente, começaram a mover-se para o outro lado... e agora era a varinha de Voldemort que vibrava violentamente... Voldemort que parecia atónito, quase receoso...

Uma das gotas de luz vacilava a centímetros da ponta da varinha de Voldemort. Harry não sabia por que estava a fazer aquilo, não sabia o que poderia conseguir... mas concentrou-se como nunca o fizera em forçar aquela gota de luz a recuar até à varinha de Voldemort... e lentamente... muito lentamente... ela moveu-se ao longo do fio dourado... tremeu durante um instante... e depois juntou-se-lhe...

Imediatamente a varinha de Voldemort começou a soltar sonoros gritos de dor... depois, os olhos vermelhos de Voldemort esbugalharam-se de choque e uma mão de fumo denso saiu da ponta da varinha. Desapareceu... o fantasma da mão que ele fizera a Wormtail... mais gritos de dor... e depois algo muito maior começou a emergir da ponta da varinha de Voldemort, uma coisa enorme e acinzentada que parecia feita do fumo mais sólido e denso que... era uma cabeça... agora um peito e braços... o tronco de Cedric Diggory.

Se Harry pudesse ter saltado a sua varinha com o choque, teria sido então, mas o instinto manteve-o fortemente agarrado a ela, de maneira que o fio de luz dourada permaneceu intacto, apesar de o espesso fantasma cinzento de Cedric Diggory (*seria* um fantasma? parecia tão sólido) emergir inteiro da extremidade da varinha de Voldemort, como se estivesse a espremer-se para passar por um túnel muito estreito... e aquela forma de

Cedric ergueu-se, olhou de um lado para o outro do fio de luz e falou.

— Aguenta, Harry — disse ele.

A sua voz longínqua ressoava. Harry fitou Voldemort... tinha os olhos vermelhos ainda esbugalhados do choque... esperara tão pouco aquilo como Harry... e muito velados, Harry ouviu os gritos amedrontados dos Devoradores da Morte, que rondavam as bordas da cúpula dourada...

Mais gritos de dor da varinha... e depois mais uma coisa emergiu da sua ponta... a sombra densa de uma segunda cabeça, rapidamente seguida de braços e tronco... um velho que Harry vira em tempos num sonho esforçava-se agora por sair da varinha tal como Cedric havia feito... e o seu fantasma, ou a sua sombra, ou o que quer que aquilo fosse, colocou-se ao lado do de Cedric, e observou Harry e Voldemort, a teia dourada e as varinhas ligadas, com uma leve surpresa, apoiado no seu bordão...

— Então, ele era um feiticeiro a sério, hem? — proferiu o velho, de olhos postos em Voldemort. — Matou-me, esse aí... força, rapaz...

Mas já outra cabeça emergia... e esta, cinzenta como uma estátua de fumo, era de mulher... Harry, cujos braços tremiam agora ambos com o esforço de tentar manter a varinha quieta, viu-a cair ao chão e endireitar-se como os outros, de olhos fixos...

A sombra de Bertha Jorkins observou a batalha que se desenrolava diante dela de olhos muito abertos.

— Não largues! — gritou, e a sua voz ressoou como a de Cedric, como se viesse de muito longe. — Não deixes que ele te apanhe, Harry... não largues!

Ela e as outras duas figuras começaram a adejar em volta das paredes interiores da teia dourada, enquanto os Devoradores da Morte andavam em volta no seu exterior... e as vítimas mortais de Voldemort sussurravam, enquanto rodeavam os combatentes, sussurravam palavras de encorajamento a Harry e sibilavam palavras a Voldemort que Harry não conseguia ouvir.

E agora outra cabeça emergia da ponta da varinha de Voldemort... e Harry soube, ao vê-la, de quem ela seria... soube, como se estivesse à espera dela desde o momento em que Cedric surgira da varinha... soube, porque a mulher que estava a aparecer era aquela em quem Harry mais pensara nessa noite...

O vulto esfumado de uma mulher jovem, de cabelo longo, caiu ao chão como Bertha fizera, endireitou-se e olhou para ele... e Harry, os braços agora a tremerem loucamente, olhou também para a face fantasmagórica da sua mãe.

— O teu pai vem aí... — afirmou ela serenamente. — Ele quer ver-te...

vai correr tudo bem... aguenta...

E ele veio... primeiro a cabeça, depois o corpo... alto e de cabelo revoltado como Harry, o vulto esfumado de James Potter floresceu na extremidade da varinha de Voldemort, caiu ao chão e endireitou-se como a sua mulher. Aproximou-se mais de Harry, examinando-o, e falou na mesma voz distante, que ressoava como a dos outros, mas baixinho, de modo que Voldemort, cujo rosto estava agora lívido de medo, enquanto as suas vítimas o rondavam, não pudesse ouvir...

— Quando a ligação se quebrar, nós demorar-nos-emos apenas uns momentos... mas dar-te-emos tempo... tens de chegar ao Botão de Transporte, que te fará regressar a Hogwarts... compreendes, Harry?

— Sim — disse Harry ofegante e lutando por conservar a sua varinha que lhe escorregava por entre os dedos.

— Harry — murmurou a figura de Cedric —, leva o meu corpo, está bem? Leva o meu corpo aos meus pais...

— Levo, sim — prometeu Harry, de rosto contorcido no esforço de segurar a varinha.

— Age agora — segredou a voz do pai. — Prepara-te para correres... agora...

— AGORA! — gritou Harry. De qualquer forma não acreditava que fosse capaz de aguentar nem mais um instante. Puxou a varinha para cima com um poderoso esticão e o fio dourado quebrou-se; a gaiola de luz desvaneceu-se, o canto da fénix cessou, mas as figuras sombreadas das vítimas de Voldemort não desapareceram; cerravam o círculo em volta de Voldemort, protegendo Harry do seu olhar e Harry correu como nunca corra na vida, derrubando, ao passar, dois atónitos Devoradores da Morte; foi aos ziguezagues por entre os túmulos, sentindo as suas maldições a persegui-lo, ouvindo-os chocar com as lápides... ele ia-se esquivando a maldições e túmulos, avançando velozmente para o corpo de Cedric, sem sentir já a dor da perna, todo o seu ser concentrado no que tinha de fazer.

— *Atordoem-no!* — ouviu Voldemort gritar.

Apenas a três metros de Cedric, Harry mergulhou por detrás de um anjo de mármore para evitar os jactos de luz vermelha e viu as pontas da suas asas despedaçarem-se quando os feitiços as atingiram. Segurando na varinha com mais força, saiu de trás do anjo.

— *Impedimenta!* — gritou ele, apontando a varinha ao acaso por cima do ombro para os Devoradores da Morte que o perseguiam.

Por um grito abafado pensou que devia ter travado pelo menos um deles, mas não havia tempo para se voltar e olhar; saltou por cima da Taça e mergulhou ao ouvir mais explosões de varinhas atrás de si; mais jactos de

luz vermelha voaram por cima da sua cabeça quando caiu, esticando a mão para agarrar o braço de Cedric.

— Afastem-se! Eu é que o mato! Ele é meu! — guinchou Voldemort.

A mão de Harry fechara-se em volta do punho de Cedric; havia um túmulo entre ele e Voldemort, mas Cedric era demasiado pesado para ele transportar e a Taça estava fora do seu alcance. Os olhos vermelhos de Voldemort faiscavam na escuridão. Harry viu a sua boca curvar-se num sorriso, viu-o erguer a varinha.

— *Accio!* — berrou Harry, apontando a varinha à Taça dos Três Feiticeiros.

A Taça voou pelo ar e dirigiu-se para ele. Harry apanhou-a pela pega. Ouviu o grito de fúria de Voldemort no preciso instante em que sentiu a contração debaixo do umbigo que significava que o Botão de Transporte tinha funcionado... afastando-o rapidamente num turbilhão de vento e cor, juntamente com Cedric... iam regressar...

XXXV

VERITASERUM

Harry sentiu-se cair com estrondo no chão; a cara ficou-lhe comprimida contra a relva, cujo cheiro lhe encheu as narinas. Tinha fechado os olhos, enquanto o Botão de Transporte o conduzia, e agora manteve-os fechados. Não se mexeu. Parecia ter perdido totalmente o fôlego; a cabeça andava-lhe à roda de tal maneira que era como se o chão por baixo dele baloiçasse como o convés de um navio. Para se controlar, agarrou com mais força as duas coisas que ainda apertava nas mãos: a pega fria e polida da Taça dos Três Feiticeiros e o corpo de Cedric. Sentia-se como se fosse resvalar de novo para as trevas que se amontoavam nos limites do seu cérebro se largasse qualquer delas. O choque e a exaustão mantiveram-no no solo, respirando o cheiro da relva, esperando... esperando que alguém fizesse alguma coisa... que alguma coisa acontecesse... e, enquanto isso, a sua cicatriz queimava-lhe pesadamente a testa...

Uma torrente de sons ensurdeceu-o e baralhou-o; havia vozes por toda a parte, passos, gritos... ficou onde estava, a cara franzida a proteger-se do ruído, como se fosse um pesadelo que desapareceria...

Depois, um par de mãos agarrou-o fortemente e voltou-o.

— Harry! *Harry!*

Abriu os olhos.

Estava a olhar para o céu estrelado e Albus Dumbledore estava agachado junto dele. As sombras negras de uma multidão comprimiam-se em volta deles, aproximando-se cada vez mais; Harry sentiu o chão debaixo da cabeça tremer com os seus passos.

Voltara para a orla do labirinto. Podia ver as bancadas erguendo-se acima dele, as formas das pessoas que se aproximavam, as estrelas lá em cima.

Largou a Taça, mas apertou ainda mais Cedric contra si. Levantou a mão livre e agarrou o pulso de Dumbledore, enquanto o rosto deste lhe ia surgindo, ora focado ora desfocado.

— Ele voltou — sussurrou Harry. — Ele voltou. O Voldemort.

— O que se passa? Que aconteceu?

A cara de Cornelius Fudge surgiu a Harry invertida; estava lívida, transtornada.

— Meu Deus... o Diggory! — murmurou ele. — Dumbledore... ele está morto!

As palavras foram repetidas, as figuras sombreadas que se comprimiam sobre eles murmuraram-nas ofegantes para os que os rodeavam... e depois outros gritaram-nas — guincharam-nas — para a noite: «Ele morreu!» «Ele morreu!» «O Cedric Diggory!» «*Morreu!*»

— Harry, larga-o — ouviu a voz de Fudge dizer e sentiu dedos tentarem obrigá-lo a soltar o corpo inerte de Cedric, mas Harry não o largava.

Depois, a cara de Dumbledore, que continuava esfumada e enevoada, aproximou-se mais. — Harry, já não podes ajudá-lo. Acabou-se. Larga-o.

— Ele queria que eu o trouxesse — murmurou Harry. Parecia-lhe importante explicar aquilo. — Ele queria que eu o trouxesse aos pais...

— Está certo, Harry... mas agora larga-o...

Dumbledore curvou-se e, com uma força extraordinária para um homem tão idoso e tão magro, levantou-o do chão e pô-lo de pé. Harry oscilou. Sentia a cabeça a martelar-lhe. A perna ferida recusava-se a suportar-lhe o peso por mais tempo. A multidão em volta deles acotovelava-se, lutando para se aproximar, comprimindo-se sombriamente para cima dele. — «Que aconteceu?» «O que é que ele tem?» «*O Diggory morreu!*»

— Ele precisa de ir para a enfermaria! — dizia Fudge em voz alta. — Está doente, está ferido. Dumbledore, os pais do Diggory estão cá, estão nas bancadas...

— Eu levo o Harry, Dumbledore, eu levo-o.

— Não, prefiro...

— Dumbledore, o Amos Diggory desatou a correr... vem para aqui... não achas que lhe devias dizer... antes de ele ver...?

— Harry, fica aqui. — Havia raparigas aos gritos, a soluçar histericamente... a cena oscilava estranhamente diante dos olhos de Harry...

— Está tudo bem, filho, estou a amparar-te... anda daí... para a enfermaria...

— O Dumbledore disse-me para ficar aqui — afirmou Harry pesadamente, o pulsar da cicatriz fazendo-o sentir como se estivesse prestes

a vomitar; a vista estava a ficar-lhe mais turvada que nunca.

— Precisas de te deitar... vá... anda daí...

Alguém maior e mais forte do que Harry levava-o, semiarastado, semitransportado, através da multidão assustada; Harry ouviu-os suster a respiração, falar alto e gritar, enquanto o homem que o amparava abria caminho por entre eles, conduzindo-o para o castelo. Atravessaram o relvado, passaram o lago e o navio de Durmstrang; Harry não ouvia mais nada além do arfar do homem que o ajudava a andar.

— O que aconteceu, Harry? — perguntou finalmente o homem, erguendo Harry para subir os degraus de pedra. *Toc. Toc. Toc.* Era o Moody Olho-Louco.

— A Taça era um Botão de Transporte — explicou Harry, enquanto atravessavam o *Hall* de Entrada. — Levou-me a mim e ao Cedric para um cemitério... e o Voldemort estava lá... Lord Voldemort...

Toc. Toc. Toc. Pela escadaria de mármore acima.

— O Senhor das Trevas estava lá? Então o que aconteceu?

— Mataram o Cedric... eles mataram o Cedric...

— E depois?

Toc. Toc. Toc. Pelo corredor fora...

— Fizeram uma poção... recuperou o corpo...

— O Senhor das Trevas recuperou o corpo? Ele voltou?

— E os Devoradores da Morte vieram... e depois batemo-nos em duelo...

— Tu batestes-te em duelo com o Senhor das Trevas?

— Escapei... a minha varinha... fez uma coisa esquisita... vi a minha mãe e o meu pai... saíram da varinha dele...

— Entra, Harry... entra e senta-te... já vais ficar bem... bebe isto...

Harry ouviu uma chave rodar numa fechadura e sentiu uma taça a ser-lhe metida nas mãos.

— Bebe... sentir-te-ás melhor... anda lá, Harry, eu preciso de saber exactamente o que aconteceu...

Moody ajudou a enfiar aquilo pela sua garganta abaixo; ele tossiu, um gosto a pimenta queimava-lhe a garganta. O gabinete de Moody ficou mais focado, bem como o próprio Moody... estava tão branco como Fudge e tinha ambos os olhos fixos na cara de Harry, sem pestanejar.

— O Voldemort voltou, Harry? Tens a certeza de que ele voltou? Como é que ele fez isso?

— Tirou coisas do túmulo do pai, do Wortmail e de mim — disse Harry. Sentia a cabeça mais desanuviada; a cicatriz já não lhe doía tanto; podia agora ver nitidamente a cara de Moody, apesar de o gabinete estar escuro.

Ainda ouvia gritos e rebuliço do distante campo de Quidditch.

— O que é que o Senhor das Trevas tirou de ti? — perguntou Moody.

— Sangue — respondeu Harry, levantando o braço. A manga estava rasgada no sítio em que o punhal de Wortmail a golpeara.

Moody soltou um longo e lento silvo. — E os Devoradores da Morte? Regressaram?

— Sim — confirmou Harry. — Montes deles...

— Como é que ele os tratou? — perguntou Moody baixinho. — Perdoou-lhes?

Mas Harry lembrara-se de repente. Devia ter contado a Dumbledore, devia ter-lho dito imediatamente. — Há um Devorador da Morte em Hogwarts. Há aqui um Devorador da Morte... eles puseram o meu nome no Cálice de Fogo, certificaram-se de que eu chegava ao fim...

Tentou levantar-se, mas Moody empurrou-o novamente para baixo.

— Eu sei quem é o Devorador da Morte — afirmou ele serenamente.

— O Karkaroff? — indagou Harry precipitadamente. — Onde está ele? Apanharam-no? Está preso?

— O Karkaroff? — repetiu Moody com uma gargalhada estranha. — O Karkaroff fugiu esta noite, quando sentiu a Marca Negra queimar-lhe o braço. Traiu demasiados apoiantes fiéis do Senhor das Trevas para desejar encontrar-se com eles... mas duvido de que vá longe. O Senhor das Trevas tem maneiras de descobrir os seus inimigos.

— O Karkaroff *partiu*? Fugiu? Mas então... não foi ele quem pôs o meu nome no Calice?

— Não — confessou Moody lentamente. — Não, não foi ele. Quem fez isso fui eu.

Harry ouviu, mas não acreditou.

— Não fez nada — disse ele. — Não fez nada disso... não pode ter feito...

— Garanto-te que fiz — confirmou Moody e o seu olho mágico girou, fixando-se na porta e Harry percebeu que ele estava a certificar-se de que não havia ninguém do outro lado. Ao mesmo tempo, Moody pegou na sua varinha e apontou-a a Harry.

— Então, ele perdoou-lhes? — disse ele. — Aos Devoradores da Morte que ficaram à solta? Aos que escaparam a Azkaban?

— O quê? — indagou Harry.

Estava a olhar para a varinha que Moody lhe apontava. Aquilo era uma brincadeira de mau gosto, só podia ser.

— Perguntei-te — repetiu Moody muito calmo — se ele perdoou à escumalha que nunca foi à procura dele. Àqueles cobardes traiçoeiros que

nem sequer foram capazes de enfrentar Azkaban por ele. Aos pedaços de escória infíeis e inúteis que foram suficientemente corajosos para armarem uma confusão mascarados na Taça Mundial de Quidditch, mas fugiram espavoridos à vista da Marca Negra, quando eu a projectei no céu.

— O *senhor* projectou... de que é que está a falar...

— Eu disse-te, Harry... eu disse-te. Se há algo que eu deteste acima de tudo, é um Devorador da Morte que tenha ficado à solta. Viraram as costas ao meu senhor, quando ele mais precisava deles. Esperava que ele os castigasse. Esperava que os torturasse. Diz-me que ele os torturou, Harry...

— O rosto de Moody iluminou-se de súbito com um sorriso de demente. — Diz-me que ele lhes disse que eu, só eu permaneci fiel... pronto a arriscar tudo para lhe entregar aquilo que ele mais desejava... *tu*.

— O senhor não... não pode ser o senhor...

— Quem pôs o teu nome no Cálice de Fogo, sob o nome de uma escola diferente? Eu. Quem afugentou toda a gente que poderia tentar magoar-te ou impedir-te de ganhares o Torneio? Eu! Quem pressionou o Hagrid para te mostrar os dragões? Eu! Quem te ajudou a perceber a única maneira como poderias vencer o dragão? *Eu!*

O olho mágico de Moody já deixara a porta. Estava agora fixo em Harry. A sua boca torta fazia um esgar mais pronunciado que nunca. — Não foi fácil, Harry, guiar-te através daquelas tarefas sem levantar suspeitas. Tive de usar de toda a minha astúcia, para que não fosse detectada a minha mão no teu êxito. O Dumbledore teria ficado muito desconfiado, se tu tivesses conseguido todas as coisas demasiado facilmente. Desde que chegasses até ao labirinto, de preferência com alguns pontos de avanço... eu sabia que teria a oportunidade de me livrar dos outros campeões e de te deixar o caminho livre. Mas também tive de lutar contra a tua estupidez. A segunda tarefa... foi quando tive mais medo de que falhássemos. Eu vigiava-te, Potter. Sabia que não tinhas descoberto a pista do ovo, por isso tive de te dar mais uma deixa.

— Não deu nada — contrapôs Harry roucamente. — O Cedric é que me deu a pista.

— E quem é que disse ao Cedric para o abrir dentro de água? Eu. Confiava em que ele te passaria a informação. As pessoas decentes são tão fáceis de manipular, Potter. Tinha a certeza de que o Cedric queria pagar-te por lhe teres contado dos dragões, e foi o que ele fez. Mas, mesmo assim, Potter, mesmo assim, parecia que ias falhar. Eu estava sempre atento... todas aquelas horas na biblioteca. Não percebeste que o livro de que precisavas estivera o tempo todo no teu dormitório? Pu-lo lá muito antes, dei-o ao pequeno Longbottom, não te lembras? *Plantas Mágicas*

Mediterrâneas e Suas Propriedades. Ter-te-ia dito tudo o que precisavas sobre o Guelracho. Esperava que pedisses ajuda a toda a gente que conhecias. O Longbottom ter-te-ia dito num ápice. Mas tu não pediste... não pediste... tens uma dose de orgulho e independência que podia ter arruinado tudo.

«Então, o que podia eu fazer? Dar-te a informação através de outra fonte inocente. Contaste-me que na Festa de Natal um elfo doméstico chamado Dobby te tinha dado um presente. Chamei o elfo à sala dos professores para levar roupa para limpeza. Encenei uma conversa em voz alta com a professora McGonagall acerca dos reféns que tinham sido feitos e se o Potter pensaria em usar o Guelracho. E o teu amiguinho elfo correu direitinho para o armário do Snape e apressou-se a ir ter contigo... — A varinha de Moody continuava a apontar directamente para o coração de Harry. Para lá do ombro dele, sombras enevoadas moviam-se no Espelho dos Inimigos da parede. — Ficaste tanto tempo naquele lago, Potter, que pensei que te tinhas afogado. Mas, felizmente, o Dumbledore levou a tua idiotice à conta de nobreza e pontuou-te alto por isso. Voltei a respirar.

«As coisas foram muito mais fáceis para ti do que deveriam ter sido esta noite no labirinto — prosseguiu Moody. — Isso aconteceu porque eu andava a patrulhar em seu redor, podia ver através das sebes exteriores e podia enfeitiçar muitos obstáculos para os tirar do teu caminho. Atordoei a Fleur Delacour quando ela passou. Lancei a maldição Imperius sobre Krum, para ele arrumar o Diggory e te deixar o caminho aberto para a Taça.

Harry fitava Moody embasbacado. Não percebia como podia aquilo ser... o amigo de Dumbledore, o famoso Auror... o que tinha apanhado tantos Devoradores da Morte... não fazia sentido... não fazia o mínimo sentido...

As sombras enevoadas no Espelho dos Inimigos estavam a ficar mais nítidas, tinham-se tornado mais distintas. Harry conseguia ver os contornos de três pessoas para lá do ombro de Moody, aproximando-se cada vez mais. Mas Moody não estava a vê-las. O seu olho mágico estava fixo em Harry.

— O Senhor das Trevas não conseguiu matar-te, Potter, e ele queria *tanto* fazê-lo — sussurrou Moody. — Imagina só como ele me recompensará quando souber que eu o fiz por ele. Primeiro entreguei-te, e eras a coisa de que ele mais precisava para se regenerar, e depois matei-te por ele. Serei honrado acima de todos os outros Devoradores da Morte. Serei o seu apoiante mais caro e mais chegado... mais chegado do que um filho...

O olho normal de Moody ia aumentando, o olho mágico continuava fixo em Harry. A porta estava trancada e Harry sabia que nunca alcançaria a sua varinha a tempo...

— O Senhor das Trevas e eu — afirmou Moody, parecendo agora totalmente louco, curvado sobre Harry e olhando para ele de esguelha — temos muito em comum. Por exemplo, ambos tivemos pais que foram uma decepção... uma grande decepção. Ambos sofremos a indignidade de receber os nomes desses pais, Harry. E ambos tivemos o prazer... o enorme prazer... de os matar para garantir a continuidade do fortalecimento da Força das Trevas!

— O senhor está louco! — exclamou Harry sem conseguir conter-se. — Está completamente louco!

— Louco, hem? — disse Moody elevando incontrolavelmente a voz. — Veremos! Veremos quem é que está louco agora que o Senhor das Trevas voltou, comigo a seu lado! Ele voltou, Harry Potter, tu não o venceste... e agora... venço-te eu!

Moody ergueu a varinha, abriu a boca, Harry enfiou a mão no seu manto...

— *Atordoar!* — Houve um relâmpago ofuscante de luz vermelha e, com enorme estardalhaço, a porta do gabinete foi despedaçada. Moody foi atirado para trás, para o chão. Harry, ainda a fixar o sítio onde estivera a cara de Moody, viu Albus Dumbledore, o professor Snape e a professora McGonagall devolverem-lhe o olhar do Espelho dos Inimigos. Olhou em volta e viu os três à entrada da porta, com Dumbledore à frente, de varinha estendida.

Nesse momento, compreendeu pela primeira vez por que é que as pessoas diziam que Dumbledore era o único feiticeiro que Voldemort sempre receara. A expressão da cara de Dumbledore ao fixar a forma inconsciente de Moody Olho-Louco era mais terrível do que Harry poderia alguma vez imaginar. Não havia qualquer sorriso benigno no seu rosto, nem aquele brilhozinho nos olhos por detrás dos óculos. Havia uma fúria gélida em cada linha da velha face e irradiava dele uma sensação de poder como se ele estivesse a emitir raios escaldantes.

Entrou no gabinete, meteu um pé por baixo do corpo inconsciente de Moody e voltou-o com um pequeno pontapé, de maneira que a sua cara ficou à vista. Snape seguiu-o, olhando para o Espelho dos Inimigos, onde o seu próprio rosto era ainda visível, fitando colericamente a sala.

A professora McGonagall encaminhou-se directamente para Harry.

— Anda, Potter — murmurou ela. A fina linha dos seus lábios tremia como se ela estivesse a ponto de chorar. — Anda... para a enfermaria...

— Não — proferiu Dumbledore vivamente.

— Dumbledore... ele devia... olhe para ele... ele já passou que chegue esta noite.

— Ele fica, Minerva, porque precisa de compreender — retorquiu Dumbledore secamente. — A compreensão é o primeiro passo para a aceitação e só com aceitação poderá haver recuperação. Ele precisa de saber quem o obrigou a passar pelas provas que sofreu esta noite e porquê.

— O Moody! — exclamou Harry. Continuava a não conseguir acreditar.

— Como é que podia ter sido o Moody?

— Este não é o Alastor Moody — afirmou Dumbledore em voz calma.

— Tu nunca conhecestes o Alastor Moody. O verdadeiro Moody não te teria levado para longe de mim depois do que aconteceu esta noite. No instante em que ele te levou, eu soube... e segui-vos.

Dumbledore curvou-se para a forma inerte de Moody e meteu a mão dentro do seu manto. Tirou de lá o cantil e uma argola com um conjunto de chaves. Depois voltou-se para a professora McGonagall e para Snape.

— Severus, faz favor, vai buscar-me a poção da verdade mais forte que tiveres e depois desce à cozinha e traz a elfo doméstica chamada Winky. Minerva, por favor, vá até casa do Hagrid, onde encontrará um grande cão preto sentado no canteiro de abóboras. Leve o cão para o meu gabinete, diga-lhe que irei ter com ele muito em breve, e depois volte para aqui.

Se Snape ou McGonagall acharam aquelas instruções esquisitas, ocultaram a sua confusão. Ambos se viraram imediatamente e saíram do gabinete. Dumbledore dirigiu-se à arca das sete fechaduras, enfiou a primeira chave na fechadura e abriu-a. Continha uma série de livros de feitiços. Fechou a arca, colocou a segunda chave na segunda fechadura e abriu de novo a arca. Os livros de feitiços tinham desaparecido; desta vez ela continha uma colecção de Avisoscópios partidos, alguns pergaminhos e penas e o que parecia ser um Manto da Invisibilidade prateado. Atônito, Harry observou Dumbledore enfiar a terceira, a quarta, a quinta e a sexta chaves nas suas respectivas fechaduras, voltando a abrir a arca de cada uma das vezes e revelando sempre conteúdos diferentes. Depois colocou a sétima chave na fechadura, escancarou a tampa e Harry soltou um grito de espanto.

Estava a olhar para uma espécie de poço, uma sala subterrânea, e, deitado no solo uns três metros mais abaixo, parecendo dormir profundamente, magro e com ar faminto, estava o verdadeiro Moody Olho-Louco. A perna de madeira desaparecera, a órbita que deveria conter o olho mágico parecia vazia sob a pálpebra, e faltavam-lhe pedaços do cabelo

grisalho. Harry olhou, assombrado, do Moody adormecido no interior da arca para o Moody inconsciente estendido no chão do gabinete.

Dumbledore meteu-se na arca, deixou-se descair e poisou suavemente no solo ao lado do Moody adormecido. Curvou-se para ele.

— Atordoado... controlado com a maldição Imperius... muito fraco — disse ele. — Está claro que precisariam de o manter vivo. Harry, atira-me a capa do impostor, o Alastor está gelado. A Madame Pomfrey terá de o observar, mas não me parece em perigo imediato.

Harry fez o que lhe mandavam; Dumbledore tapou Moody com a capa, aconchegou-lha e voltou a sair da arca. Depois pegou no cantil que estava em cima da secretária, tirou-lhe a tampa e despejou-o. Um líquido espesso e viscoso espalhou-se pelo chão do gabinete.

— Poção Polissuco, Harry — disse ele. — Estás a ver como a coisa era simples e brilhante. É que o Moody *nunca* bebe senão do seu cantil, é bem conhecido por isso. O impostor precisava, é claro, de manter o verdadeiro Moody por perto, para continuar a fazer a poção. Estás a ver o cabelo dele... — Dumbledore olhou para baixo, para o Moody no interior da arca. — O impostor tem vindo a cortar-lho durante todo o ano, vês onde está irregular? Mas penso que, com a excitação desta noite, o nosso falso Moody talvez se tenha esquecido de a tomar com a frequência com que deveria... às horas certas... de hora a hora... veremos.

Dumbledore puxou a cadeira da secretária e sentou-se nela, de olhos fixos no Moody inconsciente no chão. Harry fitava-o igualmente. Os minutos passavam em silêncio...

E então, diante dos olhos de Harry, a cara do homem que estava no chão começou a mudar. As cicatrizes estavam a desaparecer, a pele a ficar lisa; o nariz mutilado reconstituiu-se, e começou a diminuir. A longa trunfa de cabelo grisalho ia desaparecendo no couro cabeludo e ficando da cor de palha. Subitamente, com um sonoro *toc*, a perna de pau caiu enquanto renascia uma normal no seu lugar; no momento seguinte, o olho mágico saltava da cara do homem e era substituído por um olho real; aquele rolou pelo chão e continuou a girar em todas as direcções.

Harry viu diante de si um homem de pele clara, ligeiramente sardento, com uma juba de cabelo louro. Sabia quem ele era. Tinha-o visto no Pensatório de Dumbledore, observara-o a ser levado do tribunal pelos Dementors, a tentar convencer Mr. Crouch de que estava inocente... mas agora tinha rugas em volta dos olhos e parecia muito mais velho...

Ouviram-se passos apressados lá fora no corredor. Snape voltava com Winky colada aos calcanhares. A professora McGonagall vinha logo atrás.

— O Crouch! — exclamou Snape, imobilizando-se à entrada da porta.

— O Barty Crouch!

— Céus — exclamou a professora McGonagall, estacando e fixando o homem deitado no chão.

Imunda, desgrenhada, Winky espreitou por detrás das pernas de Snape. A boca escancarou-se-lhe e ela soltou um guincho estridente. — Patrão Barty, patrão Barty, o que está a fazer aqui?

Atirou-se para o peito do jovem. — Vocês mataram ele! Vocês mataram ele! Vocês mataram filho do patrão!

— Está só Atordoado, Winky — explicou Dumbledore. — Afasta-te, fazes favor. Severus, tens a poção?

Snape entregou a Dumbledore um pequeno frasco de vidro com um líquido absolutamente transparente: o Veritaserum com que havia ameaçado Harry na aula. Dumbledore levantou-se, curvou-se para o homem no chão e puxou-o até ele ficar sentado, encostado à parede por baixo do Espelho dos Inimigos, onde os reflexos de Dumbledore, Snape e McGonagall continuavam a fixá-los a todos colericamente. Winky permaneceu de joelhos, a tremer, as mãos a taparem a cara. Dumbledore abriu à força a boca do homem e deitou lá dentro três gotas. Depois apontou-lhe a varinha ao peito e disse: — *Rennervate*.

O filho de Crouch abriu os olhos. Tinha a cara frouxa, o olhar desfocado. Dumbledore ajoelhou-se ao lado dele, de forma a que as caras ficassem ao mesmo nível.

— Consegues ouvir-me? — perguntou Dumbledore em tom baixo.

O homem pestanejou.

— Sim — balbuciou ele.

— Gostaria que nos contasses como é que te encontras aqui — disse Dumbledore suavemente. — Como é que escapaste de Azkaban?

Crouch estremeceu e inspirou profundamente, e depois começou a falar numa voz monocórdica, inexpressiva. — A minha mãe salvou-me. Ela sabia que estava a morrer. Convenceu o meu pai a salvar-me como último favor que ele lhe prestava. Ele amava-a como nunca me amara a mim. Concordou. Foram visitar-me. Deram-me um gole de Poção Polissuco, contendo um dos cabelos da minha mãe. Ela bebeu um gole de poção com um dos meus cabelos. Ficámos com a aparência um do outro.

Winky abanava a cabeça, toda a tremer. — Não dizer mais nada, patrão Barty, não dizer mais nada, arranjar problemas ao pai!

Mas Crouch voltou a respirar fundo e continuou na mesma voz monocórdica. — Os Dementors são cegos. Os seus sentidos detectaram uma pessoa saudável e uma moribunda a entrar em Azkaban. Os seus sentidos detectaram uma pessoa saudável e uma moribunda a sair de lá. O

meu pai disfarçou-me com a roupa da minha mãe para o caso de haver outros prisioneiros a verem das suas portas.

«A minha mãe morreu pouco depois em Azkaban. Teve o cuidado de beber a Poção Polissuco até ao fim. Foi enterrada com o meu nome e com o meu aspecto. Todos acreditaram que ela era eu.

O homem pestanejou.

— E o que fez o teu pai contigo, quando te teve em casa? — perguntou Dumbledore.

— Encenou a morte da minha mãe. Um funeral discreto, particular. Aquele túmulo está vazio. A elfo doméstica tratou-me até eu recuperar a saúde. Depois tinha de ser escondido. Tinha de ser controlado. O meu pai teve de usar uma série de feitiços para me dominar. Quando recuperei as forças, só pensava em encontrar o meu senhor... em voltar ao seu serviço.

— Como é que o teu pai te dominava? — perguntou Dumbledore.

— Com a maldição Imperius — respondeu Crouch. — Eu estava sob o controlo dele. Era obrigado a usar o Manto da Invisibilidade dia e noite. Estava sempre com a elfo doméstica. Era ela quem me guardava e cuidava de mim. Teve pena de mim. Convenceu o meu pai a dar-me distrações ocasionais. Recompensas pelo meu bom comportamento.

— Patrão Barty, patrão Barty — soluçava Winky com as mãos a cobrir-lhe o rosto. — Não dever contar a eles, nós arranjar problemas...

— Alguém descobriu que tu ainda estavas vivo? — perguntou Dumbledore suavemente. — Alguém sabia, além do teu pai e da elfo doméstica?

— Sim — disse Crouch, pestanejando de novo. — Uma feiticeira do escritório do meu pai. A Bertha Jorkins. Foi lá a casa com uns documentos para o meu pai assinar. Ele não estava. A Winky mandou-a entrar e voltou para a cozinha, para ao pé de mim. Mas a Bertha Jorkins ouviu a Winky falar comigo. Foi investigar. Ouviu o suficiente para adivinhar quem estava debaixo do Manto da Invisibilidade. O meu pai chegou a casa e ela interrogou-o. Ele fez-lhe um fortíssimo feitiço antimemória para ela esquecer o que descobrira. Demasiado forte. Disse que tinha danificado permanentemente a memória dela.

— Porquê ela vir meter nariz nos assuntos particulares do meu amo? — soluçou Winky. — Porquê ela não deixar nós em paz?

— Fala-me da Taça Mundial de Quidditch — pediu Dumbledore.

— A Winky convenceu o meu pai — prosseguiu Crouch, ainda na mesma voz monocórdica. — Ela passou meses a persuadi-lo. Há anos que eu não saía de casa. E gostava de Quidditch. Deixar ir ele, dizia ela. Ele usar o Manto da Invisibilidade. Poder assistir. Deixar ele respirar ar livre ao

menos uma vez. Ela disse que a minha mãe teria desejado isso. Disse ao meu pai que a minha mãe tinha morrido para me dar a liberdade. Não me tinha salvado para levar uma vida de prisioneiro. Por fim, ele concordou.

«Foi tudo cuidadosamente planeado. O meu pai conduziu-me a mim e à Winky até ao camarote de honra bastante mais cedo. A Winky devia dizer que estava a guardar o lugar para o meu pai. E eu devia sentar-me ali, invisível. Quando todos tivessem abandonado o camarote, nós sairíamos. Pareceria que a Winky estava sozinha. Ninguém adivinharia.

«Mas a Winky não sabia que eu estava a ficar mais forte. Começava a lutar contra a maldição Imperius. Havia alturas em que quase era eu novamente. Havia curtos períodos em que eu parecia ficar fora do seu controlo. Aconteceu lá, no camarote de honra. Foi como acordar de um sono profundo. Encontrei-me em público, no meio de um desafio e vi uma varinha a sair do bolso de um rapaz à minha frente. Desde Azkaban que não me era permitido ter uma varinha. Roubei-a. A Winky não soube. A Winky tem vertigens. Tinha a cara tapada.

— Patrão Barty, rapaz mau — murmurou Winky com as lágrimas a escorrerem-lhe por entre os dedos.

— Portanto roubaste a varinha — disse Dumbledore —, e o que é que fizeste com ela?

— Voltámos para a tenda — continuou Crouch. — Então ouvimo-los. Ouvimos os Devoradores da Morte. Os que nunca tinham estado em Azkaban. Os que nunca tinham sofrido pelo meu senhor. Que o tinham abandonado. Esses não estavam escravizados, como eu. Estavam livres para o procurar, mas não o fizeram. Estavam apenas a divertir-se à custa dos Muggles. O som das suas vozes despertou-me. A minha mente ficou mais lúcida do que estivera em anos. Enfureci-me. Tinha a varinha. A minha vontade era atacá-los pela sua deslealdade para com o meu senhor. O meu pai tinha saído da tenda, fora libertar os Muggles. A Winky ficou com medo ao ver-me tão furioso. Usou a sua magia especial para me ligar a ela. Arrastou-me para fora da tenda, para a floresta, para longe dos Devoradores da Morte. Eu tentei resistir-lhe. Queria voltar ao recinto. Queria mostrar àqueles Devoradores da Morte o que era lealdade ao Senhor das Trevas e castigá-los pela sua deslealdade. Usei a varinha roubada para projectar a Marca Negra no céu.

«Chegaram feiticeiros do Ministério. Lançaram feitiços de Atordoar para todo o lado. Um dos feitiços entrou através das árvores onde eu estava com a Winky. O laço que nos unia foi quebrado. Ficámos ambos Atordoados.

«Quando descobriram a Winky, o meu pai percebeu que eu devia estar perto. Procurou junto dos arbustos onde ela fora encontrada e sentiu-me ali

caído. Esperou até os outros membros do Ministério terem abandonado a floresta. Voltou a pôr-me sob a maldição Imperius e levou-me para casa. Despediu a Winky. Ela não correspondera à sua confiança. Tinha-me deixado arranjar uma varinha, quase me tinha deixado escapar.

Winky soltou um gemido de desespero.

— Agora era só o pai e eu, sozinhos em casa. E então... e então... — A cabeça de Crouch girou-lhe no pescoço e um trejeito de demente espalhou-se-lhe na cara. — O meu senhor veio buscar-me.

«Chegou a nossa casa uma noite, já tarde, nos braços do seu servo Wormtail. O meu senhor descobrira que eu ainda estava vivo. Tinha capturado a Bertha Jorkins na Albânia. Tinha-a torturado. Ela contou-lhe muitas coisas. Contou-lhe do Torneio dos Três Feiticeiros. Contou-lhe que o antigo Auror, Moody, ia ser professor em Hogwarts. Torturou-a até quebrar o feitiço antimemória que o meu pai lhe fizera e ela contou-lhe que eu fugira de Azkaban. Contou-lhe que o meu pai me mantinha prisioneiro para impedir que eu fosse procurar o meu senhor. E, assim, o meu senhor soube que eu continuava a ser o seu fiel servo... talvez o mais fiel de todos. O meu senhor concebeu um plano, com base nas informações que a Bertha lhe havia dado. Ele precisava de mim. Chegou a nossa casa cerca da meia-noite. Foi o meu pai quem abriu a porta.

O sorriso espalhou-se ainda mais pela cara de Crouch, como que relembrando a mais doce recordação da sua vida. Os olhos entorpecidos de Winky eram visíveis através dos seus dedos. Parecia demasiado aterrorizada para falar.

— Foi muito rápido. O meu senhor lançou a maldição Imperius sobre o meu pai. Agora era o meu pai o prisioneiro, o dominado. O meu senhor forçou-o a prosseguir com a sua vida habitual, a agir como se não houvesse nada errado. E eu fui libertado. Acordei. Era outra vez eu, vigoroso como há anos não me sentia.

— E o que te pediu Lord Voldemort que fizesses? — perguntou Dumbledore.

— Perguntou-me se eu estava disposto a arriscar tudo por ele. Estava. Era o meu sonho, a minha maior ambição, servi-lo, afirmar-me perante ele. Disse-me que precisava de colocar um servo fiel em Hogwarts. Um servo que guiasse o Harry Potter durante o Torneio dos Três Feiticeiros sem parecer fazê-lo. Um servo que velasse pelo Harry Potter. Que garantisse que ele chegava à Taça dos Três Feiticeiros. Que transformasse a taça num Botão de Transporte, que levaria a primeira pessoa a tocar-lhe até ao meu senhor. Mas primeiro...

— Precisavam do Alastor Moody — concluiu Dumbledore. Os olhos

azuis chamejavam, embora a voz permanecesse calma.

— Eu e o Wortmail tratámos disso. Tínhamos preparado de antemão a Poção Polissuco. Fomos a casa dele. O Moody debateu-se bem. Houve barafunda. Conseguimos dominá-lo mesmo a tempo. Metemo-lo à força num dos compartimentos da sua própria arca mágica. Tirámos-lhe um pedaço de cabelo e juntámo-lo à poção. Eu bebi-a e transformei-me no duplo de Moody. Apoderei-me da perna e do olho dele. Estava preparado para receber Arthur Weasley, quando ele chegou para acalmar os Muggles que tinham ouvido distúrbios. Fiz os caixotes do lixo mudarem de sítio no pátio. Disse ao Arthur Weasley que tinha ouvido intrusos no meu pátio, que tinham deslocado os caixotes de lixo. Depois reuni as roupas e os detectores das Trevas do Moody, pu-los na arca juntamente com ele, e parti para Hogwarts. Mantive-o vivo sob a maldição Imperius. Queria poder interrogá-lo. Saber coisas sobre o seu passado, aprender os seus hábitos, para poder enganar o próprio Dumbledore. Precisava também do cabelo dele para fazer a Poção Polissuco. Os outros ingredientes eram fáceis. Roubei pele de Boomslang das masmorras. Quando o professor de Poções me encontrou no seu gabinete, disse que tinha ordens para o revistar.

— E o que aconteceu ao Wormtail depois de terem atacado o Moody? — interrogou Dumbledore.

— O Wormtail voltou para cuidar do meu senhor em casa do meu pai e para manter o meu pai vigiado.

— Mas o teu pai fugiu — obstou Dumbledore.

— Sim. Após algum tempo começou a lutar contra a maldição Imperius, tal como eu fizera. Havia períodos em que ele sabia o que estava a acontecer. O meu senhor decidiu que deixara de ser seguro o meu pai sair de casa. Obrigou-o a mandar cartas para o Ministério. Fê-lo escrever a dizer que estava doente, mas o Wormtail negligenciou os seus deveres. Não o vigiou com a devida atenção. O meu pai fugiu. O meu senhor calculou que ele se dirigia para Hogwarts para contar tudo ao Dumbledore, ia confessar. Ia admitir que me tinha feito sair à socapa de Azkaban.

«O meu senhor mandou informar-me da fuga do meu pai. Disse-me para o deter a todo o custo. Por isso, esperei e vigiei. Usei o mapa que tirara ao Harry Potter. O mapa que quase arruinara tudo.

— Mapa? — indagou vivamente Dumbledore. — Que mapa é esse?

— O mapa de Hogwarts do Potter. O Potter viu-me nele. Viu-me uma noite a roubar mais ingredientes para a Poção Polissuco do gabinete do Snape. Pensou que eu era o meu pai porque temos o mesmo nome próprio. Nessa noite, tirei o mapa ao Potter. Disse-lhe que o meu pai odiava feiticeiros das Trevas. O Potter acreditou que o meu pai andava atrás do

Snape.

«Durante uma semana esperei que o meu pai chegasse a Hogwarts. Por fim, uma noite, o mapa mostrou o meu pai a entrar no recinto. Pus o Manto da Invisibilidade e desci ao seu encontro. Ele andava pela orla da floresta. Depois chegaram o Potter e o Krum. Eu esperei. Não podia fazer mal ao Potter, o meu senhor precisava dele. O Potter foi a correr chamar o Dumbledore. Eu Atordoei o Krum e matei o meu pai.

— *Nãaaaao!* — gemeu Winky. — Patrão Barty, patrão Barty, o que estar a dizer?

— Mataste o teu pai — repetiu Dumbledore na mesma voz suave. — O que fizeste do corpo?

— Levei-o para a Floresta. Tapei-o com o Manto da Invisibilidade. Tinha o mapa comigo. Vi o Potter correr para o castelo. Encontrou o Snape. O Dumbledore juntou-se-lhes. Observei o Potter a trazer o Dumbledore para fora do castelo. Saí da Floresta, dei a volta por detrás deles e fui ao seu encontro. Disse ao Dumbledore que o Snape me dissera para onde vir.

«O Dumbledore mandou-me ir procurar o meu pai. Voltei para junto do corpo dele e observei o mapa. Quando todos já se tinham ido, Transfigurei o corpo do meu pai. Ele transformou-se num osso... enterrei-o, usando o Manto da Invisibilidade, na terra cavada de fresco diante da cabana de Hagrid.

O silêncio era agora total, exceptuando os soluços contínuos de Winky.

Depois Dumbledore disse: — E esta noite...

— Ofereci-me para levar a Taça dos Três Feiticeiros para o labirinto antes do jantar — sussurrou Barty Crouch. — Transformei-a num Botão de Transporte. O plano do meu senhor resultou. Ele tem novamente o seu poder e eu serei honrado por ele para além de todos os sonhos de um feiticeiro.

O sorriso demente iluminou uma vez mais as suas feições e a cabeça tombou-lhe sobre o ombro, enquanto Winky soluçava e gemia a seu lado.

XXXVI

O SEPARAR DAS ÁGUAS

Dumbledore pôs-se de pé. Fitou durante um instante Barty Crouch com uma expressão de asco estampada no rosto. Depois, levantou a varinha uma vez mais e saíram dela cordas que se enrolaram em volta de Barty Crouch, amarrando-o fortemente.

Voltou-se para a professora McGonagall. — Minerva, posso pedir-lhe que fique de guarda aqui, enquanto levo o Harry lá acima?

— Com certeza — acedeu a professora McGonagall. Parecia nauseada, como se tivesse acabado de ver alguém vomitar. No entanto, quando puxou pela varinha e a apontou a Barty Crouch, a sua mão estava absolutamente firme.

— Severus — Dumbledore virou-se para Snape —, por favor vai dizer à Madame Pomfrey que venha cá abaixo. Temos de levar o Alastor Moody para a enfermaria. Depois vai lá fora, descobre o Cornelius Fudge e trá-lo a este gabinete. Ele vai com certeza querer interrogar o Crouch pessoalmente. Diz-lhe que estarei na enfermaria daqui a meia hora, se ele precisar de mim.

Snape anuiu em silêncio e abandonou a sala.

— Harry? — disse Dumbledore delicadamente.

Harry ergueu-se e vacilou de novo; a dor na perna, que não sentira enquanto estivera a escutar Crouch, voltara agora com toda a força. Percebeu também que estava a tremer. Dumbledore agarrou-lhe o braço e ajudou-o a sair para o corredor sombrio.

— Primeiro quero que venhas ao meu gabinete, Harry — disse ele baixinho, enquanto se dirigiam para a passagem. — O Sirius está lá à nossa espera.

Harry anuiu. Sentia-se invadido por uma espécie de torpor e uma

sensação de irreabilidade total, mas não se importava; aquilo até lhe agradava. Não queria ter de pensar acerca de nada do que tinha acontecido desde que tocara pela primeira vez na Taça dos Três Feiticeiros. Não queria ter de examinar as recordações, frescas e nítidas como fotografias, que lhe perpassavam pela mente. O Moody Olho-Louco no interior da arca. Wormtail, amarfanhado no chão, a embalar o coto do braço. Voldemort, erguendo-se do caldeirão fervilhante. Cedric... morto... Cedric, pedindo para ser levado aos pais...

— Professor — balbuciou Harry —, onde estão Mr. e Mrs. Diggory?

— Estão com a professora Sprout — revelou Dumbledore. A sua voz, que se mantivera tão calma durante o interrogatório de Barty Crouch, tremeu ligeiramente pela primeira vez. — Ela era a directora da equipa do Cedric e conhecia-o melhor que ninguém.

Tinham chegado à gárgula de pedra. Dumbledore disse a senha, ela desviou-se e ele e Harry subiram a escada móvel em espiral até à porta de carvalho. Dumbledore abriu-a.

Sirius estava lá, de pé, a cara pálida e descarnada como quando fugira de Azkaban. Num instante tinha atravessado a sala.

— Harry, estás bem? Eu sabia... eu sabia que alguma coisa deste género... o que aconteceu?

As mãos tremiam-lhe ao ajudar Harry a sentar-se numa cadeira diante da secretária.

— O que aconteceu? — perguntou ele em tom mais premente.

Dumbledore começou a contar a Sirius tudo quanto Barty Crouch dissera. Harry ouvia apenas parcialmente. Estava tão cansado que todos os ossos do corpo lhe doíam, não queria senão ficar ali sentado, sem ser perturbado, durante horas e horas, até adormecer e não ter de pensar nem sentir mais.

Ouviu-se um suave roçar de asas. *Fawkes*, a fénix, deixara o seu poleiro, voara através do gabinete e aterrara no seu joelho.

— Olá, *Fawkes* — saudou-a Harry baixinho. Afagou a bela plumagem escarlate e dourada da fénix. *Fawkes* pestanejou serenamente. Havia algo de reconfortante no seu peso quente.

Dumbledore tinha parado de falar. Sentou-se atrás da secretária, em frente de Harry, que desviou os olhos. Dumbledore ia interrogá-lo. Ia fazê-lo reviver tudo aquilo.

— Preciso de saber o que aconteceu depois de teres tocado no Botão de Transporte no labirinto, Harry — disse Dumbledore.

— Podemos deixar isso para amanhã, não podemos, Dumbledore? — pediu Sirius rispidamente. Poisara a mão no ombro de Harry. — Deixa-o

dormir. Deixa-o descansar.

Harry sentiu um impulso de gratidão para com ele, mas Dumbledore não fez caso das palavras de Sirius. Inclinou-se para Harry. Muito a contragosto, Harry levantou a cabeça e fitou aqueles olhos azuis.

— Se eu achasse que te podia ajudar pondo-te num sono encantado — afirmou Dumbledore suavemente — e permitindo que adiasse o momento em que terás de pensar no que aconteceu esta noite, fá-lo-ia. Mas sei que não. Adormecer a dor durante um tempo torná-la-á pior quando finalmente a sentires. Tu demonstraste uma coragem para além de tudo o que eu poderia esperar de ti. Peço-te que mostres uma vez mais a tua fibra. Contamos o que aconteceu.

A fénix soltou uma nota doce e trémula. Ficou a pairar no ar, e Harry sentiu-se como se uma gota de líquido quente lhe tivesse escorregado pela garganta abaixo até ao estômago, aquecendo-o e dando-lhe forças.

Inspirou profundamente e começou a contar-lhes. Enquanto falava, visões de tudo o que acontecera nessa noite pareciam erguer-se diante dos seus olhos. Viu a superfície faiscante da poção que reavivara Voldemort; viu os Devoradores da Morte Materializarem-se entre os túmulos à volta deles; viu o corpo de Cedric, jazendo no solo ao lado da Taça.

Uma ou duas vezes, Sirius emitiu um som como se estivesse prestes a dizer qualquer coisa, a mão ainda firmemente agarrada ao ombro de Harry, mas Dumbledore ergueu a mão para o deter, e Harry ficou satisfeito por isso, porque era mais fácil prosseguir agora que já começara. Era mesmo um alívio; sentia-se quase como se algo de venenoso estivesse a ser extraído dele; precisava de apelar a toda a sua determinação para continuar a falar e, contudo, pressentia que, quando tivesse terminado, se sentiria melhor.

No entanto, quando Harry contou que Wormtail lhe tinha cortado o braço com o punhal, Sirius soltou uma exclamação violenta, e Dumbledore levantou-se tão depressa que Harry deu um pulo. Dumbledore deu alguns passos em volta da secretária, dizendo-lhe que estendesse o braço. Harry mostrou a ambos o sítio onde tinha as vestes rasgadas e o corte por baixo delas.

— Ele disse que o meu sangue o faria mais forte do que se usasse o de outra pessoa — contou Harry a Dumbledore. — Disse que a protecção que a minha mãe deixara em mim... tê-la-ia também ele. E tinha razão... conseguiu tocar-me sem se magoar, tocou-me na cara.

Durante um instante fugaz, Harry pensou ter visto um brilho de algo semelhante a triunfo nos olhos de Dumbledore. Mas no segundo seguinte, estava certo de ter sido imaginação, pois quando Dumbledore voltou para a

sua cadeira atrás da secretária, parecia velho e fatigado como Harry nunca o vira.

— Muito bem — disse ele, sentando-se novamente. — O Voldemort ultrapassou essa barreira. Continua, por favor.

Harry prosseguiu. Explicou como Voldemort emergira do caldeirão e contou-lhes tudo aquilo de que se conseguia lembrar do discurso de Voldemort aos Devoradores da Morte. Depois contou-lhes que Voldemort o desamarrara, lhe devolvera a varinha e se preparara para o duelo.

Porém, quando chegou à parte em que o feixe de luz dourada tinha ligado a sua varinha e a de Voldemort, sentiu um nó na garganta. Esforçou-se por continuar a falar, mas as recordações do que saíra da varinha de Voldemort inundavam-lhe a mente. Via Cedric a emergir, via o velho, Bertha Jorkins... a mãe... o pai...

Foi um alívio quando Sirius rompeu o silêncio.

— As varinhas ligaram-se? — inquiriu ele, olhando de Harry para Dumbledore. — Porquê?

Harry ergueu de novo os olhos para Dumbledore, cujo rosto mostrava um ar de grande concentração.

— *Priori Incantatem* — murmurou ele.

Os seus olhos fixaram-se nos de Harry e foi quase como se um raio invisível de compreensão tivesse passado entre eles.

— O efeito de inversão do feitiço? — perguntou Sirius vivamente.

— Exactamente — confirmou Dumbledore. — As varinhas do Harry e do Voldemort partilham o mesmo núcleo. Ambas contêm uma pena da cauda da mesma fénix. *Desta* fénix, na realidade — acrescentou ele, apontando para a ave escarlata e dourada, serenamente empoleirada no joelho de Harry.

— A pena da minha varinha veio da *Fawkes*? — exclamou Harry, espantado.

— Veio — assentiu Dumbledore. — Mr. Ollivander escreveu-me a dizer que tu tinhas comprado a segunda varinha, assim que saíste da loja dele, há quatro anos.

— Então, o que acontece quando uma varinha encontra a sua gémea? — inquiriu Sirius.

— Não funcionam devidamente uma contra a outra — explicou Dumbledore. — Se, todavia, os donos das varinhas as forcingarem a combater... ocorrerá um efeito muito raro. Uma das varinhas forçará a outra a expelir encantamentos que ela tenha feito... em ordem inversa. Primeiro o mais recente... e depois os que o precederam...

Olhou interrogativamente para Harry e este anuiu.

— O que significa — adiantou Dumbledore lentamente, de olhos postos na cara de Harry —, que uma qualquer forma do Cedric deve ter reaparecido.

Harry voltou a anuir.

— O Diggory voltou à vida? — inquiriu Sirius ansiosamente.

— Não há feitiço que possa fazer renascer os mortos — disse Dumbledore pesadamente. — Tudo o que teria acontecido era uma espécie de eco invertido. Uma sombra do Cedric vivo teria emergido da varinha... estou certo, Harry?

— Ele falou comigo — disse Harry. De repente estava outra vez a tremer. — O... o fantasma do Cedric, ou lá o que era, falou.

— Um eco — explicou Dumbledore — que reteve a aparência e o carácter do Cedric. Suponho que outras formas semelhantes tenham surgido... vítimas menos recentes da varinha do Voldemort...

— Um velho — disse Harry, de garganta ainda apertada. — A Bertha Jorkins. E...

— Os teus pais — completou Dumbledore delicadamente.

— Sim — anuiu Harry.

Sirius apertava agora o ombro de Harry com tanta força que até doía.

— Os últimos assassínios que a varinha executou — comentou Dumbledore acenando. — Em ordem inversa. Teriam aparecido mais, claro, se tu tivesses mantido a ligação. Bom, Harry, esses ecos, essas sombras... o que fizeram eles?

Harry descreveu como as figuras que haviam emergido da varinha tinham ficado a rondar as bordas da teia dourada, como Voldemort parecera receá-las, como a sombra do seu pai lhe dissera o que fazer e o pedido final feito pela sombra de Cedric.

Chegado a esse ponto, Harry não conseguiu continuar. Olhou para Sirius e viu que este tinha a cara enterrada nas mãos.

Harry apercebeu-se subitamente de que *Fawkes* abandonara o seu joelho. A fénix esvoaçara para o chão. Apoiava a sua bela cabeça contra a perna magoada de Harry e lágrimas grossas como pérolas tombavam dos seus olhos para a ferida deixada pela aranha. A dor desapareceu. A pele recompôs-se. Tinha a perna curada.

— Torno a dizê-lo — declarou Dumbledore, enquanto a fénix levantava voo e voltava a instalar-se no poleiro ao lado da porta. — Esta noite demonstraste uma coragem para além de tudo o que eu poderia esperar de ti, Harry. Demonstraste uma coragem igual à daqueles que morreram a combater o Voldemort no auge do seu poder. Meteste ombros a uma tarefa para um feitiçeiro adulto e mostraste-te à altura dela... e já nos deste tudo

aquilo que temos o direito de esperar. Vens comigo para a enfermaria. Não quero que voltes para o dormitório esta noite. Uma poção do sono e alguma paz... Sirius, gostarias de ficar com ele?

Sirius acenou afirmativamente e levantou-se. Voltou a transformar-se no grande cão preto e saiu com Harry e Dumbledore do gabinete, acompanhando-os pelas escadas abaixo até à enfermaria.

Quando Dumbledore empurrou a porta, Harry viu Mrs. Weasley, Bill, Ron e Hermione reunidos em volta de Madame Pomfrey, que tinha um ar atormentado. Pareciam estar a exigir saber onde se encontrava Harry e o que lhe tinha acontecido.

Todos se voltaram bruscamente quando Harry, Dumbledore e o cão preto entraram e Mrs. Weasley soltou um grito abafado. — Harry! Oh, Harry!

Começou a dirigir-se rapidamente para ele, mas Dumbledore interpôs-se.

— Molly — disse ele levantando a mão —, por favor, escuta-me um instante. O Harry passou esta noite por uma provação terrível. Acabou de ter de a recordar para eu ouvir. Do que ele agora precisa é de dormir, de paz e de sossego. Se ele tiver gosto em que todos vocês fiquem com ele — acrescentou, olhando em volta para Ron, Hermione e também para Bill —, podem ficar, mas não quero que lhe façam perguntas até ele estar preparado para responder e muito menos esta noite.

Mrs. Weasley anuiu. Estava lívida.

Reuniu Ron, Hermione e Bill, como se eles estivessem a fazer barulho, e sussurrou: — Ouviram? Ele precisa de sossego!

— Senhor director — interveio Madame Pomfrey fitando o grande cão preto que era Sirius —, posso perguntar o que...?

— Este cão vai ficar com o Harry durante uns tempos — declarou simplesmente Dumbledore. — Garanto-lhe que está muito bem treinado. Harry, eu espero enquanto te metes na cama.

Harry sentiu-se inexprimivelmente grato a Dumbledore por ter pedido aos outros que não o interrogassem. Não é que não os quisesse ali; mas a ideia de ter de voltar a explicar tudo de novo, a ideia de reviver aquilo outra vez, era mais do que conseguia aguentar.

— Volto para te ver assim que tiver falado com o Fudge, Harry — disse Dumbledore. — Gostaria que ficasses aqui amanhã, até eu ter falado com a escola. — Saiu.

Quando Madame Pomfrey conduziu Harry para uma cama próxima, ele avistou o verdadeiro Moody deitado, imóvel, numa cama ao fundo da sala. A perna de pau e o olho mágico estavam em cima da mesinha-de-cabeceira.

— Ele está bem? — perguntou.

— Vai ficar bem — afirmou Madame Pomfrey, dando-lhe um pijama e

colocando um biombo em volta dele. Harry despiu-se, vestiu o pijama e enfiou-se na cama. Ron, Hermione, Bill, Mrs. Weasley e o cão preto rodearam o biombo e instalaram-se em cadeiras de ambos os lados da cama. Ron e Hermione fitavam-no quase cautelosamente, como se tivessem medo dele.

— Estou bem — assegurou-lhes ele. — Só cansado.

Os olhos de Mrs. Weasley encheram-se de lágrimas e ela ajeitou a colcha desnecessariamente.

Madame Pomfrey, que havia partido apressada para o seu gabinete, voltou com uma taça e uma pequena garrafa com uma poção cor de púrpura.

— Vais ter de beber isto tudo, Harry — disse ela. — É uma poção para um sono sem sonhos.

Harry pegou na taça e bebeu alguns goles. Sentiu-se imediatamente sonolento. Tudo à sua volta ficou esfumado; os candeeiros da enfermaria pareciam cintilar de uma forma amistosa através do biombo que lhe rodeava a cama; sentiu-se como se o corpo se estivesse a afundar cada vez mais no calor do colchão de penas. Antes de conseguir acabar a poção, antes de conseguir dizer mais uma palavra, a sua exaustão levava-o a adormecer.

*

Harry acordou tão quente, tão sonolento, que não abriu os olhos, desejando adormecer de novo. A sala continuava pouco iluminada; tinha a certeza de que ainda era de noite e a sensação de que não podia ter dormido muito tempo.

Então ouviu murmúrios à sua volta.

— Se não se calam, ainda o acordam!

— Por que é que estão aos gritos? Não pode ter acontecido mais nada, pois não?

Harry abriu os olhos turvos. Alguém lhe tirara os óculos. Conseguia distinguir os contornos indistintos de Mrs. Weasley e de Bill ali perto. Mrs. Weasley estava de pé.

— É a voz do Fudge — segredou ela. — E aquela é da Minerva McGonagall, não é? Mas sobre o que estão eles a discutir?

Agora Harry também os ouvia: pessoas aos gritos e a correr em direcção à enfermaria.

— Lamentável, mas apesar disso, Minerva... — dizia Cornelius Fudge muito alto.

— Nunca o deveria ter trazido para dentro do castelo! — gritou a professora McGonagall. — Quando o Dumbledore souber... — Harry ouviu as portas da enfermaria escancararem-se. Sem que ninguém à sua volta reparasse, dado estarem todos a olhar para a porta, enquanto Bill voltava a puxar o biombo, Harry sentou-se e pôs os óculos.

Fudge entrou com passadas largas. Os professores McGonagall e Snape vinham logo atrás.

— Onde está o Dumbledore? — perguntou Fudge a Mrs. Weasley.

— Aqui não está — disse Mrs. Weasley, furiosa. — Isto é uma enfermaria, Ministro, não acha que é melhor... — Mas a porta abriu-se e Dumbledore entrou na sala.

— O que aconteceu? — interrogou Dumbledore asperamente, olhando de Fudge para a professora McGonagall. — Por que estão a perturbar esta gente? Minerva, estou admirado consigo... pedi-lhe que ficasse a guardar o Barty Crouch.

— Já não é preciso guardá-lo mais, Dumbledore! — guinchou ela. — O Ministro encarregou-se disso.

Harry nunca vira a professora McGonagall descontrolar-se daquela maneira. Tinha nas faces manchas vermelhas de raiva, os punhos cerrados e tremia de cólera.

— Quando informámos Mr. Fudge de que tínhamos apanhado o Devorador da Morte responsável pelos acontecimentos desta noite — disse Snape em voz baixa —, ele deve ter pensado que a sua segurança pessoal estava ameaçada. Insistiu em chamar um Dementor para o acompanhar ao castelo. Trouxe-o para o gabinete onde o Barty Crouch...

— Eu disse-lhe que não concordaria com aquilo, Dumbledore! — interrompeu furiosamente a professora McGonagall. — Disse-lhe que nunca permitiria que os Dementors pusessem o pé no interior do castelo, mas...

— Minha cara senhora! — rugiu Fudge, que também parecia mais zangado do que Harry alguma vez o vira. — Como Ministro da Magia, cabe-me decidir se desejo ou não trazer protecção comigo quando vou interrogar alguém possivelmente perigoso.

Mas a voz da professora McGonagall abafou a de Fudge.

— No instante em que aquele... aquela coisa entrou na sala — gritou ela, apontando para Fudge e tremendo dos pés à cabeça — precipitou-se sobre o Crouch e... — Harry sentiu um frio no estômago, enquanto a professora McGonagall se esforçava por encontrar palavras que descrevessem o que acontecera. Ele não precisava que ela acabasse a frase. Sabia o que o Dementor devia ter feito. Tinha dado o beijo fatal a Barty

Crouch. Tinha-lhe sugado a alma pela boca. Ele estava pior do que morto.

— Que diabo, não se perde nada! — vociferou Fudge. — Ao que parece, ele foi responsável por várias mortes!

— Mas agora já não pode testemunhar, Cornelius — disse Dumbledore. Fitava Fudge, como se o visse bem pela primeira vez. — Agora já não pode explicar por que matou aquelas pessoas.

— Por que é que ele as matou? Bem, isso não é nenhum mistério, pois não? — explodiu Fudge. — Ele estava totalmente louco! Pelo que a Minerva e o Severus me contaram, parece que ele pensava estar a fazer tudo aquilo por instruções do Quem-Nós-Sabemos.

— Lord Voldemort *estava* a dar-lhe instruções, Cornelius — retorquiu Dumbledore. — As mortes dessas pessoas foram apenas subprodutos de um plano para restituir ao Voldemort toda a sua força. O plano teve êxito. O Voldemort recuperou o seu corpo.

Fudge tinha o ar de quem acaba de levar com um tijolo na cara. Atordoado e a pestanejar, fitou Dumbledore como se não conseguisse acreditar no que acabava de ouvir.

Começou a falar precipitadamente, ainda de olhos arregalados para Dumbledore. — O Quem-Nós-Sabemos... voltou? Absurdo! Não pode ser, Dumbledore...

— Como a Minerva e o Severus sem dúvida te contaram — disse Dumbledore —, nós ouvimos o Barty Crouch confessar. Sob a influência do Veritaserum, contou-nos como foi retirado de Azkaban e como o Voldemort, tendo sabido pela Bertha Jorkins que ele continuava vivo, o foi libertar do pai e o utilizou para capturar o Harry. O plano resultou, digo-to eu. O Crouch ajudou o Voldemort a regressar.

— Olha lá, Dumbledore — hesitou Fudge, e Harry ficou atónito ao ver um leve sorriso começar a inundar-lhe a cara —, tu... tu não podes acreditar realmente nisso. O Quem-Nós-Sabemos... ter voltado? Vamos, vamos... indubitavelmente, o Crouch pode ter *acreditado* que agia segundo ordens do Quem-Nós-Sabemos... mas aceitar a palavra de um tresloucado daqueles, Dumbledore...

— Quando o Harry tocou na Taça dos Três Feiticeiros esta noite, foi transportado directamente para junto do Voldemort — disse Dumbledore com firmeza. — Ele assistiu ao renascimento de Lord Voldemort. Explico-te tudo, se quiseres vir ao meu gabinete.

Dumbledore virou a cabeça para olhar para Harry e viu que ele estava acordado, mas abanou a cabeça e disse: — Lamento, mas não posso permitir que interrogues o Harry esta noite.

Fudge mantinha o seu estranho sorriso.

Também ele olhou para Harry, e depois de novo para Dumbledore e disse: — E tu estás... hã... disposto a aceitar a palavra do Harry sobre este assunto, é isso, Dumbledore?

Houve um momento de silêncio, quebrado pelo rosnar de Sirius. Tinha o pêlo eriçado e arreganhava os dentes a Fudge.

— É evidente que acredito no Harry — garantiu Dumbledore. Os seus olhos faiscavam agora. — Eu ouvi a confissão do Crouch e ouvi o relato do Harry sobre o que aconteceu depois de ele tocar na Taça dos Três Feiticeiros; as duas histórias fazem sentido e explicam tudo o que tem acontecido desde que a Bertha Jorkins desapareceu no Verão passado.

Fudge continuava com aquele curioso sorriso. Mais uma vez, relanceou um olhar a Harry antes de responder. — Estás disposto a acreditar que Lord Voldemort voltou, baseado na palavra de um assassino tresloucado e de um rapaz que... bem...

Fudge deitou um novo olhar a Harry e de repente este percebeu.

— O senhor leu o artigo da Rita Skeeter, Mr. Fudge — afirmou ele com voz serena.

Ron, Hermione, Mrs. Weasley e Bill deram um salto. Nenhum deles se apercebera de que Harry estava acordado.

Fudge corou ligeiramente, mas surgiu-lhe no rosto uma expressão obstinada de desafio.

— E se tiver lido? — ripostou ele, olhando para Dumbledore. — Se tiver descoberto que tu tens mantido certos factos relativos ao rapaz bastante em segredo? Um serpentês, hem? E a ter ataques esquisitos por toda a parte.

— Suponho que te estás a referir às dores que o Harry tem sentido na cicatriz? — proferiu Dumbledore em tom gelado.

— Então, admites que ele tem sentido essas dores? — reagiu Fudge de imediato. — Dores de cabeça? Pesadelos? Possivelmente... alucinações?

— Ouve-me bem, Cornelius — disse Dumbledore, dando um passo em direcção a Fudge e parecendo uma vez mais irradiar aquela indefinível sensação de poder que Harry sentira depois de ter Atordoad o jovem Crouch. — O Harry está tão bom da cabeça como tu ou eu. Aquela cicatriz da testa não lhe afectou o cérebro. Penso que ela lhe dói quando Lord Voldemort está perto, ou com uma disposição particularmente malévola.

Fudge recuara um passo, mas não parecia menos obstinado. — Perdoar-me-ás, Dumbledore, mas nunca ouvi falar de uma cicatriz de maldição que funcionasse como alarme...

— Ouça, eu assisti ao regresso do Voldemort! — gritou Harry. Tentou de novo sair da cama, mas Mrs. Weasley obrigou-o a ficar. — Vi os Devoradores da Morte! Posso dizer-lhe os nomes deles! O Lucius Malfoy.

— Snape teve um movimento súbito, mas quando Harry olhou para ele, os seus olhos poisaram-se novamente em Fudge.

— O Malfoy foi ilibado! — disse Fudge, visivelmente ofendido. — Uma família muito antiga... fez doações para causas excelentes.

— O McNair! — continuou Harry.

— Igualmente ilibado! Trabalha agora para o Ministério!

— O Avery... o Nott... o Crabbe... o Goyle.

— Estás apenas a repetir os nomes daqueles que foram ilibados da acusação de serem Devoradores da Morte há treze anos! — exclamou Fudge, colérico. — Podes ter encontrado esses nomes em relatos antigos dos julgamentos! Pelo amor de Deus, Dumbledore, o rapaz também tinha uma história do arco-da-velha no final do ano passado; as invenções dele estão a ficar mais elaboradas e tu continuas a engoli-las; o rapaz fala com cobras, Dumbledore, e tu ainda pensas que ele é de confiança?

— Idiota! — exclamou a professora McGonagall. — O Cedric Diggory! Mr. Crouch! Essas mortes não foram o trabalho aleatório de um treloucado!

— Não vejo quaisquer provas em contrário! — gritou Fudge, com uma cólera igual à dela e a face purpúrea. — A mim parece-me que vocês estão todos decididos a instalar um pânico que irá desestabilizar tudo aquilo para que trabalhámos durante os últimos treze anos!

Harry não conseguia acreditar no que ouvia. Sempre considerara Fudge como uma figura bondosa, um pouco fanfarrona, um pouco pomposa, mas essencialmente afável. Mas agora via diante de si um feiticeiro mesquinho e colérico, que se recusava absolutamente a aceitar a perspectiva de perturbar o seu mundo confortável e ordenado e a acreditar que Voldemort pudesse ter voltado.

— O Voldemort regressou — repetiu Dumbledore. — Se aceitares imediatamente esse facto, Fudge, e tomares as medidas necessárias, talvez ainda possamos salvar a situação. O primeiro passo, absolutamente essencial, é retirar Azkaban do controlo dos Dementors.

— Absurdo! — gritou novamente Fudge. — Retirar os Dementors! Eu seria demitido se sugerisse tal coisa! Metade de nós só se sente seguro na cama à noite porque sabe que os Dementors estão de guarda em Azkaban!

— E o resto de nós dormirá menos sossegado, Cornelius, sabendo que confiaste os mais perigosos apoiantes de Lord Voldemort ao cuidado de criaturas que se lhe juntarão no instante em que ele os convidar! — retorquiu Dumbledore. — Eles não permanecerão fiéis a ti, Fudge! O Voldemort pode oferecer-lhes um raio de acção muito maior para os seus poderes e os seus prazeres do que tu! Com os Dementors por detrás, e os

seus antigos apoiantes de volta, terás muita dificuldade em o impedir de recuperar o tipo de poder que ele tinha há treze anos!

«O segundo passo que deves dar é imediatamente — insistiu Dumbledore — é mandar mensageiros aos gigantes.

— Mensageiros aos gigantes? — guinchou Fudge, voltando a encontrar a voz. — Que loucura é essa?

— Estende-lhes uma mão amiga, agora, antes que seja demasiado tarde — aconselhou Dumbledore —, ou o Voldemort persuadi-los-á, como já fez anteriormente, que é o único dos feiticeiros que lhes concederá os seus direitos e a sua liberdade!

— Tu... tu não estás a falar a sério! — exclamou Fudge ofegante, abanando a cabeça e afastando-se ainda mais de Dumbledore. — Se a comunidade mágica soubesse que eu tinha abordado os gigantes, sabes que as pessoas os odeiam, Dumbledore, seria o fim da minha carreira.

— Tu estás cego — disse Dumbledore, agora em voz sonora, a aura de poder à sua volta profundamente sentida, os olhos de novo chamejantes — pelo amor ao cargo que ocupas, Cornelius! Dás demasiada importância, e sempre deste, à chamada pureza de sangue! És incapaz de reconhecer que o importante não é aquilo com que uma pessoa nasce mas aquilo em que se se torna! O teu Dementor acaba de destruir o último membro de uma família de sangue puro das mais antigas, e vê o que esse homem optou por fazer da sua vida! Ouve o que te digo, toma as medidas que te sugeri e serás recordado, mantendo o cargo ou não, como um dos maiores e mais corajosos Ministros da Magia que já tivemos. Não actues, e a história recordar-te-á como o homem que se pôs de parte e concedeu ao Voldemort uma segunda oportunidade de destruir o mundo que nós tentámos reconstruir!

— Demente — sussurrou Fudge ainda a recuar. — Louco...

E depois fez-se silêncio. Madame Pomfrey estava aos pés da cama de Harry, estarrecida, as mãos a tapar a boca. Mrs. Weasley continuava curvada sobre Harry, a mão no ombro dele para o impedir de se levantar. Bill, Ron e Hermione fixavam Fudge de olhos arregalados.

— Se a tua determinação em fechar os olhos te leva até este ponto, Cornelius — disse Dumbledore —, chegou a altura de separar as águas. Tu deves agir como achares adequado. E eu... eu agirei como achar adequado.

A voz de Dumbledore não continha o menor vestígio de ameaça. Era uma simples afirmação, mas Fudge reagiu como se Dumbledore avançasse para ele de varinha em riste.

— Olha, Dumbledore — disse ele, agitando um dedo ameaçadoramente. — Sempre te dei rédea livre. Tive imenso respeito por ti. Posso não ter

concordado com algumas decisões tuas, mas calei-me. Não há muitos que te tivessem deixado contratar lobisomens, ou manter aqui o Hagrid, ou decidir o que ensinar aos teus alunos sem consultar o Ministério. Mas se vais trabalhar contra mim...

— A única pessoa contra quem tenciono trabalhar é Lord Voldemort — redarguiu Dumbledore. — Se és contra ele, então, Cornelius, continuamos do mesmo lado.

Fudge pareceu não conseguir encontrar resposta para isto. Baloçou-se para trás e para a frente nos seus pequenos pés durante um momento, fazendo girar o chapéu de coco nas mãos.

Por fim, com um traço de súplica na voz, disse: — Ele não pode ter voltado, Dumbledore, não pode, pura e simplesmente...

Snape avançou em passos largos, ultrapassando Dumbledore, ao mesmo tempo que arregaçava a manga esquerda do seu manto. Destapou o antebraço e mostrou-o a Fudge, que recuou.

— Veja — disse Snape asperamente. — Veja. A Marca Negra. Não está tão nítida como há coisa de uma hora, quando a sua queimadura reapareceu, mas ainda a pode ver. Todos os Devoradores da Morte foram marcados com o sinal pelo Senhor das Trevas. Era uma forma de nos reconhecermos uns aos outros e a maneira como ele nos convocava. Quando ele tocava a Marca de qualquer Devorador da Morte, nós devíamos Desmaterializar-nos e Materializar-nos, instantaneamente, ao seu lado. Esta marca tem vindo a ficar mais nítida durante todo este ano. A do Karkaroff também. Por que é que pensa que o Karkaroff fugiu esta noite? Ambos sentimos a queimadura da Marca. Ambos soubemos que ele tinha voltado. O Karkaroff receia a vingança do Senhor das Trevas. Traiu demasiados dos seus companheiros Devoradores da Morte para estar certo de ser bem recebido de volta à congregação.

Fudge afastou-se de Snape. Abanava a cabeça. Parecia não ter assimilado uma só palavra do que ele dissera. Fixava, aparentemente com repulsa, a hedionda marca no braço de Snape e depois olhou para Dumbledore e murmurou: — Não sei o que tu e o teu corpo docente andam a tramar, Dumbledore, mas já ouvi que chegue. Não tenho mais nada a acrescentar. Contactar-te-ei amanhã para discutir a direcção desta escola, Dumbledore. Tenho de regressar ao Ministério.

Tinha quase chegado à porta, quando estacou. Deu meia-volta, atravessou rapidamente o dormitório e parou junto à cama de Harry.

— O teu prémio — disse ele sucintamente, tirando do bolso um grande saco de ouro e deixando-o cair na mesinha-de-cabeceira. — Mil galeões. Devia ter havido uma cerimónia de entrega, mas nas circunstâncias

actuais...

Enterrou o chapéu pela cabeça abaixo e saiu da sala, batendo com a porta atrás de si. No instante em que ele desapareceu, Dumbledore virou-se para encarar o grupo que rodeava a cama de Harry.

— Há muito trabalho a fazer — afirmou ele. — Molly... tenho razão em pensar que posso contar contigo e com o Arthur?

— É claro que pode — respondeu Mrs. Weasley. Até os seus lábios estavam brancos, mas tinha um ar resoluto. — Ele sabe bem como o Fudge é. É o interesse do Arthur pelos Muggles que o tem mantido todos estes anos no Ministério. O Fudge acha que lhe falta o orgulho de feiticeiro.

— Então, preciso de lhe enviar uma mensagem — decidiu Dumbledore. — Todos aqueles que conseguirmos convencer da verdade devem ser imediatamente notificados e o Arthur está bem colocado para contactar os que, dentro do Ministério, não têm as vistas tão curtas como o Fudge.

— Eu vou ter com o pai — despediu-se Bill levantando-se. — Vou agora mesmo.

— Excelente — congratulou-se Dumbledore. — Conta-lhe o que aconteceu. Diz-lhe que entrarei em contacto directo com ele muito em breve. No entanto, ele precisa de usar de discrição. Se o Fudge pensar que eu estou a interferir no Ministério...

— Deixe isso comigo — declarou Bill.

Deu uma palmada no ombro de Harry, beijou a mãe, pôs a capa e abandonou a sala em passos largos.

— Minerva — disse Dumbledore, voltando-se para a professora McGonagall —, quero ver o Hagrid no meu gabinete o mais depressa possível. E também, se ela consentir em vir, a Madame Maxime.

A professora McGonagall fez um aceno afirmativo e saiu sem uma palavra.

— Poppy — dirigiu-se Dumbledore a Madame Pomfrey —, quer ter a bondade de descer ao gabinete do professor Moody, onde penso que encontrará uma elfo doméstica chamada Winky, muito transtornada? Faça o que puder por ela e leve-a de volta para as cozinhas. Creio que o Dobby olhará por ela.

— Muito... muito bem — balbuciou Madame Pomfrey, parecendo atónita e saiu igualmente.

Dumbledore certificou-se de que a porta estava fechada e de que os passos de Madame Pomfrey deixavam de se ouvir, antes de voltar a falar.

— E agora — disse ele — é tempo de dois dos nossos se reconhecerem por aquilo que são. Sirius... se quiseres retomar a tua forma habitual.

O grande cão preto ergueu os olhos para Dumbledore e depois, num

ápice, transformou-se de novo em homem.

Mrs. Weasley deu um grito e levantou-se da cama de um salto.

— Sirius Black! — gritou ela em voz aguda, apontando para ele.

— Esteja calada, mãe! — berrou Ron. — Está tudo bem!

Snape não gritara nem recuara, mas a expressão do seu rosto era uma mescla de fúria e horror.

— Este! — vociferou, fitando Sirius, cuja face exibia igual repugnância.

— O que está ele a fazer aqui?

— Está aqui a meu convite — respondeu Dumbledore, fixando-os alternadamente —, tal como tu, Severus. Confio em ambos. É altura de porem de parte as vossas velhas divergências e de confiarem um no outro.

Harry pensou que Dumbledore estava a pedir quase um milagre. Sirius e Snape fitavam-se com a maior aversão.

— Para já, contento-me com o cessar de uma hostilidade aberta — acrescentou Dumbledore, com uma nota de impaciência na voz. — Apertem as mãos. Agora estão do mesmo lado. O tempo escasseia e a menos que os poucos de nós que sabem a verdade se mantenham unidos, não há esperança para ninguém.

Muito lentamente — mas ainda de olhos flamejantes postos um no outro, como se só se desejassem mal — Sirius e Snape aproximaram-se e apertaram as mãos. Soltaram-nas muito depressa.

— Isso chega para começar — disse Dumbledore, metendo-se de novo entre eles. — Agora tenho trabalho para ambos. A atitude do Fudge, embora não inesperada, muda tudo. Sirius, preciso que partas imediatamente. Tens de alertar o Remus Lupin, a Arabella Figg, o Mundungus Fletcher, o velho grupo. Esconde-te em casa do Lupin durante um tempo, contactar-te-ei lá.

— Mas... — interpôs Harry.

Ele queria que Sirius ficasse. Não queria ter de se despedir outra vez tão depressa.

— Ver-me-ás muito em breve, Harry — afirmou Sirius virando-se para ele. — Prometo-to. Mas tenho de fazer o que puder; compreendes, não é verdade?

— Sim — disse Harry. — Sim... é claro que sim.

Sirius apertou-lhe rapidamente a mão, acenou a Dumbledore, voltou a transformar-se no cão preto e correu até à porta, cuja maçaneta rodou com a pata. Depois desapareceu.

— Severus — disse Dumbledore, voltando-se para Snape —, sabes o que tenho de te pedir que faças. Se estás pronto... se estás disposto...

— Estou — afirmou Snape.

Parecia ligeiramente mais pálido do que o habitual e os seus frios olhos pretos tinham um brilho estranho.

— Então, felicidades — disse Dumbledore, ficando a observar, com uma ruga de apreensão no rosto, enquanto Snape saía sem uma palavra atrás de Sirius.

Passaram-se alguns minutos até Dumbledore falar de novo.

— Tenho de ir lá abaixo — disse ele finalmente. — Tenho de receber os Diggory. Harry, bebe o resto da poção. Vejo-vos a todos mais tarde.

Harry deixou-se descair nas almofadas enquanto Dumbledore desaparecia. Hermione, Ron e Mrs. Weasley olhavam todos para ele. Ninguém falou durante muito tempo.

— Tens de tomar o resto da poção, Harry — repetiu Mrs. Weasley por fim. A mão dela roçou pelo saco de ouro em cima da mesinha-de-cabeceira quando pegou na garrafa e na taça. — Vê se dormes um bom sono. Procura pensar em qualquer outra coisa... pensa no que vais comprar com o dinheiro do prémio!

— Eu não quero esse ouro — declarou Harry em voz inexpressiva. — Fique com ele. Alguém fique com ele. Eu não o devia ter ganhado. Devia ser do Cedric.

Aquilo com que lutara intermitentemente desde que saíra do labirinto ameaçava apoderar-se dele. Tinha uma sensação de queimadura nos cantos interiores dos olhos. Pestanejou e fixou o tecto.

— Não foi culpa tua, Harry — murmurou Mrs. Weasley.

— Eu disse-lhe para agarrar na Taça comigo — disse Harry.

Agora tinha a sensação de queimadura também na garganta. Quem lhe dera que Ron olhasse para outro lado.

Mrs. Weasley poisou a poção na mesinha-de-cabeceira, curvou-se e passou os braços em volta de Harry. Ele não se lembrava de alguma vez ter sido abraçado assim, como por uma mãe. Quando Mrs. Weasley o apertou contra si, todo o impacto do que vira nessa noite pareceu abater-se sobre ele. A cara da mãe, a voz do pai, a visão de Cedric morto no solo, tudo começou a girar-lhe na cabeça até ser impossível de suportar, até ele contorcer o rosto para conter o uivo de infelicidade que se esforçava por sair.

Ouviu-se uma pancada sonora e Mrs. Weasley e Harry separaram-se. Hermione estava de pé junto à janela. Segurava qualquer coisa na mão bem fechada.

— Desculpem — murmurou ela.

— A tua poção, Harry — disse Mrs. Weasley muito depressa, enxugando os olhos às costas da mão.

Harry bebeu-a de uma vez. O efeito foi instantâneo. Ondas pesadas, irresistíveis, de um sono sem sonhos inundaram-no, caiu sobre as almofadas e deixou de pensar.

XXXVII

O PRINCÍPIO

Quando olhava para trás, um mês mais tarde, Harry tinha consciência de que se lembrava mal dos dias que se seguiram. Era como se tivesse passado por demasiadas coisas e não conseguisse absorver mais. As recordações que tinha eram muito dolorosas, mas o pior fora talvez o encontro com os Diggory na manhã seguinte.

Eles não o haviam culpado pelo que acontecera; pelo contrário, ambos lhe agradeceram por lhes ter trazido o corpo de Cedric. Mr. Diggory soluçara durante a maior parte da conversa, mas o desgosto de Mrs. Diggory parecia estar para além das lágrimas.

— Então, ele sofreu muito pouco — disse ela quando Harry lhe contou como Cedric morrera. — E afinal, Amos... morreu logo após ter ganhado o Torneio. Devia estar muito feliz.

Quando se levantaram, ela baixou os olhos para Harry e disse: — Agora vê se tens cuidado contigo.

Harry pegou no saco de ouro de cima da mesinha-de-cabeceira.

— Fique com isto — murmurou ele. — Devia ter sido do Cedric, ele chegou lá primeiro, fique com... — Mas ela recuara. — Oh não, é teu, querido, nós não poderíamos... guarda-o.

*

Harry voltou à Torre dos Gryffindor na noite seguinte. Segundo Hermione e Ron lhe haviam contado, Dumbledore falara à escola nessa manhã, ao pequeno-almoço. Limitara-se a pedir que deixassem Harry em paz, que ninguém lhe fizesse perguntas ou o pressionasse para contar a história do que acontecera no labirinto. Reparou que a maior parte das pessoas se desviava dele nos corredores, evitando olhá-lo. Algumas

segredavam por detrás das mãos, quando ele passava. Calculou que muitas teriam acreditado no artigo de Rita Skeeter, que o dava como transtornado e potencialmente perigoso. Talvez tivessem as suas próprias teorias acerca da morte de Cedric. Descobriu que não se importava muito. Do que mais gostava era de estar com Ron e Hermione a conversar sobre outras coisas ou, quando eles o deixavam, sentar-se em silêncio enquanto jogavam xadrez. Sentia como que se os três tivessem chegado a um nível de compreensão em que não precisavam de se expressar por palavras; que cada um deles aguardava um sinal, uma palavra, acerca do que se passava fora de Hogwarts e que era inútil especular sobre o que poderia vir a acontecer até saberem ao certo alguma coisa. A única vez em que abordaram o assunto foi quando Ron contou a Harry sobre uma reunião que Mrs. Weasley tivera com Dumbledore antes de ir para casa.

— A mãe foi perguntar se podias vir directamente para nossa casa este Verão — disse Ron. — Mas ele quer que voltes para os Dursley, pelo menos ao princípio.

— Porquê? — perguntou Harry.

— Ela disse que o Dumbledore tinha as suas razões — respondeu Ron, abanando sombriamente a cabeça. — Acho que temos de confiar nele, não é?

A única pessoa com quem Harry se sentia capaz de falar, além de Ron e Hermione, era Hagrid. Como deixara de haver professor de Defesa Contra a Magia Negra, tinham essas aulas livres. Aproveitaram a de quinta-feira à tarde para o ir visitar à sua cabana. Estava um dia claro e soalheiro e *Fang* precipitou-se pela porta aberta quando eles se aproximaram, a ladrar e a abanar a cauda doidamente.

— Quem é? — perguntou Hagrid chegando à porta. — *Harry!*

Apressou-se a ir ao encontro deles, apertou fortemente Harry só com um braço, despenteou-lhe o cabelo e disse: — Que bom ver-te, compincha. Que bom ver-te.

Quando entraram na cabana de Hagrid, viram duas chávenas e pires do tamanho de baldes na mesa de madeira em frente da lareira.

— 'Tive a tomar um chá c'a Olympe — disse Hagrid —, ela saiu memo agora.

— Quem? — perguntou Ron, curioso.

— A Madame Maxime, 'tá claro! — respondeu Hagrid.

— Então vocês fizeram as pazes? — perguntou Ron.

— Não sei de qu'ê que 'tás a falar — redarguiu Hagrid com ar despreocupado, tirando mais chávenas do armário. Depois de ter feito chá e passado em volta um prato com biscoitos, recostou-se na cadeira e

observou atentamente Harry com os seus olhos negros de carvão.

— 'Tás bem? — perguntou asperamente.

— Sim — respondeu Harry.

— Não 'tás nada — constatou Hagrid. — É claro que não 'tás. Mas hás-de 'tar.

Harry não disse nada.

— Eu cá sabia qu'ele ia voltar — disse Hagrid e Harry, Ron e Hermione fitaram-no, chocados. — Há anos qu'eu sei, Harry. Sabia qu'ele 'tava por aí, à coca. Tinha d'acontecer. Bom, agora 'conteceu e a gente vai ter d'aguentar. Vamos lutar. Talvez se consiga pará-lo antes dele 'tar muito forte. P'lo menos é esse o plano do Dumbledore. Grande homem, o Dumbledore. Enquanto a gente o tiver, não 'tou muito preocupado.

Hagrid arqueou as sobrancelhas farfalhudas perante a expressão de descrença das caras deles.

— Não vale a pena a gente ficar pr'aí sentados a preocupar-se — disse ele. — O que tiver de vir, virá e a gente enfrenta isso qu'ndo chegar a altura. O Dumbledore contou-me o que fizeste, Harry.

O peito de Hagrid inchou de orgulho ao olhar para Harry. — Fizeste o qu' o teu pai teria feito e não te posso fazer um elogio maior qu'esse.

Harry retribuiu-lhe o sorriso. Era a primeira vez que sorria desde há muitos dias.

— O que é que o Dumbledore te pediu para fazeres, Hagrid? — perguntou. — Ele mandou a professora McGonagall pedir-te a ti e a Madame Maxime para se encontrarem com ele... naquela noite.

— Tem um trabalhinho pra mim no Verão — disse Hagrid. — Mas é segredo. Não posso falar disso, nem mesmo com vocês. A Olympe, Madame Maxime pra vocês, é capaz de vir comigo. Acho que vem. Acho qu'a convenci.

— Está relacionado com o Voldemort?

Hagrid estremeceu ao som daquele nome.

— Pode ser — disse ele, evasivo. — Bom... quem quer vir ver o último Explojento comigo? 'Tava a brincar... 'tava a brincar! — acrescentou apressadamente ao ver a expressão das caras deles.

*

Foi com o coração pesado que Harry fez a mala no dormitório, na noite antes do regresso a Privet Drive. Encarava com apreensão a Festa de Despedida, que costumava incluir grandes celebrações, quando o vencedor do Campeonato Inter-Equipas era anunciado. Desde que saíra da

enfermaria evitava frequentar o Salão sempre que estava cheio, preferindo comer quando aquele se encontrava quase vazio, para escapar aos olhares dos colegas.

Quando ele, Ron e Hermione entraram no Salão, viram logo que não havia as decorações usuais. Normalmente, o Salão era decorado com as cores da equipa vencedora para a Festa de Despedida. Nessa noite, contudo, havia tapeçarias pretas na parede por detrás da mesa dos professores. Harry percebeu imediatamente que elas se encontravam ali em sinal de respeito por Cedric.

O verdadeiro Moody Olho-Louco estava na mesa dos professores, com a sua perna de madeira e o seu olho mágico de novo no sítio. Parecia extremamente nervoso, estremeando sempre que alguém falava com ele. Harry compreendia-o muito bem; era inevitável que o receio que Moody sentia de ser atacado tivesse aumentado com os dez meses de prisão na sua própria arca. A cadeira do professor Karkaroff encontrava-se vazia. Enquanto se sentava com os outros Gryffindor, Harry perguntou a si mesmo onde estaria Karkaroff nesse momento e se Voldemort o teria apanhado.

Madame Maxime continuava lá. Estava sentada ao lado de Hagrid e conversavam os dois em voz baixa. Mais adiante, sentado ao lado da professora McGonagall, estava Snape. Os seus olhos detiveram-se um instante em Harry quando este o fitou. Era difícil decifrar-lhe a expressão. Parecia tão azedo e desagradável como sempre. Harry continuou a observá-lo muito depois de Snape ter desviado os olhos.

O que seria que Snape fizera por ordem de Dumbledore, na noite em que Voldemort voltara? E por que... *por que...* estava Dumbledore tão convicto de que Snape se encontrava realmente do lado deles? Espiava para eles, dissera Dumbledore no Pensatório. Snape tornara-se espião contra Voldemort, «com grande risco pessoal». Seria esse trabalho que ele empreendera de novo? Teria, talvez, estabelecido contacto com os Devoradores da Morte? Fingindo que nunca se passara, de facto, para o lado de Dumbledore, que estivera, como o próprio Voldemort, à espera da sua oportunidade?

Os pensamentos de Harry foram interrompidos pelo director, que se pusera de pé. O Salão, que esteve sempre menos ruidoso do que era costume na Festa de Despedida, mergulhou no silêncio.

— O fim de mais um ano — disse Dumbledore, olhando em volta para todos eles.

Fez uma pausa, e o seus olhos poisaram na mesa dos Hufflepuff. A mesa deles era a mais abatida antes de ele se ter levantado, e os seus rostos

continuavam a ser os mais tristes e os mais pálidos do Salão.

— Há muita coisa que gostaria de vos dizer esta noite — proferiu Dumbledore —, mas primeiro tenho de lembrar a perda de uma excelente pessoa que deveria estar aqui sentada — fez um gesto em direcção aos Hufflepuff — desfrutando connosco esta festa. Peço a todos que se levantem e ergam os vossos copos em memória do Cedric Diggory.

Assim fizeram; os bancos rangeram quando toda a gente que se encontrava no Salão se levantou, ergueu as suas taças e exclamou numa só voz sonora, rouca, retumbante: — Ao Cedric Diggory.

Harry viu de relance Cho através da multidão. As lágrimas corriam-lhe silenciosamente pela cara. Ele baixou os olhos para a mesa enquanto todos se sentavam de novo.

— O Cedric era um exemplo de muitas das qualidades que distinguem a equipa dos Hufflepuff — continuou Dumbledore. — Era um amigo leal, um trabalhador esforçado, um respeitador das regras. A sua morte afectou-vos a todos, quer o conhecessem quer não. Assim, penso que têm o direito de saber exactamente como ela ocorreu.

Harry levantou a cabeça e fitou Dumbledore.

— O Cedric Diggory foi assassinado por Lord Voldemort.

Um sussurro de pânico percorreu o Salão. As pessoas fixavam Dumbledore com ar de descrença, de horror. Ele permaneceu absolutamente calmo, observando-os a murmurar entre si até se restabelecer o silêncio.

— O Ministério da Magia — prosseguiu Dumbledore — não quer que eu vos conte isto. É possível que alguns dos vossos pais fiquem horrorizados por eu o ter feito, seja porque não acreditam que Lord Voldemort voltou, seja porque pensam que eu não vos devia dizer por vocês serem tão jovens. Todavia, creio firmemente que a verdade é em geral preferível à mentira e que qualquer tentativa para fingir que o Cedric morreu em resultado de um acidente, ou de qualquer erro seu, é um insulto à sua memória.

Todos os rostos do Salão estavam agora virados para Dumbledore, aterrados... ou quase todos. Na mesa dos Slytherin, Harry viu Draco Malfoy segredar qualquer coisa a Crabbe e Goyle. Sentiu uma onda escaldante de cólera no estômago e esforçou-se por olhar outra vez para Dumbledore.

— Há outra pessoa que deve ser mencionada em relação à morte do Cedric — continuou Dumbledore. — Refiro-me, é claro, ao Harry Potter.

Um ligeiro murmúrio perpassou pelo Salão enquanto algumas cabeças se viravam na direcção de Harry, antes de voltarem a fixar Dumbledore.

— O Harry Potter conseguiu escapar a Lord Voldemort — declarou

Dumbledore. — Arriscou a sua própria vida para devolver o corpo do Cedric a Hogwarts. Demonstrou, sob todos os aspectos, uma coragem que poucos feiticeiros demonstraram alguma vez ao enfrentarem Lord Voldemort, e por isso saúdo-o.

Dumbledore voltou-se solenemente para Harry e ergueu mais uma vez a sua taça. Quase todos os que se encontravam no Salão Ihe seguiram o exemplo. Murmuraram o nome de Harry, como haviam murmurado o de Cedric e beberam em seu louvor. Contudo, através de uma abertura nas figuras de pé, Harry viu que Malfoy, Crabbe, Goyle e muitos outros Slytherin tinham permanecido provocantemente nos seus lugares, sem tocar nas taças. Dumbledore, que na verdade não possuía um olho mágico, não os viu.

Quando já todos se tinham voltado a sentar, Dumbledore continuou: — O objectivo do Torneio dos Três Feiticeiros era promover e implementar a compreensão entre os feiticeiros. À luz dos acontecimentos, do regresso de Lord Voldemort, tais laços são mais importantes do que nunca.

Dumbledore olhou de Madame Maxime e Hagrid, para Fleur Delacour e os seus colegas de Beauxbatons e para Viktor Krum e os Durmstrang na mesa dos Slytherin. Harry notou que Krum parecia circunspecto, quase receoso, como se esperasse que Dumbledore fosse dizer algo desagradável.

— Todos os convidados que se encontram neste Salão — prosseguiu Dumbledore e os seus olhos detiveram-se nos estudantes de Durmstrang — serão bem-vindos aqui, em qualquer altura, se desejarem voltar. Uma vez mais vos digo a todos, à luz do regresso de Lord Voldemort, seremos tanto mais fortes, quanto mais unidos e tanto mais fracos, quanto mais divididos.

«O dom de Lord Voldemort para espalhar a discórdia é enorme. Apenas podemos combatê-lo demonstrando laços de amizade e confiança igualmente fortes. As diferenças de língua e de costumes não são nada se os nossos objectivos forem idênticos e os nossos corações se mantiverem abertos.

«Creio, e nunca desejei tanto estar enganado, que nos aguardam tempos negros e difíceis. Alguns de vocês, aqui presentes, já sofreram directamente às mãos de Lord Voldemort. Muitas das vossas famílias foram separadas. Há uma semana, um aluno foi levado do meio de nós.

«Lembrem-se do Cedric. Lembrem-se, se chegar o dia em que tenham de escolher entre o que está certo e o que é fácil, lembrem-se do que aconteceu a um rapaz que era bom, afável e corajoso, porque se atravessou no caminho de Lord Voldemort. Lembrem-se do Cedric Diggory.

A mala de Harry estava feita; em cima dela, *Hedwig* estava de novo na sua gaiola. Harry, Ron e Hermione encontravam-se no *Hall*, apinhado com todos os alunos do quarto ano, à espera das carruagens que os levariam à estação de Hogsmeade. Estava mais um belo dia de Verão. Harry supunha que Privet Drive estaria quente e frondosa, os seus canteiros um tumulto de cores, quando lá chegasse nessa tarde. A ideia não lhe trouxe qualquer satisfação.

— 'Arry!

Olhou em volta. Fleur Delacour subia apressada os degraus para o castelo. Por detrás dela, do outro lado do recinto, Harry via Hagrid ajudando Madame Maxime a fazer recuar dois dos cavalos gigantes para os atrelar. A carruagem de Beauxbatons estava prestes a partir.

— Voltaremos a verr-nos, esperrô — disse Fleur ao chegar junto dele, estendendo-lhe a mão. — Esperrô conseguirr trabalharr aqui, para melhorrar o meu inglês.

— Já é muito bom — disse Ron, em voz estrangulada. Fleur sorriu-lhe e Hermione carregou o sobrolho.

— Adeus, 'Arry — despediu-se Fleur voltando-se para partir. — Foi um prrazerr conhecerr-te!

O humor de Harry não pôde deixar de melhorar ligeiramente, enquanto observava Fleur a atravessar o relvado a correr até junto de Madame Maxime, o cabelo platinado ondulando ao sol.

— Como será que os alunos de Durmstrang vão regressar? — perguntou Ron. — Achas que conseguem pilotar aquele navio sem o Karkaroff?

— O Karkaroff não pilotava nada — disse uma voz áspera. — Ficava na zua cabina e deixava o trabalho todo para nós. — Krum viera despedir-se de Hermione. — Pozo dar-te uma palavra? — pediu ele.

— Oh... sim... claro — respondeu Hermione, corando levemente e seguindo Krum através da multidão até desaparecer de vista.

— Vê se te despachas! — gritou-lhe Ron. — As carruagens não tardam aí!

No entanto, deixou que fosse Harry a vigiar a chegada das carruagens e passou os minutos seguintes a esticar o pescoço por cima da multidão, tentando ver o que estariam Krum e Hermione a tramar. Eles voltaram depressa. Ron fitou Hermione, mas esta manteve uma expressão impassível.

— Eu goztava do Diggory — disse Krum abruptamente a Harry. — Ele era delicado comigo. Zempre. Mezmo vindo eu de Durmstrang... com o Karkaroff — acrescentou com ar soturno.

— Vocês já têm um novo director? — perguntou Harry.

Krum encolheu os ombros. Estendeu a mão tal como Fleur, apertou a de Harry e depois a de Ron.

Ron parecia estar a debater-se com uma dolorosa luta interior. Krum já tinha começado a afastar-se, quando ele explodiu: — Dás-me o teu autógrafo?

Hermione virou-se, sorrindo às carruagens sem cavalos que avançavam rapidamente na direcção deles pelo caminho acima, enquanto Krum, com ar surpreendido mas satisfeito, assinava um pedaço de pergaminho para Ron.

*

Na viagem de regresso a King's Cross, o tempo não podia estar mais diferente daquilo que estivera na jornada para Hogwarts em Setembro. Não havia uma única nuvem no céu. Harry, Ron e Hermione tinham conseguido um compartimento só para eles. Ron escondera novamente *Pigwidgeon* sob o manto para evitar que piasse continuamente. *Hedwig* dormitava, de cabeça sob a asa, e *Crookshanks* estava enrolado num lugar livre, lembrando uma grande almofada peluda cor de gengibre. Harry, Ron e Hermione falaram mais à vontade do que o haviam feito durante toda a semana, à medida que o comboio corria para sul. Harry sentia-se como se o discurso de Dumbledore o tivesse, de certa forma, desbloqueado. Agora era menos doloroso discutir o que acontecera. Só interromperam a conversa sobre as medidas que Dumbledore poderia estar a tomar nesse mesmo momento para deter Voldemort, quando o carrinho do almoço chegou.

Quando Hermione regressou do carrinho e voltou a meter o dinheiro no saco da escola, tirou um exemplar d' *O Profeta Diário* que tinha lá dentro.

Harry mirou-o, sem ter a certeza se queria realmente saber o que lá poderia vir, mas Hermione, vendo-o a olhar, disse calmamente: — Não traz nada. Podes ver tu mesmo, mas não há absolutamente nada. Tenho verificado todos os dias. Apenas uma pequena notícia no dia a seguir à terceira tarefa, dizendo que tu tinhas ganho o Torneio. Nem sequer mencionaram o Cedric. Nada de nada. Cá por mim, acho que o Fudge está a obrigá-los a calarem a boca.

— Ele nunca conseguirá calar a boca à Rita — garantiu Harry. — Não numa história destas.

— Ah, a Rita não escreve absolutamente nada desde a terceira tarefa — informou Hermione, em voz estranhamente constrangida. — Na realidade — acrescentou ela, com a voz agora a tremer levemente —, a Rita Skeeter não vai escrever absolutamente nada durante uns tempos. A não ser que

queira que eu despeje tudo o que sei acerca *dela*.

— Estás a falar de quê? — perguntou Ron.

— Descobri como é que ela andava a ouvir conversas particulares, quando nem sequer tinha permissão para entrar nos recintos de Hogwarts — disse Hermione de uma tirada.

Harry teve a impressão de que a amiga andava morta por lhes contar aquilo há dias, mas que se contivera por causa de tudo o que acontecera.

— Como era? — perguntou Harry imediatamente.

— Como é que descobriste? — ecoou Ron, fitando-a admirado.

— Bem, na verdade, foste tu quem me deu a ideia, Harry — confessou ela.

— Fui? — exclamou Harry perplexo. — Como?

— *Escutas* — disse Hermione muito satisfeita.

— Mas tu disseste que isso não funcionava.

— Ah, não são *escutas electrónicas* — explicou Hermione. — Não, sabem... a Rita Skeeter — a voz de Hermione tremeu de triunfo — é uma Animagus que não está registada. Pode transformar-se...

Tirou do saco um pequeno frasco selado.

— ... num escaravelho.

— Estás a gozar connosco — disse Ron. — Tu não a... ela não está...

— Está, sim senhor — afiançou Hermione alegremente, exibindo-lhes o frasco.

Lá dentro havia alguns galhinhos e folhas e um escaravelho grande e gordo.

— Isso nunca... estás a gozar — murmurou Ron, levando o frasco à altura dos olhos.

— Não estou nada — insistiu Hermione, radiante. — Apanhei-a no parapeito da janela da enfermaria. Olhem com atenção e verão que as marcas em volta das antenas são exactamente como aqueles óculos pirosos que ela usa.

Harry olhou e viu que ela tinha razão. Também se lembrou de uma coisa. — Havia um escaravelho na estátua na noite em que ouvimos o Hagrid falar à Madame Maxime sobre a mãe!

— Precisamente — confirmou Hermione. — E o Viktor tirou-me um escaravelho do cabelo depois da nossa conversa junto ao lago. E, ou eu estou muito enganada, ou a Rita estava no parapeito da aula de Artes Divinatórias no dia em que a tua cicatriz te doeu. Andou todo o ano à coca de histórias.

— Quando vimos o Malfoy debaixo daquela árvore... — disse Ron lentamente.

— Estava ele a falar com ela. Tinha-a na mão — confirmou Hermione. — Ele sabia, claro. Foi assim que ela conseguiu todas aquelas lindas entrevistas com os Slytherin. Eles não se importavam de que ela estivesse a fazer uma coisa ilegal, desde que lhe pudessem fornecer informações perversas sobre nós e o Hagrid.

Hermione tirou o frasco a Ron e sorriu ao escaravelho, que zumbiu furiosamente contra o vidro.

— Disse-lhe que a libertava quando voltássemos para Londres — continuou Hermione. — Pus um feitiço inquebrável no frasco, percebem, por isso ela não pode transformar-se. E disse-lhe que desse descanso à pena durante um ano inteiro. Vamos a ver se perde ou não o hábito de escrever mentiras horríveis sobre as pessoas.

Sorrindo serenamente, Hermione meteu outra vez o escaravelho dentro do saco.

A porta do compartimento abriu-se.

— Que espertinha, Granger! — exclamou Draco Malfoy.

Atrás dele vinham Crabbe e Goyle. Os três pareciam mais satisfeitos consigo próprios, mais arrogantes e mais ameaçadores do que nunca.

— Então — disse Malfoy lentamente, avançando um pouco para o interior do compartimento e olhando em volta para eles, com um trejeito desdenhoso a deformar-lhe a boca. — Tu apanhaste uma jornalista patética e o Potter é outra vez o menino bonito do Dumbledore. Que façanha!

O trejeito ampliou-se. Crabbe e Goyle arreganharam os lábios.

— Estamos, então, a tentar não pensar nisso, hem? — prosseguiu Malfoy em voz baixa, fitando-os aos três. — A tentar fazer de conta que não aconteceu?

— Põe-te a andar — disse Harry.

Nunca mais estivera ao pé de Malfoy desde que o vira a segredar com Crabbe e Goyle durante o discurso de Dumbledore acerca de Cedric. Sentia como que uma campainha nos ouvidos. A sua mão apertou a varinha debaixo da roupa.

— Optaste pelo lado dos vencidos, Potter! Eu avisei-te! Disse-te que devias escolher as tuas companhias com mais cuidado, lembras-te? Quando nos conhecemos no comboio, no primeiro dia de Hogwarts? Disse-te que não acamaradasses com escumalha desta! — Apontou com a cabeça para Ron e Hermione. — Agora é tarde de mais, Potter! Eles serão os primeiros a desaparecer, agora que o Senhor das Trevas voltou! Sangues de Lama e amigos dos Muggles em primeiro! Bem, em segundo, o Diggory foi o pr...

Foi como se tivessem feito explodir uma caixa de fogo-de-artifício dentro do compartimento. Ofuscado pelo clarão dos feitiços que tinham

jorrado de todas as direcções, ensurdecido por uma série de estrondos, Harry pestanejou e olhou para o chão.

Malfoy, Crabbe e Goyle estavam inconscientes na soleira da porta. Ele, Ron e Hermione estavam de pé, depois de cada um deles ter usado um feitiço diferente. E não tinham sido os únicos a fazê-lo.

— Lembrámo-nos de vir ver o que é que estes três estavam a tramar — afirmou Fred em tom casual, passando por cima de Goyle para entrar no compartimento. Tinha a varinha na mão, tal como George, que teve o cuidado de tropeçar em Malfoy quando seguiu Fred.

— Um efeito interessante — observou George olhando para Crabbe. — Quem é que usou a maldição Furnunculus?

— Eu — disse Harry.

— Esquisito — comentou George animadamente. — Eu usei o Feitiço das Pernas Bambas. Acho que esses dois não deviam ser misturados. Parece ter-lhe crescido pequenos tentáculos pela cara toda. Bem, não vamos deixá-los ficar aqui, não acrescentam nada à decoração.

Ron, Harry e George chutaram, rolaram e empurraram até ao corredor os inconscientes Malfoy, Crabbe e Goyle (cada um deles com pior aspecto que o outro devido à miscelânea de feitiços que os tinham atingido) e depois voltaram para o compartimento e fecharam a porta.

— Alguém alinha num joguinho de Explosões? — perguntou George, puxando de um baralho de cartas.

Estavam a meio do quinto jogo quando Harry resolveu perguntar-lhes.

— Vais-nos contar ou quê? — disse ele para George. — Com quem é que andavas a fazer chantagem?

— Oh — exclamou George em tom pesaroso. — *Isso*.

— Não interessa — disse Fred abanando a cabeça impaciente. — Não era nada de importante. Pelo menos, agora já não.

— Desistimos — explicou George, encolhendo os ombros.

Mas Harry, Ron e Hermione tanto os pressionaram que finalmente Fred disse: — Está bem, está bem, se querem mesmo saber... era com o Ludo Bagman.

— O Bagman? — exclamou Harry vivamente. — Queres dizer que ele estava envolvido em...

— Ná — disse George com ar sombrio. — Nada disso. É um idiota. Não tinha miolos para tal.

— Então o quê? — insistiu Ron.

Fred hesitou e depois disse: — Lembram-se daquela aposta que fizemos com ele na Taça Mundial de Quidditch? Sobre a Irlanda ganhar, mas ser o Krum quem apanhava a *snitch*?

— Sim — assentiram Harry e Ron lentamente.

— Bom, o idiota pagou-nos em ouro de duendes que tinha tirado às mascotes irlandesas.

— E então?

— Então — disse Fred com impaciência — o ouro evaporou-se, não é? Na manhã seguinte tinha desaparecido!

— Mas... deve ter sido sem intenção, não achas? — interpôs Hermione.

George riu-se amargamente. — Sim, isso foi o que nós pensámos, a princípio. Pensámos que se lhe escrevêssemos e lhe disséssemos que se tinha enganado, ele abria os cordões à bolsa. Mas nada feito. Ignorou a nossa carta. Estávamos constantemente a tentar falar-lhe em Hogwarts, mas ele arranjava sempre uma desculpa qualquer para se pôr a andar.

— Por fim, tornou-se muito desagradável — disse Fred. — Disse-nos que éramos novos de mais para jogar e que não nos daria um chavo.

— Então, nós exigimos o nosso dinheiro — disse George de olhos faiscantes.

— Ele não vos quis pagar! — ofegou Hermione.

— Nada! — disse Fred.

— Mas eram todas as vossas economias! — exclamou Ron.

— A quem o dizes — lamentou-se George. — Está claro que acabámos por descobrir o que se passava. O pai do Lee Jordan também teve problemas em receber dinheiro do Bagman. Acontece que ele está metido em sarilhos com os duendes. Pediu-lhes emprestado montes de ouro. Um grupo deles encurralou-o na mata depois da Taça Mundial e tirou-lhe o ouro todo que ele tinha e mesmo assim não chegou para pagar totalmente as suas dívidas. Seguiram-no até Hogwarts para o manterem debaixo de olho. Ele perdeu tudo ao jogo. Não tem dois galeões furados. E sabem como é que o idiota tentou pagar aos duendes?

— Como? — perguntou Harry.

— Apostou em ti, pá — disse Fred. — Apostou alto em ti para vencedor do Torneio. Apostou contra os duendes.

— Então era por *isso* que ele passava a vida a tentar ajudar-me! — exclamou Harry. — Bom... eu ganhei, não ganhei? Portanto ele pode dar-vos o ouro!

— Ná — disse George, abanando a cabeça. — Os duendes fazem um jogo tão sujo como o dele. Dizem que tu empataste com o Diggory e que o Bagman estava a apostar na tua vitória a solo. Portanto, o Bagman teve de se pisgar. Pisgou-se a seguir à terceira tarefa.

George suspirou profundamente e recomeçou a dar as cartas.

O resto da viagem passou-se muito agradavelmente; de facto, Harry teria

gostado que ela pudesse continuar durante todo o Verão, e que ele nunca tivesse de chegar a King's Cross... mas, como aprendera à sua custa nesse ano, o tempo não se detém quando algo de desagradável nos espera e bem depressa o Expresso de Hogwarts estava a abrandar na plataforma nove e três quartos. Os corredores encheram-se da habitual confusão e ruído, enquanto os alunos começavam a desembarcar. Ron e Hermione, transportando as suas malas, tiveram de se esforçar para passar por cima de Malfoy, Crabbe e Goyle.

Harry, contudo, deixou-se ficar. — Fred... George... esperem aí.

Os gémeos voltaram-se. Harry abriu a mala e tirou o prémio do Torneio dos Três Feiticeiros.

— Fiquem com isto — disse ele, enfiando a bolsa nas mãos de George.

— O quê? — Fred parecia atónito.

— Fiquem com isto — repetiu Harry com firmeza. — Eu não o quero.

— Passaste-te — disse George, tentando empurrá-lo de novo para Harry.

— Não me passei nada — retorquiu Harry. — Fiquem com ele e sejam criativos. É para a loja de brincadeiras mágicas.

— Ele passou-se *mesmo* — disse Fred, em tom quase receoso.

— Ouçam — declarou Harry firmemente. — Se vocês não ficarem com ele, atiro-o pelo cano abaixo. Não o quero e não preciso dele, mas preciso de umas boas gargalhadas. Todos nós precisamos de umas boas gargalhadas. Tenho a sensação de que, não tarda nada, vamos precisar mais delas do que de costume.

— Harry — proferiu George debilmente, sopesando o saco do dinheiro na palma da mão —, devem estar aqui mil galeões.

— Sim — confirmou Harry sorridente. — Pensa só quantos Cremes de Canário isso representa.

Os gémeos fitavam-no de olhos arregalados.

— Só não digam à vossa mãe onde é que o arranjam... embora agora, pensando melhor, talvez ela já não tenha tanta vontade de vos ver ir para o Ministério...

— Harry... — começou Fred, mas Harry puxou da sua varinha.

— Olhem — disse ele em tom decidido —, ou ficam com ele, ou eu lanço-vos um feitiço. E sei alguns bem bons agora. Façam-me só um favor, está bem? Comprem um fato de cerimónia novo ao Ron e digam que é presente vosso.

Saiu do compartimento antes de eles poderem dizer mais uma palavra, passando por cima de Malfoy, Crabbe e Goyle, que ainda estavam estendidos no chão, cobertos de marcas de feitiços.

O tio Vernon esperava-o do outro lado da barreira. Mrs. Weasley estava

muito perto dele. Abraçou Harry com força quando o viu e segredou-lhe ao ouvido: — Penso que o Dumbledore te deixará vir para nossa casa lá mais para o fim do Verão. Dá notícias, Harry.

— Até breve, Harry — despediu-se Ron, dando-lhe uma palmadinha nas costas.

— Adeus, Harry! — disse Hermione e fez uma coisa que nunca tinha feito antes: deu-lhe um beijo na face.

— Harry... obrigado — murmurou George, enquanto Fred abanava fervorosamente a cabeça a seu lado.

Harry piscou-lhes o olho, voltou-se para o tio Vernon e seguiu-o em silêncio para fora da estação. Não valia a pena preocupar-se ainda, disse ele para consigo ao entrar para o banco de trás do carro dos Dursley.

Como dissera Hagrid, o que tiver de vir, virá... e ele teria de o enfrentar quando chegasse a altura.

Notas de rodapé

1 Papas de aveia, consideradas muito saudáveis e uma típica refeição leve britânica. *(NR)*

2 O trevo é o símbolo oficial da Irlanda. *(NT)*

3 Cobb, famoso jogador de basebol (1886-1961). *(NT)*

4 Fada que prediz a morte de um membro da família, na Irlanda. *(NT)*

5 O cardo é o símbolo nacional da Escócia. *(NR)*

6 Bebida alcoólica feita de mel, uma especialidade de Inglaterra. *(NT)*

Títulos disponíveis da série Harry Potter (por ordem de leitura):

Harry Potter e a Pedra Filosofal
Harry Potter e a Câmara dos Segredos
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban
Harry Potter e o Cálice de Fogo
Harry Potter e a Ordem da Fénix
Harry Potter e o Príncipe Misterioso
Harry Potter e os Talismãs da Morte

Livros da Biblioteca de Hogwarts:

Monstros Fantásticos e Onde Encontrá-los
O Quidditch Através dos Tempos
Os Contos de Beedle o Bardo

Continue a ler o primeiro capítulo do próximo livro da série Harry Potter...

HARRY POTTER

e a
ORDEM *da*
FÊNIX



5

J.K. ROWLING

I

DUDLEY E O DEMENTOR

Odia mais quente do Verão arrastava-se num silêncio longo e sonolento sobre as grandes casas geométricas de Privet Drive. Os carros, que habitualmente brilhavam, reluzentes, achavam-se agora estacionados, cobertos de pó, e os relvados, outrora verde-esmeralda, apresentavam-se amarelados e ressequidos, pois o uso das mangueiras fora proibido, devido à falta de água.

Os habitantes de Privet Drive, impedidos de recorrer às suas rotinas habituais de lavar os carros e tratar da relva, haviam-se retirado para a frescura das suas casas, as janelas totalmente abertas, num convite à brisa inexistente. A única pessoa que ficara cá fora era um adolescente que se encontrava deitado de costas num canteiro de flores, no jardim do número quatro.

Era um rapazinho magro e moreno, de óculos, com o ar aflito e levemente adoentado de alguém que crescera muito num curto espaço de tempo. Tinha os *jeans* sujos e rasgados, a *T-shirt* larga e desbotada e as solas dos ténis rotas. O aspecto de Harry Potter não agradava nada aos vizinhos, que eram o tipo de pessoas para quem vestir-se mal deveria ser punido por lei; todavia, como nessa tarde ele se escondera atrás de uma grande hidrângea, estava praticamente invisível para quem passava na rua. De facto, só o tio Vernon ou a tia Petúnia poderiam vê-lo, se pusessem a cabeça fora da janela da sala e olhassem para o canteiro, que ficava mesmo por baixo.

Pensando bem, tinha sido uma excelente ideia esconder-se ali. Não estaria propriamente confortável, deitado na terra dura e quente, mas assim ninguém ficava a olhar para ele com um ar irritado, a ranger os dentes tão alto que nem se conseguia ouvir as notícias, ou a fazer-lhe perguntas

maldosas, como sucedera de todas as vezes em que tentara sentar-se na sala com os tios, a ver televisão.

De súbito, como se o seu pensamento tivesse voado para dentro de casa, Vernon Dursley, o tio de Harry, falou.

— Ainda bem que o rapaz nos deixou em paz. Por onde andará ele, afinal?

— Não sei — respondeu a tia Petúnia, sem se preocupar. — Em casa, não está.

— *A ver as notícias...* — O tio Vernon resmungou sarcasticamente. — Gostava de saber o que anda ele a tramar. Como se um rapaz normal se preocupasse com as notícias... O Dudley não faz a menor ideia do que se passa à sua volta. Duvido de que saiba, sequer, quem é o Primeiro-Ministro. De qualquer modo, ninguém vai falar da *gente dele* no noticiário.

— Vernon, shiu! — admoestou-o a tia Petúnia. — A janela está aberta.

— Ah, sim, desculpa, querida.

Os Dursleys calaram-se. Harry ouviu a música de um anúncio de cereais para o pequeno-almoço, enquanto observava Mrs. Figg, uma velhinha um pouco tonta e que adorava gatos. Seguiu para sua casa em Wisteria Walk, num passo tranquilo e vagaroso. Tinha a testa franzida e falava sozinha. Harry ficou contente por se ter escondido atrás do arbusto, pois ultimamente a velhota costumava convidá-lo para tomar chá sempre que o via na rua. Tinha acabado de desaparecer ao virar da esquina, quando a voz do tio Vernon se ouviu de novo através da janela aberta.

— O Dudders foi jantar fora?

— Sim, com os Polkisses — explicou a tia Petúnia com grande ingenuidade. — Tem tantos amiguinhos, é tão popular...

Harry conteve o riso com dificuldade. Os Dursleys eram incrivelmente estúpidos quando se tratava do filho, Dudley. Tinham engolido todas as suas mentiras idiotas sobre ir jantar todas as noites com um membro diferente do seu bando, durante as férias de Verão. Harry sabia perfeitamente que ele não tinha ido jantar com ninguém. Dudley e os amigos passavam as noites a vandalizar o parque infantil, a fumar pelas esquinas e a atirar pedras aos carros e às crianças que passavam. Tivera oportunidade de os ver em acção durante os seus passeios nocturnos por Little Whinging, já que passara a maior parte das férias a deambular pelas ruas e a procurar jornais nos caixotes do lixo.

As primeiras notas musicais que anunciavam o telejornal das sete chegaram aos ouvidos de Harry e o seu estômago revolveu-se. Talvez fosse hoje, após um mês inteiro de espera, talvez fosse esta noite.

— *Um número recorde de turistas em apuros enche os aeroportos*

espanhóis, enquanto a greve dos controladores de bagagem entra na sua segunda semana...

— Dêem-lhes uma *siesta* definitiva. Era o que eu faria — resmungou o tio Vernon, cortando o fim da frase do jornalista. Lá fora, no canteiro das flores, o estômago de Harry pareceu descontraí-lo. Se alguma coisa tivesse acontecido, teria certamente sido revelada no início do noticiário. A morte e a destruição eram mais importantes que turistas em apuros.

Soltou um profundo suspiro e olhou para o céu azul e brilhante. Fora um Verão cheio de nervosismo e expectativa, com alguns breves momentos de alívio, seguidos de nova tensão, que se tornava mais insistente sempre que perguntava a si próprio *por que motivo* ainda nada acontecera.

Continuou atento, não fosse surgir alguma pequena pista que os *Muggles* não reconhecessem como tal — um desaparecimento inexplicável, talvez, ou um acidente estranho... contudo, a seguir à greve dos controladores de bagagem vieram as notícias sobre a seca no sudeste de Inglaterra («Espero que o vizinho aqui do lado esteja a ouvir», gritara o tio Vernon. «Sempre a ligar o dispositivo de rega às três da manhã»), seguidas da informação de que um helicóptero quase se despenhara num campo do Surrey e das últimas sobre o divórcio de uma famosa atriz e do seu famoso marido. («Como se os seus assuntos sórdidos nos interessassem para alguma coisa», fungou a tia Petúnia, que seguira obsessivamente a história em todas as revistas a que conseguira deitar as suas mãos ossudas.)

Harry fechou os olhos devido ao brilho flamejante do céu no final da tarde, enquanto o jornalista dizia: «...e, por fim, o periquito *Bungy* descobriu uma nova maneira de se refrescar este Verão. *Bungy*, que vive nas «Cinco Penas» em Barnsley, aprendeu a fazer esqui aquático. A jornalista *Mary Dorkins* foi saber mais sobre o assunto.

Harry abriu os olhos. Se já tinham chegado ao esqui dos periquitos não havia, certamente, mais nenhuma notícia importante. Virou-se cautelosamente de bruços e começou a erguer-se, apoiado nos joelhos e nos cotovelos, preparando-se para se afastar da janela. Foi então que várias coisas aconteceram em rápida sucessão.

Um estampido agudo como um tiro ecoou, quebrando o silêncio; um gato saiu a correr de debaixo de um carro estacionado ali perto, desaparecendo de vista; e da sala dos Dursleys chegou-lhe um guincho, seguido de uma praga e do ruído de loiça a partir-se. Como se fosse aquele o sinal por que esperava, Harry pôs-se de pé num pulo, tirando ao mesmo tempo a varinha do cinto dos *jeans*, qual espada desembainhada. Contudo, antes de ter conseguido levantar-se completamente, bateu com a cabeça na janela aberta, provocando um estrondo que fez a tia Petúnia gritar ainda

mais alto.

Pareceu-lhe que a cabeça se tinha rachado ao meio. De olhos lacrimejantes, cambaleou, tentando concentrar-se na rua e perceber o que provocara o estampido, mas, nesse momento, duas grandes mãos arroxeadas saíram da janela e rodearam-lhe a garganta.

— Guarda já isso! — vociferou o tio Vernon ao ouvido de Harry. — Imediatamente! Antes que alguém a veja!

— Largue-me! — arfou Harry. Debateram-se durante alguns segundos, Harry puxando com a mão esquerda os dedos papudos do tio Vernon, enquanto segurava com a direita a varinha erguida. Por fim, quando a dor no alto da cabeça se tornava insuportável, o tio Vernon soltou um uivo, largando-o como se tivesse apanhado um choque eléctrico. Parecia que uma força invisível se espalhara pelo corpo do sobrinho, obrigando-o a largá-lo.

Quase sem fôlego, Harry caiu para trás, por cima da hidrângea, levantou-se e olhou em volta. Não havia sinal do que provocara o estampido, mas vários rostos espreitavam das janelas dos vizinhos. Harry guardou rapidamente a varinha nos *jeans* e tentou compor um ar inocente.

— Que bela noite! — gritou o tio Vernon, cumprimentando com um aceno a senhora do número sete que, furiosa, espreitava por trás das cortinas de filó. — Ouviu o estouro do carro que passou agora mesmo? Eu e a Petúnia apanhámos um susto dos diabos!

Continuou a sorrir como um maníaco até todos os vizinhos terem desaparecido das janelas, altura em que o sorriso se transformou num esgar de raiva, ao mesmo tempo que fazia sinal a Harry para se aproximar.

O sobrinho deu alguns passos em frente, tendo o cuidado de parar suficientemente longe das mãos estendidas do tio Vernon, prontas a estrangulá-lo de novo.

— Que raio de ideia é a tua, rapaz? — indagou o tio Vernon numa voz rouca e trémula de raiva.

— Qual ideia? — ripostou Harry friamente, sem deixar de olhar para um lado e para o outro na esperança de ver a pessoa que provocara o estampido.

— Lançar um estampido desses, que mais parecia um tiro de pistola, mesmo à porta da nossa c...

— Não fui eu quem fez esse ruído — defendeu-se Harry com firmeza.

O rosto magro e cavalaresco da tia Petúnia surgiu ao lado da cara gorda e roxa do tio Vernon. Estava lívida.

— Por que te escondeste debaixo da janela?

— Sim, sim, boa pergunta, Petúnia! *Que estavas a fazer debaixo da*

janela, rapaz?

— A ouvir as notícias — respondeu Harry numa voz resignada.

O tio e a tia trocaram entre si olhares escandalizados.

— A ouvir as notícias! *Outra vez?*

— Bem, mudam todos os dias, não sei se sabem — retorquiu Harry.

— Não te armes em espertinho, rapaz! Quero saber o que andas a tramar e não me venhas outra vez com essa treta de queres ouvir as notícias.

Sabes perfeitamente que *os da tua laia...*

— Cuidado, Vernon! — segredou-lhe a tia Petúnia. O tio baixou tanto a voz que Harry mal o conseguia ouvir. — ... que *os da tua laia* não aparecem nas *nossas* notícias!

— Isso é o que vocês pensam.

Os Dursleys olharam para ele de olhos esbugalhados e, em seguida, a tia Petúnia acusou-o:

— És um mentiroso nojento! Que andam todas essas — baixou também a voz, obrigando Harry a ler-lhe os lábios — *corujas* a fazer, a não ser trazer-te notícias?

— Aha! — exclamou o tio Vernon com um ar triunfante. — Aguenta-te com esta, rapaz! Como se nós não soubéssemos que essas aves pestilentas te trazem notícias.

Harry hesitou um momento. Não era fácil, desta vez, dizer a verdade, embora os tios não pudessem saber quanto custava admiti-lo.

— As corujas... não me têm trazido notícias — confessou com uma voz inexpressiva.

— Não acredito — afirmou de imediato a tia Petúnia.

— Nem eu — apoiou o tio Vernon energicamente.

— Sabemos que andas a tramar alguma coisa esquisita — continuou a tia Petúnia.

— Não somos estúpidos, sabes? — prosseguiu o tio.

— Bem, essa é nova — contrapôs Harry, cujo sangue estava a começar a aquecer e, antes que os Dursleys pudessem chamá-lo, já ele tinha atravessado o relvado, saltado o muro baixo do quintal e subido a rua, a correr.

Tinha consciência de que estava em apuros. Mais tarde ia ter de enfrentar os tios e pagar o preço de ter sido mal-educado, mas, de momento, não estava muito preocupado com isso. Tinha questões bastantes mais prementes a ocuparem-lhe o espírito.

Harry sabia, sem sombra de dúvida, que aquele estampido fora provocado por alguém Materializando-se e Desmaterializando-se logo em seguida. Era precisamente o som que Dobby, o elfo doméstico, provocava

quando desaparecia de repente. Seria possível que Dobby estivesse ali, em Privet Drive? Estaria a segui-lo naquele preciso momento? Mal este pensamento lhe perpassou pelo espírito, Harry deu meia volta e esquadrinhou Privet Drive, mas a rua estava totalmente deserta e Harry tinha a certeza de que Dobby não era capaz de se tornar invisível.

Continuou em frente, sem grande consciência do caminho, pois nos últimos tempos calcorreara tantas vezes aquelas ruas que os seus pés o levavam já automaticamente aos seus lugares preferidos. Ia olhando regularmente para trás, por cima do ombro, pois tinha a certeza de que uma criatura mágica desconhecida estivera perto de si, quando se escondera entre as begónias moribundas da tia Petúnia. Por que não lhe teria falado? Por que não teria estabelecido contacto? Por que se esconderia agora?

E então, no momento em que o seu sentimento de frustração atingia o auge, todas as certezas o abandonaram.

Talvez não se tivesse tratado de um som mágico. Talvez a sua ânsia desesperada por um sinal do mundo a que pertencia o tivesse levado a interpretar erradamente um ruído perfeitamente normal. Como podia estar tão seguro de que não fora qualquer coisa a partir-se numa das casas mais próximas?

Harry experimentou uma sensação de vazio no estômago e, subitamente, foi de novo assaltado pelo sentimento de desespero que o perseguira durante todo o Verão.

Na manhã seguinte seria acordado pelo despertador às cinco da manhã para poder pagar à coruja que distribuía *O Profeta Diário*, mas valeria a pena continuar a lê-lo? Ultimamente, Harry limitava-se a ler a primeira página, deitando-o fora logo a seguir. Quando os idiotas que dirigiam o jornal se apercebessem de que Voldemort havia regressado, a notícia teria direito a grandes cabeçalhos e apenas isso lhe interessava.

Se tivesse sorte, receberia também corujas com cartas dos seus melhores amigos, Ron e Hermione, embora já tivesse perdido a esperança de que essas cartas lhe dissessem algo de verdadeiramente novo.

Não podemos dizer-te grande coisa sobre aquilo que tu sabes, como é óbvio... Aconselharam-nos a não contar nada importante, não vão as cartas extraviar-se... Temos andado muito ocupados, mas não posso dar-te pormenores... Têm acontecido muitas coisas, contar-te-emos tudo quando estivermos juntos...

Mas quando seria isso? Ninguém parecia muito preocupado com a data. Hermione escrevinhara no seu cartão de parabéns *Espero ver-te muito em breve*, mas quando seria esse *muito em breve*? Tanto quanto podia perceber pelas vagas alusões das cartas, Hermione e Ron estavam juntos,

provavelmente em casa dos pais de Ron. Era-lhe insuportável imaginá-los a divertirem-se n'A Toca, enquanto ele estava ali preso em Privet Drive. A verdade é que a sua irritação era tanta que deitara fora, sem sequer abrir, as duas caixas de chocolates dos Doces dos Duques que eles lhe tinham mandado de presente de aniversário. Claro está que se arrependeu, quando teve de comer a salada murcha que a tia Petúnia preparou para o jantar.

Mas com que andariam Ron e Hermione tão ocupados? Por que não teria ele, Harry, nada que fazer? Não se mostrara, afinal, capaz de fazer muito mais que os amigos? Ter-se-iam esquecido dos seus feitos? Não fora *ele* quem entrara naquele cemitério e vira Cedric ser assassinado, sendo depois amarrado a uma lápide e quase morrendo?

Não penses nisso, disse de si para consigo pela centésima vez nesse Verão. Já lhe bastava ter de revisitar o cemitério nos seus pesadelos, quanto mais ser obrigado a pensar nisso quando estava acordado.

Virou a esquina para Magnolia Crescent. No caminho, passou pela ruela estreita junto de uma garagem, onde vira, pela primeira vez, o seu padrinho. Sirius, pelo menos, parecia compreender o que ele sentia. É certo que as suas cartas eram tão destituídas de notícias decentes quanto as de Ron e Hermione, mas, pelo menos, traziam-lhe palavras de aviso e conforto, em vez de *alusões* que apenas serviam para o atormentar: *Sei que deve ser frustrante para ti... não arranjes problemas e tudo correrá bem... tem cuidado e não faças nada imprudente...*

Enquanto atravessava Magnolia Crescent e virava para Magnolia Road, dirigindo-se ao parque infantil, que escurecia rapidamente, Harry ia pensando que, de uma maneira geral, seguira os conselhos de Sirius. Resistira, pelo menos, à tentação de amarrar o malão à vassoura e arrancar sozinho em direcção à Toca. A verdade, pensava, é que o seu comportamento fora excelente, tendo em conta a frustração e a raiva que sentia, ali preso em Privet Drive há tanto tempo, obrigado a esconder-se nos canteiros de flores, na esperança de ouvir alguma coisa que lhe indicasse o que Lord Voldemort andava a fazer. Contudo, era bastante vexatório aceitar que Sirius lhe dissesse para não ser imprudente, o mesmo Sirius, que cumprira uma pena de doze anos na prisão de feiticeiros de Azkaban, que se evadira, tentara cometer o crime pelo qual fora previamente condenado e acabara por fugir com um Hipógrifo que não lhe pertencia.

Harry saltou o portão fechado e avançou pela relva ressequida. O parque achava-se tão vazio quanto as ruas circundantes. Quando chegou aos baloiços, afundou-se no único que Dudley e os amigos não tinham conseguido destruir, passou um braço em volta da corrente e olhou,

taciturno, para o chão. Não poderia voltar a esconder-se no canteiro de flores dos Dursleys. No dia seguinte, teria de pensar noutra maneira de ouvir as notícias. Até lá, aguardava-o uma noite agitada e sem repouso, pois mesmo quando escapava aos pesadelos sobre Cedric, tinha sonhos perturbadores sobre corredores longos e escuros que terminavam sempre em becos sem saída e portas fechadas, sonhos esses que eram certamente o reflexo da sensação de aprisionamento que o perseguia quando acordado. A sua velha cicatriz provocava-lhe muitas vezes uma desagradável sensação de for migueiro, mas não se iludia, acreditando que Ron, Hermione ou Sirius se interessassem ainda por esse facto. No passado, a dor na cicatriz fora um aviso de que Voldemort estava a recuperar a sua força, mas, agora que Voldemort voltara, eles recordar-lhe-iam, certamente que aquele assomo habitual era coisa normal... nada com que valesse a pena preocupar-se...

O sentimento de injustiça brotou de tal modo do seu peito que lhe apeteceu gritar de raiva. Se não fosse ele, ninguém teria sabido do regresso de Voldemort! E a recompensa fora ficar preso em Little Whinging durante quatro semanas inteiras, totalmente afastado do mundo mágico, obrigado a acocorar-se entre begónias moribundas para ouvir notícias sobre periquitos a praticarem esqui aquático. Como era possível que Dumbledore o tivesse esquecido tão facilmente? Por que motivo Ron e Hermione se tinham encontrado, sem o terem convidado também? Quanto tempo mais teria de aguentar as mensagens de Sirius a dizer-lhe que ficasse sossegado como um bom menino, resistindo à tentação de escrever à porcaria d'*O Profeta Diário* a informar de que Voldemort regressara? Estes pensamentos irados rodopiavam na sua cabeça e contorciam-lhe as entranhas, enquanto a noite opressiva e aveludada caía à sua volta, o ar impregnado de um cheiro quente a relva seca, tendo como único som o rumor abafado do trânsito para além do gradeamento do parque.

Não se apercebeu de quanto tempo estivera ali, sentado no baloiço, até que várias vozes lhe interromperam os pensamentos, obrigando-o a olhar para cima. Os candeeiros das ruas mais próximas projectavam uma luz difusa, suficientemente forte para iluminar um grupo de rapazes que se aventurava pelo meio do parque. Um deles cantarolava em voz alta uma canção ordinária. Os outros riam-se. Ouvia-se o suave *tic tic* das várias bicicletas de corrida topo de gama que traziam consigo.

Harry sabia quem eram. A silhueta da frente era inequivocamente a do seu primo Dudley Dursley, que se dirigia para casa acompanhado do seu fiel bando.

Dudley continuava muitíssimo corpulento, mas um ano de dieta rigorosa

e a descoberta de um novo talento tinham provocado uma grande mudança no seu aspecto físico. Como o tio Vernon comunicara satisfeitíssimo a quem o quisesse ouvir, Dudley tornara-se recentemente campeão de boxe de pesos pesados das escolas do Sudeste de Inglaterra, na categoria de juniores. O «desporto nobre», como lhe chamava o tio Vernon, transformara Dudley numa criatura ainda mais colossal do que parecera a Harry nos tempos da instrução primária, quando lhe servira de saco de pancada. Harry já não tinha medo do primo, mas continuava a pensar que o facto de Dudley ter aprendido a bater com mais força e precisão era fraco motivo para celebrações. As crianças das redondezas tinham terror dele, mais ainda do que tinham tido do «jovem Potter», que lhes haviam dito ser um rufia inveterado, que estudava em São Brutus, um centro para rapazes marginais sem recuperação.

Harry viu as figuras sombrias atravessarem a relva e perguntou-se quem teriam estado a espancar nessa noite. Olhando em volta, deu consigo a pensar: *Vá lá... Olhem para mim... estou aqui sozinho... Venham tentar bater-me...*

Se os amigos de Dudley o vissem ali sentado, iriam certamente direitinhos a ele. Que faria, então, o primo? Não gostaria de fazer má figura, mas tinha pavor de provocar Harry... Seria bem divertido assistir ao dilema de Dudley, gozando-o e ficando a vê-lo, impedido de reagir... e se algum dos outros tentasse bater-lhe, ele estava pronto, tinha consigo a varinha. Eles que tentassem... Adoraria poder descarregar a sua frustração naqueles rapazes que, em tempos, lhe tinham infernizado a existência.

Eles, porém, não olharam para trás, não o viram, estavam quase a chegar ao gradeamento. Harry controlou o impulso de os chamar... provocar uma briga não era lá muito inteligente... não podia usar magia... arriscar-se-ia novamente a ser expulso.

As vozes dos membros do bando de Dudley, que seguiam por Magnolia Road, ouviam-se agora muito ao longe e Harry já os perdera de vista.

«*Aí tens, Sirius*», pensou com ar soturno. «*Nada de imprudências, não arranjei problemas, fiz exactamente o contrário do que tu terias feito.*»

Pôs-se de pé e espreguiçou-se. Para a tia Petúnia e para o tio Vernon, quando o Dudley chegava, era sempre boa hora de chegar a casa e, depois disso, era tardíssimo. O tio Vernon ameaçara trancar Harry na arrecadação se ele voltasse a aparecer depois do primo, por isso, reprimindo um bocejo e ainda mal-humorado, Harry dirigiu-se ao portão do parque.

À semelhança de Privet Drive, Magnolia Road estava cheia de casas grandes e geométricas, com relvados impecavelmente aparados, cujos donos eram grandes e tacanhos e conduziam carros semelhantes ao do tio

Vernon. Harry preferia Little Whinging à noite, quando as janelas com cortinas pareciam retalhos de luz colorida na escuridão e ele não corria o risco de ouvir, quando passava, segredinhos irónicos sobre o seu aspecto de delinquente. Assim, caminhava apressado, quando, a meio de Magnolia Road, o bando de Dudley entrou novamente no seu ângulo de visão. Os rufias despediam-se no topo de Magnolia Crescent. Harry parou debaixo de uma grande árvore de lilás e ficou à espera.

— ... Guinchava como um porco, o gajo — dizia Malcolm por entre as gargalhadas grosseiras dos outros.

— Belo gancho com a direita, Dudão — elogiava Piers.

— Amanhã, à mesma hora? — perguntou Dudley.

— Todos na minha casa. Os meus pais vão sair — comunicou-lhes Gordon.

— Então, até amanhã — disse o Dudley.

— Tchau, Dud.

— Adeus, Dudão.

Harry esperou que o resto do grupo se afastasse antes de avançar. Quando as vozes se esbateram ao longe, virou para Magnolia Crescent e, numa passada larga, depressa galgou a distância que o separava de Dudley, que deambulava com toda a calma, cantarolando desafinadamente.

— Oi, Dudão!

Dudley voltou-se.

— Ah! — rosnou. — És tu!

— Há quanto tempo és o Dudão? — perguntou Harry.

— Cala a boca! — resmungou Dudley, virando-lhe as costas.

— Um nome muito fixe — disse Harry, rindo e acertando o passo com o do primo — mas, para mim, hás-de ser sempre o Duduzinho.

— Já te disse para te CALARES! — gritou Dudley, cujas mãos cor de presunto se haviam cerrado.

— Os teus amigos não sabem como a tua mãe te chama?

— Bico calado.

— A ela não lhe dizes «bico calado». Então, importas-te que te trate por Fofinho e Dudu lindo?

Dudley não respondeu. O esforço para não bater em Harry parecia exigir todo o seu autocontrolo.

— Então, diz lá, quem foi que espancaram hoje? — perguntou Harry com o sorriso a desaparecer-lhe do rosto. — Outro miúdo de dez anos? Sei muito bem o que fizeram ao Mark Evans anteontem.

— Ele estava a pedi-las — rosnou Dudley.

— Ah, sim?

— Faltou-me ao respeito.

— A sério? Disse-te que pareces um porco a quem ensinaram a andar nas patas de trás? Porque isso não é faltar ao respeito, Dud, é dizer a verdade.

Um músculo tremia na queixada de Dudley, e Harry sentiu-se imensamente satisfeito ao constatar até que ponto conseguia enfurecê-lo. Era como se despejasse toda a sua frustração sobre o primo, a sua única possibilidade de *escoamento*.

Voltaram à direita para a estreita ruela onde Harry vira Sirius pela primeira vez e que formava um atalho entre Magnolia Road e Wisteria Walk. Estava vazia e muito mais escura do que as outras ruas, devido à ausência de candeeiros. Os passos eram abafados pelas portas das garagens de um lado, e por uma alta vedação do outro.

— Achas-te um grande homem por trazeres essa coisa contigo, não achas? — indagou Dudley passados alguns segundos.

— Qual coisa?

— Isso, isso que estás a esconder.

Harry sorriu de novo.

— Não és tão estúpido como pareces, pois não, Dud? É claro que, se o fosses, não conseguirias andar e falar ao mesmo tempo.

Harry sacou da varinha. Viu Dudley mirá-la pelo canto do olho.

— Não te é permitido — atirou-lhe Dudley de imediato. — Sei que não é. Podes ser expulso daquela escola esquisita onde andas.

— Como sabes se não mudaram as regras, Dudão?

— Não mudaram nada! — insistiu Dudley num tom muito pouco convicto.

Harry riu-se baixinho.

— Não tens coragem de me enfrentar sem essa coisa, pois não? — vociferou Dudley.

— E tu precisas da protecção de quatro rufias para dar uma sova a um miúdo de dez anos! Quanto a esse título de boxe de que tanto falas, que idade tinha o teu adversário? Sete anos? Oito?

— Dezasseis, para tua informação, e ficou sem sentidos durante vinte minutos depois de eu lhe ter tratado da saúde, e tinha o dobro do teu tamanho. Espera só até eu dizer ao meu pai que andavas com essa coisa...

— A fazer queixinhas ao papá, é? Estará o Duduzinho, grande campeão de boxe, com medo da varinha mázona do Harry?

— Não és lá muito corajoso à noite, pois não? — provocou-o o primo.

— Agora é de noite, Duduzinho. Noite é quando tudo fica escuro, sabes?

— Quero dizer, quando estás na cama!

Dudley deixara de andar, e Harry parou também, olhando fixamente para o primo. Apesar da falta de luz, conseguiu detectar-lhe no rosto um estranho olhar triunfante.

— Que queres dizer com isso de eu não ter coragem quando estou deitado? — perguntou Harry totalmente perplexo. — De que queres que tenha medo, das almofadas?

— Ouvi-te ontem à noite — declarou Dudley avidamente —, a falar enquanto dormias, a *gemer*.

— Que queres dizer com isso? — insistiu Harry, sentindo já um frio e um aperto no estômago. Na noite passada revisitara, em sonhos, o cemitério.

Dudley deu uma gargalhada seca e desagradável, adoptando em seguida um tom de voz agudo e choramingas.

— «Não mate o Cedric! Não mate o Cedric!» Quem é o Cedric, afinal, o teu namorado?

— Eu... estás a mentir — acusou-o Harry automaticamente, com a boca seca. Sabia que Dudley falava verdade. Como poderia ele saber do Cedric?

— «Pai, ajude-me, pai! Ele vai matar-me, pai!» Buuuu!

— Cala-te — ordenou-lhe Harry baixinho. — Cala-te, Dudley, estou a avisar-te.

— «Pai, mãe, venham ajudar-me! Ele matou o Cedric, pai, ajude-me, ele vai...» *Não me apontes essa coisa!*

Dudley recuou, encostando-se à parede. Harry apontava-lhe a varinha directamente ao coração, sentindo a raiva que ele lhe provocara durante catorze anos a pulsar-lhe nas veias. Quanto não daria para poder enfeitiçá-lo naquele momento, fazê-lo voltar para casa de rastos, como um insecto, mudo, e com antenas a brotarem-lhe do corpo.

— Nunca mais me fales assim — ameaçou Harry. — Percebeste?

— Aponta isso para outro lado.

— Perguntei se percebeste?

— *Aponta isso para outro lado.*

— PERCEBESTE?

— AFASTA ISSO DE...

Dudley deu um grito descomunal e arrepiante, como se tivesse sido mergulhado em água gelada.

Alguma coisa acontecera à noite. O céu azul-violeta, salpicado de estrelas, tingira-se repentinamente de um negro de breu e as estrelas, a lua, a luz difusa dos candeeiros de ambos os lados da pequena rua, tinham desaparecido. O zumbido distante dos carros e o sussurro das árvores haviam cessado. A noite amena ganhara subitamente um frio agudo e

cortante, e a escuridão total, impenetrável e silenciosa rodeava-os, como se a mão de um gigante tivesse lançado um manto espesso e gelado sobre a rua, cegando-os por completo.

Durante uma fracção de segundo Harry pensou que, apesar de todos os seus esforços em contrário, fizera uma magia qualquer, sem dar por isso, mas depois caiu em si. Não tinha poder suficiente para apagar as estrelas. Voltou a cabeça para um lado e para o outro, tentando enxergar alguma coisa, mas a escuridão pressionava-lhe os olhos como um véu levíssimo.

A voz horrorizada de Dudley vibrou nos seus ouvidos.

— Que e-estás tu a f-fazer? P-pára com isso.

— Não estou a fazer nada. Fica calado e não te mexas.

— Não v-vejo nada, f-fiquei cego, eu...

— Cala-te!

Harry imobilizou-se, voltando os olhos sem visão para um lado e para o outro. O frio era tão intenso que tremia dos pés à cabeça, tinha os braços em pele de galinha e os pêlos do pescoço todos em pé. Arregalou os olhos sem conseguir ver nada em volta.

Era impossível... eles não poderiam estar ali, em Little Whinging... apurou os ouvidos... certamente ouvi-los-ia antes de os ver.

— Vou c-contar ao meu pai — choramingou Dudley. — O-onde estás? O que estás a fa...?

— Queres-te calar? — murmurou Harry entredentes. — Estou a tentar ouv...

Mas não acabou a frase, pois ouvira justamente o que mais receava.

Além de si próprio e do primo, havia mais alguma coisa na ruela, alguma coisa que respirava lenta e ruidosamente. Harry sentiu um tremendo arrepio de pavor, não conseguindo parar de tremer, envolto pelo ar gélido.

— P-pára com isso, p-pára ou apanhas. Juro que te dou uma sova.

— Dudley, está calado...

ZÁS!

Um punho acertou-lhe de um dos lados da cabeça, desequilibrando-o. Harry viu uma imensidão de pequenas luzes saltitarem em frente dos seus olhos e, pela segunda vez em menos de uma hora, pareceu-lhe que a cabeça se abria ao meio. Logo a seguir, estatelou-se no empedrado e a varinha saltou-lhe da mão.

— És um mentecapto, Dudley! — gritou, os olhos lacrimejando de dor, enquanto gatinhava, tacteando nervosamente no escuro. Ouviu o primo afastar-se, bater no gradeamento e tropeçar.

— DUDLEY, VOLTA AQUI, VAIS DIREITO A ELES!

Ouviu-se um guincho horrível e os passos de Dudley pararam. Nesse

preciso momento, Harry sentiu um frio pavoroso atrás de si que só poderia significar uma coisa: era mais do que um.

— DUDLEY, FICA CALADO! FAÇAS O QUE FIZERES, FICA CALADO! Varinha!

— murmurou aflito, as mãos varrendo o chão como aranhas. — Onde está a varinha, vá lá, *lumos!*

Pronunciou o feitiço automaticamente, na busca desesperada de uma luz que o ajudasse a encontrar a varinha e, para seu grande alívio, a luz surgiu a poucos centímetros da sua mão direita. A ponta da varinha iluminara-se. Harry agarrou-a, pôs-se de pé e voltou-se.

O seu estômago deu uma reviravolta.

Suspensa no ar, uma figura encapuzada deslizava suavemente na sua direcção. Não se lhe via o rosto, nem os pés, apenas o manto. Sugava o ar da noite, à medida que se aproximava.

Recuando aos tropeções, Harry ergueu a varinha.

— *Expecto patronum!*

Um feixe de vapor prateado saltou da varinha, e o Dementor abrandou, mas o feitiço não funcionou como devia. O Dementor aproximava-se rapidamente, enquanto Harry recuava, tropeçando nos pés, o pânico enevoando-lhe o cérebro... *concentra-te...*

Duas mãos cinzentas, viscosas e cheias de crostas, deslizaram para fora do manto, tentando agarrá-lo. Um ruído súbito encheu-lhe os ouvidos..

— *Expecto patronum!*

A sua voz ecoou vaga e distante. Outro feixe de fumo prateado, mais débil que o anterior, saltou da varinha. Já não conseguia fazê-lo, não conseguia fazer o feitiço.

Ouvia risos dentro da sua cabeça, gargalhadas estridentes... sentia o bafo pútrido dos Dementors, como o frio da morte, encher-lhe os pulmões, afogando-o. *Pensa... numa coisa boa...*

Mas não havia rasto de felicidade... os dedos gelados do Dementor fechavam-se em torno da sua garganta. O riso estridente era cada vez mais intenso e uma voz ecoou dentro de si: *Rende-te à morte, Harry... talvez nem seja assim tão doloroso... não sei... nunca morri...*

Nunca mais voltaria a ver o Ron e a Hermione...

E as caras deles surgiram claramente no seu espírito, enquanto lutava por respirar.

— *EXPECTO PATRONUM!*

Um enorme veado de prata brotou da ponta da varinha! As suas hastes cravaram-se no lugar onde deveria estar o coração do Dementor que, leve como a escuridão, foi projectado para trás. Quando o veado carregava de novo sobre ele, o Dementor esvoaçou para longe, como um morcego

derrotado.

— POR AQUI! — gritou Harry ao veado e, dando meia volta, correu pela rua fora empunhando a varinha iluminada. — DUDLEY? DUDLEY!

Não tinha ainda dado uma dúzia de passos quando os alcançou. Dudley estava todo enrolado no chão, com os braços cruzados à frente do rosto. Um segundo Dementor, inclinado sobre ele, agarrava-lhe os pulsos com as suas mãos nojentas, afastando-lhe lentamente os braços, num gesto quase amoroso, enquanto baixava a cabeça encapuzada, aproximando-a do rosto de Dudley, como se quisesse beijá-lo.

— ATACA! — gritou Harry. E, de imediato, o veado prateado que ele invocara arrancou a galope, com um bramido impetuoso. O rosto sem olhos do Dementor achava-se a poucos centímetros do de Dudley, quando as hastes do veado o perfuraram. A criatura foi arremessada pelos ares e, tal como o seu companheiro, absorvida pela escuridão. O veado, esse, galopou até ao fim da rua, dissolvendo-se numa bruma de prata.

A lua, as estrelas e os candeeiros voltaram à vida e uma brisa quente varreu a viela. O ar encheu-se de novo com o sussurro das árvores dos jardins mais próximos e o rumor dos carros em Magnolia Crescent.

Harry ficou muito quieto, todos os sentidos a vibrarem com o brusco regresso à normalidade. Passado um momento, apercebeu-se de que tinha a *T-shirt* colada ao corpo, alagado em suor.

Não queria acreditar no que acabava de acontecer. *Dementors ali*, em Little Whinging.

Dudley continuava enroscado no chão, a tremer e a choramingar. Harry inclinou-se para ver se ele estava em condições de se pôr de pé, mas foi então que ouviu os passos de alguém a correr atrás de si. Instintivamente, voltou a empunhar a varinha e deu meia volta, pronto a enfrentar o recém-chegado.

Mrs. Figg, a vizinha velhota e meio maluca, alcançara-o, quase sem fôlego e com o cabelo grisalho a escapar-se-lhe da rede. Um saco de compras, feito de ráfia, balouçava-lhe do pulso, retinindo energicamente, e quase perdera as pantufas de tecido axadrezado. Harry tentou esconder rapidamente a varinha, mas...

— Não a guardes, rapazinho idiota! — guinchou. — E se houver mais Dementors por aí? Ah, eu mato o Mundungus Fletcher!

Título original: Harry Potter and the Goblet of Fire

Tradução do inglês por Isabel Fraga, Isabel Nunes e Manuela Madureira Coordenação de Isabel Fraga

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, quer seja eletrónico, mecânico, fotocópia ou outro, sem a autorização prévia da editora

Esta edição digital foi publicada pela primeira vez pela Pottermore Limited em 2015

Publicado pela primeira vez em papel em Portugal em 2000 por Editorial Presença

Copyright © J.K. Rowling 2000

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2000

Imagem da capa: Olly Moss © Pottermore Limited 2015

Harry Potter characters, names and related indicia are trademarks of and © Warner Bros. Ent.

O direito moral do autor foi reivindicado

ISBN 978-1-78110-310-4

Direitos de autor do capítulo adicional

Tradução do inglês por Isabel Fraga, Manuela Madureira, Isabel Nunes, Alice Rocha